



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

«O PORTO DE SEMPRE. HOJE»

ARTUR DE MAGALHÃES BASTO, 1894-1960.

**SUA CONSOLIDAÇÃO PATRIMONIAL E HISTORIOGRÁFICA EM
PORTUGAL**

ANEXO DOCUMENTAL

VOLUME II

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Estudos do Património
por

João Maria Távora de Magalhães Basto

Escola das Artes

Outubro 2023

ANEXO DOCUMENTAL

Nota prévia

Os documentos seleccionados, a maioria originais, alguns inéditos¹, pertencentes a Artur de Magalhães Basto, são alguns dos que nos pareceram mais significativos, senão fundamentais, para justificar temas abordados ao longo da dissertação, bem como para proporcionar um conhecimento mais vasto da sua obra, mas também, para nos clarificar sobre o seu carácter, e a sua personalidade, duma maneira geral. Apresentamos todos os textos e documentos na sua ortografia original, pois a sua escrita parece-nos bastante acessível, permitindo assim um prazer especial, que só a leitura de documentos com esta especificidade podem facultar. Como seria de esperar, deste conjunto fazem parte alguns documentos, que se reportam inéditos, e que, também por isso, serão transcritos na íntegra, porque de leitura igualmente acessível, mas também, para que se garanta uma autenticidade absoluta na sua consulta, e igual compreensão do seu conteúdo, do seu sentido, e até, da razão do seu arquivo. Os outros documentos aqui recordados e apresentados, porque já publicados, em seu tempo, são representados apenas pela capa, ou uma das folhas manuscritas por AMB, e não na sua totalidade, querendo nós assim dar nota, não só do texto a que se referem, mas também do especial cuidado que o autor concede à edição, a quando da elaboração dum volume, ou dum simples artigo de revista, bem como no arquivo da sua correspondência e demais artigos soltos, dispersos pela imprensa local.

Também aqui, como aliás, para com os inéditos antes apresentados, a sua ordem de entrada, segue o ritmo factual do nosso estudo, incluído no primeiro volume, integrando os diversos capítulos, de que fazem parte intrínseca, seguindo uma lógica de evolução temporal, acabando assim por justificar uma possível e criteriosa recolha documental e histórica.

¹ Escolhemos esta cor para realçar um pouco mais, a categoria do documento, no universo de AMB.

Índice de Documentos em Anexo

Doc.1 Joaquim de Vasconcelos, [Dossier + inédito] de AMB.S./d. Espólio Familiar (EF)	7
Doc.2 «Aniversário Natalício da Artista», Guilhermina Suggia [Dossier]AMB 1953 (EF)	13
Doc.3 António Cruz, 1ª Exposição, no Salão Silva Pôrto. [Prospecto] 1939 (EF)	31
Doc.4 “Qual das imagens da Sé...” [Dossier] de AMB Inédito Novembro 1954 (EF).	33
Doc.5 <i>Princesas de Portugal Rainhas de Espanha</i> . Conf. Inédito Março 30 1943 (EF)	65
Doc.6 Pedro Vitorino, [Carta]para AMB Fevereiro 1941	104
Doc.7 <i>D. Frei António Brandão e a Historiografia Portuguesa</i> . Conf. Inédito, 1946 (EF)	106
Doc.8 Aniversário da fundação da Escola do Terço. Conf. Inédito. 1939 (EF)	125
Doc.9 <i>A Mulher Portuguesa Vista pelos estrangeiros</i> . Conf. Inédito, 1934 (EF)	141
Doc.10 “Campanha para a Segurança no Trânsito” (ACP) AMB, na rádio, 1956	171
Doc. 11 <i>Os Portuenses e a Cultura do espírito na Época do Renascimento</i> [Vária], 1931	172
Doc. 12 “F. V. m...Nasoni em Vila Nova de Gaia” [Man.] 1943 Publicado (EF).	173
Doc.13 Vasco Valente, [Carta] para AMB, 1941	174
Doc.14 Diogo de Macedo [Postal] para AMB, 15 Dezembro 1951	176
Doc.15 A.A. Silveira Pinto, s/ Museu Allen. [Manuscrito] Inédito, 1850.	177
Doc.16 “Entrevista Fala-nos o Dr. A. De Magalhães Basto”. <i>Revista Literária</i> 1946	179
Doc.17 Gouvêa Portuense, [Carta]para AMB 1946 (EF)	180
Doc.18 O primeiro Articulado de defesa de AMB [Manuscrito] 1923 (EF).	181
Doc.19 AMB [Carta] para Arq. Marques da Silva, Setembro 1946	183
Doc.20 Marques de Abreu, [carta]para AMB s/ <i>Boletim</i> nº 83, Junho 1956	189
Doc.21 Diogo de Macedo, [Carta]para AMB, 15 Abril 1946 (EF)	190
Doc.22 Soares dos Reis [Certidão] de nascimento do escultor, of. a AMB 1934 (EF).	191
Doc.23 <i>A Liberdade</i> , 1ºJornal feito por AMB, [Imprensa]Inédito 12 Maio 1907(EF).	193
Doc.24 Júlio Guedes, tipografia do <i>Tripeiro</i> . [Cartão] para AMB 1950 (EF).	194
Doc.25 Adele Ros – Theiler[carta] para AMB Inédito (EF). 1935	195
Doc.26 “Memórias do nosso burgo”, coluna de AMB, <i>Comércio do Porto</i> [Imprensa] 1931	200
Doc.27 AMB [Relatório] para XVI Congresso I.H. Arte, Abril 1949	203

Doc.28 [Mendes Correia, [carta] para o min. Gustavo C. Ramos, 18 Fev.1932	204
Doc.29 AMB, [verbete, 1 fl.) sobre a APBA, para a GEPB. Inédito . S./d. (EF)	208
Doc.30 AMB [carta]para A. Sardinha, editor e proprietário de <i>O Tripeiro</i> , 1960 (EF)	209
Doc.31 Henrique de Campo Bello [carta]para AMB, 1943 (EF).	211
Doc.32 Silva Porto, pintor, expo no «Salão Silva Porto» [cartão], 1950 (EF).	215
Doc.33 Associação de Arqueólogos Portugueses, [carta]para AMB, de Lisboa 1940(EF)	216
Doc.34 “ <i>Livres de Raison</i> ”, [cartão] de AMB ao Prof. Pires de Lima 1941 (EF)	217
Doc.35 Hernâni Cidade, [carta]para AMB, 1956	219
Doc. 36 “ <i>Lista dos Originais de Camilo na BPMP</i> ” [Manuscrito] S./d. Inédito (EF).	221
Doc.37 “Apontamentos para a História da Rua das Flores”, por AMB, 1941.	223
Doc.38 AMB [carta/rascunho] para Marques de Abreu, 1955	228
Doc.39 Inauguração da estátua de Garrett, Discurso do Pres. [Man.] por AMB, 1954	232
Doc.40 <i>Camilo e S. Miguel de Seide</i> . [dactil.] Conf. Inédito , 1953	234
Doc.41 Carlos Silva Lopes, [carta]para AMB, 1958	263
Doc.42 <i>Um fiel servidor de D. Afonso V Pero de Mendanha</i> . S./d. Inédito (EF)	264
Doc.43 <i>A Época</i> , [jornal] com ilustração de AMB, 1924	284
Doc.44 Lista de nomes a quem oferecer o <i>Poeira dos Arquivos</i> . [Man.] [E.F.), 1935	285
Doc.45 “Da Imitação de Cristo”, <i>Anais das Bibliotecas e Arquivos</i> [Dactil. 1 fl.], 1943	287
Doc.46 Relatório de AMB, [Manuscrito] como bolseiro no país pelo IAC ,1947	288
Doc.47 AMB “Sócio Honorário” da «Associação de Escritores e Artistas Espanhóis», 1929	290
Doc.48 Academia Nacional de Belas Artes, [Carta]para AMB, 28 Dezembro 1951	291
Doc.49 Alberto Meira, do MNSR, [Cartas] para AMB, 1948 e 1950	293
Doc.50 Academia Portuguesa de História. [Carta] para AMB, 1943	294
Doc.51 Sociedade Histórica da Independência de Portugal, [carta] para AMB, 1943	295
Doc.52 Alfredo de Magalhães, pedido estudo s/ o Paço Episcopal a AMB [Imprensa], 1934	298
Doc.53 Raul Brandão, [carta]para AMB. 26 Agosto 1926	301
Doc.54 <i>A Fronteira Hispano – Portuguesa</i> , de AMB para a Mãe [capa], 1923	302
Doc.55 Robert Smith, da Pensilvânia, [carta]para AMB. Julho de 1951	303
Doc.56 Empresa Literária Fluminense, de Lisboa, [carta] para AMB, 1926.	305
Doc.57 Manuel Monterroso [Desenho] de AMB Inédito (EF) Agosto 1951	306

Doc.58 AMB [Carta] para Manuel Lopes de Almeida, de Coimbra, Fev. 1960	 308
Doc.59 <i>Sonetos</i> de Luís de Camões. Prefácio de AMB [man.] (EF), 1959	 310
Doc.60 “ <i>Vida e Feitos da Mui antiga, ... Cidade do Porto</i> ” [man.] Inédito (EF). 1952	 311
Doc.61 “Uma hora que passa e a mulher de sempre” [Nota] crítica de <i>O Fradique</i> , 1934	 363
Doc.62 Santos da Cunha, da APDL, [carta]para AMB, 1954	 364
Doc.63 Jantar/ homenagem a AMB pelos «Amigos do Porto» [Dossier], Março 1956	 365
Doc.64 <i>Nasoni e a igreja dos Clérigos</i> . por AMB [Man.] Publicado (EF), Maio 1950	 377
Doc.65 “Antigos alunos da FLUP”, [Telegrama] para AMB, Junho 1957	 378
Doc.66 XXª Missão Estética de Férias. a. ... do vogal AMB [Processo], 1957	 379
Doc.67 <i>Alberto Pimentel Bosquejo biográfico</i> , de AMB [Man .2 fl.]. S./d.	 383
Doc.68 “Figuras do Porto <i>Um músico romântico</i> “S./d. (EF)	 384
Doc.69 <i>Quatro Épocas do Porto</i> , AMB para Expo de G. Portuense, [Ex. de “provas”] 1944	 386
Doc.70 Francisco de Oliveira Ferreira [carta]para AMB, 1932 .	 388
Doc.71 Centro de Estudos Humanísticos[vária], 1951/52	 389
Doc.72 Lopes Rodrigues, [carta]para AMB, 1955	 393
Doc.73 Ivo Xavier Fernandes, [carta]para AMB, 1950	 394
Doc.74 AMB, [carta]para Luís Cardim, 1930	 397
Doc.75 <i>O actual Santuário de N. Senhora de Vagos</i> , s. d. [man.] inédito (?) (EF).	 400
Doc.76 A.J. Ferreira, [carta]para AMB, 1955	 437
Doc.77 Cura Correia, [carta]para AMB, para Lisboa, Abril 1952	 439
Doc.78 A.M. Júnior, [carta]para AMB, Agosto 1954	 441
Doc.79 “Um Hino ... à gente de Santarém”, AMB no <i>Ribatejo Ilustrado</i> . [prova] 1934	 443
Doc.80 Guilherme Camarinha [cartão]para AMB, 1958	 450
Doc.81 Rogério de Azevedo [carta]para AMB, 1958	 451
Doc.82 O Acto Medieval..., no Porto [prospecto] de AMB (CMP) Junho de 1940	 457
Doc.83 António Sardinha, [carta] para AMB, 27 Março 1960	 470
Doc.84 <i>Boletim do Salão Silva Pôrto</i> [capa], saíram 6 nºs. 1939/40	 472
Doc.85 «Comissão Nacional do Centenário de Almeida Garrett» [carta] AMB, 1955	 473
Doc.86 “ <i>Burgo, Castelo...</i> ” 22 artigos F. v. m..., para um livro? [Imprensa], 1958 (EF).	 474
Doc.87 “Casa Magalhães Basto” (fotos do Site da DGEMN). Consulta em 2018	 476

Doc.88 António Saúde, pintor [dossier] de AMB Fevereiro 1955 (EF).	 477
Doc.89 <i>Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes</i> , [dossier]env. João Barreira para AMB ...	 484
Doc.90 António Abel Pinto Machado “Homenagem a AMB”, [imprensa]. 1956	 485
Doc.91 Visita Guiada. «Amigos do Porto» fazem a 1ª, na Sé, com AMB [imprensa] 1948	 491
Doc.92 “Maio Florido” no MNSR, com conf. de AMB [prospecto] 1949	 492
Doc.93 “Coisas do Passado <i>A Casa dos Guedes de Amarante</i> (... na rádio), 1943	 493
Doc.94 “Voz do Porto <i>Uma página do dr. AMB</i> ” (... na rádio), S./d.	 494
Doc.95 Comissão Infante D. Henrique [carta]para AMB, Julho de 1942 (EF)	 496
Doc.96 Ateneu Comercial do Porto, [carta]para AMB, Junho de 1943 (EF).	 497
Doc.97 “ <i>Ver dentro... “Fons Vitae”</i> ”, [Imprensa], 1935	 498
Doc.98 Ernesto Soares, [carta]para AMB, Dezembro 1952 (EF)	 500
Doc.99 <i>Camilo Folhetinista</i> , de AMB (separata) do <i>Aurora do Lima</i> [vária] 1947 .	 502
Doc.100 <i>O Cerco do Porto</i> , (1840), exemplar de AMB [capa+6 fl.], 1942 (EF).	 509
Doc.101 «União Latina» [dossier] de AMB(EF), 1954	 515
Doc.102 Machado Vaz (Pres. da CMP), [carta] para Mª Luísa M.B., 1961 (EF)	 517
Doc.103 António Sardinha, do <i>Tripeiro</i> . [carta] para M. L.M.B. 1961 (EF)	 519
Doc.104 «Ficheiro de Magalhães Basto», do Arquivo DP [cartas] para M.L.M.B. 1962 .	 521
Doc.105 ” Fig.do Porto <i>O Dr. Francisco de Almada e o Teatro</i> ” [AMB na rádio], 1947	 532
Doc.106 AMB, [Bibliografia]a enviar à Academia Portuguesa de História, 1951 .	 539
Doc.107 Marcelo Caetano, [carta]para AMB, Fevereiro 1953	 543
Doc.108 Manuel Oliveira Ramos, [carta]para AMB, S./d.	 544
Doc.109 Damião Peres, [carta]para AMB, s/ a <i>História da Cidade...</i> 1957	 545
Doc. 110 IAC e AMB [Correspondência]. 1947-60	 548
Doc. 111 “Casa Magalhães Basto”, in GRAÇA, M., <i>Construções de Elite no Porto</i> (2004)	 589
Doc. 112 “Dois bons livros para os historiadores da Arte”, F. Gonçalves[imprensa], 1964	 598
Doc. 113 AMB, [carta]para CMP...das suas nomeações, 1939	 601
Doc. 114 AMB, [carta] para CMP, autorização para ter livre acesso à BPMP, 1948	 613
Doc. 115 AMB [Lista de registos] a si ref., existentes na BPMP. (Consultado 2020).	 616
Doc. 116 <i>O Porto do Romantismo</i> , de AMB[“provas”], 1931	 619
Doc. 117 «Fundação da Casa de Bragança», [Carta] para AMB, 1953	 625

Doc. 118 Festa Enfermagem, Conde de Ferreira. Conf. AMB [prospecto]. 1953	628
Doc. 119 Exposição Histórica do Pôrto [prospecto]. 1934	629
Doc. 120 Reinaldo dos Santos, [carta]para AMB, de Lisboa, 1955	635
Doc. 121 Congresso Nacional de História em S. Paulo [dossier]. 1954	636
Doc. 122 Exposição Bibliográfica de AMB na BPMP[Imprensa]. 1961	638
Doc. 123 «Comissão Executiva do V Centenário da Morte Infante» [Carta]. 1959	642
Doc. 124 <i>Prémios Literários</i> . [Convocatória do SNI +” <i>Diário de Lisboa</i> ”]. 1944	644
Doc. 125 José Relvas e AMB [Carta + Rascunho]. 1927	647
Doc.126 José de Figueiredo. [Carta] de Lisboa, 1929	652
Doc.127 Vergílio Correia. Coimbra [Carta] para AMB, 1926	655
Doc.128 Ricardo Jorge, [Cartas] para AMB, 1934	656
Doc. 129 Eugénio de Castro, [Carta] de Coimbra, 1934	658
Doc. 130 Antero Figueiredo, [cartas]para AMB, e vice-versa. Porto, 1930 e 1933	659
Doc. 131 «Comissão Exposição Acácio Lino» [carta] para AMB, 1942	667
Doc. 132 Armando de Mattos/ Academia Nac. Heráldica, [Carta]para AMB, 1934 (a.)	668

.

.

Documento 1

Joaquim de Vasconcelos [Dossier] de AMB (EF).

1901 Março 27 a.[carta]de Joaquim de Vasconcelos para Ricardo Severo.

Março 28
111 - 1901

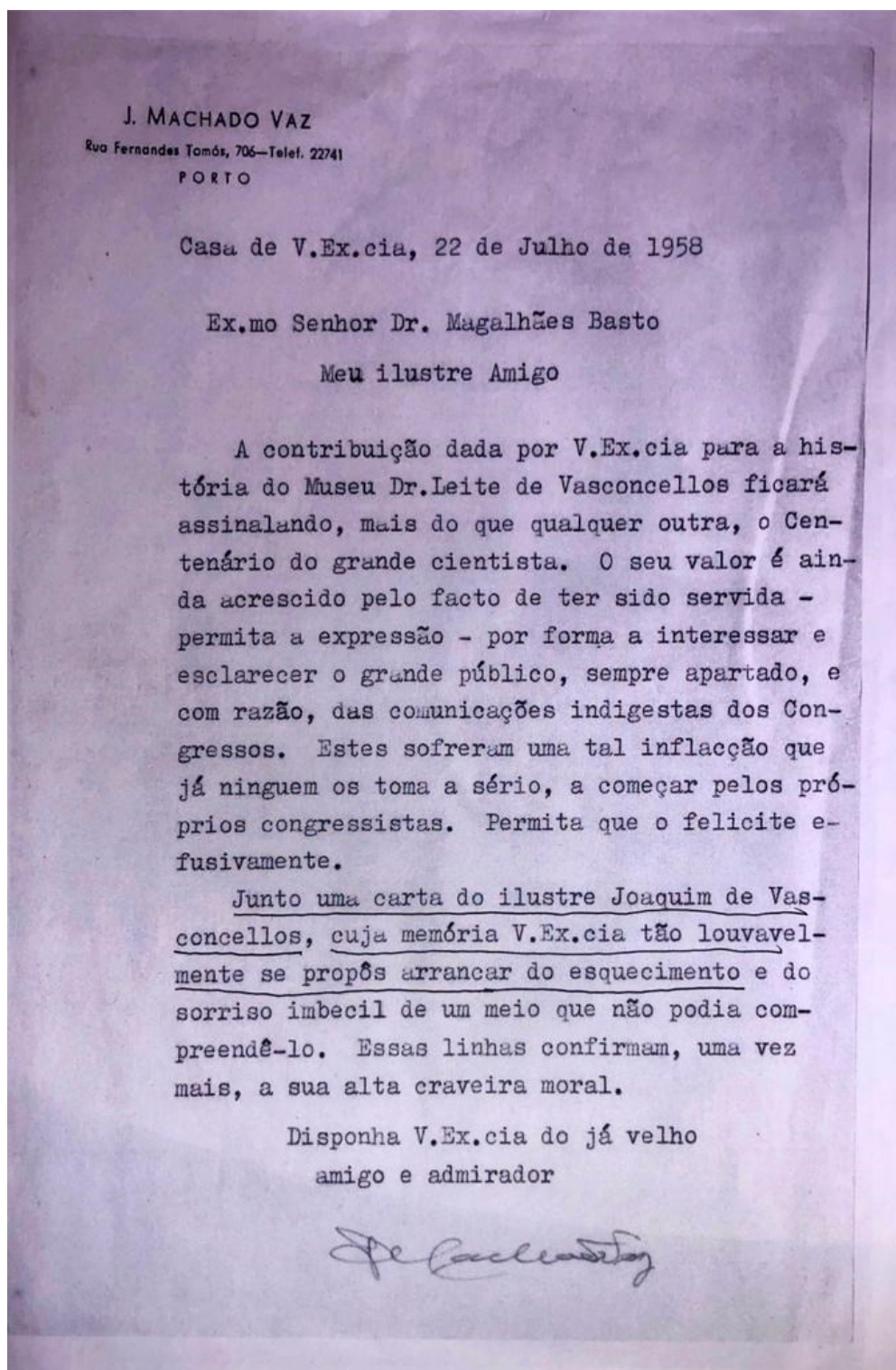
Dr. e Ruy de Azevedo

Só no dia 25 (segunda-feira)
a tarde consegui juntar os
30 + 21 folhas de Historia
de Benedito e Documentos
I e II. Tem de abrir os manus.
Não são 51 folhas, mas só
50 e por. folha - 25 (que ani-
de não se imprimem) para li-
gar e 24 - 26. O motivo não
darei. Não numerados 1 a 30
e Documentos: A a U.

Para não demorar mais,
me o mundo deves
Dr. R.
Cordões m. d.

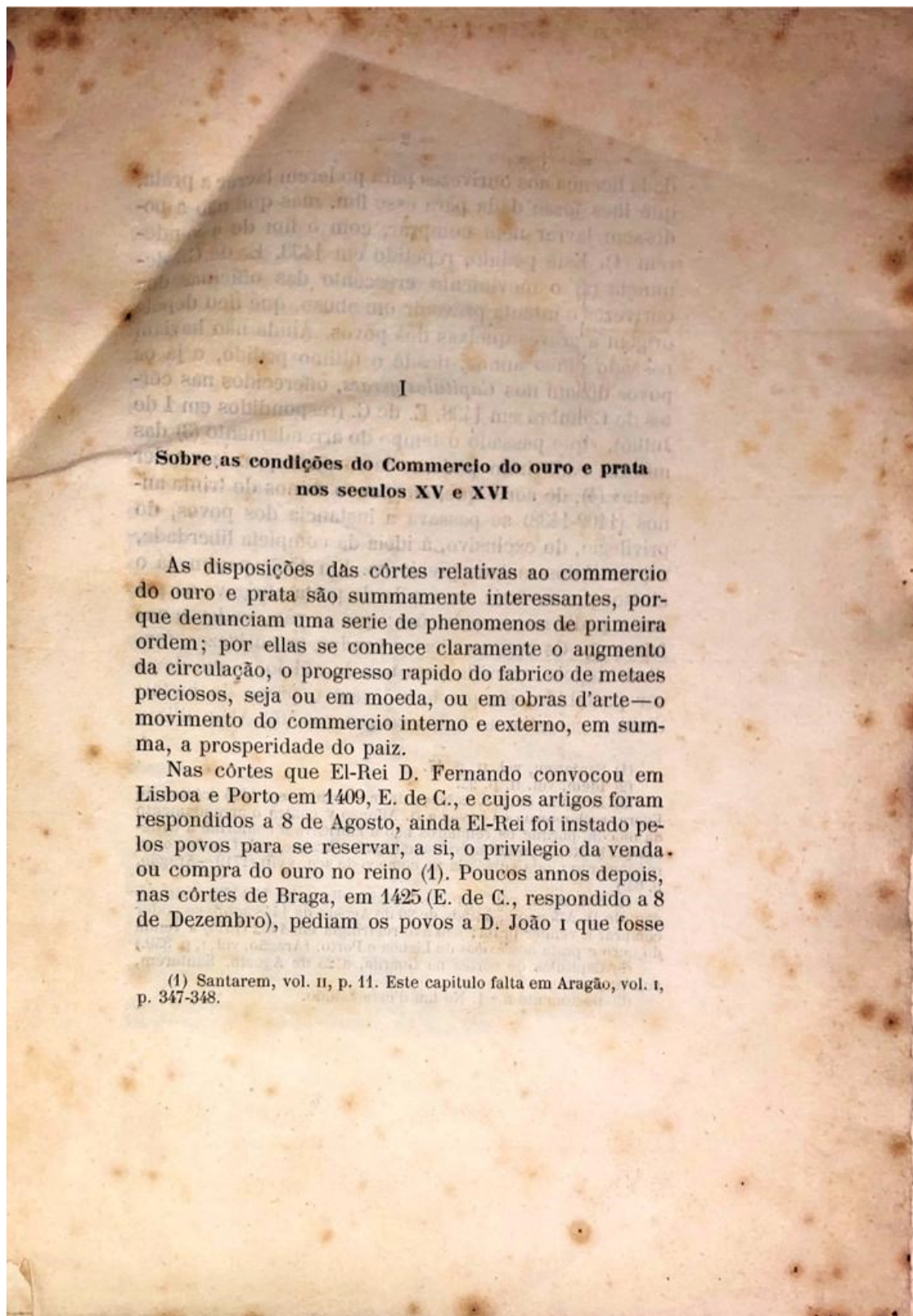
J. de Vasconcelos

1958 Julho 8 b. [Carta] de Machado Vaz (Pres. C.) para AMB, que refere “*junto uma carta do ilustre Joaquim de Vasconcelos*”, cuja memória V. Ex. cia tão louvavelmente se propôs arrancar do esquecimento (...)”, mas que pelas datas não pode ser a que reproduzimos em a., pois AMB já a publicara em 1949.²



² - “Joaquim de Vasconcelos e a sua «História de Ourivesaria e Joalheria portuguesa, sacra e profana»”. In *Ourivesaria Portuguesa*, nº 5. Porto: Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte (1949)45.

c. *História da Ourivesaria Portuguesa*, [duas pags.] do livro, de Joaquim de Vasconcelos, nunca publicado, porque incompleto. Este exemplar, de AMB, pertenceu a Ricardo Severo. (E.F.).



DOCUMENTOS COMPROVATIVOS

I

Relação de presentes de El-Rei D. Affonso IV a sua filha D. Leonor, Rainha de Aragão

(Era 1385. An. 1347)

(Extracto)

«Saibam quantos este Stromento virem que em presença de Gonçalo Fernandes Tabaliom geral de nosso Senhor ElRey, e nos seus reynos de Portugal, e do Algarve, e das testemunhas adiante escriptas. O muyto alto, e muy nobre Senhor Dom Affonso pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve entregou aa Raynha Daragom sua filha, que prezente estava estas couzas, que sse adiante seguem.

Primeiramente huma Coroa douro com quatro pedras smeraldas, tres robins grandes, e seis safiras grandes, e outras muitas pedras miudas com aljofar gravado, e outros mais miudos.

Item huma cinta de fio toda de prata com esmaltes dourados ancha, como dous dedos com fivela de macha

d. AMB - "Relatório de Joaquim de Vasconcelos, como vogal da comissão encarregue do inventário da Sé, (...) no Recolhimento do Bom-Pastor, 1911.", [Inédito](#). [Man., 3 fls.] Não publicado(?), (E.F.).

Nos Relatórios ^{de autoria} ~~de~~ Joaquim de Vasconcelos,
Como Vogal - Relator da Comissão encarregue
pelo Administrador do Bairro Oriental
da, em 1911 de ~~apreciação e inventário~~ ^{fazer a selecção e apreciação dos} objectos que
~~Sé e do Paço Episcopal~~
constituíam o Inventário artístico da Sé
e do Paço Episcopal do Bto, afirma aquele
eminente crítico « que raros são os
numerosíssimos paramentos que não repre-
sentam algum valor. São o melhor pecúlio
do tesouro ^(da Sé) os tecidos e bordados dos paramen-
tos e valem por certo uma boa centena ou
duas de contos »

Falando do valor de toda a riqueza das
peças que haviam na Sé e no Paço, ele diz
que além do valor intrínseco do metal há o
valor incontestável e incontestado das joias
muitas delas raríssimas ~~em~~ e "su-
perior a tudo isso, o trabalho individual,
o esforço da inspiração genial, a ideia
interpretativa que devemos ponderar e ave-

hãr cuidadosamente: a criação da arte
para resumir tudo numa expressão sin-
tética. E chegado a este ponto capital
revele-se ao exame consciencioso a glória
das oficinas portuenses, famosas desde antiga
data! Descreve-se também o que foi e vale
ram as sales de labor da mulher portu-
guesa, que da casa aldeã passou para a
vida contemplativa do recolhimento, e levou
para a nova morada a inteligência, o gosto,
o amor do trabalho o carinho que tudo or-
bita e eleva, quando seus mágicos dedos
passam sobre a seda, o veludo e o linho, e
reavivam-se. » E em seguida ~~passamos~~
de Vasconcelos em seu nome e no de Christa
~~ponto~~ o preito de sua "maior veneração"
às Senhoras - mestras e suas alunas que
no Recolhimento do Bom-Pastor executavam
o prodigioso, incomparável trabalho da res-
tauração da capa de asperges da época de
D. João V (gorgorás de seda bordada a ouro)
certamente um legado do faustoso período

Fonseca e Evara », e pelo qual pediam ^{por isso ainda} apenas 62.
rs. ao Bispo Sr. D. António Barroso. Prestam
t igualmente homenagem a este digno Prelado
por assim ter conseguido "salvar uma obra pe-
na de bordado nacional. E não foi só isso:
Conseguiram demonstrar sobre a ^{obra prima} ~~restauração~~
antiga, as mais incrédulas; o primor da
obra prima moderna. Ficou a restauração
incompleta, por desventura nossa - pois o
Recolhimento haver sido fechado por ordem
superior; mas assim mesmo ficou, - ven-
tura do acesso que o poder às vezes alcan-
ça! - esse ceife, documento insuspei-
to que ^{seu} em qualquer país, em qualquer tempo
uma glória para quem a salvou! - e para
a Casa do Bom Pastor, sobretudo ».

Documento 2

Aniversário Natalício da Artista. 1953 Junho 27. Sarau de homenagem a Guilhermina Suggia [Dossier, 18 p.] de AMB (EF).



1693/53

Exmo. Senhor

Presidente da Direcção da Associação
Comercial do Porto

Projecta esta Câmara realizar determinados actos comemorativos da memória da grande violoncelista Guilhermina Suggia, tudo se conjugando para que esses actos possam ser levados a efeito no próximo dia 27 de corrente, dia do aniversário do nascimento da insigne artista.

Entre os números do programa já elaborado com aquele fim, figura um Concerto de Gala, ao qual se desejaria imprimir um cunho de alta distinção.

Surgiu, por isso, a ideia de o realizar no Salão Nobre do Palácio dessa prestimosa Associação, o que, como é óbvio, não pode deixar de depender da obsequiosa anuência de V. Exa.

Para que V. Exa. possa ajuizar da possibilidade da cedência, permito-me informar que o respectivo programa constará do seguinte:

- "Hino", de Klengel, executado por 12 violoncelistas que foram alunos de Suggia;

- "Trois Equale", de Beethoven, por Madalena de Sá e Costa Gomes de Araújo, Carlos de Figueiredo, Celso de Carvalho e Luís Millet;

AG

- Entrega do "Prémio", pelo Exmo. Presidente da Câmara, ao concorrente classificado;

- Conferência, pelo Exmo. Sr. Prof. Doutor Hernâni Monteiro;

- "Concerto", em lá menor, de Saint-Saëns

"Kol Nidrei", de Max Bruch

pelo famoso violoncelista Gaspar Cassadó,
com acompanhamento da Orquestra Sinfónica
do Conservatório de Música do Porto.

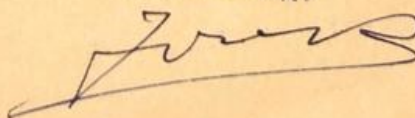
Rogo, pois, a V. Exa. se digne comunicar-me se esta Câmara pode contar com a cedência do Referido Salão, para o fim indicado, ficando desde já assente, em princípio, que o mencionado Concerto se realizará a 27 do corrente, às 21,45 horas.

Agradecendo desde já penhoradamente, aproveito o ensejo para apresentar a V. Exa. os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação.

Porto e Paços do Concelho, 11 de Junho de 1953.

O PRESIDENTE,



Suggia

Com. do Porto 31.VII.50

Juho. Suggis faleceu em 30 de julho 1950

" J.º de Augusto de Medina Suggis, 9.º foi prof.
do Cons. de Musica de h. e de Eliza Xavier
Suggis, nasceu no Porto uma casa de R.
Terr. Borges, demolida há anos, em
27 de junho de 1885. Desc. de Klenzel,
no Cons. de Leipzig. fez a 1ª apresent.
ao públ. aos 7 anos de id. e - nota curiosa
- no salão do antigo Club de Fado em
vila em 9.º seu pai residia durante
muito tempo. ... meias prodigios. Aos
13 anos entrou como violoncelista p.º fo.
grupo quarteto de mus. de cam. do R.
Port. tendo como violinos Nov. de S.
e Henriq. Carn. e como viola frei
Jovencio. Por uma ocasião apes-
sentou-se em Luthos, na Soc. dos
Amadores de Musica, sendo entusiasta
aclam. Foi então convidado
a participar numa festa elegante

realizada no l. do Rio de Janeiro sob a
proteção do governo real, auxiliada
ao com. . rei D. Carlos, a r. D. de
o príncipe D. Luis, os infantes D. Afonso e D.
Manuel e o R. M. de P. S.

Depois deste memorável concerto reg.
p. a Alemanha, natie. do - no Cons.
de M. de Leipzig, ~~lido~~ sob a direção
de Julius Klengel, que não a admitiu, por
a considerar ^{superior} a todos os outros
e preferiam ^{aquele} ~~esta~~ de ~~uma~~.
aos 17 anos incompletos. foi autorizada
excepc. de a tocar Wagner'sche
de Leipzig, a mais ampla e consagrada
sala de conc. da Alemanha. ^{uma conc.}
regido pelo ^{conductor} de Arthur Nikisch. ^{Volkmann}
verdadeira ^{supremacia} de aplausos.
este ^{com} ^{marca} ^{reflexo}, o
início de ^o ^{triumph} ^{carreira} ^{artística}

tica através da Europ. até se fixar
em Londres, depois de se apurarem no
Porto, no Orfan Porto, em Conc. a
favor da A.N.T. e compreendendo a
apelo feito pela senhora D. Am.
Trabalhando sob a direção do grão
violoneiro ~~Antônio~~ Pablo Casals,
em breve ascender à posição mais
alta a q. um artista pode aspirar, ven-
do-se aclam. e festejado por toda a
parte. Tocou em todos os palácios
reais e presidentes da Europa, pe-
rante chefes de Estados, as figu-
ras mais célebres da vida política, so-
cial e artística da Esp. Fr. Ale.
Ingl. Rússia, Belg. Holanda.
Din. Escand. Itália, Suíça, Che-
coslováquia, Hungria e Polónia, sen-
que todavia deixasse de ficar

presa da captação hosp^{de} bri
Janica. De facto, de muitos trufos
quando melhor recordação do S.
do obtido em Ingl., cuja corte fu
quentava como artista quando catu.
Desde o tempo de Eduardo VII.
Recordava até, a um fim violon
celista que a muito ceifou, que se de
Austen Chamberlain, conhecido co
mo pouco amante de m^{es}, he
confessava, certa vez, ter vislu
brado um relâmpago de emoção
artística, e dos únicos vezes
que encontrou a voz do famoso Tenor
ingles Gervaseus Rades Elwes e
ouvir tocar J. S.

Com marcada preferência
pelos A.A. de se. 17 e 18, e
suas predileções, etc., etc.

breve para Bach, Beethoven,
Haydn, Schumann, Schu-
bert e Brahms, sem todavia
deixar de mostrar apressa por
muito outros compositores, clas-
sicos e modernos. A sua
beleza de estilo e a perfeição
da frase não foram superadas
por nenhum dos actuaes concertis-
tas de viol. segundo a crí-
tica inglesa. >>

O Pin. de Jan.

Diz J. receber do pai as 15 liras ^{de viol. Tenor} e
nascer a 27 de Junho 1888 (sic).
A meninice passou-se muito na cap. de
uma Virgem S. - "Talento próximo J. de J."

2º do disc. de D. Pires Anual,
fizer + tarde a of rend a Fr.
onde embittu por hã e vero a felice.
Com 13 ans apenas (sic) -- ^{entre} quarteto de m
de e

-- virtuosidade daquella artistic-troca
maravilhosa os audi. bens mas enfe
da

Aquella quarteto deu alg. co.
em hãos. Ficando men. vella colab.
de J. S. m. com. da Ac. de Anual
aos de Musica. em Marco de 1901. Foi
então convid. a tomar parte nua "fech
eleg. no P. do N.

-- Fudo o recital a R. de
D. An. -- perf. m. he o 1.º de m
dessejas

A mais maior article é
Completo os Mel. edidos no estray.
frases a intervegal de P. ele
(pode nalyer o of desejo)

... Sewardshaus -

em entrevistas ao Journal, há anos, de
dinera

" Não havia breeds ali nem
em um artista tão jovem como
eu e pela vez primeira se apre-
sentava uma mulher, como ar-
tista e executante, sobre o
estado desta sala - que era
por artistas considerado como um
altar sagrado do divino Temple
da Arte "

" imortal Arthur Nikisch consen-
ti-
b. bisasse a peças, o que não era
permitido pelos antigos refrões de depois
case "

9 de julho 1903 - enc. no P. e
Lempin de A. N. J.

Pelo seu "Stradivarius marchetel
de perolas" - "um antiquario
notre americano oferece hj tendo
a bonita soma de 7.000 lib. esterl.

"Viajei m. enamorada sempre do
contacto q'panzados passagens e en-
usos e costumes dif^{tes} das fronte-
meiras da monstoria q' e sempre na
nota mista e discordante na adoravel
harmonia da vida."

Fiquei por entre as alacante
hospit. britanica. Povo mesmo afu-
mar q' quase me conheço os nomes
de Londres, de tal modo so ali solici-
tado por diabolos furtivos q' me

homem sempre q' a mim
Sincera amizade.

" J. S. passou de excep. publi-
cao na 2^a fl. da foi rehat. pelo
de pinto Augustus John e o q' re-
verte notavel figura do lado direito
celebridades na Tate Gallery.

Em 1944 foi conde. q' o fi. ^{le ofi-}
cizato de Ord. de Com. Em 1948
em Nov. foi exposto a toda
p' o seu nome. a favor do museu
do desamparado brit - e se realizou
no Albert Hall, sendo a org. dirigida
p' sir Malcolm Sargent.

Testat. ^{aluno} 1-8.50

O Shad. q. este reportado
no Emb. Inglesa, sera entregue
a casa Hills, de Londres, p^r ser
vendido pelo melhor preço. O q.
valor é de 10.000 lib. queha este
q. sera entregue a Royal Academy
of Music, p^r q. o q. vender
se entre o primeiro q. S. a ahi
vir semelhante ao melhor aluno
de violoncelo.

Um outro inst. marca Monte
guena sera igual de resto..

Um 3^o vol. Hockey Hill lefro..
as Cms. N. de R. em memoria
do pai, foi aluno e prof. de puer
ed.

Morques Rub. (See. Hist 4 Af. 51) chama-
-lhe um das personalidades mais
notáveis da arte porphy de todos os
tempos...

Ela soube "em os tempos" procurar
"os lugares do mundo onde os artistas
podem ser em plenitude ---
ensino p^o ^{empregar} ~~desenvolver~~ as as apti-
dões, desenvolver as as qualifi-
cações e fazer aere-
lancas os q^o n^omos e fazer aere-
ditar a as patria pela formula
mais sa, mais eficiente, mais nobre.

" Detentores da Teoria

perfeito e seguro, radiando-
se a sua personalidade, mais
aínda, no realce que imprin-
tira as frases musicais,
e no nobre de ritmos, o
que alias revelava de manei-
ra insuperável e singular.
dado as as interpretações
na expressão que dominava
os auditórios e os humildes
perante suas versões absolutas
geniais.

Famosos foram as as crônicas
como interprete, especialmente de
Cone. Sen. Sr. Menor de Santa Santa
e do Com. de Dvorak

Mord. de ouro de C. de P.



SARAU DE HOMENAGEM
A
GUILHERMINA SUGGIA



PROMOVIDO PELA C. M. P. NO SALÃO NOBRE DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO,
AMÁVELMENTE CEDIDO POR ESTA CENTENÁRIA COLECTIVIDADE
27 - VI - 1953

HOMENAGENS A
GUILHERMINA SUGGIA

27 DE JUNHO DE 1953

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ARTISTA

P R O G R A M A G E R A L

ÀS 10 horas — MISSA NA IGREJA DA LAPA.

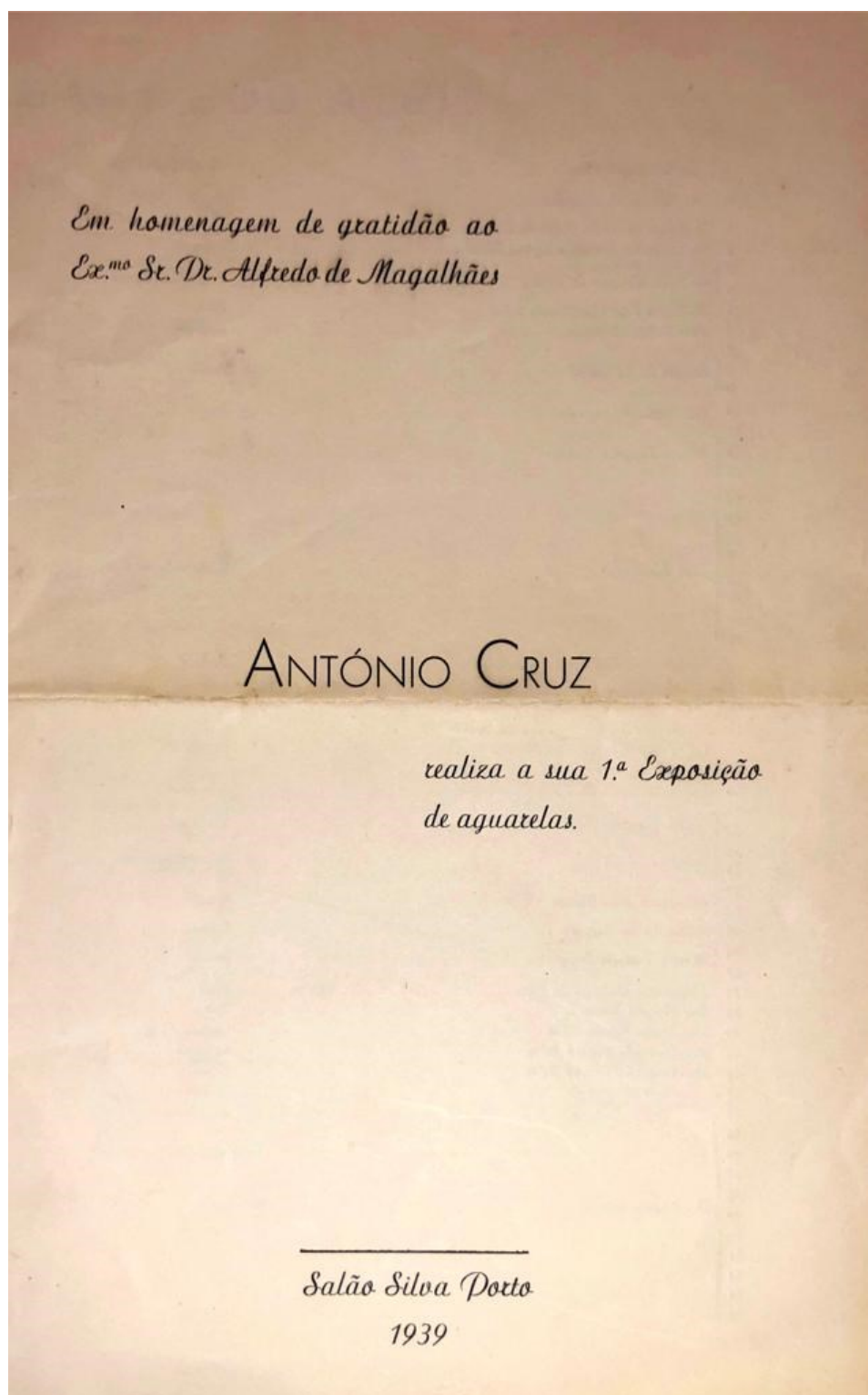
ÀS 15 » — CONCURSO DO «PRÉMIO GUILHERMINA SUGGIA»
NO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA.

ÀS 17 » — INAUGURAÇÃO DO BUSTO DA ARTISTA NO
JARDIM DO CONSERVATÓRIO.

ÀS 21,45 » — SARAU, NO SALÃO ÁRABE DO PALÁCIO DA
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL.

Documento 3

António Cruz, aquarelista **1939** [catálogo] da 1ª exposição, no Salão Silva Porto, e [fotografia] da assistência na “Inauguração” (EF).



LISTA DOS TRABALHOS EXPOSTOS			
PERTENCEM A:		LOCALIDADES:	
0	Dr. Alfredo de Magalhães	Suaio e Porto	
1	D. Laura Alves da Veiga de Oliveira	Glenafinnan	
2	D. Ernestina Morgado Santos Silva	Paris	
3	D. Júlia Marques da Silva	Porto-Natividade	
4	D. Maria José Marques da Silva	Porto	
5	Artista Elsa Ramalho	Lindoso	
6	Artista Laura Costa	Porto	
7			
8	Dr. Araújo de Lacerda	Porto	
9			
10	Dr. Araújo de Lacerda	Porto	
11	Mestre Joaquim Lopes	Porto	
12			
13			
14			
15			
16			
17	Fred Abernethy	Porto-Lake of Sky	
18			
19			
20			
21			
22	Museu Abade de Beçal—Bragança	Lisboa	
23			
24	Museu Malhete—Caldas de Rainha	Porto	
25	Dr. Santos Silva	Douro	
26	Dr. Vasco Nogueira de Oliveira	Alfândega	
27	" " " (Busto)	Edinburgh	
28	Fernando Alves da Veiga Oliveira	Edinburgh	
29			
30	Mister Rankin	Escócia	
31			
32	Augusto Ahrens	Porto-Edinburgh	
33			
34	Mestre Freitas Branco	Porto	
35	Fernando de Castro	Lisboa	
36	Mestre Teixeira Lopes	Porto	
37			
38	Arquiteto Marques da Silva	Porto	
39	Dr. Manuel Marques	Porto	
40	Dr. Artur Santos Silva	Campo Alegre	
41	Dr. Osvaldo Santos Silva	Londres	
42	Dr. Fernando Santos Silva	Porto	
43			
44			
45			
46			
47			
48	Dr. Angelo Soares	Porto	
49			
50			
51			
52			
53			
54			

PERTENCEM A:		LOCALIDADES:	
55	Dr. Miguel Monteiro	Porto	
56			
57			
58	Dr. Meneses Campos	Porto-Marko-Londres	
59			
60			
61	Dr. Praça	Leixões	
62			
63	Dr. Vilares	Porto	
64			
65			
66	Alberto Rio	Porto	
67			
68			
69			
70	Alberto Serpa	Porto	
71			
72			
73			
74			
75			
76	Herculano Souza Monteiro	Porto	
77			
78			
79			
80			
81			
82	Diogo de Macedo	Porto	
83			
84	Alfredo Meireles	Porto	
85	Alberto Gomes de Araújo	Porto	
86	Carlos Carneiro	Porto	
87			
88	Pinto de Azevedo Júnior	Lisboa-Leixões-Edinburgh	
89			
90			
91			
92			
93	C. P.	Porto	
94			
95			
96			
97	Arquiteto Januário Godinho	Loch Lomond-Porto	
98			
99	Combate dos Centauros	Quadros gentilmente cedidos pela Escola de Belas Artes do Porto.	
100	Ninfas surpreendidas pelos Faunos		

EXTRA-CATÁLOGO:

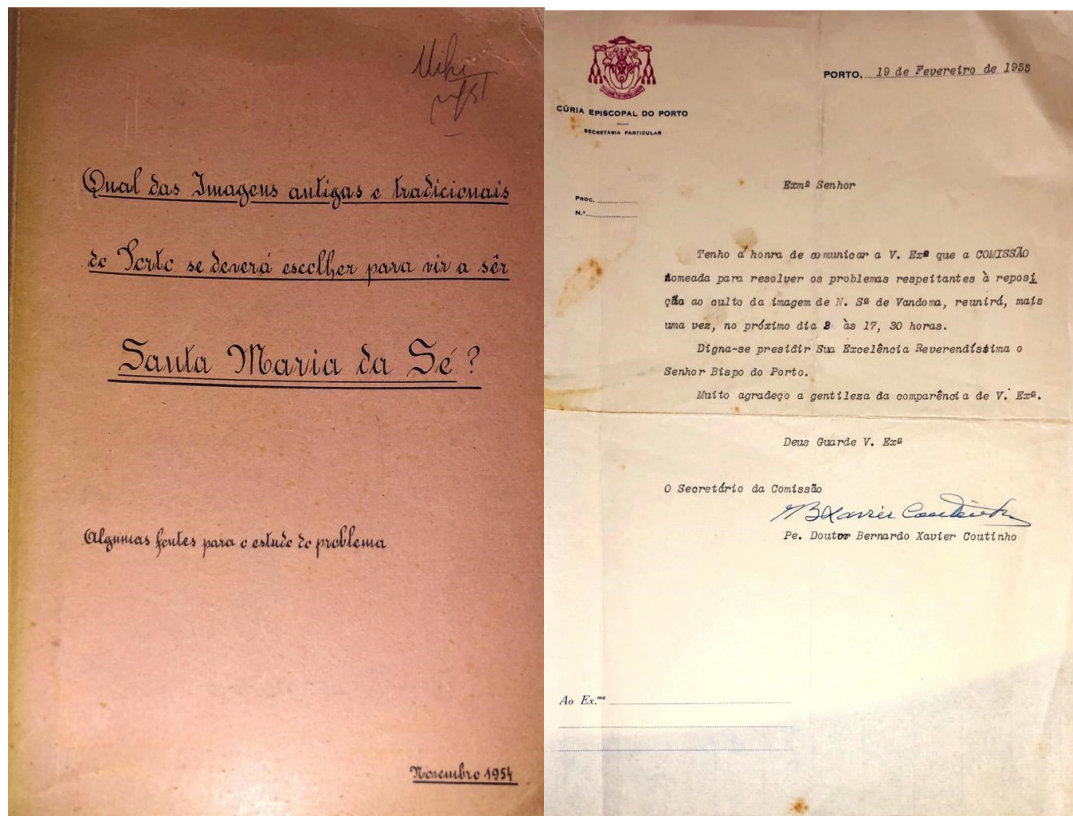


Inauguração da Exposição
do Porto Antigo
no Salão S.º do
em 1939

Documento 4

«Qual das Imagens antigas e tradicionais do Porto se deverá escolher para vir a sêr Santa Maria da Sé?» 1954 Novembro [Dossier]de AMB (EF)

- a. [Capa] do dossier, de AMB
- b. [3 cartas] de X. Coutinho, secr. da Sé, para AMB
- c. [Man., 27 p.] Explicação por AMB.



a. Capa do processo

b. Cartas de X. Coutinho



A EPISCOPAL DO PORTO
SECRETARIA PARTICULAR

PORTO, 25 de Outubro de 1954

Exm.º Senhor:

A fim de se trocarem impressões sobre o assunto do convite de 2 de Julho do ano corrente, encarrega-me S. Ex.ª Revm.ª o Senhor Bispo do Porto, de vir junto de V. Ex.ª comunicar que a primeira reunião da Comissão escolhida terá lugar no próximo dia 2 de Novembro no Paço Episcopal da Torre da Marca pelas 17,30 horas.

S. Ex.ª Revm.ª o Senhor Bispo, digna-se presidir a esta reunião pelo que, pessoalmente, muito agradecia o grande favor da comparência de V. Ex.ª.

Finalmente tomo a liberdade de relembrar a ordem do dia desta reunião:

1ª) Qual, de entre as imagens antigas e tradicionais do Porto, se deverá escolher para, sem prejuízo da própria invocação e do título catedralício da Assunção, vir a ser Santa Maria da Sé;

2) Que tratamento artístico devia dar-se-lhe para a tornar tão autêntica quanto possível com todo o respeito pela iconografia e arte;

3ª) Onde devia ser colocada, na Sé, e em que condições;

4ª) Quais as linhas gerais duma homenagem - evocação com que houvesse de se celebrar a sua reintegração no culto, homenagem que seria incluída nas festas de Dezembro."



EPISCOPAL DO PORTO

SECRETARIA PARTICULAR

PORTO, _____

Sem mais, com os protestos da minha maior e mais
sublime consideração, subscrevo-me

Mt.º At.º e Obrig.º

O Secretário da Comissão

Xavier Coutinho

(Pe. Dr. Xavier Coutinho)



EPISCOPAL DO PORTO

SECRETARIA PARTICULAR

PORTO, 8 de Novembro de 1954

Exm.^a Senhor

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a, que a Comissão encarregada de solucionar os problemas suscitados pela imagem de N.^a Senhora de Vandoma reunirá novamente no próximo dia 12 às 17 $\frac{1}{2}$ horas no Paço Episcopal.

O Exm.^a Sr. Dr. Artur de Magalhães Basto apresentará as conclusões históricas a que chegou.

Digna-se presidir aos trabalhos S. Ex.^a Revm.^a o Senhor Bispo do Porto.

Deus Guarde V. Ex.^a

O Secretário da Comissão

(Pe. Doutor Bernardo Xavier Coutinho)

para expor algumas considerações

(acerca desse ~~tema~~ ^{tema}) ~~(o) completo~~
~~so parecer sobre este~~ (aspecto da ques-
~~sition~~ ^{sobre a} ~~ção~~ ^{foi convidada a}
Temo qual a Comissão ~~deveria~~ pro-
nunciar-se.

^{das principais}
~~As~~ fontes bibliográficas e icono-
gráficas que utilizei ~~as~~ ^{extraí os}
~~passos que~~ ^{passos que}
interessam ao problema; esses
extratos constituem ~~o~~ ^o conteúdo
~~deste~~ do glossier que também tenho
a honra de apresentar.

* Começarei por enumerar as mais antigas e tradicionais Imagens da Virgem que existem no Porto, ^{alfabeticamente}
Vimso essas boas senhoras que citei
~~São João, São José, São António, São Francisco, São Bento, São Domingos, São Agostinho, São Jerónimo, São Basílio, São Gregório, São Nicolau, São Pedro, São Paulo, São Tiago, São Marcos, São Mateus, São Lucas, São João Evangelista, São Bartolomeu, São Simão, São Judas Tadeu, São Matias, São Andria, São Felipe, São Jacobo, São Leodegândio, São Eustáquio, São Valério, São Máximo, São Marcial, São Crescêncio, São Praxedes, São Pádua, São Genésio, São Sulpício, São Apolônio, São Felice, São Adalberto, São Erasmio, São Hilário, São Isidoro, São Ildefonso, São Melchior, São Gordiano, São Vitorino, São Modesto, São Ambrósio, São Anselmo, São Bonifácio, São Otmar, São Ulrich, São Gallardo, São Savino, São Gervásio, São Prothasio, São Esmoldado, São Vital, São Anastácio, São Teodoro, São Eleazar, São Eriberto, São Eutímio, São Marcellino, São Petronio, São Feliciano, São Tiburcio, São Valeriano, São Simpliciano, São Idelfonso, São Eusebio, São Quirico, São Ciriaco, São Irenéu, São Potholéo, São Simão Estacado, São Ivo, São Lázaro, São Expedito, São Eudécimo, São Valentim, São Eufrosínio, São Zeno, São Maurício, São Colmano, São Landrico, São Pancrácio, São Hipólito, São Rústico, São Víctor, São Efrén, São Severino, São Crispin, São Crispina, São Nabor, São Sabiniano, São Sabino, São Torquato, São Agatão, São Agatha, São Cosme, São Damião, São Ignácio, São Leopoldo, São Melchior, São Nicasio, São Nino, São Ovideu, São Plácido, São Praxedis, São Quintiliano, São Rufino, São Saturnino, São Simão, São Tarcísio, São Ursula, São Vicente, São Vigário, São Zacarias.~~
São ~~João, São José, São António, São Francisco, São Bento, São Domingos, São Agostinho, São Jerónimo, São Basílio, São Gregório, São Nicolau, São Pedro, São Paulo, São Tiago, São Marcos, São Mateus, São Lucas, São João Evangelista, São Bartolomeu, São Simão, São Judas Tadeu, São Matias, São Andria, São Felipe, São Jacobo, São Leodegândio, São Eustáquio, São Valério, São Máximo, São Marcial, São Crescêncio, São Praxedes, São Pádua, São Genésio, São Sulpício, São Apolônio, São Felice, São Adalberto, São Erasmio, São Hilário, São Isidoro, São Ildefonso, São Melchior, São Gordiano, São Vitorino, São Modesto, São Ambrósio, São Anselmo, São Bonifácio, São Otmar, São Ulrich, São Gallardo, São Savino, São Gervásio, São Prothasio, São Esmoldado, São Vital, São Anastácio, São Teodoro, São Eleazar, São Eriberto, São Eutímio, São Marcellino, São Petronio, São Feliciano, São Tiburcio, São Valeriano, São Simpliciano, São Idelfonso, São Eusebio, São Quirico, São Ciriaco, São Irenéu, São Potholéo, São Simão Estacado, São Ivo, São Lázaro, São Expedito, São Eudécimo, São Valentim, São Eufrosínio, São Zeno, São Maurício, São Colmano, São Landrico, São Pancrácio, São Hipólito, São Rústico, São Víctor, São Efrén, São Severino, São Crispin, São Crispina, São Nabor, São Sabiniano, São Sabino, São Torquato, São Agatão, São Agatha, São Cosme, São Damião, São Ignácio, São Leopoldo, São Melchior, São Nicasio, São Nino, São Ovideu, São Plácido, São Praxedis, São Quintiliano, São Rufino, São Saturnino, São Simão, São Tarcísio, São Ursula, São Vicente, São Vigário, São Zacarias.~~
alfabeticamente pelas invocações por que são conhecidas:

- conhecidas:
- ~~da~~ da Batalha
 - ~~de~~ de Campanha
 - ~~dos~~ dos Remédios
 - ~~da~~ da Silva
 - ~~de~~ de Vandoma

2 - localização antiga e actual de m. Imagens

As imagens de Nossa Senhora da
Batalla e de Nossa Senhora dos Re-
médios estiveram primitivamente
na torre ~~da~~ Porta ou Portas da

3

Cima de Vile, na Batalha; ~~esta~~
a última ~~encontra-se~~ hoje no Jabi-
nete de História da Cidade; ~~esta~~ ^{a outro}
~~substituída~~ desde cerca do ano de 1920, está
~~no~~ «Recolhimento das Me-
lirinas Desamparadas, do Postigo
do Sol». Só ~~essa~~ ^{essa} como
titular da capela derribada, en-
controu guarida no Templo ^{da refe-}
rida «instituição», onde tem altar apro-
priado» ~~contra~~ (Pedro Vitorino,
Notas de Arqueologia Portuense, p. 46)
espaço

A imagem de N. S.ª de Cam-
panhã ~~permanece~~ ^{permanece} onde sempre
estive: na Igreja Matriz de Cam-
panhã, onde ^(nunca deixou de ser) muito venera-
da pelo povo da freguesia.

A de N. S. da Silva está (como
~~também esteve~~ ^{também esteve} sempre) ~~estava~~, na Sé, embora ~~te~~.

(4)
nha lá dentro ocupado ~~sempre~~ ^{mais}
de um ~~mesmo~~ lugar: em 1623, e ~~antes~~
~~sempre~~ desde ~~quanto~~, ~~o~~ seu
altar estava encostado ao segundo
pilar, ~~da~~ ^{na} mão direita de quem en-
tra no Templo (D. Rodrigo da Cunha
Hoje, como é bem sabido, ^{a dita imagem} ~~acontece-se~~ ^{se, muito}
~~creio~~ ~~que~~ ~~for~~ ~~transferida~~ ~~para~~ ~~o~~ ~~altar~~
~~actual~~ ^{suponho que para aí foi trans-} ~~ferida~~ ^{na primeira} ~~metade~~ do séc. XVIII, aquando
da grande reforma da Catedral,
na Sé-Vaga de 1717-1740, que
fez desaparecer ^{vários} ~~os~~ ^{até} ~~os~~ ^{alt-} ~~altares~~
então existentes encostados aos pila-
res, substituíndo-os por ~~alt-~~
~~altos~~ ^{colocados} ~~no~~ ^{no} ~~corpo~~ ^{da}
igreja, ~~para~~ ^{por} sua vez, as últi-
mas obras de restauro também
fizeram desaparecer.
A imagem de N. S.^a de Van-
dema, que hoje se encontra na

5-

Capela de S. Vicente e de N. S. da Saúde
do Claustro gótico da Sé, ^{em 1855} ~~estava~~ ^{(na}
"Capela da Senhora de Vandoma" ^{solobre o Arco}
^{do mesmo nome)} ~~estava ali~~ data em que foi demo-
~~lido~~ o Arco de Vandoma, por de-
baixo do qual tinha de passar quem
da Rua Chã, pelo caminho mais curto,
~~tinha de passar~~ quisesse subir até
à Catedral.

A referida Capela, e o arco
sobre o qual esta assentava, faziam
então parte integrante das chamadas casas
nobres de Vandoma ^{(que eram a evolução das que, conti-}
~~das casas nobres~~
^{que as arcos góticos} nos últimos anos do séc. XVII ~~foi~~
Deão da Sé, = Rev. João Freire
Antão, em 1749, por contrato
celebrado entre o proprietário
da Casa de Vandoma (que era
nesse tempo o Deão Jerónimo

(Sendo a Cernache
de Távora e Noronha) e o Bispo⁶
do Porto, Dom Frei José Nuno da Fon-
seca e Évora, a Mitra cedeu àquela
a antiga casa do Alfube, contigua
ao Arco, do lado norte, e recebeu
em troca outra casa na ^{rua de}
S. Sebastião, ^{para} onde o Alfube se
conservou ~~até~~ até fins do séc.
XIX. A Capela tinha uma Con-
fraria, mas, por escritura cele-
brada com os proprietários da
Casa de Vandomea ^{na} ~~na~~ ^{princípios}
do séc. XVIII, aqueles ^{disponham de} ~~tinham~~
chave da porta que provavel-
mente ~~então~~ se abria ^{para pôr} ~~que~~
~~punha~~ em communicação a Capela
com a Casa contigua. 'Nessa Capela
a Família da Casa de Vandomea, cele-
(tes)

7
Serão ~~inúmeros~~ actos religiosos,
lembrarei ^(por curiosidade) que ali casou Nicolau
Nasoru, pela segunda vez, em 3 de
Setembro de 1730, tendo sido teste-
munhas o já citado D. João Jerónimo
de Távora Noronha.

Quando em 1855 a Câmara Mu-
nicipal do Porto se resolveu a demo-
lir o Aree, celebrou ^(em 16 de Agosto desse anno) uma escritura
com Antonio Perfecto Pereira Punt-
osório, por si e como procura-
dor de sua mulher, D. Antónia
de Noronha ~~quelles~~ ^{proprietários das Casas Nobres de Vandoma, L. de} Car-
valho ~~leme~~ Cernache, ~~que~~ ^{este} documen-
to ~~em que se lê~~ que, para ser de-
molido « a Capela e Aree deno-
minado da Vandoma », ~~era~~ pre-
cisava a Câmara de espropriar

(8)

6 « referido Arco sobre que se
achava a Capela da Senhora da
Vandoma, pertencentes aos fundos
outorgantes, como parte integrante
do seu prédio a ele contíguo ».
Entre as condições do contrato figurava
~~Não se estipulou que~~
a de que a Câmara ficasse « obri-
gada a mandar transferir o
altar e imagem da Senhora da
Vandoma para uma sala ou
local de cante que lhe for desi-
gnado pelos proprietários da
Casa da Vandoma ».

Em 1855 o Arco ^{tinha o aspecto que} ~~era como~~
o professor Joaquim Cardoso Vitorio
Vila Nova ~~desenhara~~ ^{desenhara} em 1833,
~~pois se apresenta com a descripção~~
~~do mesmo~~ ^{desenho} (que, nos prin-
cípios da segunda metade do

mesmo século, ~~desse~~ ^{desse} ~~pro~~ ^{pro} e Capelaes, (o
que Duarte e Sousa Reis, nos seus
benemeritos Afrentamentos Historicos
da Cidade do Porto (copioso Ms. seis-
centi na B. P. M. do Porto). Deste
assunto me ocupei largamente no
meu livro Sumario de Antiquidades
(Porto, 1942) pg. 57 a 78). ^{Pelo menos, pois,} ~~Messe~~ ^{Messe} ~~tempo,~~
a Imagem da Virgem não ~~estava~~ ^{se ostentava}
no exterior do Arco, ^{com isto} ~~isto~~ não
queremos dizer ^{o contrario} ~~que~~ ^{que} ~~primitivamente~~ ^{primitivamente}
fosse sido ~~essa a sua vocação~~ ^{usual} ~~em casos análogos~~ ^{pois nada mais cula a} ~~isso succedesse~~ ^{na nacionalidade}

Assim sucedesse.

3 - Antiguidade das imagens em
referência.

esta estudad

referências. Esta estudaço
Este assunto ~~trata-se~~ pelo ~~sa-~~
do do Dr. Pedro Victorino num dos

~~seus~~ capítulos do seu livro Notas¹⁰
de Arqueologia Artística.

Segundo ^{a opinião} desse erudito crítico, as
cinco imagens « enquadram no
período gótico secundário da
escola francesa, isto é, com as
características iconográficas do
século XIV.

«A linha dominante da escul-
tura é mais ou menos ondulada,
de modo a evidenciar a anca
da Senhora, do lado em que
sustenta o Menino»; «a escul-
tura da Senhora de Vandoma tem
certa rigidez de linhas, circuns-
tâncias que contribuíam, certa-
mente (dis P. Vitorino), para ser
considerada de maior anti-
quidade, de harmonia com
a corrente tradicional». Car.

(12)
los de Passos considera-a «boa
estátua(...) filiada, pelo estilo, na
escola francesa do séc. XIV, mas
obedecendo pelos panfamentos, pela
atitude, pelas linhas do corpo e
da cabeça, ao canon românico»
— opiniaõ que o Dr. P. Vitorino
contestou ^{em parte}, sustentando que «a
obra é essencialmente gótica,
embora denotando rudeza de factura,
que não eschi certa graciosi-
dade. Nota a rigidez arcaica,
~~na~~ pouco ^{natural} ~~graciosa~~, da mão di-
reita da Senhora, «em contras-
te com o Menino, suavemente
modelado»; e conclui:— «Conjunto
agradável como esculptura, e
precioso como peça arqueológica».

Da Imagem da Senhora da Silva
 diz Pedro Vitorino: - " Figura um pou-
 co curta, de certo volume, apresen-
 ta alto porte, cheio de gravidade.
 Manto cingido ao corpo, disposto
 em largas pregas horizontais e pen-
 dentes, quebradas junto aos pés.
 Ornamentação tardia das roupa-
 gens, recamada de abundantes
 relevos e pedrarias. No rosto arre-
 dondado da Senhora, transparece
 o tipo convencional, sem person-
 alidade, onde ainda se não refletem
 os alicerces da Renascença: os cabelos
 divididos no alto, ondulantes, caindo
 sobre os ombros, em pequenas ma-
 deiras, em massas simétricas a
 ocultar as orelhas, são caracteris-
 ticos. A Senhora da Silva, que na
 mão direita, erguida com arro-
 gância, sustentaria uma flor, alinha

14
no ciclo artistico das outras Virgens
aqui referidas.»

~~Faz~~ ainda Pedro Vitorino a este
respeito algumas considerações que me
parece haver interesse em transcrever
para aqui:

— " A analogia destas imagens
com obras francesas do séc. XIV,
cujos tipos serviriam de fontes de ins-
piração, é de manifesta evidencia.
Nada as liga à historia, a não ser
a tradição. Possivelmente, outras ima-
gens mais antigas (mas, com muita
dúvida, das épocas apontadas) ~~que~~ tradi-
ção, ou seja do séc. XII ou anteriores
teria havido, que o tempo ou a
modo aniquilarem: quer pela falta
de resistencia da materia, no caso
de serem de madeira, quer pelo seu
barbarismo de factura, que a sen-
sibilidade dos crentes rejeitou.

15
" O próprio facto das actuaes esculpturas pertencerem a um determinado ciclo artistico faz pensar numa propositada remodelação. Em abono deste asserto temos as transformações que as mesmas experimentaram tempos depois, nos vestuários (...), para lhe dar novo aspecto de riqueza e grandiosidade.

" A qualidade da matéria suscita uma interrogação: serão ^{- estas -} estatuas obras portuguesas?

" A pedra em que todas elas são esculpidas, calcários brandos, de cor branca, autoriza-nos a afirmativa.
« Coimbra, que dispõe desse calcário brandos (escreve Rinaldo dos Santos, cit. por P. V.) foi por isso no período gótico, como na Renascença, um foco capital de lavrantes e o centro por excelência da esculptura nacional ».

" Obras de portugueses ou de artistas estrangeiros de passagem, a pedra de Ançã, donde essas imagens saíram,

pode abonar a sua terra originária. (15)

"Não são, pois, obras de importância, mas produzidas em Portugal".

Isto escrevem Pedro Vitorino. ^{mas pongo} Qualquer autoridade neste ~~assunto~~, aos meus ilustres colegas da Comissão deise a apreciação das opiniões de Pedro Vitorino, com as quais, aliás, me atrevo a concordar.

4 - A Imagem da Virgem nas Armas da Cidade

A mais antiga ^{que conheço} referência, às Armas do Concelho ^{do Porto} ~~de~~ é a dum documento de 1354.

Mas, ^{junções} ~~de~~ que D. Hugo ^{ao burgos} concedeu carta de Foral em 1123, ^{cidade de} ~~Porto~~ ^{o mesmo burgos} "o direito de erigir pelourinho e abrir o cunho do selo ~~do~~ com que o sena do municipal autenticaria as suas deliberações" - diz Arnaldo de Matos ^{no seu estudo} ^{seja como for, e} do As Armas da Cidade do Porto. ^{da} ~~de~~ admitir, ^{bem} que as Armas do Porto fossem, ^{mas} efetivamente,

(16)
antigas que ~~os~~ meados do séc. XIV, ~~foram~~
a que pertence a mais remota
época ~~de que conhecemos~~ (deserica).
das primeiras Armas da Cidade.

Que explicação ^{podera} ter a existência de
ma imagem ^{da Virgem} no campo desse Braço?
~~Antes de tentar responder~~ Recorde-
mo-nos que ~~nas~~ ^{as de 1354} armas de alguns bispos
do Porto anteriores ^{Tambem} do Concelho, ~~já~~
já ~~havia~~ ^{uma} imagem da Virgem, ~~mas~~
e que num trabalho publicado, ^{a propósito, nos} em
1907, pelo falecido Dr. José Julio
Gonçalves Coelho (Notre Dame de
Vendome et les Armoiries de la Ville
de Porto; ver tr. portuguese in O Tripeiro
n.º 16 e 17, do I Ano, de 1 e 10 de Dezembro
de 1908) se fala duma ^{procuração} ~~procuração~~,
~~sem se dizer onde ele se encontra~~,
do Senado portuense, apresentada
em ~~certa~~ ^{certa} ~~sessão~~ ^{sessão} "realizada a 8 de
Maio de 1354, no claustro do con-

vento de S. Domingos » - ⁽¹²⁾ documento
- ^{explícito} o referido autor. ^{pendido por}
esse do qual ~~pendido~~ laços ou
fios de seda encarnada, um selo
de cera verde, de forma ogival,
com as armas da cidade: « duas
torres; - ao centro, em um su-
porte e por cima duma porta
aberta na muralha, a Virgem
de Vandome ^(sic) com o Menino, ado-
rada por dois anjos que tocavam
harpa, de joelhos, à direita e à
esquerda da imagem; em torno
a legenda Sig I Civitatis I Vir-
ginis + em caracteres góticos ».

Nesse mesmo trabalho repro-
duz-se em gravura ^{selo que se diz ser} um ~~selo~~ ^{em}
laure do século XIV » ^(é de formato oval, e tem) ~~em~~ ^{if}
dentro duma cercadure com a legen-
da supra, ~~uma~~ ² a Virgem com o
Menino, sobre uma penha ~~deitada~~

com a Senhora de Vandoma nem
faz qualquer allusão à legenda.
Isto nos leva a crer que Goncal
ves Coelho ^(usou de liberdades poeticas) ~~descreveu~~ ^{descrevendo} ~~Volte~~

O mais antigo
~~seu~~ selo do Concelho do Porto
com a referida legenda. ~~mas~~
~~antigo~~, que ~~mas~~ oferece discussões,
e que está impresso no fron-
tispicio e na capa dos Privi-
legios dos Cidadãos da Cidade
do Porto, folheto ~~publicado~~ ^{publicado} na
mesma cidade em 1611, e aqui
tambem ~~x~~ reimpresso em fac-simile no ano
de 1878; ^{ai a legenda existia, mas ao} ~~reimpresso~~ ^{reimpresso} ~~em fac-simile~~
copiado de ^{reimpresso} ~~reimpresso~~, a imagem da
Virgem esta pousada no chao,
entre duas torres.

A Imagem da Virgem nas Ar-
mas dos Bispos e do Concelho

for palavras suas, mas colocadas entre aspas,
o Ad selo em lacre de que deu uma
gravura, e que atribuiu ao seu
XIV ~~como se tais palavras fossem~~
~~que se encontre no documento.~~
fizer isto dizer em resumo, que
não reconheço como provado ser do peo.
o dito selo em lacre com a legenda em
que se fala da Cidade da Virgem
~~e que não há~~
não ~~considerando~~ também prova
do que seja a de Vandoma a ima-
gem existente nesses antigos selos.
(relatos)

pal, ~~hoje~~ em remotas eras (21
~~ter vindo desde sempre~~
Como ainda hoje há, uma ima-
gem de Nossa Senhora (a actual
é do séc. XVIII), parece demons-
trado por textos de autores dos
séc. XVI e XVII, anteriores às
reformas da ~~sedes~~ catedral, do séc.
XVIII.

Garrett, citando um documen-
to da Torre do Tombo, refere-se,
no Areo de Sant'Ana, à tradição
de ser a Virgem a detentora das
chaves da cidade; ~~que~~ o Bispo
do Porto, num momento de conflito com
D. Afonso III ~~colocou~~ ^{colocou} ~~sobre~~
altar ^(as referidas chaves) ~~mostrando~~, desafiando o ~~mo~~
narca a que lá as fosse buscar.

22

Sim. cremos que desde anti-
gos tempos a cidade estava ^{consa}
~~grada~~ a Virgem.

Mas poderá ^{afirmar-se} ~~dizer-se~~ que
~~foza de alguma votada~~
~~estava votada~~ a uma determi-
nada Nossa Senhora, como tantos
autores têm pretendido?

^{um}
~~Alguns~~ dizem que ~~a padroeira~~
nas Armas da Cidade está
representada N. S. de Van-
loma, outros afirmam que
a representação é de N. S.^a
da Silva. Provas históricas sérias.
em favor de qualquer dessas opiniões, mas seis -
tem, e parece ~~que a ideia~~
~~que ainda mais~~ ~~quanto de~~
~~de votar a cidade à Virgem não terio~~
~~de considerar~~ ~~imposto a necessidade~~
~~de~~ ~~qualquer invocação~~
Salvo o devido respeito
pelas opiniões alheias, creio

que essa invocação ^{tanto} poderia ser (23)
de N. S. de Vandomia ^{como de}
~~que Santo pode ser uma~~ como
N. S. da Silva, como de qualquer outra, ou
a outra, como ~~em nenhuma delas~~ ou
~~qualquer outra~~ que nenhuma. A ima-
gem do selo ~~representaria simplesmente~~
~~sem de~~ Santa Maria com o Ni-
nho nos braços, isto é, ~~uma~~
~~simples representação da Mãe~~
de Deus.

Da mesma forma, as Torres
entre as quais essa Imagem
aparece nos selos do Bispo
e do Concelho do Porto Lobo
nos princípios do século me-
dos do séc. XIV, tanto po-
dem representar as da porta
que, ^{desde} ~~em~~ época ~~que se não~~
~~fora~~ indeterminada, se cha-
mou porta ou Arco de Vando-
ma, como as da fronteira

(24)
da Sé, ou mesmo os castelos
do Porto e de Gaia, como querem
alguns escritores.

5 - Conclusões

O que se sabe, como certo, é que
em documentos do principio do séc.
XII se encontra a expressão: - Igreja
de Santa Maria da Sé ~~Portuense~~, a

designar a Sé portuense, não havendo,
segundo creio, elementos que permitam
atribuir-lhe uma invocação espe-
cial. A mesma ausência de documentos se veri-
fica quanto à Virgem existente nas Trinas de Cidade.

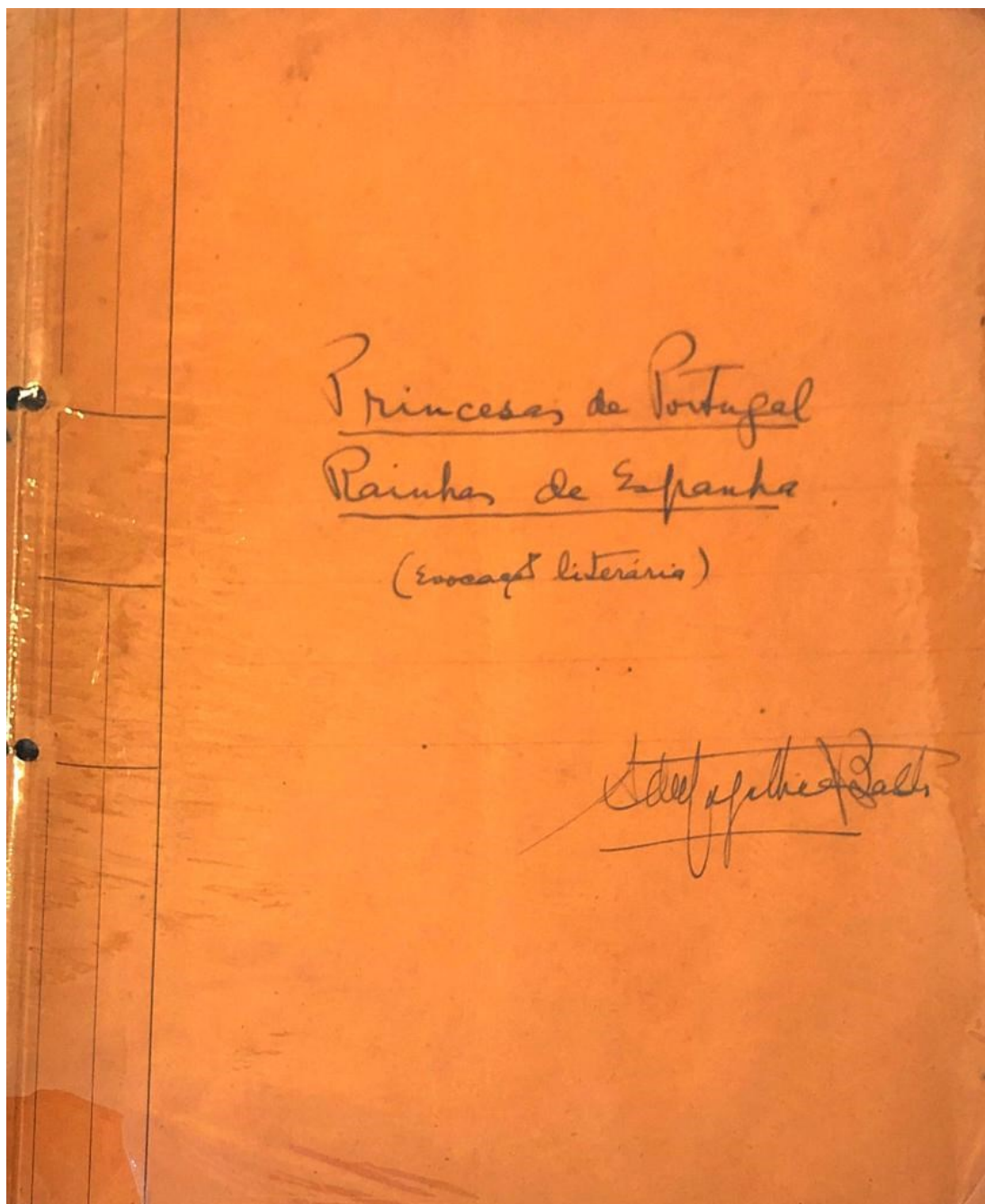
Nestas condições julgo que
estamos inteiramente livres para,
~~se~~ se assim se quiser, lhe darmos
a designação que entendermos,
embora evidentemente se deva basear
a escolha ~~que~~ em razões que a
justifiquem.

Documento 5

Princesas de Portugal Rainhas de Espanha (Evocação literária).

1943 Março 30, Conferência na Fac. Ciências da Universidade do Porto e

1945 Dez.11, no Teatro de S. João [dactil., 34 p.] [Inédito](#) (EF).



"Princesas de Portugal, Rainhas de Espanha"

foi o título sugestivo da brilhante evocação literária feita ontem, na «Sala Salazar», pelo sr. dr. Magalhães Basto

O sr. dr. Artur de Magalhães Basto, ilustre Chefe dos Serviços Culturais e Sociais da Camara Municipal do Porto, espírito gentil de cronista, romântico e enamorado evocador daquelas velharias da história que para muitos só têm poesia e tédio, mas que para outros é como manancial inextinguível de beleza e de poesia; o sr. dr. Artur de Magalhães Basto, que é já agora por direito de conquista, o «cronista de la ciudad», realizou ontem na «Sala Salazar» da Universidade do Porto, não uma conferência, mas, como ele próprio disse, uma «evocação literária», sobre o sugestivo título de «Princesas de Portugal, Rainhas de Espanha», réplica cavalheiresca á conferência que ali realizara há pouco mais de uma semana o sr. D. José Erice, digno Consul de Espanha nesta cidade, sob a rubrica de: «Princesas de Espanha, Rainhas de Portugal».

Assistência numerosíssima e distinta, como poucas vezes se regista.

Preside o sr. dr. José Pereira Salgado, Reitor da Universidade, rodeado pelos sr. dr. Sousa Machado, governador civil substituto, general Gaudêncio da Andrade, Comandante da Região Militar, sr. Américo Pires de Lima, director da Faculdade de Ciências e dr. Rosas da Silva, presidente do Centro Universitário.

O sr. dr. Pereira Salgado fez a apresentação do conferente em termos calorosos de justíssimo elogio depois do que lhe concedeu a palavra.

Depois de dirigir as suas saudações ao sr. Reitor da Universidade, á Direcção da «Sala Salazar» e ao sr. Consul de Espanha, evoca em rápidas palavras as Rainhas de Espanha que nasceram princesas de Portugal e justifica-se de não tratar de todas elas, dizendo com graça que não quer que o seu trabalho tenha a extensão da «Electra e os Fantasmas», que se exhibe agora no «Teatro Nacional» de Lisboa, desde as 18 horas até ás 2 da manhã!...

O público, que tantas vezes se sente esmagado por tédio e pela fadiga, sorri com a «boutade» do conferente, como que apresentando a sua moção de confiança.

E o dr. Artur Magalhães Basto, na sua simplicidade distinta e simpática, prossegue, dizendo que assim como o sr. D. José de Erice acabara a sua evocação de há dias, falando da Rainha D. Maria, segunda mulher do nosso D. Manuel I, ele, orador, ia iniciar o seu trabalho levando-nos á Corte do mesmo Rei, no momento em que aquela Rainha morreu, e em que á volta do seu corpo frio e inanimado, choram oito crianças, filhos dela e de D. Manuel, os mais velhos dos quais se chamavam D. João, D. Isabel e D. Beatriz,

classificando a sua réplica á conferência do sr. D. José de Erice, de *torneo cavalheiresco*.

O conferente, que, como raro, sabe condimentar o seu discurso com o sal do espírito e com a pimentinha da ironia, numa compreensão perfeitamente humana do que é prender a atenção dos auditórios, recorda depois o testamento de D. Maria, em que esta determinava que suas filhas se casassem com Reis ou filhos de Reis legítimos, esmaltando com ditos graciosos o seu *raconto*, e analisa a forma como D. Manuel cumpriu a vontade de sua Augusta Esposa, casando D. Beatriz com o Duque de Saboia e Rei de Chipre, vontade que foi também respeitada por D. João III, que casou D. Isabel com o Imperador Carlos V.

Diz da beleza singular desta última princesa, que deslumbrara a Espanha — terra das mulheres bonitas, como escreveu o Conde de Sabugosa, elevou os dotes morais e espirituais da Imperatriz, fala da sua vida como Rainha, Esposa e Mãe, da sua morte prematura, e da dor imensa e sem fim de Carlos V, e do tremendo desgosto do Duque de Gândia, *daquella que veio a ser S. Francisco de Borgia e jurou junto da linda Imperatriz morta: «nunca mas! nunca mas servir aheor, até se me pueda morir»*.

Seguidamente, o orador, que domina inteiramente a assistência com o interesse da narrativa, a que não é estranha certa ironia fresca e a (a ironia é espelho da bondade) evoca o Paço da Ribeira, em Lisboa, e a mudança de costumes sociais na corte brilhante e faustosa de D. João V, o Rei Magnânimo, sob cuja égide as artes se desenvolveram como em nenhuma outra época, descrevendo com graça singular os elegantes e pitorescos *Faceiras e Bandarrinhas*, citando passagens interessantíssimas do «Anatomico jocoso».

Foca depois a vida da Família Real, os seus divertimentos e costumes, até ao momento em que os príncipes D. Maria Bárbara e D. José casaram, respectivamente, com o futuro Fernando VI e D. Maria Vitória, filhas de Filipe V de Espanha. Acompanha D. Barbara até ao vizinho reino, e a propósito da sua fidelidade proverbial, conta episódios e lances pitorescos, que a assistência sublinha com sorrisos. Define, porém, claramente, em termos judiciosos as qualidades excelentes do carácter da Princesa, que, apesar de feia, foi amada pelo marido e por toda a corte, dizendo que o Rei sofreu grande abalo com a sua morte vindo a morrer também pouco depois.

Finalmente, o sr. dr. Magalhães Basto teceu um hino de louvores á mulher portuguesa e espanhola, — á suavidade e ternura das suas almas, á afectividade dos seus corações, á excelência das suas virtudes sociais e domésticas — afinal o verdadeiro segredo, segundo o orador, do valor de Espanhóis e Portugueses, da grandeza e glória das duas Pátrias irmãs, que voltam hoje a afirmar a sua solidariedade para salvaguarda própria e garantia dos princípios mais altos do Espírito e da Civilização.

E assim terminou, por entre vibrantes e justíssimos aplausos, a belíssima e tocante evocação, que o sr. dr. Magalhães Basto fez das «Princesas de Portugal que reinaram em Espanha».

do Jornal de Notícias

31 - III - 43

*Repetição desta Conferência
no Teatro de S. João - 11/XII/45*

FESTA DE CARIDADE

Realizou-se ontem à tarde no S. João Cine uma festa de caridade a favor da confraria da freguesia de Nossa Senhora da Conceição. Nele usaram da palavra o sr. dr. Magalhães Basto e a sr.ª D. Maria Manuela Couto Viana. Na numerosa assistência foi-nos possível fixar o nome das senhoras:

D. Alzira Leite Pereira da Silva, D. Fernanda Barbosa da Fonseca, D. Laura Ana de Pina da Silva Leal, D. Maria Amélia Brandão de Carvalho, D. Maria Benedita Pinto Leite (Olivais), D. Maria Guilhermina Barbosa da Cruz e Silva, D. Maria Luisa Conceição da Costa, D. Maria Pereira Owen Pinheiro Torres, D. Maria Beatriz Leão, D. Maria José Pestana, D. Mariana de Castro Lemos, D. Fausta Marques da Fonseca e filhas, D. Maria Luisa e D. Maria Emilia, D. Maria Salomé Vasconcelos Pôrto, D. Maria Tereza Ferrão, D. Maria José Mendes Correia de Magalhães Basto, D. Maria de Lourdes Viegas, D. Maria de Lourdes Martins de Meneses, D. Pinto Machado e filha, D. Maria Clotilde, D. Maria Adelaide Pinto Machado Pacheco de Miranda, D. Maria Judith Pires de Lima e irmã, D. Maria Celina, D. Maria Amélia Seabra de Paiva Brandão, D. Maria Amélia Horta e Costa, D. Maria do Carmo Cabral e irmãs, D. Maria Helena Pacheco Calem, I. Maria José Cruz, D. Maria Irene Lacerda, D. Teodora Andreassen de Abreu, D. Maria Inês Mourão Viegas, D. Rita Vasconcelos Pôrto Wanzeller, D. Maria do Céu Fernandes, D. Maria Manuela Mourão, D. Maria Alice Alvares, D. Maria Eugénia Aurora e irmãs, D. Maria Susana Carneiro de Melo Nunes de Almeida, D. Maria da Glória de Azevedo Bous-ton, Condessa de Aurora, D. Ana José Guedes da Costa, D. Fernanda de Magalhães Van Zeller, D. Maria Vaz Fernandes Borges, D. Maria Borges Nunes e filhas, D. Maria José e D. Maria Helena, D. Estela Sprateley, D. Maria Francisca de Sá Carneiro, D. Ana Cincinato da Costa Pinho, D. M. Amélia Horta e Costa, D. Maria da Conceição Martins Furtado Aranha, D. Fernanda Costa Lobo Cid Monteiro, D. Maria Isabel Nunes de Almeida, D. Maria Augusta Seara Cardoso, D. Teodora Andreassen de Abreu, D. Hilda Brandão de Miranda e filha, D. Maria Teresa, D. Maria Amélia Seabra de Paiva, D. Vera de Paiva de Castel Branco Brandão, D. Maria Luisa Pizarro, D. Maria José Martins Furtado, D. Maria Isabel Alves Machado Guedes, D. Alexandra de Sarsfield Cabral, D. Maria de Lourdes Amaral, D. Alice Alvares, D. Maria Manuela de Medeiros Mourão, D. Maria de Lourdes Martins Pinto Machado e filhas, D. Maria Clotilde e D. Maria José, D. Maria Adelaide Pinto Machado Pacheco de Miranda, D. Suzana Carneiro de Melo Nunes de Almeida, D. Maria Amélia Brandão de Carvalho, D. Maria Pinto Leite Olivais, D. Maria Tereza Owen Pinheiro Torres, D. Eduarda Nunes de Matos, D. Irene Aarão de Lacerda e filha, D. Ilda, D. Joana Severiana de Magalhães, D. Helena Cadore Ressano Garcia, D. Albertina de Lemos Peixoto, D. Laura de Lemos Peixoto, D. Ilda Corrêa de Barros, D. Rita de Vasconcellos Pôrto Van Zeller, D. Aurora Jardim do Valle, D. Paulina Carqueja Seara Cardoso e filha, D. Maria Helena Calem e filhas, D. Alice Marinho Calem, D. Madalena Amado Leite de Castro, D. Maria Amélia Cruz e filha, D. Alzira Pereira de Carvalho, D. Luisa Grey Uorchand, D. Fausta Marques da Fonseca e filhas, D. Maria Luisa de Magalhães Bastos e filha, D. Mariana Roquette, D. Elvira Teixeira Abrantes de Mello e filha, D. Maria do Carmo Rebello Valente Olazabel.

Monta; 2—ca
siação; te
quear; le
—parvos;
to; 8—ped
9—costum
com veget
Cidades
VERTIC
Invencive
zelo (inv.);

PRINCESAS DE PORTUGAL

RAINHAS DE ESPANHA

(Evocação Literária)

-:-:-:-:-

-:-:-:-:-

-:-:-:-

:-:

Conferência pronunciada
na Sala Salazar (Facul.
de Ciências da Universi-
dade do Porto) em a noi-
te de 30 de Março de 1943.

por

A. de Magalhães Basto

Senhoras e Senhores !

Quando, na sexta-feira, 19 do corr., sentado ali, naquele lugar, acabei de ouvir a conferência admirável do Snr. Consul de Espanha no Pôrto - (a quem dirijo, neste momento, a saudação mais calorosa e amiga) - senti-me tentado a arranjar qualquer pretexto aceitável que servisse de desculpa à minha escusa de vir hoje aqui.

É que tive imediatamente a antevisão nítida da situação delicada em que agora me encontro - qual é a de falar perante uma assembleia que, por certo, tem ainda vibrante nos ouvidos a palavra colorida, erudita, apaixonada e eloquente do Snr. D. José Erice ...

Porém, era já demasiado tarde para voltar atrás.

Esta espécie de torneio de amizade luso-espanhola estava anunciada como devendo constar de duas sessões.

Não me ficava bem desistir ...

Tinha que vir - e vim !

Aqui estou ...

E seja o que Deus quiser.

X

Princesas de Portugal, Rainhas de Espanha !

Que tema imenso e sugestivo de evocações !

Desfila ante a nossa imaginação a refulgir pedrarias, com frou-

frous de sedas e reflexos cintilantes de brocados, um cortejo magnífico de Donas dos Tempos Idos - perfis de rainhas, - testas coroadas, se nem sempre (as excepções são raras) extremamente lindas, invariavelmente almas de eleição, feitas de nobreza e sonho, de delicadeza e ternura, de abnegação e sacrifício.

Felizes em sua vida umas, desditosas outras; umas queridas, outras desprezadas; umas gloriosas, outras esquecidas; mas tôdas dignas - ou pelo bem que serviram Portugal e a Espanha, ou pelo muito que amaram, ou pelo muito que sofreram, - tôdas dignas da nossa atenção e do nosso interesse, como figuras integrantes que foram da História de Espanha e de Portugal.

Princesas de Portugal têm sido Rainhas de Espanha desde os tempos cavalleirescos mas de paixões desenfreadas e costumes rudes da Idade - Média; houve-as, numerosas, na época policiada e brilhante do Renascimento; e interrompida a série durante mais dum século, ela foi reatada, já próximo de nós, no doirado, voluptuoso e galante séc. XVIII, para logo terminar nos começos do séc. XIX.

Abre a lista nos alvares da nacionalidade a Princesa D. Urraca, filha de D. Afonso Henriques, a qual tendo casado "com Fernando II de Leão, foi por êste repudiada 10 anos depois, a pretexto de parentesco que invalidava o matrimónio".

Analogamente succedeu ainda no séc. XII, com duas princesas, irmãs e também portuguesas, das quais se diz "que no seu tempo ninguém as igualou na formosura do corpo e menos na santidade da vida"⁽¹⁾ : San-

(1) Fr. Bern. de Brito. Cr. de Cister, liv.6, cap.31 e 35.

ta Tereza e Santa Mafalda, filhas de Sancho I. A última foi mulher de Henrique I, de Castela; a outra de Afonso 9.º de Leão.

Vem a seguir, envolto em meias sombras, o vulto de D. Constança, filha de D. Diniz e da Rainha Santa. Casada, ainda menina, com Fernando IV de Castela - D. Constança foi o penhor da paz de Alcanises, que pôs termo à guerra entre Portugal e aquele reino.

Surge depois a figura torturada de Maria - filha do nosso Afonso IV, espôsa de Afonso ~~XI~~ de Castela. Infeliz como espôsa e como mãe ! Espôsa, sofreu os mais profundos vexames do Rei e de Luisa de Gusmão, sua favorita; mãe, viu-se obrigada a fugir horrorizada para Portugal, perante o furor sanguinário de seu filho Pedro, o Crú (contemporâneo do nosso Rei de igual nome e cognome).

Mas um inestimável serviço deve a civilização cristã a essa desventurada Rainha, a quem o nosso Épico chama a formosíssima Maria, quando no-la apresenta como embaixadora de Afonso XI à Côrte lusitana :

Acude e corre, pai, que se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres*

E nos campos do Salado, como antes em Navas de Tolosa, e mais tarde (no tempo das guerras peninsulares, ou em nossos dias) espanhóis e portugueses, lado a lado, lealmente, bateram-se pela defesa da sua fé, dos seus ideais comuns, dos seus destinos, da sua civilização.

Imprecisa e fugitiva passa agora a figura de D. Beatriz, filha de D. Fernando, e de Leonor Teles, esposa do rei castelhano D. João I.

Infeliz na vida e infeliz na morte, espanhóis e portugueses a esqueceram - e nem sequer se sabe ao certo onde foi sepultada ...

Segue-a Isabel, filha do Infante D. João de Portugal, neta do Mestre de Aviz, e mulher de D. João II de Castela. Só teve uma filha. Mas essa lhe basta para sua glória, pois se chamou Isabel, a Católica.

Vem depois D. Joana, filha póstuma de D. Duarte, mulher de Henrique IV - mãe daquela Excelente Senhora, que - segundo creio - a paixão política e a grande causa da unificação de Espanha infamaram em Castela, com o apêdo de Beltraneja.

E entramos no séc. XVI em que surge irradiante de beleza a Imperatriz Isabel de Portugal, mulher de Carlos V!

Longos anos se passam em que as famílias reais e os governos de Portugal e Espanha vivem desentendidos, até que no séc. XVIII Portugal dá à Espanha uma outra grande Rainha, D. Maria Barbara de Bragança, filha de D. João V. A série é encerrada nos começos do séc. XIX com D. Maria Isabel, mulher de Fernando VII.

Evoquei vertiginosamente e de relance tôdas as princesas de Portugal que foram Rainhas de Espanha.

Impossível é, porém, falar aqui de tôdas elas, da sua vida, das suas qualidades ou defeitos, da sua acção, do seu meio, da sua época - com o desenvolvimento necessário.

V. Ex.^{as} conhecem a Electra e os Fantasmás ?

Eu declaro que não conheço.

Sei apenas (como de-certo, todos V. Ex.^{as}) que é uma trilogia

de tragédias à moda grega, em cena no Teatro Nacional de Lisboa, e cuja característica mais excepcional é constar nada menos que de catorze actos, que nos primeiros dias se representavam todos numa noite, começando o espectáculo às seis da tarde e acabando às 2 da madrugada. Pois muito bem. O meu tema, se eu o tomasse à letra, se eu houvesse de fazer aqui a história circunstanciada de todas as princesas portuguesas que no decurso dos oito séculos da nossa vida nacional se sentaram em tronos de Espanha, teria a Sala Salazar de haver convidado V. Ex.^{as} a virem ocupar essas cadeiras antes do jantar, devidamente municiados de merendeiros e com o sono em dia, para se poderem demorar e resistir a uma leitura que só acabaria quando a luz do alvorecer começasse a entrar além pelas vidraças.

Tranquilize-se porém o auditório.

Não demorarei tanto tempo.

Se bem que estejamos na quaresma e em época de penitência (como lembrou, com fino espírito, na sessão passada, o ilustre Cônsul de Espanha) não abusarei da paciência dos meus amáveis ouvintes por tempo superior à hora regulamentar e consagrada, - embora com sacrifício da vastidão do assunto que me foi dado por tema.

Sim : que me foi dado por tema !

Havia dois, como sabem; destinaram-me êste de Princesas de Portugal Rainhas de Espanha. Não fui eu que o escolhi.

Friso esta circunstancia porque em boa verdade, em vez de falar das portuguesas - mesmo que sejam Princesas - gostaria mais de falar das espanholas.

Não por um requinte de galantaria para com estas, ou por qualquer mal-entendido com aquelas.

A razão é muito diferente ...

É que tendo eu de falar das portuguesas, aquilo que de elogioso disser a seu respeito pode ser posto em dúvida por quem me não conheça, levando-o à conta de algum pretenso exagero do meu amor patriótico.

Dêsse perigo me procurarei contudo livrar, citando as fontes das minhas informações, e sempre que puder reproduzindo apreciações de origem espanholas.

X

Na sua admirável evocação histórica e literária de há dias o Snr. D. José de Erice deixou-nos na Côrte do nosso D. Manuel I, em 1517, ao abrir-se a sepultura que recolheu os restos mortais de D. Maria, - aquela Roja Flor, que em vida fôra tão feliz quão desditosa sua irmã Isabelita, a Rosa Florida, que havia sido também Rainha de Portugal, e sucessivamente espôsa do Príncipe D. Afonso e do Rei Venturoso. Em volta do corpo frio e inanimado de Maria choravam perdida-mente oito crianças, seus filhos, dos quais os mais velhos eram o príncipe D. João, de 15 anos; Isabel de 14; Beatriz de 12.

A Rainha morrêra. Passaram ~~os~~ meses e ~~os~~ anos ... Mas o seu coração extremosíssimo de Mãe continuou velando pela felicidade dos filhos e principalmente pela de Isabel e Beatriz. Não é isto mera flor de retórica. Provo-o invocando o testamento, de 26 de Julho de 1516 redigido em castelhano, com que D. Maria faleceu e no qual fôra inscrita uma cláusula, que dizia :

- Item, suplico al Rey, mi señor, que de ningún modo case a
nuestras hijas sino con Reyes o hijos de Reyes legítimos, y se esto
no pudiese ser, que las meta monjas, aunque ellas no quieran, porque
mejor estarán sirviendo a Dios que no casadas dentro del Reino, ya
que bien sabe Su Alteza cuantas penas tiene pasadas su hermana por
haberse casado en el Reyno; y a ellas ruego y pido que no se casen
sino como aquí va dicho, aunque Su Alteza lo mande, bajo pena da mi
«bengoa»!

Só em 7 de Março de 1517 a Rainha deixou de existir.

Mas de-certo que já no seu leito, de moribunda, preocupada com o futuro das filhas, a quem tanto amava, mais duma vez se teria desenrolado, ante seus olhos pávidos, a visão da tragédia sangrenta, estranha, shakespeareana que fôra a vida matrimonial de sua cunhada, a benemérita fundadora das Misericórdias, a Rainha D. Leonor, mulher de D. João II; êste, a quem a História deu o cognome de Príncipe Perfeito, fizera degolar o con-cunhado, o Duque de Bragança, e apunhalara pelas suas próprias mãos o cunhado, o Duque de Viseu - o irmão mais querido de D. Leonor !

- Não ! Não ! Exclamaria a moribunda : - Antes minhas filhas
sirvam a Deus enclausuradas num Mosteiro que se sujeitem a uma vida
assim!

E o eco destas palavras, proferidas quási de além-túmulo, não se extinguiu mais nos ouvidos de D. Manuel.

D. Maria morreu, como disse, em 1517. Isabel tinha 14 anos; Beatriz tinha 12. Quatro anos depois, partia para Nice a infanta Beatriz, já Duquesa de Saboia, Rainha de Chipre, Princesa de Piemon-

te, de Acaia e de Moreia; Duqueza de Aosta e de Chablais; Marquesa de Itália; Condessa de Genebra, de Nice, de Asti, de Bresse e de Romont; etc., etc. ⁽¹⁾ *Beatriz já estava arrumada.*

e nisso tinha passado longamente
Faltava casar Isabel. Porém, no dia 13 de Dezembro daquele mesmo ano de 1521, quasi inopinadamente D. Manuel baixou ao túmulo sem que o ~~assunto~~ ^{delicado problema} ficasse resolvido. Sentindo a morte próxima, elle teve, no entanto, o cuidado de chamar seu filho e sucessor D. João III à cabeceira do seu leito e obrigá-lo a dar a sua palavra de honra (segundo Frei Luís de Sousa) não só de que, não contrairia matrimónio sem estar resolvido o casamento de Isabel, mas também de que faria quanto pudesse para que Isabel casasse "com o primeiro e maior Senhor da Cristandade". ⁽²⁾

Quem elle fôsse não o disse, talvez, D. Manuel expressamente. Mas não se tornava necessário. O maior senhor da Cristandade na primeira metade do séc. XVI era incontestavelmente Carlos I de Espanha e ~~V~~ ^{Imperador} da Alemanha.

Fernando, seu avô materno, morrera em 24 de Janeiro de 1516; e como Joana, sua mãe, estivesse completamente louca, logo Carlos entrara a governar a Espanha e seus vastíssimos domínios - em que se incluía toda a América latina, à excepção do Brasil. O Imperador Maximiliano, seu avô paterno, faleceu em 1519, e em 1520 Carlos I, de Espanha fôra eleito Imperador da Alemanha.

(1) Cfr. Vales Failde - La Emperatriz Isabel, Madrid 1917, pg.105.

(2) Vales Failde - ob. cit. 108. - Frei Luís de Sousa - Annaes del Rei D. João III, L.xa 1844, pg.40.

Tinha 20 anos. Era saudável; forte de corpo e de alma; inteligentíssimo; bem parecido ... e solteiro !

(Imaginai vós - ó jovens que andais procurando um marido !- quantas Princesas não haveria no mundo suspirando por Carlos V !

Pois, como é sabido, de tôdas as que o desejaram, a preferida - depois de assim o pedir a Espanha inteira !- veio a ser Isabel de Portugal, prima de Carlos e apenas três anos mais nova do que êle.

Pelo momento, porém, a alta política do Império absorvia inteiramente Carlos V e não lhe deixava tempo para mais nada.

As rivalidades entre a Casa de França e a Casa de Austria acabavam de deflagrar com a eleição de Carlos para Imperador da Alemanha. Em 1521 tinham começado as guerras que durariam trinta anos./ Depois de batalhas e episódios vários, ao quinto ano dessa luta Francisco I caía prisioneiro de Carlos V em Pavia.

Ora foi justamente nesse mesmo ano de 1525, nas Côrtes reunidas em Toledo, que "todos os reinos de Castela", desejosos de ver o seu jovem Imperador e Rei tomar estado, para dar sucessão ao trono, houveram por bem mais uma vez de lhe rogar que sem demora escolhesse espôsa, digna dêle e da monarquia; acrescentando textualmente :-
-"e tenha (S. Mag.) em memória que a Infanta D. Isabel, irmã do Rei de Portugal (D. João III) é hoje uma das excelentes pessoas que há na cristandade e mais conveniente para imediatamente se poder efectuar o casamento - e dele receberão êstes Reinos singular mercê e benefício".

O desejo de D. Manuel, o Venturoso (que D. Maria, se fôsse vi-

va, sem dúvida alguma aprovaria) ia tornar-se realidade por vontade unânime da Espanha !

Tão extraordinários eram os méritos de Isabel - diz o historiador espanhol Padre Henrique Florez - que brilhavam ao largo e ao longe; assim devia ser, pois que uma nação inteira, gloriosa e grande, os consagrou !

Permita-se-me, em parêntesis, observar que naqueles tempos a mulher portuguesa disfrutava na Europa uma situação do mais invejável prestígio. (Hoje, não sei, ^{mas estavam ainda normalizadas as} por ~~difficuldade de~~ comunicações internacionais ...)

Observa aquêlê facto por exemplo no comêço do séc. XVII, Duarte Nunes de Leão, ao afirmar que - "muitos homens ilustres de outras nações" vinham de longes terras escolher espôsa entre "o bom mulhe-rigo de Portugal"(a frase é de Duarte Nunes de Leão).

E o mesmo escritor acrescenta as seguintes palavras, saborosas e consoladoras para as minhas compatriotas :

"Esta grande estima em que as mulheres portuguesas estão navidas no mundo não é sem razão, porque nos rostros têm muita honestidade, e ~~autoridade~~ autoridade; nos meneios e assossêgo de suas pessoas suavidade; e graça no falar, grande ar no vestir, e muita venustidade (formosura graça) no parecer. Nas perfeições de suas mãos, nos labores e offícios de mulheres, nas conservas e cousas de comer para doentes e sãos, nos perfumes, na polícia e limpeza de suas casas, no regalo com que curam seus doentes, - reparai bem ó Senhoras que me ouvís - em tudo isso elas são únicas no mundo".

E diz ainda :

"Quando o Imperador Carlos V já viuvo se veio recolher em Espanha na Beira de Placência, vendo-se doente e só, e lembrando-se das perfeições das Donas portuguesas que em casa da Imperatriz sua mulher andavam e da limpeza e mimo com que curavam aos enfermos, mandou a Portugal pedir à Rainha Dona Catarina sua irmã lhe mandasse uma das suas donas para o curar e ter cargo dele. A qual foi e o curou e alimpou e o regalou e acompanhou até que Deus o levou para si".⁽¹⁾

Não admira por tudo isto que sejam às centenas as portuguesas que por suas qualidades morais, ou por suas graças, donaire e beleza física, fizeram estarrecer de amor nos velhos tempos os mancebos castelhanos. Para exemplo citarei apenas uma entre tantas : D. Isabel Freire, formosíssima dama da côrte da Imperatriz Isabel, em cuja companhia foi para Castela, e que já antes em Portugal despertara em Sá de Miranda uma ardentíssima paixão. Isabel Freire foi a Celia da célebre égloga do mesmo nome daquele poeta português, e foi em Espanha a Elisa dos olhos divinos, ruivas tranças, "bragos e mãos de alvura imaculada", cuja morte prematura Garcilaso de la Vega, - príncipe dos poetas castelhanos - chorou amargamente em Églogas e Sonetos imortais

Embora não venha muito a propósito, direi também (se as Senhoras que me ouvem mo permitem) que igualmente nós, homens portugueses, gozamos naqueles tempos de especial cotação em Espanha.

Eramos tão firmes em nossas convicções, que, segundo Cervantes (o glorioso autor de D. Quixote), corria na Espanha a fama de que era quási "costumbre el morir de amor los Portugueses". E não resisto à tentação de lhes recordar de passagem o conhecido e delicioso

(1) fls. 140v. - 141

epigrama de Lope de Vega, a um Português que chorava: (a tradução é minha)

- A um Português que chorava

Preguntaram a razão;

Respondeu que... "o coração,"...

E que enamorado estava.

Por mitigar sua dôr, dedos afilados, (tão

Lhe perguntaram de quem;

Respondeu que de ninguém;

"Lloraba de puro amor".

Mas voltemos ao nosso assunto !

O Sonho de D. Manuel, o Venturoso, tornou-se realidade !

Menos de um ano decorrido sobre as Cortes de Toledo de 1525 Isabel de Portugal era Rainha de Espanha e Imperatriz da Alemanha !

Nas azas da fama (diz Vales Failde, um dos mais modernos e copiosos biógrafos da Imperatriz) tinham, havia muito, voado até Castela notícias da formosura, da bondade, da discreção e demais virtudes de Isabel; mas quando em Março de 1526 ela chegou a Sevilha os espanhóis afirmaram deslumbrados que a realidade superava em muito a fama e que jamais haviam contemplado mulher tão bela como a augusta espôsa do Cesar. A tôdas parecia. diz Vales Failde, una de las mujeres mas hermosas del mundo.

Posso portanto fazer minhas e empregar a respeito de Isabel, as palavras que, referindo-se à formosíssima Joana, filha de D. Duarte, mulher de D. João II de Castela, ~~a que já aludi~~ ^(de nosse), escreveu com verdade absoluta e palaciana galantaria, o Snr. Conde de Sabugosa -

"Isabel de Portugal deslumbrou a terra das mulheres bonitas". Que mais é preciso para acreditarmos na sua estupenda beleza !

Da sua figura olímpica, serena e magestática deixou-nos Ticiano um retrato inesquecível, que se guarda hoje no Museu do Prado. - Além da delicadeza dos traços fisionómicos da bela Imperatriz (testa espaçosa, "olhos grandes, doces, languídos e gargos", nariz levemente aquilíneo, boca pequena e correctíssima, dedos afuselados, cutis alvíssima), podem-se admirar nessa mágica pintura a suntuosa elegância do trajar da filha de D. Manuel I.

O eminente escritor e académico Snr. Dr. Júlio Dantas - a cujo altíssimo espírito rendo as minhas homenagens - diz, porém, que Ticiano pintou o referido retrato sem conhecer o modelo, pelo que essa imagem não oferece garantias de corresponder ao original. Para o Snr. Dr. Júlio Dantas, o verdadeiro retrato de Isabel parece ser o que nos dá a medalha mandada cunhar por Carlos V em Paris e em que Isabel nos surge (reproduza as palavras inverosímeis e cruéis do gentilhomêscio autor de Ao ouvido de Madame X) "em que ela nos aparece como realmente era, feia, prognata, grande nariz, beiços grossos, exorbitismo considerável, portadora enfim dos estigmas somáticos de degenerescência característicos dos Habsburgos de Espanha e de Portugal".

Que o insigne Presidente da Academia das Ciências de Lisboa me perdoe !

Mesmo que não seja contestável, ao contrário do que me parece, a afirmação de se encontrarem na medalha os caracteres somáticos que o Snr. Dr. Júlio Dantas refere não julgo que baste o testemunho isolado dum abridor de cunhos, cujo escrúpulo e fidelidade não conhecemos, - para destruir as afirmações concordes de quantos, desde então

até hoje, exaltaram a formosura de Isabel de Portugal.

Atrevo-me a afirmar pois que, até prova mais cabal em contrário, continuar-se-á a julgar a imperial mulher de Carlos V perfeita e linda como no-la mostra o quadro mágico de Ticiano.

E prossigamos, que o tempo começa a apertar e é longo ainda o nosso caminho.

Fisicamente bela, menos notáveis não foram, sem dúvida, os dotes morais e espirituais da Imperatriz.

Carlos V encontrou em sua espôsa a companheira ideal. Inteligente, activa, paciente, carinhosa e meiga, soube criar-lhe um lar feliz, em cujas alegrias ele tanta vez se retemperou para as ásperas lutas do seu reinado.

Jamais mulher alguma foi mais escrupulosamente fiel ao seu amor, nem mais cumpridora dos seus deveres de Rainha, espôsa e mãe, do que Isabel. Espanhola pelo casamento, portuguesa e espanhola pelo sangue, soube ser patriota em Portugal e Espanha.

Extremamente culta, presava a literatura, falava diversas línguas, amava as belas-artes, sobretudo a música, em que foi profundamente entendida. Nem por isso descuidava os comésinhos trabalhos domésticos, os cuidados com os filhos, o manejo da roca e do fuso, a costura e os bordados; e não garanto ... - mas, como boa portuguesa do séc. XVI, decerto também não seria totalmente estranha, pelo menos à teoria da nobre Arte da Culinária.

Impossível se me torna, por falta de tempo, pormenorizar a vida de Isabel durante os seus treze anos de casada.

Recordarei apenas que por várias vezes a Imperatriz assumiu, com superior inteligência, energia e tacto político, o governo da Espanha, quando Carlos V era forçado a ausentar-se por motivo das suas guerras demoradas com Francisco I, de França; das lutas e discordias religiosas desencadeadas por Lutero, na Alemanha; ou por quaisquer outros dos muitos e complicados negócios políticos dos seus vastíssimos domínios.

Treze anos eram passados.

Isabel tinha já dado à Espanha cinco príncipes, e sofrera a dôr inenarrável de ver voarem-lhe, dois deles, dos braços para Deus.

Estava-se na primavera de 1539. A Côrte encontrava-se em Toledo e avisinhava-se a hora em que a Imperatriz ia dar à luz seu sexto filho. Mas num momento a aza negra da tragédia passou.

No dia 21 de Abril o pequenino ente nasce sem vida, à mãe sobrevem uma febre puerperal e ao cabo de breves dias Isabel tinha deixado de existir !

Contava então apenas 36 anos de idade !

O inesperado e brutalidade da desgraça comoveram tôda a Espanha !

Renunció a descrever a dôr de Carlos V. De tão profundo golpe nunca mais a sua alma convalesceu. Novo ainda, nunca mais casou, e quando, dezasseis anos volvidos, tendo abdicado do governo do seu império, se refugiou solitário no Mosteiro de Yuste, onde foi esperar a morte, levou consigo o famoso quadro da Glória, pintado por Ticiano - para ter sempre diante dos olhos, no seu quarto de dormir, a imagem material da sua amada.

Mas essa linda mulher ao deixar ao mundo fez mais do que alucinar de dor e despedaçar como frágil brinquedo de crianças a alma de aço dum herói ; Isabel ao morrer deu à Igreja um Santo - que hoje o mundo católico adora nos altares.

Contou-o em páginas impressionantes, vigorosas, inolvidáveis, o eminente prosador e académico Snr. Dr. Antero de Figueiredo, perante quem me curvo respeitosamente.

Quando o cortejo fúnebre de Isabel, (ido de Toledo), chegou (depois duma jornada de 12 dias e 12 noites) a Granada, e na Catedral desta cidade foi aberto o caixão para a cerimónia protocolar do reconhecimento do cadáver, o Marquês de Lombay, Duque de Gandía (que desde moço vivera na corte da Imperatriz, a quem talvez amara em segredo), teve uma comoção imensa ao ver a face decomposta, o corpo putrefacto de que se exalava um cheiro nauseabundo, ao contemplar os miserandos restos daquela que pouco antes era ainda a mais linda mulher do seu tempo !

"Que ligação profunda !

E "apiedado de si próprio (escreve Antero de Figueiredo numa breve mas fulgurante síntese de reconstituição psicológica) apiedado de si próprio, considera na mísera condição humana. Como a formosura é coisa efémera; como ela é flor de um dia; como ela passa num ai!

No coração dêste homem estalam tempestades de sentimentos; estrugem mundos de pensamentos dentro do seu crâneo convulso. Mas já o clarão das verdades eternas ilumina as criptas mais recônditas do seu ser; e uma sapiência celeste lhe ilustra a mente; reconhece agora que maior que a vida ostentosa nos faustos da corte é a vida humilde

na pobreza dos claustros; - maior que as rainhas da terra é a rainha do céu. Então êsse homem ainda novo, sadio e belo, quarto Duque de Gandía e primeiro marquês de Lombay, tão vexado se sente em suas ilusões (e quem sabe se repêso das suas fraquezas de algum dia ...) que exclama no tom esmagado, no tom doloroso das vagas recriminações:

- "Nunca más, nunca más servir Señor que se me pueda morir.

Escusado julgo acrescentar que o Duque de Gandía ingressou na Companhia de Jesus, e é hoje S. Francisco de Borja.

X

Devagarinho, pé ante pé, em silêncio, para que não perturbemos o último sono de Isabel de Portugal, deixemos a Espanha, mergulhada no seu luto e na sua dor - e regressemos a Lisboa. *onde vai nascer a outra princesa portuguesa de quem me propus falar-vos.*
Já não estamos no séc. XVI.

Duzentos anos são volvidos desde que de cá ^{Lisboa} partimos. *para o Castelo.*

Aparentemente, porém, a cidade não mudou.

Olhem, lá no alto, no Castelo, ^{do Castelo} a velha Alcaçova real, onde Gil Vicente recitou, num dia histórico, o Monólogo do Vaqueiro, e nasceu o teatro português !

Olhem a Rua Nova - velhinha de séculos, mas ainda animada e louga como no tempo em que fôra o grande centro cosmopolita de negócios de especiarias, porcelanas, tecidos, rubis e esmeraldas trazidas pelas náus da Índia, no reinado magnífico do Venturoso !

Eis-nos no Terreiro do Paço, mas antes ainda do Terramoto. Lá

está remirando-se no Tejo, o Pago manuelino da Ribeira, que deu o nome ao Terreiro, ^{do Pago} nome que durará pelos séculos dentro, pelos séculos adiante, sem fim !

Vêde-o a êsse elegante palácio real da Ribeira, ainda com as linhas inconfundíveis que lhe deu o honrado André Pires, Mestre de Pedraria de D. Manuel 1.º "seu coruchêu doirado, sua varanda-das-damas, seu fortim debrugado sôbre o rio".
 Que saudades terá este velho solar real, das resplandcentes e alegres festas que lá se ^{realizaram} ~~dezen~~, quando os seus salões ^{sumptuosos} ~~sumptuosos~~, de paredes revestidas de tapeçarias de maravilha, ^{vieram} ~~viam~~ desfilar os Embaixadores de Veneza. (no séc. XVI)

Sim ! Que saudades terá o Pago da Ribeira dessa esplendorosa era manuelina ! Que saudades terá êle até, - quem sabe?! - das correrias que atravez de suas salas fazia, menina e moça, a linda Isabel de Portugal ^{filha de D. Manuel} ~~que casando com Carlos V de Austria e de Espanha~~ ^{viria Imperatriz do maior império que houve no Mundo.} ~~Viria Imperatriz do maior império que houve no Mundo.~~
 A cidade, as ruas, e os edifícios, sem alterações sensíveis, são os mesmos! ^{do séc. XVI} Mas estamos nos começos do séc. XVIII. A gente, os tempos e os costumes é que são outros.

Já os olhos e as almas se não voltam para a India.

O sonho alucinante das riquezas do Oriente acabara em tragédia e fumo ! Sonha-se agora outro doirado sonho que vai começando a tornar-se realidade: o das minas de ouro e diamantes do Brasil. [§] Eu disse que ~~aparentemente~~ o Pago da Ribeira é o mesmo. Sim! Todavia, lá por dentro... - oh! ninguém imagina o que lá vai!

Em vez dos écos das cnaramelas, sacabuxas, rabecas e alaúdes, das dansas, das alegres gargalhadas provocadas pelos aitos de Mestre

Gil, o que agora sai pelas amplas janelas daquela antiga residência real, abertas de par em par, é o som das pancadas secas, estríduladas e dissonantes dos martelos dos carpinteiros, a cantilena monótona dos pedreiros e, de mistura, nuvens sufocantes do pó de calça das demolições.

A causa de tudo isso, di-lo (em cartas datadas de Lisboa, em Julho, Agosto e Setembro de 1708) o grande diplomata português José da Cunha Brochado, dando notícias da Corte, ao seu amigo o Conde de Viana: - D. João V acabara de casar por procuração com D. Mariana de Áustria, filha de Leopoldo I, Imperador da Alemanha. O Paço da Ribeira estava sendo virado do avesso, quer dizer, estava sendo refrescado, *completamente transformado*, modernizado e decorado, para receber e abrigar, com a inultrapassável magnificência de que D. João V se rodeou sempre, a nova Rainha de Portugal.

- "Creia V. Ex.^a (dizia Cunha Brochado ao Conde de Viana): podia-se fazer um palácio novo com o dinheiro que se tem gastado em concertos e remendos interiores" do velho. *Mas o Palácio da Ribeira, no fim das obras, parecia acabado de construir!*

A Rainha chegou em Outubro. Muitos arcos, muitas luminárias, muita alegria, consecutivas festas públicas de inconcebível ostentação e espanto! Dias depois Brochado comunicava ao amigo as suas impressões sobre a nova soberana:

- "A Rainha possui todas as virtudes que são necessárias para fazer e constituir uma perfeita majestade [...]"

11 É muito culta: fala alemão, francês, italiano, espanhol, e latim; ama a caça e o exercício físico, pouco devendo, no entanto, à formosura: trouxe consigo duas alemãs, que, para lhe fazerem honra

(advertia o malicioso diplomata) "são duma excelente fealdade".

Passadas semanas tudo no Paço continuava a ser magnífico; enorme o concurso de gente, e espantosa a animação. Parecia ter-se voltado aos tempos doirados e alegres da Côrte de D. Manuel I.

E o nosso informador acrescentava ! "Cuida-se em que vai haver jogo, e não falta quem diga que assim se faz nas demais Cortes [...]. Houve reforma dos trajos ou das caudas, e outras minudências de que não estou bem informado [...]. El-Rei N. Senhor quer que se imite o que é bom, e que tudo se dirija pelas côrtes estrangeiras".

A mudança dos costumes também se manifestava na alimentação: - "A mesa de El-Rei" ao jantar, "se cobre três vezes, sendo o último serviço todo de massas ..." e as refeições decorriam acompanhadas pela "harmonia dos instrumentos e das vozes que" chegam "da ante-câmara da Rainha, aonde frades reverendos e clérigos sizudos cantam motetes muito alegres, em que as alcatifas são as primeiras prejudicadas".

Digamos tudo numa palavra:

Houve, de facto, nessa época uma verdadeira transformação do costume em Portugal.
Tomou-se para modelo o estilo de Versailles. Tudo se havia de fazer como na Côrte de Luís XIV.

A moda de França imperou então soberanamente em Portugal.

~~Se me permittem eu conto ainda um outro parentese na história da moda principal. A moda de França imperou sobre nós.~~

As lojas de Lisboa, encheram-se de fatos, de meias, de calçado, importados de Paris. Até as cabeleiras feitas em Portugal não serviam, e passou-se a mandar vir cabeleiras de França.

Encheu-se a cidade de modistas, alfaiates e cabeleireiros franceses; apareceram cozinheiros estrangeiros; vieram de fora mestres de línguas e de boas maneiras; mestres de dança, bailarinos

de línguas, e boas maneiras; mestres de dança; bailarinos e cantoras, estes sobretudo italianos. E como o ouro do Brasil começava a aparecer também, dentro em pouco toda a burguesia lisboeta vestia à francesa, comia à francesa, divertia-se à francesa.

Criaram-se dois novos tipos sociais: o do Faceira ou Turina, e o das Frangas, Bandarrinnas ou Sécias - isto é o das vítimas da moda, daqueles que se lhe escravizavam, exagerando-a até ao grotêsko. Descreve-nos êsses tipos curiosíssimos o Anatomico Jocosso, publicação anónima daqueles tempos - talvez a mais espirituosa sátira de costumes que algum dia se escreveu em Portugal.

Vejam, de relance, o Turina.

Enorme cabeleira empoada, de cachos e de rabicho; casaca, colete e calções de seda, cada peça da sua mais berrante cor, e segundo o modelo do último estrangeiro que na Corte apareceu; camisa de bofes e de punhos de renda; sapatos de fivela de prata e de tacão encarnado; quitô (ou espadim) ao lado; luvas de manopla, calçadas, para fazer o brago mais corpulento; chapéu de bicos na mão, em jeito de quem pede para as almas, ou debaixo do brago esquerdo a mamar no sovaco ("chapéu de três ventos, que, com o que tem na cabeça, fazem quatro") - a mão direita no seio em postura de frio, ei-lo aí vai aos pulinhos, pelas ruas de Lisboa galante do Sennor D. João V, o turina, o faceira, o cerolico.

Reparem bem nesse precioso espécime (símbolo daquela época, como o são da nossa os conhecidos Tirones): - "As pernas ao lançar zambas, ao pôr inteiriçadas, bamboleado de corpo, aframengado de gesto, tem no rosto a expressão estudada que para aquele dia, cuidadosamente, pela manã ensaiou ao espelho (carinha de olhos dormidos, arsinno

de melancolia carregada, boquinna de jarro, etc.)

Ele aí vai, talvez de palito vadio na boca, para fingir que almoçou; todo compenetrado de si, da sua distinção, da sua elegância, ele aí vai direitinho a alguma missa ou lausperenne, ou à comédia, à ópera ou aos touros - se houve generoso amigo que lhe pagasse o camarote, pois que o Faceira genuíno tem pelo menos três vãos: a cabeça, a barriga e a estômago.

Entrou além numa Igreja, cujo sino ainda agora tocou a última vez para a missa.

Sigamo-lo e observêmo-lo de longe.

Meteu-só de toque! - o dedo enluvado na pia da água benta e (de luva calçada) se benzeu. E enfiou pelo meio da Igreja acima, coleando a cabeça, de olhar entre carregado e pisco, (para ver tudo e fingir que não vê nada) - rapando e arrastando os pés, para que as mulheres acudam à bulna. / Depois de ter sotrivemente inspeccionado o belo-sexo, chegou à capelamór, onde se postou, mas de costas quasi voltadas para o altar, a fim de admirar e poder ser apreciado pelo elemento feminino que ficou cá em baixo.

Durante a missa o nosso elegante não se dignou pôr mais que um joelho em terra - costume novo muito fino - sem que no entanto lhe tivessem esquecido "as circunstâncias de se levantar ao Evangelho, com as pernas largas", isto é, muito abertas - e de fazer as devidas cortesias ao padre com trocadilhos e sarilhos das ditas pernas. Nisto e em pouco mais (em afagar com extremos de cautela os mostachos da cabeleira; em passar o lenço de rendas pelo rosto, como quem está encalmado ou aspira um perfume, que, na realidade não existe;

em fingir, de vez em quando, ^{-desculhem!!!-} um arrotinho indiscreto, que aparenta fartura e afidalga muito) - nisto e em pouco mais se passou a missa; Á! faltou dizer que o presumido bonèquinno, (perito no namoro de centurio, de estaca, de estafermo, etc.) estava sempre a deitar o anzol "no pégo do auditório; se picasse o peixe mulher" imediatamente lhe teria lançado "a isca de namoratoria".

Não tenho tempo para lhes descrever a França, a Bandarrinha ou Sécia.

Mas todos V. Ex.as decerto as estão imaginando, com os seus sinazinhos de tafetá a pintalgar-lhes o rosto (o tentador, o provocante, o beijocador...) os seus inverosímeis e altíssimos toucados; decotadas até onde não sei dizer, mas cobertas com um pesado manto negro - da cabeça até à ponta dos pés, quando saem á rua. Só se lhes vê, a custo, o bico do sapato ... (Isto faz-nos impressão hoje, em que só os cegos não vêem sapato, pé e perna ...) Quando a Bandarri-nha sai à rua, vai tôda envolta no seu grande manto preto, que a aia compõe (quando a menina se levanta na Igreja) puxando-o e alisando-o nas costas como gualdrapa de mula rica.

^{em parentese lhes acabo de contar}
Tudo isto que a respeito dos costumes do séc. XVIII lhes contei, ^{+ teve um minuto: o de} Senhoras e Senhores, ~~teve apenas por fim~~ caracterizar com uma nota colorida essa nova época que na verdade surgiu na sociedade portuguesa, pelo advento de D. João V ao trono e especialmente pelo seu casamento com D. Mariana de Austria. Continuemos,

Gostaria de poder bordar aqui largas considerações sobre a personalidade dêste rei tão discutido, tão apaixonadamente julgado - mas em via de reabilitação.

*Railarinas, cantos e cantoras - sobretudo italianos, e como o virei do Rio de Janeiro, começava a aparecer também, a burguesia lisboeta, quando de progressiva abas-
tação, viria a francesa, como a francesa, divertia-se a francesa.
D. João V em moda, fôz francês, mas em politica não houve Rei algum mais português.*

Teve defeitos, é inegável. Deixou-se arrastar ~~para além de to-~~
~~dos os limites~~ pelo seu animo generoso, pelo seu gôsto natural pelo
grandioso e imponente, pela magnificência, pela ostentação, ~~no dese-~~ *pretendendo*
~~jo insensato de~~ ombrear com Luís XIV, ~~e deslumbrar toda a Europa.~~ *o deslumbrante « Rei Sol »!*
Não soube vencer a sua pronunciada tendência para as galantarias fe-
mininas - tendência, aliaz, que ao tempo era geral em tôda a Europa.
Tais galantarias, porém, por mais condenáveis que sejam, não tiveram
grande influência na vida pública do monarca; *Volte* e as enormes despesas
D. João V que fez em fausto e esplendor, fê-las tanto por si como pelo seu país,
que esse era naquele tempo o processo de que todos os reis usavam para ganhar
a quem sempre desejou (e soube) dar prestígio aos olhos do estrangeiro.

Deste facto precisamente resultou que D. João V fôsse o maior
protector das artes que jamais existiu em Portugal.

Estando o Magnânimo casado havia já perto de três anos, sem ter
sucessão, diz-se que, a conselho de certo frade, prometeu mandar er-
guer um templo grandioso a Santo Antonio logo que lhe nascesse o pri-
meiro filho. O filho - ou melhor filha - nasceu em Lisboa a 4 de
Dezembro de 1711 e o templo fez-se. A filha recebeu o nome de D.
Maria Tereza Barbara *Xavier* de Bragança *(-fixem este nome...)* e o templo é a monumental Igreja e
este magnifico Palácio Convento de Mafra. E a fecundidade da Rainha começou.

Lê-se em 1715, na correspondência dum Embaixador :

"A Rainha de Portugal, filha do defunto Imperador Leopoldo,
contente com as atenções que o Rei Seu marido tem com ela, e fazendo
justiça aos pequenos encantos de que dispõe, leva uma vida muito
tranquãila, sem tomar parte nos negócios políticos. Teve dois filhos,
primeiro uma princesa, depois um principe, e actualmente está"... à
espera de mais (1). Foram ao todo seis os filhos de D. Mariana.

(1) Recueil, pag. 252.

Certa historia tendenciosa do séc. XIX farton-
de cobrir de vituperios ^{o principio de} ~~as despesas que D. João V~~
~~faz com as missões~~ ^{o facto} que Oliveira Martins pretendia
sentetizar ^{e definir} na ~~exposicao~~ ^{opera} ao divino; mas
naquella falha da attivez, do brio, da energia ^{que}
que D. João V mais duma vez demonstrou ao
Mundo como uma nação pequena deves e pode
repeller as afrontas que lhe jorcan, venha
donde vierem, dos Povos, dos Reis, ou até dos Papas (re-
firo-me ao corte de relações com a Santa-Sé por motivo
da negação do Chapéu de Cardinal ao Nuncio Bichi)

25 (4)

acompanhamos agora a vida desta
primeira filha de D. João V e de D. Mariana de Austria.

Que notícias poderei eu dar a V. Exas., Senhoras e Senhores, da pequenina Maria Barbara nos seus primeiros anos de existência. Comia, chorava, dormia... - como qualquer bebê que não é príncipe nem princesa. E como qualquer simples mortal foi acometida aos 5 anos dum ataque de bexigas! Aos 11 teve outro - a pobrezinha, e as marcas ficaram-lhe no rosto para toda a vida! Muito linda não seria; também a mãe o não era; mas faziam-na encantadora a viveza da sua inteligência, a meiguice da sua alma de criança, a bondade do seu pequenino coração.

D. Maria Barbara
Deve ter começado cedo a estudar, visto que aos 14 anos era já muito instruída. ^{Recebera} teve a educação esmerada que ^{recebera} havia tido sua mãe.

➔ No dia 9 de Dezembro de 1717, quando Barbara completou seis anos, houve como de costume beija-mão real, concorreu toda a corte vestida de gala; nesse dia D. Mariana nomeou para Camarista da pequenina Barbara D. Ana de Vasconcelos, filha do Conde da Calheta...

Da influência que esta Senhora tenha exercido na educação e instrução de Barbara nada posso dizer.

O que é lícito supor é que foi por essa época que a princezinha começou a estudar, pois de outro modo não se compreende que aos 14 anos fôsse já tão culta como era.

Aprendeu línguas, todas as que sua mãe sabia. Aprendeu a bondar, a cantar, a tocar, a bailar, aprendeu a montar a cavalo e a manejar uma espingarda.

A Gazeta de Lisboa de 8 de Novembro de 1725, dando notícia duma caçada na Tapada das Necessidades diz que D. Mariana matou um gamo,

5/26

(quintinho 11 anos)

o príncipe D. José matou outro e "a senhora Infante D. Maria" (matou) dois de um só tiro".

O localista não explica como isso aconteceu!...

D. Maria Barbara andava nos seus 14 anos. Não garanto que o localista não tenha contado alguma briga. Em que mais se divertia a princesinha? *(gastava o tempo)*

português

Pela Gazeta de Lisboa, único periódico da época, cuja colecção tive o cuidado de examinar desde os números do ano de 1711 aos de 1729, pode-se fazer ideia do que eram *(as suas mais frequentes ocupações e os seus maiores passatempos)* os seus maiores passatempos. Visitava com sua mãe *assiduamente* freqüentíssimamente Igrejas e mosteiros, e assistia nos dias de anos da numerosa família real, nos dias dos santos dos nomes de cada pessoa dessa família e ainda nos dias de ano-novo, não só aos imponentes beija-mão, no Paço, mas também às infalíveis serenatas realizadas na ante-Câmara do Rei ou da Rainha, aonde concorria toda a família real, bem como *as* Damas, os Senhores da Corte e todos os títulos, serenatas que se compunham de concertos de orquestras *(constituídas por numerosos instrumentos)*, de representação de comédias, ou de óperas italianas *(algumas)* *(Mestre da Princesa)* *(de Scarlatti)* e tantos outros ~~autores~~ e em que se ouviam excelentes vozes e excelentes músicos. Não era raro haver baile, no Paço, e também serões literários; muita vez Bárbara, desde os 10 anos, assistiu interessada a eruditas, massudas, intermináveis e soporíficas sessões ou conferências da Academia Real da História, em que discursavam *(por vezes 7 oradores!)* celebra-
das, em dias de festa, no Paço da Ribeira, na ante-câmara da Rainha ou na do Rei.

Havia também muitas touradas para ver *(combates de touros se chamavam)*. Nas festas de Santo António organizavam-nas para quatro, cinco, seis e sete dias seguidos. Por vezes o redondel era armado no

6 27

Terreiro do Paço, e a Família Real assistia da sua Real Tribuna ao vibrante espectáculo, - ^{- assim se chamava -} que era precedido de dancas, e outros actos de desenfado, e em que tomavam parte, como cavaleiros, os mais garbosos fidalgos do tempo: o Conde dos Arcos, o Conde de Pombeiro, António Antunes de Portugal; Gregório Cernache de Noronha, e tantos, tantos outros.

Vogando brandamente pelo Tejo, inúmeras vezes a pequenina Barbara passeou com sua mãe, seus irmãos e damas e senhores da corte, nas luxuosas falúas reais, deliciando-se com as harmonias dos instrumentos músicos, que sempre acompanhavam essas plácidas excursões.

E assim foi correndo feliz e tranquila a vida para a nossa Princesa Barbara ...

~~Decorreram 14 anos.~~ Estamos em 1725. *Barbara ainda não com-
pleta 14 anos.*

Um dia inesperadamente ~~D. Maria Barbara~~ começa a ouvir dizer que a vão casar. E era verdade! ~~A Princesa de Portugal ia ser, num futuro mais ou menos próximo, Rainha de Espanha.~~

Que se passava?

Filipe V, mandara propor a D. João de Portugal um duplo casamento; oferecia um filho e uma filha para casarem com a filha e o filho mais velhos do nosso Rei. Fernando, Príncipe das Astúrias, filho de Filipe V e de sua primeira mulher Maria Luisa de Saboia, casaria com D. Maria Barbara; Mariana Vitória - a Marianina -, filha de Filipe V e de sua actual mulher Isabel Farnésio casaria com o nosso príncipe D. José, - tudo isto embora condicionado à celebração prévia duma liga defensiva e ofensiva.

Entabularam-se as necessárias negociações e em Outubro de 1725 estavam os contratos assinados.

Mas o casamento não se efectivou logo. *Tanto demora, houve quem chegon "a correr na Alemanha que se pensava em casar a Infanta D. Barbara com o príncipe Imperador da Rússia" (Carta de R. D. Mariana Vitoria, 13. CXV). A verdade é que os dois anos imediatos foram passados em preparativos; em Janeiro de 1728 realizaram-se em Madrid e em Lisboa, as cerimónias dos ~~duplos~~ *casamentos* por *procuração*; no Janeiro do ano seguinte foram levados até à fronteira e no rio Caia trocados *as Princesas* de lá pelo de cá, pelos próprios pais e respectivas cortes, que até ali se deslocaram em multidão, numa jornada inenarrável.*

Espectaculo imponente foi êsse e dum aparato tal, que me seria impossível, mesmo que tivesse tempo, descrever aqui. Só as peripécias da jornada da côrte portuguesa davam para uma hora.

Ora forçado sou nesta altura da noite a declarar francamente a V. Ex.as uma coisa que me estava a custar bastante. E é que D. Maria Bárbara quanto a feições de rosto... (como hei-de dizer?) não se podia comparar com Isabel de Portugal. *Ó não! Antes pelo contrário! Não desdizia da filha a beleza da Mãe,...*

Quando o Marquês de Capicciolato, embaixador espanhol veio a Lisboa (para propor o duplo casamento) e viu a Princesa, ficou tão alarmado que mandou apressadamente dizer para Madrid que o rosto da Senhora Infanta se mostrava "mui mal tratado das bexigas", e era de tal sorte que se afirmava haver dito el-Rei "apenas ter pena de que saísse do seu reino coisa tão feia". Por tudo isto, o embaixador preguntava se não seria melhor, antes de adiantar o negócio, enviar para Madrid "um fiel retrato da dita Senhora".

Mandaram-lhe dizer que arranjasse o retrato e êle viu-se aflito para o conseguir, porque o Secretário de Estado (talvez o astuto Dio-

go de Mendonça Corte-Real) fazia-se de surdo quando o Embaixador espanhol lhe falava em obter autorização para que um pintor retratasse a Infanta. Por fim lá foi dada a licença. O retrato seguiu para Espanha; entregaram-no a D. Fernando; ele olhou; não disse nada; meteu-o no quarto, fechado à chave, - e nunca o mostrou a ninguém, enquanto D. Maria Bárbara não chegou a Madrid.

Diz-se ainda que no Caia, quando o Príncipe das Astúrias viu o original, - ó céus! - ia quasi desfalecendo. E para não prolongar muito mais esta passagem dolorosa desta minha palestra, acrescentarei apenas que o Embaixador da França em Espanha informava o Cardeal de Fleury, em 22 de Janeiro, da fronteira do Caia, nos seguintes termos: - "Só lhe digo isto, a Princesa das Asturias "est bien faite mais extrêmement laide". Outro diplomata afirmava - "Son visage est tel qu'on ne peut le regarder sans peine".

Ora já se diz na Ceia dos Cardeais - "se ao homem vence a espadá, e se é belo vencer, o espírito faz mais porque vence a mulher". *Pois*
Com a devida respeito ao ilustre escritor e meu estimado amigo Sr. Dr.
 posso parafrasear esses conhecidos versos afirmando que foi o espírito de D. Maria Barbara de Bragança que venceu a Espanha inteira, *(como havemos de ver!)* começando por avassalar e conquistar para Bárbara, ao fim de poucos dias, o coração do marido!

Dois meses depois de estar em Espanha, - "a não bella y singularmente amada Barbara de Bragança" - merecia ao mesmo Embaixador de França, que há pouco citei, as palavras seguintes, dirigidas também a Fleury - "Esta Princesa parece ter o melhor caracter e o melhor espírito do mundo, extremamente doce, delicada, atenciosa e condescendente".

30 30
As suas virtudes de alma começavam a fazer esquecer a falta de beleza física !

E com o tempo fizeram-na esquecer e perdoar completamente.

Fernando, bondoso e bem intencionado, mas hipocondríaco, doente e sem vontade própria, dedicou a D. Maria Bárbara uma ternura sem limites e foi por ela amado de igual modo.

Sofreram juntos, enquanto Príncipes, os maiores vexames por parte de Isabel Farnésio (madrasta e sogra, que tanto deve ter contribuído para a triste fama que sogras e madras têm). Isabel Farnésio não lhes perdoava as simpatias que por ambos ostensivamente demonstravam os espanhóis, e via neles os seus piores inimigos quando Filipe V morresse. Bárbara pacientemente tudo sofria.

~~se lho permitiam~~
Passava o tempo divertindo-se com a música e o canto, e por vezes ia a caçadas, sempre, sempre ao lado do marido.

Com os pais mantinha constante correspondência; e essas ligações com Portugal desesperavam Isabel Farnésio. Um dia por qualquer incidente ligeiro, Farnésio mandou às tropas espanholas que entrassem na Embaixada portuguesa, e prendessem certos criados do embaixador; D. João V, mal o soube, imediatamente mandou fazer o mesmo em Lisboa na Embaixada espanhola e deu ordens aos regimentos portugueses para marcharem sobre a fronteira. O conflito resolveu-se, no entanto, com a mediação de várias potências, e Farnésio, satisfeita, depois de ter estado furiosa, declarou a quem quis ouvir: - o que eu pretendi foi apenas donner une boufetade, c'est à dire un soufflet, a Sa Majesté Portugaise.

Rei morto, rei posto! Falecido Filipe V em julho de 1746, Fernando de Bourbon foi aclamado rei. 31
(36)

Começa então D. Maria Barbara de Bragança a ^{ter ocasiões de} mostrar verdadeiramente quem é e o que vale. ~~o que é ser Filha, Esposa - e Rainha.~~

"Não foi Fernando VI que sucedeu a Filipe V; foi Bárbara que sucedeu a Isabel, dizia um Embaixador estrangeiro."

Era verdade. Mas,

Porém, existia enorme diferença entre Isabel e Bárbara. Aquela embora muito mais enérgica e ousada, fôra intriguista, perversa, falsa, ambiciosa, governou para se governar, ou melhor ^{como se disse} para colocar os filhos. Envolveu a Espanha em ^{sangrentas aventuras} contínuas guerras que só ^{tinham} podiam interessar ~~para os seus objectivos familiares.~~ aos seus planos pessoais.

Pelo contrário, Barbara ^{que} não teve descendência, era bondosa e leal, e se exerceu efectivamente profunda influência no ânimo do marido, que nada rezolvia sem ouvir o seu parecer, aproveitou essa influência unicamente para o bem e felicidade da Espanha. ~~Do governo de Filipe V e Isabel Farnesio -~~ a qual ^{de Bragança} isso ainda hoje venera a sua memória. Fernando e Bárbara foram reis verdadeiramente espanhóis.

Como D. João V souberam escolher os seus ministros, e ^{restituíram a paz à Espanha;} nunca se deixaram dominar por eles; dedicaram especiais cuidados à Marinha, protegeram as letras e as artes e pode-se dizer que foi pela ~~sua~~ ^{de D. Barbara} protecção que foi fundada a Real Academia de S. Fernando. ^{como aquele}

Bárbara amava a magnificência, também nisso imitando o Pai, e demonstrou o seu gosto pelas construções grandiosas, edificando o belíssimo Convento das Salesias Reais de Madrid, onde ao lado do marido está dormindo - absolutamente esquecida dos Portugueses! - o último sono.

O maior serviço que a Espanha deve a esse admirável par de Bem-Casados - (como lhe chamou ^{António} Sardinha) ^{(depois de haverem restituído a paz à Espanha, e depois de terem sabido manter a Espanha neutral no meio das guerras que já então ensanguentavam a Europa, xxx conseguindo-o aliás ^{- e claro -} com dignidade irrepreensível e sem jamais descurarem a preparação militar do país para qualquer desagradável eventualidade.}

A França e Inglaterra, envolvidas uma contra a outra na guerra dos Sete Anos, fizeram tudo que puderam para obter a aliança das Católicas Majestades.

A França ofereceu à Espanha a Minorca (que era espanhola, mas que os Franceses tinham conquistado aos Ingleses) - e ofereceu ainda a sua ajuda para a conquista de Gibraltar. Por seu lado a Inglaterra comprometia-se a restituir Gibraltar e abandonar os estabelecimentos que tinham fundado no Golfo do México. ^{se a Espanha alinhasse com ela} Mas Fernando VI, firmemente aconselhado por Barbara, tinha resolvido não se envolver no conflito e não houve forma de comprometer a Espanha.

Ao seu país de adopção Bárbara deu por tudo isto, nos doze anos em que ela foi o verdadeiro rei, um período de paz e de prosperidade que só teve o defeito de não ser mais longo. diz em seu louvor Don Modesto Lafuente.

Mas fez ainda mais: deu a Fernando - rei doente e abúlico - o amparo, a consolação, a ternura, o amor, sem os quais êle não podia viver!

E efectivamente: quando em 27 de Agosto de 1758 D. Maria Bárbara morreu - quando morreu essa, cuja face "on ne peut regarder sans peine", - seu marido enlouqueceu, e veio a expirar antes que um ano houvesse decorrido sobre a perda da mulher amada!

Minhas Senhoras

Meus Senhores

*Vou terminar. E já talvez não será
sem tempo. De Toda a história re
E aqui está porque eu preferiria ter falado das Princesas espa-
nholas. Pode extrair uma moral. Qual a moral
da história que aqui contei?*

Referi-me apenas a duas portuguesas - uma feia, outra estranha-
mente linda - e afinal o que ^{se viu} ~~mostrei~~ é que não precisam de beleza
física para se fazerem amar - até à loucura e à morte - as portugue-
sas. *E isto, sem dúvida, o que se pode concluir...*

Isabel de Portugal !

Maria Teresa Barbara de Bragança !

Duas Princesas portuguesas, duas Rainhas de Espanha !

A primeira foi das mais formosas mulheres do seu tempo; inspi-
rou a arte de pintores geniais, e, porventura, grandes sonhos de al-
mas enamoradas, elevando-as até à sublimação excelsa do heroísmo e
da santidade.

A outra não teve dons físicos, mas nem por isso deixou de exer-
cer, pela sua clarividência, tacto e raros primores de coração, -
influência benéfica e profunda, atingindo mesmo a sua acção política,
ao serviço da pátria adoptiva, o mais alto grau !

A forte irradiação espiritual duma e doutra assinala-se na his-
tória de Espanha, nobre e cavalleiresca, e das suas figuras repre-
sentativas - reis, gentis-homens, heróis, artistas e santos - tanto
nas culminâncias de epopeia como na pacífica mediania e na calma fe-
licidade dos lares.

E porquê?

Barbara e Isabel
Porque levaram para Espanha a suavidade e a ternura das suas
almas, a afectividade dos seus corações, a excelência das suas vir-
tudes morais e domésticas.

Porque numa palavra — *afinal* elas levaram consigo as qualidades que
distinguem toda a Mulher Portuguesa!

verdadeira

Documento 6

Pedro Vitorino 1941 Fevereiro 23 [carta] para AMB, preocupado com a imagem da Sra. dos Remédios, que pertence à capela dos Alfaiates, esquecida depois do seu desmantelamento, e q ele gostaria que na Câmara, não a perdessem de vista...

A. Doc.
Póvoa, 23. II. 1941
Meu prezado Amigo

Há bastante tempo que devia ter escrito para agradecer a informação da existência da Senhora D. Antónia de São Francisco referente a deusa Leocádia. Entretanto de o ter e aproveitar sobre alguma coisa, caso o meu amigo não tenha já determinado qualquer trabalho sobre o assunto. Bem dia procurou-lo - mas para isso.

Satisfezo-me saber que a minha modesta informação acerca da vida dos Jesuítas no Porto lhe foi proveitosa - vindendo sempre de um fraco pretérito.

Então recentemente ao Sr. e vi que se encontrava agora lá a imagem de Senhora de Batolda, condugida da capela das Meninas Desamparadas, ao Pontal de Sol. Na Sol está melhor.

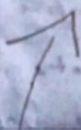
Então, como sabe, outra imagem que também pertenceu à Porta de Batolda — a da Senhora dos Remédios. Encontra-se agora relegada num local de armazém do nosso Recolhimento, em risco de se deteriorar mais do que está (tem a cabeça já descolada do corpo). Entende-se bastante a Câmara, pelo que venho pedir-lhe sempre os seus esforços para que ela volte à guarda da sua legítima possuidora.

Uma vez recontada a Capela dos Alfaiates, ficaria bem ao lado das outras imagens, igualmente de pedra de Ançã, Senhora de Azeite e Senhora das

Verdades.

Ahi estas, era jó-la e buon recato me pedia
ra para que se não insultasse de todo, e
desculpas ante a minha, e deus-me, com
a maior antena, admirador e amigo me
grato

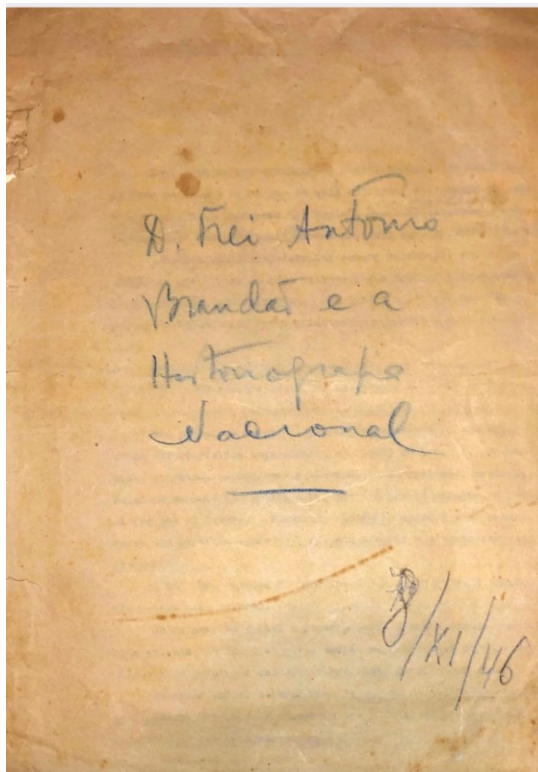
Peter Vitorino



Documento 7

D. Frei António Brandão e a Historiografia Nacional

1946 Novembro 8. Conferência no Colégio João de Deus, Porto. [dactil.] Inédito (EF).



Devo começar por agradecer à Dign^a. Direcção do Colégio de João de Deus a honra que me quis conferir, designando-me para orador oficial - chamem~~os~~-lhe assim - ~~desta sessão, com que se~~ ^{da ~~cerimônia~~} ~~cerimônia~~ inaugura^l ~~nesta Casa~~ o novo ano escolar, ^{nesta Casa.}

Agradeço muito sinceramente; embora ~~reconheça~~, sem falsa modéstia, que, entre os meus colegas deste modelar estabelecimento de educação, não falta^m quem, com brilho e méritos que não possuo, desempenhasse muito melhor a incumbência que me foi confiada.

Quando há já algumas semanas o Snr. Prof. Dr. Marques de Carvalho, e meu ilustre amigo, me escreveu convidando-me para falar nesta sessão, pediu-me uma ^{palavra, por graça} ... Oração de Sapiência.

Nos primeiros momentos, perdoem-me confessá-lo com esta minha característica ingenuidade, eu fiquei um tanto ... confundido, aturdido- empreguemos a palavra...- atrapalhado. Hesitei, .. ~~Saltei-me~~, durante alguns dias. Mas por fim ganhei coragem, e respondi (se bem me lembro):- Mesmo sem sapiência estou à suas ordens.. Serve uma palestra sobre Frei Antonio Brandão e a historiografia Nacional?

O Snr. Dr. Marques de Carvalho disse que servia. E pronto. Não pensei mais no caso.

Ou melhor: só voltei a pensar, neste assunto, quando, na semana passada, me foi dito que a sessão se realizaria hoje, e me dispus a principiar a escrever o que ~~havia~~ de vir aqui dizer.

Só então voltei a lembrar-me de que se me pedira uma Oração de Sapiência e que eu me comprometera a falar de Frei António Brandão e da historiografia nacional.

Refleti, nesse momento, num pormenor em que ainda não havia pensado: - no auditório que teria ~~de~~ ouvir-me, ou melhor que teria de me ouvir, composto na sua quase totalidade por jovens estudantes, muitos dos quais, os mais pequeninos sobretudo, mal saberão o que significa a palavra historiografia, e nem de vista conheçam o nome de Frei Antonio Brandão.

^{importante}
^{só então} Na verdade só há oito dias refleti neste pormenor ^{importante} do auditório e pensei que o assunto não seria muito do seu agrado.

Mas já era tarde para voltar atrás. Desse por onde desse, tinha de me ocupar do tema prometido, e perante esta mocidade entantadora, simpatiquíssima sem dúvida, mas, com toda a razão, desejosa de que a não macem muito com assuntos que de qualquer modo ultrapassem os limites dos seus interesses ou curiosidades habituais.

Suponho que uma Oração de Sapiência, destinada a ser ouvida por alunos dum Colégio de ensino primário e secundário, não deveria ter nunca a contextura macissa, e o estilo severo, austero, hirto e tantas vezes indigesto das Orações próprias das Altas Academias ou das Universidades. Não julgo atraíçoar o papel que me foi confiado, adaptando ^{o que vou dizer} a ~~Oração de Sapiência~~ ^{com os} que me foi pedida aos moldes duma simples conversa, ^(conversa) ~~tão amena quanto possível~~, ^{Tão amena quanto possível...} com os queridos alunos.

^{a esta curta palestra}
Esforçar-me-ei por tirar ~~ao que vou dizer~~ o ar duma sonolenta lição. Se provocar, de quando em vez, o sorriso de quem me escuta, tanto melhor; não que o meu intento seja fazer "parada de recursos humorísticos"; o que procuro é prender a atenção. "Além disso," entre dois sorrisos - disse algures certo ilustre crítico lisboeta - um pensamento sério grava-se mais fundo, - porque surpreende o espírito em vez de o magoar com uma nova martelada".

^{enfim}
Tentarei, ~~então~~, ^{enfim} exprimir-me de forma que toda esta mocidade me entenda; cá por mim, eu entendo-a perfeitamente... Se me en-

e com a idade que eles têm, eu, apesar do respeito que sempre tive pelo meu Mestre,
contrasse ali entre eles, já a estas horas estava a rezar ^{fazinho} um padre-
-nosso às almas, para que os discursos acabassem depressa.

Perdoem-me, portanto, V. Exas. a aparente futilidade com que
vou ter a coragem de desenvolver, *(perante V. Exas. , mas para aque-*
le difícil auditório) o tema anunciado- sobre o qual, afirmo e juro
se preciso fôr, muito mais *fácil* seria (pelo menos para mim, pois
ainda há pouco escrevi quatro longos e pesados prefácios, para a
reedição da obra de Frei Antônio Brandão) elaborar uma grave, *profunda*
~~grave~~, *da* soturna Oração de Sapiência, que aqueles meus amigos chamariam
Oração Fúnebre, e que poria, ao fim dum quarto de hora, quase toda,
ou toda esta mocidade em flor a dormir - a ressonar até beatifica-
mente.

Mesmo assim...- não sei o que irá acontecer!

X

Meus amigos .

Gostais de histórias?!

Então lá vai uma.

-Era uma vez...

Era... Era isso o que vocês queriam! ^{Mas eu} Não vos vou contar histórias. Vou falar-vos da história - o que faz ^{sua} ~~muita~~ diferença. Histórias são contos, são fábulas, são fantasias, são invenções.

História é, ou deve ser- a verdade, a realidade, aquilo que já foi. Parece que não me fiz bem compreender. Mas eu explico-me melhor.

Talvez me entendam todos se eu lhes disser simplesmente que a história é a ciência do passado, - embora não de todo o passado, pois há factos passados que não interessam ao historiador, ou que só em determinadas condições lhe interessam, e há outros que não podem ser objecto da história.

Deixemos, porém, isso, que já é muito complicado ^{para} ~~para~~ ^{a maior parte de} vocês e fixemos a noção ^{simplicista} de que História é a ciência do passado.

Quando, ^{em} vossas casas, ouvís contar as vossas gracinhas ^{de outros tempos} ~~do tempo em que erais pequeninos~~, estais a ouvir história-histórias da vossa vida, história da vossa família, história, sobretudo, do amor de vossos pais por vós.

Quando ouvís falar da última volta a Portugal em bicicleta e das proezas do Fernando Moreira, - que ganhou quase todos os prémios, menos o último, que era o melhor- estais a ouvir falar duma prova importante que há-de ficar, se não ^{sem erro} ~~estiver~~, na história do desporto nacional.

Quando vos contam como Salazar ^{manejou} habilmente os cordelinhos da política internacional de forma a salvar-nos com honra e a salvar-nos ^{a nós e a vós} com vida ^{do estalinismo} ~~dos horrores~~ da guerra; de forma a conseguir que não chegasse ^{Portugal} ~~até~~ ^{aos} os horrores inimagináveis dos bombar

deamentos aéreos- estão a contar-vos o que se há-de escrever um dia em páginas de ouro da história nacional.

Basta de exemplos . Já compreendestes . História é a ciência do passado.

Ora muito bem.

Todos os que aqui estão, e que, ou andam na quarta classe de instrução primária, ou por lá passaram, possuem ou possuíram um compêndio,- um livrinho chamado História de Portugal.

Os mais velhos de vós sabem, com certeza, que há livros de História de Portugal muito mais grossos, e que há até Histórias de Portugal em muitos volumes. A vossa História de Instrução Primária pesa, por ex., 100 gramas e mede $\frac{1}{2}$ centímetro de espessura; eu tenho, em minha casa, uma História de Portugal que se compõe de oito volumes, os quais pesam duas arrobas, e postos de lado uns sobre os outros, formam uma pilha de quâse um metro de altura (1 metro é exagêro; mas ~~não lhe fica muito longe...~~ ^{sempre é uma altura ... como isto...})

O senhor que escreveu a vossa história foi naturalmente a uma história maior ^{que ele escreveu} do que a dele, e tirou de lá as notícias de que precisava para ^{compôr} ~~escrever~~ o seu livrinho.

Se fez isso fez muito bem, e estava no seu direito. O que é preciso é que êle tenha resumido bem, e que fôsse de confiança, que não tivesse êrros, ou não dissesse mentiras, o livro grande a que êle recorreu.

Ora como é que se há-de saber se o livro dele, ou o livro grande de que êle se serviu, não dizem mentiras, ou não têmham êrros? A maior parte das coisas de que êles ~~falam~~ ^{falam} aconteceu há tanto tempo! Já não vive ninguém que as tivesse presenciado! Já não vive ninguém que tivesse assistido por ex. ao terramoto de Lisboa do tempo de Marquês de Pombal! Já nem sequer as cinzas existem, talvez, das pessoas que, por ~~ventura~~ ^{ventura}, há quase ⁸⁵⁰ ~~centos~~ ^{se} anos, ~~banquetaram~~ ^{banquetaram} nas bodas do casamento do Conde D. Henrique com a

Senhora D. Tareja... Quem nos garante a nós que esse casamento, o terramoto de Lisboa de 1755 e ^{coisa} muito mais que os livros de História nos contam não serão umas grandíssimas mentiras?

Quem nos garante?!

Garante-no-lo quem puder apresentar provas-testemunhas fidedignas, dos factos narrados nesses livros.

Que provas são essas?

Essas provas, essas testemunhas podem ser constituídas por memórias de pessoas coevas, por cartas particulares em que os ^{autores} ~~outros~~ tenham deixado exaradas informações sobre os acontecimentos do seu tempo; ~~fornece a prova de muitos factos importantes~~ ^{e são fornecidos sobretudo pelas} ~~simos as~~ escrituras, lavradas ^{que, antigos tabelães, em pergaminhos avulsos ou misturados} por ~~notários~~ (nos seus livros de notas; os assentos lavrados pelos padres em seus livros de registro ^{as leis e} paroquial; ^{civis, eclesiásticos,} os documentos oficiais dimanados das autoridades etc. etc. etc. ^{memorados} Certos acontecimentos de maior vulto ficam ~~exarados~~, muitas vezes, em lápides ou inscrições, ou recordados em monumentos. Considera-se documentos, dum modo geral, tudo o que testemunha um facto do passado. Os instrumentos de pedra lascada ou de pedra polida, os objectos de cobre ou de ferro da idade dos metais são documentos da pré-história.

Já veem o que é que terá de fazer quem quiser averiguar se sempre foi verdade ter havido ^{de 1755} terramoto, ou se não é uma lenda o casamento do Conde D. Henrique com a D. Tareja...; tem de ir procurar os papéis, os documentos e monumentos desses tempos.

Ora inversamente, ^{sem vocês, imaginam o trabalho que isso dá.} é com esses documentos que se escreve a História. ~~Olhem que é uma coisa que dá muito trabalho.~~ Uma página uma linha, até ~~às vezes~~ uma simples data; dos livros de História representa, às vezes, meses e meses de busca, de estudo e de canseiras que pouca gente sabe avaliar.

Sem documentos não há história- disseram há muito ^{dois} ~~certos~~ mestres eminentes da matéria.

Sem documentos podem-se escrever romances, podem-se escrever histórias; mas história reconstituição científica, tanto quanto possível fiel - e aproximada da realidade - dos factos do passado, isso é que não se pode escrever.

É evidente, ^{porém,} que só o documento não basta. É preciso saber interpreta-lo. ^{É isso é muito difícil. Demanda muitos conhecimentos, muita capacidade, muita atenção.} Pode-se ter documentos e não se saber utiliza-los. ^{Os esses documentos, serem falsos. Pode-se ter doc.} Interpreta-los mal. E então não sai história: saem histórias.

E a propósito, lembra-me agora uma.

Era uma vez...

Agora não engano. Estavam uma vez dois amigos a conversar. Um deles a certa altura saiu-se com esta:- No Egipto, no tempo dos faraós, chegou a naver uma civilização tão adiantada, imagina tu, que nas últimas ~~ex~~cavações que lá se fizeram até apareceram fios de cobre, desses do telégrafo; prova que já havia telegrafia ^{eléctrica} na 3.000 anos no Egipto. - (Em ^{por hipótese} parte: o documento existia; a interpretação é que foi má).

O amigo respondeu-lhe muito sério:- Isso não me admira nada. Na Assíria fizeram-se também muitas ~~ex~~cavações e não foi encontrado fio de cobre, nenhum; prova de que os Assírios já conheciam a telegrafia sem fios.

O que esta historieta pode provar, ou pelo menos lembrar-
é que ^{documentos} ~~factos~~, por hipótese verdadeiros, ^{mas com a data errada,} podem dar origem a conclusões ^{falsas e até disparatadas.} ~~erradas.~~

Repetindo e resumindo: a história é a ciência ^{do} passado; ^{le-los, e interpreta-los.} para se reconstituir o passado é preciso recorrer aos documentos. A busca dos documentos constitui o que se chama a Heurística; a sua interpretação dá-se o nome de Hermenêutica; a leitura dos manuscritos em letra, ^{chama-se paleografia} ~~é a determinação~~ ^{dos doc. falsos} dos doc. falsos do verdadeiro chama-se diplomática. ^{Anda não está a dormir?! Então continuo.}

Em Portugal, há muitos anos, há mais de tresentos, viveu um homem que se chamou António Brandão. Era religioso do Mosteiro de Alcobaca e doutor pela Universidade de Coimbra. Por isso é

Nascido em Alcobaça, em 25 de Abril de 1584- portanto, há quase três séculos e meio, no tempo em que por morte do Cardeal-Rei D. Henrique, reinava em Portugal Felipe 2º de Espanha - ele veio a falecer em 27 de Novembro de 1637 - três anos antes da gloriosa revolução de 1640.

~~Pede-lhes que fixem este pormenor que é muito importante para a boa compreensão do que lhes quero contar:~~

D. Antonio Brandão, que viveu apenas 53 anos, nasceu e morreu durante a dominação castelhana em Portugal.

D. António Brandão não se chamou sempre assim. Na pia baptismal puseram-lhe o nome de Marcos; só muito depois veio a troca-lo, como explicarei, pelo de Antonio.

Dizem os seus biógrafos - ^{esta} ~~agora~~ ^{i para} os meninos preguiçosos e ^{para} os rapazes de 14 ou 15 anos que ainda não tenham ^{conseguido} aprender a ^{a decorar} ~~decorar~~ o ^{de D. Antonio Brandão, que ali, ou seja,} ~~hora~~ ^{hora}, ~~horae~~ - dizem os ~~seus~~ biógrafos ~~que~~ o pequeno Marcos, aos quatro anos já sabia ler e escrever, e que aos oito começou a estudar latim; ^{Sim, senhores! Estudava latim aos 8 anos!} e tanto ou tão pouco estudou, que aos dez anos, no Colégio de Santo Antão em Lisboa, de que foi aluno distintíssimo, ^{o pequeno Marcos, o Marcoginho, o Marquinho - como quiserem -} recitou numa festa "cinco orações, umas em prosa, outras em verso", - e tudo inventado e escrito por ele!

Se muito eram para admirar a viveza do engenho, a clareza do raciocínio, a vastidão relativa dos conhecimentos do pequeno estudante, - para louvar não era menos ^{afirmação} ~~afirmação~~ ^{longos} ~~longos~~ anos, ^(um certo) ~~abade~~ de Sever), "a inocência da vida que (o jovem Marcos) religiosamente observava, abstendo-se de todo o género de divertimento pueril, fugindo à companhia de viciosos, e ocupando-se com suma seriedade, superior aos seus anos, nos exercícios de piedade e devoção".

^{concluiu} Não ~~pode~~, porém, ~~continuar~~ em Lisboa os seus estudos, porque em 1598 houve lá uma grande peste e toda a gente que ^{pode} ~~pode~~ ^{fugir} ~~fugir~~ aban-

donou a nossa antiga capital. Marcos retirou^{se} para Alcobaça, e aí no ano seguinte fez-se monge, fez-se frade, entrou para o Real Convento daquela sua terra natal, pertencente à Ordem de Cister ou de S. Bernardo: foi então, "para que deixasse" cá fóra todas as recordações do tempo passado, que trocou "o nome de Marcos pelo de Antonio". Em 1604, aos vinte anos, professou solenemente.

Entretanto, ^{continuara e} ~~foi~~ continuando sempre ~~na~~ ~~seus~~ ^{estudat.} A dada altura, foi preciso no Mosteiro de Bouro, da mesma ~~órden~~ ^{ordem} a que Frei Antonio pertencia, um professor de filosofia aristotélica. ^{Frei} Antonio ~~Brandão~~ foi mandado seguir para lá, e por essas longínquas paragens, nessas ásperas serranias do Entre - Douro e Minho, se conservou ensinando, desde 1612 a 1615.

Regressa^{do} em 1615 a Alcobaça e sempre ávido de saber, resolveu ir tirar o grau de doutor em Teologia à prestigiosa Universidade de Coimbra. Posso dizer-lhes que, apesar disso se ter passado há mais de trezentos anos, existem ainda no Arquivo da Universidade vários assentos, vários registos de exames ali efectuados por D. Antonio Brandão (aliás, Frei Antonio de Nazaré, nome que então usava). A cerimónia final do doutoramento realizou-se em três de Julho de 1619.

Ora deve ter sido mais ou menos por esse tempo, que os seus superiores o encarregaram duma especial e importante missão, mercê da qual ele viria a alcançar na história da literatura portuguesa o altíssimo lugar de que me propus falar-vos, ao dar a esta singela palestra o título de D. Antonio Brandão e a historiografia nacional. Essa missão foi a de continuar a escrever a grande história de Portugal, começada por outro monge da mesma Ordem, havia pouco falecido, de nome frei Bernardo de Brito - e por este denominada Monarquia Lusitana.

Frei Antonio Brandão sucedeu a Brito nessa honrosa missão, mas não lhe sucedeu imediatamente no cargo de Cronista-Mor do Reino,

que Brito exercera. Só muitos anos depois isso aconteceu.

O primeiro volume da Monarquia Lusitana foi publicado em 1597 já sob o domínio dos Filipes. *É esta circunstância é muito para ponderar.*

Desejava Frei Bernardo de Brito, com ^{o seu} ~~este~~ livro, mostrar ao "Mundo as obras da nação portuguesa", para que, à vista de suas façanhas e glórias, - dizia Brito - o Mundo deixasse "de nos tratar com o afrontoso nome de bárbaros". Quisera, portanto, prestar ^{esse} ~~um~~ serviço à sua pátria.

Mas, pretendia ainda ^{prestar-lhe outras coisas - que não confessava} ~~outras coisas~~. Portugal encontrava-se, como já disse, sob o jugo de Castela. Brito, falando aos ~~seus~~ compatriotas das glórias do seu passado comum, dava-lhes motivos de coragem para não sucumbirem naquela hora triste de escravidão, e razões de esperança, vivos incitamentos para procurarem recuperar a liberdade. Brito esperava que a sua obra ^{havia de servir um dia} ~~serviria~~ para atear a labareda da ressurreição da Pátria!

A sua história está escrita em primorosa língua portuguesa. Deliberadamente engeitou a castelhana, ^{não aceitando} ~~insurgindo-se contra~~ a moda que há muito adoptavam os nossos literatos, mesmo antes da união a Castela; repugnou-lhe escrever em castelhano porque, se o fizesse, isso o argüia - textuais palavras suas - "de indigno do nome português". *Não acham isto bom?... Lembrem-se que, quem mandava em Portugal era Filipe II de Castela...*

No seu exaltado nacionalismo, Frei Bernardo de Brito foi, poré longe de mais: ~~inventou e defendeu a tese de que nestas praias ocidentais da Europa, houve sempre, desde a fundação do mundo, gente portuguesa, sempre gloriosa e "triumfante de todas as transformações da terra e sempre obreira de grandes feitos".~~

Para Frei Bernardo de Brito "nação portuguesa é a gente que habita o território onde demora Portugal". Ele entendia que "este território existia desde que Deus criara o mundo, e que se mantivera

através do dilúvio universal; daí, concluiu que a nação portuguesa ^{existiu desde Adão e Eva, e que} "havia de existir sempre". ^{mesmo, que não quisessem} os espanhóis..

Porque assim entendia e o ^{deitava} ~~quisia~~ a provar, começou naturalmente a história de Portugal pela ^{narrativa completa da} "criação do mundo, e pelas aventuras ^{dos tempos de Adão} que ~~no mundo~~ correu o seu primeiro habitante Adão"; ~~deix~~ veio andando, ve-
andando, pelos séculos fóra, contando tudo, ~~com toda a afecção,~~
explicando tudo, e tudo ^{narrando} ~~contando~~ por miúdos; "falando tão minuciosa-
mente de qualquer rei de ^{há dois, três, quatro e cinco mil anos} então, - diz estarrecido um crítico do
séc. XVIII - como se o estivesse vendo e observando-lhe os passos".
Escreveu, escreveu, ^{Imaginem o que ele terá dito!} escreveu; publicou dois grossos volumes, as
duas primeiras partes da Monarquia Lusitana; e apesar de tanto escr-
ver não chegou a entrar propriamente na História de Portugal: fal-
tou-lhe o ^{coitado,} ~~fôlego,~~ justamente ao referir a doação do condado portuca-
lense ao Conde D. Henrique.

^{Devo dizer-lhes que}
Outros escritores, noutros países procuraram também ir buscar
as origens das suas pátrias aos tempos mais remotos da História. Ma-
nias de genealógica prosápia foram essas, já usuais nos escritores
da Renascença (-afirma A. de Sousa Costa Lobo). No ~~que~~ Frei Bernar-
do de Brito, porém, foi singular ^{foi} na "especificada particularidade
com que referiu aquilo que ninguém pode saber, e que ele fundamento
"em imaginárias autoridades", -ou em sonhos, devaneios ou delírios
da sua patriótica imaginação.

E assim, de tudo quanto Frei Bernardo de Brito laboriosamente
nos deixou na Monarquia Lusitana, a única coisa que verdadeiramente
se aproveita é a castiça linguagem em que essas paginas estão escri-
tas. O resto é apenas -ou pouco mais é do que mero lixo de fábulas

^{fantasias,} mentiras. ^{do} Tantas mentiras o bom frade ^{para a correr mundo} ~~dese~~ que Oliveira Martins
~~chamou~~ o Padre-Mestre das Patranhas nacionais...

^{ele deu a alusão de} Note-se, porém, apesar ^{do que acabo de dizer} ~~desto~~ que ~~no seu tempo~~ ^{durante} em Portugal ~~se~~
^{quase todos} acreditaram, ou pelo menos ^{no que ele escreveu} ~~quase~~ ninguém ousou erguer a voz ^{durante muito tempo,}

para impugnar a verdade das espantosas afirmações do cronista-mor do reino. A sua autoridade durante séculos foi imensa!

Hoje, ^{porém, é exactamente o contrário que se dá.} ~~é claro, já não se assusta~~ "Quem hoje não sorri, ^{só de} ~~ou~~ ouvir^{se} pronunciar o nome de Frei Bernardo de Brito? "Falsário, crendeiro, trapaceiro, embusteiro, são apodos que escarnecem da idolatria com que foi venerado esse antigo oráculo". Mas há nisso alguma injustiça- diz o douto crítico ~~Agostinho~~ Costa Lobo, para quem Brito não passou dum simples visionário, contagiado pela alucinação patriótica". Tendo o "espírito desconcertado e histerizado" pelo contínuo cismar sobre um ponto fixo (a libertação da Pátria), ^{esse facto teria} ~~por esse facto~~

^{Tornado} Brito ~~teria sido~~ "incapaz de distinguir entre a realidade e os devaneios da fantasia, e de resistir aos incitamentos da sugestão, determinada pela intensidade do affecto". ^{Eu também, penso assim. Não está provado que Brito fosse inventor ou falsificador de textos e documentos.} Garrett suspeitava, em 1844, que Frei Bernardo de Brito ainda ^{naquela ano} ~~então~~ estivesse no Purgatório por causa das montanhas de mentiras que deixou escritas neste mundo. Cá por mim, com a devida vénia para Garrett, ^(- sumamente bom e misericordioso -) inclino-me a crer que Deus já ^{ha muito} ~~o~~ mandou para o céu dando-lhe em desconto ^{dos seus peccados históricos} ~~o~~ muito que ele amou Portugal.

X

Ora foi a este homem (por alguns críticos classificado de ~~falsário~~ ^{falsário}, ~~inventor de documentos e falsificador de textos~~, e por outros tido por pessoa honesta, mas ingénua ^(por patriotismo) ~~que~~ ^{aceitou} como bons documentos falsos) foi a este homem que D. Frei Antonio Brandão sucedeu.

Brito fizera a história de Portugal desde Adão e Eva até ao Conde D. Henrique (que trabalham ele teve para saber aquilo tudo!); a Frei Antonio Brandão cabia ^{escrever verdadeiramente a} ~~continuar essa~~ história, desde D. Henrique ^{de Portugal-}

rique até ao seu tempo.

Falando de Adão e Eva não é possível fazer o elogio do povo português, pela simples razão de não estar averiguado se Adão e Eva eram portugueses. Mas falando de D. Afonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, Soeiro Mendes, dos nossos dois Sanchos, de Afonso 3 etc, etc, - não é difícil fazer, mesmo sem querer, o elogio do valio português.

Precisamente, a tal respeito, está-me a lembrar agora o capítulo dum livro editado ^{em Lisboa.} no tempo dos Felipes, ~~em Lisboa~~, e que se intitula Flores de España, Excelencias de Portugal. ^{É escrito em espanhol.} Foi seu autor o portuense D. Antonio de Sousa de Macedo.

Embo~~ra~~ deixe por minutos o fio do meu assunto, não resisto à tentação de lhes resumir, muito a correr, o que, em tal livro, se lê no capítulo em que o autor fala do valor português. Lembrem-se de que isto foi escrito no tempo dos Felipes de Portugal! ^{Primeiro diz que a Espanha é a mais valente do mundo. Mas depois prova que Portugal é ainda mais valente do que a Espanha. E prova-o com a história da} Começa por se referir ao recontro de Val-de-Vez, ^{em que a vitória coube aos portugueses.} do qual ^{nenhum dos} ~~todos os~~ historiadores castelhanos se ~~se~~ ocupa, "parece que porqu^{mão} no les conviene...". Fala de Aljubarrota, da desproporção dos dois exércitos, da mortandade dos castelhanos - e morreriam muchos mas se o sol parando o seu curso fizesse maior o dia; e logo acrescenta com desdem - essa vitória não foi das maiores "que ños portugueses an tenido".

Por exemplo, em Valverde, Nun'Alvares, apenas com três mil homens derrotou um exército muito mais numeroso. Mas não vale a pena citar este triunfo, diz Macedo, porque só quere mencionar os que foram conquistados em combates em que estivessem os reis. Se tratasse dos outros, seria cosa infinita!...

Segue-se a batalha de Toro. Os historiadores do país vizinho dizem que nós fomos derrotados... Mas "em que funda Castela a sua vitória?..." ^{- pergunta o endiabrado escritor portuense} Se chama vitória o fazer desta vez mais resistência a

Portugal que das outras, digo-lhe que lhe sobra razão e chamo-lhe vencedora mil vezes". E acrescenta, ^(com um encolher de ombros) "Não admira que os Castelhanos afirmem que foram eles os vencedores: apoderam-se das vitórias duvidosas já que as não têm certas e indiscutíveis."

Quanto aos sucessos de 1580, afirma que Portugal não foi derrotado por Castela. Aquilo não passou de uma guerra civil. Os portugueses foram vencidos apenas pelos partidos que se guerreavam uns aos outros.

Conclusão:

"De todo lo dicho vemos que los portugueses vencieron siempre los Castelhanos, de lo qual se siegue que vencieron las mas naciones del mundo."

Eis a sua lógica - "Se a nação castelhana venceu e vence todas as outras (está claro que vence; ninguém se lembrava do exemplo da Armada...Invencível) e vence todas as outras como é notório, e a portuguesa a vence a ela, boa consequência é dizer que a todo o mundo vencem os portugueses, segundo aquela regra de direito: Si vinco vincentem te..." Se venço o que te vence a ti, com maior razão a ti te vencerei...

~~aquele ao seu tempo.~~

Frei Antonio Brandão não era menos patriota que Frei Bernardo de Brito. No que escreveu, muitas vezes deixou transparecer o seu orgulho de ser português, e nunca perdeu ensejo de enaltecer as nossas vitórias obtidas sobre os castelhanos ou leoneses.

Mas esse patriotismo não o levou ^{ao} exageros ^(a ~~de~~ devancios como aconteceu com Frei Bernardo de Brito). E que ele entendia que "a verdade é a alma da História".

Sem verdade a História não merece esse nome; com verdade, "fica isenta de toda a calúnia, pois (acrescenta), com razão a História merece o claro elogio de testemunha dos tempos, luz da verdade, mestra da vida, e vida da memória, com que Túlio e Quintiliano a descrevem."

Brito foi incomparavelmente muito superior a Brandão como prosador; mas a isso poderá responder-se com o dito de S. Jerónimo, que o próprio Brandão cita: "melhor parecem verdades tôscas que mentiras elegantes".

O grande mérito do historiador Frei António Brandão foi justamente o de não se parecer ^{em nada} com Frei Bernardo de Brito - no método de escrever a história.

~~Brito ou inventou e falsificou documentos, ou apenas se ficou em documentos falsos ou falsificados por outrem. Frei Antonio Brandão pelo contrário, foi modelo de probidade literária, e extraordinário, entre os historiadores portugueses de todos os tempos, o seu espírito crítico.~~

Há pessoas que acreditam em que tudo que lhes dizem, ou em ~~tudo~~ que leem; há outras que só acreditam depois de refletirem, ou de obterem confirmação. Brito pertenceu ~~à~~ primeira categoria; Brandão pertenceu indiscutivelmente à segunda.

Sobre o período da História de Portugal que Frei Antonio Brandão tinha a estudar havia já alguns livros antigos, escritos por outros autores, a que ele poderia ter recorrido. Havia ^a Crónica ^x de

D. Afonso Henriques, por Duarte Galvão, e as dos restantes reis ^{de Portugal} até D. Afonso IV, ^{de} Rui de Pina, -além das de Fernão Lopes, Garcia de Rezende, etc. Havia além disso muitas relações mais ou menos históricas, como vidas de santos, pequenas narrações, curtas memórias, livros de linhagens etc. Mas Frei Antonio Brandão não achou isso bastante. Ele quis saber se era verdade o que essas memórias e essas crónicas antigas diziam. Para ^{Tanto} ~~isso~~ - já sabeis - o que era preciso fazer. Ele teve de ir procurar as provas, os papéis, os documentos que testemunhassem o que os antigos ^{autores} antes dele haviam escrito em seus livros, memórias e relações. " Gastei perto de dez anos - afirmou D. Frei Antonio Brandão - em buscar e ler as doações, privilégios, escrituras e livros, dos principais arquivos das Sés e Mosteiros deste reino e alguns das cidades e vilas dele, e principalmente o cartório da Torre do Tombo, que é o Arquivo Real, e está no castelo de Lisboa; e do que colhi com este trabalho, conferindo-o com as histórias impressas e manuscritas (de que se não deve admitir coisa alguma sem fazer estas conferências) teci e pus em limpo os dois volumes que ofereço".

Quer dizer: Frei Antonio Brandão não repetiu o que os outros antes dele tinham dito. Quis ele mesmo saber como as coisas se passaram. Depois de ter bem estudado o cartório riquíssimo do seu Mosteiro de Alcobaca, fundado, como decerto todos sabem, por D. Afonso ^{se tinham os documentos de D. Afonso} ~~Henriques~~ ^{e onde havia pergaminhos e papéis desde o principio da monarchia portugueza -} Henriques, - meteu pés ao caminho, e foi aos arquivos dos conventos espalhados pelo país; visitou ^{os} cartórios das câmaras de cidades e vilas, ^(estive no Arquivo Real, por toda a parte) copiou ou mandou copiar centenas e centenas de documentos, leu-os, analisou-os, meditou-os, comparou-os, e, ao fim de dez anos de trabalho insano, publicou a terceira e quarta parte da Monarquia Lusitana, ^{- dois grossos volumes que apenas} as ~~quais~~ abrangem a História de Portugal desde o início do governo do Conde D. Henrique até à morte de D. Afonso 3º.

É notabilíssimo esse trabalho. Pouca gente hoje o lê, mas é pena: veio trazer muitas novidades. Provou a certeza de factos numerosos de que se duvidava; e apurou factos novos que se ignoravam totalmente.

Antes de Brandão já tinha havido em Portugal quem, para escrever a história de alguns reinados, andasse pelas igrejas, conventos e cartórios civís a procurar papéis manuscritos desses tempos.

Os mais velhos de vós sabem de certo que assim fizera Fernão Lopes, e conhecem talvez aquele passo duma sua crónica em que ele diz: “Ó com quanto cuidado e diligencia vimos grandes volumes de livros, de desvairadas linguagens e terras e isso mesmo públicas escrituras, de muitos cartórios, e outros lugares”. Não obstante, não houve nenhum escritor português antes de D. Antonio Brandão que tivesse visto tanto documento como ele viu, e que desses documentos se soubesse aproveitar como ele se aproveitou.

Fernão Lopes foi inimitável como prosador; nas páginas das suas crónicas há poesia e drama.

Há evidentemente reservas a fazer. He.
Fr. Lopes
A prosa de D. Antonio Brandão em nada se assemelha ^(por ex.) à do velho cronista. As suas narrações são frias, não têm vibração emocional, não são animadas e coloridas, não atraem pela elegância ou louçanias de estilo, embora este seja claro e correcto.

Frei Antonio Brandão também não compreendia a História como hoje se compreende. Limitou-se a fazer a descrição dos mais importantes sucessos militares e políticos, a apurar datas, a estabelecer a genealogia das principais famílias, a noticiar a erecção dos bispados, fundações de mosteiros e igrejas e pouco mais.

Como Herculano notou e noutro lugar já resumi, lê-se a obra de Brandão e não se fica com a mínima ideia da vida social do período que ele estudou, do pensamento político, da forma de administrar, de legislar, de fazer a guerra naquelas épocas. Mas tal não deve

espantar ninguém. Teriam de decorrer longos anos, dois séculos, antes que aparecesse em Portugal um Alexandre Herculano.

Apesar de tudo isto, pode afirmar-se, segundo me parece e já tem sido dito, que Frei António Brandão merece, com ~~mais~~ propriedade do que Fernão Lopes, o epíteto honroso de Pai da História portuguesa, pois ele foi o verdadeiro criador da História de Portugal.

A 3ª. e 4ª. parte da Monarquia Lusitana não ~~bastam~~ ^{contêm} para se ~~conhecer~~ tudo quanto é preciso saber-se para se poder afirmar que se conhece perfeitamente a história de Portugal desde o Conde D. Henrique até D. Afonso 3º. Sem dúvida. Mas não se deve esquecer, ^(reflito) que ~~foi necessário esperar~~ ^{foram precisos} dois séculos para aparecer um Alexandre Herculano - e que até hoje não apareceu ~~mais nenhum~~ ^{outro...}. Quem sabe se estará por aí algum?!...

Terá êrros Frei António Brandão?

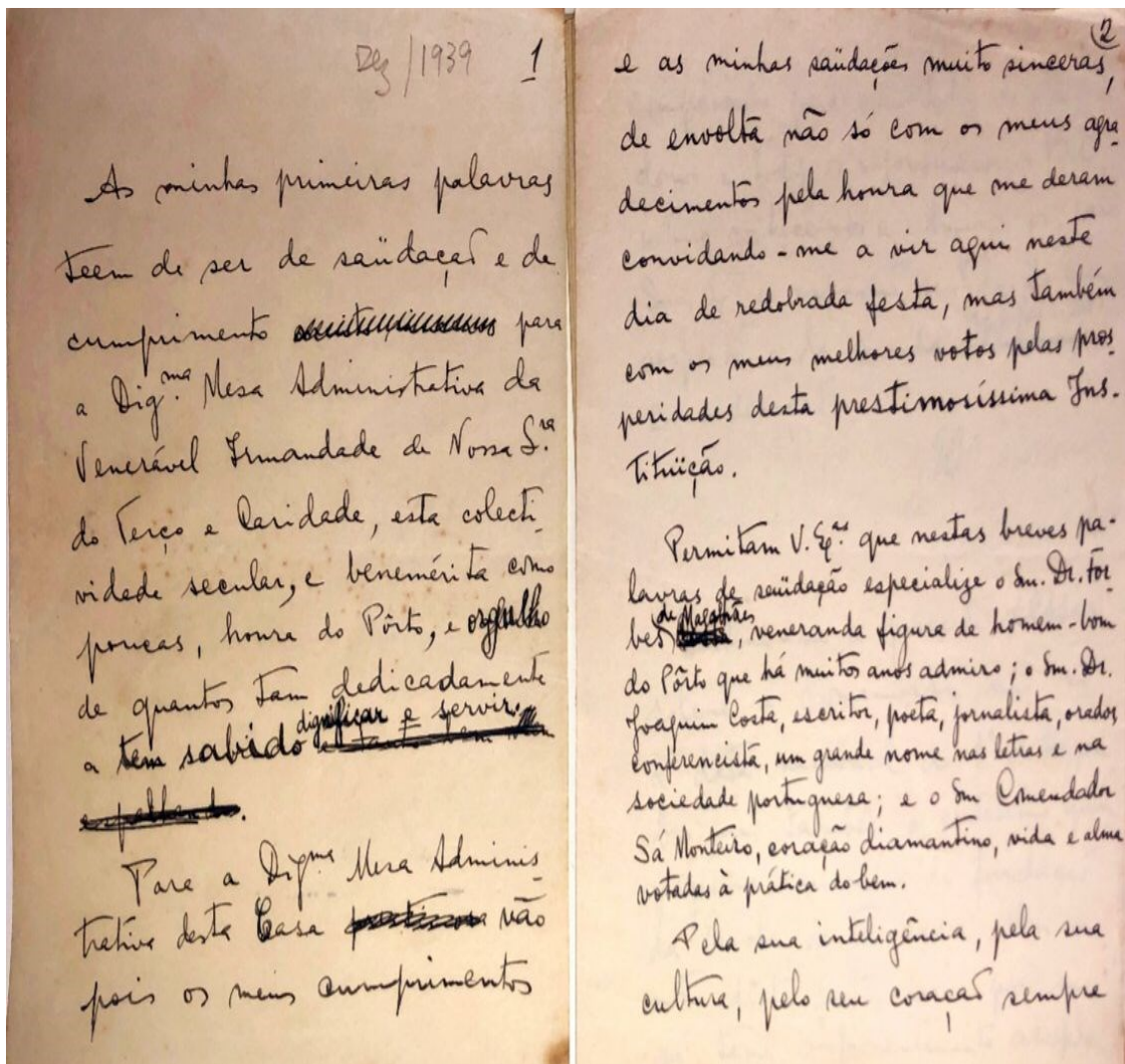
Quem os não tem?!

"O Mestre Brandão não era Anjo, era homem", escreveu, no séc. XVIII, D. José Barbosa. "Atento a emendar" os êrros, sem conta, dos que tinham escrito antes dele, e a demonstrar a falsidade de muitas lendas que corriam como verdades incontrovertidas, "não é muito" para admirar "que caísse em alguma confusão, que depois notaram aqueles que receberam dele a primeira e melhor luz".

Eu tive ocasião de verificar, em trabalhos que publiquei, que as conclusões a que chegou D. Antonio Brandão na maioria dos pontos duvidosos que estudou, e aos quais, depois dele, ^{notáveis} outros investigadores procuraram dar solução diferente, continuam ainda hoje a ter a aceitação dos melhores críticos.

Documento 8

S./t., pelo 150º aniversário da fundação da escola da Ordem do Terço. 1939 Dezembro 1
Conferência [Man., 34 fls.] Inédito (E.F.).



(3)
compensivo para com todos os aban-
donos e todos os infortúnios, o Porto
interio conhece-os e admira-os; para
Sua S.^a a expensas sentida do meu
respeito e de minha ~~profunda~~ profunda
consideração.

150^o aniversário
da fund. da
Escola do Terço

Destina-se a presente solenidade
solene a comemorar não só
a data nacional do 1.^o de Dezen-
bro mas também o centésimo quin-
teagésimo aniversário da fundação
da Escola desta casa. Um ou
outro destes factos seria por si
só tema sufficientemente amplo

A ambos aludici.
para ~~minhas~~ horas. Mas descansem
V. S.^{as}. Se fizerem o favor de me
conceder ^{uns} vinte ^(e cinco minutos) minutos de attenção
é ^{isso} quanto basta para mim: ~~conceder~~?
Bem: Conto ^{para} com vinte minutos
em a indulgência e a ~~a~~ bondade infinita
de ~~Vossas Excelências~~ ~~para~~ ~~estes~~ ~~factos~~.

x

~~Estas~~ Em meados do séc. XVIII,

~~na~~ ~~Porta~~

Havia aqui por estes sitios um
modesto oratório dedicado a N.^{ra} S.^a
do Terço, cuja imagem ^(na parede) se
venerava. Concluída em 1759 a

(6)

Igreja ^(na capela de Teres) que hoje existe, foi a dita
imagem para ali transferida, e em
~~dia~~ 8 de Dezembro daquele ano, dia
da festa da Nossa Senhora do An-
jo, celebrou-se nesse novo ^{Tamulto} templo
a primeira missa. ^{Nessa Igreja criou-se logo em seguida uma Irmandade de Santissimo Sacramento}
de Irmandade do
Sacramento da Eucaristia
Teres e Caridade, ~~que em 1762~~
em 1762 ~~fôz~~ ⁿⁱⁿ aprovados os seus
Estatutos.

Ora no cap. 4º dizes Estatutos, ao
estabelecer ~~em~~^{em-se} os actos de caridade que
a Companhia deveria praticar, determi-
na^{na} entre muitas outras obras, mei-
orias; a ~~da~~^{da} Irmandade ter um

mestre para ensinar meninos.

- "Terá a Omandade hum Mestre prouto p.^o ensinar meninos que podendo ser será sacerdote para o q. lhe perpetuaria congrua e lhe prohibirá que não aceite paga ou agradecimento por modo algũ, para que fique perpetua e verdadeiramente com o titulo de Escola de Caridade».

Alguns anos passaram sem que
~~podemos~~ ^{fosse} (efectiva de esta determi-
nação dos Estatutos, naturalmente
por falta de meios. Só em 1789
- há 150 anos portanto! - ~~que~~ ^{foi}
possível realizer essa antiga aspiração

7
Cas, graças à louvabilíssima e memo-
rável iniciativa do Rev.º Dr. Agostinho
José Braga. Dando para isso os meios
pecuniários indispensáveis, aquele
benfeitor estabeleceu em 1792 nesta
Irmandade não só a escola mas
culina, mas também a fêmeina,
e mandou que nesta última se
ensinasse a ler, escrever e co-
ter, e também doutrina cristã,
e a fazer renda, meia, luva, ~~co~~
~~que~~ e rêdes, brunir de lizo
e crêspo, e toda a qualidade de
costura ».

~~Ata da liza a que se fez a 11 de agosto de 1792~~
~~Ata da liza a que se fez a 11 de agosto de 1792~~

8
Fare bem se comprehender o que há
de extraordinário -
verdadeiramente digno de ~~relato~~ ^{relato} e de hon-
ra na liberalidade do Rev.º Dr. Ago-
stinho José Braga, ^{coherente - nos papéis que se} e preciso ~~que~~ ^{sabermos}
como se esteve ~~então~~ ^{então} em Portu-
gal pelo que respeita à instrução ^{literária}
^{escolares elementares} e sobretudo do ~~que~~ à instrução da
Mulher.

Nesses tempos, minhas Senhoras
e meus Senhores, a instrução ^{literária}
^{em Portugal} ~~um~~ mimo para os homens apenas...

Para senhoras - garantio no séc. XVIII
o grande D. Francisco Manuel de Melo,
autor de frase de Casados - o melhor livro
é a almofada e o batedor - ânes são,
segundo de afirmar, o melhor divertimento
fo e companhia da mulher. Havia-as
que perdiam a cabeça com a dança;
outros gostavam de agitar, ~~agitar~~ ~~agitar~~.

De passefem para outar pte certa
censura, que rec. XVII 12

bonitos ...
- Ora do riso que ~~dissermos~~ - escre-
ve D. Francisco Manuel. Se eles têm
bons dentes, e apêlo a que chamam
grace na boca e cova na face, aí
é que está o perigo. Há mulheres
destas que rirão a todo o sermo

13
de Paris... somente por assoelhar
aquele seu tesouro!

Isto (perdi-me senhores que me ouvis!)
é de todos os tempos...
~~Por séculos passados, havia q[ue] se~~
~~com consideração~~
~~em opinião firme e geral~~
na ideia de que uma perfeita mu-
lher não precisava de saber mais
que reger, ficar, border e fazer doces -
arte esta em que as Portuguezas
tinham fama em toda a Europa.

~~As mulheres chamavam os velhos, desse~~
~~modo~~ Ler e escrever não se consi-
derava ^(conhecerem) de grande utilidade - e mi-
nimo ^(para a mulher) de necessidade. Os velhos,
com os seus interesses e absurdos preconceitos,
~~formavam~~ mesmo praes opi-
~~niões~~ ^(de certa) nias das mulheres, e cultura. ^{Excluíam}

14
~~Se não se ouvisse esta espíritos~~
~~que têm alguns séculos de idade,~~
~~anedotas~~

Confessor - se esta dama ^{era} e bonita
a um frade velho e rubugento; e como
começasse a dizer em latim a confis-
são, prefunton-lhe o confessor, admi-
rado:

- Sabeis latim?!

Ela responde:

- Padre, crizei-me em Mosteiro.

Tornou ele a preguntar:

- Que estado tendes?

- Casada...

- Onde está vossa marido?

- Na Índia, meu Padre, disse ele.

Então, com vivacidade, atalhou o

velho:

- «Tende mão, filha: sabeis latim, crizei»

(15)
vos em Mosteiros, tendes marido na Índia?!
Ora ide - vos embora, e vinde cá on-
tro dia, que vós é fôrça que tragais
muito que dizer », e eu estou hoje
com muito pressa.

~~Portugal~~ ^{proem} do séc. XVIII
~~Portugal~~ ^{abandona} começou a ~~abandonar~~
~~em consequência dos rigores da~~
~~educação das mulheres~~
~~que se a educação da mulher.~~

D. João V ^(imitador de Luís XIV) no nome Rei-Sol,
anulou o fausto e a alegria. ~~De~~
~~deveria~~ ^{deveria} ~~realizar~~ ^{realizar} uma festa
linda desde que nela
~~se não perdesse~~
Os olhos de ouro, os sorrisos
e a graça feminina. ^{Forças} D. João V
- arcando com ~~as censuras irritadas dos~~ que

16
protestavam e queriam que as mulheres
~~se pudessem~~ ^{continuassem ocultas} dos olhares do outro
sexo - abriam a todas elas, novas e
velhas, bonitas e feias, solteiras, casa-
das e viúvas, os seios dos seus Paços,
e reatou as tradições perdidas dos sa-
rans magníficos de D. Manuel I. Jo-
ão V. ^{as} sabem que ficaram célebres
os serenins de Queluz do tempo do
Dn. D. João V.

Ora essa moda ditada pela corte e importada dos
salões de Luís XIV, ~~por imitação~~ ^{para começar a depender de}, com maior ou menor
pressa, pelas altas classes das diferentes cidades portu-
guesas.

Na segunda metade do séc. XVIII esses mo-
dos costumes tinham já chegado ao Porto.
Como é de calcular os velhos desse tempo anda-
vam escandalizados.

Um, em verso, dizia irónicamente:

19

conocidas de otros tiempos.

« Now ~~there~~ he knows assim - afterwards,

... tudo empeora;

O bem se acaba, o mal reigesken-
ca

E tem-se feito em tudo tal mudança,
que até por novo estilo se namora.

Q abade de fegente ^{chegou a} aborreçid^{2a} d'iger

120

- Adeos, ó Porto, adeos; fica-Tembora

estas pessoas o abade f^o ~~de~~ velhos e

altapam the dentes para as toradas ~~de~~
poucos

fornas para a pavane...; ~~alguns~~
- pavão - me alguns do
F

atrás nos pensava ele assim sem sonhos.

les ~~ad~~ ^{continuos}

A. pesar das liberdades concedidas
aos belos-espas, deve dizer-se que ~~a~~
~~dizem-nos~~ ~~que~~ ~~querem~~ ~~se~~ ~~algum~~ ~~sempre?~~ ~~fui~~
quasiamente nos fins do seec. XVIII q' os Rains
a mulher

Senhor D. Nuno I proibiu que ~~ele~~

se apresentarem nos países, em nome
do princípio desrespeitável de que as mulheres feministas
que se não devem perturbar

quem, por ex., a História do Valente Carlos Nafno
ou da Princesa Mangalona, e quejanda litera-
tura de cordel, então na terra, era um
pono proibido, embora apetecido. *Proibido, in-
teressante, mas não ha duvida que começava a*
fazer o seu caminho o parecer de que o
sexo feminino tinha também direito à ins-
trução literária. Ninguém imagina, porém, quan-
to custou a triunfar essa ideia!

Na interessante Noticia Histórica desta Venerável
Irmandade, devida à pena erudita do Sr. Dr. Pedro
Vitorino, faz-se notar que, tendo sido tomada, pelo
governo, em 1790 a acertada medida de man-
dar criar na Capital 18 escolas ^{públicas} de meninas
(antes não havia nenhuma!), só 25 anos
depois essa resolução veio a ser convertida
em realidade!

E isto porque?

Em primeiro lugar porque se entendia
- preconceito que foi difficilissimo destruir - porque
se entendia que «o ensino não convinha

às classes inferiores»; em segundo lugar, ⁽²⁶⁾
porque, por outro preconceito a que me tenho
referido - geralmente se julgava ainda, como
outros, que a instrução devia ser somen-
te destinada aos homens, e não também às
mulheres.

(mas os meios)
Para varrer de vez tais ideias foi preciso que
alguns homens pegassem em armas e fizessem uma Revolução. Falo
verdade: só em 1821, as Cortes Gerais e Es-
traordinárias da Nação Portuguesa, decreta-
ram ampla liberdade de ensino, declara-
do ser necessário facilitar por todos os meios
a instrução da mocidade dos dois sexos,
no indispensável estudo das primeiras letras.

Neste mesmo ano de 1821 foram
criadas duas aulas régias, para meninas,
nesta cidade do Porto. Pois, como ficou dito,
já 30 anos antes o Rev. Dr. Agostinho José Braga
havia criado a escola feminina desta Irmandade
do Terço.

- «gracias (refam dadas) ao sistema constitu-
cional! - dizia, embandeirado em arco, ao 16 de Janeiro de
1822.

(29)
os preconceitos retrógrados, e injustificados
da sua época, o Rev. Dr. Agostinho José
Braga, ^{esse} modelo admirável de bene-
mérito da instrução, a quem
casa (não) ^{foi prestada a justiça} ~~foi prestada a justiça~~ a que a sua ini-
ciativa da jus - procurou, na medida
das suas possibilidades, contribuir para que se
fosse elevando, como era tão preciso, o nível
intelectual da mulher portuguesa.

Imenso, no entanto, resta ainda, ^{hoje} para fazer nes-
se capítulo.

Não há muito - em 1910 - Léon Poincaré afir-
mava no seu Portugal Inconnu que a mulher por-
tuguesa em geral, e toda a regra admite excepções -
bastaria a ^{ex.} ^{ma} ^{Dr.} Maria Oswald para servir que
a regra tem excepções muito grandes - Poincaré afirmava
que a mulher portuguesa em geral não era provi-
da de muito grande cultura, embora fizesse
a justiça de lhe reconhecer notáveis qualidades
de coração e de carácter, que, segundo
dizia, lhe dão muito encanto e

30
e nelas maior valor moral e social: refe-
rindo-se especialmente às mulheres do
povo, ^{o mesmo autor diz} Considerava - as labrissas, e
seres mães de família, embora as
tantas ^{na realidade, afirmava} ~~afirmava~~ ^{que a sua}
féria prime era excelente, o que se
tornava preciso era saber aproveitá-
la.

Um dos últimos ^{sociólogos} estrangeiros que escreve-
ram sobre o povo português, foi Prof. Paul
Descamps, conhecido adepto de estudos
de Ciências Sociais. O seu livro, publi-
cado em 1935, não é o livro ligei-
ro dum touriste curioso. Representa
parte dos de sólidas observações,
de investigações directas, de trabalho
sério realizado com idoneidade e pa-
ciência.

31

E isto passa-se no nosso dia, em
pleno séc. XX! Devo ^{acrescentar} ~~agora~~ que Paul
Descamps nos ^{disse} de recente, como
toda a gente, o bom fundo de moralidade
da Mulher Portuguesa, afirmando que ela,
sob um ponto de vista, é muito su-
perior ao Homem.

(32

Segundo Ramalho, o conhecimento
que ~~se tem~~ ^{consegue} ganhar na educação
elementar feminina são os seguintes:

- 1º Curso de aciao, e de armar.
- 2º Curso de cozinha (química culinária)
- 3º Contabilidade, escriptura çal e contas doméstica.

(33

250

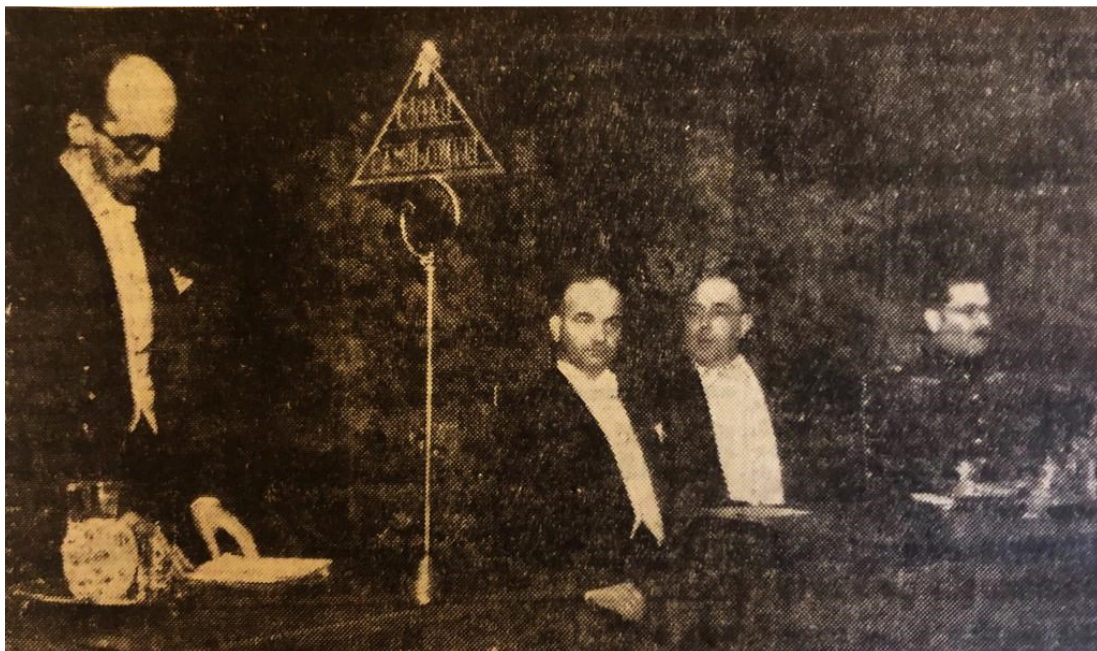
2

本.

34

fe

1934 Março 26 Conf. [dactil., 28 p.], no Clube Fenianos Portuenses. **Inédito** (EF).



3

A MULHER PORTUGUESA

VISTA PELOS ESTRANGEIROS

8

Quizeram os illustres organizadores deste Sarau e a Dign^a. Direcção desta Casa dar-me a alta honra, que desvanecidamente agradeço, de me convidarem a vir aqui dizer algumas palavras - neste solene dia de Festa do Clube dos Fenianos. É a mim que me cumpre antes de mais ninguém pedir desde já a V.Ex^{as}. que perdoem o êrro que a Direcção e a Comissão de Festas cometeram. Errar é perdoável desde que sejam - como eram - boas as intenções. V.Ex^{as}. ainda agora ouviram as palavras tam elogiosas e penhorantes como imerecidas com que o Snr..... se dignou apresentar-me. A intenção dos illustres Cavalheiros a quem cabe a grave responsabilidade de eu aqui estar neste momento pode avaliar-se pela lisonjeira mas falsa idea que êles fazem dêste modestíssimo plumitivo.

Perdoai-lhes, Senhores ! Imitai-me ! Sim ! Porque eu, -embora, atendendo igualmente às intenções, muito tenho que lhes

lhes esteja sinceramente agradecido,

perdoar também: se não fôsem eles não viria eu agora correr os riscos de aborrecer V.Ex^{as}. - o pior mal que pode acontecer a um conferencista.

Tiveram V.Ex^{as}. a bondade de me dar a liberdade de escolher o assunto da minha breve Conferência. Aproveitando essa gentilíssima faculdade confesso que por minha parte tive a preocupação de procurar um tema, do qual ao menos o simples enunciado não assustasse demasiadamente as minhas vítimas, inocentes e indefesas.

Pensei, reflecti, tornei a pensar e pareceu-me que o melhor assunto era a Mulher. Os homens não se aborrecem nunca de ouvir falar dêsse poema ideal de graça e de encanto, que tam grande parte ocupa na vida de cada um de nós, desde o berço ao túmulo e de quem não sei que poeta escreveu:

Mulher ! Eterna Charada

Que ninguém decifrará !

Melhor do que tu não há nada

Mas pior também não há.

Se o assunto não desagrada aos Homens, creio que também não desagradará às Senhoras.

Lembra-me, a propósito, uma ~~minha~~ pequena história, que peço licença para contar.

Certo negociante de modas tinha mandado colocar na parede externa do seu estabelecimento, entre duas grandes montras, um avantajado e magnífico espelho, que, como é natural, atraía as atenções de muitos dos transeuntes.

Ora um dia dois amigos, destes que nada teem que fazer e que perdem o tempo a discutir coisas que não teem discussão, barafustavam acaloradamente um com o outro e quasi se descompunham porque um sustentava irritado que as mulheres são mais vaidosas do que os homens !, e o outro não era de tal opinião.

-Queres uma aposta ?! - disse por fim um deles. Tirar-se já a teima. Vamos para a porta do negociante Fulano de Tal, e contamos num número igual de homens e de mulheres que passarem deante do espelho, quantas são as mulheres e quantos são os homens que olham para elle.

E sabem qual foi o resultado?

De cem homens que passaram, noventa e nove olharam pelo menos de soslaio para o espelho, só um não olhou, porque era cego.
- De cem mulheres que passaram não houve uma só que olhasse..
.- porque iam tôdas preocupadas a mirarem-se de alto abaixo umas às outras...

Como veêm pelo que acabo de dizer, o assunto Mulher parece-me que interessa a tôda a gente...

Mas eu não vou falar da Mulher em geral.

Vou falar da Mulher Portuguesa, o que supponho será ainda mais interessante para V. Ex.^a que são Portuguezas.

E vou falar da Mulher Portuguesa vista pelos Estrangeiros, o que me parece de maior interêsse ainda, pois nada é mais curioso do que saber o que os estrangeiros pensam de nós.

Antes de começar tenho de vos pedir, Minhas Senhoras, que me perdoeis se nem sempre ouvirdes as palavras de elogio, de louvor e de admiração a que estais habituadas e que - sou o primeiro a afirma-lo, - mereceis inteiramente.

Como há pouco disse, e há muitos dias anda anunciado, não venho trazer-vos aqui a minha opinião pessoal sôbre a Mulher

Portuguesa- à qual presto a minha incondicional homenagem.

O que vou transmitir a V. Ex.^a é a opinião dos estrangeiros... Embora sinta cá dentro da alma uma grande revolta e seja profundissima a minha indignação terei de reproduzir algumas vezes (muito poucas vezes) observações menos gentis para com o sexo amável Português, Peço-lhes porém que não esqueçam que essas observações não são minhas... e perdoem-me.

Agora uma outra prevenção: é impossivel repetir nuns fugazes minutos o que dezenas de autores escreveram pachorrentamente durante 400 longuíssimos anos. Limitar-me-ei a referir alguns dos mais curiosos juizos formulados pelos estrangeiros sôbre o aspecto físico, intelectual e moral da Mulher Portuguesa- e isto sumarissimamente, quási no conhecido estilo telegráfico...

Minhas Senhoras

No séc. XVI, completam-se justamente agora quatrocentos anos, andou aí pelo país um célebre humanista flamengo, chamado Nicolau Clenardo, sábio professor de Lovaina, figura notável do Renascimento, inteligência vivíssima; mordente e sagaz observador. A êle se deve uma primorosa e penetrante descrição da sociedade portuguesa daquella época.

6/
Os nossos principais vícios, por mais que isso nos doa, estão retratados na sua famosa Carta a Látomo, datada de Évora, ~~XX~~ aos 16 de Março de 1535.

Aos olhos do arguto professor as qualidades dominantes dos Portugueses eram a Repugnância pelo trabalho, a mania nobiliarquica, e a ligeireza dos costumes. Eram há 400 anos! E não serão ainda hoje!

Viver à grande, aparentar fidalguia, não trabalhar, tal não será ainda hoje a ambição de muito Português?!....

Esta característica do feitio nacional manifestava-se segundo Clemardo, também claramente na Mulher: como o Homem ela tinha invencível repugnância pelo trabalho e invencível preocupação de aparentar grandeza e fidalguia.

Imaginais porventura-diz o Professor de Lovaina - que uma mãe de família vá ao mercado comprar peixe, ou buscar hortaliça? " Como vos enganais... " A mulher portuguesa não presta para nada: tem apenas língua ... Eu sei que ~~XXXXXX~~ nesta altura V. Ex.^a protestam veementemente. E têm muita razão. Eu também estou indignadíssimo. Mas não percamos a serenidade. Lá que em Portugal se dizia que o trabalho era bom para os negros e para os escravos. isso não o podemos negar. Daí vieram

7/

as expressões que ainda hoje se usam: trabalhar como um negro, trabalhar como um mouro, mourejar... E também é verdade que (pelo menos no século 16) os Portugueses tinham uma acerrtuada predilecçãossinha pela ociosidade e pelo luxo.

Na rua as mulheres(e os homens também...) andavam revestidos de veludos, sedas, de ouro e pedrarias.

Em casa muitas vezes passavam fome...

No livro onde se inscreviam as notas dos gastos duma família que maravilhava o próximo pela suntuosidade do trajar, lia-se em páginas sucessivas, como única despesa da alimentação de cada dia:

Água - - - 4 ceitis

Pão - - - 2 reais

Rabanetes- -4 reais e 1/2

Estas verbas repetiam-se em várias páginas seguidas do livro, mas numa delas encontrava-se apenas a seguinte observação:

Hoje.... nada por não haver rabanetes na Praça

Quere dizer: naquele dia a família guardou jejum natural..

Clenardo, que esta anedota conta, não é excessivamente gentil com a Mulher Portuguesa. Calunia-a até, quando a dá

como atreita a ligações ilícitas e a desvarios amorosos.

Tôda a gente sabe que a Mulher Portuguesa foi tida sempre como modelo de perfeições morais

Numerosos autores atestam que ela vivia no mais honesto recolhimento - só comparável, segundo afirmações de alguns ao da mulher na Turquia - enquanto não chegou Kemal Pachá e acabou com os harens, o véu no rosto, e outras coisas mais.

As damas de qualidade só saíam da casa para ir à Igreja. E nunca andavam sós. Eram precedidas ordinariamente por dois ou três escudeiros, e seguidas por outras tantas criadas graves, e mais um ou dois pretinhos. Traziam mantos derrubados sôbre os olhos para que ninguém lhes visse o rosto.

Porém, é bom que se saiba desde já que êsses embuços, êsses recatos, essa humildade eram muita vez hipocrisia e nem sempre produziam bons resultados. Já no século XVII havia Portugueses que, sem negar que a compostura, modéstia e recolhimento das mulheres de Portugal era o nosso maior bem, não hesitavam contudo em reprovar a excessiva desconfiança dos maridos e dos pais e o cativoiro servil em que uns e outros tinham suas mulheres e filhas.

" Como se as mulheres não fôsem nossas Irmãs e filhas de nossos Pais (diziam êsses modernistas,) como se elas não fôsem cristãs e bichinhos, que bolem e sabem falar, as queremos fazer animais irracionais e brutos feros, e que não vejam, nem falem, e metêmo-las como leões em cisternas; não nos lembramos do que prega Rodomante:

Enclausurar os leões se deve, e também as serpentes....

Mas não as coisas belas e inocentes!....

Como já disse numa outra Conferencia no século XVII ainda as mulheres viviam enclausuradas, como leões- como leões ~~XXX~~ não, Como tenras ovelhinhas que era preciso defender e guardar, bem longe dos leões - que eram os homens. Trancavam-se as portas, e punham-se grades e reixas nas janelas. Cada casa era uma fortaleza ou uma prisão, donde apenas se podia fugir pelo telhado - e assim aconteceu algumas vezes..."

As Mulheres portuguesas viviam sim, imensamente recolhidas e vigiadas, talvez por isso mesmo, é que não sabiam fazer muito bom uso dos momentos de liberdade que podiam furtar à vigilância feroz dos maridos ou dos pais.

Mas do que não há duvida, é que nesse mesmo séc. XVII era muito superior à da generalidade das mulheres dos outros

países da Europa a fama da honestidade e medéstia do bom mu-
lherigo de Portugal.

Verdade, verdade que esta frase não é de nenhum estrangeiro. Chamava-se Duarte Nunes de Leão quem a escreveu. Mas é dum ^{Português} ✓ que se abonava com a opinião dos estrangeiros que de muito longe costumavam vir buscar espôsa a Portugal, cativados não só pela graça de falar, e pela venustade (isto, é - formosura) do parecer da mulher lusitana, mas, sobretudo, pelo brilho irradiante das suas virtudes morais.

Nunes de Leão cita o caso absolutamente verdadeiro do ~~XXX~~ Imperador Carlos V que, nos fins da vida, não quis para enfermeira senão uma Portuguesa - e isto porque ele, viúvo da formosíssima Isabel, filha do nosso D. Manuel I, sabia por experiência própria que " nas perfeições de suas mãos, nos labores e ofícios de mulheres, nas conservas e coisas de comer para doentes, e sãos; nos perfumes; na polícia e limpeza de suas casas, no regalo com que curam seus doentes são as Portuguesas únicas no mundo.

A! consola a alma ouvir disto....

O pior é que-não sei se diga...o pior é que ao lado de ~~X~~ tantas virtudes alguns estrangeiros notavam assombrados ~~XXX~~

alguns hábitos muito pouco distintos nas damas portuguesas, mesmo da melhor sociedade. "Durante a nossa estada nas Caldas do Gerez (escreveu o alemão Link, aí por 1779) eu vi a irmã do bispo e governador do Porto, viuva jovem e encantadora, e pertencente à antiga nobreza do Reino, sentada uma tarde diante da sua porta da rua, com a cabeça graciosamente reclinada no regaço da sua criada de quarto... "que cuidadosamente...

O alemão não diz que era um serviço de limpeza que a criada de quarto estava, ali em público prestando à sua ama, mas acrescenta: " Eu sei de maneira positiva que as meninas, nas visitas que fazem umas ^{às} outras, prestam-se reciprocamente este serviço para passar o tempo ".

É pasmoso, mas é verdade.

O mesmo nos é contado mais ou menos na mesma época pelo conde Hoffmanseg. Mas que os homens ~~XXXXXX~~ não riem. O Inglês Twiss refere que naquele tempo passeando um dia pelas ruas de Lisboa, viu ao longe dois sujeitos imóveis, caídos no chão, estendidos na calçada, e debruçados sobre eles, dois enormes macacões. Surpreendido com semelhante espectáculo,

aproximou-se a medo , e viu, com irreprimível espanto, que os irracionais estavam muito pacata e sollicitamente despio-
lhando os racionais! Esse era o officio dos brutos, bem rendo-
so para o esperto dono deles que, por cada operação, recebia i
um tanto, e nunca lhe faltava a frêguesia...

Mas passemos a outro assunto que é melhor...

Quási todos os escritores estrangeiros dizem que nós- os
homens portugueses - somos muito feios (não protesto..) e
que V. Ex.^{sa} - as Portuguezas- são muito insinuantes(Apoiado..)
...têm tudo quanto é preciso para agradar, mesmo nos casos
em que, sob o ponto de vista da beleza clássica, algumas res-
trições e reparos haja a fazer.

Nos fins do séc.18 um Ci-Devant Duc de Chatelet declarou
que em seu entender poucos homens haverá no mundo mais feios
que os Portuguezes(ainda gostava de conhecer a cara dêsse su-
jeito...) Pois este mesmo Chatelet afirma que nenhuma Euro-
peia possui mais bela carnação do que a Mulher da nossa Terra
Elogia tambem a alvura dos dentes das Portuguezas, o sedoso,
o ondulado, a abundancia dos seus cabelos, que, estendidos
pelas costas, tocavam no chão.(Isto era há 150 anos!)

13

Lamenta apenas que as archi-avós de V.Exc.^a calçassem mal, andassem de-vagar e sem graça, usassem saias demasiado curtas tanto menos indicadas quanto é certo que serviam sómente para deixar ver ~~m~~as pernas e grandes pés.

Sem êsses senões as Portuguesas poderiam passar por belas mulheres - para isso lhes dava licença o Senhor Ex.^o Duque de Chatelet - ou quem sob êsse nome escreveu.

Este Cavalheiro é dos poucos que dizem que a Mulher portuguesa tem pés grandes. Citarei opinião contrária, e mais conforme, à verdade, de um outro estrangeiro.

Para o alemão Link as mulheres portugesas tinham os mesmos defeitos que os homens: estatura pequena e tendência para a obsessão para um enbonpoint excessif. No entanto as suas maneiras vivas e afáveis, os seus olhos extremamente belos, o seu cabelo admirável, dentes alvíssimos, belo pescoço os pés bem feitos, formavam em seu entender conjunto atraente - e supriam tôdas as irregularidades antropomórficas.

Como veem êste concede às damas portugesas pés bem feitos

Essa era na verdade a opinião mais geral.

Como é geral entre nós a falsa idea de que tôdas as Inglesas teem pés grandes. É um erro de generalização; as Misses de óculos e chapéu ás três pancadas que para aí vimos não se podem, em geral considerar como tipo da beleza britânica.

Uma escritora Inglesa que em 1873 nos visitou, a famosa Lady Jackson, notou este conceito que dos pés dela e dos de suas compatriotas cá em Portugal se fazia, e sem nos negar razão, afirmou no entanto que tinha visto as botinhas de certa condessa - botifarras - tam grandes que dentro de cada uma delas muitas inglesas podiam meter ambos os pés. E acrescenta scandalizada: -"É basófia de mais!". Vinga-se dizendo que os tacões das botas das nossas damas eram tam altos, que elas eram obrigadas não só a continuos estorcegões dos pés, mas também a apresentar uma irrisória e insólita proeminencia da região abdominal!

~~XXXXXXXXXX~~ Ainda há 80 anos não saíam sosinhas á rua as meninas solteiras. Diz Lady Jackson que só as senhoras de ideas mais avançadas, e iniciadoras da emancipação, ousam mostrar-se fora de casa, trajando de cores vivíssimas e á ultima moda de Paris. No tópo dos altos edificios de tran-

ças e rolos, laços e pufs traziam chapéus cheios de flores, fitas e plumas.

Em 1873 havia á venda nos Cabelleiros do Chiado em Lisboa, e naturalmente nos de cá do Pôrto, opulentas e ondeadas tranças negras, bandós, tranças e espirais de caracois, negros também como azeviche. Tranças louras quási se não viam.

Quanto á delicadeza de maneiras e á vivacidade de espírito, quanto á galanteria a Mulher de Portugal ^(vencia) nesse galantíssimo séc. XVIII tôdas as outras mulheres da Europa - afirma-se no livro do Duque de Chatelet que há pouco citei.

Não invento! Podem ir ver!

Vence até a propria mulher francesa - lá está a pág. 70 do tomo I.^o !.

No capítulo meiguice e ternura continuava a não haver também no Mundo, mulher como a lusitana facto êste unanimemente reconhecido pelos estrangeiros de todos os tempos.

Foi proverbial na Côrte de Luis XIV a expressão sensível como uma Portuguesa .

Juro-lhes que não estou a fantasiar.

Querem uma prova? Ei-la:

M.^{me} de Sévigné numa das suas célebres e adoráveis ^(cartas) à filha, diz: - "Branca escreveu-me uma carta tam expressivamente terna, que compensa todo o meu esquecimento passado. Fala-me no seu coração em tôdas as linhas. Se eu lhe respondesse no mesmo tom, a minha carta seria uma verdadeira portuguesa".

Advirta-se que a ternura e o lirismo não foram em Portugal característicos apenas das almas femininas.

Se o símbolo da França, é, e será eternamente o galo petulante e lustroso, que canta claro, com uma limpidez de clarim, no fresco arrebol da manhã - o nosso emblema disse-o Eça de Queiroz - é, e será eternamente também, o rouxinol que geme na esmessa mal alumiada dos arvoredos, o rouxinol "amavioso e saudoso que fez chorar Barnardim".

A nossa ternura, o nosso feitio lírico, o nosso saudosismo foram tam notados que no tempo de Cervantes e Calderon de la Barca as palavras Portugues e lloron (chorão, choramigas) chegaram a ser tomadas como sinónimos.

Parece, no entanto, que nem sempre foi assim.

Uma época dizem que houve ^{que} em as Portuguesas de certa terra eram más como viragos.

Não sei se entre o illustre auditório perante o qual tenho a honra de falar se encontra alguma Senhora de Braga. Se estiver tenho muita pena. É as suas conterrâneas de há 2.000 ~~XX~~ anos que me refiro. E sou obrigado a declarar que nós os ~~XX~~ homens do Porto devemos guardar-lhes um fundo ressentimento, se é verdade o que diz Frei Bernardo de Brito.

Conta este cronista de há três séculos, que no ano 14 do Império de Octaviano Cesar Augusto - já lá vai muito tempo, mas a afronta não se pode esquecer.... os Galegos de Tui invadiram o Entre Douro e Minho e puseram cerco à cidade de Braga

Os Portuenses nessa altura não se portaram bem, confesso.

Aliaram-se com os Galegos e atacaram os Bracarenses. Mereciam castigo; lá nisso é verdade.

Mas não havia o direito de lhes fazer o que fizeram.

Não acham que é demais ! Pôr-nos um pé no pescoço?!...

Manda a lãldadedizer que Frei Bernardo de Brito é considerado o Padre Mestre das Patranhas Nacionais, e esta deve ser uma das suas petas de marca maior...

Enorme foi noutros tempos a religiosidade do nosso povo.

Alguns viajantesclassificaram-nos de fanáticos, intolerantes, supersticiosos. Outros acusaram-nos porém de nos contentarmos com as práticas externas do culto.

Mas devemos lembrar-nos de que muitos dos que essas críticas fizeram eram protestantes, e traziam o espírito perturbado ~~xx~~ por ideias e prevenções da sua própria religião.

No que eles são rigorosamente verdadeiros é no dizerem que as procissões e cerimónias de igreja, embora fôsem manifestações de piedade cristã constituíam para as mulheres - que não tinham outro divertimento, - pretexto anciosamente aproveitado para exhibições das suas galas e encantos.

Carrère, em 1789, conta que nos dias de procissão as janelas se enchiam de senhoras quatro horas antes da saída do

préstito.

Em baixo, na rua, os faceiras de chapéu de três bicos ~~em~~ preso no sovaco do braço esquerdo, de cabeleira empoada, de espadim, calção e meia, - passavam e tornavam a passar.

Olhavam, deitavam a luneta, saúdevam, faziam sinais de inteligência - e as meninas, muito felizes por haver quem olhasse para elas, correspondiam-lhes com gentil desenvoltura.

Nas Igrejas, porém é que o caso na verdade era censurável - pois as donzelas, em vez de estarem com atenção à missa, conversavam e namoravam escandalosamente.

Os antigos visitantes estrangeiros sendo unânimes em reconhecer atrativos poderosos na mulher portuguesa afirmam também unanimemente que a sua afabilidade, a doçura das suas maneiras, o seu poder de sedução eram pura e simplesmente ~~da~~ dons da natureza-mãe.

Nada provinha da educação - porque esta pode dizer-se que ~~em~~ não existia.

A cultura da inteligência - a cultura do espírito era considerada como perigosa.

As Portuguesas bem nascidas gastavam os dias na mais completa ociosidade.

Passavam uma parte do tempo por detrás das gelosias, espalhando a rua; e a outra parte sentadas, no chão de pernas cruzadas, sobre uma esteira, onde repousavam tristemente a sua indolência e o seu aborrecimento.

Não pegavam num livro - pela razão simples de que não sabiam ler.

Esta má - vontade ás letras começou a modificar-se unicamente depois de 1820, depois da mudança das instituições políticas, na primeira metade do século passado, e ainda não desapareceu completamente.

Léon Poinsard, em 1910, dizia no seu Portugal Inconnu que a mulher portuguesa em geral - não era provida de muito ~~de~~ grande cultura.

Não obstante, esse notável sociólogo francês reconhecia-lhe qualidades de coração e de carácter que, segundo afirmou, lhe dão muito encanto e não menor valor moral e social.

Quanto às mulheres do povo considerava-as laboriosas, e
terras mães de família, embora bastantes atrasadas.

Concluía que a matéria prima era excelente, o que se tornava
preciso era saber aproveitá-la.

Um dos ultimos estrangeiros que escreveram sobre o nosso
país foi o Prof. Paul Descamps conhecido sociologo da escola
da Siencia Social.

O seu livro, publicado em 1935, não é o livro ligeiro dum
touriste.

Representa quatro anos de sólidas observações, de
investigações directas, de trabalho realizado com idoneidade
e probidade científicas

Pois o Professor Paul Descamps lá fala das deficiências
da educação intelectual e moral da mulher portuguesa, e dos
preconceitos que fazem com que sejam mais ou menos censura-
das as raparigas das classes superiores da sociedade que ~~am~~
querem trabalhar, ou dedicar-se a estudos sérios.

Moralidade: Boa. Fundo excelente.

Não deixa, porém de reconhecer, como os mais, o bom fundo de moralidade da Mulher Portuguesa, afirmando que ela, sob esse ponto de vista, é muito superior ao Homem.

Minhas Senhoras.

Eu bem lhes dizia. Nem todos os estrangeiros têm sido amáveis com V.Ex^{as}.

Alguns foram muito pouco justos mesmo.

O que vale é que, para contrabalançar as opiniões daqueles que disserem mal, temos as opiniões dos que dâsseram bem.

Se quiséssemos resumir o que elles todos têm escrito sobre o aspecto físico, intelectual e moral da Mulher Portuguesa, parece-me que poderíamos dizer o seguinte:

Aspecto físico:-Insinuante, atraente, mesmo quando não é bello.

Inteligência:-Viva, mas pouco cultivada.

Moralidade:-Boa. Fundo excelente.

Cá eu, como antigo professor, se quisesse classificar com valores as qualidades da Mulher Portuguesa em geral segundo a opinião dos estrangeiros, diria:

Qualidades intelectuais - 20 valores

" morais - 20 valores

" físicas - 18 Valores

Cultura - 12 valores

A média de 12 valores significa suficiente.

Ter cultura suficiente, já não é mau.

Muito pior é ter cultura excessiva ou inadequada.

Conhecem não é verdade o velho prolóquio popular:

De frade que dorme em pé

De cabra que faz mé

De burra que faz him

E de mulher que sabe latim

Libera nos, Domine.....

Isto não quer dizer, meus Senhores que se não deva cuidar a sério do problema da educação feminina em Portugal.

Dizia Ramalho Ortigão, nas Farpas, há mais de 70 anos:

- "A reforma da Instrução das mulheres é em Portugal ainda mais urgente que o da instrução dos homens."

Mas ele queria que a instrução das Mulheres fôsse uma instrução especial; uma instrução que as não masculinizasse.

Ele afirmava que os conhecimentos indispensáveis à mulher, na educação elementar, deveriam consistir dos seguintes ramos de ensino:

1ª-Curso de azeite, e de arranjo.

2ª-Curso de cozinha (química culinária).

3ª-Contabilidade, escrituração e economia doméstica.

Para Ramalho Ortigão a primeira coisa que se devia ensinar a uma menina era a fazer um caldo.

"O caldo - diz ele - é a base de toda a alimentação sã e racionalmente dirigida.(...)Toda a mulher que não sabe fazer um caldo deveria ser proibida de dirigir uma casa."

"Sobre a ignorância culinária da maior parte das senhoras"

267

portuguesas pesa a responsabilidade tremenda da dispepsia nacional.

"Não temos estômagos sãos porque não temos mulheres instruídas".

Eu estou inteiramente de acôrdo. E de resto pergunto: - Que é mais util a uma Senhora ?! ... Saber fazer um caldo, ou saber o que é um substantivo ?!

Houve, porém, uma literata portuense que não gostou das teorias de Ramalho, e que lhe retorquiou no jornal da época o Diário da Manhã, num folhetim, em que pretendendo ter espírito se mostrava pretenciosa e irritante e em que inclusivamente aconselhava o admirável autor da Holanda a deixar aos palhaços dos circos o trabalho de fazer rir o público !

Ramalho classifica esta frase de tam lúcida e conceituosa como aristocrática e distinta - e faz contundentes considerações sôbre o conceito que a escritora tinha da dignidade alheia e da sua própria dignidade.

Declara em seguida que se criou no caldo de unto e na boria

dos homens do campo.

Não tomou chá - sim não tomou chá em pequeno.

Agora o que tomou foi o bom ar puro, saudável e honesto da querida courela em que nasceu e se criou.

As mulheres que o educaram - soubesse-o a delambida literata sua antagonista - tinham compreendido que os dois principais deveres da Mulher eram: -1º ser saudável; 2º não ser conhecida.

Essas mulheres foram a mãe, a tia, a avó do escritor - "uma vigorosa raça de matronas que os nobres cuidados de sua casa e da sua família tiveram sempre ao abrigo de sentimentalidades enervantes e das publicidades burlescas.

Poucas vezes empalideceram nos bailes, e não tiveram nunca de que corar nos folhetins dos periódicos".

Sim, Minhas Senhoras.

Urbi et Orbe, todos reconhecem que sois belas, sois inteligentes, sois modelos de honestidade e que tendes faculdades para tudo apreender. Mas lembrai-vos da antagonista de Ramalho:

não desejeis a publicidade que envenena, nem a notoriedade que atração e, não raro, mata.

Aprendeis tudo quanto quizerdes. Se vos aprouver sede médicas, advogadas, engenheiras, negociantes, empregadas de escritório, dactilógrafas, etc.- ou melhor ainda professoras, educadoras, enfermeiras.

Mas sinceramente vos digo que para mim a profissão que melhor quadra à Mulher é a de boas espôsas e de boas mãis - e portanto a de boas donas de casa -. É difficílissima que esta profissão é nestes pavorosos tempos de crise económica que vão correndo ! Lá diz o ditado - o marido arca, a mulher barca. Mas que prodígios tem a Mulher de fazer na barca para que chegue o dinheiro da arca !

Ora pois, Senhoras Minhas !

Os estrangeiros louvam a vossa feminilidade. Fazei por conservá-la, que é o que de melhor há em vós.

Para isso, e para bem do futuro da raça e da dispepsia nacional vós deveis seguir o conselho de Ramalho; respeitosa mas en-

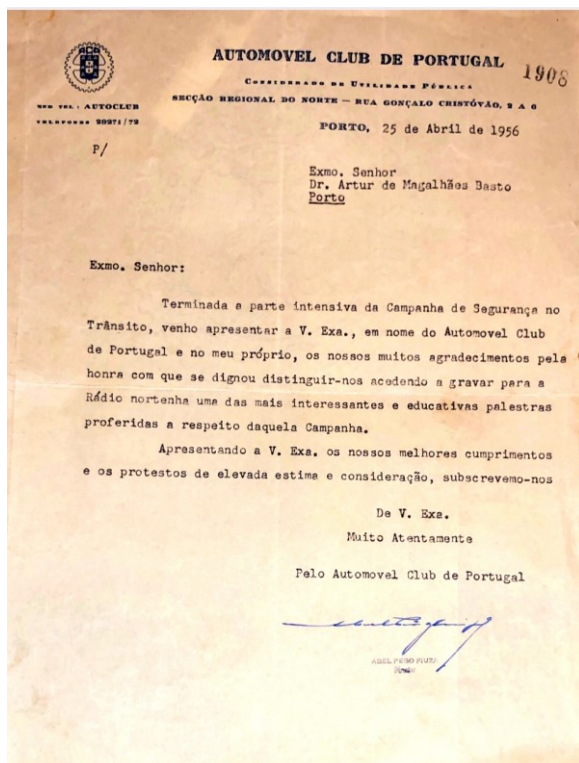
carecidamente vos peço que não deixéis de ensinar a vossas filhas de preferência a tudo, depois da educação moral - nem deixai que vos esqueça ! - como se faz um bom caldo à antiga portuguesa.

F I M

Documento 10

ACP, 1956 Abril 25 [carta] para AMB, a agradecer a colaboração.

“Campanha para a Segurança no Trânsito”, 1956 Palestra radiofónica de AMB, convidado pelo ACP (Automóvel Club de Portugal), [Man., 1 de 9 fls.] (EF).



Nesta benemérita Campanha em que o Automóvel Club de Portugal anda empenhado para que sejam observadas por todos, sem excepção, as regras de trânsito - é evidente que também deve cooperar o peão.

Peão em si... ^{até} Tenho certa vaidade em o ser; ^é muito ao mesmo tempo... de tanta gente que anda de automóvel. É uma forma de distinção como qualquer outra... Não se ofendam os senhores automobilistas!

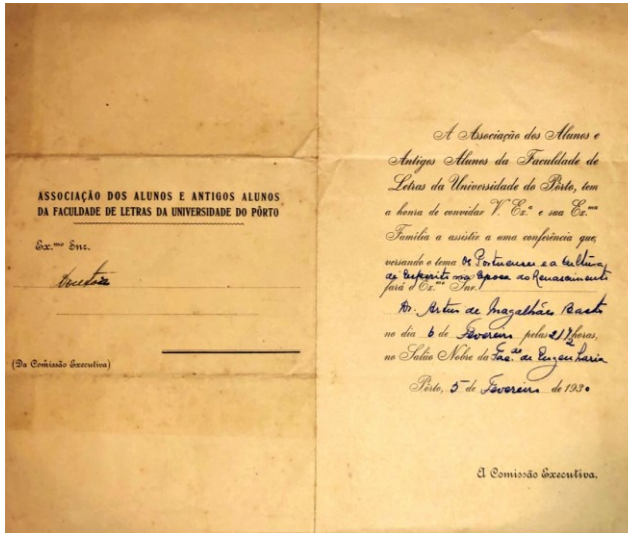
Ora porque sou um peão - incorrigível - entenda-se: peão que não se corrige de ser, isto é, que só por ^{necessidade} acata não anda a pé - recebi o amável convite para vir trazer alguma coisa da minha justiça a propósito da Campanha para a segurança do trânsito.

Documento 11

Os Portuenses e a Cultura do espírito na Época do Renascimento. 1931 Fevereiro 5

a. Convite da Associação dos Alunos da FLP para a conf. (EF).

b. A capa do livro *Os Portuenses no Renascimento*. Gaia: Edições Pátria, 1931.



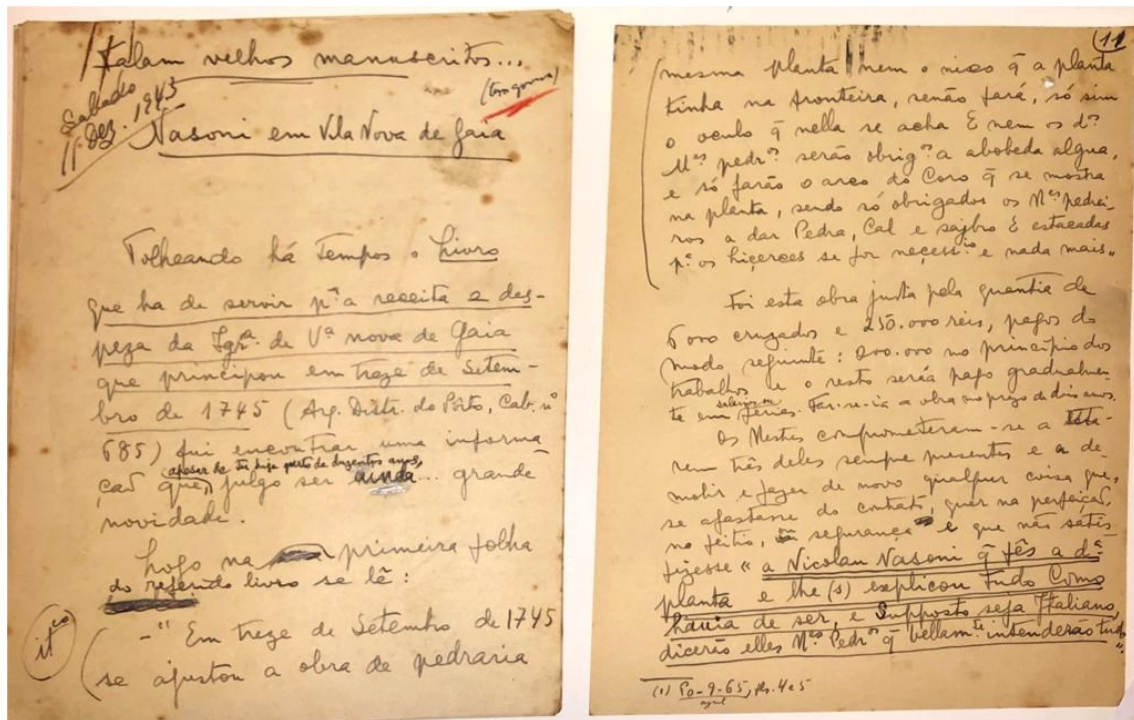
a.



b.

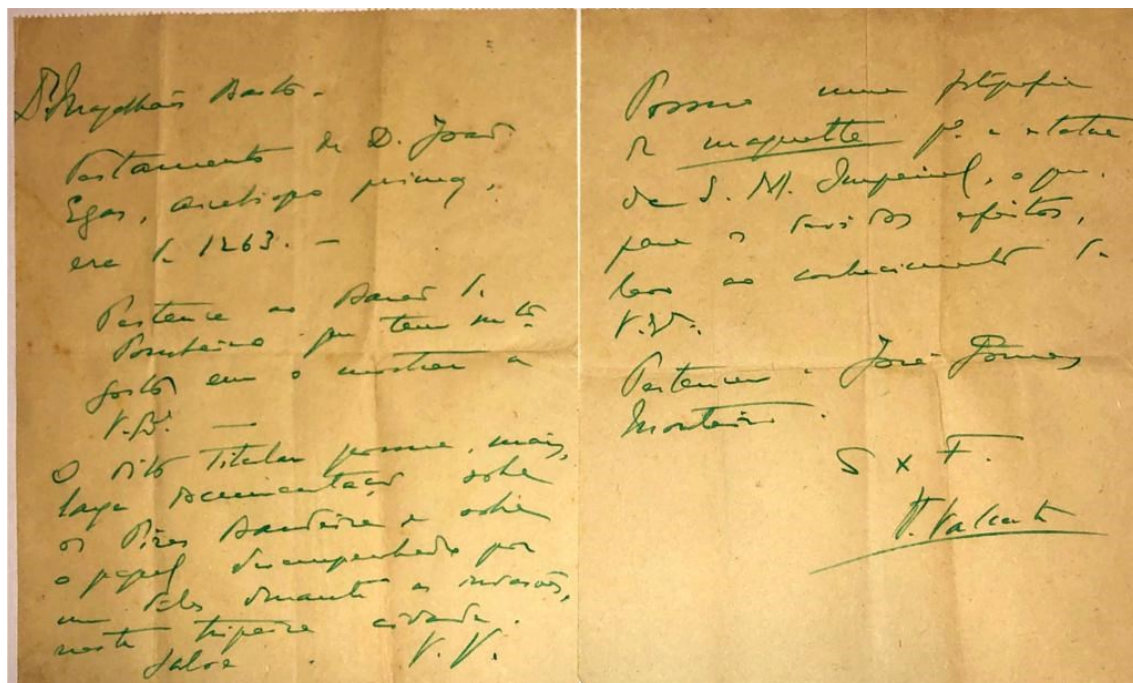
Documento 12

"F. v. m...Nasoni em Vila Nova de Gaia", *O Primeiro de Janeiro*. 1943 Dez 11[Man. p.1 e 11].



Documento 13

a. Vasco Valente **1941** Novembro 15 [carta] para AMB...fala duma foto que tem da maquette da estátua de D. Pedro IV (E.F.).



b. V. Valente **1941** Novembro 15, [Recibo] do MNSR, a agradecer o envio de 2 trabalhos seus. (EF).

 MUSEU NACIONAL
DE SOARES DOS REIS

BIBLIOTECA

N.º 122/41 PÓRTO, 15 de Novembro de 1941

Ex.º Senhor

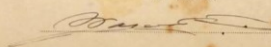
Tenho a honra de agradecer, muito reconhecido, a
D. Ex.º a oferta da obra seguinte:

ENSAIO SOBRE O CULTO DA ARTE ENTRE OS POR-
TUENSES-PÓRTO, 1939;
CONTRATO COM DIOGO DE CASTILHO, Mestre de pe-
draria, para a construção do Mosteiro de Mon-
chique-PÓRTO, 1941;

que D. Ex.º se dignou enviar à Biblioteca privada d'esse
Museu Nacional.

Ex.º Senhor DR. Artur de Magalhães Basto
PÓRTO.

O Director,



c. Alberto Meira, S./d. [Cartão] para AMB, agradecendo por idêntica oferta (E.F.).

ALBERTO MEIRA cumprimenta o seu ex.
e muito estimado amigo, a agradecer.
He com o maior reconhecimento a
benfazerante oferta dos seus trabalhos
publicados que conservarei com o
maior apreço!

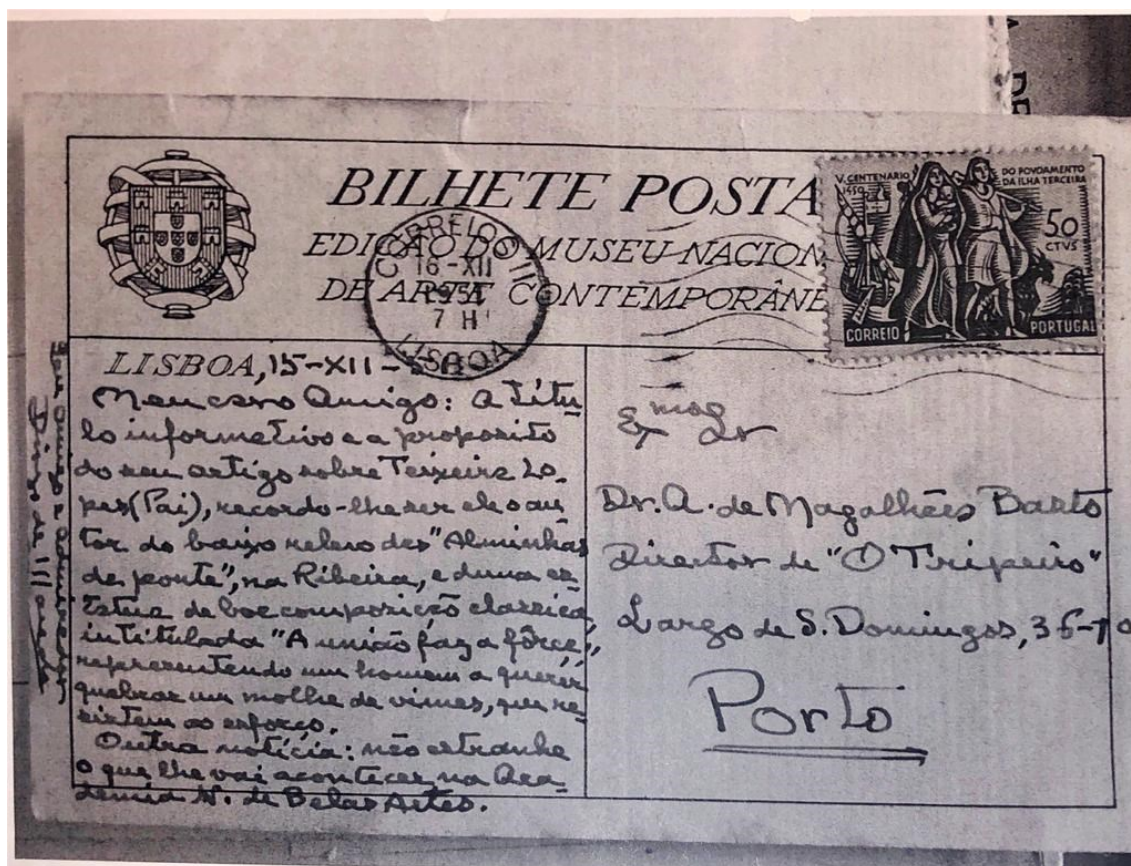
MUSEU NACIONAL
DE SOARES DOS REIS

At.te e m. obrigado.

PALÁCIO DOS CARRANCAS — PÓRTO

Documento 14

Diogo de Macedo, do MNAC, 1951 Dez.15 [Postal] para AMB, s/o seu artigo "O Autor da estátua de D. Pedro V", *Tripeiro* (Dez 51). Alerta "...que lhe vai suceder na ANBA"!



Documento 15

Antero Albano da Silveira Pinto 1850 Maio 20 [Relatório original] para a CMP (EF).

H^{mo} e Ex^{ma} Senr.

Tendo sido nomeado pelo Ex^{ma} Camara para proceder a hum minucioso exame de todos os objectos existentes dentro do Museu = Allen = a fim de ver se elles estao conformes com o que consta do Inventario apresentado pelos Representantes da Casa = Allen = por isso em virtude de tao honrosa confiança que a mesma Ex^{ma} Camara em mim depositou, cumpro-me participar. the o resultado dene trabalho, à medida que o for coordenando.

Primeiramente julguei a proposito principiar pelo exame das Pinturas que se achão penduradas nas tres Salles do Museu, e outras muitas que pertencerão a huma quarta Salle hoje destruida, e que por falta de Ciga se achão postas no pavimento do Museu debaixo das Estantes.

Este exame dependeu muito do trabalho braçal em consequencia da necessidade que houve para a sua verificação, de os appear, e depois atar cada ~~um~~ dellez, lacrar e sellar, e tive o maior cuidado em que as Pinturas e Caixeiros não soffressem o menor estrago nestas operações.

O Numero de Pinturas debaixo da ordem numerica que consta do Inventario, he de quinhentas e noventa e nove, e forão successivamente examinadas e conferidas não só em quanto ao assumpto, como em relação à sua numeração e medições respectivas e achando-as em tudo conformes com o In.

ventarim, o rubriquei com o meu signal de *Alf. Pinto*

A ordem de serviço deste exame melhor consta da Nota que inclusa remetto à Ex^{ma} Camara, tendo a notar que a irregularidade deste trabalho he devido ao tempo que foi preciso empregar para entrar no conhecimento de duvidas, que por essa occasião se offerecerão em relacão ao tamanho dos Cincithos e altura da sua collocacão, e primo de difficuldade de os aprear e tornar a pendurar.

A medida que os outros objectos do Museu forem por mim conferidos, assim o farei constar à Ex^{ma} Camara.
Deo Guarde a V. Ex^a?

Porto e Museu da Rua da Restauracão 2.
de Maio de 1850

Alf^{mo} e Ex^{ma} J^o Presidente da Camara Municipal
do Porto

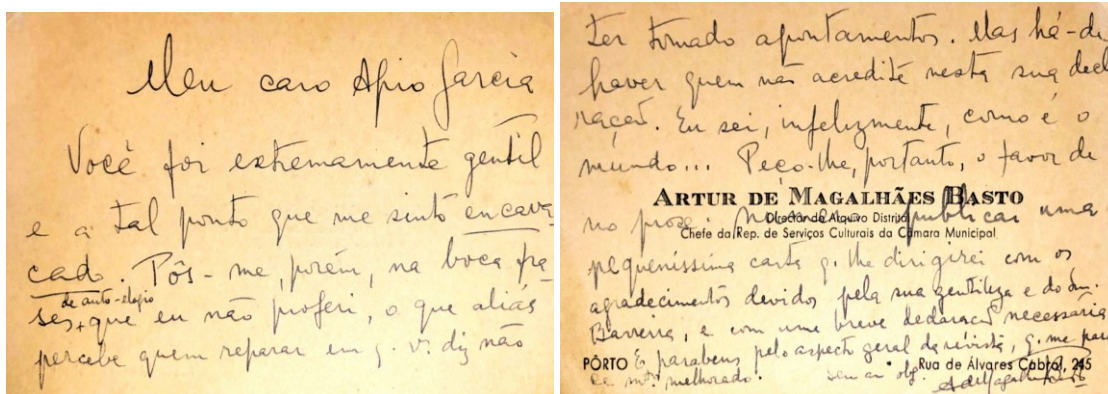
O Encarregado
da verificacão do Museu Allen
Anthenio Albano da Silveira Pinto

Documento 16

a. “ENTREVISTA Fala-nos o Dr. A. De Magalhães Basto”. 1946 Setembro [capa+ 1ªpág.]. In *Actualidades Literárias*, Revista Portuguesa de Cultura Bio- Bibliográfica.



b. Cartão de AMB para Ápio Garcia, director da *Actualidades* . (EF).



Documento 17

Gouvêa Portuense Pintor- Aguardista 1946 Out.1 [carta] para AMB. (EF).

21-10-1946

Gouvêa Portuense
PINTOR-AGUARELISTA
Sócio-corresp. da S. N. de Belas Artes

Caro Dr. A. de Magalhães Basto

Querido amigo.

Afin, aqui estão os tem duados livros
que muito gostaríamos e grande desejo. He
devidos.

Tram um periodico ! Mas he entrepre-
rei o das "imagens" - outro periodico.

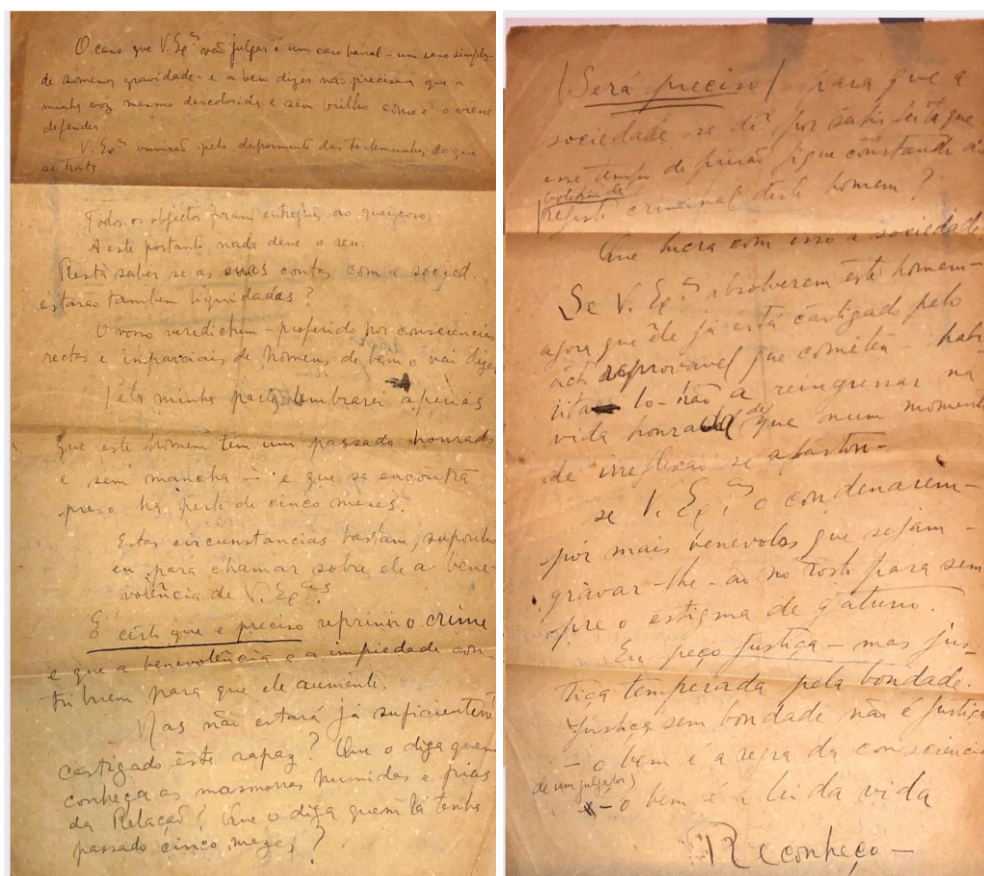
Tambem por esta dia irei fazer he
uma visita para conversarmos sobre algumas
assuntos - e mais nos pontos.

Como tem estado de saude ? Ultimamente
que refi em demasia; temto grande em
para mim suco.

Comprimos muito a todos e
ad. - G. J. José T. T.

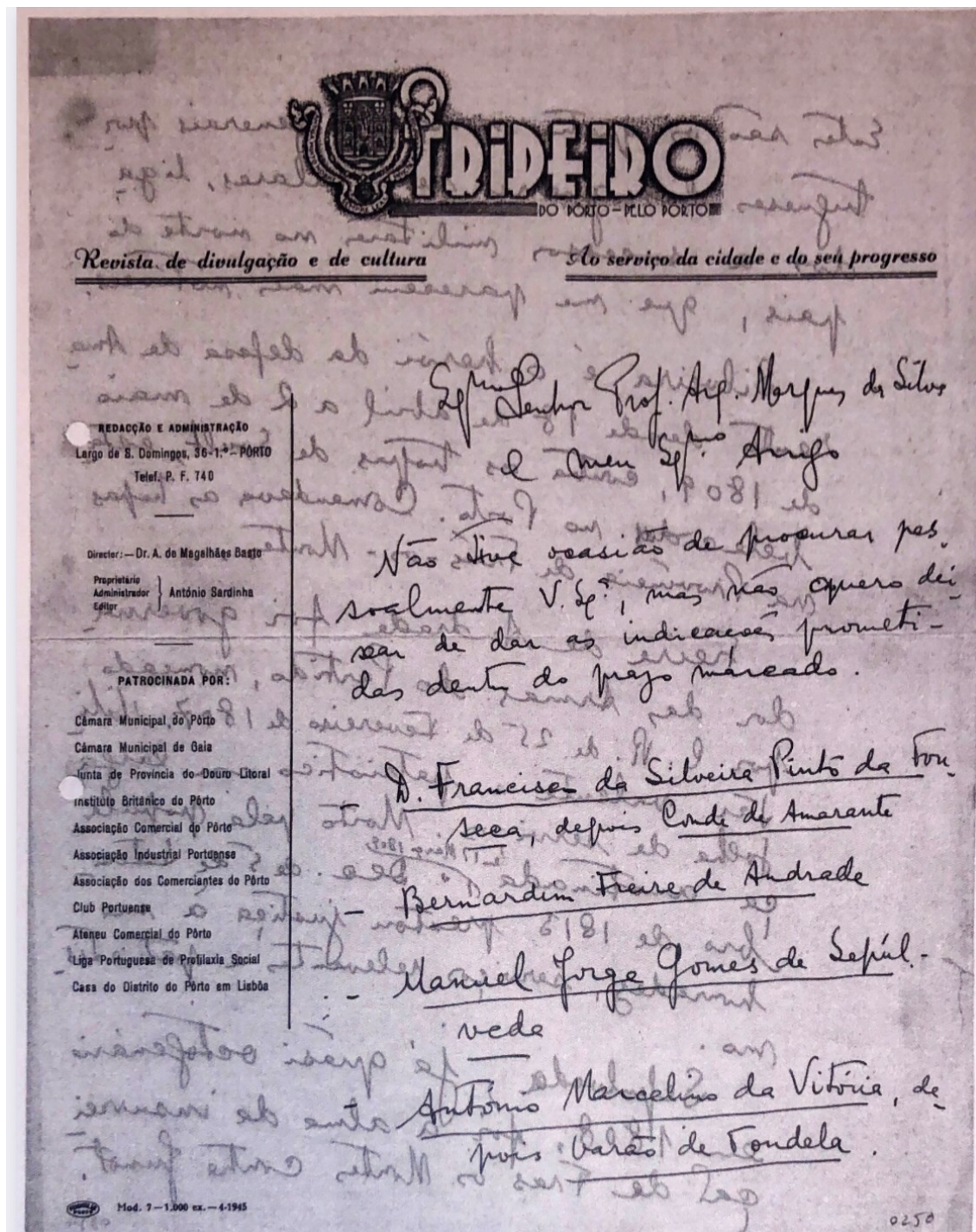
Documento 18

AMB 1923 [Rascunho] do primeiro, e único! articulado de defesa, do advogado AMB (EF).



Documento 19

AMB 1946 Setembro 14 [carta] para Arq. Marques da Silva, [cópia de 6 p.] s/ a identificação dos militares para o monumento da Rotunda da Boavista....



Estes são os quatro nomes de generais por-
tugueses das guerras peninsulares, liga-
dos a sucessos militares no norte do
país, que me parecem mais notáveis.

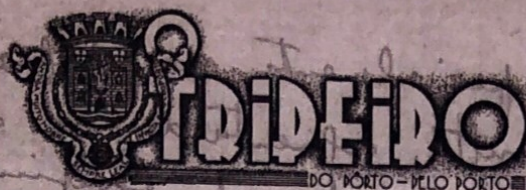
Silveira é o herói da defesa de Ama-
rente desde 18 de abril a 2 de maio
de 1809, contra as tropas de Soult, esta-
belecidas no Porto. Comandou as tropas
na Província de Trás-os-Montes.

Freire de Andrade foi governa-
dor das Armas do Partido, nomeado
por L. R. de 25 de Fevereiro de 1807. Utili-
zou-se valentemente patriótico com larga

folha de serviços. Morto pela popu-
lar em 17 de Março de 1809.
ce assassinada, Dec. de 5 de Setembro

de 1813 prestou justiça à sua
honradez, serviços relevantes a patriotas.

mo. Sepúlveda, já quasi octogenário
em 1808, foi a alma de insurrei-
ção de Trás os Montes contra Junot.



Revista de divulgação e de cultura

Ao serviço da cidade e do seu progresso

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo de S. Domingos, 38-1.º - PORTO

Telef. P. F. 740

Director: — Dr. A. de Magalhães Basto

Proprietário
Administrador
Editor: António Sardinha

PATROCINADA POR:

Câmara Municipal do Porto

Câmara Municipal de Gaia

Junta de Província do Douro Litoral

Instituto Britânico do Porto

Associação Comercial do Porto

Associação Industrial Portuguesa

Associação dos Comerciantes do Porto

Club Portuense

Ateneu Comercial do Porto

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Casa do Distrito do Porto em Lisboa

Mod. 7-1.000 ex. — 4-1945

2

Foi for. As Armas dessa pro-
víncia, governador de províncias
do Rio grande do Sul, etc. Por
ocasião das invasões francesas,
apesar de muito disso, tomou
papel preferente no levante
do norte contra Quat, e o seu
grito foi o sinal da revolta
geral do país.

Vitorino ao tempo bufedeiro
e depois tenente-general do exército
português, e governador das
armas de Beira-Baixa, teve
papel notável nas campanhas
de guerra peninsular, distinguindo-se

0258

do - se especialmente na defesa do Porto
contra Soult, aguentando - se até à ul-
tima nas posições do Bonfim que lhe
havian sido confiadas, e onde tinha
sob as suas ordens o nosso antigo 18!

Teriamos assim representadas as
tropas de Trás-os-Montes, Minho e Porto.
Lembrei-me de que também Teó-
cristo cabimento uma homenagem ao Batalhão
Académico de Coimbra, que se destacou
brilhantemente na luta contra os fran-
ceses. Não seria simpática essa lem-
brança?

Como figuras de militares, além da de
João Joaquim Champetier (português, apesar
do nome...) pergunto de quem já tinhamos
falado, notabilizado na defesa do Rio Minho
perante as tentativas de Soult para o transpor, na
defesa do Porto, sob o comando do Brigadeiro Vitorino -
e depois na batalha do Zússaro (1810)
- marechal do campo em 1815 - poderia
ainda lembrar-se o Visconde



Revista de divulgação e de cultura

3º Ao serviço da cidade e do seu progresso

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo de S. Domingos, 38-1.º - PORTO
Telef. P. F. 740

Director: — Dr. A. de Megalhães Basto

Proprietário
Administrador
Editor } António Sardinha

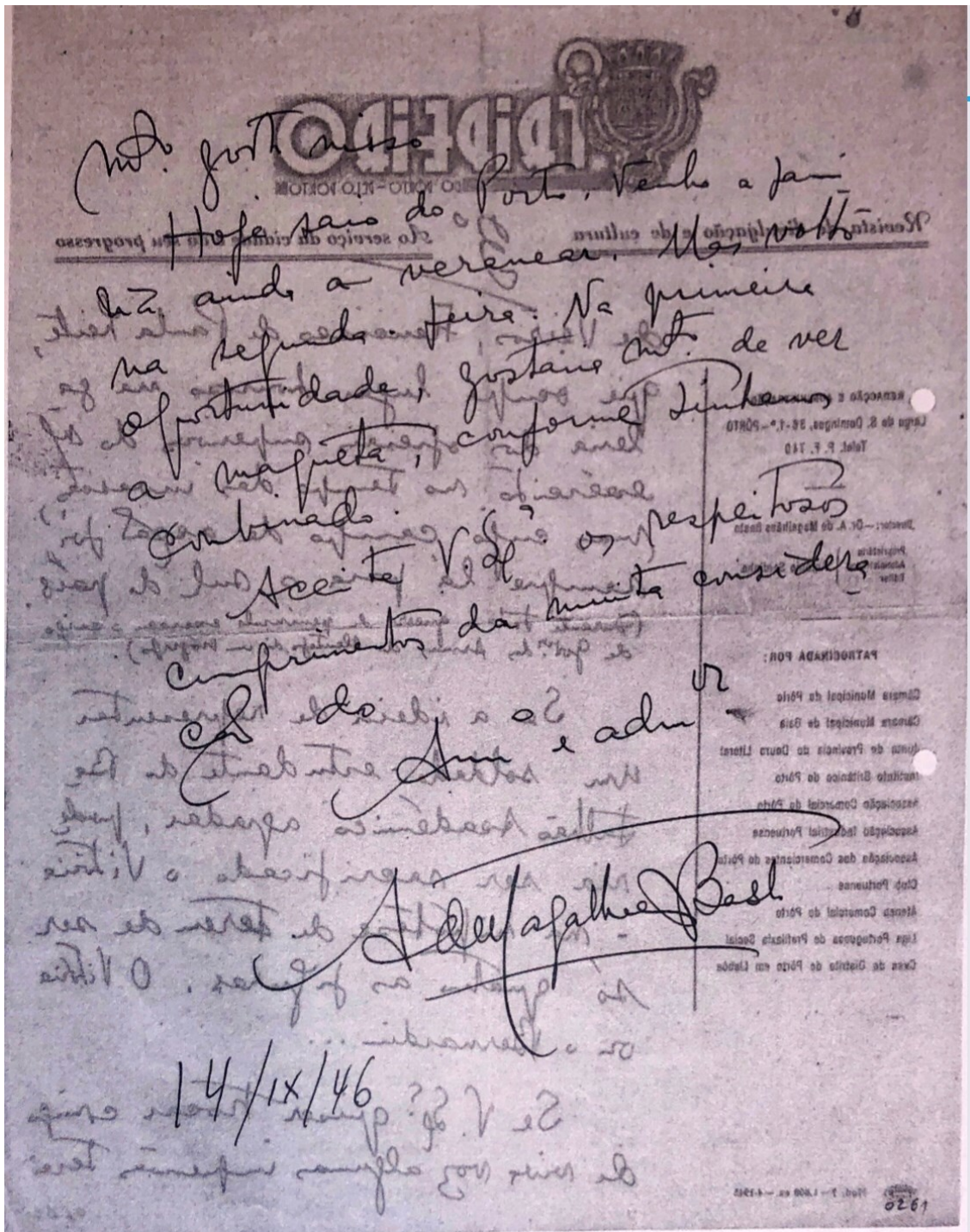
PATROCINADA POR:

Câmara Municipal do Porto
Câmara Municipal de Gaia
Junta de Província do Douro Litoral
Instituto Britânico do Porto
Associação Comercial do Porto
Associação Industrial Portuguesa
Associação dos Comerciantes do Porto
Club Portuense
Ateneu Comercial do Porto
Liga Portuguesa de Profilaxia Social
Casa do Distrito do Porto em Lisboa

de Veiros, Francisco de Paula Leite,
que ocupa lugar honroso na ge-
leia dos oficiais superiores do ex-
ército no tempo das invasões,
mas cujo campo de acção foi
sempre lá para o sul do país.
(Durante toda a guerra de península exerceu o cargo
de Gov. das Armas do Alentejo, de um biógrafo).

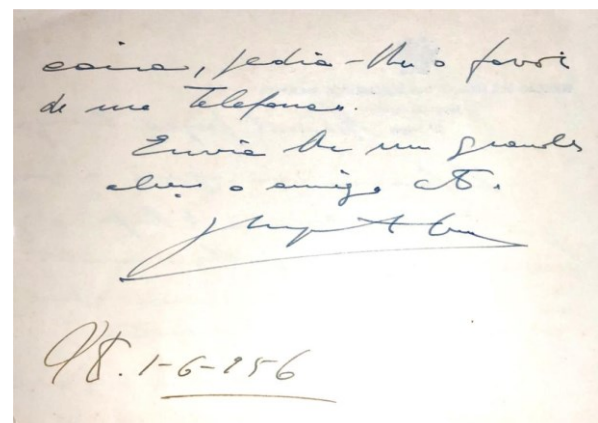
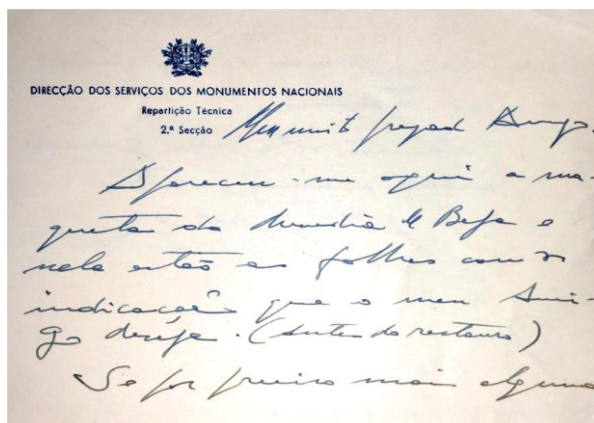
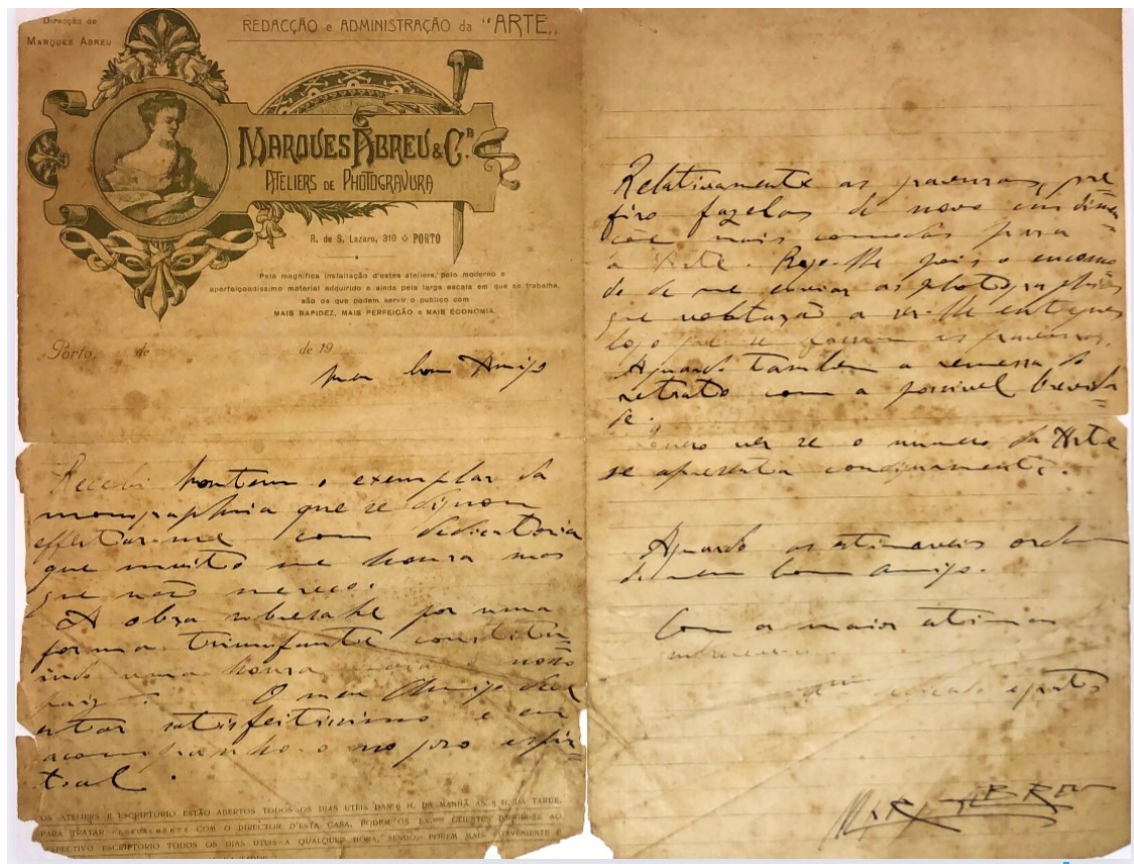
Se a ideia de representar
um soldado estudante do Be-
tão Académico agrada, pode
na ser sacrificado o Vitoria
- na hipótese de terem de ser
só quatro as figuras. O Vitoria
ou o Bernardin ...

Se V. Ex.ª quiser trocar cristo
de virar voz algumas invenções ter



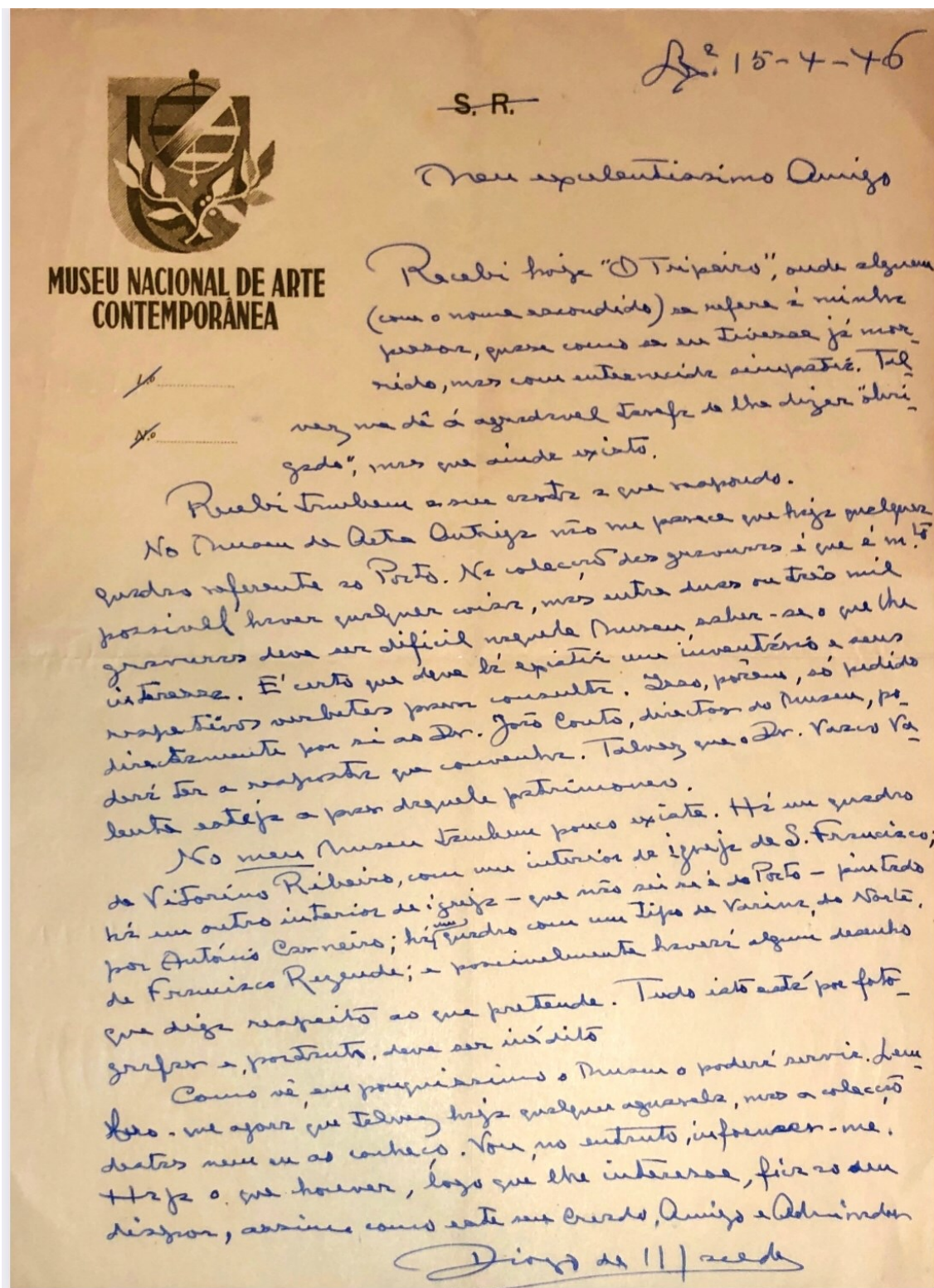
Documento 20

Marques de Abreu S./d. [carta e cartão] para AMB, Não publicados (EF).



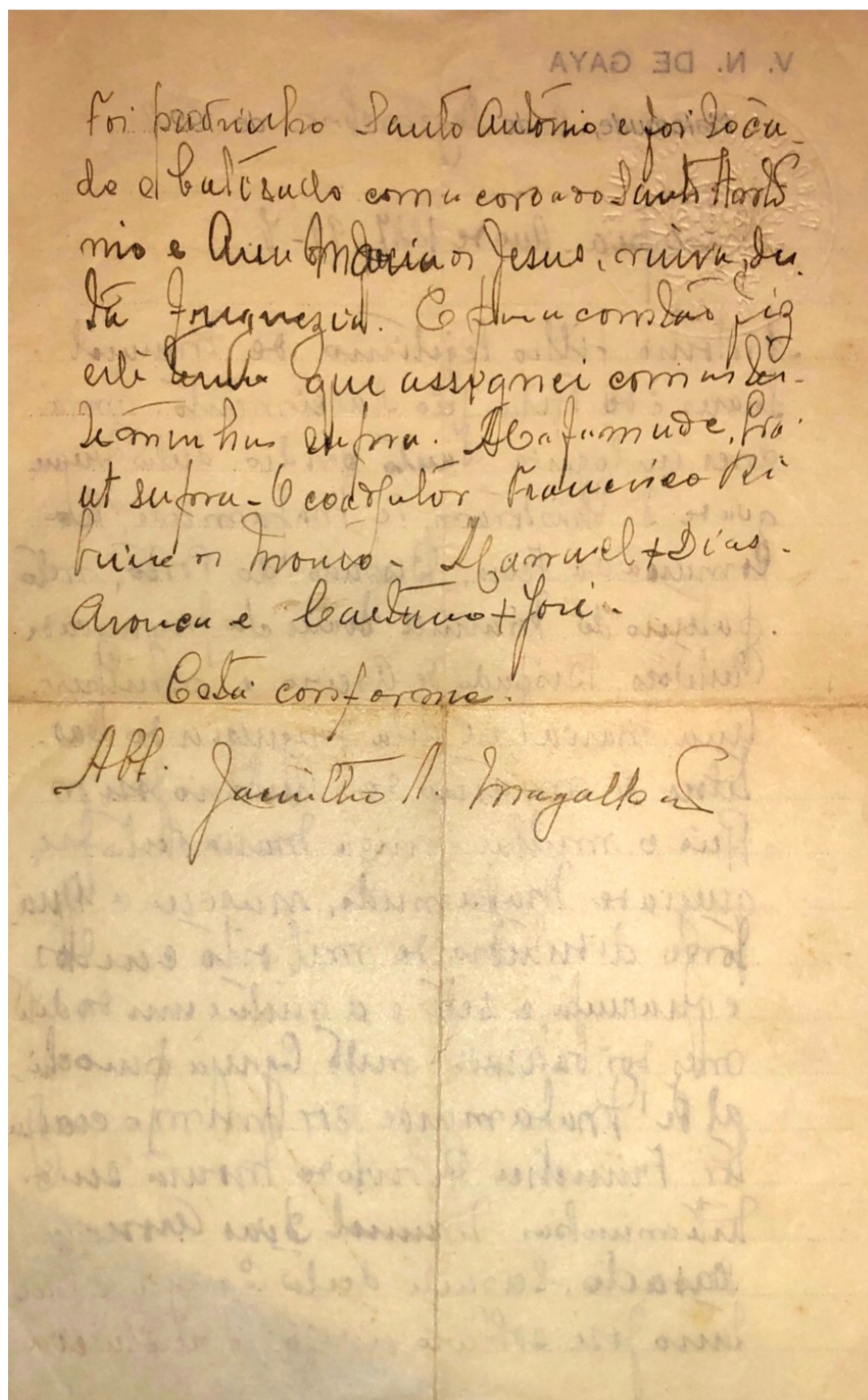
Documento 21

Diogo de Macedo 1946 Abril 15 [carta] para AMB, "(...) poucos quadros s/Porto" (EF).



Documento 22

Soares dos Reis [certidão] de baptismo oferecida em 1934 Dezembro 9, a AMB (EF).



Certidão de edade
de
João de Deus Reis,
Of. por Simão, de Ca-
marão de São - 9/VII
1920

Documento 23

A Liberdade 1907 Maio 12 [Imprensa] 1º ano, nº3, “desenhado” todo por AMB (EF).

A Liberdade

1º ano, 1907

Nº 3

A LIBERDADE.

Porto - 12-5-1907

Fundador: Magalhães Basto

Este é o primeiro número da nossa revista. O Sr. Eduardo achou graça ao esboço e saiu com vontade. Entre um dos membros da regia comulava por vir as sacerdotas que desfilavam apenas uma a esgrafa, de que elle mais irritado conta, e chamam cheio de coragem. Não nos incomodamos. Não são horas de ver a esgrafa.

Por acaso passava nestes momentos a general Salles, a qual reconhecendo a comitiva, entrou a sa-ovetos a abastar a porta. Calculou-se a cara de todos os que ali estavam, e as pessoas que elle tinhaes conhecido por mendigos.

2º

Pedimos aos nossos leitores que aquelles

A Liberdade

1º ano, 1907

Nº 3

A LIBERDADE.

Porto - 12-5-1907

Fundador: Magalhães Basto

Este é o primeiro número da nossa revista. O Sr. Eduardo achou graça ao esboço e saiu com vontade. Entre um dos membros da regia comulava por vir as sacerdotas que desfilavam apenas uma a esgrafa, de que elle mais irritado conta, e chamam cheio de coragem. Não nos incomodamos. Não são horas de ver a esgrafa.

Por acaso passava nestes momentos a general Salles, a qual reconhecendo a comitiva, entrou a sa-ovetos a abastar a porta. Calculou-se a cara de todos os que ali estavam, e as pessoas que elle tinhaes conhecido por mendigos.

2º

Pedimos aos nossos leitores que aquelles

A Liberdade

1º ano, 1907

Nº 3

A LIBERDADE.

Porto - 12-5-1907

Fundador: Magalhães Basto

Este é o primeiro número da nossa revista. O Sr. Eduardo achou graça ao esboço e saiu com vontade. Entre um dos membros da regia comulava por vir as sacerdotas que desfilavam apenas uma a esgrafa, de que elle mais irritado conta, e chamam cheio de coragem. Não nos incomodamos. Não são horas de ver a esgrafa.

Por acaso passava nestes momentos a general Salles, a qual reconhecendo a comitiva, entrou a sa-ovetos a abastar a porta. Calculou-se a cara de todos os que ali estavam, e as pessoas que elle tinhaes conhecido por mendigos.

2º

Pedimos aos nossos leitores que aquelles

A Liberdade

1º ano, 1907

Nº 3

A LIBERDADE.

Porto - 12-5-1907

Fundador: Magalhães Basto

Este é o primeiro número da nossa revista. O Sr. Eduardo achou graça ao esboço e saiu com vontade. Entre um dos membros da regia comulava por vir as sacerdotas que desfilavam apenas uma a esgrafa, de que elle mais irritado conta, e chamam cheio de coragem. Não nos incomodamos. Não são horas de ver a esgrafa.

Por acaso passava nestes momentos a general Salles, a qual reconhecendo a comitiva, entrou a sa-ovetos a abastar a porta. Calculou-se a cara de todos os que ali estavam, e as pessoas que elle tinhaes conhecido por mendigos.

2º

Pedimos aos nossos leitores que aquelles

A Liberdade

1º ano, 1907

Nº 3

A LIBERDADE.

Porto - 12-5-1907

Fundador: Magalhães Basto

Este é o primeiro número da nossa revista. O Sr. Eduardo achou graça ao esboço e saiu com vontade. Entre um dos membros da regia comulava por vir as sacerdotas que desfilavam apenas uma a esgrafa, de que elle mais irritado conta, e chamam cheio de coragem. Não nos incomodamos. Não são horas de ver a esgrafa.

Por acaso passava nestes momentos a general Salles, a qual reconhecendo a comitiva, entrou a sa-ovetos a abastar a porta. Calculou-se a cara de todos os que ali estavam, e as pessoas que elle tinhaes conhecido por mendigos.

2º

Pedimos aos nossos leitores que aquelles

A Liberdade

1º ano, 1907

Nº 3

A LIBERDADE.

Porto - 12-5-1907

Fundador: Magalhães Basto

Este é o primeiro número da nossa revista. O Sr. Eduardo achou graça ao esboço e saiu com vontade. Entre um dos membros da regia comulava por vir as sacerdotas que desfilavam apenas uma a esgrafa, de que elle mais irritado conta, e chamam cheio de coragem. Não nos incomodamos. Não são horas de ver a esgrafa.

Por acaso passava nestes momentos a general Salles, a qual reconhecendo a comitiva, entrou a sa-ovetos a abastar a porta. Calculou-se a cara de todos os que ali estavam, e as pessoas que elle tinhaes conhecido por mendigos.

2º

Pedimos aos nossos leitores que aquelles

A Liberdade

1º ano, 1907

Nº 3

A LIBERDADE.

Porto - 12-5-1907

Fundador: Magalhães Basto

Este é o primeiro número da nossa revista. O Sr. Eduardo achou graça ao esboço e saiu com vontade. Entre um dos membros da regia comulava por vir as sacerdotas que desfilavam apenas uma a esgrafa, de que elle mais irritado conta, e chamam cheio de coragem. Não nos incomodamos. Não são horas de ver a esgrafa.

Por acaso passava nestes momentos a general Salles, a qual reconhecendo a comitiva, entrou a sa-ovetos a abastar a porta. Calculou-se a cara de todos os que ali estavam, e as pessoas que elle tinhaes conhecido por mendigos.

2º

Pedimos aos nossos leitores que aquelles

A Liberdade

1º ano, 1907

Nº 3

A LIBERDADE.

Porto - 12-5-1907

Fundador: Magalhães Basto

Este é o primeiro número da nossa revista. O Sr. Eduardo achou graça ao esboço e saiu com vontade. Entre um dos membros da regia comulava por vir as sacerdotas que desfilavam apenas uma a esgrafa, de que elle mais irritado conta, e chamam cheio de coragem. Não nos incomodamos. Não são horas de ver a esgrafa.

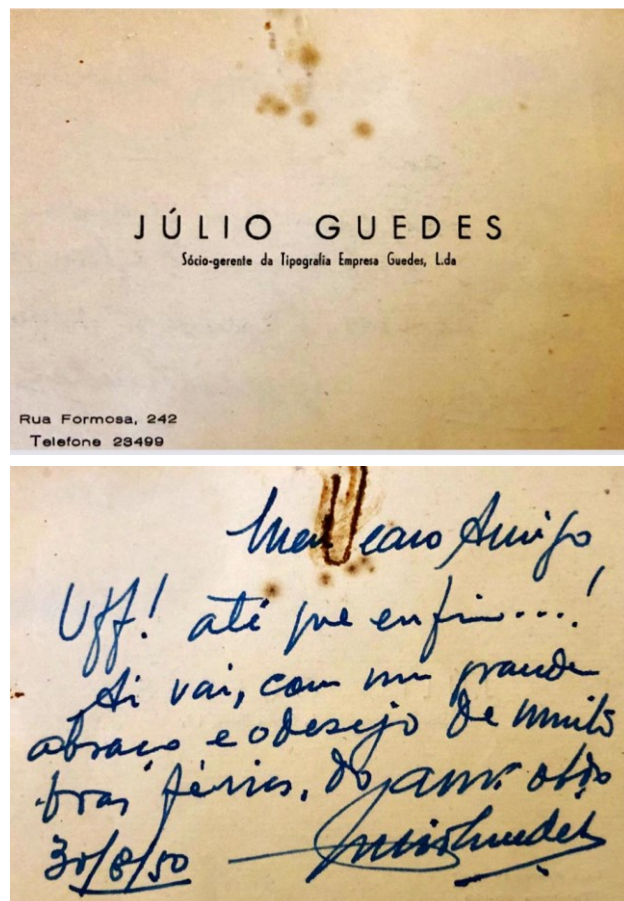
Por acaso passava nestes momentos a general Salles, a qual reconhecendo a comitiva, entrou a sa-ovetos a abastar a porta. Calculou-se a cara de todos os que ali estavam, e as pessoas que elle tinhaes conhecido por mendigos.

2º

Pedimos aos nossos leitores que aquelles

Documento 24

“Uff! até que enfim...!” [Cartão] de Júlio Guedes, da Tipografia Empresa Guedes, Lda, editora de *O Tripeiro*, para AMB1950 Agosto 30(EF)



Documento 25

Adele Ros Theiler 1935 Fevereiro 6 [carta, 5 p.] para AMB. (EF).

1516. Vous avez fait l' observation (si je comprends assez bien le Portugais,) que le roi, D. Manuel n' avait reçu l' ordre de la Toison d' or qu' après son mariage, avec Léonor d' Autriche.

Je crois comprendre qu- à la page 10 vous donnez un détail du collier de cet ordre, cela veut dire du collier que le roi porte sur le tableau. Mais je peux vous observer, que ce n' est pas le collier de la Toison d' or, ce que vous montrer à page 10. Cela doit être un autre ordre, peut- être d' Aragon ou d' autre pays, comme ils en existaient dans différents pays.

Dans ce cas, cela ne jouerait aucune importance pour juger de la date du tableau "Fons Vitae." Le collier de la Toison d' or montre deux E entrelacés et juxtaposés, et des rayons de feu- entre ces deux lettres. Mais il n' y a ni croix, ni rosaces dans la chaîne.

Il me semble que ce tableau fut peint vers le dernier temps de la vie de la reine, et peut- être le roi D. Manuel et même sa femme sentaient, que la reine était en danger de vie. C' est ce qui me fait croire, qu' en sacrifice, peut- être espérant d' obtenir de Dieu la guérison, ils ont fait peindre ce beau tableau, peut- être en faisant encore d' autres sacrifices pour l' église. Souvent en cas de maladie et de malheurs on a fait des actes de piété pareil.

À mon opinion les deux filles du roi ont l' air encore bien jeune, à peine 11 et 12 ans, tout au plus. Le costume aussi semble dater de la période de 1515/17, plutôt que de 1518- 20. Et voici ma conclusion :

Le roi a fait appelé un peintre connu, au Portugal, pour peindre ce tableau avec toute la famille, mais surtout avec la reine souffrante. (Malheureusement j' ai perdu ma

3^e
Carter do rei

pauvre mère à la même terrible maladie, et je sais que cela dure longtemps.)

Je suis de l'avis, que le peintre soit venu au Portugal, ce qui est une question très importante, parceque comment autrement expliquer le fait du tableau Van Orley, duquel moi aussi je crois qu'il soit l'auteur du tableau, ce qui se remarque surtout au flottement typique des draps de S. Jean, était le peintre de cour de Marguerite d'Autriche.

Si j'ai bien compris votre étude, la reine D. Maria, +1517 était la soeur de la première épouse de roi D. Manuel, de D. Léonor. Vous ne le dites pas, mais je crois que les deux reines, Léonor et Maria viennent de la maison royale de Castille, étant filles de Ferdinand le Catholique et d'Isabelle; elles étaient donc des cousines avec Marguerite d'Autriche et en même temps belles-sœurs, par le mariage de Marguerite avec leur frère, D. Juan de Castille (+ 1497.) Et un peu plus tard, Marguerite devenait encore parente par son troisième mari, Philiberto de Savoie, lequel était le frère du Duc de Savoie. Lequel a épousé D. Béatrice de Port. Donc il est tout naturelle que Marguerite aurait donné congé à son peintre de cour pour l'envoyer au Portugal. On croit que van Orley était en Italie avant 1514. On sait qu'il a peint des portraits pour Marguerite et ^{son neveu,} Charles V, peu avant 1515 (sa soeur Isabelle, laquelle il a peinte, se mariait par procuration le 11/6.1514 et se rendait en Danemark pour les noces le 12/8 1515. Van Orley fut payé pour plusieurs portraits le 9 Juillet 1515, encore il peignait des portraits en 1516, lesquels il a seulement acquitté le 15. mai 1519 ! Le 23 Mai 1518 il devenait seulement peintre de cour de Marguerite d'Autriche, depuis ce jour commençaient des paiements. Voilà assez de temps- et juste à l'époque du tableau Pons Vitae- que van Orley a pu se rendre

*Filles du Roi Catholique
Femmes de Marguerite de
Autriche - et toutes ses
cousines.
Beatrix, cason y, Digne
de Léonor, et Thomas se
portant ambassade de
Marguerite après 3^e mari
de D. Philiberto
Mais est tout prout
depuis de 1520*

*Van Orley au
Portugal entre 1516
et 1518*

au Portugal entre 1516 et 1518 (Mai 23.)

Pourquoi les paiements seulement en 1519 ? Probablement à cause de son absence, peut-être même précipité. En considérant ces faits, il me semble plus que possible que van Oerley ait fait le voyage au Portugal entre 1516 et 1518. On croit, que cet artiste était deux fois en Italie, peut-être profita-t-il de ce voyage au Portugal pour se rendre par la mer à Rome, où on croit qu'il s'est laissé inspirer par Michelange. Et en rentrant il devenait le peintre de Cour de Marguerite d'Autriche.

Sim. Podia au,

Donc je me permettais de faire l'observation que les deux filles du roi D. Manuel semblaient être très jeune, ce qui m'a fait penser que l'artiste avait d'abord commencé son grand tableau du côté droit, pour peindre d'abord la Reine Marie et les deux filles et qu'il continuait du côté gauche, parceque le plus jeune des fils représenté doit avoir au moins 2 1/2 à cause de ses longs cheveux. Et le décolleté assez haut chez les hommes est exactement de cette période et aussi la longueur du bonnet chez les dames. Donc si les portraits des personnes sont conformes à leur âge et comme ils sont habillés absolument dans la mode du temps 1516/18, il ne me semble pas trop hardi de croire, que van Oerley ait peint ce tableau au Portugal, après nature, et absolument dans la période 1517 / 18. Je vous écris ceci, parceque ni Mr Glück, ni Mr Friedländer (qui n'a pas même donné cette oeuvre à van Oerley,)admettent l'hypothèse que van Oerley ait été au Portugal et Mr Glück croit qu'un autre artiste ait fait des dessins des membres de la famille royale à Portugal, d'après lesquels Oerley aurait fait son tableau.

Monsieur Glück croit que les petits garçons entre eux se ressemblent trop et qu'ils ressemblent trop au père, en plus que les fillettes étaient habillées de la mode des Flandres et que la dame à droite, derrière Beatrix, dans laquelle vous supposez D. Leonor, sœur du Roi D. Manuel (Est-ce que les deux ont été enfants de D. Fernando, Duc de Vizeu 1433- 1506 et de D. Brites ? Et quand est-ce que D. Leonor, veuve de D. Jean II, + 1495 serait-elle morte ?) que cette dame portait le costume d'abbésses de Flandres.

Et bien ces oppositions ne me semblent pas fondées, parce que chaque princesse-veuve était presque dans tous les pays - abbésses d'un couvent et ces dames portaient ce même costume dans différents pays, parcequ'il y en avait beaucoup, qui par leurs mariages, étaient parentes. Je vous ai parlé de la parenté étroite entre Marguerite d'Autriche et la maison royale de Portugal, que c'est très facile que ces dames ont porté la même mode, au contraire c'est à supposer.

Et pour la ressemblance des fils je ne crois pas que ce soit une objection. J'ai identifié sur une tapisserie de Bruxelles un portrait de Béatrice de Portugal et de son époux le Duc de Savoie et je ne crois pas me tromper. Sur ce tapis il y a des jeunes gens, tout à fait avec le type de D. Manuel I et je crois que ce sont les frères de Béatrice. Cela prouverait, qu'ils ont eu le même type comme la sœur, comme on l'observe sur le tableau "Fons Vitae" et qu'ils ressemblaient leur père, ce qui me semble très naturelle.

Pour le portrait de D. Léonor, veuve, vous voulez bien observer, que son costume à très longues manches est tout à fait de mode, Je suis persuadée que ces dames ne portaient pas un habit de sœurs de couvent, mais seulement une

D. Fernando de D. Afonso
muriu în 1470
Leonor muriu în 1525

Nu. e treptu lumbă
e de Marg. de Austria
cu retru. de fons vitae
venerabilis

espèce de bonnet de veuve. Les bonnets blancs, comme les autres dames les portent on les voit très souvent chez des dames mariées sur des portraits de Joos van Cleve, mais c'est possible, qu'en même temps, elles appartenassent à certaines congrégations de sœurs. Tandis que les veuves, d'après mon observation, se couvraient encore le menton avec un tissu en batiste blanc, plissé. Donc je pense que c'est très juste de supposer dans la dame, derrière D. Beatrix la veuve du Roi d. Jean II, D. Léonor.

Je serais très heureuse si l'une ou l'autre de ces communications pourrout vous intéresser.

Je vous prie Monsieur le Professeur de bien vouloir agréer mes salutations les plus respectueuses

Adèle Rost.

Je suis désolée d'avoir fait
tant de fautes en écrivant,
et je vous prie instamment
de bien vouloir m'excuser.

Confirme à
mon opinion.

“Memórias do nosso burgo Um ensaio de T.S.F. no séc. XVIII”, 1931 Novembro 13
 “MNB Como o Porto perdeu uma grande glória cénica” 1932 Fevereiro 28. AMB no
Comércio do Porto [Imprensa] (EF).



Memórias do nosso burgo

Como o Porto perdeu uma grande glória cénica

Há era o Kido das meninas elegantes desta cidade Invicta — ali por 1850 e tal...

Os seus vinte e pouco anos, a sua face pálida, os seus olhos azuis e esbôçados, a sua cabeça de louro e anelada, cabeleira romântica, as suas maneiras fidalgas, impunham-no ás simpatias femininas. Filho de uma considerada família portuense, convivía com a melhor sociedade da época. Como quasi todos os dandies de então, montava garbosamente. Caprichava em fazer curvetear o seu ginete por essas calçadas, chispando lume e incendiando corações...

Nesse tempo ainda o Guichard existia, embora, talvez, já decadente, porque a roda de rapazes que em 1840 e 50 fizera quartel-general desse botequim começava a dispersar-se e... a envelhecer. Mas o mancebo de que falamos ainda acambrado com Arnaldo Gama, Faustino Xavier de Novalis, Alexandre Braga, Camilo e tantos outros jovens literatos, que, no infecto botequim da Praça-Nova, passavam os dias a beber, a jogar, a discutir.

Nessa época — não sei se hoje ainda assim é — no Porto um literato não valia meio guarda-livros e a literatura interessava a poucos. Por isso é que, evidentemente com exagero, Camilo dizia num folhetim dum jornal coevo: — «Quería falar-lhes do movimento literário do Porto... O feijão fradinho está a 500 reis, e o trigo serôdio a 18300...»

Em geral, o burguês grave e ponderado não tinha grande consideração pelos plúmicos e artistas, principalmente se estes eram do grupo dos rapazes estúrdios, desavergonhados, extravagantes, que até usavam bigode! Ter um filho dado ás letras ou ás artes consistia a pior calamidade que podia acontecer a qualquer pai.

(No entanto, nunca é demais dizê-lo: poucas cidades em Portugal têm produzido tantos prosadores, poetas e artistas como esta terra, cuja classe média tem pouco simpatia com eles.)

Ora, o mancebo em questão amigo íntimo de Faustino e de outros literatos, tinha a sua veia de poeta lírico; e, como isso não bastasse para tormento do pobre Pai, ainda era dotado de um talento cénico invulgar. Recitava com a emoção de um consumado artista. A oração de Santa Teresinha, dita por ele, arrancava aplausos entusiásticos aos homens e fazia embalar de lágrimas os olhos das mulheres.

Constantemente o solicitavam para desempenhar os papeis de mais responsabilidade nos grandes dramas sentimentais da moda, que amadores da primeira sociedade portuense a cada passo levavam á cena nos numerosos teatrinhos particulares que aqui havia nessa época; e mais de uma vez ele foi convidado pelo velho e fidalgo Visconde de Pinóia para tomar parte nos serões artísticos do seu majestoso e encantador solar do Minho.

Ora, justamente o carinho com que as plateias recebiam o genki artista dilettanti e o entusiasmo com que era aplaudido, levaram-no um dia á resolução de trocar o futuro certo que lhe garantia a grande casa comercial de seu Pai, pelas glórias falazes da ribalta — decidiram-no a desprezar a vida de negócios da família, para ir ao encontro da sua inegável vocação dramática.

Mas não se atreveu a pôr em prática o seu desideratum em terras portuguesas. Abandonou família, amigos e Pátria, e embarcou para o Rio de Janeiro, deixando todos os seus, como é de calcular, na mais profunda desolação.

Há lá palavras que exprimam a dor do pobre Pai! Nem só nos paços se representam dramas!

Não lhe era possível notar o navio que lhe roubava o filho querido, e nem sequer poder impedir que este se fizesse actor! O coração

estalava-lhe no peito, á lembrança de que seu filho lá abraçara a carreira teatral. Um filho cómico! O seu nome, o nome da família, na boca do mundo, apregoados aos ventos e escrito em grandes letras nos cartazes pelas esquinas! Na sua amargura imensa, no seu indizível desespero, só lhe restava a esperança de que o público brasileiro fosse injusto para com o talento do moço artista, que o não aplaudisse, que o desfeitasse mesmo, que o escorrasse dos palcos, derrubando-o por terra, arrasando-lhe brutalmente todos os castelos de ilusões — porque então, decerto não tardaria a regressar ao lar o tranviado moço.

Só lhe restava essa esperança... E passados dois ou três dias sobre a partida do filho, e ruminando sempre estes pensamentos, o pobre Pai, cada vez mais devorado pela sua dor, disse consigo: — «E se eu...»

O rosto iluminou-se-lhe. Sentou-se a uma mesa e pôs-se a escrever...

Escreveu a todos os parentes e amigos do Rio, apelou para amigas e sólidas amizades, repetiu em vinte, trinta cartas a narração do drama da sua alma, terminando sempre por suplicar que no dia da estreia do jovem actor seu filho, esses parentes e amigos, e mais os amigos de seus amigos, com os respectivos caixeiros e dependentes, fossem em massa ao espectáculo, para que, ao sinal de um deles, o teatro viesse abaixo com a mais estrondosa das pedradas.

Escreveu, mandou a correspondência ao seu destino... e ficou esperando.

Meses depois, do Rio de Janeiro foram chegando as respostas. Calculou-se a emoção com que seria aberta a primeira carta: — *Compadre e Amigo: Como nos pedis...* O que dizia essa carta era mais ou menos o seguinte:

De acordo com o que de cá lhes fora solicitado, os amigos tinham-se apresentado no teatro em falange numerosa, e decididos a executar á risca os desejos do velho negociante portuense, plenamente convencidos, como pais que eram também, de que iam ali cumprir um dever — um misericórdiosíssimo dever! A casa estava á cubra. Mas os nossos homens distinguiram-se na multidão dos espectadores, pelos pesados benedictinos de que se tinham munido, e pelo ar severo com que transiam o sobrolho. Os caixeiros, disseminados em grupos nos lugares baratos, haviam recebido ordem de levar as suas mais pesadas botas.

O espectáculo começou — era um daqueles dramalhões de moda, há setenta e oitenta anos, e acabou por ser...

...cauiu a escadaria com as mãos a arder almas que dei!...

...or, logo consagrado unânimes de quantos nessa noite memoraram durante alguns anos triunfo em triunfo, a

...Mas eram tantas e tantas cartas de seu Pai, que acabou por ser...

...ação, todos os seus pedidos a Portugal, que o acabou por ser...

...Magalhães Basto.

Memórias do nosso burgo

(Continuação da 1.ª pagina)

fazer rebentar lágrimas ás próprias pedras das calçadas. Em determinada altura appareceu em cena o nável actor portuense. Ergueu-se de vários lados da sala um insólito pigarrear, e ouviu-se um sussurro indelicado e de mau agoiro, que no entanto logo se extinguiu. O rapaz fazia o papel de um velho marinheiro, rude mas glorioso e simpático lobo do mar, — e era tal a sua naturalidade, o seu *d-vontade*, a sua arte, que logo aos primeiros passos, aos primeiros gestos, ás primeiras palavras, começou a conquistar a plateia.

As cenas foram-se desenrolando num crescendo de sentimento e de intensidade trágica, e os caixeiros que estavam, havia muito, com um pé no ar para desencadearem a maior pateada de todos os tempos, viam pasmados que os patrões não davam o sinal combinado. Puzeram-se a olhar uns para os outros sem comprehender... Os amos, de pescoço estendido para o palco, nem pestanejavam. Mas que era aquillo?! Aqui um, acolá outro, passava o lenço pelos olhos!... Choravam?! Todo o publico estava suspenso e, com effeito, lágrimas deslisavam silenciosamente pelas faces de muitos espectadores.

E quando o pano desceu, depois de uma cena que tinha posto arripes de comoção na plateia... — *Ó Compadre!* Nós bem queríamos!... Mas o diabo do rapaz pôde mais do que nós! Perdemos as cabeças... e os bengalórios! Saltamos para cima das cadeiras, e o teatro veio abaixo, sim, veio abaixo... mas com palmas e bravos, com a mais delirante e prolongada ovação que temos presenciado em dias de nossa vida! Mas fiquei bem castigado: estou a escrever-lhe ainda com as mãos a arder — de tantas palmas que dei!...

O novo actor, logo consagrado pelos aplausos unânimes de quantos o ouviram, nessa noite memorável, continuou durante alguns anos no Brasil, de triumpho em triumpho, a sua carreira. Mas eram tantas e tam amargas as cartas de seu Pai, eram tantos os pedidos da familia para regressar a Portugal, que o seu nobre coração acabou por sacrificar com verdadeiro heroísmo a sua arte, a sua vocação, todos os seus sonhos e ambições, aos preconceitos daquelles a quem tanto amava.

Voltou para o Pôrto e fez o juramento, que cumpriu, de nunca mais representar.

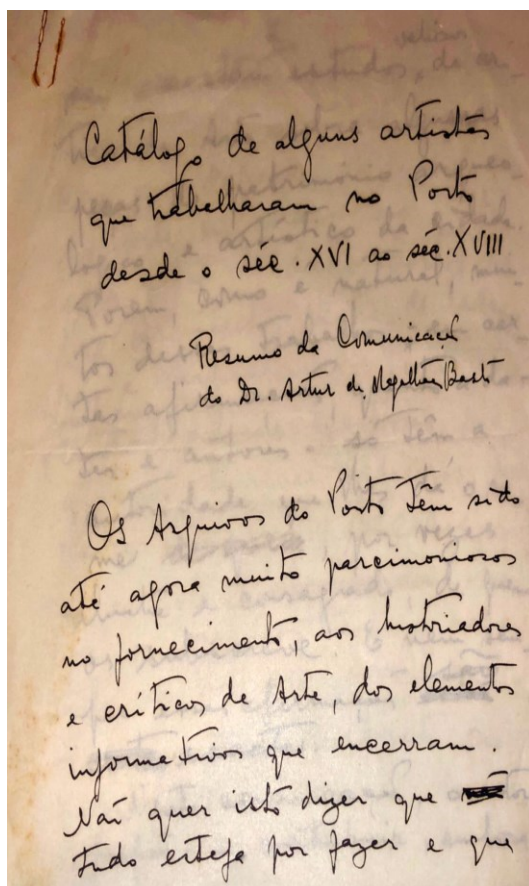
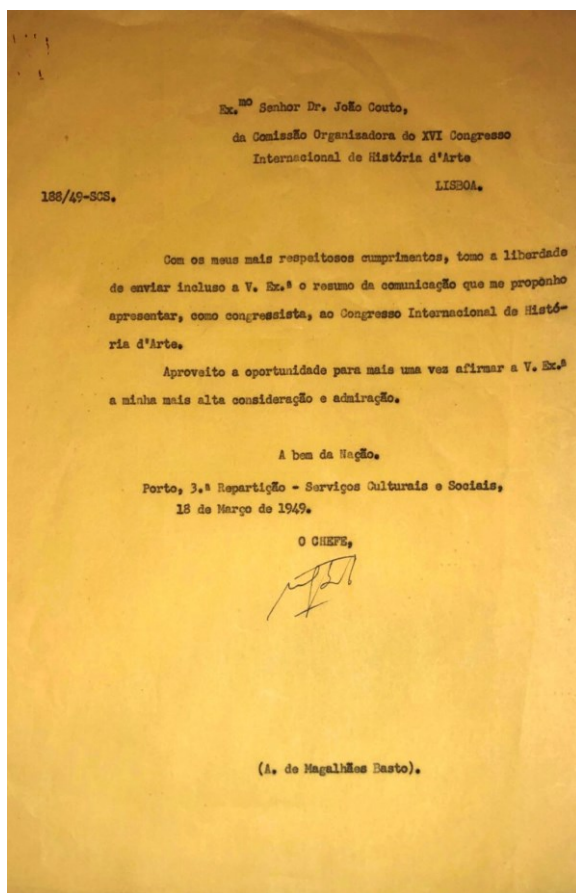
Perdeu-se, dizem os criticos, um dos maiores talentos dramáticos portuguezes dos ultimos tempos.

A. DE MAGALHÃES BASTO.

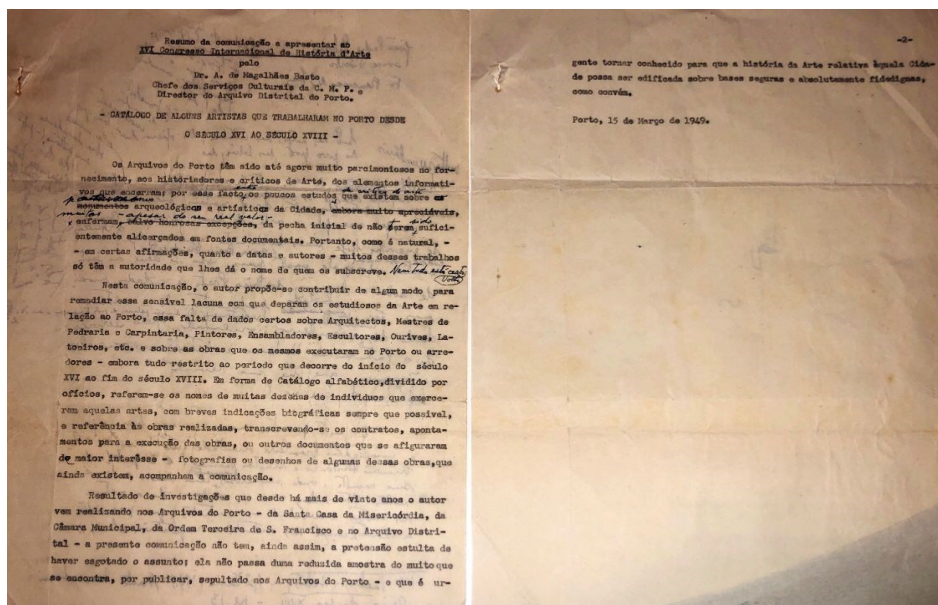
Documento 27

XVI Congresso Internacional de História d'Arte

1949 Março 18 - a. [Carta] de AMB para João Couto (E.F.).

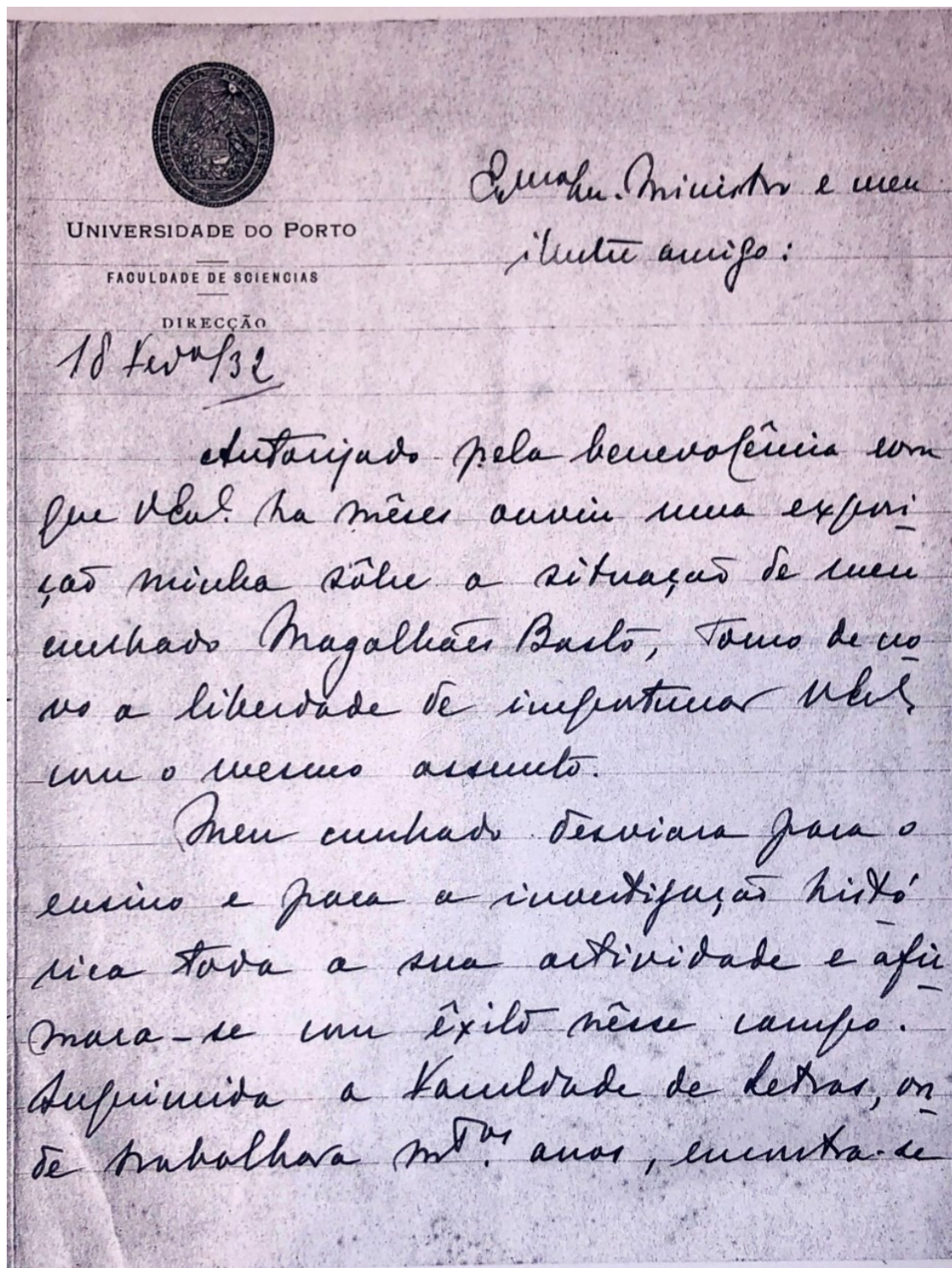


b. Resumo da Comunicação apresentada por AMB ao CJHA.



Documento 28

A.A. Mendes Correia 1932 Fevereiro 18 [carta, 4 p.] para o ministro C. Ramos, solicitando para o ex colega AMB, o lugar de prof. de história de arte na EBAP.



na mais difícil situação económica. O que
está ganhando num labor extenuante
e inglório de leccionações particulares
e idênticas tarefas não lhe dá o sufi-
ciente para si e para a mulher e
três filhos. E, para mais, está-se im-
obilizando para a carreira de inves-
tigador em que tão provavelmente se
afirmou.

Sinceramente desejo a V. Ex.^a,
que, independentemente dos laços de
família e de amizade que a V. Ex.^a
me prendem, me constrange deve-
r que se vá protelando esta

situação de quem podia esperar do Estado meios para prosseguir em
seu trabalho que o próprio
Estado auspiciamente lhe marca-
va.

Como creio, dum modo absolu-
to, no espirito de justiça de V. Ex.
nos seus bons desejos relativamente
a meu trabalho, mais uma vez vou
importuna-lo. Vagou um lugar de
professor de Historia da Arte na
Escola de Belas Artes do Porto. Se V.
não provesse o Magalhães Basto,
a Escola teria mais um professor

consciencioso e cumpridor, e V. Ex.
teria fornecido a meu sustento e
meio de não cortar a sua carreira
de investigador e de fazer face
às dificuldades económicas em que
se encontra. É mais um motivo
teria V. Ex. para obrigar o muito
reconhecimento do que se subscreve
me com a maior consideração e
estimo.

de V.

cul.º frato, am.º att. e admi.

Alfredo de Oliveira

Documento 29

” Apont. para o art. q anda publ. na Enciclopédia Luso-Brasileira, vb. Academia Port. de Belas Artes e q é meu, Jun. 1935 e me rende 150\$00” [Man., orig. 2 fls.]. (EF).

1833
Belle
20. Belle
Apont. p.
art. q. anda
publ. na Enciclopédia
Luso-Brasileira
vb. Academia Port.
de Belas Artes
e p. é meu
Junho 1935
e me rende
150\$00

1
Academia Portuense de Belas - Artes
Foi fundada por D. Maria II por Dec. de 22
de Novembro de 1836, referendado pelo Secre-
tário de Estado dos Negócio do Reino, Manuel
de Silva Passos, que também assinou os Es-
tatutos da mesma Academia, que fazem
parte do mencionado Decreto (Diário de Gover-
no, n.º 290, de 7 de Dezembro de 1836)
A criação da Academia obedeceu ao obje-
ctivo de «promover o estudo das belas-
artes, difundir, e aplicar a sua prática às Artes
Fábricas» (art.º 1 dos Estatutos)
Esse estabelecimento ~~compunha-se~~ ^{teve como Inspector}
o próprio Secretário de Estado dos Negócio do Rei-
no; como Sub-Inspector uma pessoa de represen-
tação e crédito público, nomeada pelo Governo (art.º 2).
Era também o Governo quem nomeava o Director
geral, escolhido de entre as pessoas distintas
pelo seu mérito, probidade e amor às Belas-
Artes» (art.º 5) - o qual tinha um Secretário (art.º 7).
Além dos que ficam indicados, ~~para~~
~~figura~~ ^{parte} ~~da~~ ~~Academia~~ ~~como~~

Documento 30

AMB 1960 Março 31 [Carta/rascunho], para A. Sardinha, s/ o fim da revista, "(...) foram 15 anos de boa camaradagem... amizade entre os "4 Mosqueteiros"³ d'O Tripeiro".

Porto 31 Março 1960

Querido amigo Ant. Sardinha

Concordo inteiramente c/a q/
Carta de 27/10 de corrente.

Em rentia já há muito tempo
q. O Trin. n/ se podia aguentar
por muito tempo, e o q. + me
incómodava era por falta de
dinheiro, mas lhe ^{continuava} podíamos o mesmo
após de tanto tempo.

Tinha de ver e acho q. acaba
bem e a tempo. Foram

Foram 15 anos de boa camaradagem
e de quem q. se ^{prezou} ~~fundou~~ e solidificou
uma ~~relação~~ sincera e leal amizade

³ Os quatro Mosqueteiros são: AMB, António Sardinha, o administrador, Júlio Guedes, o editor, e Manuel Nascimento Sousa, o redactor).

entre os 4 "mosqueteiros" do
Trip. . . Fica no 110 e uma
obra q. n/ no envergadura
Até sempre

Documento 31

Henrique de Campo Bello 1943 Agosto 31 [Carta] para AMB. (EF).

Q^{ta} de Macieira de Sarnes

S. João da Madeira — 31.8.43

Meu querido amigo

Deve estar mais do que admirado
do meu longo silencio!

Por causa de muitos afazeres que
se me acumularam nos ultimos
dias em que estive no Porto e tambem
porque largamente compartilhado da
sua opiniao de que "ferias sem a com-
panhia de alguns bons livros são a
maior das sensaborias", deixei para

este romance, tanto do meu agrado,
a leitura tranquila e atenta do seu
magnifico trabalho.

Sabe quanto me interessam sem-
pre as suas obras, o alto apreço em
que as tenho a todas e o muito que
me têm ajudado nos meus modestos
estudos; por isso gosto de as percorrer
lentamente, saboreando a sua prosa
vernácula, esmaltada de graça e leve-
za e procurando ao mesmo tempo
fixar na memória o fruto da incessan-
te e fecunda investigação do autor.

Desta vez, porém, ainda mais foi
o cuidado que tive com o seu "Fernão
Lopes", tão gentilmente oferecido e que
lhe agradeço ex toto corde. É que não
esqueci a sua recomendação e como
verdadeiro cardinal-diabo, corri-o da
primeira à última página, reli-o em
muitos pontos, busquei consciencia-
samente qualquer ponto fraco na
argumentação, alguma afirmação que
não satisfizesse cabalmente o meu
espírito, enfim, incarnei o melhor que
pude o papel de censor inquisitorial.

No entanto, tamanha é a clareza
da sua exposição, tão lógica a dedução,
tão cautelosa a forma de aventar as
hipóteses, tão evidente a conclusão a
que pretende chegar, que não vejo possi-
bilidade de lh'a contraditar, senão com
êxito, pelo menos com honra para o ad-
versário.

Pela minha parte julgo que o seu pon-
to de vista está dentro da boa razão. A
noção de plágio nessas eras remotas não
existia, ou quando muito, não revestia
a forma hoje geralmente admitida;
ninguém nega que os sucessivos cronistas

copiaram muito naturalmente aquilo que os anteriores haviam escrito e esse criterio manteve-se por largos annos até nossos dias quasi, em variados capitulos, como por exemplo na da genealogia.

A meu vêr, muito possivelmente, quando menos se esperar, a famosa "Crónica feral" de Portugal cairá por algum feliz acaso nas mãos de quem saiba mostrar-se capaz de lhe dar o devido valor. Há ainda tantos archivos particulares por explorar e segundo me conta em Coimbra e sobretudo em Evora tanta somma de manuscritos não classificados, sem falar nos existentes em Roma, em França e

em Espanha, que made aue custa aere-
rta reuolue em futuro proximo au
remoto a ter gloriosa "resurreicão" docu-
mentos precisos, agora totalmente esquecidos.

Mas, voltando ao seu belo livro tão
elegantemente apresentado, estou conven-
cido de que perante a transparencia do re-
cibo do Autor, ninguém auserá con-
testar — a mas ser por deliberação sua' ver-
dade, obstinação ou feia inveja — que se
afigura "claro como agua" ter sido, de
facto, a chronica de Bernardes, aquella que
D. Duarte possuia na sua biblioteca.

Curiosissimo e' o poder divinatorio,
chamemnos-lhe assim, de Aubrey Bell.
Que dirá' elle quando souber que o achado

do meu querido amigo vem confir-
mar plenamente o que elle previra,
por mera intuição?

Igualmente me parece feliz e justo
o seu conceito a respeito de Almeida;
Hercules e Escipão trateram-nos com
impiedade severa, quando afinal foi
mais honesto do que Rei de Sina.

Aqui tem, portanto, as minhas
impressões. Pedir-me uma critica
severa e creia que tentei, de frente ou
de flanco, penetrar, semão destrui-las, nas
linhas de defesa da sua "tese revolucio-
naria"; não foi culpa minha, por conse-
quencia, se o não consegui, antes a repre-

tiva responsabilidade compete exclusi-
uente a' forma como construiu e desen-
volheu essa tese.

Confesso-lhe, aliás, que já esperava esse
"análogo" no ingrato papel que me coupin.
Fico-lhe porém agradecidissimo pelo grande
prazer e não menor proveito que me trouxe
o seu esplendido livro.

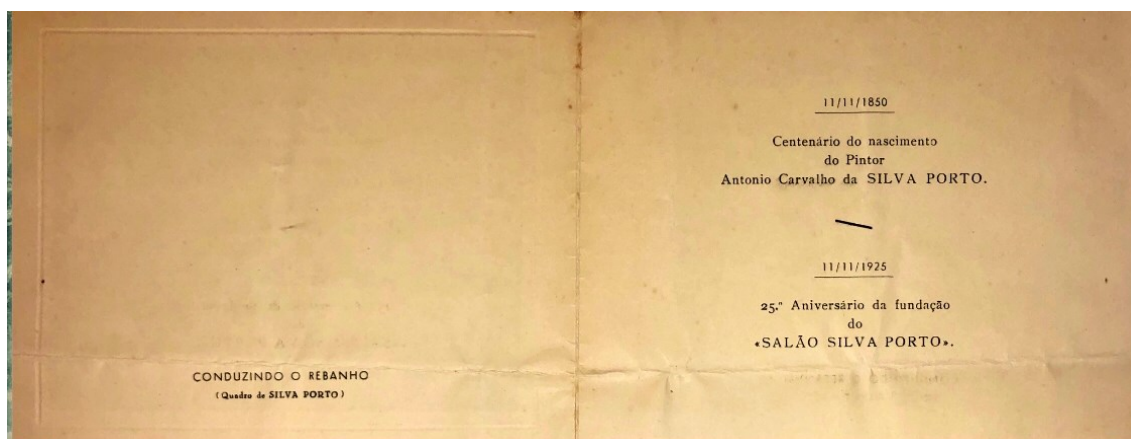
Ignorando se ainda está no Porto ou já
terá ido descansar para Vagos, dirijo esta para
o Arquivo.

Com os nossos cumprimentos para V. Ex.
abraço-o, querido e bom amigo, como
admo. sincero e am. m. del.

Henrique Camposello

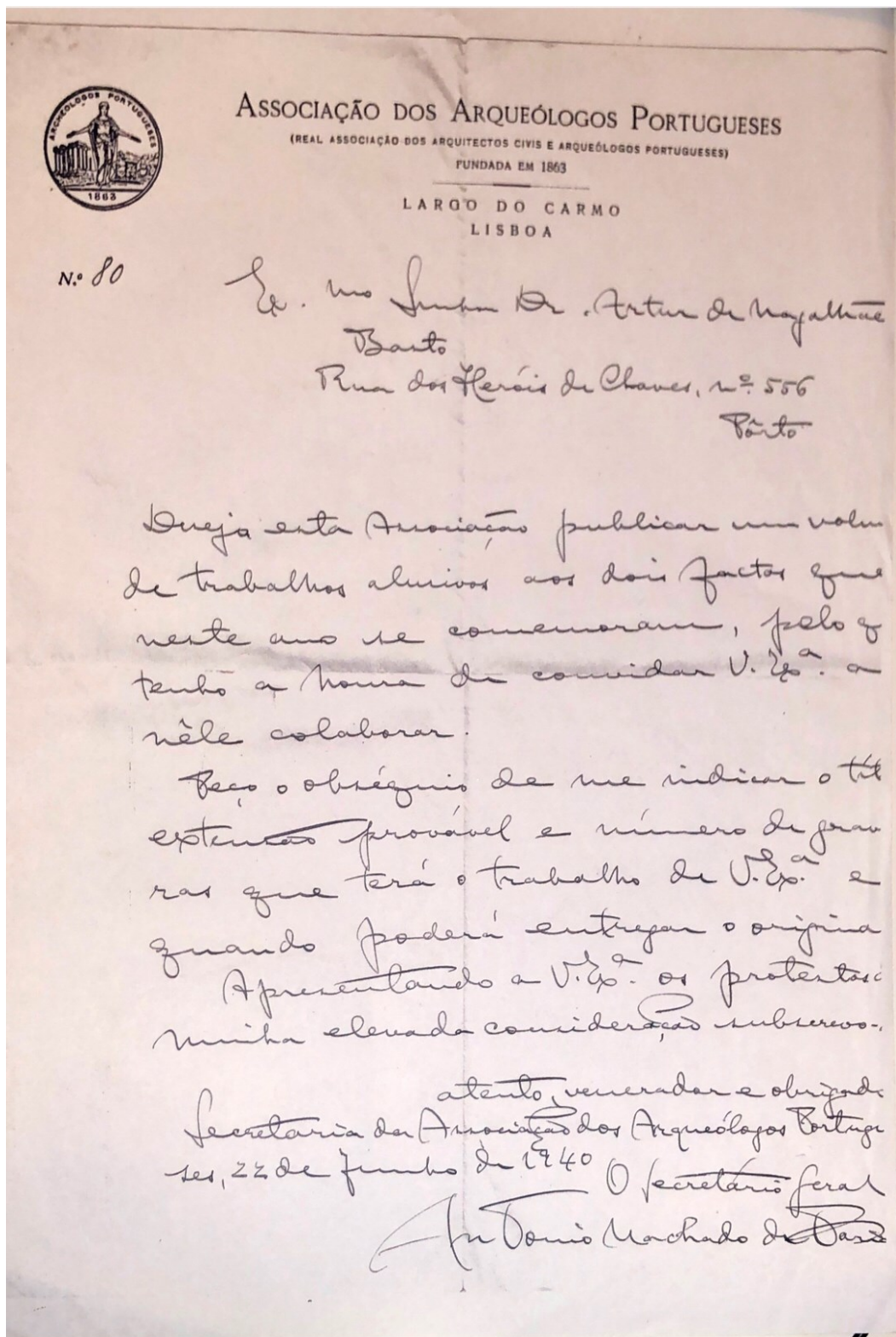
Documento 32

Centenário do pintor António Carvalho da SILVA PORTO. Exposição no «Salão Silva Porto», e 25º aniversário da fundação deste Salão portuense. 1950 Novembro 11 [Convite](EF).



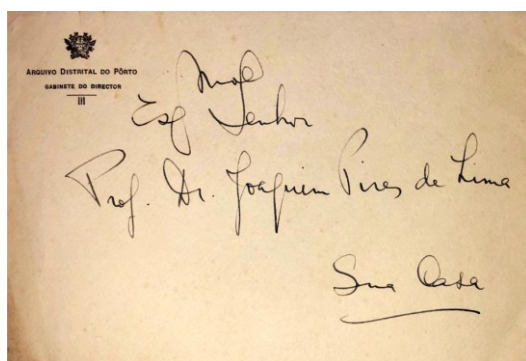
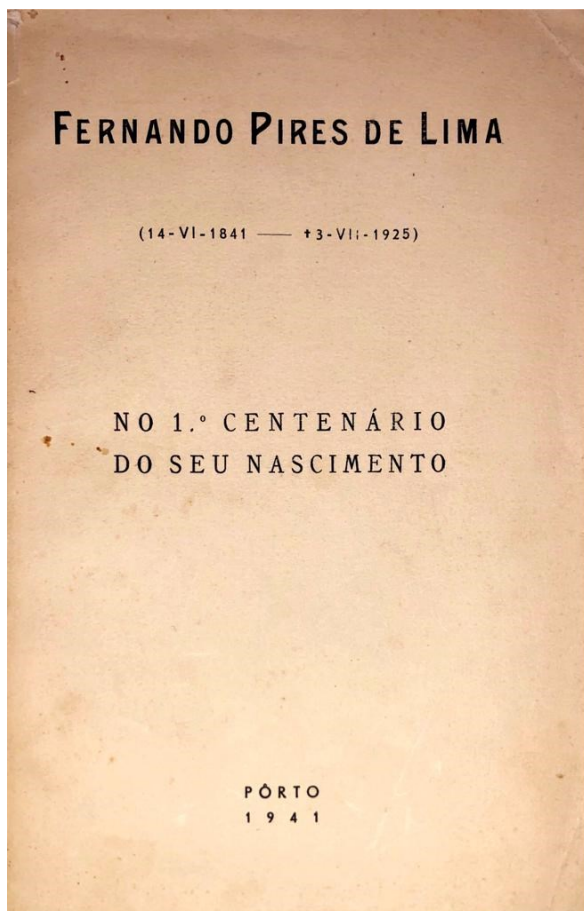
Documento 33

Associação dos Arqueólogos Portugueses 1938 Junho 22 [carta] para AMB, a solicitar colaboração para um 'nº especial do seu boletim. (EF).



Documento 34

” *Livres de Raison*”, AMB 1941 [capa+ carta] para “*Prof. dr. J. Pires de Lima Sua Casa*”. (EF).





CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
SERVIÇOS CULTURAIS

GABINETE DO CHEFE

Sp^{ma} Senhor Prof. Dr. J. Pires de Lima
e Men Sp^{ma} - Amigo

Vento agradecer a V. Ex.^a - depois de o ler.
o livro Fernando Pires de Lima - No 1.º Centenário do seu
nascimento.

O escritor francês Charles de Ribbe num dos seus
livros publicados em 1879 põe em relevo o alto papel
educativo e social que os livros de Razão - velhos cos-
tume da sua Pátria, naquele tempo já bastante caído em

desuso - tinham Tido na manutenção de princí-
pios fixos, constantes, universais, necessários que per-
mitiram à França atravessar as mais graves crises da
sua história sem que se enfraquecesse a sua estrutura
moral. Estes livros de Razão - escriturados pelo chefe da famí-
lia, livros íntimos, que eram transmitidos de pai a filho, e por
estes continuados - davam fundamentos sólidos às famílias,
davam-lhes tradições, davam-lhes história. E foi assim - es-
creve Ribbe - que, sob a égide de dois grandes respetos, o
de Deus e o do Pai, graças ainda ao culto de que era obje-
cto a casa paterna, famílias muitas vezes modestas puderam
sem privilégios, sem títulos, sem fundos de qualquer género,
pelo exclusivo poder dos costumes, perpetuarem-se durante
muitos séculos na mesma região e nas mesmas virtudes.
Ora se em Portugal todas as famílias que se respeitam fizessem
como V. Ex.^a, os exemplos de virtude, de trabalho, de força de vontade, de carácter
dos nossos maiores seriam sem dúvida mais imitáveis. Com os meus respeitos
seus, sou de V. Ex.^a Aff.^o Adolpho de Albuquerque

Documento 35

Hernâni Cidade 1956 Outubro 17 [carta, 2 fls.] para AMB (EF).

S. P.
 R. de Simões
 Lda
 17-X-56

Meu prez.íssimo amigo
 O Sr. Afonso Duarte

Li o seu belo artigo sobre Comités em a atên-
 ção que tem direito o assunto e o assunto, e de que
 lhe envio os meus agradecimentos pelas fôrças refe-
 ridas no meu nome e os meus aplausos pelo
 modo como trata o problema com as reservas e
 com a inteligente atenção que lhe não delataram no
 caso em que só a levianidade se contenta com o uso
lento e fraco. Fui muito satisfeito de muito tempo em
 respeito à administração. Quando à sua autenticidade
 de, não me parece que o seu cuidado em buscar
 exemplos semelhantes aos do Donato de
le de perfeita eficiência permanente, mas também sei
 que é muito difícil fazer mais do que apurar, como
apurar, mas a linguagem, pois não se especificam todos
Comités, o juridicamente simpatizante. Se a peça híbrida

nao tem o que podemos chamar a renovacao camoniana,
na, nada o contradiz como de Paez, e nao sei se
que impedira se considere o Ms. como 1º de 15 volumes
do VIII Decado. Mas dizem a ver o artigo de Carlos
Trinques no Diario de Manha? E' muito dificil, na
reproducao de trabalhos antigos, em historiografia, fazer-se com os
cunhos da imprensa actual, naturalmente. Isso faz-se
hoje com tanta as distincoes necessarias das comas e pa-
raquitos, mas das cantileas novas, depois tempo de
zelo pela propriedade literaria...

Agora outra coisa: Escrever-me de Recife
(Pernambuco) pedindo a minha intervencao junto da
Bibliot. Municipal do Porto, para que se depara os
pedidos de fotocopias da pagina do Ms. em referencia
a Camoes. O pedido foi feito ao Director, mas o inter-
esse receia que isso nao satisfizesse. Eu penso que
o favor se deu a uma telefonada ao Dr. Ant-
Cruz. Portanto em uma escusa as intervencao,
Bibliot. Municipal (Lisboa), diz-me que tudo para si pode
encontrar na comunicacao de J. Gomes a Academia
e a informacao do man' que ha.

Agora - o foi tudo, com muita amizade
e sincera admiracao,

Heliodoro

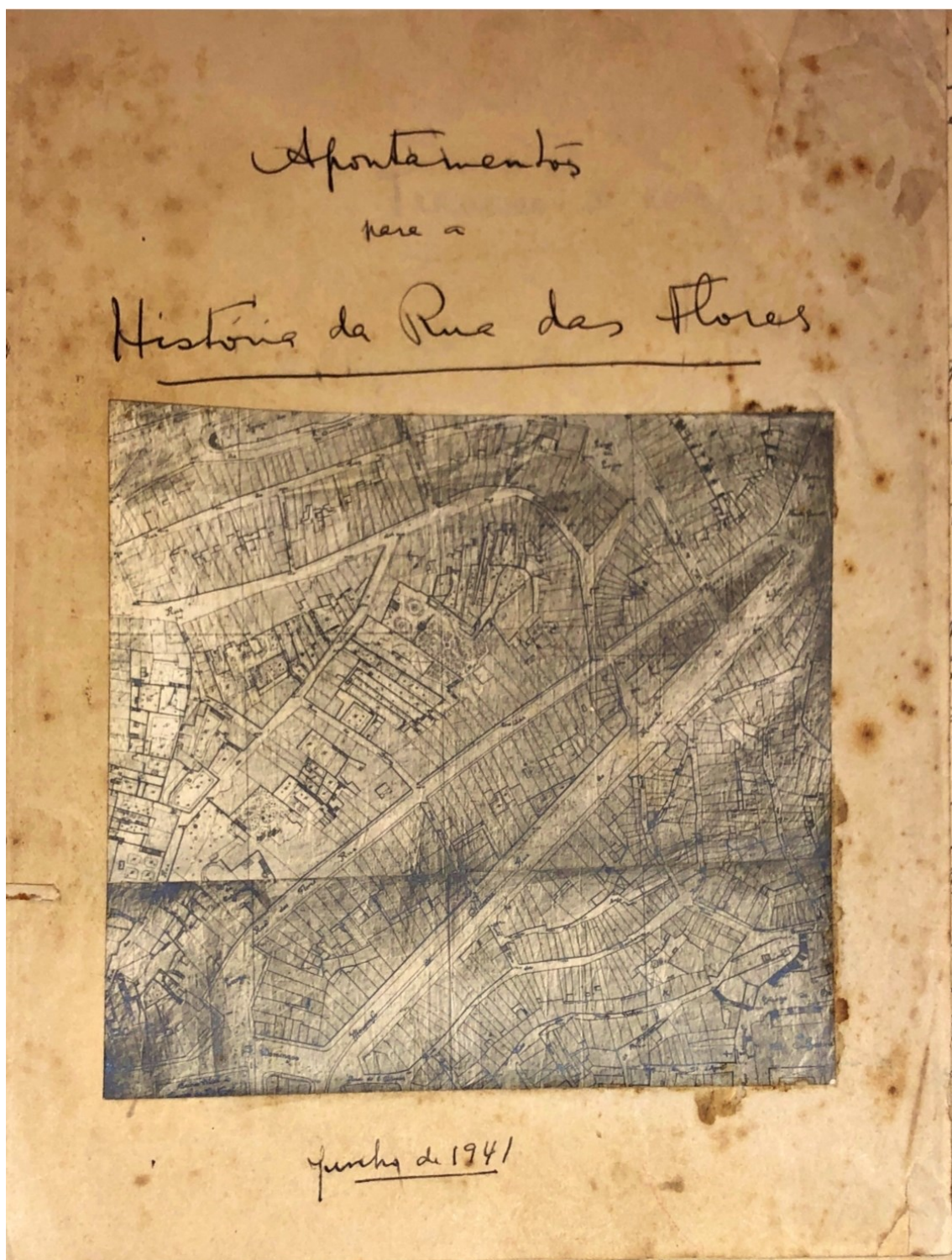
Documento 36

"Estes são os originais de Camilo que estão na B.M.de S. Lázaro" [man.] de AMB, s./d. (EF).

A bruxa do Monte . Cordova
A doida do Candel
A mulher fatal
Cavar em ruínas
O sangue
Misterios de Tafe.
Virtudes Antigas
Do livro Quatro Horas Inocentes
A flor de Maia - O Santo de Midos . Pataratas
Estes são os
Originais de Camilo
q. estão na B.M. de S. Lázaro

Documento 37

”Apontamentos para a História da Rua das Flores” a. [Capa]por AMB. Jun41(EF).



Travessa do Ferraz

9 de Agosto 1625

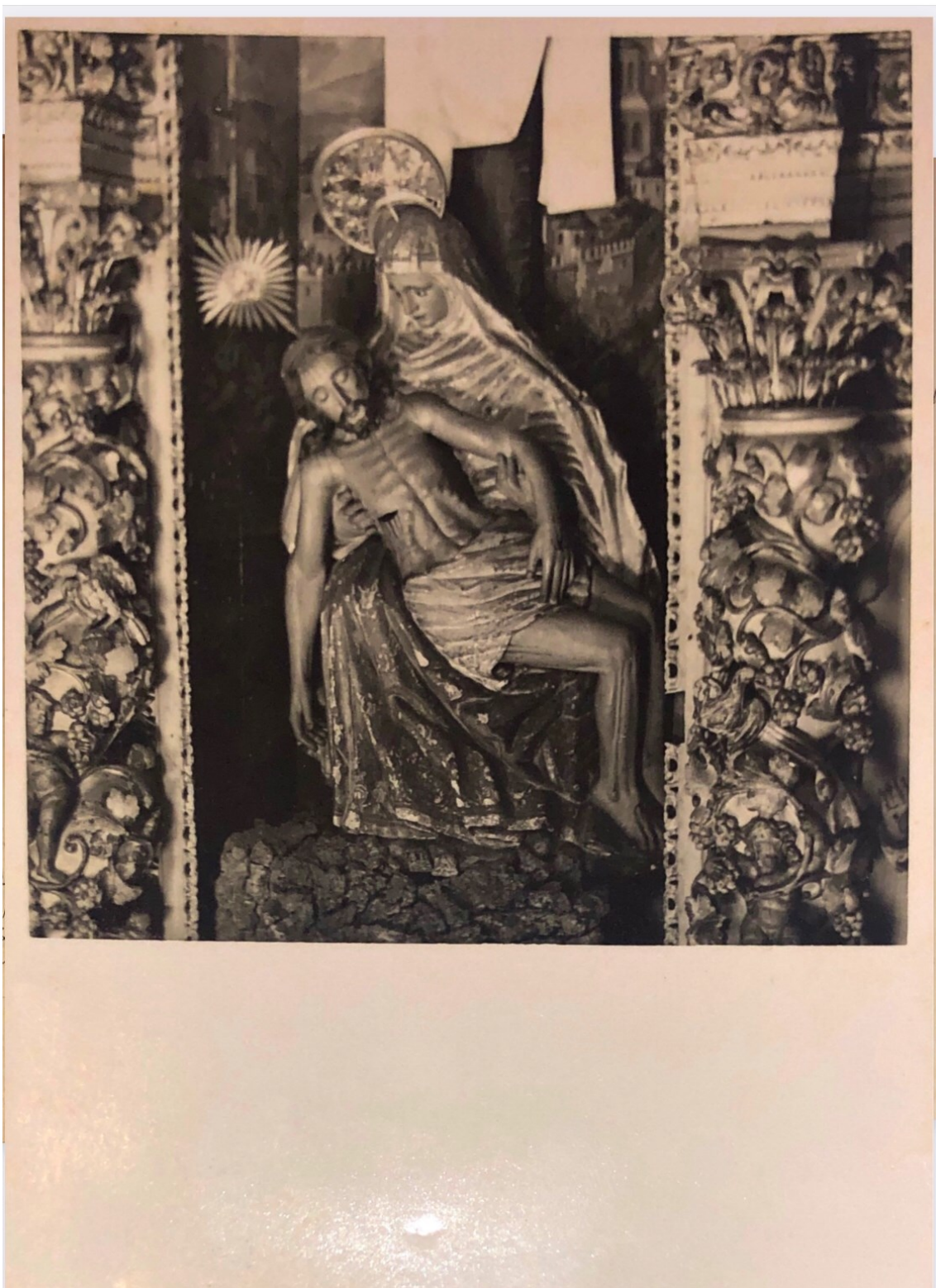
Venda de um quintal no —

Int. Compres e Vendas de bens
do Concelho. II, p. 1026
e seq.

Fig. 2 P.^o Manuel Pereira de Novais in Anaerisis II (1913), p. 34:

— "... la calle del Ferraz que se dize assi por habi-
tar en ella um caballero desta Appellido de No-
breza ... » ... » y esta Calle del Ferraz viene a
quedar como una Cruz inmiza o la letra griega
T, remitiendo los brazos atraz de la Victoria, y el oho
viene a salir a la calle de la Ferraria Vieja ».

b. Vasco Valente, .1942. [carta]para AMB, c/ foto da “N. Sra. de ao pé da Cruz”, do altar da capela do Ferraz. (EF)



N.ª S.ª da Piedad
ou
"N.ª S.ª de ao pé da Cruz"

—
Imagem que está
no altar de
Cap. do Ferraz

1942

Com estes apetrechos
de

VASCO VALENTE

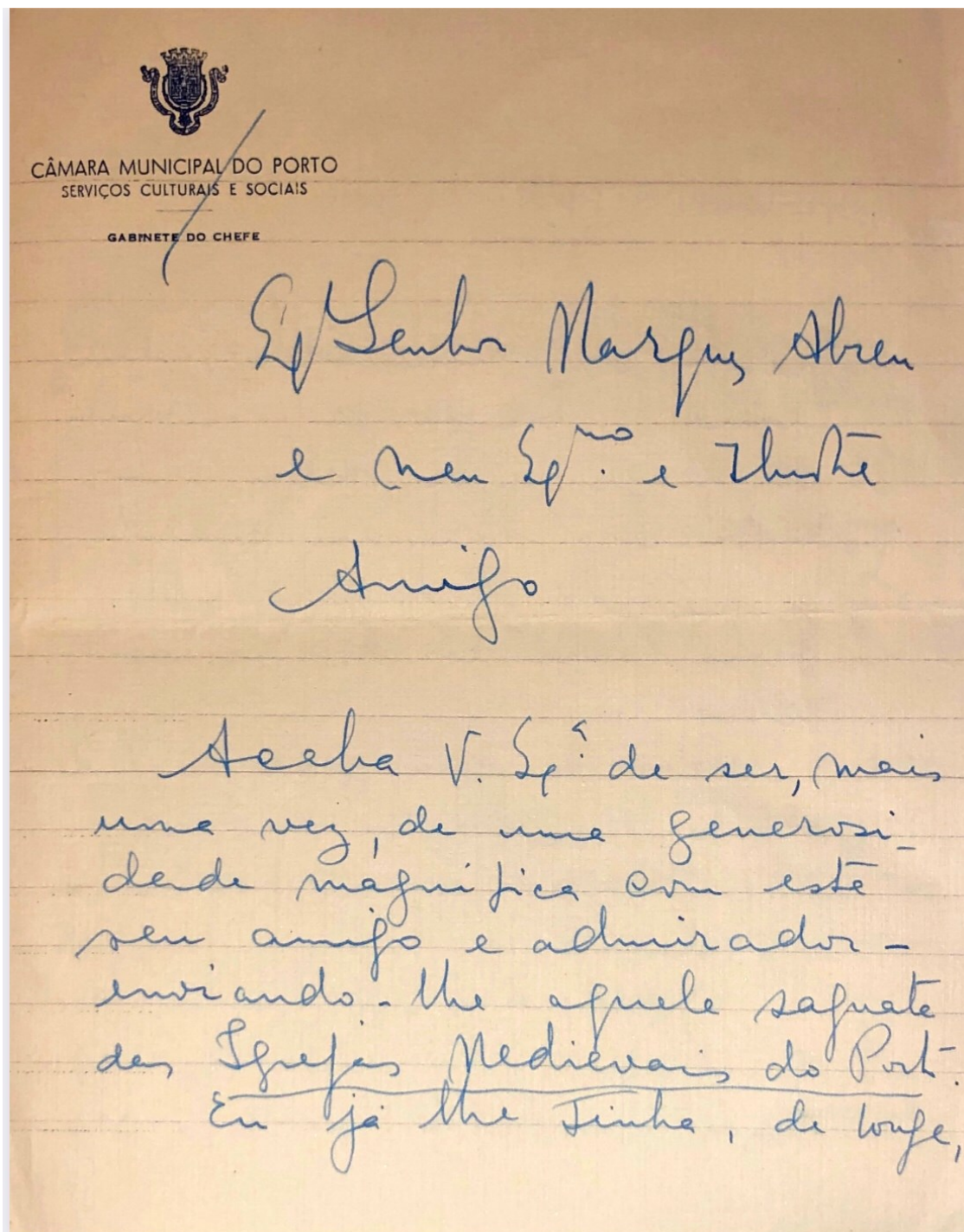
~~DIRECTOR DO MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS~~

As fotos n. n.º 12 da Pictura
ficaram boas. Logo se tirou
uma prova. mand. M. H. —
Rua D. Manuel II PORTO

P. J. Keels agarre a
foto. que melhor. —

Documento 38

AMB 1955 Janeiro 10, [carta/rascunho, 4 p.] para Marques Abreu, agradecendo o livro *As Igrejas Medievais do Porto*, de Manuel Monteiro. (EF)



posto os meus olhos em
cima! De longe... - muito
de longe! - os meus olhos
entrecosos haviam fixado
a portada tentadora! Mas
como havia eu de me apro-
ximar...

Veio a sua generosidade,
repito, resolver a situação!
Bem haja! Do coração lhe
agradeço.

E permita que felicite
V. Se^a por tão grande ser-
viço prestado à cultura

da Arte em Portugal - mais
um, a juntar a tantos outros
que fizeram do seu nome aqui
lo que ^{-e há muito!} ~~hospede~~: um nome
admirado e grato para todos
os que em Portugal e no Es-
tranjeiro prezam as Artes.

As referências que o san-
doso Mestre D. Manuel Monteiro
faz ao meu humilde contri-
buto, penhoraram - me pro-
fundamente. É para mim
uma honra que ele me te-
nha de algum modo associa-

do ao seu admirável tra-
balho.

Permite, meu prezado amigo,
que termine esta carta, apre-
sentando pois, em resumo,
afadecimentos vivíssimos e
sinceras felicitações - desejan-
do-lhe também a 'melhor saúde'!

Dev. e m. atente

Amigo e velho

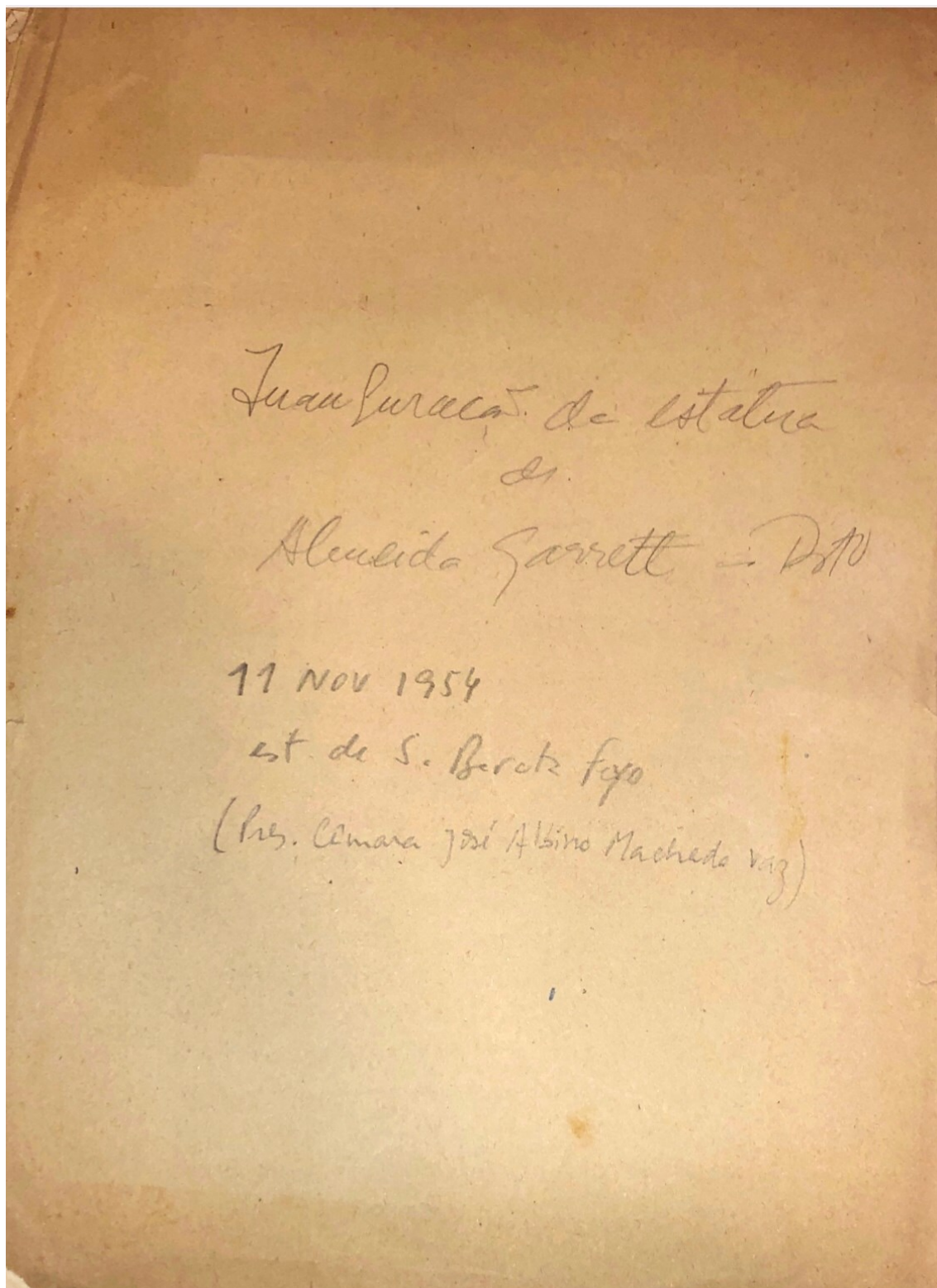
Admirador

Arthur de F. F. Bast

Porto, 10.1.55

Documento 39

AMB 1954 Novembro 11 {Discurso, 1 de 22 fls.] do Pres. da Câmara, Machado Vaz,
escrito por AMB(?), p/inauguração da estátua a Garrett. (EF).



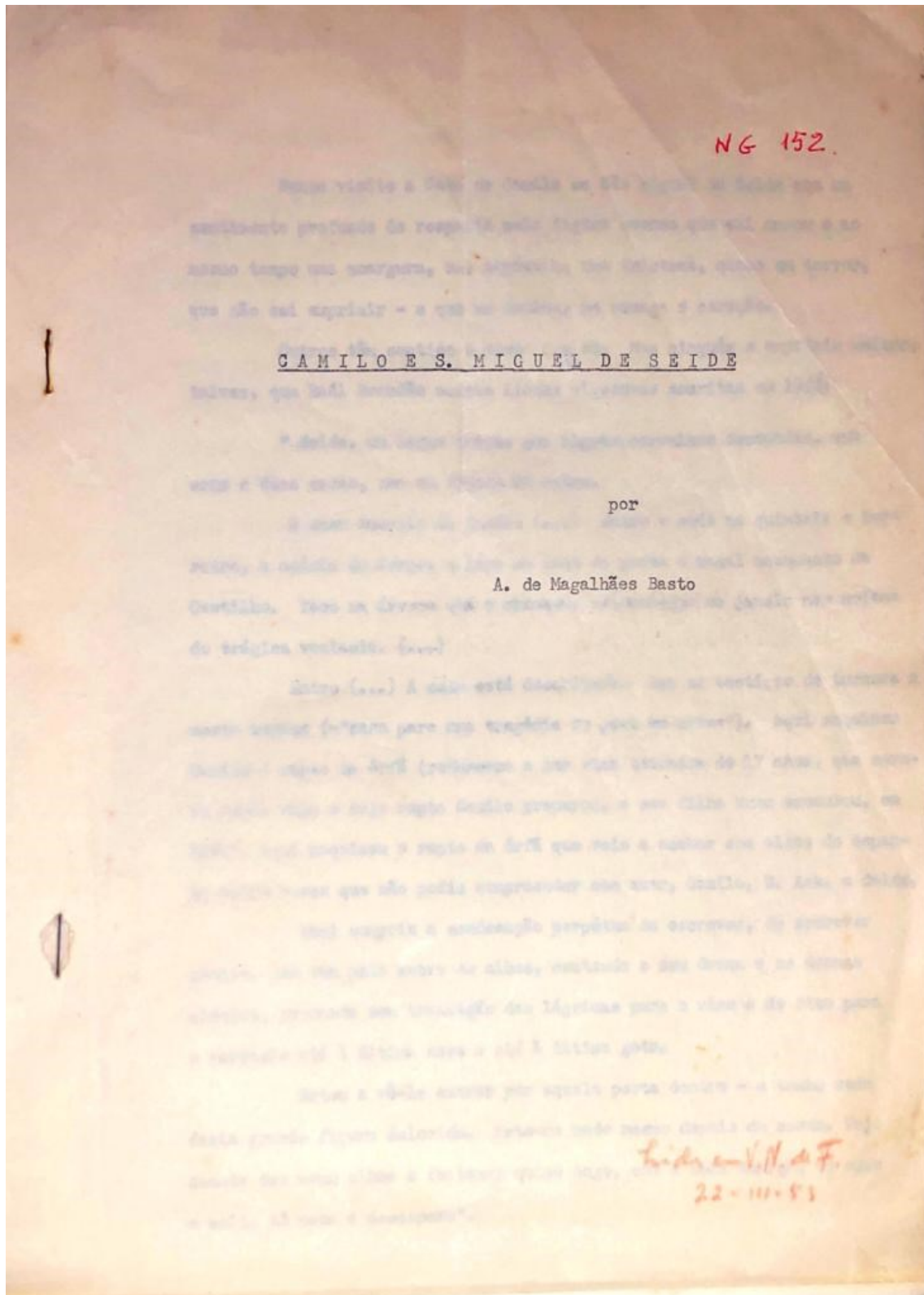
Amigo
Marques
Se pudesse ser p.
hoje, por toda a
orig. e copia
N.º 1 of M. B. M.

Nos Paços do Concelho, ainda há
momentos, tive ~~h~~ a honra iníqua
de, em nome da Camara Muni-
cipal ^{gestão} ~~do Porto~~, dirigir a V. Ex.^a Sr.
nho Presidente, ^{mas sinceras} breves palavras de boas-vin-
das e de agradecimento pela
annúncia pronta e penhoran-
tíssima de V. Ex.^a ^{ao nosso convite} para se dignar
visitar o Porto nesta data.

A presença do Chefe do
Estado entre nós é sempre um

Documento 40

Camilo e S. Miguel de Seide. 1953 Março 22. Conf. em Famalicão, [dactil. 24 p.] Inédito (EF)



Nunca visito a Casa de Camilo em São Miguel de Seide sem um sentimento profundo de respeito pela figura enorme que ali morou e ao mesmo tempo uma amargura, uma angústia, uma tristeza, quase um terror, que não sei exprimir - e que me domina, me esmaga o coração.

Outros têm sentido o mesmo que eu. Mas ninguém o exprimiu melhor, talvez, que Raúl Brandão nestas linhas vigorosas escritas em 1925:

" Seide, um largo triste com alguns carvalhos decepados, uma cruz e duas casas, uma em frente da outra.

A casa amarela de Camilo (...) Entro a medo no quintal: o terreiro, a acácia de Jorge, e logo ao lado da porta o banal monumento de Castilho. Toco na árvore que o chamava, batendo-lhe na janela nas noites de trágica ventania. (...)

Entro (...) A casa está desabitada. Nem um vestígio de ternura neste buraco (-"casa para uma tragédia ou para um crime"). Aqui maquinou Camilo o rapto da órfã (refere-se a uma rica herdeira de 17 anos, que morava nesta vila e cujo rapto Camilo preparou, e seu filho Nuno executou, em 1881), aqui maquinou o rapto da órfã que veio a acabar com olhos de espanto entre seres que não podia compreender nem amar, Camilo, D. Ana, o doido.

Aqui cumpriu a condenação perpétua de escrever, de escrever sempre, com uma pala sobre os olhos, contando o seu drama e os dramas alheios, passando sem transição das lágrimas para o riso e do riso para o sarcasmo até à última hora e até à última gota.

Estou a vê-lo entrar por aquela porta dentro - e tenho medo desta grande figura dolorida. Mete-me medo mesmo depois de morto. Vejo deante dos meus olhos o fantasma quase cego, com a boca amarga, só osso e pele, só osso e desespero".

Tenho medo ... "E notem que cada vez o amo mais".

Estas palavras fortes e sombrias de Raul Brandão evocam-nos o drama ingente que em S. Miguel de Seide se viveu - drama que acompanhou Camilo do berço ao túmulo e "em Seide, no isolamento da aldeia, atingiu o acume da tragédia". Aquilo na verdade evoca-nos cenas pungentes, dolorosas - Camilo viveu ali, naquele isolamento; "em roda os montes, e mais perto D. Ana, os filhos doidos, todos enrodilhados no mesmo desespero, atirando-se à cara, palavras, ditos, impropérios". Por fim a cegueira, e para ponto final um sinistro tiro de revólver - que nos soa ainda aos ouvidos, apesar de já terem passado quase 62 anos.

Mas agora reparo.

Para sobremesa ou prestes a começar a fazer-se a digestão do almoço, parece-me que não é fisiologicamente aconselhável continuar a carregar assim nas tintas do quadro. Demais estão aqui Senhoras.

Tranquilizem-se, pois, V. Ex^{as}.

Vou mudar de tom, mas não de assunto.

A mulher, porém, a mulher sensível, a mulher amante e amada, a típica mulher romanesca, era um ídolo para cada imaginação, tinha de certo coração um culto - culto pasmosamente ingenuo e cándido, susceptível a todas as provocações do ridículo: ao rancore da rua, ao desparatado do despegar da agulha, ao coroado da Igreja durante a missa Santa ou na missa de uma hora aos domingos, à carta clandestina com arcos de estrografia, à recitação ao piano, ao anel do cabelo, ao bordado à missanga!

O que se não fazia pela mulher amada! Quantas noites perdidas emboscadas pelas esquinas à espera que dum trapeira acesse um lampo; ou já que dum alto fante das cortinas furtivas acesse de longe ...

Imaginemo-nos no Porto das discussões fulgurantes do Guichard; das ceias gargantuescas da Águia d'Ouro; das tardes românticas de S. Lázaro; das noites homéricas do Teatro de S. João !

Nesses tempos em que as mulheres usavam longas tranças e os rapazes traziam desgrenhadas cabeleiras que lhes pousavam nos ombros - às quais chamavam jubas e que lhes deram o apelativo de leões ! - nesses tempos em que os mancebos tinham faces cavadas e macilentas e os olhos sempre vermelhos das lágrimas que a ingrata lhe fazia chorar - nesses tempos, meus senhores, só uma coisa séria parecia existir na vida - era o Amor.

Diz Ramalho referindo-se a essa geração:

- Para todos esses homens, moços, aparentemente fortes, aparentemente despreocupados, violentos, desabridos, uma só coisa grave, irredutível, sagrada, parecia existir na vida.

Era o Amor.

De tudo mais zombavam.

Havia um desprezo convicto e geral pela fortuna, pela consideração social, pelo próprio trabalho, e até pela saúde.

A mulher, porém, a mulher sensível, a mulher amante e amada, a simples mulher romanesca, era um ídolo para cada imaginação, tinha em cada coração um culto - culto pasmosamente ingénuo e cándido, resistindo a todas as provocações do ridículo: ao namoro da rua pela hora portuense do despegar da agulha, ao namoro da Igreja durante a Semana Santa ou na missa da uma hora aos domingos, à carta clandestina com erros de ortografia, à recitação ao piano, ao anel do cabelo, ao bordado à missanga !"

O que se não fazia pela mulher amada ! Quantas noites perdidas emboscados pelas esquinas à espera que duma trapeira acesse um lenço; ou ~~se~~ que duma alta janela descesse furtiva escada de corda ... Quantos passeios de dia pela porta da menina que-

rida, a pé ou a cavalo - a cavalo era mais bonito e chamava mais a atenção. As ferraduras das alimárias tiravam das calçadas chispas de lume que incendiavam os corações femininos mesmo que estivessem lá em cima, muito longe na janela do terceiro andar.

Quantas tardes perdidas no jardim de S. Lázaro, em dias de música, a olhar - do outro lado do repucho - para a mulher amada e idolatrada, trocando com ela suspiros e ais arrancados do fundo do peito.

V. Ex.^{as} sabem como começavam essas paixões - era fulminantemente. Às vezes bastava um só olhar - nada mais !

Já descrevi algures o caso frisante que lhes vou contar. Aí por 1840 e tal ainda era costume, quando se ía ao teatro de S. João levar farnel: em geral um alguidar de arroz de forno e um galo assado.

Num domingo de tarde, representava-se nessa velha casa de espectáculos, a Degolação dos Inocentes - um daqueles dramalhões célebres em 5 actos como os Dois Renegados e o Pero Sem, que faziam chorar copiosamente as plateias.

De repente lá de cima, lá das alturas caiu sobre a cabeça de um dos janotas dos fauteills uma omoplata de carneiro. O dandy abaixou-se apanhou o engordorado osso num lenço que levantou pelas pontas", olhou para cima, saíu, subiu as escadas e bateu à porta dum camarote de 3.^o ordem.

- O senhor que quer ? - perguntaram-lhe. O galã fez uma vénia, muito grave, "estendeu o braço para dentro com o lenço pendurado, e disse solenemente:

- Foi deste camarote que uma das senhoras deixou cair a parte respectiva do bode ?

- Do bode ?! perguntaram à uma pondo-se em pé, tres brutamontes que lá havia.

Imperturbável o janota acercou-se de uma das três senhoras, presumíveis esposas dos três cavalheiros, e deu ares de querer depositar-lhe no regaço de seda o conteúdo no lençinho branco e perfumado:

- Ai ! credo ! Jesus ! Que disparate ! O diabo do homem ! Tire para lá isso !

A mais não teria passado o episódio se naquele camarote não houvesse também uma gentil e angélica figurinha feminina por quem o nosso herói ficou de repente mas para toda a vida perdidamente enamorado.

Casos de amor súbito como este como este houve-os às centenas ...

E nos bailes ! Isso é que era ver brotar paixões. Qual o mancebo que podia resistir aos encantos duma donzela de flores, fitinhas e pedrarias no cabelo, de ombros nus, mais brancos do que o jaspe: e de saia de balão ! As paixões nasciam violentas. E se provocassem cenas de ciúme, lágrimas e desesperos, pancadaria - melhor !

O verdadeiro, o mais puro, o mais belo desfecho romântico das paixões era a morte e o noivado do sepulcro. Não havia nada mais lindo, mais poético, do que o suicídio por desgostos de coração ! "A pistola, o punhal, o laço, a asfixia", qualquer processo podia servir.

Ficou célebre a morte de Jorge Artur de Oliveira Pimentel. Apaixonou-se por uma rapariga rica, sendo ele pobre e cultor das Musas. Evidentemente estas duas qualidades não o recomendavam. A família da requestada ergueu-se como uma barreira de aço entre os dois corações. Não foi preciso mais nada para despertar a ideia do suicídio no cérebro do infeliz mancebo.

Certa noite de Janeiro de 1849, Jorge Artur alucinado

Imperturbável o janota acercou-se de uma das três senhoras, presumíveis esposas dos três cavalheiros, e deu ares de querer depositar-lhe no regaço de seda o conteúdo no lençinho branco e perfumado:

- Ai ! credo ! Jesus ! Que disparate ! O diabo do homem ! Tire para lá isso !

A mais não teria passado o episódio se naquele camarote não houvesse também uma gentil e angélica figurinha feminina por quem o nosso herói ficou de repente mas para toda a vida perdidamente enamorado.

Casos de amor súbito como este como este houve-os às centenas ...

E nos bailes ! Isso é que era ver brotar paixões. Qual o mancebo que podia resistir aos encantos duma donzela de flores, fitinhas e pedrarias no cabelo, de ombros nus, mais brancos do que o jaspe: e de saia de balão ! As paixões nasciam violentas. E se provocassem cenas de ciúme, lágrimas e desesperos, pancadaria - melhor !

O verdadeiro, o mais puro, o mais belo desfecho romântico das paixões era a morte e o noivado do sepulcro. Não havia nada mais lindo, mais poético, do que o suicídio por desgostos de coração ! "A pistola, o punhal, o laço, a asfixia", qualquer processo podia servir.

Ficou célebre a morte de Jorge Artur de Oliveira Pimentel. Apaixonou-se por uma rapariga rica, sendo ele pobre e cultor das Musas. Evidentemente estas duas qualidades não o recomendavam. A família da requestada ergueu-se como uma barreira de aço entre os dois corações. Não foi preciso mais nada para despertar a ideia do suicídio no cérebro do infeliz mancebo.

Certa noite de Janeiro de 1849, Jorge Artur alucinado

atirou-se à corrente turva do Douro.

Dias depois apareceu o cadáver boiando. Desabotoaram-lhe o casaco. Tinha entre o colete e a camisa sobre o coração - imaginem V. Ex.^{as} o quê ?

Um bonet de veludo bordado a matiz, por doces mãos femininas.

E já que falei de Jorge Artur, permitam que recorde uma outra figura do Porto das mais típicas e curiosas dessa época de Romantismo: José Augusto Pinto de Magalhães. Começou ele por amar certa menina formosíssima mas intratável por seus caprichos. Por isso o mancebo não raro, logo que ela lhe enublava o empirco interior, disparava em chuveiro de prantos. Quando se levantava de manhã a travesseirinha da cama estava muitas vezes ensopada em lágrimas; e ele dizia aos amigos:

- Chorei toda a noite ! Esta mulher ha-de matar-me !

Pois uma vez a já amantíssima donzela, escreveu a José Augusto dizendo-lhe qual era o seu dote materno e o dote presumível por morte do pai.

Após as cifras vinha um honesto convite a casamento próximo.

- Vem pedir-me dizia ela - que ~~meu~~ meu pai já está bem prevenido a teu respeito".

Imediatamente José Augusto respondeu - "Quando perguntei Foi este José Augusto, taciturno de ordinário (mas alegre nas ceias estroinas, e brigão por amor das actrizes do Lírico) - foi este ultra infeliz mancebo o protagonista dum dos mais estranhos dramas de amor daqueles tempos. Apaixonou-se pela jovem Fanny Owen. Raptou-a da casa dos pais, - que viviam em Vilar do Paraizo. Casou com ela. Mas não lhe tocou. Tanto mal lhe fez que a viu morrer meses depois, e morreu ele, logo em seguida, torturado pela

ideia duma imaginária desonra. Pobre Fanny Owen. Que drama pungente o daquele amargurado coração. Pura e mártir - o matrimónio passou por ela como o sol pela vidraça !

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Se esse drama foi pungente, mais doloroso foi ainda o de Camilo Castelo Branco.

É escusado falar-lhes aqui do escritor, da sua obra vastíssima e admirável. Ninguém desconhece os primores do seu estilo, a causticidade sangrenta dos seus sarcasmos, a graça da sua inegualável ironia. Todos sabem que ele trabalhava febrilmente e que foi assombrosa a sua actividade literária.

Segundo a bibliografia organizada por Henrique Marques Camilo "publicou cento e trinta e oito livros; criticou e fez anotações a noventa e dois; colaborou em oitenta e oito com inéditos ou reproduções da sua autoria; e escreveu artigos para 129 revistas e jornais" (1)

Nem sempre o enredo dos seus romances será bem urdido; nem sempre haverá verdade nas cenas que neles nos descreve. Mas que riqueza extraordinária de vocabolário ! Mas que incomparável poder de expressão !

Ambrey Bell, o eminente lusofilo e crítico da nossa literatura, considerado temperamento sensível e mutável de Camilo, a exuberância da sua imaginação, os seus arranques de sátira e seus momentos de tristeza, a sua vida tempestuosa a sua obra literária declara que ele merece o nome de "personificação do génio português" que por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho lhe foi dado em 1877 !

(1) C.^o Homen. p. LI.

Deixemos portanto o escritor para falarmos do homem.

Sabemos que nasceu em Lisboa em 16 de Março de 1825.

Ficou orfão aos 9 anos motivo porque veio com a irmã para Trás-os-Montes, onde tinha uma tia, irmã de seu Pai que os recolheu.

Em 1844 estava ele no Porto. Era aluno da Academia; morava no 4.º andar dum prédio da rua dos Pelames, que foi demolido, e namorava uma vizinha que vivia na trapeira duma casa da rua do Souto. Passou nessa época muitos dias empoleirado no telhado a tocar viola... Estudar era o que menos lhe apetecia... Depois de ter tomado parte na Patuleia, combatendo sob as ordens de Macdonald, volta Camilo para o Porto, onde começa a ganhar a vida escrevendo folhetins nos jornais. Morava na rua da Fabrica em 1849.

Em 1850 a sua casa era a de n.º 41, na Rua de St.ª Catarina.

É neste ano que, segundo as conjecturas do illustre camilianista Dr. António Cabral, "se acende, num baile da Assembleia Portuense a paixão de Camilo por Ana Plácido, o seu amor supremo". Camilo mais tarde escreveu:

- Giravam as valsas, sentia nas faces o halito das mulheres ofegantes de cansaço, os vestidos em rodopio agitavam o ar tépido...

ticiava:

Cessaram as danças. Um homem deu-me o braço e disse-me:

- Venha ver as três mulheres mais lindas desta terra".

Camilo foi vê-las. Antes não fosse...

Uma delas era Ana Plácido - noiva de Manoel Pinheiro Alves, abastado negociante da rua do Almada.

O romancista viu-a e ficou imediatamente apaixonado. Foi essa a hora má que decidiu da sua vida.

O casamento projectado realizou-se decorridos alguns meses.

Camilo depois de pensar no suicídio foge como louco pa-

ra Lisboa e quando regressa ao Porto meses volvidos resolve fazer-se padre. Matricula-se no seminário episcopal. Frequenta-lhe as aulas durante algum tempo. Mas em breve desiste da vida eclesiástica para a qual inegavelmente lhe faltava a vocação.

Passam-se os anos. Sucedem-se as aventuras e vai crescendo a fama do nome literário de Camilo, e a paixão deste pela sua mulher fatal. Pretendendo escapar ao seu destino, furtar-se à atração do abismo obteve o lugar de adido honorário a legação portuguesa no Rio de Janeiro. Mas afinal não partiu porque não pode ser mais forte que a sua paixão desordenada. Ana Plácido resistiu dez anos. Mas por fim a sua virtude cedeu àquele amor obstinado e louco. E em 1859 abandonou ~~o~~ o lar conjugal e foi viver com Camilo Castelo Branco.

Pinheiro Alves ainda conseguiu que ela daí a meses entrasse num convento em Braga, mas de lá saiu em breve para se ir juntar ao escritor. Em princípios de 1860 foi instaurado contra ambos um processo pelo crime de adultério. Parece ter sido nesse ano que Camilo visitou pela primeira vez a casa de S. Miguel de Seide, (A. Cab. p. 131) propriedade de Pinheiro Alves.

No dia 8 de Junho daquele ano, o Nacional do Porto noticiava:

- Prisão. Ante-ontem de tarde foi presa e entrou na cadeia da Relação a Ex.^a Senhora D. Ana Plácido Pinheiro Alves, esposa do Snr. Manuel Pinheiro Alves". Fazia-se acompanhar dum filhinho de 2 anos.

Contra Camilo havia também mandado de captura. Mas ele foge. Esconde-se em Vila Real. Mas tres dias depois regressa ao Porto. Sai pouco depois para Guimarães e hospeda-se, sabem V. Ex.^{as} onde ? - em Briteiros, na casa do seu amigo Martins Sarmento. De Briteiros vai para Fafe, onde se instala na quinta do Ermo de José Cardoso Vieira de Castro. Mas como um dia lhe constasse que o

iam prender, passa a serra do Marão e refugia-se de novo em Vila Real. Dali peregrina sem norte, como louco, pela Samardã, Régua, Amarante, e acaba por se meter outra vez em casa de Francisco Martins Sarmento. "De Briteiros ao Bom Jesus do Monte era passeio de uma hora - diz Camilo. Ali fui com Francisco Martins". Na casa deste seu amigo, Camilo esteve ensaiando forças para as solidões do carcere. Volta ainda a Vila Real e só ao cabo de quatro meses de luta consigo mesmo decide ir entregar-se à prisão. Era o 1.º dia de Outubro de 1860.

É impossível descrever o escândalo formidável que todos esses acontecimentos produziram no Porto. Mesmo hoje casos como esse dariam que falar; que faria naqueles tempos !...

Camilo por seu lado tinha um prazer sádico em irritar a moral burguesa. - E não perdia a mínima oportunidade de o fazer. Estando preso na Relação, e tendo obtido licença ministerial para sair a dar alguns passeios a pretexto de que assim era preciso para a sua saúde, ele desceu um dia a rua de Santo Antonio, atravessou a Passeio das Cardosas, então chamado pasmatório dos Loios, subiu os Clérigos impávido e sereno levando pendurado pelas presilhas num dedo um par de botinas de mulher - e assim entrou na Cadeia onde, como todos sabiam, também se encontrava Ana Plácido.

Ele affectava cinismo e absoluta indiferença pela opinião publica. Mas a sua alma sofria imensamente. Foi nesse tempo - num quarto de malta que ficou histórico e ainda existe na cadeia da Relação desta cidade - que ele escreveu o belo e doloroso romance Amor de Perdição. Escreveu-o em quinze dias - "os mais atormentados da sua vida" - conforme confessou mais tarde.

Ao fim dum ano de cárcere chegou o julgamento.

A defesa esteve a cargo de Marcelino de Matos, o grande advogado amigo de Camilo, pai do eminente psiquiatra Julio de Ma-

tos. A sua eloquência admirável conseguiu - o que nos parece um absurdo - conseguiu que o crime fosse dado como não provado - e os reus absolvidos !... Não é na verdade extraordinário ?

Estava-se em 16 de Outubro de 1861. Menos de dois anos decorridos Pinheiro Alves morria em Famalicão, mas não em S. Mamede de Seide.

Nas vascas de agonia quis confessar-se a um padre, mas fez a declaração prévia de que não perdoaria àqueles que tanto o tinham feito sofrer e o matavam.

Morreu,. Como tinha um filho, este era o herdeiro. O filho faleceu poucos anos depois e assim a casa de Seide veio a pertencer a D. Ana Plácido.

Camilo e Ana Plácido iniciaram então verdadeiramente o seu trágico calvário.

Parece ter sido em 1863 que os dois inflicíssimos amantes principiaram a ir habitar às temporadas a casa triste e solitária de Seide. Nesse ano de 63 nasceu-lhes o primeiro filho Jorge - no ano seguinte o segundo: Nuno.

Camilo escreveu em 1864: - "A margem do córrego chamado Péle, o riacho que, pela primeira vez, é revelado ao mundo em letra redonda, - assentei eu a minha tenda" "A casa, onde vivo, é rodeiam-na pinhais gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas. Este incessante soido é a linguagem da noite que me fala; parece-me que é voz dalem-mundo, um como borborinho que refere longe às portas da eternidade". No entanto, esses primeiros tempos não foram de todo desgraçados.

Alberto Pimentel conta dum velho jornaleiro que no princípio deste século andava por Santo Tirso pedindo esmola e que recitava como papagaio ou fonógrafo, a quem lho pedisse um discurso mitológico, - sempre o mesmo. O discurso era assim:

"Jupiter era um deus onnipotente no Olimpo. Venus era sua filha e mãe de Cupido, deus do amor. Um dia Jupiter escamou-se com Vulcano, etc., etc.

Quem lhe ensinara esta preleção ? Camilo em Seide, em horas de bom humor !

Como sabem um dos grandes amigos de Camilo foi Castilho, o grande poeta cego.

Dizia-lhe este em carta de 1 de Fevereiro de 1866 em plena refrega da chamada Questão Coimbrã:

Quanto mais o vou conhecendo, mais o admiro e mais lhe quero, e mais pena me faz que a sua ventura se não iguale com o seu merecimento". E nessa mesma carta lhe prometia ir passar com eles três dias no seu homisio silvestre: - "prepare lá um colchão de palha de milho e dois cobertores para agasalhar a outro ermitão, mais que nunca ~~desenganado~~ desenganado hoje, das vaidades mundanas e das vilezas dos homens".

Camilo, então no Porto respondeu na volta do correio: - V. Ex.^a fez-me sonhar belos dias na minha suspirada casinha das Carvalheiras do Minho. Se V. Ex.^a lá for, deixa-me depois um alegre trabalho de alguns dias. Farei erguer uma pedra no meu quintal, e mandarei antepor a uma data o nome de V. Ex.^a. Quantos, volvidos anos, hão-de ver com lágrimas, aquela pobreza dos corações ricos ! Olhe que prometeu meu amigo ! Então leremos as Geórgicas de V. Ex.^a e de Vergílio".

Logo Castilho confirma e insiste: - Meu boníssimo Camilo. Sim que hei-de ir !... (serão) três dias de delicias e talvez oito.. a pedra ficará para testemunha, a quem vier depois, de que no tempo do dilúvio dos disparates houve dois amigos escapos à inundação".

Por esse tempo batiam-se no Porto em duelo à espada Antero de Quental e Ramalho Ortigão. Este ficou ferido num braço e Ca-

milo exclamava: - Ó minha cabana e minha horta ! quem me lá dera já o esquecimento de tudo o que por aqui vai, e a ignorância das misérias por vir".

Mas só em Maio se instala definitivamente em Seide e logo em 15 desse mês escreve a Castilho - "Ca estou na aldeia com as crianças e os passarinhos... Isto é que é estupidez santa, meu querido Castilho... diga-me (quando) vai ao Porto para lhe ensinar o caminho desta mata".

E um dia, já quando o romancista começava a crer que a prometida visita de António Feliciano de Castilho se não realizaria ele chega a S. Miguel de Seide !

Acompanhavam-no seu filho Eugénio e Tomaz Ribeiro. Depois juntou-se-lhes José Cardoso Vieira de Castro. Camilo, que nunca foi um grande Marialva montou a cavalo e partiu a toda a brida ao encontro dos amigos quando eles já para lá se dirigiam de Famalicão. Calcule-se a sua alegria !

O romancista viveu então talvez os únicos dias felizes dos vinte e sete anos que habitou em S. Miguel de Seide.

Eugénio de Castilho muito mais tarde descreveu a sua impressão da chegada nos termos seguintes:

"A Casa de Camilo era uma formosura. Rodeada de pinheiros espessos, de casinhas cobertas de colmo... (Nada disto há agora; nem cabanas cobertas de colmo, nem pinheiros)

Transposto o portão, um portão largo, seguia-se uma alameda sombria, que desembocava num largo terreiro...(tal qual como hoje).

A um lado ^{uma} escadaria de pedra dava ingresso para a casa (a escadaria já não é a mesma)

Todos nos apeamos; e, subidos os poucos degraus, achamos em cima todos os serviçais trajando galas, e à frente uma senhora

ainda nova, muito bela com uns olhos grandes e inteligentes... Era a Senhora D. Ana Augusta Plácido, a autora de tantos livros notáveis". Trata-se de um galanteio, visto que D. Ana Plácido embora tivesse dotes reais de escritora, poucos livros produziu.

Durante cerca de oito dias esteve António Feliciano de Castilho em S. Miguel de Seide. E Camilo em honra do seu ilustre hóspede improvisava às noites no Terreiro da casa verdadeiros arraiais minhotos: - "uma turba multa de trombones, ferrinhos e violas, que atroavam os ares com alegres e festivas musicatas". "Nasquelas noites esplendidas (de Junho) embalsamadas dos mil aromas dos campos, a Custódia da ~~Láxia~~ Feira, cantava ao desafio com o Galego - dois célebres cantadores. A Amélia de Landim sarabandeava a Cana Verde, e o Agua leva a regadinho. E as requintas flautas e violas guinchavam deliciosamente desafinadas, a Maria Cachucha.

Em recordação dessa visita memorável foi erigido no quinteiro - como ~~o~~ Camilo promettera - um padrão de pedra.

Esse padrão ainda lá existe entre dois cedros e diz assim: to, na Bez, na Póvoa. Ant.º Feliciano de Castilho.

Nas era a casa Príncipe da Lira Portuguesa quartel-general e não há esteve neste lugar em 15 de Julho de 1866.

E que mandou aqui erigir Ana Plácido e na face voltada para o muro:

Com os seus discípulos

Tomás Ribeiro, Eugénio de Castilho, José

Cardoso Vieira de Castro, C. C. Branco.

A dedicatória de Maria Moysés a Tomas Ribeiro em 1876 é do seguinte teor:

sa criança que nos ouvidos a cada instante como que lhe gritava:

A

castigo! - maldição!

Tomás Ribeiro

"São passados dez anos depois que vieste aqui. Foi Montem; e a pedra onde gravei o teu nome está denegrida como a dos

túmulos antigos.... Estou vendo Castilho encostado ao frizo da coluna tôska; estou ouvindo os teus versos recitados em nome de meus filhos... Ah ! é verdade... Tu não os recitaste porque tinhas lágrimas na voz e no rosto.

Instalado em S. Miguel de Seide - ~~XXXXXXXXXX~~ enebriado com o aroma das giestas e do rosmaninho, ou ouvindo no inverno gemer os pinhais e zoar plangentemente a carvalheira - Camilo produziu ali alguns milhares de páginas da mais lídima e viva prosa portuguesa. O primeiro romance que lá escreveu foi o Amor de Salvação.

Nome fatídico !

De perdição - é que verdadeiramente foi o seu amor naquella casa solitária e trágica.

Não julgue alguém que eu pretendo dizer que o grande romancista viveu ininterruptamente em S. Miguel de Seide desde 1863 ou 66.

Não. Camilo morou com a família por várias vezes no Porto, na Foz, na Póvoa, e até em Lisboa, e Coimbra.

Mas era a casa de S. Miguel de Seide o seu quartel-general e não há dúvida que foi ali que ela viveu mais tempo.

E que vida, santo Deus !

Primeiro a doença moral, cuja grandeza aumentada pela própria imaginação, nenhum de nós a pode avaliar !

Depois a doença física-cruciante !

Em dado momento a loucura do filho - do Jorge, cuja notável inclinação para as letras, para a pintura e para a música parecia predizer-lhe gloriosos destinos - a loucura e o ódio dessa criança que aos ouvidos a cada instante como que lhe gritava: castigo ! - maldição !

Morre um dia naquella casa a filha de Nuno.

E Camilo - avô terníssimo soluçava:

Parecia dormir: tinha morrido

Pedi que a não levassem no caixão;

Que a deixassem mirrar e desfazer-se

Como a flor se desfaz em podridão.

Teimaram em levar-ma, e eu cingi-a,

Ao peito que se abriu pela pressão;

Depois pude escondê-la, e tenho-a morta

No meu despedaçado coração

E pior do que tudo, suplantando todas as dores físicas e morais, o avanço implacável da cegueira !

Para lhes dar, meus senhores, ideia aproximada do que foram os últimos dois anos da vida de Camilo, basta que lhes leia trechos das cartas que ele escreveu ou ditou nesse período.

"Meu presado amigo (dizia Camilo em meados de 1886)

Há dois meses que não escrevo nem leio por falta de vista. O menor esforço produz-me vertigens. Suspendi todos os meus trabalhos. Concorreu muito para esta perversão nervosa o estado do meu pobre Jorge que entra no período da fúria homicida. A primeira vítima será a mãe. Os médicos mandaram-me sair desta meio sem demora; mas como hei-de eu deixar aqui a pobre mãe que o filho insulta e ameaça ? A mim respeitou-me; agora ameaçou-me de pontapés e eu espero-os resignadamente. Veio aqui o Ric. Jorge para o levar para o hospital de alienados, mas nós não podemos dar-lhe o último beijo como quem beija um cadáver. Morremos no nosso posto de amor e caridade incondicional para este desgraçado.

Noutra carta:

- "... a doença lavra espantosamente sem tréguas nem refrigerio. Já com muita dificuldade me levanto da cama, numa oscilação de pernas e tonturas de cabeça. Da vista vou enfraquecendo, e quasi escrevo com o nariz sobre o papel. Serei menos infeliz se

isto acabar cedo". Poucos dias depois: "Vão-se-me os olhos a galope. Não há remédio senão fechá-los de todo". A outro amigo dizia: "A vista dos meus olhos tem-se apagado as lágrimas. Parece-me que experimentarei na curta vida que hei-de ter a escuridão da sepultura". Ninguém poderá pôr em dúvida que os dramas da sua tumultuosa existência e a convicção da sua irremediável e completa cegueira, começavam então a arrastá-lo inexoravelmente, fataes como o Destino, para um acto final de desespero e de loucura. Pois ainda nesse momento o gigante da tragédia e ao mesmo tempo da ironia, da graça e do sarcasmo, tinha disposições para rir. É justamente dessa época o seguinte episódio ocorrido por sinal nesta ridente vila minhota em que nos encontramos. Camilo que, como já disse, vivia em Seide, mandou um dia prevenir "o chefe da estação de Vila Nova (de Famalicão), de que esperava brevemente a visita de um bacharel e pediu-lhe que o guiasse para S. Miguel de Seide. Sempre que chegava um comboio, o chefe da estação perguntava: Vem aí algum senhor doutor, que deseje ir para Seide? Ninguém respondia. Até que finalmente apareceu o bacharel: era um burro que Camilo Castelo Branco tinha comprado" em Coimbra. Apresso-me a declarar, para evitar interpretações malévolas, que, - aplicando a frase de Junqueiro, eu sou como toda a gente bacharel formado - e não levo a mal o gracejo. Mas o mais cómico da história ainda o não contei eu. O mais engraçado são as cartas que Camilo pela mesma ocasião escreveu ao amigo de Coimbra, a quem encarregou de lhe arranjar o bacharel. enviar-me pela via-férrea. Não vejo melhor meio de transporte,

Permitam que as leia. Não são cartas românticas. Pelo contrário: são até bastante realistas: desculpem: trata-se de autentica prosa camiliana.

Meu presado amigo. Se for capaz de ler esta carta sem se rir, está V. à prova do humorismo indígena. Os médicos, suspeitos de que as minhas pernas vão paralisar, mandam-me dar passeios a cavalo. Eu tenho um, como recordação de bons tempos, mas já me não atrevo a montá-lo. Aconselharam-me a equitação em burro, pacífico, sem manhas nem erotismos violentos. É impossível encontrar no Minho um burro em tais condições; porque alguns, que ainda existem, são abades. Mandaram-me procurá-lo no campo de Coimbra, onde permanece ainda a raça do burro espirituoso e meio académico da Mealhada e dos Fornos. Lido isto, V. encarrega um dos seus caseiros de me comprar um jumento, nas condições terapêuticas acima referidas - burro que não exceda 6 ou 7 libras. Apalavrado que esteja, envio a V. a quantia que me designar, e o burro vem para Famação tomar parte nas minhas contemplações bucólicas por estas montanhas. Pergunta-me agora V. em que ponto da carta lhe cumpria rir-se? É na estouvance de o ir distrair das suas leituras, pedindo-lhe que me compre um burro... De V. velho amigo e obrg.º, 19-3-86. - Camilo Castelo Branco.

Demorou a resposta do amigo e Camilo insistiu:

Meu caro amigo. Vejo que é mais fácil encontrar aí e aqui uma dúzia de viscondes do que um burro regular. Talvez se desse a evolução darwinista. A gente vê passar o visconde e não vê o burro incluso. Requer-se o olho científico, experimental que V. não tem nem eu. Muito lhe agradeço o resultado das suas pesquisas. Hoje deve V. receber um vale de 24\$000 reis para pagar o meu companheiro de excursões e travessias por estas serras. O burro queira V. enviar-mo pela via-férrea. Não vejo melhor meio de transporte,

nem devemos esperar a navegação aérea, salvo se V. vir que ele, batendo as azas do génio, pode esvoaçar até aqui, como o negro melro da cantiga. V. terá a bondade de me avisar do dia em que o illustre peregrino chega a Famalicão, para as autoridades o cumpri-mentarem na gare... 8-6-86. - C. C. Branco.

O amigo afinal mandou o burro; mas o animal não agradou ao destinatário:

Meu presado amigo. Cá está o onagro. Não o posso ver, porque estou de cama com reumatismo; mas ouço-o roncar valentemente. Desde Famalicão até aqui, não obstante ter passado mal a noite, revelou fúrias lascivas, donjuanescas, a cada fêmea que encontrava. Logo que chegou, investiu para dois garranos que tenho. O diabo tem dentro dele o que quer que seja do M. de V. Parece mesmo um cristão! Meu filho Nuno veio dizer-me à cama que não consentia que eu o montasse (o burro), enquanto lhe durasse a crise erótica. Assim farei, para não ser vítima de paixões, que me escangalharam a mim, sem ser de todo burro... - 20-4-86. - C. C. Branco.

Mas continuemos... Camilo, ao mesmo tempo que assim galhofava, não deixava de pensar na morte.

"A minha ambição - escrevera ele anos antes na carta dedicatória do livro O Bom Jesus do Monte - a Francisco Martins Sarmiento - a minha ambição é possuir uma árvore que me cubra com um pavilhão de folhas a casa de sete palmos que hei-de comprar num cemitério... quando o preço dum livro me der para a sepultura e para a árvore. Um escritor assim ambicioso em Portugal tem que esperar".

Efectivamente, nunca o dinheiro lhe chegou para tanto... Posso garantir que em 1888 Camilo desesperara já de rea-

lizar aquela sua tam simples ambição, pois em 6 de Abril desse ano revalidou por escrito o que propusera verbalmente ao seu grande amigo Freitas Fortuna, irmão do tristemente célebre Urbino de Freitas: - desejo - afirmou-lhe ele - ser sepultado (no seu jazigo, no cemitério da Lapa) e que nenhuma força ou consideração o demova de me conservar as cinzas perpetuamente na sua capela". Cada vez mais a obsessão da morte o perseguia.

Dias da Costa publicou sob o título Dois anos de agonia, as cartas de Camilo e Ana Plácido a Freitas Fortuna, desde 1888 a 1890. Fixar em Aveiro, a seguinte carta:

Algumas teem meia dúzia de palavras apenas. Por vezes simples gritos lancinantes: - Estou atormentadíssimo. Venha buscar o seu quinhão neste martírio. - Camilo Castello Branco e estou cego.

- Na extrema agonia, peço-lhe que venha ao grito da minha despedaçada alma. Depois, sobrevio uma forte oftalmia - ... inteiramente cego! Já não posso olhar para a luz, e se me defendo da luz é tudo trevas à volta de mim. - Escuso dizer-lhe que a minha cegueira é completa e que o médico sustenta ou finge sustentar a confiança na cura. Fala-se em sair daqui... tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não... mas para onde decerto vou é para o cemitério... Não continuo porque minha mulher está escrevendo aflitivamente estas linhas últimas talvez que lhe dito.

Ana Plácido em 21 de Abril de 1890 dizia para o Porto ao mesmo Freitas Fortuna:

- "Camilo (além da doença dos olhos) também vai peorando da inflamação das mucosas que o não deixa comer, e daí o maior enfraquecimento, a amargura e o desespero. Muitas vezes fujo do lado dele por não poder ouvi-lo. Se chora, se se lamenta, se olho

para a cadeira solitária do seu escritório, e penso nas horas socegadas e alegres doutrora, despedaça-se-me a alma; se grita, se se queixa de mim, se me tortura com aquelas palavrinhas cortantes que ele sabe, esforço-me debaixo do terror do meu infernal destino. Que vida ! Que vida a nossa meu querido irmão. Era isto em 21 de Abril de 1890. Estava a chegar o momento culminante da tragédia.

Em 21 de Maio seguinte, Camilo dirigia ao Dr. Eduardo de Magalhães Machado, distinto médico oftalmologista que acabava de se fixar em Aveiro, a seguinte carta: "Il.^{mo} e Exm.^o Snr. Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego.

Ainda ha 15 dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flamula escarlata. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas.

Há poucas horas ouvi ler no Comercio do Porto o nome de V. Ex.^o. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança.

Poderá V. Ex.^o salvar-me ? Se eu pudesse, se uma quasi paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Ex.^o dizer-me o que devo esperar desta irrupção sanguínea nuns olhos em que não havia até ha pouco uma gota de sangue ?

Digne-se V. Ex.^o perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimónia por um homem que não conhece.

Casa de V. Ex.^o
S. Miguel de Seide
Concelho de Famalicão

21 de Maio de 1890
De V. Ex.^o
Camilo Castelo Branco.

O Dr. Eduardo Machado foi examinar o desditoso e torturado escritor a S. Miguel de Seide.

Chegou lá à uma da tarde do 1.º de Junho de 1890. Observou-o longamente e o doente convenceu-se - apesar das palavras piedosamente animadoras do médico - que eram illusórias todas as esperanças de cura.

As 3 e um quarto o Dr. Edmundo Machado despediu-se dele para sair. Ana Plácido acompanhou-o até ao vestíbulo da casa, que dá para o pátio da escadaria de pedra que sobe do quintal.

Vindo da sala subitamente, ouviu-se o estálido seco de uma detonação. O médico e D. Ana Plácido precipitaram-se para dentro. Camilo, na sua cadeira de balanço, jazia inanimado. Um leve fiozinho de sangue escorria-lhe duma fonte. Transportaram-no para um canapé, na mesma sala. Daí a duas horas exalou o último suspiro.

E caiu o pano sobre a tragédia de uma desordenada mas gloriosa existência.

Não muitos ands antes o genial romancista escrevera

"À porta do sepulcro, ainda volto a face
Para ver-te chorar, ó mai do filho amado
Que vê como num sonho, a cena do trespassse,
Sorver-lhe o eterno abismo o pai idolatrado

Talvez que ele a sonhar, te diga: "Mãi não chore
Que o pai ha-de voltar"... Quem sabe se virei ?!
Quando a acácia do Jorge outra vez inflore
Chamai-me que eu de abril nas auras voltarei.

Respondeu a esses versos o poeta Afonso Lopes Vieira:

- Camilo ! como acreditar, como hei-de
Entender estes versos que deixaste ?
Floriu a Acácia em S. Miguel de Seide
Cada ano te espera - e não voltaste !

Ó Acácia ! é já tempo: desespera
Não te ponhas florida, põe-te aos ais !...
Nunca mais voltará esse que esperas
Ouves bem este horror ? Jamais ! Jamais !

E os versos dele, onde a saudade existe
 Que à despedida te gritou também
 A ! não são mais que uma mentira triste
 Como tudo, afinal, que nos faz bem...

Poetas ! perguntai ao pensamento
 Que mais quimeras e desgraças forge,
 Antes te seque um raio, ou parta o vento
 Ó Acácia do Jorge !

25 anos mais tarde a casa de Camilo não tinha nada dentro e estava a desfazer-se. Foi então que Antero de Figueiredo afirmou que a mais exacta memória que se poderia levantar ao génio trágico que ali habitou seria a que lhe ergueriam os ventos as chuvas, as tempestades acabando de reduzir a um montão confuso de escombros aquela casa sinistra, cujas paredes ainda ressumavam desgraças.

Pois, coincidência curiosa: não tardou muito que um incêndio violentíssimo (em 17 de Março de 1915) reduzisse todo o prédio a ruínas !...

O próprio telhado aluiu. Ficaram apenas as quatro paredes externas, e um "boqueirão quadrado, formidável, sombrio... voltado para o céu".

Junto da escada de pedra uma árvore esguia, torturada, calcinada esbracejava: era a acácia do Jorge !

A casa de Camilo foi reconstruída logo em seguida, respeitando-se o mais possível é claro a planta primitiva, - por iniciativa da gente grada de Famalicão. Foi lá instalado um pequeno Museu de piedosas recordações camilianas e uma escola infantil de 1.^{as} letras em comenagem ao grande Mestre da língua portuguesa que naquela terra penou e morreu.

Com um pouco de esforço da nossa imaginação lá podemos ver ainda Camilo Castelo Branco "junto à mesa em que escreveu mais

de 50 romances; tendo sobre a cabeça o longo boné de pala que lhe resguardava os olhos da luz da lâmpada de azeite que lá está e tantas longas noites, até ao nascer do sol e aos primeiros chilleiros da passarada, o viu trabalhar !

Lá encontramos "a jarra que esteve em África na sepultura de Vieira de Castro, os bustos de Herculano, Pascal e Racine que Camilo tinha no seu gabinete; o tinteiro, canetas, a caixa do rapé; . O relógio de bolso parado nas 3 horas e um quarto - hora fatídica !

Lá vemos a cadeira de balanço em que Camilo estava sentado colocada junto da janela, como naquela hora fatal - e o canapé que teve durante horas o seu cadáver.

"Casa de S. Miguel de Seide, sepultura viva de dois grandes desgraçados" - escreveu Augusto de Castro

Das janelas daquela casa triste nós avistamos "os vastos domínios românticos de Camilo". O riacho Pele - esse corre, ao longe, timidamente escondido entre arvoredos. Os serões de S. Miguel de Seide, O Cego de Landim, a Bruxa do Monte Córdova, as Novelas do Minho, os Ecos humorísticos do Minho, a Brasileira de Prazins - e muitos outros romances e novelas teem como teatro as terras daquelas redondezas, que viram tanta vez o genial romancista, montado numa grande mula preta, a cabeça coberta por avantajado chapeirão, de espada à cinta, metendo medo a quem não fosse daqueles lugares e pelo escritor passasse ao cair da noite no meio dum pinhal ou num caminho solitário.

À entrada do largo portão da quinta, lá dentro, à esquerda, ainda se ergue o singelo padrão de pedra erguido em 1866 em memória da visita de Castilho.

Essa pequenina memória, enegrecida e triste, entre dois cedros altíssimos, recorda momentos fugazes de alegria - talvez

os únicos que se viveram naquela casa.

Junto da escadaria de pedra que conduz ao 1.º andar da casa ainda lá braceja a acácia do Jorge - Essa árvore, porém, com os seus ramos calcinados e sem folhas, evoca a sina tremenda de desgraça que sempre pesou como um anátema - mesmo depois da morte de Camilo ! - sobre aquela casa fatal "que foi - repito - um sepulcro vivo de dois grandes desgraçados".

Meus Senhores.

É tempo de terminar.

Julgo ter dito o que era mais essencial para que possamos todos compreender e sentir a época do romantismo, Camilo e S. Miguel de Seide.

Muito ficou ainda por dizer. Mas acabo porque sei perfeitamente - e por isso peço me desculpem - sei perfeitamente que já abusei demasiado da generosa e amável benevolência de V. Ex.^{as} Sim. Abusei. Nada me admiraria até se, nesta avançada hora da tarde me dissessem o que certo dia em Braga, o nosso Camilo, estando "sentado a uma pequena mesa de um café da Arcada", a beber um cálice de cana, disse a "um padre rotundo e tosco" que "despejava com delícia, uns atrás outros copos de vinho do Porto, ao mesmo tempo que lhe espiava com impertinência todos os movimentos".

O caso vem contado num livro do Dr. Antonio Cabral.

Camilo acabara por ficar aborrecido, de tanto aturar os olhares do eclesiástico; bateu palmas freneticamente e chamou o criado e colocou com força sobre a mesa uma moeda de cinco tostões. Então o eclesiástico, que não percebera a causa daquela súbita agitação do genial escritor, levantou-se, dirigiu-se ao insigne cronista e ingenuamente perguntou:

- V. Ex.^a está incomodado ?

- Estou sim senhor !

- Mas... porquê ?

- Porque tenho estado a pensar na Paixão de Cristo.

- Na Paixão de Cristo ?! - Não compreendo.

- Não ?! ... Pois em lhe explico. ^{- respondeu Camilo com cara de pouco amigo} Vejo aqui na minha

frente a recordarem-me a horrível tragédia do Calvário, todos os
emblemas da Paixão. Aqui está o cálice; aqui está a cana 5 e apon-
tou para a garrafa de aguardente). Aqui está a coroa (apontou pa-
ra a moeda de 5 tostões)... Aqui está a esponja ^{- a esponja de respeito} que é V. Reverência
^{o sair do meu lado esse tempo de dizer nada, porque Camilo entendia;} ^(meu caro Padre)
~~de... E~~ sabe ?! Nem sequer aqui falta a cruz. "A cruz, tenho-a
eu aqui às costas - disse Camilo ^{furioso} e poderão dizer com muita maior
razão V. Ex.ª - a cruz, têmola nós aqui às costas por o termos
estado a aturar há tanto tempo.

Viva amigo !

Passe por lá muito bem !

- Se me dissessem isto, eu compreendia - os per-
feitamente e dava-lhes inteira razão...

I

•... F..... M...•

Documento 41

Carlos Silva Lopes, 1958 Julho 28, [Carta] para AMB, sobre Fernão Lopes (EF).

28 - VII - 58

Muon bon amigo

Lidos e saboreando os dois trabalhos
que teve a amabilidade de enviar-me
no sábado, — "Estado actual da pro-
blema..." e "A Crónica de 1419 e a his-
toriografia peninsular" —, aqui venho
agradece-las.

Qualquer delas tem grandíssimo in-
teresse e de nova força à obra do meu
bon amigo. Mandando-me um de-
fecho de probabilidade de que F. Lopes
seja autor de crónica de 1419, argumen-
ta-se para a tornar a obra pratica-
mente inevitável.

Na verdade, o registo feito e
essa obra não a invalidam nem re-
quer abalan. No do Cód. Pincus

Di o meu amigo recordo-se de ser
foi o mais exigente. E a crítica sobre
de incontestavelmente egoísta à face que
pela primeira vez entrou em 1922 e de
de ambas partes, desenvolvendo a ques-
ção, sem abandonar a posição de
honra prudência inicialmente to-
mada.

Hoje, a probabilidade é uma
quasi certeza. O caso da Crônica
de 1919 em que se alude à autoria
de Infante (D. Duarte) não é, de
além disso, decisivo. Pode explicar-se,
como o meu bom amigo nota,
ninguém iniciativa ou autoria moral,
analogia à de Aff. X quando a Crô-
nica geral de Espinho.

Mesmo no caso de D. Duarte ter
começado, é, propriamente, o tratado, di-

ferentemente poderíamos explicar de
o F. Lopes. Teria começado a colab-
orar e passado a ter o tratado de
continuar a Crônica ainda antes de
D. Duarte entrar no Prêto.

Das diferenças estilísticas entre a
Cr. de 1919 e as Crônicas de D. Du-
arte e D. José I não é legítima
concluir que o texto de primeira mão
tenha proven. de F. Lopes. Como o
meu amigo diz lucidamente, essas
diferenças explicam-se por um in-
tervalo de cerca de 30 anos. Também
cambiando ambas de redação "X quando
de um amigo" escrevem "Morre
me mata-se com seu mãe".

Mesmo que devidos séculos sepa-
rações, o nome do meu bom amigo
ficaria sempre ligado ao estudo de

Fernão Lopes. Mas não é esse o ca-
so. As devidas insinuações não são de
grande peso. Melhor, pois, o método de
Teresa. de autor.

Agradecendo uma vez mais a
pedindo um perdão pelo caligra-
fia ao digitar.

meu amigo e grande amigo

F. de S. Lopes

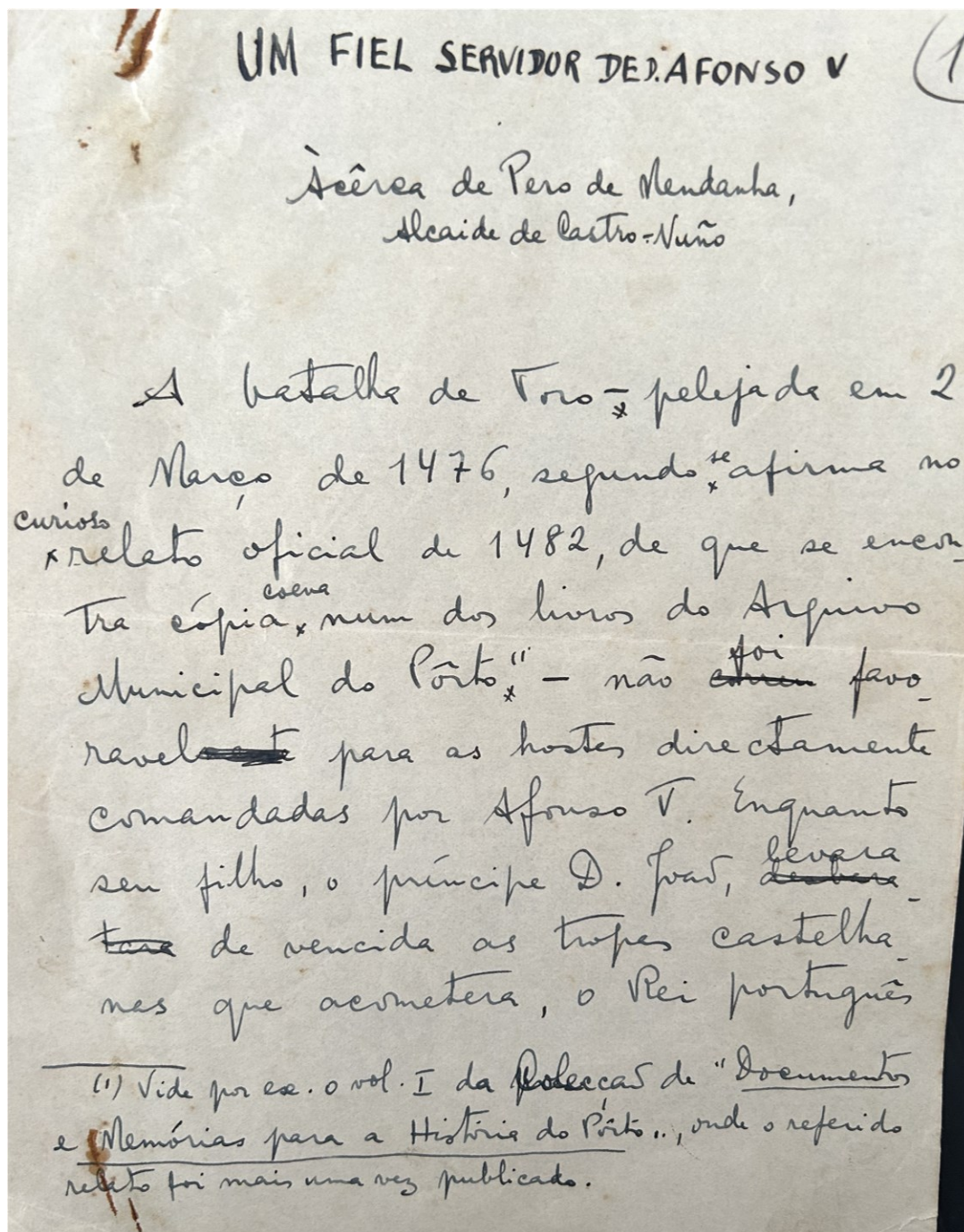
A. Carlos da Silva Lopes

HECA

de Lisboa 1960

Documento 42

Um fiel servidor de D. Afonso V. À cerca de Pero de Mendanha, Alcaide de Castro-Nuño. S./d. [Manuscrito, 19 fls.] [Inédito](#) (EF).



são destruídos, para não ^(se arrissem a) cair pri- 2
~~for destruído e nem sequer pôde~~
~~sioneiros, nem foi permitido a~~
~~retrair para a cidade de Toro, onde~~
~~em vão o esperaram os seus.~~
~~Evitar a sua prisão no caminho.~~

Com alguns companheiros ~~Castelhães~~ -
ram - ~~os~~ para a Castro Nuno,
« na qual fortaleza, indo El-Rei
tão só e ~~desacordado~~ desacor-
rido, o alcaide dela Pero de
Mendanha, por nação fidalgo
castelhano, e no amor e leal-
dade bom e verdadeiro portu-
guês, o recolheu e lhe obede-
ceu com muita lealdade e fir-
meza, e em caso tão triste e
tão adverso para El-Rei, elle
e sua mulher o agasalharam

3

honradamente e confortaram com
muito despejo, dando-lhe em
suas fortunas por exemplos dou-
tros mui grandes esperanças, até
o outro dia, que com muita gente
que o Príncipe mandou de Toro
o Rei tornou a êle sefuramente¹¹⁾

Não nos interesse agora o mais
que se passou com o valoroso
Africano, mas infeliz ^{cavaleiro dum outro maior ideal} defensor da
Beltraneja ou Excedente Senhora... So-
bejamente é conhecido que depois
da batalha indecisa de Toro, êle

11) Rui de Vins. Ch. de D. Af. V. Cap. CXCI

47

mais de três dias dentro dos seus
muros ou arrebalde. Porque se
demorara mais do que esse tempo
no Porto o nobre Senhor da Terra
de Santa-Maria, Rui Pereira, havia
sido ele esconçado ^{pelo povo} a fero e fogo,
^{das casas em que pousava,}
+ no 1º de Junho de 1474 - apenas
cinco annos antes!

Como é que agora se iria consen-
^{- de mais a mais com toda a sua casa -}
tir que um fidalgo castelhano, com
a ~~mulher~~ ^{mulher} e todos os seus homens de armas e cria
^{- talvez centenas de pessoas! -}
degem, se instalassem na cidade?!

Tratava-se, porém, dum caso mini-
^{Foi para} atender ás ~~um~~ ^{circunstâncias} especialíssimas
To especial. Os regedores e homens-
^{eram justos, dóceis e disciplinados. Por isso}
bons do Porto. «havendo respeito»
à recomendação do Monarca, e consi-

des à obediência. Havia, porém, quem
~~estava~~ ^{estava} resolvido a nunca se ^{depois} ~~submeter~~ ^{esforçadissimo e}.

Pero de Mendanha, fiel partidário
de D. Afonso V. ^(gelhardment no seu castello)
no de Beltraneja, ^{repetidos e talos} ~~ao~~ ^{as} ~~apostolos~~ ^{cerce} violentas investidas
no tempo das ~~ataque~~ ^{violentas investidas} das tropas do
Rei Católico, ^(mas também não se deixou vencer) pelas ~~tentativas~~
^{nas propostas} de aliciamento. ^(feitas pelo adversário: Volk) ~~1479?~~
minutamente as condições ditadas por Menda-
~~capoteie, forçie, e em Menda~~
nha para a rendição)
~~acceder as condições~~ : - « ho

concerto foi deste modo, q. des-
pachassem mensageiro a El-Rei
dō Afonso, que ainda andava
em França, ⁽¹⁾ & se lhe elle mādasse
entregar has villas de Conilhas, &
Castro munho, & leuātasse ha me-
nagē que lhe dellas tinha feita, has

(1) Talvez as condições fossem ditadas efectivamente quando D. Afonso Van-
dava em França; & só aceites em Nov. de 1479, depois de ter sido acordada em Slesee-
nas, a 4 de setembro de mesmo anno, o tratado de Paz entre Portugal e Castela.

6

entregaria pagandolhe o el Rei d^o
Fernando dous contos de reis por
hos gastos, & despesas que tinha
feitas nellas, das quais havia de
sair a bandeiras despregadas, &
caminhar assi cō ellas p^a castella
attē chegar à villa de Mirãda de
douro em Portugal, levãdo cōsigo
toda sua casa, & todos q^{os} stãnam
nestas villas, com suas armas ca-
vallos, & l^{es} q^{os} podessem levar
tudo a custa del Rei dom Fernãdo,
attē serem em Mirande »." "

Acceites estas condicoes, Pero

" Damião de Jois - Chronica do Princi-
pe Dom Ioam, Rei que foi destes Reinos
segundo do nome ». Lisboa, 1567, Cap. XCV, fol. 90
Mariana diz que « a los soldados de estos dos
Volte

Castillos (Casto Nunko e Cantalapiedra) se dió licencia,
conforme a lo capitulado, para que libremente
y con ^{su}viage se fuesen a Portugal. Demás
de esto a Mendavia le entaron siete mil flori-
nes » ^{ibid.} pág. 453-454.

de Mendanha, ~~entregou a fortaleza~~ "com
as bandeiras reais de Portugal Tendi-
das », ^{veio honradamente} ~~então~~ para ~~o~~ o novo país ⁽¹⁾ (Volte)

Até aqui o que ^{referem} ~~seja~~ as crôni-
cas.

^{Vejam} ~~representaremos~~ agora o que nos
dizem os documentos do Arquivo
da Câmara do Porto.

Na sessão de 3 de Novembro de
1479, « estando na Câmara desta
cidade » o Juiz, dois Vereadores, o
Procurador e grande número de
homens-bons, tanto mercadores como

(1) Ruy de Pina, op. cit. cap. 61. Este autor asseverante
que, com Pero de Mendanha, veio para Portugal o ca-
pitão de Cantalapiedra, ~~fortaleza~~ que também só
então entregou com as mesmas condições.

so' entã
~~entregando~~ o Castelo que tam ^{permanente} soubera defender.
~~representamos~~ este ~~texto~~ curioso de P. Mariana: ^(de los naturales)
«Era tan grãde el disgusto ~~de~~ ~~Pedro~~
~~Maria~~ por los daños q. de aquel
Castillo recibieron, q. acudieron, y
porq̃ no fuesse en algun tiempo
acogida de ladrones, por ser de sitio
muy fuerte, le abetieron por tierra »“(1)

(1) Ob. e vol cit. pag. 453-454

8

artifices, foi apresentada « por Jo-
mes Fernandes, Procurador, uma Carta
de El-Rei, nosso Senhor, cuja conclu-
são era que Sua Alteza ^{manda} ~~roga~~
e roga aos Officiaes da dita Cidade
que apresentem em ella o Alcaide
de Castro nunho, por alguns pou-
cos de dias, por assim ser cum-
pridoiro a serviço do dito Senhor,
segundo mais cumpridamente em
a Carta do dito Senhor ... é conteúdo»

Tinha a cidade o privilégio anti-
go e estimadíssimo de não poder
nem os fidalgos ^{permanecer} ~~demorarem-se~~

(1) Livro 4.º de Vereações, f. 13. ^{n.º 93?} A Carta a que
a acta se refere não existe, infelizmente, no Arq. Mu-
nicipal do Porto.

4

mais de três dias dentro dos seus
muros ou arrebalde. Porque se
demorara mais do que esse tempo
no Porto o nobre Senhor da Terra
de Santa-Maria, Rui Pereira, havia
sido ele ^{pelo povo} escorvacado a ferro e fogo,
^{das casas em que pousava,}
+ no 1º de Junho de 1474 - apenas
cinco anos antes!

Como é que agora se iria consen-
^{- de mais a mais com toda a sua casa -}
tir que um fidalgo castelhano, com
a ~~mulher~~ ^{mulher} e seus homens de armas e cria
^{- talvez centenas de pessoas! -}
degem, se instalassem na cidade?!

Tratava-se, porém, dum caso mui-
^{Força era atender às ~~um~~ ^{circunstâncias} especialíssimas}
to especial. Os regedores e homens-
^{eram justos, pacíficos e disciplinados. Por isso}
-bons do Porto. «havendo respeito»
à recomendação do Monarca, e consi-

derando os « muitos serviços que
 todos são certos que ao dito Senhor
 feitos tem » o alcaide castelhano,
 « e desy pela boa vontade que o dito
 alcaide a esta cidade tem acorderam
 de o aposentarem o melhor ^{e mais} honesta-
 mente que se ^{fazer} puder por algum tem-
 po, o mais pouco e breve que
 se ordenar puder ».⁽¹⁾

Destas últimas palavras se depre-
 ende ^{necessa} a relutância com que ^{(a-pesar-de tudo,} os bons
 burgheses do Porto, já bem escermen-
 todos dos ^{exames e} tropelias que ^{outros} ~~os~~ fidelfos
 e sua gente ^{pela cidade haviam feito} ~~faziam onde quer que~~
~~chegavam~~, Seriam accedidos ao

⁽¹⁾ Idem, ibidem.

pedido real. ^{(declarando que 11} ~~Acederam~~, mas a demo-
ra no Porto deveria ser « o mais
pouco e breve que se ordenar pu-
der »! - o tempo suficiente para
se ~~o ^{destituição}~~ ~~arranjar~~ ^{- longe dali!} ~~montar~~ apo-
sentadoria para o ~~seu~~ fiel amigo
e servidor ^{de Sua Alteza} e ~~perde~~ ^{perde} todos a sua ditta companhia...

Na mesma veracação ficou resol-
vido instalar ^{o casal} Pero de Mendanha &
~~seus~~ « nas casas da estra-
beria que som da cidade »; não
~~sabemos que casas fossem essas, ou qual a sua localizaçã.~~
~~do ^{quanto} ^{oi mais} ^{gente} ^{castilhana}~~ seria repartida « por
Gaia e Vila Nova e por esta cidade
naquelas casas e com aquelas pes-
soas com que se mais honeste-
mente aposentar pudessem, segun-
do os almotacés da dita cidade e

12

Jones Fernandes, Procurador, ordena-
rem e virem que é bem »⁽¹⁾

Assim se fez, ^(pelo menos quanto ao) Aleaide de Casto
Núño. ^{Este efectivamente} foi « agasalhado e aposentado em
casas da dita cidade, que estão na Estra-
beria, em que àquella tempo estava João
de Ferreirim », ~~e dali foi obrigado a~~
~~sair~~ Sucedeu até que este inquilino
não se conformou com ^{intempestivo} o mandado de
despejo, e ^{intencionou a competente} ~~for~~ demanda ~~contra~~ Aleaide
intruso. O litigio durou até 1485, e
em meados deste anno, ao que julgamos,
^{veio a ser} ~~for~~ proferida na Corte sentença favorá-
vel ao Autor, por força da qual este

(1) Liv. 4 de Ver. fls. 93^o

13

foi mandado meter de posse das ditas
Casas, e condenados os Officiaes da Câ-
mara do Porto, «assy o que entom
eram como outros que depois vieram»
- condenados nos sabemos bem em quê, tal-
vez no pagamento ^{de} alguma indemnizacão
ao dito fôas de Terreirim. Depois ^{deve ter} surgido
nova ~~questão~~ ~~contra este último~~, pois os
~~Concelhos~~ aquelles dos Officiaes do Concelho
a quem a sentença attingia, tendo
sido citados ^{por fôas de Terreirim}, perante Alvaro Fernandes,
ouvidor, foram à Câmara ^{do Porto} lembrar
que « tudo o que ao dito Alcaide fôas
feito, o fôas por El. Rei assim o man-
dar [...] e com acordo de todos », e portan-
to ~~nem~~ ^{era} ~~era~~ ^{justo} ~~que~~ ^{que} ~~sobre~~ ^{apenas} ~~os~~ ^{os} ~~recais-~~ ^{mandatarios do local}
sem ~~responsabilidade~~ ^{responsabilidade}; o Concelho
concordou, e resolveu ^{se as Romarias} que a dita ci-

14

dade se ponha à dita demanda contra
o dito João de Terreiroim, e ~~apenas~~ o Pro-
curador « a defesa por parte da dita ci-
dade »! (1)

Não sabemos qual o resultado final
desta contenda.

~~Ignoramos também~~

Da sentença acima aludida ~~po-~~
~~de~~ depreende-se que em Apos-
to de 1485 ainda ~~sabemos de~~ ^{Pere de Mendonça}
~~se encontra~~ se encontra de nome das casas
de Estebanina. ~~Viveria lá ainda?~~

Do tempo intermédio,

~~em 22 de Novembro de 1477.~~
(Sabemos ^{apenas} que em fins de 1479 D.
Alfonso T escrevera à cidade « sobre

(1) Liv. 5.º de Ver., fls. 12.º e 13.

(16)

mais razão t'le ter ago de a ele
 tornar para ester mais tempo». Acres-
 cia que o Concelho ^{estava} ~~estava~~ ^(a referir-se ao Juiz, pois) ~~de~~ ^{colocar} ~~de~~
 «o foro das casas em que t'le pou-
 sa, e tem recebida em elles grande
 perda de danificamentos». ^{Precisavam as}
^{casas de ser} corregidas. De modo algum ^{convinha} ~~se~~ ^{de fidalgos gestelharos} ~~se~~ ^{podia}
 que l'ficasse a bagagem. Por muito favor -
 por uma especialissima deferencia
 para com Sua Senhoria, ~~caso~~ ^{ser-lhe-ia}
 permitida ~~em~~ ^{em} ~~alguma~~ ^{em} outras
 casas na cidade para aquelle fim,
 mas ^{sob a condicão de que} ~~mas~~ ^{ca} ~~nunca~~ ^{ca} ~~mais~~ ^{ca} pousaria. (1)

~~E' evidente~~ pelo que j'í dissemos, é
 evidente que Pero de Mendanha não
 fez nada do que a Câmara ^{lhe mandou dizer} ~~que~~

(1) Liv 4 de Ver. fl. 124^o.

certamente porque tinha o rei a seu (17)
~~favor.~~ ~~Em 1485, a cidade de Porto de Sagres~~
~~primária, casas de Estebão e a casa de~~
~~Castro~~ Ainda em 13 de Março de
1482, os Vereadores se ocuparam ^{em sessão} numa
Carta Régia então recebida, « acerca da
estado do Alcaide de Castro novo, e
acordaram que escrevessem ao dito Senhor
(D. João II) sobre isso, que lhes guarde
seus liberdades e privilégios que
tem » (1) ^{Março} ~~em~~ 1485, como vimos, é que uma
sentença judicial ^{de} obrigava ^{Pero Mendonça} a fazer as casas de estebão...

Acabam aqui os informes colhidos
nos documentos do Arquivo Muni-
cipal do Porto: ^{se foi em 1485}
~~Ignoramos a data em~~ que Pero de

(1) L^o 4 de Vereação, fls. 187.

68
Mendanha abandonou por completo e de-
finitivamente a cidade; sabemos apenas
^{havia já alguns anos que}
que D. Afonso V, para de certo modo
o compensar do que por seu serviço per-
dera nos Reinos de Castela, lhe ^{impô} dando
250 #000 reis de Teneç, prometendo ~~con-~~
~~separar-la~~ ^{separar-la} ao filho, ~~então~~
~~depois de~~ ^{Em 30} de Junho de 1491, D. João II, ^(cumprindo a promessa, também) ou-
thendo a criação que temos feita em
Francisco da Mendanha, fidalgo de
Moura Casa ⁽¹⁾, ~~então~~ e dois meses depois fez-
lhe entrega ~~dos~~ seus Paços Reis de
Barcelona, exceptuando apenas a per-

(1) Souza Viterbo A Batalha de Toro, Lisboa, 1900, pg.?

(19)
Te das « casas que dos ditos paços
e curral dellas temos dadas a algu-
mas pessoas que ora nelas estão ». A
porre seria ~~de~~ conferida mediante
« um inventário que das ditas casas
e cousas que nelas estiverem se fará,
para na forma que as receber as en-
tregar quando o assim houvermos por
nosso serviço, melhoradas e nos pre-
zadas » (1)

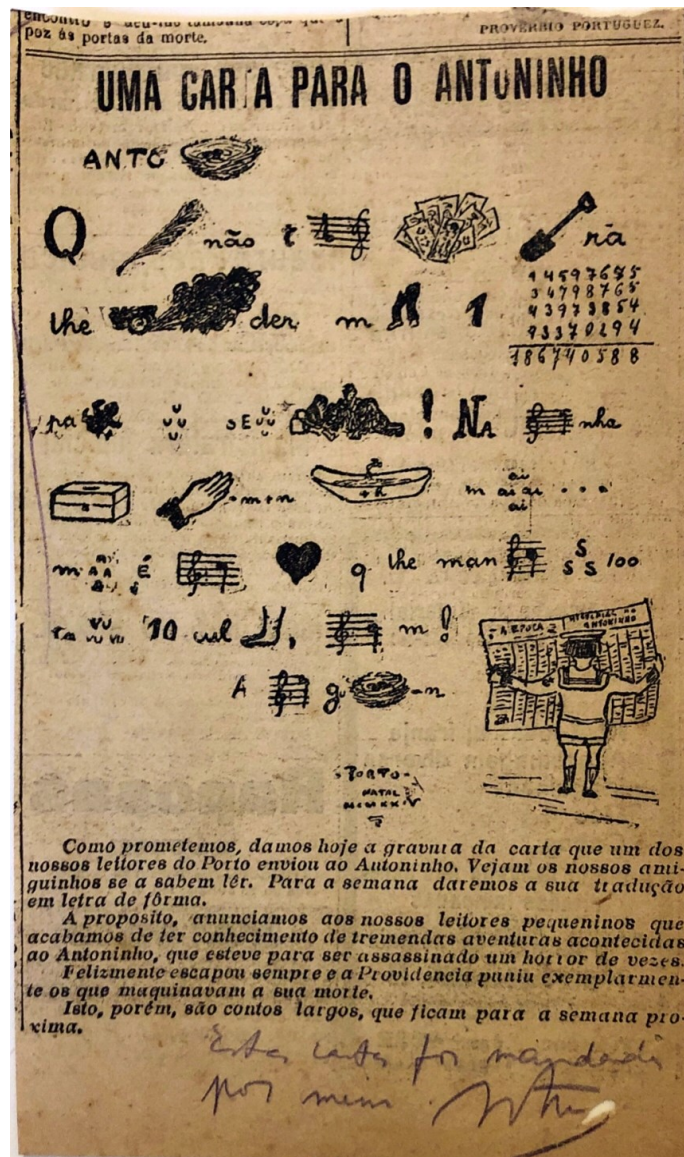
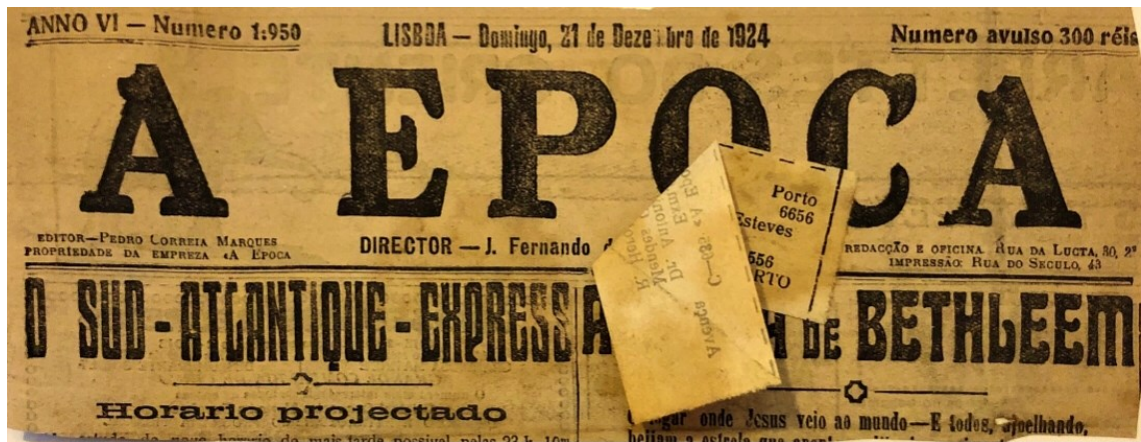
Como é sabido, os Mendanhas cri-
aram raízes em Portugal. Ainda hoje cá
existem descendentes - ou pelo menos quem
lhes use o apelido.

Adelfalva Bast

(1) Ib. p. 101-102.

Documento 43

A Época, 1924 Dezembro 21 [Imprensa] com ilustração de AMB (EF).



Documento 44

... a quem oferecer(?) o Poeira dos Arquivos. 1935 Dezembro 8 [man. 2 fls.] (EF).

Poeira dos Arquivos	
Hernani Cidade	11/x
Nadashit	11/x
José de Figueiredo	14/x
P. Samuel de Figueiredo	
P. Alfredo de Magalhães	11/x
P. Duarte de Lima	11/x
P. Luis de Lima	11/x
Antônio de Figueiredo	
Rocha Brito	
Antônio de Abreu	
Pinheiro Veloso	11/x
Apostinho de Campos	
Ricardo Jorge	
Afrânio Pereira	
Afonso de Fátima	
Falcao Machado	
Ant. Salgado Jr.	
P. Hugo Rocha	
P. Juliano Ribeiro	
Margues Freitas	11/x
P. Castro Lopes	
P. Américo Otero	
P. Alfredo da Silva	
P. J. Santos Junior	
P. Ant. Emílio de Magalhães	12/1

“*Da Imitação de Cristo*”. Uma tradução portuguesa do séc. XV, que se reputa inédita. Introdução por AMB”. *Anais das Bibliotecas e Arquivos* (3 n.ºs). **1943**. [Dactil., 1fl.]

286

Documento 46

” Relatório da actividade de Artur de Mag. Basto como bolseiro no país, do Inst. para a Alta Cult. durante o ano de 1947”. 1947 Dezembro 30.O seu 1º relatório. (EF).

Relatório de actividade
de Antén de Mag. Passa
como bolsista no país, do
Inst. para a Alta Cult. durante
o ano de 1947.

Durante o ano de 1947, empreguei a minha actividade como bolsista no país do Instituto para a Alta Cultura em investigação e elaboração dum longo trabalho sobre a História do Porto, conforme as indicações do Centro de Estudos Históricos, anexo à Universidade do Porto, Centro que me encarregou da preparação e regência dum curso ^{de} História desta cidade.

[illegible][illegible]

Documento 47

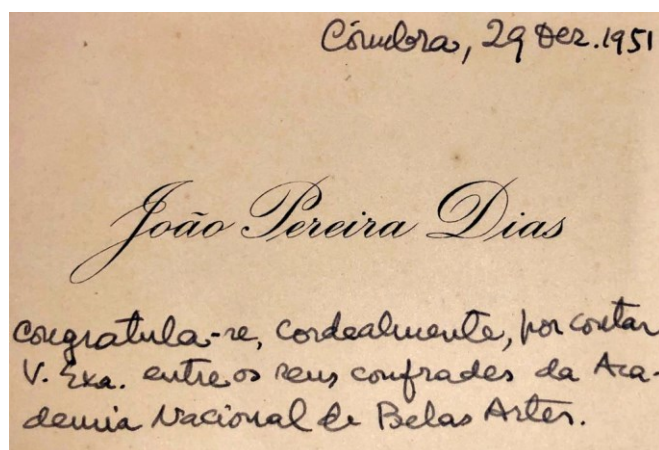
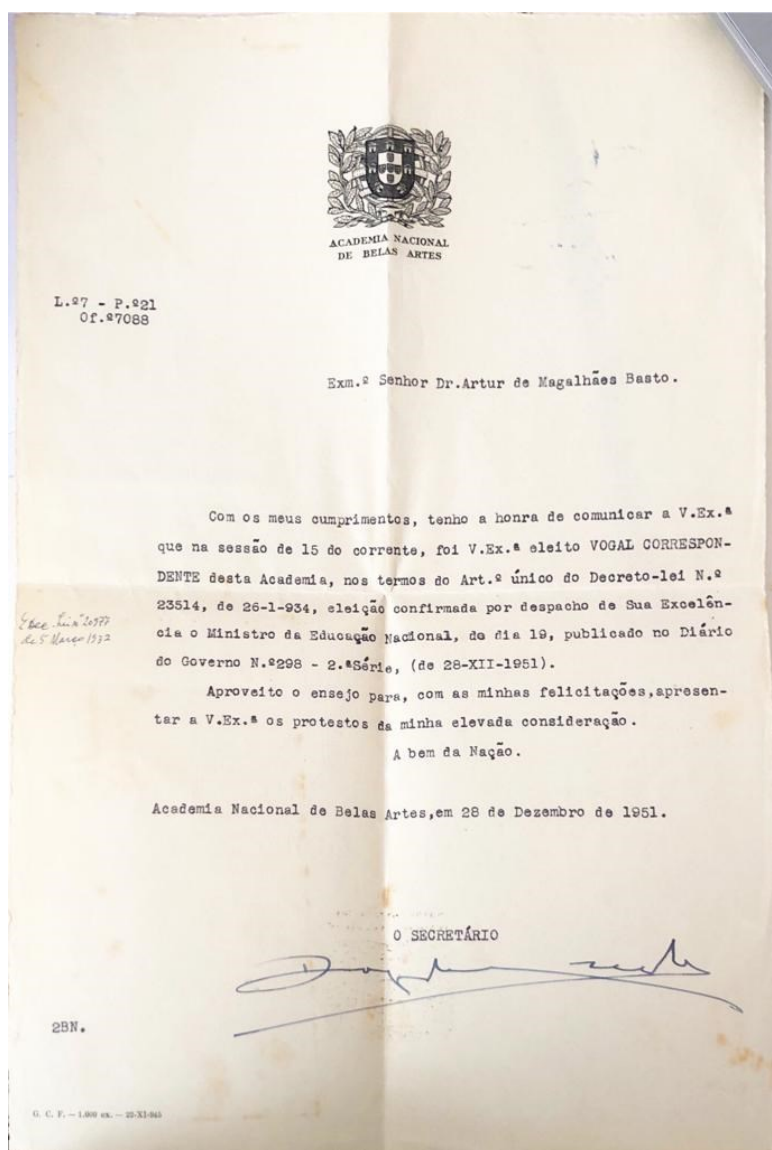
“Sócio Honorário” da *Asociación de Escritores y Artistas Españoles*. 1929 Janeiro 1º



Documento 48

Academia Nacional de Belas Artes 1951 Dezembro 28. [Carta] para AMB.

João P. Dias, 1951 Dezembro 29 [cartão] para AMB, de parabéns. (EF).



Documento 49

- a. Alberto Meira 1948 Junho 12, duas [cartas] para AMB (EF).

Porto, 12. VI. 1948.

Querido Sr. e meus prezados amigos:

Ha poucas horas, na nossa "tertulia" semanal, tive conhecimento pelo filho pequeno, obteve o varimento para que está a passar. Foi para mim uma desagradável surpresa profundamente lamentável, não só pela situação do doente, mas também pelo seu choro e sangros. Pois.

Se com alguma coisa se poder analisar a uma tristeza, não de mais, pois se, em algum de quem é

Det. G.
velho adm. e am. rec.

Alberto Meira

b. "(...) ficava bem o meu querido director como delegado da ANBA" (...). 1950 Dez. 21

Porto, 21.XII.1950

Mex. Ex. Director e
meu prezado amigo:

Envio o recorte duma carta do sr. dr.
João Joaquim de Vithena que lhe diz respei-
to.

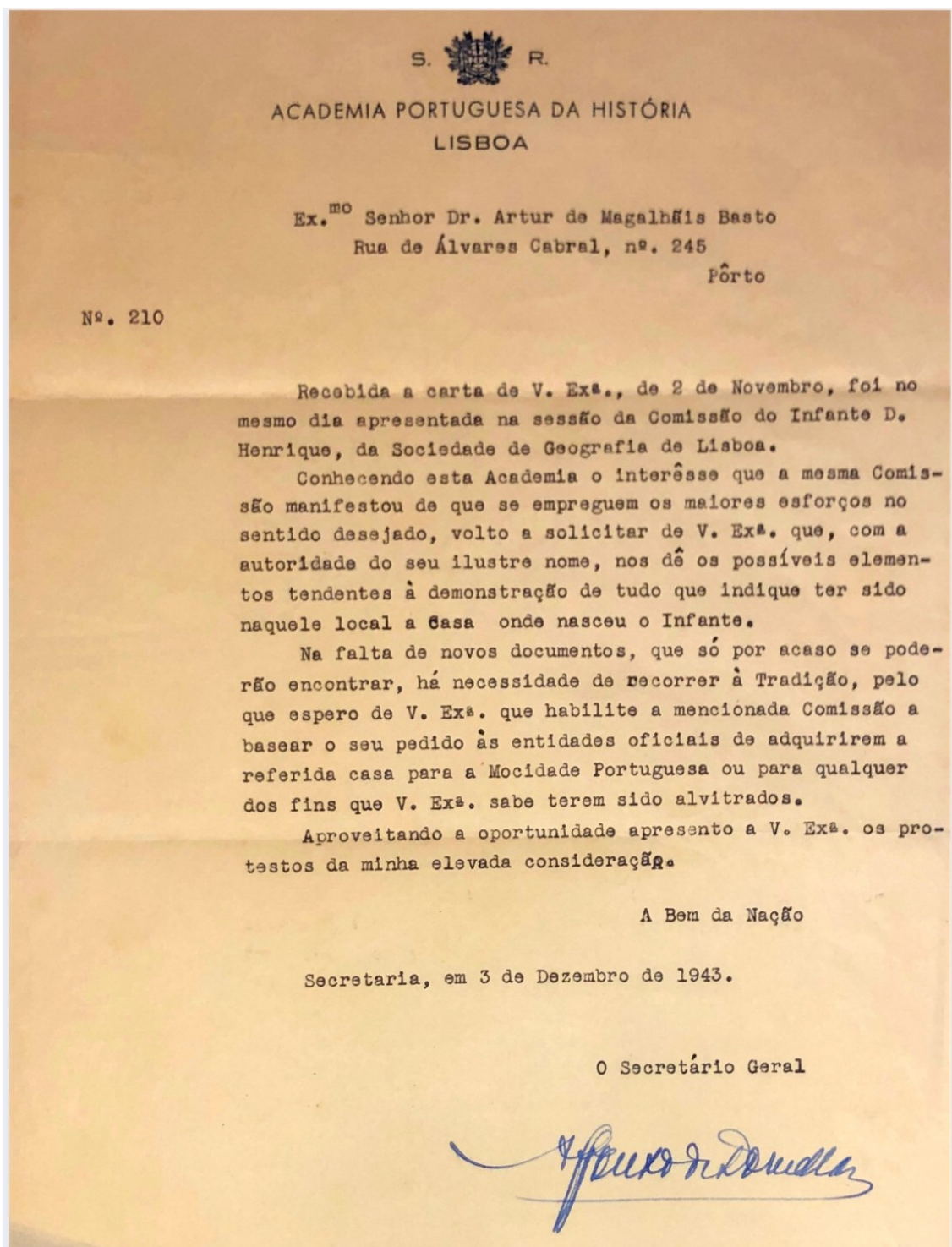
Dentro assunto: Por minha da sua obra
e por meu d.º Tripeiro lembrou-me que
ficaria bem o meu Director ir ocupar uma
das vagas na Academia Nacional de Belas
Artes (Delegação do Porto). Se concordar com
esta sugestão confidencial, nada mais terá
a fazer do que dizer-me: concordo, ou a
negativa. O resto será comigo.

É um velho vicio meu, este, de fa-
zer academias. As portas a bater e que
são diferentes...

Como sempre, Sem cob. e aut. rec.
Affonso

Documento 50

Academia Portuguesa de História (Afonso De Ornelas) 1943 Dezembro 3 [carta] para AMB, solicitando um parecer sobre a localização da Casa do Infante, no Porto(EF).



Documento 51

Sociedade Histórica da Independência de Portugal. 1943 Maio 21[dactil., 4 p.] Acta nº1(EF).

(A acta tem de sêr levrada em duplicado)

29-V-43

Acta nº 1

Aos vinte e um dias do mês de Maio de 1943, pelas 18 horas, n'esta cidade do Pôrto e Gabinete da Historia da Cidade, reuniram-se F. C. ~~XXXX~~ socios da Sociedade Historica da Independencia de Portugal, com sede em Lisboa. O Senhor Dr. A. M. P. T., como organisador da Delegação, nesta cidade, da referida Sociedade, cujos poderes lhe fôram dados pela credencial para êsse fim passada e que nêste acto apresenta e fica arquivada, tomou a presidencia, convidando para o secretario o Senhor F. e B. Drs. Ant. de M. Bast. e Antonio Fereira de Cury.

Depois de cumprimentar tôdos os presentes disse do fim da reunião que era a da instalação n'esta cidade da Delegação da Soc. H. da Independencia de Portugal e a elevação dos corpos gerentes.

Referiu os trabalhos que tivera para organizar a Delegação, salientando que só encontrara boas-vontades e auxilio por parte de tôdos a quem se dirigiu. Sem desprimôr para ninguem deve referir em especial o Senhor Presidente da Camara, o qual, acedeu gentilmente a que a sede da Delegação ficasse instalada nêste Gabinete da Historia da Cidade, como ao orador tinha já sido prometido pelo seu antecessor, o nosso ilustre confrade Dr. Mendes Correia.

A tôdos quer êle expressar a sua gratidão e em especial ao Senhor Engenheiro Albano Sarmento, dignissimo P.^{te} da Ex.ma Camara, que, com a sua attitude permite que a Delegação tenha uma instalação condigna com os altos fins a que se destina.

Disse mais que das instruções para funcionamento das Delegações, estabelece-se no seu nº 10º que - a instalação das Delegações será feita com a maior solenidade assistindo, sempre que seja possivel, um membro da Direcção Central da Sociedade.

Como era desejo da Direcção Central ~~que~~ se commemorasse n'esta cidade o 5º centenário da morte do Infante Santo, que passa no proximo dia 5 de Junho, alvitrou o orador, no que foi secundado pela D. Central, que se aproveitasse essa ocasião para inaugurar a Delegação e, assim, resolveu-se que êste acto de instalação e eleição dos corpos gerentes, revestisse a maior simplicidade, fazendo-se a inauguração da Delegação

com o maior brilho possível, naquêlê dia, numa sessão solene em que se comemorasse a morte daquêlê grande martir do amôr pátrio .

Acrescentou o orador que o Senhor Presidente da Direcção Central Senhor Coronel Linhares de Lima virá ao Pôrto expressamente para êsse fim, esperando, pois, que a Direcção que seja eleita corresponda aos desejos da Direcção Central da Sociedade e, assim, se impenhe porque uma lusida sessão se leve a efeito, tendo em vista aquêles dois objectivos. x

Passou-se em seguida à eleição dos copor gerentes que deu o seguinte resultado.

→ Trocaram-se impressões a este respeito, ponderou-se que a brevidade do tempo tornou ^{um tanto} difícil a ~~realização~~ organização para o proximo dia 5^o duma sessão como convinha e assestou-se em que a Direc^{ção} resolvesse o assunto do melhor modo que ^{he} fôr provável; ~~foi~~ ainda sido alviado que se sugerisse a S. G.^a o Sr. Presidente da Câmara a idea de dar o nome de Infante Santo a uma rua desta Cidade, e que a place respectiva fôr inaugurada no dia 5 de julho proximo. Deste ultimo diligência se encarregou o Sr. Senhor Dr. Albert Pinheiro Torres, illustre Vereador Municipal.

Dr. José
Dr. António Guimarães

Prof. Dr. António Augusto Esteves Mendes Correia

Dr. Alberto Pinheiro Vêz
Dr. António Maria Pinheiro Tôres
Dr. Arnaldo Pinheiro Tôres

Prof. Dr. Manuel Conceição da Costa

Dr. Artur Rodrigues Marques de Carvalho

Dr. José Nosolini

Dr. José Gualberto de Sá Carneiro
António
Dr. A. de Magalhães Basto

Direcção

Presidente - Dr. António Augusto Esteves Mendes Correia

Secretario - Dr. António Augusto Ferreira da Cruz

Tesoureiro - Dr. Fernando Couceiro da Costa

Vogais - Dr. Artur Rodrigues Marques de Carvalho
" - Dr. António Maria Pinheiro Tôres

Conselho Fiscal

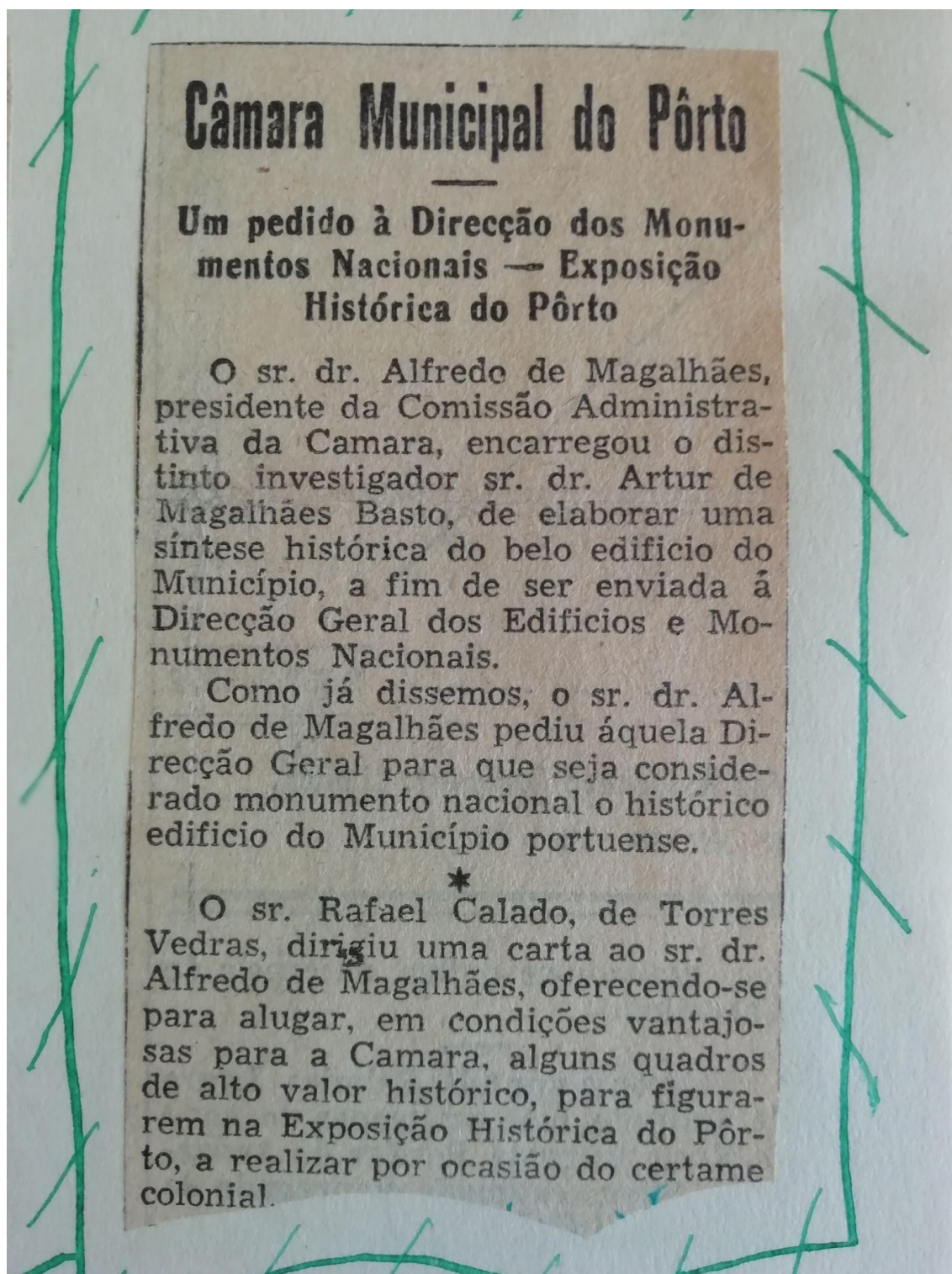
Presidente - Dr. José Nosolini

Secretario - Dr. José Gualberto de Sá Carneiro

Relator - Dr. Artur de Magalhães Basto

Documento 52

Alfredo de Magalhães (Pres. CMP) S./d. [Imprensa] pedido a AMB, (e resposta deste) para que prepare nótula sobre o edificio do paço episcopal, a enviar à DGEMN (EF).



Ex^{ma} Sr^a. Miguel Balth

De toda a noite comidinha

Com os meus cumprimentos, venho solici-
tar a V.^{ta} a fineza de coligir e enviar-me
com a pessoal brevidade algumas notas que
parcialmente tenha a' mão sobre a funda-
ção da história do Paço Episcopal em que
se encontra instalada a Câmara. Destinam-
se estas notas a justificar perante o fôrro
o pedido que funcionamos dirigiu-lhe para
que o magnifico edifício seja reconhecido

como monumento nacional - a fim de
deixar constar a' cidade -

Aguardando a favor de V.^{ta}, sou a subscritor -

Beleza

Comt. a d^{ra} e p.

Comt.

31 maio 1934

Alfonso Magalhães



BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

DO PORTO

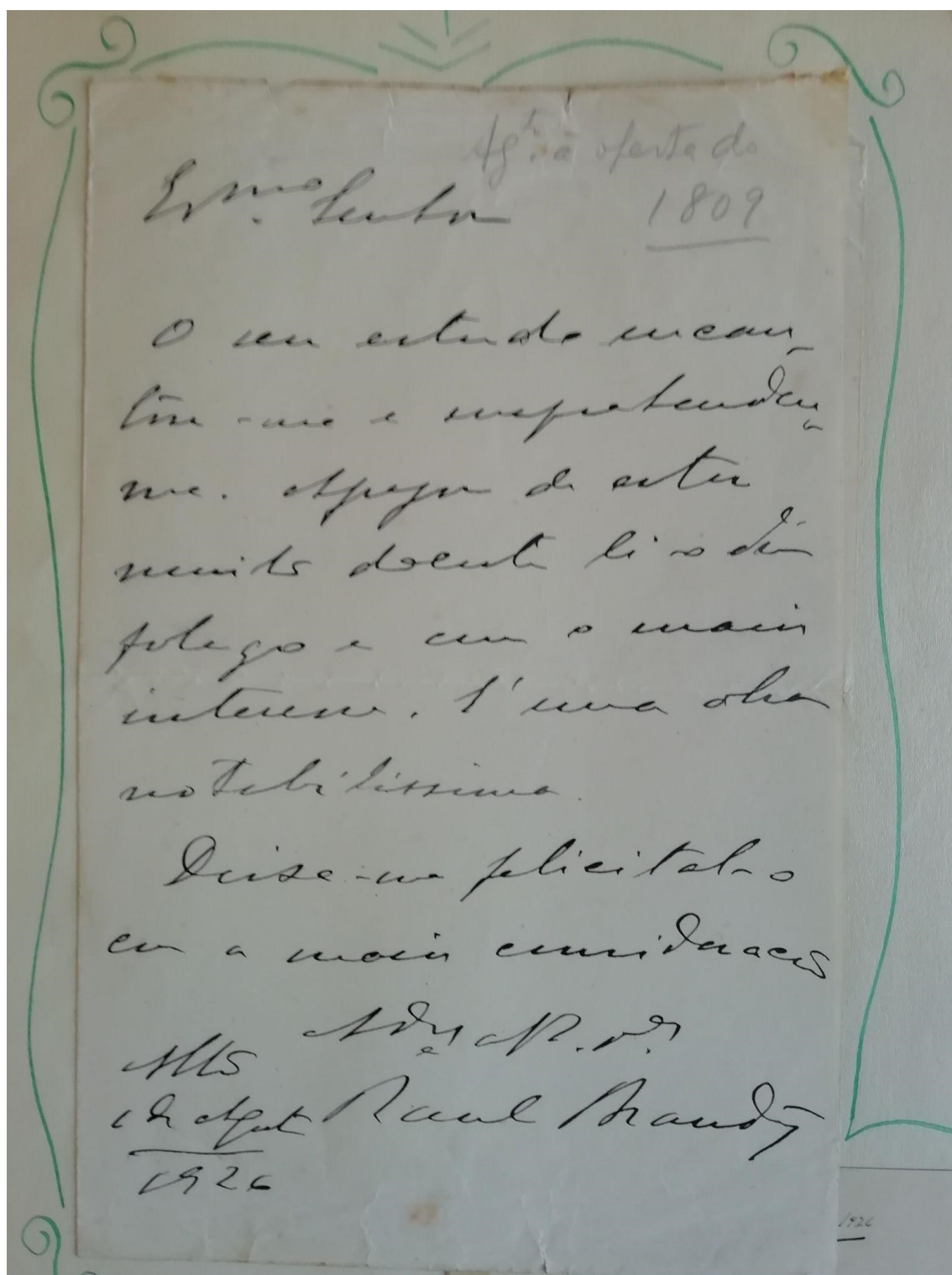
GABINETE DO DIRECTOR

Seu Senhor Doutor
Alfredo de Magalhães
M. Thuzte Presidente da
Comissão Adm.^{va} da Câmara
do Port - de minha mais
elevada consideração

Amanhã procurarei V. S.^a levando
do. the algumas notas sobre o
edifício do Paço Episcopal - actual
Domus Municipalis. Há muito,
muito pouco escrito a tal respei-
to. Mas eu creio que bastará

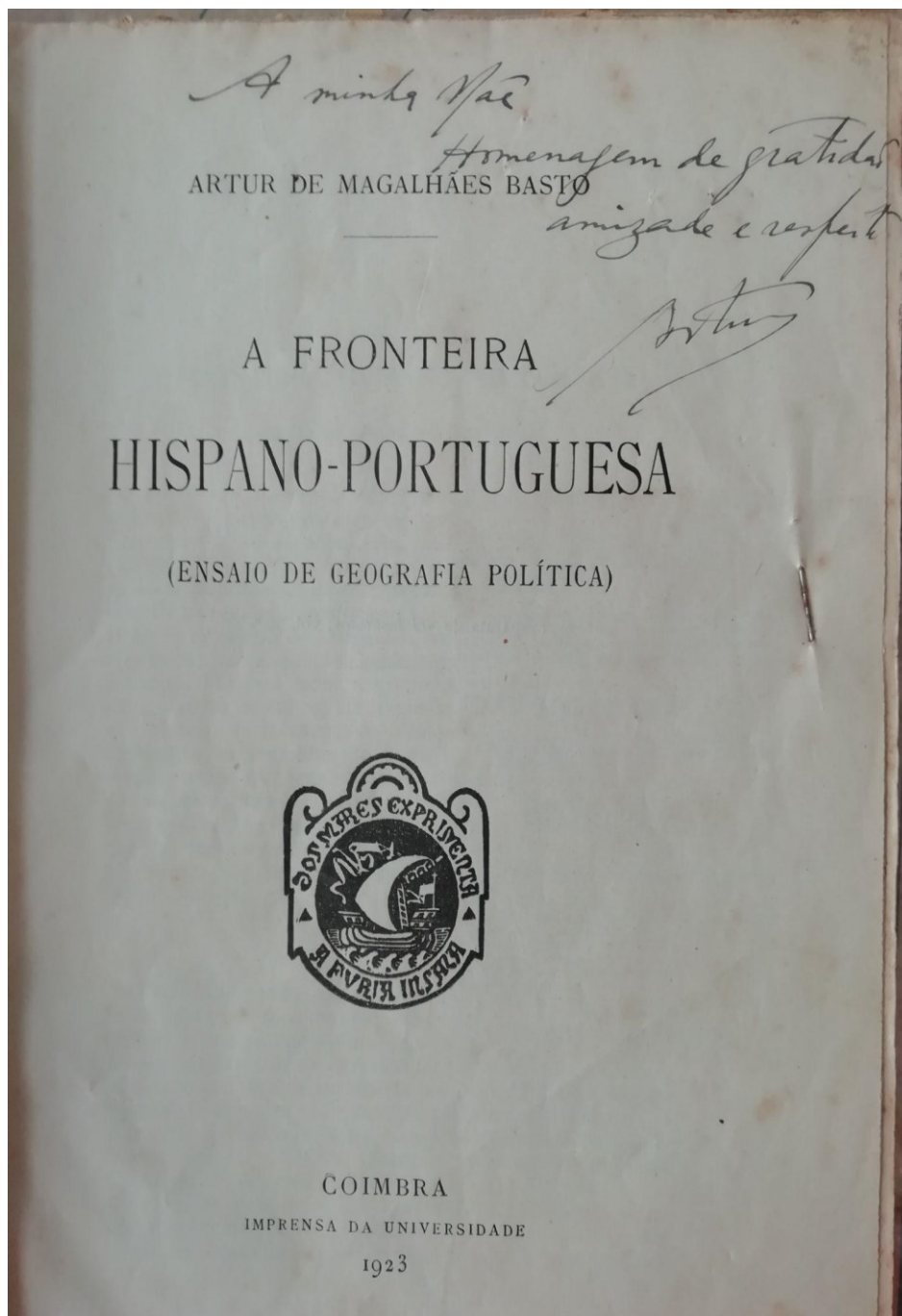
Documento 53

Raul Brandão 1926 Agosto 26 [carta] para AMB, a agradecer o envio do 1809. (EF).



Documento 54

“A minha Mãe Homenagem de gratidão amizade e respeito Artur”. 1923. Do seu livro, *A Fronteira Hispano – Portuguesa*. [Capa c/autógrafo]. (EF).



Documento 55

Robert Smith 1951 Julho 29 [Carta] para AMB.

Dept. of Fine Arts
University of Pennsylvania
Philadelphia 4, Penna, USA

29 de julho de 1951

Prezado amigo.

Recebi e li com o mais vivo interesse e profundo aproveitamento a publicação do seu interessantíssimo discurso sobre Nicolau Nasoni, que veio aumentar tanto a gratidão que todos os amigos da arte barroca de Portugal lhe sentimos. Admiráveis são as suas revelações. Que importância tem a declaração do emprego do arquitecto em Malta. Procurei fotografias do palácio dos grão-mestres mas sem exito até aqui. Encontrei, porem, um artigo de John Fleming ingles (Malta, naval base of the baroque, "Architectural review," London, vol. XCIX, no 594, June, 1946, pp. 169-177) que se me tornou bastante util a respeito de Nasoni. Falando na actividade do arquitecto Giovanni Barbara, o autor refere-se à igreja de Santiago, na Valeta, construída em 1710 de planta oval, e mostra fotografias de esculturas violenta e caprichosamente talhadas de pedra escura, que lembram os ornatos dos Clérigos do Porto. Será esta a fonte de inspiração desse templo portuense? Não achei ainda infelizmente fotografias da igreja inteira, que unicamente podem confirmar essa possibilidade. A sua valiosíssima descoberta abre assim horizontes de vastas possibilidades, que impacientemente examino, dada a dificuldade de encontrar aqui fotografias de assuntos malteses depois de tanta destruição praticada na ilha durante a ultima guerra. Logo que encontrar alguma coisa de interesse, vou-lhe comunicar. Acho interessante também o facto que no século XVIII houve dois grão-mestres portugueses, Manuel de Vilhena e Manuel Pinto da Fonseca. Desejo indagar aí.

Tenho imensa vontade de ler seus artigos sobre o apelido de Nasoni. Foram-me anunciados pelo professor Chicó, quando estive aqui no ano passado, e sei que são de grande valor para mim. Também aguardo sempre a chegada do seu Dicionário dos Arquitectos do Porto, cujas provas foram em parte vistas e grandemente apreciadas por mim. Fiz o elogio, no Colloquium de Washington, dos seus preciosos trabalhos, referindo-me especialmente a esta notavel contribuição.

Agora estou preparando um estudo critico-estilístico da obra de Claude de Laprade, e mais uma vez aproveito das suas pesquisas. Enviei-lhe ha pouco a minha monografia sobre a talha barroca portuguesa, com as referencias aos documentos que o meu colega publicou a respeito do altar-mor da sé do Porto. Creio que o Laprade desenhou nao somente as estatuas principais mas também o resto da composição do grandioso retable, ainda que, para mim pelo menos, os documentos nao falem com toda a claridade. O doutor Reynaldo dos Santos nega isso no segundo tomo do seu monumental livro sobre a escultura. Qual é a sua opinião?

Tomei a liberdade de dar a um casal de Filadelfia, grandes amigos meus e pessoas distintas na vida cultural da cidade, que vão em setembro a Portugal, uma carta de apresentação ao meu amigo, sabendo que assim lhe dariam um abraço da minha parte. E, entanto lhe envio, com altas felicitações, os meus mais vivos cumprimentos.

Robert B. Smith

R. C. Smith

Dept. of Fine Arts
University of Penna.
Philadelphia 4, Penna USA

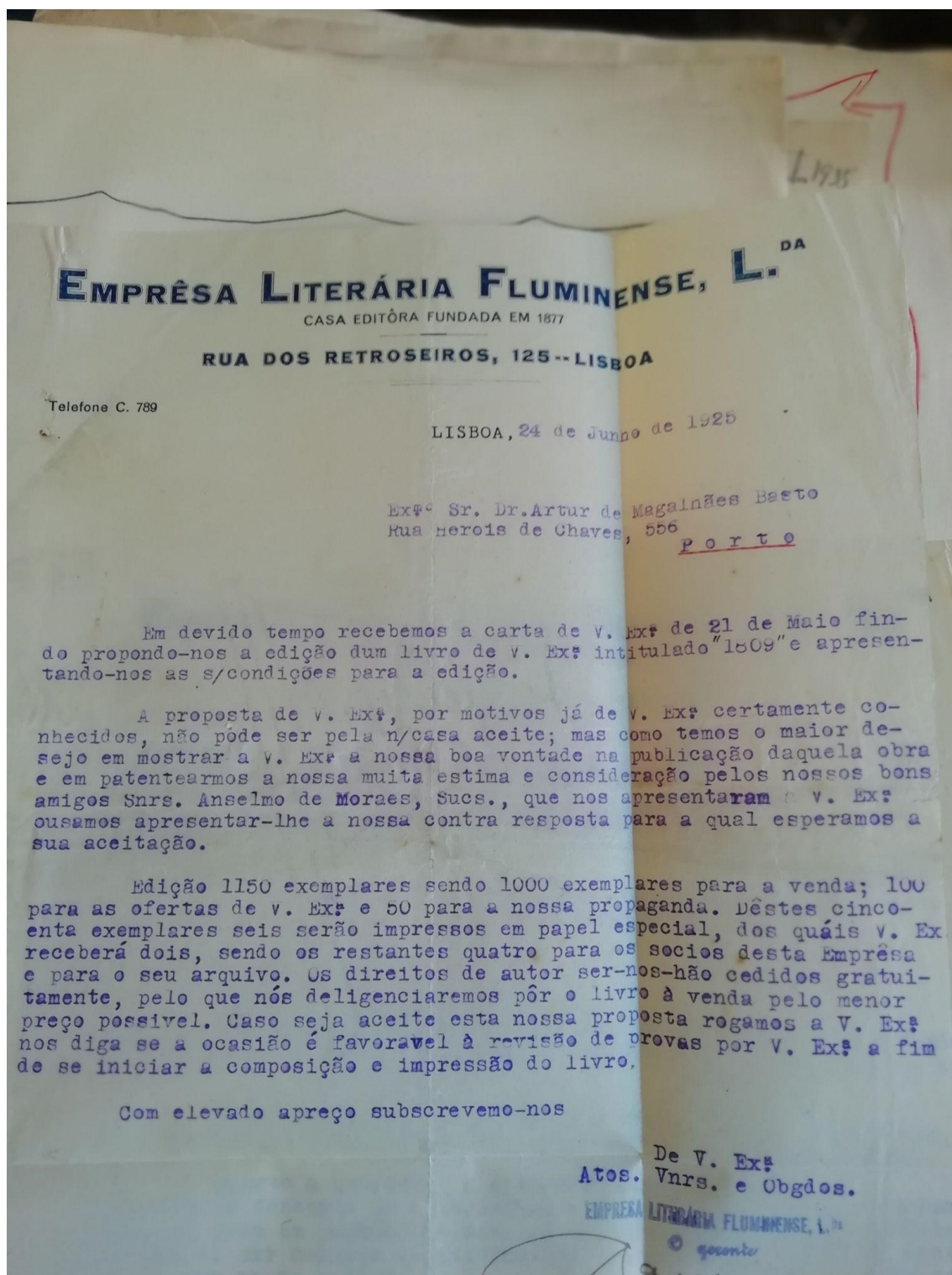
AIR LETTER



Exmo. Sr. Dr. Artur de Magalhães Basto
Director
Arquivo Municipal
Porto Portugal

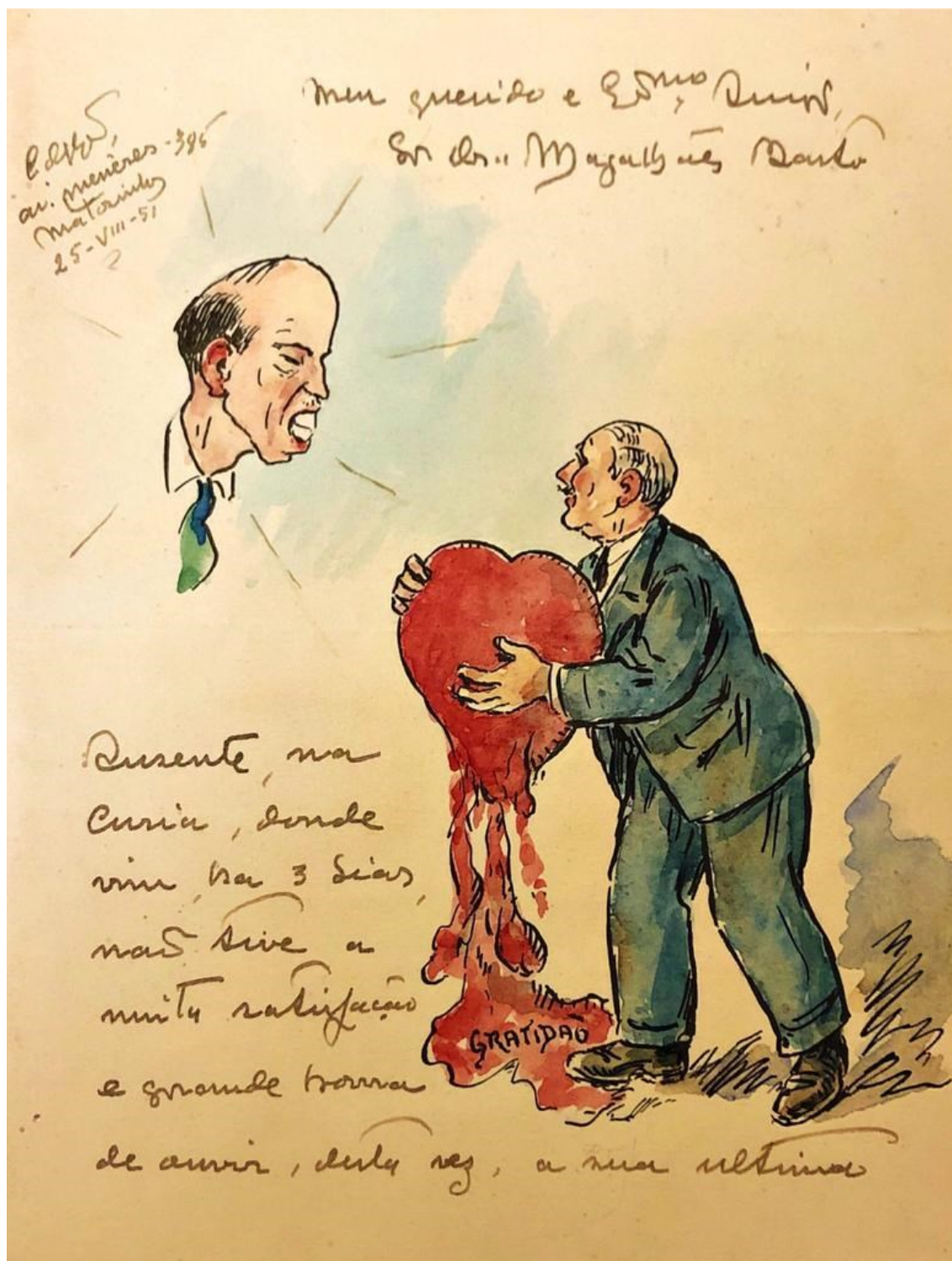
Documento 56

Empresa Literária Fluminense 1926 Junho 24 [carta] para AMB:” ...o livro de V ex^a – «1809» – será posto à venda na próxima 2^a feira em Lisboa, devendo aparecer aí no Porto na 3^a feira...”, (EF).



Documento 57

Manuel Monterroso, 1951 Agosto 25 [Desenho + texto] para AMB. [Inédito](#). (EF).



palavra, como lhe chama, na
Radio.

Soube, porém, logo a minha
chegada aqui, que teve a benevo-
lência, bondade e muita amizade,
em não falar das minhas
velhices artificiais quando, ainda
muito menino e moço, fui, como
tubo, a Santiago de Compostella,
com a primeira estudaantina
academica portugueza que foi
aquela C. D. de ... já passados 54 annos!!!

Foram cinco dias de sonho
e fantasia que não se esquecem

mais!

A restia de romanticismo, deixada
ainda, neste tempo, recantos, encantos
e nestos monumentos d'aquella terra
galega e pi Dalga, de tanto sabor matinal,
conservado ainda, mais ainda, por nestos
costumes e hábitos em que o "sereno",
fazendo, de hora a hora, fregado de
tubo me ia desvanecendo, completamente
o grão da noite.

Tudo isto, não me dá a abrir-se
para a vida, como o meu, nessa
altura, de tão nobres annos, ficou
grauado, a fogo e vontade, para
sempre. Que grande magna tenho
de não ter vindo a conferencia de D. S.

até mesmo para nela levar
o meu espirito lá longe, a essa
epoca, esquecendo ilusões e desejos
que todos temos experimentado.

Com a minha mão e
sentida gratidão, agradeço, de
coração nas mãos, mais esta grande
força de estirar, me tornarem não
esqueço, pedindo me me acredite
como

Amigo cert. grande e
necro admirador, gratissimo.

Melmonterro
M. S.

Documento 58

“Uma pequena lista das pessoas a quem penso enviar o meu livro,” (*Estudos*) 1960
Fevereiro 19 AMB [carta, 2 p.] p/ M.Lopes de Almeida, editor, Coimbra. [Inédito](#) (EF)

Porto, 19 de Fevereiro de 1960

Exm^a. Senhor
Prof. Manuel Lopes de Almeida
e meu muito prezado Amigo

Peço-lhe que me desculpe só agora responder à sua carta de 8 do mês passado, mas tem sido tal a disposição do meu espírito que não tenho tido paciência para nada.

Fico ciente de que os Acta me concedem como propina 200 exemplares dos meus Estudos, e, concordo plenamente com a modalidade de eles serem consignados à "Atlântida". Por esse motivo, nesta mesma data, vou pôr-me em comunicação com a dita livraria depositária, a fim de assentarmos nas condições do contracto.

Tomo a liberdade de juntar uma pequena lista das pessoas a quem penso enviar o meu livro, muito agradecendo o favor de mandar dizer se algumas delas constam da lista das ofertas dessa Biblioteca Geral.

Aproveito a oportunidade para mais uma vez, desta chaise-long onde me estendo, lhe enviar uma gratíssimo abraço

COIMBRA (Reitor da Universidade de Coimbra
(Prof. Manuel Lopes de Almeida
(Prof. Damião Peres
(Director da Faculdade de Letras de Coimbra
(Prof. Costa Pimpão
(Prof. Sousa Soares

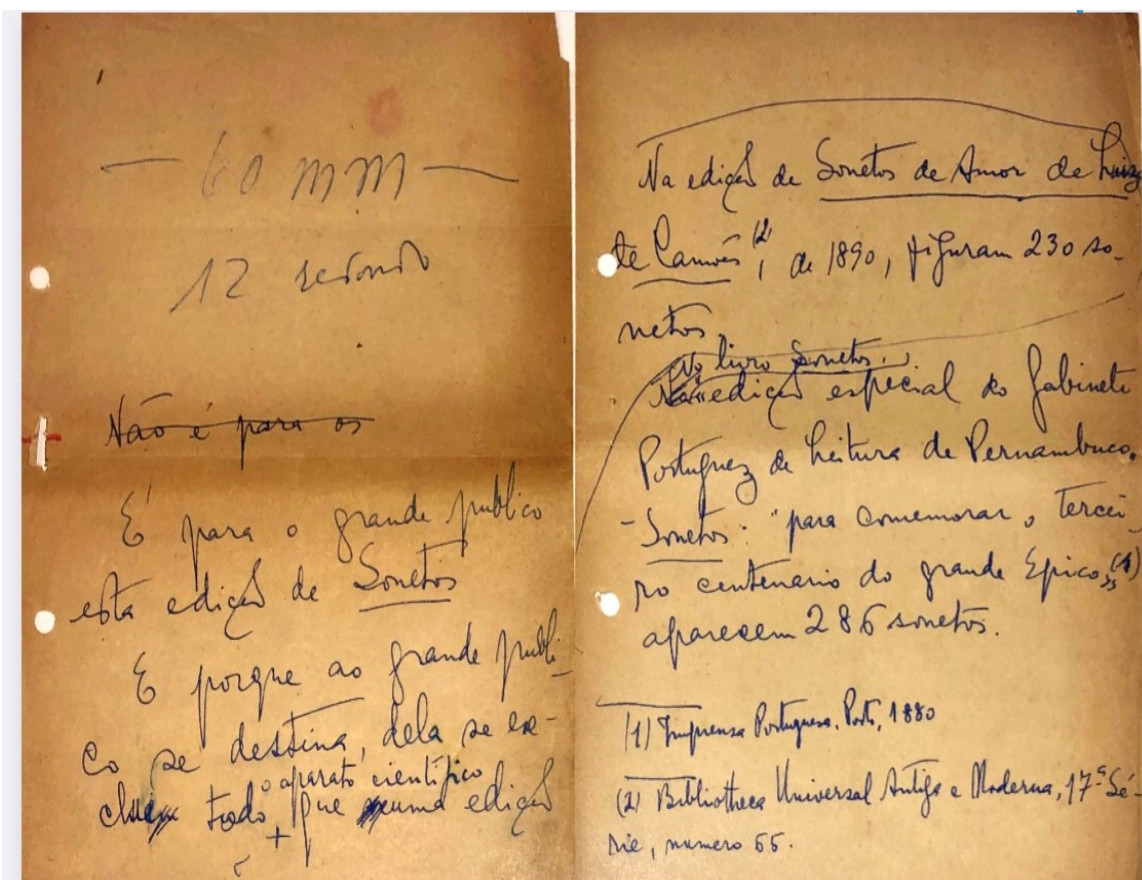
LISBOA (Reitor da Universidade Clássica de Lisboa
(Prof. Luis Filipe Lindley Cintra
(Prof. Hernâni Cidade
(Prof. Prado Coelho
(Prof. Serafim da Silva Neto
(Revº. Dr. Domingos Maurício
(Dr. António Baião
(Dr. Caeiro da Mata
(Dr. Reinaldo dos Santos
Coronel Costa Veiga
Dr. Rodrigues da Pa
Dr. A. José Saraiva *Prof. J. Beliza dos Santos*

PORTO (Reitor da Universidade do Porto
(Vice-Reitor da Universidade do Porto (Prof.
(Fernando Magano)
(Prof. Luis de Pina
(Dr. António Cruz
(Dr. Carlos da Silva Lopes
(Dr. António Salgado Júnior
(Dr. João Albino Pinto Ferreira

AVEIRO (Pe. Alírio Gomes de Melo

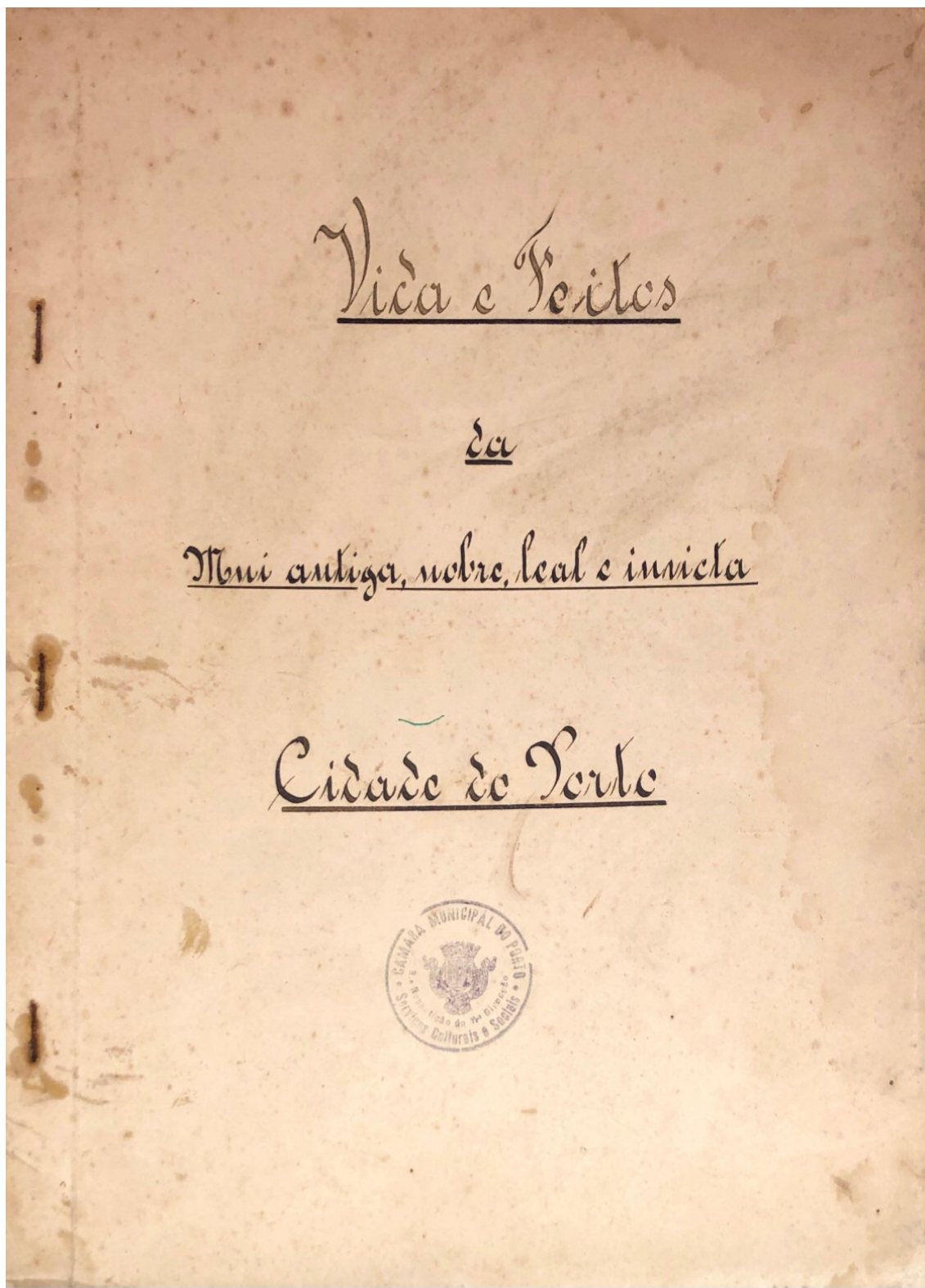
Documento 59

Sonetos de Luís de Camões. 1959 [Prefácio] de AMB, publicado (EF).



Documento 60

Vida e Feitos da Mui antiga, nobre, leal e invicta Cidade do Porto. 1952 Agosto. Plano do livro [dactil.53 p.] [Inédito](#) (EF).



Plano do livro

VIDA E FEITOS

DA

Mui antiga, nobre, leal e invicta

CIDADE DO PORTO

o livro será um retrato da vida
da cidade do Porto, a sua história
e a sua evolução, a sua arte e a sua
literatura, a sua ciência e a sua
indústria, a sua agricultura e a sua
comércio, a sua vida social e a sua
vida política, a sua vida religiosa e a sua
vida cultural, a sua vida econômica e a sua
vida intelectual, a sua vida física e a sua
vida moral, a sua vida humana e a sua
vida divina.

Agosto de 1952

A. de Magalhães Basto

P R E F Á C I O

Em que se começará por advertir que este livro foi escrito em obediência ao voto expresso na reunião da Ema. Câmara Municipal do Porto, de 13 de Maio de 1952, pelo Ema. Senhor Vereador Dr. Manuel de Figueiredo e aprovado pelo Ema. Senhor Presidente, Coronel Lucínio Fresa e toda a Ema. Vereação.

Agradecimentos do A. pela penhorante confiança que benévola-mente por esse facto lhe foi manifestada e considerações sobre a dificuldade de se escrever já uma História do Porto, como deve ser escrita, por ainda estarem atrasadas as investigações arquivísticas com tal objectivo, apesar do que, sobretudo desde a fundação do Gabinete de História da Cidade em 1936, tem sido realizado nesse campo, quanto aos Arquivos do Porto, e do que está publicado.

É possível, porém, - e até oportuno como balanço geral dos materiais já carreados - tentar reunir, condensando num único livro, o que até hoje de mais importante e útil tem sido escrito sobre a história da Cidade da Virgem; isso poderá ser mais um passo importante para a elaboração da grande História do Porto - obra de que Camilo Castelo Branco falava já há uns 80 anos, e da qual melancóli-

ca ou irónicamente dizia que se fosse publicada sem subscritores solicitados, seria antes a história da ruína do eiditor...

Seria todavia de aconselhar, também, que este volume fosse completado por um outro, em que cumulando-se as principais e inevitáveis lacunas deste, investigadores e críticos especializados se ocupassem com maior desenvolvimento e profundidade de assuntos importantes da História do Porto que neste livro são apenas estudados superficialmente e na generalidade, como organização administrativa, a economia, cultura, artes, letras e ciências, religião, assistência, etc. - pois Vida e Feitos da Mui Antiga Nobre e Leal Cidade do Porto não pretende ser mais do que uma visão de conjunto, mas resumida, do passado portuense com interesse para toda a categoria cultural de leitores. A fim de se lhe tirar mesmo aquele ar pesado de erudição que dão as notas de fundo de ~~pass~~^{pass}, elas foram relegadas para o caño do livro, e só não se eliminaram por que o A. é da opinião dos que entendem que a história não a podemos fazer acreditar apenas sob a nossa palavra de honra.

Como é natural, as fontes de que o A. se serviu para esta tentativa de síntese foram, em primeiro lugar os trabalhos que, durante quase 30 anos ele tem publicado e que constituem o produ-

to das suas próprias investigações e análises; foram, além disso, os numerosíssimos trabalhos de outros autores, antigos e modernos, e só para preencher lacunas realizou investigações especiais ad hoc.

Quanto^{em si/} aos factos históricos e ao modo de os narrar, o A. julgou necessário, por quanto ficou dito, adoptou o processo que João de Barros exprimiu pelas seguintes, autorizadas e lapidares, palavras:

- "Em todo o discurso desta ASIA mais trabalhamos no substancial da história que no ampliar das meudezas q. enfadam e não deleitam".

Finalmente, este Prefácio occupar-se-á do problema da divisão da História do Porto, e dará as razões por que esta foi dividida nas seguintes épocas ou livros:

Livro I - Origens do Porto

Da pré-história do séc. XI

II - O Porto - cidade episcopal

Lutas contra as oligarquias da Igreja e da Nobreza

III - Uma "república urbana"

O período áureo das liberdades municipais (séc. XV)

IV - Grandeza e decadência

Do apogeu da riqueza e da glória à dominação filipina (séc. XVI e XVII até 1640)

V - Reconstituição e opulência

Da crise da Restauração à prosperidade económica do séc. XVIII. De 1640 até fins do séc. XVIII.

VI - Cinquenta anos de sofrimento

Das invasões francesas às lutas liberais. De 1794 a 1851.

VII - Acertando o passo com o progresso.

Da Regeneração à República De 1851 a 1910

Conclusão.

O Porto de Hoje... e de Amanhã

N.B. Far-se-á o possível por que o volume, no formato da Breve Relação da Fundação do Colégio dos Orfãos, não exceda umas 400 páginas. Deverá ser profusamente ilustrado.

(Factores e aspectos da sua psicologia)

Ascendência (?) - Rudeza do solo. - O comércio e a indústria, suas únicas fontes de recursos. - A honradez e o trabalho, ^{mas} sem meios exclusivos para atingir a riqueza. - Bairrismo, amor da Pátria, civismo e caridade orgânica. - Tenacidade, energia, espírito de iniciativa, ousadia, generosidade, rudeza, sinceridade e largueza em obras de assistência. - Ódio à tirania e a todas as opressões. - Amor à independência e às liberdades que lhe permitam governar-se a si próprio e à cidade. - Amor ao progresso, sem quebra do seu respeito e carinho pelas tradições. - Ausência de espírito militarista, embora sempre pronto a oferecer vida e haveres quando a Pátria os reclama. - Tolerância em matéria religiosa, a despeito de serem fervorosos católicos (não houve no Porto perseguições aos judeus). - Amor à instrução, que custeia quando o Estado disso se não lembra.

L I V R O I

O R I G E N S D O P O R T O

(Da pré-história ao séc.XI)

- a) - Alusão às lendas sobre a fundação do Porto. Absoluta falta de bases dessas fantasias.
- b) - O que a ciência arqueológica tem apurado. Largo povoamento da área actual da cidade do Porto e arredores já antes da ocupação romana. Vestígios desse primitivo povoamento. Os Castros. A "Cividade" do alto Corpo da Guarda e Cale.
- c) - CALE - povoação pré-romana. Importância que lhe deu a estrada romana de Lisboa a Astorga, da qual Cale foi uma estação. Influência da civilização romana na religião.
- d) - Formação de Portucale: razões que explicam o aparecimento deste novo povoado.
- e) - Importância política de Portucale sob os domínios suevo e visigótico. Conversão dos suevos ao Catolicismo. Portucale sede de bispado (séc. VI) Possíveis muralhas no alto da Penaventosa. Igreja de Cedofeita e sua lenda. Nevogilde.
- f) - Terríveis consequências, para Portucale, da invasão muçulmana (711-718)(?). A "Extrema-Durius". O início da reconquista cristã. Vímara Peres e a sua presúria de 868. A submissão a Almançor, por volta de 988: A primeira ponte de barcas sobre o Douro. A lenda do Rei Ramiro e de Gaia. A lendária empresa dos fidalgos gascões, capitaneados por D. Moninho Viegas: a Senhora de Vandoma. Brasão de armas do Porto. A "Civitas Virginis".

- g) - Portucale sob a monarquia leonesa. Extensão progressiva do nome de Portucale a uma região cada vez mais vasta. Povoações, "vilas" casais e ermidas nas cercanias de Portucale, sobretudo na região que é hoje área do Porto. Mosteiros de Leça do Balio (séc. X), de Águas Santas, de Pedroso, de Griljô. Restauração dos muros "suevos" por volta de 1080.
- h) - Condado portugalense: origens. Primitivos Condes. S. Rosendo filho dum Conde do Porto. O embrião da nacionalidade portuguesa. As cinco famílias do Entre Douro e Minho de que saiu a mais antiga nobreza de Portugal. Centralização do poder, de Fernando Magno.
- i) - Os bispos do Porto, que, após a invasão muçulmana, não viviam na sede, voltam a ser residenciais com o Bispo francês D. Hugo em 1113: como e porque surge a governar a Diocese do Porto este Prelado.
- j) - Carta de Foral, dada por D. Hugo, em 1123: direitos, regalias e deveres estabelecidos por esse diploma aos moradores do Porto. Os "burgueses". As suas ocupações favoritas: indústria, comércio e dentro em pouco a navegação; os "militares". Isenção - concedida por D. Sancho I - da obrigação de servir nas guerras com o réu, salvo se os mouros invadissem o território nacional.
- k) - Algumas palavras a respeito dos primeiros bispos de Porto: D. Hugo, D. João Peculiar, D. Pedro Abelário, D. Pedro Vitorino ou D. Pedro II. Ampliação da Diocese e posterior dos bispos para esse efeito. Ampliação do Conde por D. Afonso I em 1138.

LIVRO II

O PORTO - CIDADE EPISCOPAL

LUTAS CONTRA A OLIGARQUIA DA IGREJA E DA NOBREZA

- a) - Caracter geral deste período.
- b) - Ao Bispo D. Hugo e a seus sucessores faz Doação do burgo do Porto e do amplo couto, em que o burgo fica abrangido a "rainha D. Teresa", em 16 de Abril de 1120.

Significado desse acto na história da cidade. O que o desenvolvimento material e os progressos económicos do velho burgo devem à acção dos seus primeiros bispos. O que seria o Porto no princípio do séc. XII: o Castelo constituído pela cerca dita sueva (suas portas) dentro do qual ficava a Sé (a antiga e a nova), o Paço, a Casa Conventual do Cabido (Regra de St.^o Agostinho) e pouco mais; área externa até à Ribeira. O Rio da Vila, a capela de S. Roque, do Anjo e de N. S. da Graça (lenda). O que havia na área actual da cidade. Construção da Igreja de Cedofeita.

- c) - Carta de Foral, dada por D. Hugo, em 1123: direitos, regalias e deveres estabelecidos por esse diploma aos moradores do Porto. Os "burgueses". As suas ocupações favoritas: indústria, comércio e dentro em pouco a navegação; os "mesteirais". Isenção - concedida por D. Sancho I - da obrigação de servirem nas guerras com o réu, salvo se os mouros invadissem o território nacional.
- d) - Algumas palavras a respeito dos primeiros bispos do Porto: D. Hugo, D. João Peculiar, D. Pedro Rabaldis, D. Pedro Pitões ou D. Pedro II. Ampliação da Diocese e política dos bispos para esse efeito. Ampliação do Couto por D. Afonso I em 1138.

- e) - A participação do Porto na Conquista de Lisboa, em 1147.
 - Os cruzados do norte reúnem-se no alto do morro da Sé. Sermão de D. Pedro Pitões. Partida de D. Pedro Pitões com a Armada e acção daquele prelado durante o cerco de Lisboa.
- h) - Consequências da conquista dessa cidade no ponto de vista da segurança da navegação costeira portuguesa e do desenvolvimento da actividade mercantil e marítima do Porto.
- i) - Construção da Sé actual. Primeiras lutas entre os Bispos do Porto e o seu Cabido, das quais se aproveitam os Reis - na sua política centralizadora dos Poderes do Estado - e o povo para começarem a tentar cercear aos Prelados o seu poder temporal: a divisão das rendas da Igreja feita pelo Bispo D. Martinho Pires e o conflito provocado por D. Martinho Rodrigues, quando pouco depois revogou aquela medida.
- j) - Questão entre D. Martinho Rodrigues e Sancho I, pelo facto de aquele não ter ido receber o filho do segundo o seu sucessor quando, depois de casado, passou pelo Porto: Os burgueses, fortalecidos com a má-vontade do rei contra o bispo atacam em 1208 o Paço Episcopal, e Sancho I faz sequestrar os bens dos cônegos favoráveis aos bispos, tira-lhes as prebendas e derriba-lhes as casas,. Papel representado nessas lutas pelos burgueses João Alvo e Pedro Feio. Excomunhões e interditos. Resultado final: vitória do Bispo;
- k) - Sancho I confirma o senhorio da Mitra e manda estabelecer uma feira em frente da catedral para que "o castelo" se torne mais povoado. Esta oposição que provocou nas classes pri-
- f) - Novas contendas entre D. Martinho Rodrigues, a Coroa e a Cidade. Novos conflitos com os burgueses, agora por causa do estabelecimento dos Franciscanos no Porto com que a Mitra e o Cabido não concordam: novas excomunhões e anátemas.

- g) - Franciscanos (1233) ? e Dominicanos (1230)? . O que era nesse tempo a zona da cidade em que eles edificaram os seus conventos. Dificuldades que os Religiosos tiveram de vencer para levarem ao fim essas construções.
- h) - D. Pedro Salvadores e as suas violentas lutas com a Coroa e os burgueses. Razões dos conflitos. Os constantes interditos. Composição de 26 de Setembro de 1240.
- i) - A "Lide do Porto" episódio das dissensões civis do reinado de Sancho II (1245): mausoléu de D. Rodrigues Sanches no Mosteiro de Grijó.
- j) - Continuam as lutas com os bispos no reinado de D. Afonso III: Queixas não atendidas que o bispo formula nas Cortes de Guimarães de 1250. Represálias do bispo D. Julião Fernandes; o rei em reivindita, ocupa militarmente o burgo condenando o bispo ao pagamento de uma grande indemnização. Cobiça D. Afonso III os rendimentos que advinham à Igreja do Porto do movimento comercial do rio. Modus-vivendi estabelecido em 1254 nas Cortes de Leiria. Os "burgueses", não satisfeitos, pugnam pelas suas liberdades políticas e económicas.
- k) - D. Afonso III dá foral a Gaia em 1255; significado económico e político desse facto, concebido e executado em benefício da Coroa e prejuízo da Igreja do Porto. Crescente importância económica da cidade.
- l) - Inquirições de 1258 e factos apurados relativamente aos direitos que a Coroa podia exercer no Porto. As Leis da Fazenda de 1265 e violenta oposição que provocam nas classes privilegiadas. Como protesto contra as diversas medidas régias que afectavam os interesses da Igreja, o alto clero secular português envia em 1267 a Clemente IV uma petição na qual em 43 arti-

- gos se queixa de Afonso III, Rei de Portugal, - sendo tres desses artigos visivelmente referentes ao que se passava na Diocese do Porto, então governada pelo Bispo D. Vicente Mendes, padrinho do infante D. Dinis.
- Bulas contra Afonso III. Mantem-se a intransigência de Roma, mesmo no tempo do Papa português Pedro Julião ou Pedro Hispano (João XXI).
- m) - Num espírito conciliatório, D. Dinis assina finalmente em Évora, aos 28 de Abril de 1288 a composição com a Mitra do Porto, que regulamenta o desembarque das mercadorias no Porto e em Gaia, e proíbe a interferência dos Juizes de Gaia nos assuntos do Porto.
- É mandado retirar do Porto o almoxarife da Coroa, etc.
- n) - Mas foi nesse mesmo ano de 1288 que D. Dinis criou Vila Nova de Rei (Vila Nova de Gaia) dando-lhe foral e transformando assim em concelho um Burgo velho que havia em frente do Porto...
- o) - Por volta de 1316 queixas dos burgueses do Porto a D. Dinis contra vários abusos dos bispos, principalmente no tocante a usurpação de terrenos do concelho - e à administração da justiça: apelação em causas crime e de justiça maior. Sentença à revelia do Bispo e Cabido em 13 de Maio de 1316; nomeação pelo Rei dum juiz nos Feitos Cíveis e criminaes e posse tomada pela Cidade dos ressyos que eram da dita villa e de que a Igreja a tinha esbulhado (Auto de posse de 20 de Junho de 1316).
- O bispo D. Fernando Ramires que não acata tais medidas, retira para Roma e D. Dinis manda o seu Mordomo "ocupar a jurisdição da cidade, a torre e a fortaleza da mesma Igreja e bem assim o Paço Episcopal". Interditos e excomunhões.

Transigência final de D. Dinis em 1323 a pedido do novo bispo D. João Gomes: permite que os Juizes sejam nomeados pela Igreja, que as apelações voltem a subir ao Bispo, apenas reservando para a Coroa, em última instância, as dos feitos criminais.

- p) - Os burgueses, opondo-se à nomeação dos Juizes pelos Bispos, - fundados em que a cidade ou "Castelo do Porto" pertencia ao Infante D. Afonso, desde o acordo celebrado entre o Infante e seu pai em 1322, continuam a reconhecer como único juiz o que o rei havia nomeado.
- q) - Acordo imposto pelo Infante D. Afonso e assinado no Convento de S. Francisco, no Porto, em 24 de Julho de 1324 - sobre a eleição dos Juizes (de entre três pares escolhidos pelos burgueses, o Bispo escolheria um), e deixando em suspenso a questão dos pesos e medidas, e dos rossios da cidade.
- r) - Descontentamento do Bispo D. João Gomes, e do Cabido; sem protesto junto do Infante em Coimbra (4 de Outubro de 1324): resolução do Infante, confirmando o que estabelecera quanto aos juizes e mandando que os pesos e medidas ficassem para o Bispo, e os rossios fossem considerados logradouros públicos do Concelho. Acordo de 1325 ("novo Foral") entre o Bispo e a Cidade, assentando-se que em vez de três seriam quatro os pares de juizes; complemento desse acordo celebrado em 1331 (25 de Junho) entre o novo bispo D. Vasco Martins - eleito em 1327 -, o Cabido e o Concelho, pelo qual o Bispo ficou com os "almudes do sal e do vinho" cedendo os pesos e o rossio do Olival em troca de certas casas e da obrigação tomada pelo Concelho, de construir "uns banhos bons com suas casas e com Caldeyras", metade de cujos rendimentos seria para o Bispo e Cabido. Modificações introduzidas na estru-

tura municipal - segundo se deduz do inquérito de 1339 sobre as "cousas da jurisdição temporal de que a Igreja da cidade do Porto está em posse". Privilégio de exclusão da moradia dos fidalgos e de não possuírem casas no Porto.

- s) - Afonso IV já em Janeiro de 1329 possuía no Porto por compra, próximo da Ribeira, casas, hortas e almoinhas, onde antes de 1335 já edificara as "casas do Almazem e outras". Protesto do Bispo D. Vasco Martins e rasões do Rei. Começam a ser construídas as Muralhas da Cidade (1336), depois chamadas FERNANDINAS (concluídas em 1376): seu perímetro. O que havia dentro desse circuito.
- t) - Participação do bispo e das suas forças no desbarato duma partida de tropas castelhanas que entraram pelo Entre Douro e Minho em 1336.
- u) - "Enquirição que foy tirada (em 1339) por mandado delrey Dom Affonso o quarto, por saber em certo que rendia a dita cidade (do Porto) e o que o Bispo e Cabido haviam em ella pellas testemunhas que elles apresentassem" (C.C.I, 25-44)
- v) - Revolta violentíssima do Povo do Porto contra D. Vasco Martins em 1341: invasão do Paço, morte de um ou dois serventúrios do Bispo e fuga deste para Roma. Interditada a cidade. Construção da Casa da Rolagem (camara) junto e sobre os muros da cerca velha da cidade, e possivelmente do pelourinho que existiu próximo antes de ser removido para a Ribeira séc. XVI e XVII.
- x) - D. Pedro Afonso, novo bispo (sua influência na batalha do Salado em 1340), entra em conflito com Afonso IV em 1343 e denuncia a concordata quanto aos juizes. Sínodo agitadoíssimo em Cedofeita em que tomam parte emissários régios, car-

ta monitória contra o rei e fuga do Bispo para fora do reino donde lança os seus anátemas contra a cidade rebelde.

Entretanto, em 1348 D. Afonso III manda fazer uma inquirição para "saber por onde partia o Couto que a Rainha dera à Sé do Porto", em que pretendeu provar que o Couto tinha por limite a Ocidente o rio da vila, - ficando, por essa forma, fora do âmbito da jurisdição da Igreja do Porto a zona onde havia sido construído o "Almazem" Real.

Em 1354 acordam finalmente as duas partes contendoras em entregar a solução dos casos em debate (eleição dos juizes, casos do "Almazem") a um tribunal arbitral; sentença dada nos Paços Reais da Valada - a par do Monte de São Jorge, extramuros da cidade de Coimbra, em 4 de Junho do dito ano: dúvidas sobre se essa sentença obteve a confirmação de Roma pois continuou a pesar o interdito sobre a cidade. Progressiva secularização do burgo: libertando-se do poder temporal dos Bispos vai caindo sobre o poder da Coroa. "Regimento dos Corregedores", de 1352: Juizes e Vereadores, etc.

y) - O Porto - ameaçado de ataque pelo Infante D. Pedro em 1355, como represália contra o Pai pela morte de D. Ines de Castro, - defende-se erguendo velas de navio para com elas se preencherem os espaços onde não havia ainda muralhas, estratégia de D. Alvaro Pereira filho do Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira. Serviço militar: Besteiros do Couto. Peões. Cavaleiros. Vintena do mar. Para passagem de D. Fernando e suas tropas, mais tarde, 2.ª ponte de barcas.

z) - D. Maria Petite, futura sogra de Nun'Alvares, funda o Mosteiro de Corpus Christi, em Vila Nova de Gaia (1345)?

aa) - Concordata de 1405 (em 13 de Fevereiro) entre D. Gil Alma e o Cabido por um lado e D. João I pelo outro; mediante esse

acordo a Igreja cede à Coroa a jurisdição da cidade, da qual a Igreja "estava privado havia sessenta anos", portanto, desde cerca de 1340 e é levantado o interdito. Aprovação da Concordata pelo Papa Inocêncio IV ; ratificação pelas partes contratantes em 13 de Abril de 1406. A Igreja seria indenizada recebendo anualmente determinada quantia proveniente sobretudo das rendas das casas que o rei mandara construir na rua Nova (actual do Infante D. Henrique) à custa dos portugueses - rua essa que também o Rei mandou abrir e que a cidade pagou.

a) - Caracter geral deste período

b) - O Porto em fins do séc. XIV. Topografia. Aspecto geral da cidade. Limpeza das ruas. Os Pelames. População. Estrangeiros. Estabelecimentos de assistência. Os Lazaretos. D. Fernando e suas medidas de fomento económico. Queixas do Porto nas cartas de 1390 (?) contra o seu governo, por causa das guerras em que ele envolveu o reino. Yermos da cidade ampliado com a doação de Malves por D. Fernando. Actividade mercantil, industrial e marítima. Visão do Porto em 1361 que "havia aí mais navios e navios do que em todo o país" (G. Barros, IV, 190) Construção de navios (ib. 201 - 202). Feira franca no dia 1 de cada mês, com os privilégios da de Trancoso (1416) - que Filipe II em 1582 transformara em feira semanal. Em nome dos mercadores de Lisboa, Porto e outras terras, Martin Alho, mercador português, negocia um tratado de comércio com Eduardo III, de Inglaterra (1352). A Balma do Porto: seu restabelecimento no tempo de D. João I. Fidalgo e o Porto. "Cidade do Porto" - os seus privilégios e o horror à "opressão". Burgueses e mestresais;

L I V R O I I I

Uma "república urbana"

O período áureo das liberdades municipais

(Séc. XV)

- c) - Os burgueses portugueses: "Independência de carácter, franqueza de opinião, amor à verdade, à liberdade e à justiça"
- a) - Carácter geral deste período
- b) - O Porto em fins do séc. XIV. Topografia. Aspecto geral da cidade. Limpeza das ruas. Os Pelames. População. Estrangeiros. Estabelecimentos de assistência. Os Lazáros. D. Fernando e suas medidas de fomento económico. Queixas do Porto nas cortes de 1390 (?) contra o seu governo, por causa das guerras em que ele envolveu o reino. Termo da cidade ampliado com a doação de Melres por D. Fernando. Actividade mercantil, industrial e marítima. Dizia o Porto em 1361 que "havia aí mais naves e navios do que em todo o país" (G. Barros. IV,190) Construção de navios (ib. 201 - 202). Feira franca no dia 1 de cada mês, com os privilégios da de Trancoso (1416) - que Filipe II em 1582 transformara em feira semanal. Em nome dos mercadores de Lisboa, Porto e
- d) - Outras terras, Martim Alho, mercador portuense, negociara um tratado de comércio com Eduardo III, de Inglaterra (1352). A Bolsa do Porto: seu restabelecimento no tempo de D. João I. Fidalgos e o Porto. "Cidadão do Porto" - os seus privilégios e o horror à "opressão". Burgueses e mesteirais;

- a) suas rivalidades. Estalagens - (Vereação de 2-X-1392). Cioso da sua independência e economia, o Porto - que era um dos concelhos mais importantes de Portugal G.B.I, 517 - comunga, no entanto, nos interesses, aspirações e perigos da Mãe-Pátria. *Des V.º Inácio da Costa Quintela, Anais da Marinha Portuguesa - Tomo I, 1839 - publ. por ordem da Az.*
- c) - Os burgueses portuenses declaram-se abertamente pelo Mestre de Avis na grande crise nacional de 1383-85, quando só o Porto se manifesta pela independência numa região em que abundavam os castelos, cidades e vilas favoráveis ao rei Castelhano. Álvaro Anes Cernache, alferes da Ala dos Namorados: túmulo em Corpus Christi, de V. N. de Gaia. Reconhecimento de D. João I pelo civismo e patriotismo com que o Porto o serviu nas lutas com Castela. Título de mui nobre e leal cidade. Privilégio de isenção de aposentadoria aos moradores da rua das Eiras, Mercadores, etc. Alargamento do termo: questão com Nun'Alvares por causa de Bouças e decisão de D. João I a favor do Porto (v. Port. Ex. I). Um representante do Porto no Conselho Real. João Rodrigues de Sá, o das Galés, alcaide mor do Porto, nomeado por D. João I; à Câmara fica pertencendo a escolha do Alcaide pequeno, segundo determinadas condições. A Capitania-mor da cidade e a prestação da vassalagem em nome desta. O "Paço da Marquesa". O Alcaide pequeno; a cadeia; a forca; o pelourinho.
- conselhos dos seus Países ou Arraiais. (Nas Cortes de Évora)*
- d) - Casamento de D. João I no Porto, em 1386; nascimento no Porto do Infante D. Henrique em 1394; lançamento da 1.ª pedra do Mosteiro de Santa Clara, 1416, feito por D. João I, e Infantes.
- h) - O Porto e a crise política que levou ao encontro de Afonso

- e) - Participação do Porto na conquista de Ceuta (1415): armada que o Porto forneceu, comandada pelo Infante D. Henrique, e acção dos soldados desta armada na expugnação da forte praça marroquina. A alcunha de Tripeiros (Armada em socorro de Lisboa v.^o Inácio da Costa Quintela. Anais da Marinha Portuguesa - Tomo I, 1839 - publ. por ordem da Ac. R. de Sc.). Em 1415 lavram-se no Porto os primeiros ceitis. Outras armadas - uma, com navios de outras cid., de auxílio aos ingleses comandada por Afonso Furtado - fornecidas pela cidade para as empresas ultramarinas da coroa, durante o séc. XV. A lenda dos Doze de Inglaterra: partida da barra do Douro de onse dos Cavaleiros, Magriço (segundo uns, de Trancoso, segundo outros do Porto: Bruno I, 37) vem a ser senhor do Castelo de Gaia (?). Vasco de Lobeira e o Amadis de Gaula lembrados a propósito.
- f) - Em 1385 é construído o claustro Gótico da Sé. Em fins do séc. XIV é começado a construir a actual Igreja do Most. de S. Francisco, em local diferente daquele em que esteve o primeiro Mosteiro. Funda-se em 1425 em Campanhã o Most. de Cônegos Seculares de S. João Evangelista (loios).
- g) - Os Procuradores do Porto nas Cortes do Reino: exemplos da sua intervenção decisiva em algumas dessas Cortes, e da sensatez dos seus Pedidos ou Agravos. (Nas Cortes de Évora 1481-82 pugna por que os portugueses dêem a preferência a navios nacionais quando tiverem de mandar vir carga para Portugal. G. Barros IV, 207).
- h) - O Porto e a crise política que levou ao Recontro de Alfar-

robeira (1449).

- 1) - D. Afonso V e o Porto. Batalha de Toro (1476), regresso do Rei, que se hospeda no Porto com o Príncipe D. João e o Alcaide de Castro Nuño. Funda-se o Mosteiro de N. S. da Conceição, de Matosinhos, com a protecção de D. Afonso V. Fernão d'Alvares Baldaia e Fernão Luís, burgueses portuenses, empregados por Afonso V em missões diplomáticas no estrangeiro.
- 2) - Conflitos da Cidade com o Bispo D. Luís Pires. Conflito entre o Convento de S. Domingos e a Confraria do Crucifixo.
- 3) - Judeus. Sucessivas Judiarias: a primitiva; a de Monchique (Cemitério e "Monte dos Judeus"); a do Olival. A vinda de 30 famílias de judeus de Castela, no tempo de D. João II: seu estabelecimento na Judiaria do Olival. Manoel Aboab. A tolerância dos portuenses para com os judeus e o agradecimento de D. Manuel por ocasião do Motim contra os Cristãos-Novos, em Lisboa (1506).
- 4) - A característica principal deste período: privilégios e liberdades do Concelho do Porto em todo o seu pleno vigor; confirmação desses privilégios pelos monarcas e sua defesa acérrima pelos burgueses. O "Livro Grande" da Cidade, certidão de documentos da Torre do Tombo, requerida e paga pelo Concelho do Porto em 1447-53, para comprovação das bases jurídicas das suas liberdades e direitos. Episódios mais típicos da luta com os fidalgos; oposição ao desejo do futuro Duque de Bragança, de construir um Paço no Porto;

questões graves com os Coutinhos e os Pereiras, da Terra da Feira. Estabelecimento do Morgado dos Ferreiras, no Carregal (P.L.V, 267). Atitude dos reis perante aqueles conflitos.

- m) - Interpretação da animadversão que os burgueses tinham desde muito à residência dos fidalgos no Porto. Portuenses nobilitados, alguns dos quais foram origem de grandes famílias. Os Cárnes. Os Caminhas. Os Câmaras. Os Garcezes. Os Motas. Os Teives. Os Carneiros: António Carneiro, escrivão de Afonso V, D. João II e D. Manuel, e Secretário Geral do Reino em 1509. Os Brandões, contadores mores.
- n) - Chegado por mar ao Porto duns arménios fugidos de Constantinopla com as relíquias de São Pantalão (c. de 1453). Trasladação para a Sé das relíquias desse Santo (1499) que passa a ser o Padroeiro da Cidade. Nesse fim de século (1490) é fundado no intramuros da cidade do Porto, no sítio então chamado Cividade e onde havia a Capela de N. S.^a da Consolação de Violante Afonso, o Mosteiro de Santo Eloi de Cónegos Evangelistas.
- o) - Independência e autonomia municipais do Porto no séc. XV. Vida municipal. Juizes de Fora. Os mesteirais e a Casa dos 24. Rendas municipais. Sistemática oposição do Concelho à saída dos géneros de alimentação: feroz municipalismo. Os guardas-mores da Saude designadas pela Câmara.
- p) - Breves referências aos Bispos do Porto deste período, especialmente a D. Antão Martins de Chaves, portuense, que veio

a morrer Cardial, em Roma (1447), onde reedificou o Hospital de Santo António dos Portugueses e repousa em sumptuoso mausoleu na Basílica de S. João de Latrão.

Grandiosa e desastrosa

Do apogeu da riqueza e da glória

A denominação X^{ta} lisina.

(séc. XVI e XVII até 1640)

- a) - Carácter geral deste período.
- b) - Aspecto geral e topografia do Porto nos fins do séc. XV, princípios do séc. XVI. Novas ruas. A Rua das Flores, sua construção, seus primeiros moradores. Outras ruas mais importantes do Porto. A "Terre da Marca" (cerca de 1543) e seus objectivos. Estrangeiros, privilégios dos flamengos, alemães, etc.
- c) - Visita solene de D. Manuel I ao Porto em 1502. O rei pretende abolir o privilégio da cidade quanto à exclusão dos fidalgos. Reacção dos burgueses e restabelecimento do privilégio. Seu progressivo enfraquecimento. Vai esmorecendo a oposição da cidade à residência dos fidalgos, até que cai em desuso na 2.^a metade do séc. XVI.
- d) - Assistência. Fundação da Santa Casa da Misericórdia (1499-1502). Tentativa gorada de D. Manuel para a fundação de um grande Hospital (1502). O "Pons Vitae". Fusão de várias albergarias e hospitais antigos na Misericórdia (1521). Estabelecimento desta instituição na Rua das Flores (1530-

LIVRO IV

Grandeza e decadência

- e) - Reforma de 1517: direitos fiscais da Coroa e da Igreja portugueses. Reforma do Foral de Gaia em 1518. Do apogeu da riqueza e da glória a denominação filipina.
- f) - Reforma (Séc. XVI e XVII até 1640) a declaração régia expressa de que só com a assistência dos procuradores do povo teriam validade as deliberações da Câmara sobre assuntos de interesse popular. Estabelecimento definitivo dos Juizes de Fora; triunfo no Porto da política de centralização do poder real; aliança dos vassallos entre os indivíduos e com o Poder Central (7). Ativos com que o Porto construiu, seus primeiros moradores. Outras ruas mais importantes do Porto. A "Torre da Marca" (cerca de 1543) e seus objectivos. Estrangeiros, privilégios dos flamengos, alemães, etc.
- g) - Aspecto religioso. Tribunal do Santo Offício no Porto, em 1543). Auto de fé único, em 14-2-1543. Suspensão da Inquisição em 1544; - actividade inquisitorial de 1544, do Porto em 1547; actividade inquisitorial no Porto em 1547, 1548, 1549, 1550, 1551, 1552, 1553, 1554, 1555, 1556, 1557, 1558, 1559, 1560, 1561, 1562, 1563, 1564, 1565, 1566, 1567, 1568, 1569, 1570, 1571, 1572, 1573, 1574, 1575, 1576, 1577, 1578, 1579, 1580, 1581, 1582, 1583, 1584, 1585, 1586, 1587, 1588, 1589, 1590, 1591, 1592, 1593, 1594, 1595, 1596, 1597, 1598, 1599, 1600, 1601, 1602, 1603, 1604, 1605, 1606, 1607, 1608, 1609, 1610, 1611, 1612, 1613, 1614, 1615, 1616, 1617, 1618, 1619, 1620, 1621, 1622, 1623, 1624, 1625, 1626, 1627, 1628, 1629, 1630, 1631, 1632, 1633, 1634, 1635, 1636, 1637, 1638, 1639, 1640, 1641, 1642, 1643, 1644, 1645, 1646, 1647, 1648, 1649, 1650, 1651, 1652, 1653, 1654, 1655, 1656, 1657, 1658, 1659, 1660, 1661, 1662, 1663, 1664, 1665, 1666, 1667, 1668, 1669, 1670, 1671, 1672, 1673, 1674, 1675, 1676, 1677, 1678, 1679, 1680, 1681, 1682, 1683, 1684, 1685, 1686, 1687, 1688, 1689, 1690, 1691, 1692, 1693, 1694, 1695, 1696, 1697, 1698, 1699, 1700, 1701, 1702, 1703, 1704, 1705, 1706, 1707, 1708, 1709, 1710, 1711, 1712, 1713, 1714, 1715, 1716, 1717, 1718, 1719, 1720, 1721, 1722, 1723, 1724, 1725, 1726, 1727, 1728, 1729, 1730, 1731, 1732, 1733, 1734, 1735, 1736, 1737, 1738, 1739, 1740, 1741, 1742, 1743, 1744, 1745, 1746, 1747, 1748, 1749, 1750, 1751, 1752, 1753, 1754, 1755, 1756, 1757, 1758, 1759, 1760, 1761, 1762, 1763, 1764, 1765, 1766, 1767, 1768, 1769, 1770, 1771, 1772, 1773, 1774, 1775, 1776, 1777, 1778, 1779, 1780, 1781, 1782, 1783, 1784, 1785, 1786, 1787, 1788, 1789, 1790, 1791, 1792, 1793, 1794, 1795, 1796, 1797, 1798, 1799, 1800, 1801, 1802, 1803, 1804, 1805, 1806, 1807, 1808, 1809, 1810, 1811, 1812, 1813, 1814, 1815, 1816, 1817, 1818, 1819, 1820, 1821, 1822, 1823, 1824, 1825, 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832, 1833, 1834, 1835, 1836, 1837, 1838, 1839, 1840, 1841, 1842, 1843, 1844, 1845, 1846, 1847, 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1853, 1854, 1855, 1856, 1857, 1858, 1859, 1860, 1861, 1862, 1863, 1864, 1865, 1866, 1867, 1868, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877, 1878, 1879, 1880, 1881, 1882, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887, 1888, 1889, 1890, 1891, 1892, 1893, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 2680, 2681, 2682, 2683, 2684, 2685, 2686, 2687, 2688, 2689, 2690, 2691, 2692, 2693, 2694, 2695, 2696, 2697, 2698, 2699, 2700, 2701, 2702, 2703, 2704, 2705, 2706, 2707, 2708, 2709, 2710, 2711, 2712, 2713, 2714, 2715, 2716, 2717, 2718, 2719, 2720, 2721, 2722, 2723, 2724, 2725, 2726, 2727, 2728, 2729, 2730, 2731, 2732, 2733, 2734, 2735, 2736, 2737, 2738, 2739, 2740, 2741, 2742, 2743, 2744, 2745, 2746, 2747, 2748, 2749, 2750, 2751, 2752, 2753, 2754, 2755, 2756, 2757, 2758, 2759, 2760, 2761, 2762, 2763, 2764, 2765, 2766, 2767, 2768, 2769, 2770, 2771, 2772, 2773, 2774, 2775, 2776, 2777, 2778, 2779, 2780, 2781, 2782, 2783, 2784, 2785, 2786, 2787, 2788, 2789, 2790, 2791, 2792, 2793, 2794, 2795, 2796, 2797, 2798, 2799, 2800, 2801, 2802, 2803, 2804, 2805, 2806, 2807, 2808, 2809, 2810, 2811, 2812, 2813, 2814, 2815, 2816, 2817, 2818, 2819, 2820, 2821, 2822, 2823, 2824, 2825, 2826, 2827, 2828, 2829, 2830, 2831, 2832, 2833, 2834, 2835, 2836, 2837, 2838, 2839, 2840, 2841, 2842, 2843, 2844, 2845, 2846, 2847, 2848, 2849, 2850, 2851, 2852, 2853, 2854, 2855, 2856, 2857, 2858, 2859, 2860, 2861, 2862, 2863, 2864, 2865, 2866, 2867, 2868, 2869, 2870, 2871, 2872, 2873, 2874, 2875, 2876, 2877, 2878, 2879, 2880, 2881, 2882, 2883, 2884, 2885, 2886, 2887, 2888, 2889, 2890, 2891, 2892, 2893, 2894, 2895, 2896, 2897, 2898, 2899, 2900, 2901, 2902, 2903, 2904, 2905, 2906, 2907, 2908, 2909, 2910, 2911, 2912, 2913, 2914, 2915, 2916, 2917, 2918, 2919, 2920, 2921, 2922, 2923, 2924, 2925, 2926, 2927, 2928, 2929, 2930, 2931, 2932, 2933, 2934, 2935, 2936, 2937, 2938, 2939, 2940, 2941, 2942, 2943, 2944, 2945, 2946, 2947, 2948, 2949, 2950, 2951, 2952, 2953, 2954, 2955, 2956, 2957, 2958, 2959, 2960, 2961, 2962, 2963, 2964, 2965, 2966, 2967, 2968, 2969, 2970, 2971, 2972, 2973, 2974, 2975, 2976, 2977, 2978, 2979, 2980, 2981, 2982, 2983, 2984, 2985, 2986, 2987, 2988, 2989, 2990, 2991, 2992, 2993, 2994, 2995, 2996, 2997, 2998, 2999, 3000, 3001, 3002, 3003, 3004, 3005, 3006, 3007, 3008, 3009, 3010, 3011, 3012, 3013, 3014, 3015, 3016, 3017, 3018, 3019, 3020, 3021, 3022, 3023, 3024, 3025, 3026, 3027, 3028, 3029, 3030, 3031, 3032, 3033, 3034, 3035, 3036, 3037, 3038, 3039, 3040, 3041, 3042, 3043, 3044, 3045, 3046, 3047, 3048, 3049, 3050, 3051, 3052, 3053, 3054, 3055, 3056, 3057, 3058, 3059, 3060, 3061, 3062, 3063, 3064, 3065, 3066, 3067, 3068, 3069, 3070, 3071, 3072, 3073, 3074, 3075, 3076, 3077, 3078, 3079, 3080, 3081, 3082, 3083, 3084, 3085, 3086, 3087, 3088, 3089, 3090, 3091, 3092, 3093, 3094, 3095, 3096, 3097, 3098, 3099, 3100, 3101, 3102, 3103, 3104, 3105, 3106, 3107, 3108, 3109, 3110, 3111, 3112, 3113, 3114, 3115, 3116, 3117, 3118, 3119, 3120, 3121, 3122, 3123, 3124, 3125, 3126, 3127, 3128, 3129, 3130, 3131, 3132, 3133, 3134, 3135, 3136, 3137, 3138, 3139, 3140, 3141, 3142, 3143, 3144, 3145, 3146, 3147, 3148, 3149, 3150, 3151, 3152, 3153, 3154, 3155, 3156, 3157, 3158, 3159, 3160, 3161, 3162, 3163, 3164, 3165, 3166, 3167, 3168, 3169, 3170, 3171, 3172, 3173, 3174, 3175, 3176, 3177, 3178, 3179, 3180, 3181, 3182, 3183, 3184, 3185, 3186, 3187, 3188, 3189, 3190, 3191, 3192, 3193, 3194, 3195, 3196, 3197, 3198, 3199, 3200, 3201, 3202, 3203, 3204, 3205, 3206, 3207, 3208, 3209, 3210, 3211, 3212, 3213, 3214, 3215, 3216, 3217, 3218, 3219, 3220, 3221, 3222, 3223, 3224, 3225, 3226, 3227, 3228, 3229, 3230, 3231, 3232, 3233, 3234, 3235, 3236, 3237, 3238, 3239, 3240, 3241, 3242, 3243, 3244, 3245, 3246, 3247, 3248, 3249, 3250, 3251, 3252, 3253, 3254, 3255, 3256, 3257, 3258, 3259, 3260, 3261, 3262, 3263, 3264, 3265, 3266, 3267, 3268, 3269, 3270, 3271, 3272, 3273, 3274, 3275, 3276, 3277, 3278, 3279, 3280, 3281, 3282, 3283, 3284, 3285, 3286, 3287, 3288, 3289, 3290, 3291, 3292, 3293, 3294, 3295, 3296, 3297, 3298, 3299, 3300, 3301, 3302, 3303, 3304, 3305, 3306, 3307, 3308, 3309, 3310, 3311, 3312, 3313, 3314, 3315, 3316, 3317, 3318, 3319, 3320, 3321, 3322, 3323, 3324, 3325, 3326, 3327, 3328, 3329, 3330, 3331, 3332, 3333, 3334, 3335, 3336, 3337, 3338, 3339, 3340, 3341, 3342, 3343, 3344, 3345, 3346, 3347, 3348, 3349, 3350, 3351, 3352, 3353, 3354, 3355, 3356, 3357, 3358, 3359, 3360, 3361, 3362, 3363, 3364, 3365, 3366, 3367, 3368, 3369, 3370, 3371, 3372, 3373, 3374, 3375, 3376, 3377, 3378, 3379, 3380, 3381, 3382, 3383, 3384, 3385, 3386, 3387, 3388, 3389, 3390, 3391, 3392, 3393, 3394, 3395, 3396, 3397, 3398, 3399, 3400, 3401, 3402, 3403, 3404, 3405, 3406, 3407, 3408, 3409, 3410, 3411, 3412, 3413, 3414, 3415, 3416, 3417, 3418, 3419, 3420, 3421, 3422, 3423, 3424, 3425, 3426, 3427, 3428, 3429, 3430, 3431, 3432, 3433, 3434, 3435, 3436, 3437, 3438, 3439, 3440, 3441, 3442, 3443, 3444, 3445, 3446, 3447, 3448, 3449, 3450, 3451, 3452, 3453, 3454, 3455, 3456, 3457, 3458, 3459, 3460, 3461, 3462, 3463, 3464, 3465, 3466, 3467, 3468, 3469, 3470, 3471, 3472, 3473, 3474, 3475, 3476, 3477, 3478, 3479, 3480, 3481, 3482, 3483, 3484, 3485, 3486, 3487, 3488, 3489, 3490, 3491, 3492, 3493, 3494, 3495, 3496, 3497, 3498, 3499, 3500, 3501, 3502, 3503, 3504, 3505, 3506, 3507, 3508, 3509, 3510, 3511, 3512, 3513, 3514, 3515, 3516, 3517, 3518, 3519, 3520, 3521, 3522, 3523, 3524, 3525, 3526, 3527, 3528, 3529, 3530, 3531,

1560), ida da Capela de Sant'Iago do "claustro velho" da Sé.

- e) - Reforma do Foral do Porto, em 1517: direitos fiscais da Coroa e da Igreja portuense. Reforma do Foral de Gaia em 1518.
- f) - Reforma da Casa dos 24 em 1518: e declaração régia expressa de que só com a assistência dos procuradores do povo teriam validade as deliberações da Câmara sobre assuntos de interesse popular. Estabelecimento definitivo dos Juizes de Fora; triunfo no Porto da política de centralização do poder real. Eleição dos Vereadores entre os indivíduos escolhidos pelo Poder Central (?). Altivez com que o Porto falava aos Reis e modos paternos com que os Reis falavam aos seus povos.
- g) - Aspecto religioso. Tribunal do Santo Ofício no Porto, em 1543). Auto de fé único, em 14-2-1543. Suspensão da Inquisição em 1544; - extinção definitiva do Trib. do Porto em 1547; animadversão com que no Porto lutou. Cristãos novos.
- j) - Diogo da Paz e outros Pazes. Procissões. Abusos que os Bispos procuraram suprimir. Constituições Sinodais de 1496 (D. Diogo de Sousa); de 1540 (D. Baltazar Limpo) e de 1585 (D. Fr. Marcos de Lisboa).
- h) - Sanidade e abastecimentos. Porcos na viapública. O imundo Rio da Vila. Posturas para limpeza das ruas. "O acordão de 1613 é um código abreviado de prescrições sanitárias" (R. J. San. do P., 91). A Câmara, Provedor Mor de Saúde da Ci-

dade. Pestes no Porto no séc. XV e XVI. A "Torre de Pero Sem". O Lazareto de Vale de Amores. As crises agrícolas: fomes. Portuenses, feitores portugueses, na Flandres: um deles, Manuel Cirne, socorre a sua cidade em 1541 na ocasião duma grande fome. Açougue dos Bispos. Açougue do Povo.

- 1) - Os Portuenses e as navegações e conquistas ultramarinas. Alusão a João Gonçalves Zarco, de Matosinhos em 1425, um dos povoadores da Madeira, Pero Vaz de Caminha, o que lavrou o "Auto do descobrimento do Brasil e da sua posse para a Coroa portuguesa", no 1.º de maio de 1500. Tomé Lopes e a Relação da segunda viagem de Vasco da Gama à Índia, em 1502. Brás Cubas e o seu grande papel de Patriarca da colonização do Brasil. Os P. es Belchior e João Nunes Barreto, evangelizadores da Índia. O Padre Inácio de Azevedo, mártir da Fé. O padre Cristóvão de Gouveia, Visitador do Brasil, e nomeado bispo do Japão (+ com 80 anos, em 1622). Henrique Garcês Cónego da Sé do México (1591). O interesse dos portuenses pelo Brasil (o Padre Simão de Vasconcelos): emigração de Portuenses para o Brasil no séc. XVI. Porto (Duas cidades II, 104). Fortificação da costa marítima.
- j) - Influência dos descobrimentos na transformação dos costumes. O luxo. A vaidade. As "Senhorias". Moralidade e costumes portuenses no séc. XVI. Pregação do Padre Francisco Estrada (1543). Exemplos de figuras veneráveis: Padre Agostinho de Trindade (loio, 1518-1603), sua santidade. Frei António de Madureira (prior de S. Domingos de Benfica), 1532-1638, seu saber e virtudes. Restos da riqueza dos portuenses em 1609 revelados pelo Registo feito em cumprimento da Pragmática contra o luxo, daquele ano. Privilégios

a esse respeito do "Cidadão do Porto" (sentenças a seu favor), confirmadas por Filipe II.

- k) - O Porto e o Renascimento. Rodrigo Alvares imprime no Porto em 1498 (?) o primeiro livro em português que se imprimiu em Portugal; impressores que trabalharam no Porto no séc. XVI. Marcial de Gouveia, Mestre de Gramática no Porto; outros Mestres de Gramática. Portuenses nas Universidades estrangeiras e na de Coimbra. O Dr. João de Barros. O humanista e poeta João Rodrigues de Sá e Menezes, Diogo e Fernão Brandão, Henrique de Sá, poetas do Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende (grande favorecedor de letrados; o Bispo D. Rodrigo Pinheiro suas relações com João Rodrigues de Sá). Pero de Andrade Caminha. Uriel da Costa. Bernardo Ferreira de Lacerda. Seria natural do Porto (onde foi mercador) Diogo da Silva, o pai do imortal Diogo da Sylva Velasquez?

- l) - Ataques de piratas ou corsários franceses e ingleses aos navios portugueses: seus reflexos na Praça comercial do Porto (Duas cidades II, 104). Fortificação da costa marítima. D. Sebastião tira à Câmara do Porto a Capitania Mor da Cidade e dá-a a João Rodrigues de Sá (1568) (Duas cid. I, 102). Cargo de Capitão Mor confiado a D. Francisco de Sá, por alvará de 7-II-1579 (C. C. III, 35); - ao mesmo é dada a jurisdição que a Cidade tinha sobre "Leça, Matosinhos e Bouças"; e é feito Conde de Matosinhos.

- m) - No Couto de S. João da Foz (pertencente desde o séc. XIII ao Mosteiro Beneditino de Santo Tirso) começa a ser cons-

truída a Fortaleza, à entrada da Barra do Rio Douro, por ordem de D. Catarina, regente do reino na menoridade de D. Sebastião. Algumas palavras sobre a história daquele Couto.

n) - A catástrofe de Alcácer-Quibir em 1578: morte do Capelão-Mor do exército. o bispo do Porto D. Aires da Silva: cativo de Jerónimo de Mendonça Corte-Real; portuense, autor da Jornada de África. A Elegíada de Luís Pereira Brandão.

o) - D. Francisco de Sá de Menezes e D. Diogo Lopes de Sousa dois dos Governadores do Reino. 1579 - "O Tempo das alterações". O povo do Porto, é contra Filipe. O Capitão-Mor Pantaleão de Sá é favorável ao rei estrangeiro. Fuga do Bispo D. Simão de Sá Pereira e do Capitão-Mor. Atitude dúbia da Câmara e das mais altas autoridades da cidade. A princípio tomaram disposições para resistir ao invasor. Após o desastre da Ponte de Alcântara fazem aclamar Filipe II. Ataque e tomada do Porto pelo Prior do Crato em 30 de Setembro de 1580: fuga do novo Capitão Mor João Rodrigues de Sá. Repressálias exercidas por D. António no Porto. Entrada de Sancho de Ávila e fuga de D. António. Violências e afrontas exercidas pelos Castelhanos. Guarnição castelhana no Porto - depois, na periferia (Duas Cid. II, 110). Nova aclamação de Filipe II.

p) - Criação de novas freguesias intra-urbanas (1583). Criação do Tribunal e Casa da Relação (1582): os Governadores da Relação; os Sousas, Condes de Miranda do Corvo. Em 1597 é

trazida para a cidade a água de Paranhos. Construção do cais da Ribeira. Em 1611 é criada a Alameda da Porta do Olival, com os seus álamos e negrilhos.

- q) - Em 1599 rebenta a renhida "Contenda" entre a Cidade e o Conde de Penaguião (João Rodrigues de Sá e Menezes) sobre a Capitania-mor da Cidade. Prisão dos Vereadores em 1602 por não quererem entregar as chaves das portas da Cidade ao Capitão-mor Conde de Tarouca. O pleito só termina em 1623, sendo reconhecido à Câmara o direito de dar homenagem como antigamente, conservando à sua guarda as chaves da cidade, limitando-se o Conde a prestar a homenagem e juramento que davam os Capitães-Mores, conforme seu Regimento. A cidade pertencia o cuidado da sua própria guarda e defesa "por razão da Omenagem que dão" aos Monarcas, "como está julgado no tribunal do Paço a quem depois de litígio de Vinte e tres anos se cometeu a decisão desta causa": era essa uma antiga "preminência que somente foi concedida a esta cidade por notaveis E grandes serviços que fez ao Senhor Rey Dom Joam o primeiro em que se avantajou mais que todas as mais do Reino". Por tal motivo havia no Porto uma Companhia de Cidadãos e pessoas nobres, comandada pelo Vereador mais velho (Cortes de 1642, cap. 6), - separada das Companhias de Ordenanças, em que serviam os de classes inferiores.

- r) - Obras na Sé no tempo de D. Rodrigo Pinheiro (1567) (?); de D. Gonçalo de Moraes (1606), etc. Fundação do Mosteiro da Ave-Maria em 1518; sua história. Idem do Mosteiro de Monchique, em 1533. Idem do Mosteiro da Serra do Pilar (1539). Construção da Igreja de N. S. da Vitória, na rua de S. Miguel, em colaboração com os cristãos novos que daquela rua,

outrora pertencente à Judiaria do Olival, tinham ido estabelecer as suas lojas na Ribeira; conflito com D. Baltazar Limpo. Construção da Capela de N. S. de Agosto. Fundação do Mosteiro de Santo António dos Capuchos do Vale da Piedade (1569). Construção da Capela de N. S. da Batalha (1590). Fundação da Casa da Companhia de Jesus no Porto por S. Francisco de Borja (1560) e construção da nova Igreja (1570).
Cartela. Amizades dos navios ingleses (Drake, Essex, etc.)

- s) - A Companhia de Jesus em sua nova Casa e Igreja; inicia as aulas do seu Colégio; oposição dos portuenses (Acordo em Câmara (1624); e Cap. 19 das Cortes de 1641): Triunfo dos Jesuitas e grande frequência e eficiência desse ensino nos fins do séc. XVII. - A Misericórdia, recebendo a grande herança de D. Lopo de Almeida (falecido em 1580), constroem o Hospital de D. Lopo. Outros legados principalmente vindos do Oriente. - O Bispo D. Marcos de Lisboa e a Quinta do Prado. - Funda-se o Convento de S. Bento da Vitória (1589) ? - Funda-se o Convento dos Eremitas de Santo Agostinho, em S. João Novo (1592). A Arte Barroca no Porto: sua introdução. Em 1616-1622 funda-se o Convento dos Carmelitas Descalços, e em 1633 a Ordem 3.ª de S. Francisco, - sendo lançada no 1.º de Fevereiro de 1643 a primeira pedra da sua primeira igreja. As Vias Sacras. A Via Sacra que ia finalizar na Capela do Calvário Velho. Fugindo da Inquisição que intensifica a perseguição aos cristãos novos judaizantes (referência a alguns do Porto que foram presos) Uriel da Costa, com a família, retira para Holanda (1619).
inauguração da Independência Nacional. Ascensão de D. João IV
- t) - Atitude da Câmara do Porto em 1609 e 1611 perante as exigências da Câmara de Lisboa, quando se pensava que Filipe III

de Espanha visitasse Portugal; exequias na Sé Por alma de D. Margarida de Austria, em 11-XI-1611; contribuição em numerário paga pelo Porto para a visita que Filipe IV fez a Lisboa em 1619. Como a Câmara do Porto respondeu 'a de Lisboa quando esta a tratou por Vossa Mercê.

- u) - Navios e armadas para defesa da costa e para serviço de Castela. Ameaças dos navios ingleses (Drake, Essex, etc.) Armada Invencível (1588), etc. Socorros para defesa da Índia (1608, 1620, 1621, 1623, 1626, 1630) e para a do Brasil. Para a restauração da Baía, em 1624, D. Diogo Lopes de Sousa, 2.º Conde de Miranda do Corvo e Governador da Relação do Porto, apronta no Porto rapidamente onze navios. "Socorro de Pernambuco" em 1630-31: dinheiro, navios e homens. Apuros financeiros dos portuenses e da sua Câmara "pelos muitos pedidos e encargos que os reis de Castela sobre a Câmara e rendas della fizeram" (Cap. 15, Cortes 1641). O "Real d'Agua". Outros impostos e extorsões. Começo da construção dum forte "em hũa ponta da Costa do mar. Junto do lugar de Matosinhos" (Cap. 10 e 17 1b.). O "Motim das Maçarocas". (1629). "Flores de España y Excellencia de Portugal" (1628), do portuense António de Sousa de Macedo (n. 15-X-1606; n. 1-XI-1682), em que se afirma gritantemente o nacionalismo português.

- v) -O Bispo do Porto D. Rodrigo da Cunha e o seu Catalogo dos Bispos do Porto (antiga ideia de D. Gonçalo de Moraes). Restauração da Independência Nacional. Aclamação de D. João IV no Porto no dia 8 de Dezembro de 1640.

L I V R O V

RECONSTITUIÇÃO E OPULÊNCIA

Da crise da Restauração à prosperidade económica
do séc. XVIII (1640 a 1800)

- a) - Síntese deste período.
- b) - Os procuradores do Porto nas Cortes de 1641. Assuntos mais importantes dos seus Capítulos. Contribuição de Guerra. Cortes de 1642: capítulos do Porto. Cortes de 1646; idem. Cortes de 1649: que não funcionaram. Cortes de 1653: cabeção das sizas e "Alças" (cap.º 6.º). Cortes de 1676: capítulos do Porto.
- c) - Colaboração do Porto nas lutas da Restauração: colaboração militar criação dum corpo de tropas ou terço pago pela cidade (Cortes de 1676, cap. 11) 1659. Novo Terço em 1696. O Regimento da Cidade. Imposição do Subsídio militar (1710). Os dois Regimentos do Porto (1764). Pagamento da guarnição do Castelo da Foz (Cortes de 1676, cap. 13). Fortim ou Castelejo de Matosinhos (id. cap. 14). Castelo de S. Francisco Xavier do Queijo (séc. XVII). Defesa do Entre Douro e Minho e Trás os Montes. Colaboração financeira: as rendas da cidade, sisas, rsal sobre o sal (Cortes 1676, cap. 6, 18 e 1.º do aditamento); impostos. Reacção popular tumultuária contra o Papel Selado (1661): extinção e rápido restabelecimento da Casa dos 24. Novamente Casa da Moeda no Porto (164...): privilégios dos Moedeiros (cortes 1676, cap. 20º).
- d) - População do Porto. Higiene urbana. (R.J. San. 93) o primeiro Código de Posturas (12-II-1787). A cidade começa a

- expandir-se para além dos seus muros medievais: descrição do aspecto dos arrabaldes mais chegados do Porto nos meados do séc. XVII. melhoramentos na parte interna da cidade: a Alfândega, reconstruída sob D. Pedro II. O Terreiro do Trigo. Os novos cais da Ribeira (já dos fins do séc. XVI e princípios do séc. XVII...). É concluído o Castelo da Foz e construída a nova Igreja Matriz da freguesia. Fundação do Colégio dos Meninos Orfãos da Graça em 1651; a figura moral do Padre Baltazar Guedes. Fundação do Recolhimento do Anjo (1670) (?) e da Roda (1685). Idem do Convento de Santo António dos Congregados (1680); do Convento de Santa Tereza das Carmelitas Descalças (1704), construção da Capela do Calvário Novo quando a do Calvário Velho foi demolida para a construção daquele Convento. Capela de S. José das Taipas. Da Venerável Ordem Terceira de S. Domingos (1671) extinta por suas lutas com os Religiosos da mesma Ordem, em 15 de Abril de 1755, e fundação da Ordem 3.ª da S.S. Trindade nesse mesmo ano, estabelecimento destes 1.ª na Capela da Batalha e em seguida (1786) na Capela do Calvário Novo (P.L.V, 282). Em 1722 os Frades Antoninos de Santo António do Vale da Piedade constroem o seu Hospício, na Cordoaria (P.L.V.282). Nova Capela de S. Roque (1760), Capela do Snr. do Bonfim (por 1760). Reconstrução das Igrejas de Santo Ildefonso, de São Nicolau, Miragaia e Misericórdia.
- g) - Construção do Recolhimento do Ferro. O Padre Angelo Sequeira funda a primitiva Capela da Lapa por 1755: construção da actual Igreja (1803). O Padre Geraldo Ferreira funda a Capela e Irmandade de N. Snr.ª do Terço e Caridade (1775). Em 1783 é fundado o Mosteiro de Santo António da Cidade, cuja igreja tinha uma capela mor sumptuosa (P.L.). Após in-

cêndios que as destruíram, respectivamente em 1777 e 17..., são reconstruídas as igrejas do Mosteiro de São Domingos e da Ave Maria. Construção da Capela das Almas, em Santa Catarina. Confrarias de eclesiásticos, que se fusionam e dão a Irmandade dos Clérigos: construção da sua Igreja e respectiva Torre (1732-1736). Nicolau Nasoni e sua actividade e influência artística. Reforma da Sé do Porto, pela Sé Vaga de 1717-1742(?). Recolhimento das Orfãs, em S. Lázaro (1722). Instituição da Ordem 3.^a do Carmo (1736) e sua Igreja (1756-17...)? O Castelo de N. S. das Neves em Leça da Palmeira.

- e) - "A Praça Nova", junto da Fonte da Arca (1722) em terrenos cedidos pelo Cabido. Construção do Palacete de Manuel Moreira (?) Salazar, que em 1816 a Câmara compraria para a sua Domus Municipalis, e casas Nobres de D. Lourenço de Amorim. Quinta no arrabalde, hoje incluídos na zona central da cidade. O "bairro do Laranjal" Casa e Cadeia da Relação: construção, ruína e novo edifício. Forca de Mijavelhas em 1714 mudada para fora dos muros da Ribeira, sobre o cais; em 1725 toma-se assento em Câmara (?) à cerca das ruas por onde haviam de passar os padecentes. A "Companhia da Bomba"
- f) - Governadores das Armas e Governadores das Justiças (Reb. da Costa). Juntas de competências que se travaram entre eles e a Câmara (cap. 7, Cortes 1653 no liv. de Sande).
- g) - Entrada de vinhos de quem os tinha da sua lavra, sem pagarem taxa: posturas (Cortes 1653, cap. 8). Os alealdamentos. Saída de géneros (Cortes 1653, cap. 5 e sua resposta; Cortes 1676, cap. 12). Pão das rendas dos moradores do Porto (Cortes 1676, cap. 23). Construção do Celeiro da Cidade (pouco antes de 1715). Estrageiros. Importação de bacalhau. Na-

vegação e comércio para o Brasil em decadência no Séc. XVII; causas; remédios que se pedem (Cortes 1653, cap. 10); Cortes de 1676, cap. 4 e 5). Renascimento e desenvolvimento do comércio e indústria, no séc. XVIII (R. da C.). Corporações de artes e ofícios. Estaleiros do Porto; sua renascente actividade.

- h) - Luxo: reclamações do Porto nas Cortes de 1676, cap. 22 -. Clérigos e pessoas eclesiásticas, com armas proibidas, etc. (Ib. ad. to cap XII) e Constituições do Bispado - Estrageiros residentes no Porto (ib. XV), e seus cônsules. No séc. XVIII eram os ingleses que davam o tom da sociedade do Porto(Link). Afluência crescente de moradores, inclusivamente motivada pelo terremoto de Lisboa de 1755.
- 1) - Comércio dos Vinhos do Porto. Primeira notícia oficial de exportação de Vinho do Porto para Inglaterra, em 1678. Feitoria inglesa no Porto. Tratado de Metween (1703): resultado quanto ao Comércio dos Vinhos do Porto questões entre produtores nacionais e compradores ingleses nos meados do séc. XVIII: sugestão do biscainho D. Bartolomeu Pancorbo, negociante de vinhos do Porto, e do dominicano Frei João de Mansilha para a fundação da Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, e aprovação dessa ideia por Sebastião José de Carvalho e Melo. Fundação da Companhia (1756): economia dirigida; prerrogativas megestáticas da Companhia. Motim do Porto contra esta em 1757; a Alçada e as suas ferozes sentenças. Extinção da Casa dos 24 (restabelecida em 1795). Progresso da exportação do Vinho do Porto, não só para Inglaterra como para outros países.. A Companhia prospera e faz prosperar o Douro e o Porto: suas iniciativas e comparticipação em importantes realizações de ordem econó-

mica, social e cultural da cidade.

- j) - Modernização do Porto. Criação da Junta de Obras Públicas. O Governador João de Almada e Melo, é seu primeiro presidente. Na área do Porto Velho, intra-urbana, rasgam-se a nova Praça da Ribeira e a Rua de São João; constroi-se a nova Capela de S. Roque, dotam-se as ruas da cidade com os primeiros passeios laterais; Teatro do Corpo da Guarda; na área extra-urbana, surge o Porto moderno, com um plano de urbanização para o bairro do Laranjal. Abertura da Rua do Almada, de Santo António, cometo da de Santa Catarina. A acção de D. Francisco de Almada e Mendonça. Edifícios públicos que se lhe devem, entre eles a construção do Real Teatro de São João (1794); segundo Balbi aí se apresentaram mulheres em cena, quando tal não era permitido em Lisboa), e (depois da tentativa dum ferry-boat invenção de Bento de Moura Portugal) e ousado projecto da Ponte de Pedra, num só arco sobre o Douro, dos Guindais à serra do Pilar (1804), que por não ter efeito foi substituída pela Ponte das Barcas. A Casa Pia e seus objectivos iniciais (Liv. 50 Prop. fls. 178). D. Francisco de Almada e a sua luta contra os vadios, gatumos e salteadores. Matadouro transferido do bairro da Sé para as Fontainhas. Feiras do Porto no séc. XVIII. (P.L. VII, 292). Opiniões, sobre o Porto, de alguns visitantes estrangeiros.
- k) - Manifesta-se a prosperidade geral e das fortunas particulares no Porto (graças sobretudo ao comércio que se desenvolveu enormemente - fábricas de seda, panos, chitas, tabaco, cordoaria - R. da C.) pela construção de alguns dos mais importantes edifícios civis públicos e particulares da cidade: Palacete da Praça Nova, Palácio da Freixo (projecto

de Nasoni), dos Fidalgos da Fábrica, dos Pachecos Pereiras, "das Sereias", de S. João Novo, dos Carrancas (arquitecto o tio de Joaquim da Costa Lima Júnior P.V.N.M.doP. p. 185); o Paço Episcopal (planta de Nasoni ?), a Feitoria Inglesa (arqt.^o John Whettehead), o Hospital de Santo Antonio, do architecto John Carr, além da nova Relação, Teatro de S. João, Quartel do 18, etc.). Ourives do Porto; sua fama. A sua rua. Mestres entalhadores e suas principais obras.

- 1) - Cultura. Academias literárias a "Academia Instantânea" (seria no Porto ?), do Bispo D. Fernando Correia de Lacerda; a "Arcádia Lusitana Portuense", de que foi protector João de Almada. Colégio dos Orfãos e Recolhimento de Orfãos da N. S. da Esperança. Expulsão dos Jesuitas: no edificio do "Colégio de S. Lourenço", que foi entregue à Universidade de Coimbra, instalam-se os Padres Agostinho Descalcos (Grilos), "desde 1749 estabelecidos no Porto no Colégio ou Hospício contíguo à antiga Capela de Santo Ovídio, cujo nome se estendeu à rua e Largo próximo" (Mons. II, 368). Os Professores Régios, criados por Pombal. Escola do Terço. Os Oratonianos. A Casa Pia, Aula de Náutica (Dec. 30 de Julho de 1762), à custa do imposto pago pelos negociantes portuenses, sendo os fundos administrados pela Companhia dos Vinhos; criação da Aula de Desenho (1780). Fundação da Real Academia de Comércio e Marinha (1803). O ensino da Medicina e Cirurgia no Hospital de D. Lopo "Escola da Porta do Olival..." de pintura, de Domingos Vieira, em que ensinou João Pillement. "Academia Pública do Campo das Hortas". João Glama Stoverle. Tentativas para introduzir o jornalismo médico, as primeiras em Portugal, realizadas no Porto por Manuel Gomes de Lima (Bezerra?): O Zodiaco Médico Delphico ou Lusitano-Delphico

- (749) órgão da Academia Medico-Portopolitana ou Academia dos Escondidos; Francisco Fernando de Lima - Gazeta Literária (1761) e Diário Universal de Medicina, Cirurgia, Farmácia, etc. (1764); José Bento Lopes. Anno Médico (1792); etc. A "Real Academia Cirurgica Portuense" de Gomes de Lima (1759). Tipografias do Porto nos séc.XVII e XVIII.
- m) - Portuenses do séc. XVII e XVIII, ilustres na Política, na Religião, nas Ciências, nas Letras e nas Artes. António de Sousa de Macedo. Fr. Manuel da Esperança. Escultor Manuel Pereira. Padre Manuel Pereira de Novais, Fr. Fernando da Soledade, Fr. Luís dos Anjos (?). D. Nicolau Monteiro. P.e Baltazar Guedes. D. Luís de Sousa. Tomás Pinto Brandão. Abade António da Costa. António Manuel Luís Vieira, generalíssimo na Rússia. Frei José Mayns, fundador dum Museu de História Natural (na Academia das Ciências), Dr. João Pedro Ribeiro. Dr. António Ribeiro dos Santos. Francisco Vieira Portuense. José Teixeira Barreto. Manuel Marques de Aguiar. Teodoro Maldonado. Costa Lima, discípulo do Arquitecto John Whitehead, consul inglês no Porto. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, nasce em 4 de Fevereiro de 1799.
- n) - Lista dos Bispos deste período e notícia dos mais notáveis. Constituições. Sinodais de D. João de Sousa (1687). D. Nicolau Monteiro, D. Tomás de Almeida, D. Frei José Maria da Fonseca e Évora: sua entrada faustosíssima (1743) e conflitos em que andou envolvido. Passagem de espanto de D. Gaspar de Bragança, primaz das Espanhas (1759) (P.L.V.p.). Desmembramento do Bispado do Porto para dar origem ao efémero bispado de Penafiel (1770-1778). D. João Rafael de Mendonça (1771-1793) e a construção do Paço Episcopal.
- o) - Costumes sociais. Aristocracia e Burguesia. Divertimentos:

"partidas" de jogo; bailes; "fúrias do rio". Outeiros e Abadessados. O Abade de Jazente no Porto. A "roda dos Almadás" "Alcipe no Porto. Procissões. Romarias. Teatro. Quebra. de Escudos. Festejos por ocasiões de regosijo oficial por casamentos ou nascimentos de príncipes. Opiniões de visitantes estrangeiros coevos sobre a sociedade portuense.

- p) - Cosmopolitismo do Porto nos meados do séc. XVIII. Troca de ideias. Insinuação das doutrinas dos Enciclopedistas. Clubes Maçónicos, e sua perseguição pelas justiças.

- q) - ... do Porto ... (1794), Bloqueio Continental. ... de Novembro de 1807 e D. Francisco de S. Carlos e Carlos no Porto com 10.000 espanhóis. O Porto ... 2.º Regimento do Porto é dissolvido ... da Rainha. Revolta do Porto em 18 de Maio de 1808, e expulsão de Junot. A 2.ª invasão francesa ... de 1809. Expulsão de Junot pelas tropas ... novo braço de armas do Porto. 1811. Reorganizado o 2.º Regimento do Porto, toma parte na guerra ... e entra em 1814 na França perseguindo as tropas napoleónicas. Sem comportamento ao combate. Desbanda no Porto. Nicolas Trant, cardeal ... governador militar do Porto e arredores na quinta das freguesias.
- r) - Em 1819, Garrett, em férias no Porto, escreve a poesia ALFAMA, de que abusa os costumes britânicos de sua cidade natal, costumes que "ele detestava então, principalmente por causa do odiado jogo inglês" (2.ª ed., I, 189).
- s) - Revolução de 24 de Agosto de 1820. Suas causas e objectivos. Junta Provisional do Supremo Governo do Reino. Primeiro Manifesto da Revolução. Reporção do Porto aos senhores de Lisboa até à morte de D. João VI. Revolução da Carta Magna.

LIVRO VI

CINQUENTA ANOS DE SOFRIMENTO E DE LUTAS

- d) - 2.º Cerco Das invasões francesas à guerra civil (1794-1852)
- a) - Carácter geral deste período.
- b) - Aproxima-se a tormenta napoleónica. O 2.º Regimento do Porto toma parte na Campanha do Rossilhão (1794). Bloqueio Continental. Junot entra em Lisboa em Novembro de 1807 e D. Francisco de Taranco e Liano no Porto com 10.000 espanhóis. O Porto sob Junot. O 2.º Regimento do Porto é dissolvido afrontosamente nas Caldas da Rainha. Revolta do Porto em 18 de Junho de 1808, e expulsão de Junot. A 2.ª invasão francesa: Soult no Porto em 1809. Expulsão de Soult pelas tropas anglo-lusas. Honroso novo brasão de Armas do Porto, 1813. Reorganizado o 2.º Regimento do Porto, toma parte na guerra Peninsular e entra em 1814 em França perseguindo as tropas napoleónicas. Seu comportamento em campanha. Seu Regresso ao Porto. Nicolau Trant, correctíssimo governador militar do Porto e morador na Quinta das Águas-Férreas.
- c) - Em 1819, Garrett, em férias no Porto, escreve a poesia AS FÉRIAS, em que ataca os costumes britânicos da sua cidade natal, costumes que "ele detestava então, principalmente por causa do odioso jugo inglês" (C. d'A. I, 149).
- d) - Revolução de 24 de Agosto de 1820. Suas causas e objectivos. Junta Provisional do Supremo Governo do Reino. Triunfo incruento da Revolução. Repercussão no Porto dos sucessos de Lisboa até à morte de D. João VI. Juramento da Carta Cons-

titucional imposta do Porto por Saldanha, Governador das Armas (1826). Revolta de 16 de Maio de 1828 contra o absolutismo. Junta Provisória. A "Belfastada". A Alçada e o castigo sangrento (1829).

- d) - O Cerco do Porto. Desembarque das tropas liberais. O povo destrói as forças da Praça Nova. Linhas de defesa. Episódios do Cerco. As tropas e os civis. Batalhões nacionais, móveis e fixos de todos os habitantes, de 18 a 50 anos. Os estrangeiros do exército de D. Pedro. Combates mais importantes. Erro tactico dos sitiantes, não isolaram o Porto de mar. Atitude das mulheres portuenses durante o Cerco; a figura do "Rei soldado"; a fome, o cólera, as bombas, os incêndios..., os divertimentos, as reuniões e as festas. Palmela, Vila Flor, Sá da Bandeira, Saldanha, Solignac, Sertorius, Shaw, Schwalbac, Hodges, Badcock, Napier, Coronel Owen. Derrota da esquadra miguelista no Cabo de Santa Maria - no decurso da expedição saída do Porto e que levou o futuro Duque de Terceira com as suas tropas ao Algarve. Bourmont, o prestigioso "vencedor de Argel", assume o comando das forças que cercavam o Porto. Saldanha obriga-o a levantar o cerco, já depois de D. Pedro ter ido para Lisboa. Visita de D. Pedro com D. Maria II ao Porto. Morte do Duque de Bragança, que em sinal de reconhecimento deixou o seu coração à Cidade a que deu o título de Invicta (novo brasão de armas do Porto 1833 e 1834) (?).
- e) - Agitação política. Discórdias de partidos. o Setembrismo: Passos Manuel, de Bouças, "le roi Passos" 1836-1838. Constituição de 1838. José da Silva Passos na Presidência da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Porto. Em 1842 (27 de Janeiro) o ministro Costa Cabral vem ao Por-

to e restaura a Carta Constitucional.

Revolta do Minho (ou da Maria da Fonte) em 1846, queda de Costa Cabral, Conde de Tomar, "emboscada de 6 de Outubro", prisão no Porto do Duque de Terceira, enviado pelo Governo como delegado da Rainha nas províncias do Norte e organização da Junta Provisória do Governo Supremo do Reino. A "Patuleia" Intervenção estrangeira: general D. Manuel de la Concha. Convenção de Gramido, de 29 de Junho de 1847.

- f) - Ideias revolucionárias da França de 1848 e sua repercussão na Itália. Exílio e morte, no Porto, do Rei Carlos Alberto, da Sardenha (Abril a Agosto de 1849).
- g) - O Conde de Tomar outra vez no Poder. Saldanha revolta-se e vendo que não é secundado põe-se a caminho da Galiza, mas no Porto José Vitorino Damásio promove uma revolta militar que triunfa, vindo Saldanha por-se à frente do movimento, a que foi dado o nome de Regeneração (1851): Acto Adicional à Carta Constitucional-1852.
- h) - "O grande aldeão que chamam Porto" segundo Garrett. Aspecto da cidade ao fim do cerco. Antes do Cerco iniciou-se a construção do actual edifício da Faculdade de Ciências; inaugurou-se a iluminação pública com candeeiros de purgueira; em 1828 começou a ser aberta a rua da Restauração, que primeiro teve o nome de D. Miguel I. Para a Praça Nova mudou a Câmara Municipal, em 1819, a sua séde; ida da Casa Pia, para onde fora do Convento dos Grilos, depois que abandonara, por eminência de ruína, a "Casa da Senado" de ao pé da Sé. A estatua do Porto da Domus Municipalis e o "Porto" que desde épocas imemoriais existia no velho bairro da Sé. Em 1820 foi demolido o Arco de Sant'Ana. Em 1822 foi demolida a Força permanente da Ribeira, e as execuções passaram a ser feitas

- na Cordoaria em força volante e de madeira. O Adro dos Enforcados foi transferido de junto das muralhas da Porta do Olival para a Rua dos Carrancas e depois para a cerca do Hospital de Santo António. Após o Cerco são em 1839 codificadas pela Câmara as suas Posturas estabelecidas por acordo para manter a limpeza, polícia e ordem geral (R.J. San. do P. p. 95). Pela supressão dos Conventos, a maioria dos respectivos edifícios passou a ter outras aplicações. A Guarda Municipal substitui a Guarda Real da Polícia. O novo Mercado do Anjo; o do Bolhão. Outras feiras e mercados (J.M.P. Pinto). O dos "Ferros Velhos" Asilo de Mendicidade na Quinta das Águas Férreas (1846). Alargamento da área urbana. Projectos de numerosas ruas novas, abertura de muitas delas. O Faubourg Saint-Antoine. Novo bairro do Bonjardim. Jardim de S. Lázaro. O Palácio da Bolsa. Cemitério do Prado do Repouso (1839). Ponte pênsil (1842). Em 1840 o Matadouro é removido das Fontainhas para o Monte Pedral.
- 1) - Decadência do comércio até ao fim do cerco. Início rápido da Reconstituição económica: reanimam-se os negócios. Inicia-se a era do industrialismo. Ferreira Borges: Associação Comercial e a sua divisa - Labor et libertas urgent nos: A Associação Industrial do Porto. O Comércio dos Vinhos do Porto. Bancos: Caixa Filial do Banco de Lisboa; Banco Comercial, etc., Estalagens e Hoteis, Correio, Comunicações com Lisboa.
- j) - Reformas políticas e administrativas da liberalismo. As primeiras medidas das Cortes de 1821: o antigo Foral do Porto. Reformas do Mousinho da Silveira: Suas consequências perniciosas para as finanças da Igreja e do Município portuenses

Queixas infructuosas da Câmara aos governos e dificuldades financeiras daquela.

- k) - Jornalismo e política. Partidos. Grande efervescência de ânimos. A acção pacificadora do Bispo D. Jerónimo Rebelo. Jornais e jornalistas. O "folhetim". O primeiro jornal noticioso do Porto: o Leal Português. O Diário do Porto obrigado a sair no tempo de Soult. Outros jornais.
- l) - O sisma religioso na Diocese do Porto (1832-1843). Breve referência aos bispos portuenses deste período e à questão do sisma.
- m) - Beneficência e assistência. Recolhimento das Meninas Desamparadas do Postigo do Sol e Seminário das Meninas Desamparadas, criações motivadas pelas invasões francesas. Dona Maria Isabel Van Zeller e a suacruzada da vacinação anti-variolica. Asilo da Mendicidade.
- n) - Cultura - Seminário Diocesano (1801). Régia Escola de Cirurgia (1825). Biblioteca Pública. Museu do Porto, Academia das Belas Artes. As reformas do ensino de Passos Manuel: inestimáveis serviços que o Porto lhes deve. A Academia Politécnica. A Escola Medico-Cirúrgica. O Liceu. Após 1820 abrem-se muitos Colégios particulares para rapazes e para raparigas que pouco depois são obrigados a fechar as suas portas. Renascem após 1833. O Liceu da Lapa de que era director Joaquim da Costa Ramalho Ortigão (1846 ?). O Colégio Inglês, de Miss Bown para meninas, na Rua do Rosário, que em 1852 estava no Largo do Coronel Pacheco, dirigido por Miss Hennesey. Outros Colégios. Professores particulares nacionais e estrangeiros. Música: Francisco Euário da Costa. Pintura. Augusto Roquemont.

A "Sociedade das Ciências Médicas e de Litteratura do Porto"

(1833). Sua revista, "Repositório literário" da dita Sociedade (1834). "O Museu". "Annaes da Sociedade Literária Portuense" (1837). Revista Estrangeira (1837). "A Gazeta Médica do Porto" (1842-1853). Outras revistas. Sociedade Jurídica (?).

- o) - A Sociedade portuense. Transformação dos costumes burgueses após 1820. Sua imitação dos costumes da aristocracia. Adopção de modas importadas da França. Protestos do poeta António Joaquim de Mesquita e Melo em favor da "mantilha". Imprecações contra a "mantilha" do poeta Garrett, em 1819. Romanticismo no Porto, entre 1830 e 1851; seus diversos aspectos. O Lírico. O Café Guichard, etc.

- e) - Elevado índice de mortalidade no Porto: suas causas principais. As varações passam a não se interessar pelo saneamento urbano, que caberá sob obrigação da autoridade distrital e da delegação do câmar (R.F.Sus. de P.99). Guilherme da Figueira de 1855 e de 1869. A renovação das imundícios. As áreas negligenciadas dos povos. As "ilhas". A mortalidade infantil e os "doentes das Enxetadas". Campanha de limpeza promovida contra a instituição de "Roda". Luta pela higienização da cidade. O médico Francisco Assis e Sousa Vas e o seu trabalho na região. Dr. José Francisco Aires de Gouveia e o trabalho de higiene. Amostragem da cidade com a água

L I V R O VII

A Policia Civil (1869).

ACERTANDO O PASSO COM O PROGRESSO DA REGENERAÇÃOA REPÚBLICA (1851 a 1910)

- a) - Aspecto geral deste período.
- b) - Descrição sumária do aspecto da cidade durante a segunda metade do séc. XIX. A classificação dos três bairros do Porto, de Júlio Dinis. A iluminação a gás (1856). Os antigos "Passos" das ruas do Porto. Remoção dos cruzeiros da via pública e resistência do povo a essa medida. Cemitério de Agramonte. Novas ruas com Francisco Pinto Bessa na Presidência da Câmara, e com Correia de Barros. Monumentos a D. Pedro V e D. Pedro IV. Em 1855 foi demolido o Arco de Vandoma; em 1870 a Porta do Sol; pouco depois a capela de Santo António de Penedo e a de S. Roque. A construção da Nova Alfândega, e a do Mercado do Peixe, na Cordoaria. Alamedas (P.L.VII, 441). O Jardim da Cordoaria. O largo de Aguardente. A estrada da Circunvalação (1893) ? (1872).
- c) - Elevado índice da mortalidade no Porto. Suas causas principais. As vereações passam a não se interessar pelo saneamento urbano, que entendem ser obrigação da autoridade distrital e da delegação de saúde (R.J.San. do P.99). Códigos de Posturas de 1855 e de 1869. A renovação das imundícies. As águas inquinadas dos poços. As "ilhas". A mortandade infantil e as "Rodas dos Engeitados". Campanha de ilustres portuenses contra a instituição da "Roda". Luta pela higienização da cidade. O médico Francisco Assis e Sousa Vaz e a sua benemérita acção. Dr. José Frutuoso Aires de Gouveia Osório e Ricardo Jorge. Abastecimento da cidade com a água

do rio Sousa. Progressivo melhoramento da limpeza pública. A Polícia Cívica (1865).

- d) - Desenvolvimento e aperfeiçoamento dos serviços municipais, criação de novos serviços. Os Bombeiros e Guilherme Gomes Fernandes. Laboratório Municipal e o Prof. Ferreira da Silva. Serviços de Saúde e Higiene e Ricardo Jorge. Reorganização dos Serviços de Limpeza Pública. O Saneamento é confiado pela Câmara a um engenheiro e o levantamento da Carta da Cidade.
- e) - Serviços de Correios e Telégrafos. A mala-posta cede o lugar aos Caminhos de Férre: a estação das Devesas (linha para o sul); a do Pinheiro (linha do Minho e Douro); a da Boavista (linha da Póvoa). A Ponte de D. Maria Pia; sua inauguração em 4 de Novembro de 1876. A Ponte de D. Luís I; sua inauguração em 31 de Outubro de 1826. A questão da Estação Central: demolição do Convento de São Bento da Ave-Maria para no seu lugar ser construída a referida Estação (1899-1905)? Transportes colectivos urbanos. A iniciativa do Barão da Trovisqueira. As duas Companhias Carris (1872). Sua fusão. O contrato de 1906. A barra do Douro, tentativa de melhoramento. O porto artificial: começo da sua construção em Leixões. O Posto de desinfecção de Leixões: Lançamento da primeira pedra (Ms. 1818 - auto enviado pela Associação Comercial).
- f) - Principais indústrias. Principais fábricas. O comércio dos vinhos do Porto. Os "brasileiros" na balança do comércio e na economia portuense. Bancos. Companhias. Tipografias (Anselmo de Moraes e a Imprensa Portuguesa; Costa Carregal e a Imp....) etc.
- g) - Assistência e beneficência. A caridade particular: Miseri-

córdia: Estabelecimento humanitário do Barão de Nova Sintra, Instituto de Surdos-Mudos, Hospital de Convalescentes da Prelada, Asilo de Cegos de S. Manuel, Sanatório de Rodrigues Semide, etc. Outros estabelecimentos Hospitalares e instituta de beneficência (Q -3-61). Casa de Saúde do médico Joaquim José Ferreira (S. Lázaro). O Posto Médico, da Rua de D. Pedro e Cancela Velha. Assistência do Estado: Hospital Militar da Boavista (1862). Assistência da Câmara e da Junta Geral do Distrito.

- h) - Palacetes principais do Porto, na 2.ª metade do séc. XIX. Construção da Capela de Carlos Alberto (1854). O Teatro Baquet (1858) e outros Teatros; (da Trindade, de Santa Catarina, Variedades, Camões, D. Afonso; Príncipe Real, Carlos Alberto). O Palácio de Cristal Portuense (1865). O Palácio da Bolsa, conclusão.
- i) - A Câmara compra aos herdeiros de João Allen o seu Museu e cria o Museu Municipal do Porto (P.L.v. 252). A campanha do Museu, Rocha Peixoto, Joaquim de Vasconcelos e outros. Transferência do Museu da Rua da Restauração para o edifício da Biblioteca em S. Lázaro (hoje as suas colecções estão depositadas no Museu Nacional de Soares dos Reis (Dec. 27.878, de 21-VII-937), transferido por essa data para o Palácio dos Carrancas). O Grémio Artístico Portuense e a revista Arte Portuguesa. "Sociedade de Instrução do Porto". Sua revista pedagógica (1881). Suas realizações. - "A geração do Positivismo" - Teófilo Braga, Júlio de Matos, Amorim Viana. Positivismo - revista científica do Prof. Júlio de Matos e Teófilo (1878-1879). - A "Revista Científica", dos Prof. Ricardo Jorge, Miguel Artur da Costa Santos e Cândido de Pinho. Gazeta Homeopática Portuense (1853) a 66), Boletim de

Pharmácia e Revista de Pharmácia (1857) Archivos da História da Medicina Portuguesa (1886-1887). Gazeta Médica do Hospital Geral SanSanto António (1859), Revista de Medicina e Cirurgia do Hospital da Misericórdia do Porto (1887), Medicina Moderna (1894). A Sociedade Camoneana e a sua actividade. A Sociedade de Geografia do Porto e a Sociedade de Geografia Comercial do Porto. A Sociedade de Carlos Ribeiro e a sua revista. A Portugália; notável papel desempenhado por esta revista na cultura portuguesa.

j) - O espírito da associação do Porto (J.A.Vieira) Associações de toda a espécie. Sociedade de recreio e cultura. Da Sociedade Nova Euterpe ao Ateneu Comercial do Porto; a sua obra cultural; a sua Biblioteca.

k) - Estabelecimentos de ensino. A Politécnica. A Escola Médico Cirúrgica. A Escola de Belas Artes. O Liceu. O Instituto Industrial e comercial, que teve origem na Escola Industrial fundada pela Associação Industrial do Porto. A Escola Comercial Oliveira Martins, fundada pela Associação Comercial. A Escola Popular de Canto, de Jacopo Carti, fundada pela Câmara Municipal. A Academia de Música, fundada pela Direcção do Palácio de Cristal. Colégios particulares de maior nome.

l) - Música e seus cultores no Porto. Ópera no "S. João". Artur Napoleão, José Cândido, Miguel Ângelo, João António Ribas e seus filhos Hipólito e Nicolau Ribas. Carlos Dubbini. Marques Pinto, Romanoff Salvini. Sá Noronha. Silvestre. Canêdo. José Francisco Arroio, seu irmão Francisco e seu filho João Arroio. Ciríaco de Cardoso, Alves Rente, Soller etc. Concertos populares e Ópera no Palácio de Cristal. O "Grupo dos Cinco" da música no Porto, entre os quais e

como mais notável Bernardo Valentim Moreira de Sá. Reuniões musicais em casa do Visconde de Vilar d'Allen, de João António de Miranda, etc. Das que se faziam em casa de J.A. de Miranda saiu a "Sociedade de Quartetos" de Música de Câmara - a primeira quanto à data e importância em Portugal. O Orfeão Portuense e os seus serviços. Guilhermina Suggia, Oscar da Silva e Luís Costa.

- m) - Pintura: Artistas do Porto ou que no Porto viveram: Tadeu Maria de Almeida Furtado, Francisca de Almeida Furtado, José Alves Ferreira de Lima, Francisco José Resende, João Baptista Ribeiro, João e Guilherme Correia, Antonio Silva Porto, António Carneiro (de Amarante) Artur Loureiro, Júlio Ramos, Júlio Costa, Marques Loureiro, Aurélio de Sousa, Cândido da Cunha, José de Brito (do Alto Minho), Acácio Lino, Alberto Ayres de Gouveia, etc.
- n) - Escultura - Soares dos Reis, Tomás Costa, Teixeira Lopes - pai e filho, - os Couceiros.
- o) - Letras: poetas, romancistas, oradores, investigadores históricos, economistas, jornalistas, etc. José Gomes Monteiro, D. Maria Felicidade do Couto Brown, D. Maria Peregrina de Sousa, A. A. Teixeira de Vasconcelos, D. Antonio Aires de Gouveia, Francisco Xavier de Novais, Evaristo Basto, A. A. Soares Passos, Arnaldo Gama, António Coelho Lousada, Alexandre Braga, D. Ana Augusta Plácido, António Moutinho de Sousa, Pinheiro Caldas, Nogueira de Lima, Guilherme Braga, Urbano Loureiro, Borges de Avelar, Rodrigues de Freitas, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Ramalho Ortigão, Carlos Lopes (Pedro Ivo) e seu filho Dr. José Carlos Lopes, Joaquim Guilherme Gomes Coelho (Júlio Dinis), Ernesto Pinto de Almeida, Júlio Lourenço Pinto, Sousa Viterbo, Alberto Pimentel,

Joaquim de Vasconcelos, José Pereira Sampaio (Bruno), Basílio Teles, António Nobre, Raul Brandão, José de Figueiredo, Agostinho de Campos, Alberto de Oliveira, Augusto Gil, António Patrício, Carlos Malheiro Dias, Alberto Bessa, etc. Com Garrett, na primeira metade do séc. XIX, com Ramalho, na 2.ª metade, o Porto foi o berço dos principais autores da renovação literária e estética do nosso país.

Livrarias. A Moré; a de Cruz Coutinho; a Chardron; etc.

- p) - Agitação ideológica. O anti-clericalismo e os seus jornais. Congresso Católico, no Palácio de Cristal, em 1871. Fundação da Associação Católica e de "A Palavra". Tumultos à porta da Sé em 1875, 76 e 77. O Centenário do Marquês de Pombal (1882). "A questão da Capela de Santo António", de Aguardente (1885). O Cardeal D. Américo; sua Pastoral contra o Protestantismo (1878); A Associação Liberal do Porto (1885 ou desde Antes).
- q) - A Janeirinha (1.ª de Janeiro de 1868); o jornal O Primeiro de Janeiro (outros jornais do tempo, referência ao Nacional, Jornal do Porto, A Actualidade, O Comércio do Porto, O Jornal de Notícias, A Voz Pública, etc. Oliveira Martins e o Cenáculo das Águas-Férreas. "A Província" e a Política da Vida Nova. O incêndio do teatro Baquet. O "Ultimatum" inglês: a academia do Porto, a Liga Patriótica do Norte, a morte do sertanejo Silva Porto (suicídio de Camilo). Revolução do 31 de Janeiro e seus resultados; o discurso do Bispo Aires de Gouveia nas Câmaras em Março de 1891. O Centenário henriquino: primeira exposição colonial, desafio, ou "luta" de foot-ball entre lisboetas e portuenses, corridas de bicicletas, etc. A Peste bubónica (1899); a "epedemia da peste e da maledicência"; mete-se a política no caso; rege-

neradores e republicanos unidos contra progressistas fazem eleger três deputados republicanos pelo Porto em 1900: Afonso Costa, Paulo Falcão e Xavier Esteves. A questão Calmon (1900) e o bispo D. Antonio Barroso. O fim do século: costumes: O balão do Belchior. Os primeiros cinemas. Os primeiros automóveis. Touradas (duas praças de toiros). O primeiro avião. Agitação política. A "lista da cidade" da Câmara Municipal.

L I V R O VIII

- a) - O Porto de hoje - no ponto de vista demográfico, topográfico, económico e cultural.
- b) - O Porto de amanhã.

Documento 61

A hora que passa e a mulher de sempre. 1934 Maio 24. [Man.] AMB transcreve a crítica de Tomás Colaço, no seu jornal *Fradique*, (Ano I, nº16), Lisboa. (EF).

Fradique - Anno I, nº 16
24 de Maio 1934
Pag. 4 - Critica Litteraria

"A hora que passa e a mulher de sempre"
conferencia de A. de Magalhães Basto

Raras vezes terei lido ou ouvido, em Portugal, uma conferencia tão integralmente bem feita, como esta que em boa hora editou o Ateneu Commercial do Porto, - cuja Biblioteca tem um grupo de amigos dedicados. Uma conferencia deve ser profundamente estudada - e trazida a quem ouve sem nenhum aspecto de licca; mas deve ser apenas, vibrante e eloquente - fogue isso cabe a um discurso, sem apenas litteratura, que a transforme em capitulo ou estudo litterario. Deve sempre ter a coragem de parecer fútil e demandar o sorriso de quem a escuta mas sem parada de recursos humorísticos, mas como cuidado de prender seguramente a atencao. Entre dois sorrisos, um pensamento serio grava-se mais fundo, - porque surpreende o espirito em vez de o magoar como uma moza mantelada. Magalhães Basto, que se impoz na Faculdade de Letras do Porto, fundiu todas essas tonalidades subtilezas, na conferencia, sem favor brilhante, cuja leitura é aconselhavel, como fazer a todos os que leem; e, como licca, a todos os que fallam...

(a) *Fradique*

Santos da Cunha, Pres. Portos do Douro e Leixões **1954** Agosto 21 [Carta] para AMB.

364

Documento 63

Jantar/Homenagem a AMB, 1956 Março 24 [Prospecto+ discurso, 11 p.], pelos «Amigos do Porto», na AJHLP. (EF).



Ex.^{mo} Sr.

Dr. A. de Magalhães Paulo



Salão Nobre da ASSOCIAÇÃO DOS
JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS DO PORTO

24 — Março — 1956

Ementa

Sopa-creme

Filetes de peixe com arroz de marisco

Vitela assada com batatas

Fruta

Torta de chocolate

Vinhos de consumo

Vinho do Porto

Espumantes

Café



Srs. Presidentes,

Minhas senhoras e meus senhores:

A primeira e inalterável atitude do Dr. Artur Magalhães Basto perante o nosso desejo de publicamente lhe prestarmos a homenagem que neste momento lhe estamos prestando foi aquela que qualquer pessoa modesta tomaria:

- Por tudo lhes peço que desistam da vossa ideia. Homenagens prefiro merecê-las, sem as ter, do que tê-las, sem as merecer...

Não é o caso. O Dr. Magalhães Basto merece - e muito justamente merece - a homenagem que lhe estamos prestando. Nem ele tem que se envergonhar de a receber, nem nós temos que nos arrepender de lhe tributar.

Existe nesta nossa muito querida Cidade, ~~uma Associação Cultural~~, uma Associação Cultural, com o nome oficial de "Amigos do Porto". Quem mais indicado para promover esta reunião dos admiradores de Magalhães Basto do que os "Amigos do Porto"?/

Pois não é o notável autor do Porto do Romantismo um dos maiores Amigos da Cidade da Virgem, a respeito da qual tem escrito páginas memoráveis de evocação histórica? Não tem ele provado, por palavras e obras, que morre de amores pelo seu Porto?

A Cidade do Porto - graças a Deus! - tem muitos amigos do seu

progresso material e espiritual. Mas será temerário considerar Magalhães Basto um dos primeiros entre iguais? A resposta só pode ser uma - e necessariamente afirmativa.

Desde o dia em que Magalhães Basto começou a nascer para as tarefas literárias, podemos dizer que mais não tem feito do que escrever sobre a Cidade do Porto. A história do velho burgo nortenho não tem para ele segredos. Os documentos históricos relativos à nossa Cidade tratam-se tu cá tu lá com ele, e inversamente. Ninguém os frequenta com mais assiduidade. Ninguém lhes tem respirado a vestuta poeira com mais dedicação, com mais veneração e mais inteligência. Seus dedos estão calejados de tanto os folhear. Seus olhos estão cansados de tanto os decifrar. A sua argúcia de erudito investigador todos os dias revela documentos, que abrem clareiras sobre o passado do Porto.

Para sabermos bem o que somos, é necessário sabermos o que fomos. E não há aí mais perfeito cicerone do passado portuense do que o historiador ilustre que /é Magalhães Basto. Os materiais que, até hoje, ele já apurou - com severa crítica histórica - não preciosos, pela quantidade e qualidade. Muitos outros ele exumará ainda, com a sua paciência beneditina.

O trabalho de investigação e análise históricas, até agora realizado, é da mais alta valia. Sem dúvida. Mas é já tempo - e mais que tempo! - de Magalhães Basto meter ombros à publicação de uma obra de síntese - uma História monumental do Porto.

História monumental do Porto - dizemos nós, e dizemos bem. Temos fragmentos da História do Porto - não temos a obra em que

a Cidade da Virgem seja evocada nas suas várias vicissitudes, que se identificam quase com as do próprio Portugal. Aqui nasceu Portugal, aqui viveu Portugal alguns dos monumentos culminantes da sua História. Escrever, pois, a História do Porto, é contribuir, fundamentalmente, com pedras basilares, para o grande edifício da História nacional.

A elaboração da História monumental do Porto exige muito esforço, muita inteligência, e uma dedicação absoluta, incompatível com outras actividades.

Todos nós sabemos que uma das grandes aspirações do Dr. Magalhães Basto é escrever e publicar uma História do Porto de amplo fôlego, e comêssé certo aparato gráfico. Sairá tranquilo deste mundo - de bem consigo e com os homens - se conseguir realizar esse belo programa de historiador insigne.

Para a realização dessa tarefa altamente patriótica, há-de S. Exa^a precisar de uma boa turma de eruditos e artistas. Quando o veremos nós no desempenho dessa superior função de orientador dos afatigantes trabalhos a que naturalmente obriga a elaboração da História monumental do Porto, que ainda não temos, mas que precisamos de ter ?

Os "Amigos do Porto" fazem votos para que o ilustre historiador tenha, dentro em breve, o tempo necessário para se desobrigar de serviço tão prestimoso.

Michas
~~Meus~~ Senhoras: meus senhores:

Magalhães Basto é a probidade como historiador. E, por isso mesmo, não vai com a história "posta em arte". Detesta as fantasias, por mais brilhantes que estas sejam. Sabe, de ciência certa, que onde documentos não há, impossível é fazer história: pas de documents, pas d'histoire. Entende - e entende muito bem - que onde faltem documentos que ensinem (na raiz da palavra documento está o verbo docere, ensinar), e monumentos que advirtam/ (no étimo de monumento está o verbo monere, advertir), não há possibilidade de se estruturar sofrivelmente a obra histórica. Não leva à paciência os escritores que se deixam levar nas asas da fantasia, preenchendo as lacunas documentais, com os delírios da sua imaginação. E, como é natural, não ouve serenamente, certas ironiazinhas dirigidas - ainda que com bonomia - aos "acientes beneditinos que em suas celas, com bem humorada perseverança, tudo minuciosamente esquadrinham", e às "silenciosas toupeiras eruditas, que gastam a vida humilde nas sombras das abóbadas dos arquivos, a lurar, ^{a lurar,} para, num instante, nós outros (os que põem a história em arte) nos instruímos comodamente, com as pesquisas da sua longa e laboriosa existência".

O historiador Artur de Magalhães Basto, que tem consumido grande parte da sua vida a lurar, a lurar, investigando documentos em primeira mão, doeu-se, um tantocom essas referências, que embora não fossem pessoais, ele tomou para si. E comentava vão lá passados bons dezassete anos:

"Compreende-se muito bem que o público conheça mais, e preferentemente admire, os artistas, os architectos, os autores dos grandes quadros de empolgante e sugestiva evocação, tecidos por vezes, com roupagens de critica subjectiva, ou até de pura fantasia, e não ligue importância aos cabouqueiros que, sem aparato, prepararam os alicerces dos monumentos; mas nem por isso se deve recusar a estes o louvor que lhes seja devido" (1).

Meus senhores:

A nossa homenagem a Magalhães Basto, nesta noite, dirige-se principalmente ao historiador rigoroso, que investiga e interpreta os documentos com todos os requisitos da moderna critica histórica. Algures (2), aludiu o Prof. Hernâni Cidade à "prudência e objectividade científicas" de Magalhães Basto, como historiador. Esta opinião do catedrático de Lisboa, a respeito do seu antigo camarada na Faculdade de Letras do Porto, é a opinião de todos nós, relativamente à probidade do historiador a quem, neste momento,

ma!
→ to
his
Cudley
Conte

(1) Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, Março de 1939, pág. 10

(2) Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, t. XVII, 2ª série n.ºs 1-3, Lisboa, 1951, pág. 253

estamos endereçando palavras de justificadíssimo louvor.

Mas não é apenas historiador honesto, erudito, de arguto espírito crítico, que se dirige a nossa homenagem desta noite. Pretendemos levá-la mais longe. Neste momento, e com muito prazer, queremos aqui testemunhar, a Magalhães Basto, quanto o admiramos como homem de fino trato, como gentleman, como escritor elegante e espirituoso e - last, but not least - como antigo professor da Faculdade de Letras do Porto.

Na verdade, Magalhães Basto é homem com quem apraz conviver, pelas suas qualidades de homem primorosamente educado. Nunca nem por sombras !, nos esmaga com a sua superioridade mental. Conversar com ele, é receber alta lição de simplicidade. É, estruturalmente, um homem bom, de ~~corriço~~ acolhedor, de mão leal, que nos apraz apertar, num efusivo cumprimento. Com uma só voz, a Cidade do Porto diz o melhor que se pode dizer das excelsas qualidades de coração de Magalhães Basto.

Como escritor, Magalhães Basto, se outras obras ~~de~~ não nos deixasse bastaria que tivesse escrito O Porto do Romantismo, para firmar os seus créditos. O Porto do Romantismo, publicado em 1932, na Imprensa de Coimbra, é o livro de um escritor de estilo fluente (Magalhães Basto detesta a linguagem rebuscada), de comentários graciosíssimos, de notável ironia. Quem quiser ter uma visão panorâmica do Porto sentimental da quadra romântica do século passado, leia o livro magnífico a que nos estamos a referindo.

Homens e Casos notáveis de uma Geração, Figuras Literárias do Porto, colectâneas de primorosas leituras feitas por Maga-

lhães Basto na Emissão Nacional, constituem livros de fino
trabalho literário - e lê-los é fazer uma boa cura de espírito,
tanta é a sua leveza de estilo, tanta a sua graça espontâ-
neas.

Se quisessemos mencionar aqui todos os demais trabalhos
literários e históricos de Magalhães Basto, nunca mais aca-
baríamos. Contam-se boas duas dezenas - e todos eles são mo-
delos acabados de probidade intelectual; sim, porque a probidade
intelectual é uma das facetas mais características do perfil
de Magalhães Basto, como homem de letras.

A presença de Magalhães Basto é assinalada, no mundo culto do
Porto, com uma assiduidade que a ninguém passa despercebida.

Quem o não conhece do Primeiro de Janeiro, na secção familiar
de "Falam velhos manuscritos"? Quem o não conhece do Boletim Cul-
tural da Câmara Municipal do Porto? Quem o não conhece da co-
laboração do 1945 O Tripeiro, que ele, com invulgar competência,
dirige? Quem o não conhece da regência dos "Estudos Portuenses",
no Centro de Estudos Humanísticos? Em todos esses lugares nós
o encontramos - mas não só aí. O conferencista notável, que
ele é, meio mundo o reclama, - e hoje nesta agremiação cultural
amanhã naquela, lá o vemos, sempre ao serviço do Porto. "Sempre
ao serviço do Porto" - dizemos. É que o Porto é, para ele, mais
do que um tema, uma... teima!

Não seria aqui desapropositado lembrar também Magalhães Bas-
to como antigo professor da Faculdade do Porto - Faculdade pela
qual o Professor Doutor Amândio Tavares, Reitor Magnífico da
nossa Universidade, se vem batendo desde que, a bem dizer, assu-
miu a sua superior função de Reitor.

7

Aproveitamos a oportunidade para dizer que o Porto precisa de uma Faculdade de Letras - num grande Centro de Estudos humanísticos com categoria universitária.

Mas tornemos a Magalhães Basto, como professor da antiga Faculdade de Letras do Porto. A sua passagem pelo ensino universitário foi assinalada com a publicação de trabalhos que deixavam entrever um professor à altura das funções docentes que lhe eram confiadas. Os seus antigos alunos - e alguns aqui teremos neste jantar - são unânimes em afirmar que o seu Professor era o perfeito homem no devido lugar.

É tempo de concluir esta desataviada resenha dos méritos de um grande "Amigo do Porto" - apresentada por um homem que, incidentalmente e com fraca idoneidade, preside a Associação Cultural dos "Amigos do Porto".

É tempo de acabar, disse eu. É que eu sei de mais alguém que, neste lugar, quer dizer da sua admiração a Magalhães Basto - honrado homem de bem, grande figura de intelectual, e portuense ilustre.

Em conversa pelo telefone, e sempre na atitude de quem nos pedia que desistíssemos do nosso propósito, dizia-nos o Dr. Magalhães Basto que os ~~seus~~ 62 anos eram um número pouco redondo... Mais redondo seria o dos 65, ou o dos 70... E para então se deveria ~~deveria~~ adiar a homenagem - dado que não quisessemos desistir dela, e para sempre...

Isto de números redondos e números bicudos são coisas muito subjectivas... Estamos mesmo em dizer que, a partir da casa dos sessenta, todos os anos são bicudos... E o Dr. Magalhães Basto, que nos está ouvindo, já começa a saber isso mesmo,

através de algumas experiências dolorosas.

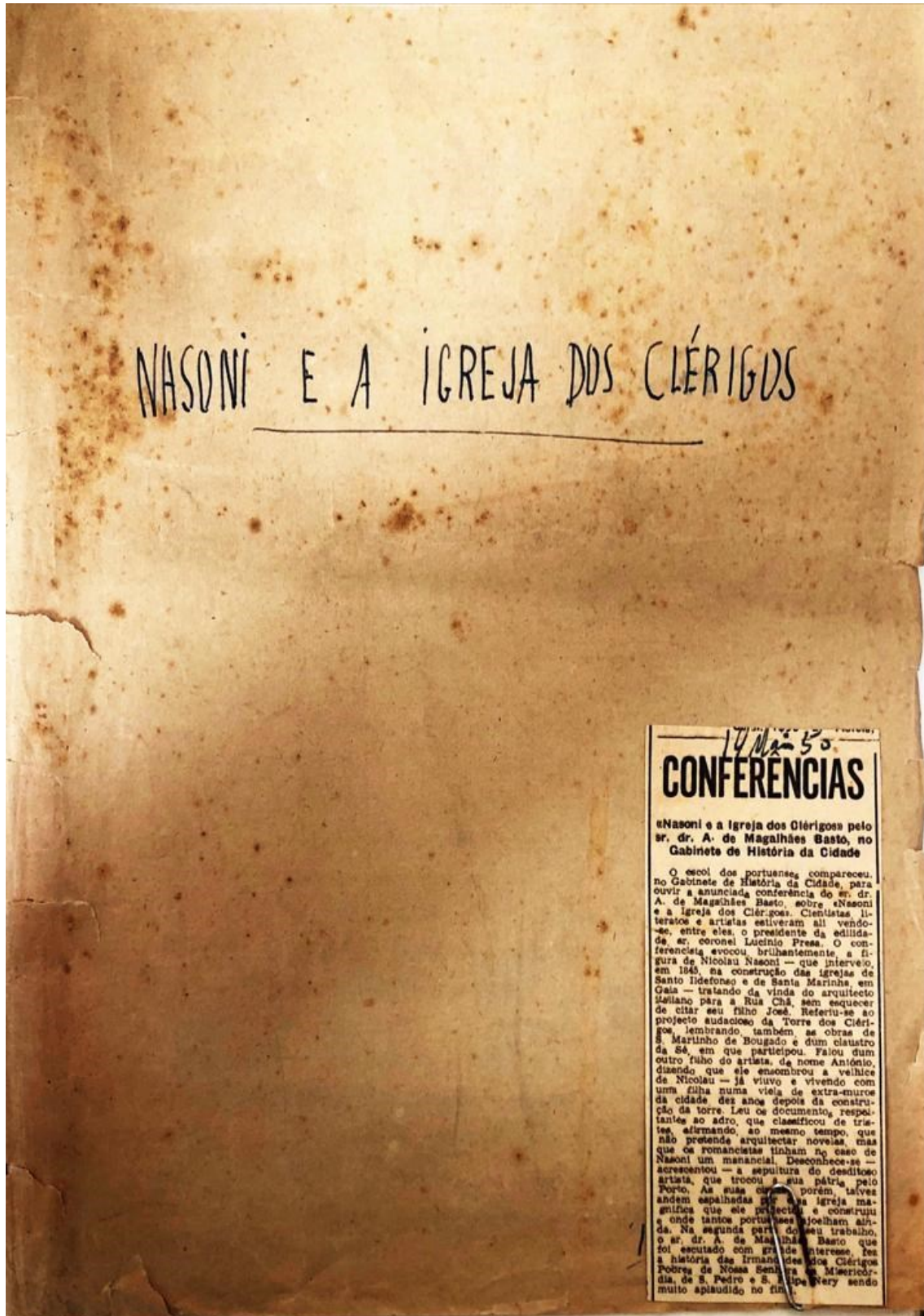
Somos incapazes de dar o dito por não dito. Os "Amigos do Porto" fizeram muito bem em aproveitar os 62 anos de Magalhães Basto para lhes festejarem. A nossa intenção é boa. Queremos que a lembrança de hoje - desta noite, em que ele tantos amigos e admiradores tem à sua volta lhe sirva de viático para o resto da sua existência, que desejamos seja longa, saudável e profícua - tão profícua como o tem sido até aqui.

É gostosamente que em nome dos "Amigos do Porto" levanto a minha taça, e bebo à saúde do Dr. Artur Magalhães Basto e de sua Família, pedindo a V.Exc^{as} que façam o mesmo.

Antônio Magalhães
Presidente da Associação Cultural Amigos do Porto.

Documento 64

Nasoni e a igreja dos Clérigos. 1950 Maio 14 Conf. no Gabinete de História da Cidade
[Capa+ Imprensa] (EF) Publicado.



Documento 65

“Antigos alunos da FLUP reunidos em almoço...” 1957 Jun.13. [Telegr.]. (EF).

O distribuidor entregará sempre um recibo quando tiver de cobrar qualquer taxa. Este telegrama deve acompanhar qualquer reclamação que se fizer sobre erros de transmissão ou demora na entrega.

Telegrama N.º 279
 PROF DOUTOR ARTUR MAGALHÃES
 BASTO SERVIÇOS CULTURAIS
 CAMARA MUNICIPAL PORTO =

PARA ABRIRE

Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones
TELEGRAMA

Linha ou mesa n.º 21.56
 Estação 21.56
 Entendido às 21.56
 Por 21.56

Nos telegramas recebidos pelos aparelhos impressores o primeiro número que figura depois da estação expedidora é o número de ordem; o segundo indica as palavras e os restantes designam a data e a hora da aceitação. A hora mencionada-se por um grupo de quatro algarismos: os dois primeiros indicam as horas e os dois últimos os minutos (0001 a 2400).

Número local	Categoria	Destino	Origem	Número de origem	Palavras	Data	Hora
L1393	P	TERREIRO DO PAÇO LISBOA	365 42 13 2050	=			

Via e outras indicações de serviço não taxadas

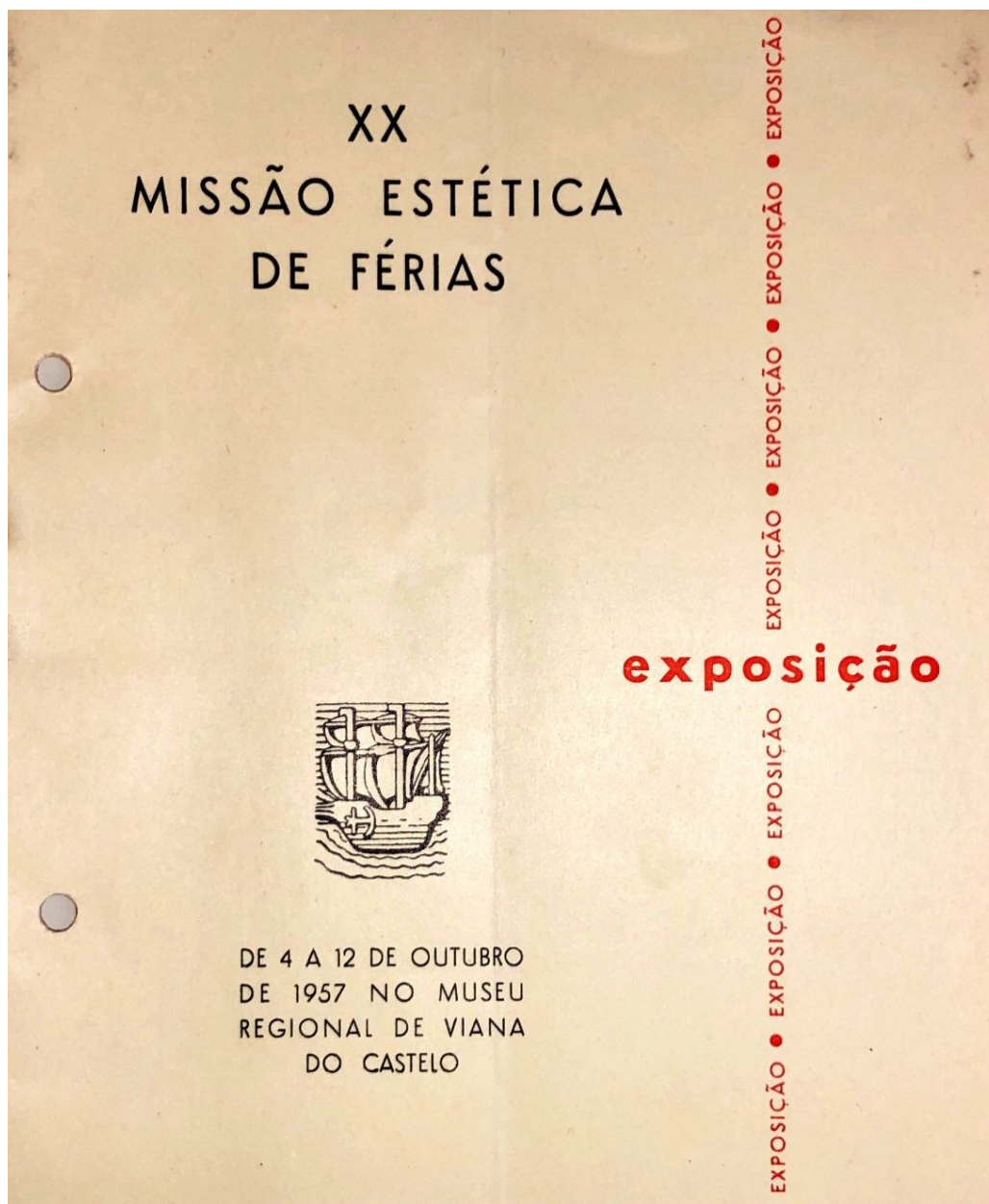
ANTIGOS ALUNOS FACULDADE LETRAS UNIVERSIDADE PORTO REUNIDOS EM ALMOÇO DE
 CONFRATERNIZAÇÃO CUMPRIMENTAM RECORANDO ESPLENDIDOS ENSINAMENTOS DE V EXA COMO SEU
 ILUSTRE PROFESSOR = ANTONIO LUIS GOMES MANDES CORREIA MANUEL ANTONIO
 FERNANDES CASTANHEIRA SAMUEL +

13-7-57
 13 JUN 57

Documento 66

«XX Missão Estética de Férias» 1957[Dossier] de AMB,

- a. Catálogo da Missão, em Viana (4 a 12 Out.1957, no Museu de V. Castelo).



CATÁLOGO

DOS ESTUDOS REALIZADOS EM VIANA DO CASTELO PELA
XX MISSÃO ESTÉTICA DE FÉRIAS, SOB A DIRECÇÃO DO
VOGAL DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES,
ABEL VIANA, DURANTE O ESTÁGIO EFECTUADO NESTA
CIDADE, NOS MESES DE AGOSTO E SETEMBRO DE 1957

Já em 1940 escolhera a Academia Nacional de Belas Artes esta linda cidade de Viana do Castelo para centro das actividades de uma das suas Missões Estéticas de Férias, a qual, sendo a IV, teve a proficiente direcção do Professor e Artista Joaquim Lopes.

Nela participaram treze estagiários, architectos, pintores e escultores, na maioria diplomados pelas Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto, cujas obras foram expostas primeiro na foz do Lima, depois na Capital.

Tornou esta cidade a acolher novo grupo de jovens artistas, agora apenas sete, dos cursos de pintura.

Viana e alguns pontos de seu distrito foram gratamente percorridos, na empenhada tarefa de fixar no cartão alguns de seus maravilhosos aspectos monumentais, etnográficos e paisagísticos, e desse amoroso peregrinar por terras do Alto Minho resulta a presente Exposição.

O público vianês lhe dispensará o interesse e a atenção de que são merecedores os simpáticos Artistas, dando, de tal modo, lógico remate ao ambiente de agrado com que os rodeou durante os dois meses do estágio.

Ao Ex.^{mo} Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo, Sr. Dr. José Gonçalves de Araújo Novo, ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Henrique Francisco dos Santos, ilustre Reitor do Liceu, e ao Pintor vianense, Sr. Carolino Ramos, a XX Missão Estética de Férias agradece toda a assistência que lhe foi generosamente prestada.

ABEL VIANA

a) Academia Nacional de Belas Artes 1957 Outubro 7[carta] para o Vogal AMB.


ACADEMIA NACIONAL
DE
BELAS ARTES

L.º 8 Pr.º 33
Of.º 8247

Roga-se a indicação na resposta,
dos números deste officio.

S. R.

Exm.ª. Senhor Dr. Artur de Magalhães Basto.
Dign.ª. Vogal da Academia Nacional de Belas Artes.

Realizou-se, este ano, a Missão (XX)E
tética de Férias, em Viana do Castelo, dirigida pe
Vogal Abel Viana, para a qual foram escolhidos cin
concorrentes da Escola de Belas Artes do Porto e da
da de Lisboa.

A Academia encarregou V.Ex.ª. de diri
gir a Exposição dos trabalhos dos estagiários que
se deve realizar-se numa das salas da Escola de Be
las Artes do Porto, a quem se irá officiar a fim de
lha solicitar.

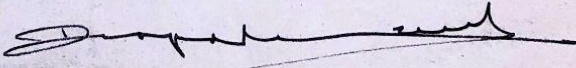
Os quadros seguirão, pelo domicílio,
depois de encerrada a Exposição em Viana do Castel
(termina em 12 do corrente), para a Escola de Bele
Artes.

Com subida consideração, me subscrev

A bem da Nação

Academia Nacional de Belas Artes, em 8 de Outubro d
1957.

O SECRETÁRIO

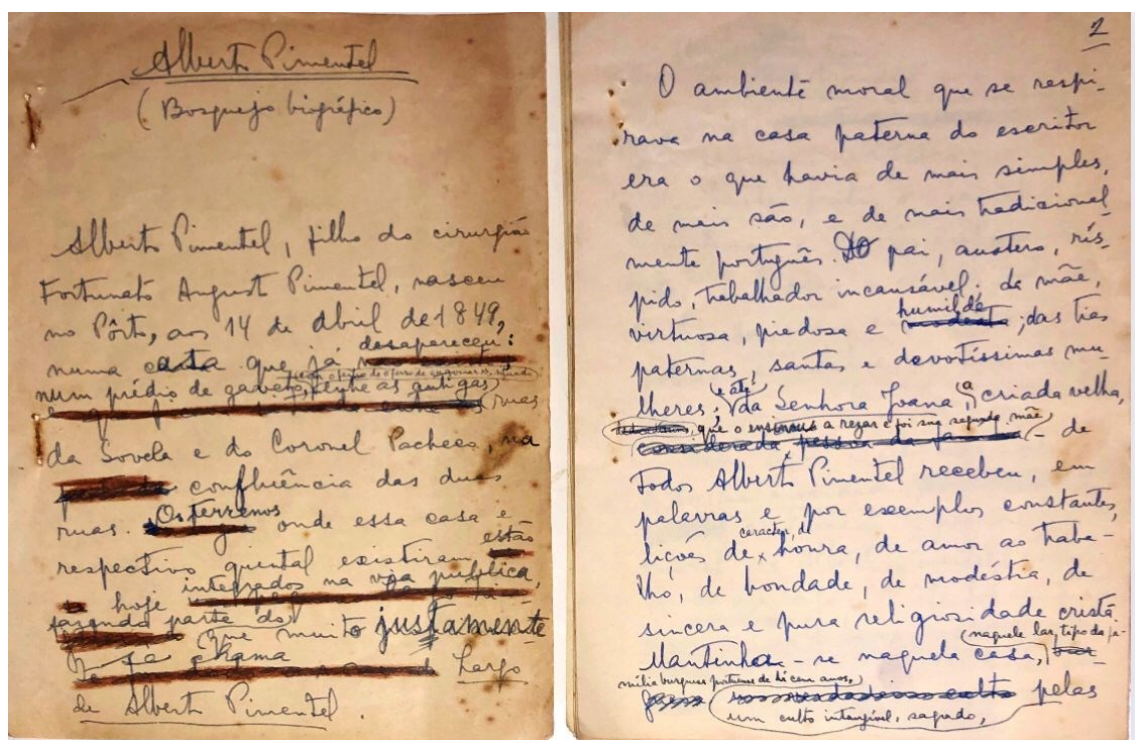


MJC

P. V. A. — 4.000 ex. — 7-12-56

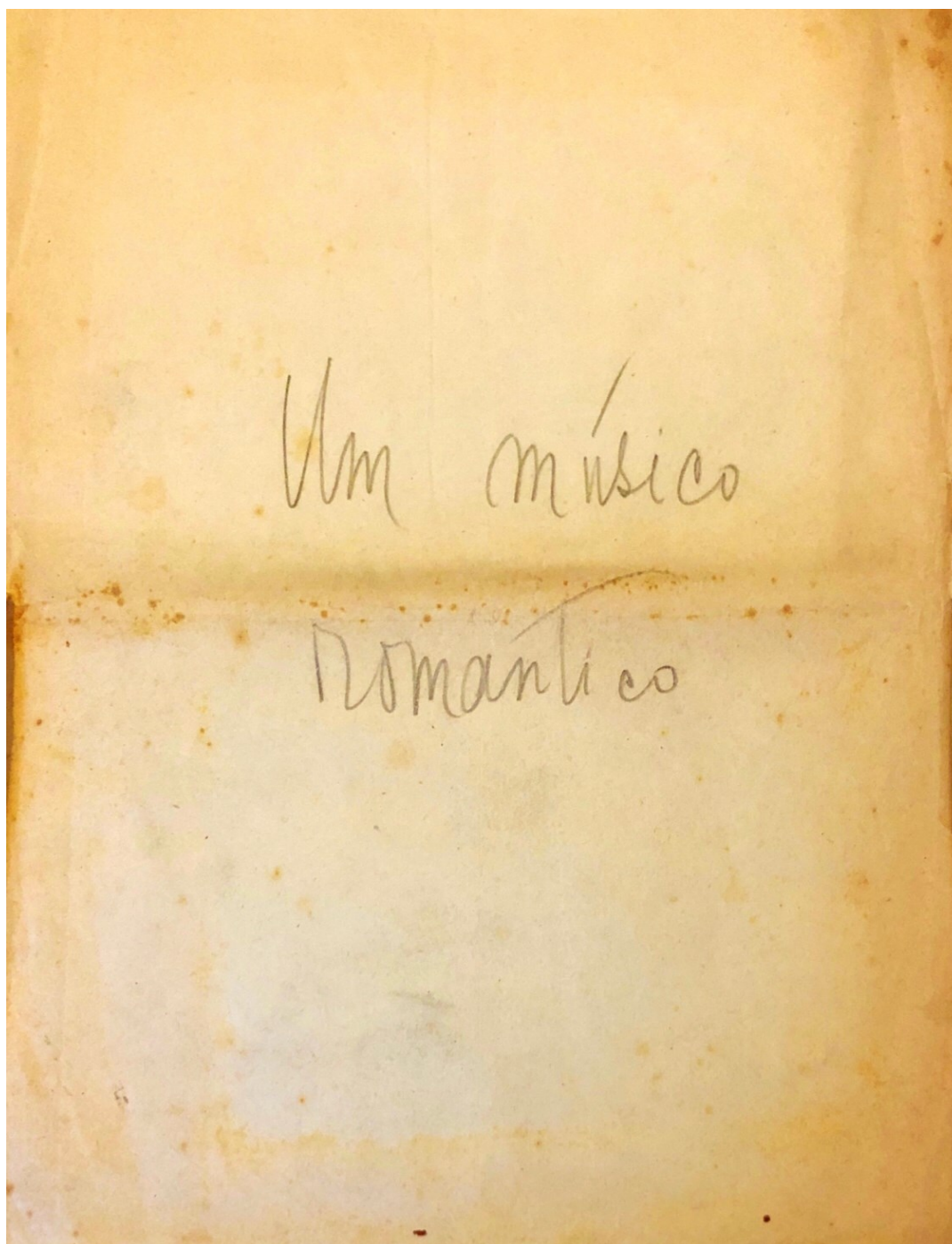
Documento 67

Alberto Pimentel (Bosquejo biográfico). S./d. [man., 2 fls.] (EF).



Documento 68

“Figuras do Porto. “*Um músico romântico*”. S./d. [capa]. AMB na rádio. (EF).



FIGURAS DO PORTO

Um músico romântico

Vou hoje falar-lhes de Francisco Eduardo da Costa - mais conhecido simplesmente pelos seus dois primeiros nomes.

Francisco Eduardo, como todos sabem decerto, foi um notável músico compositor que nasceu em Lamego em 1818 e vindo muito novo para o Porto aqui faleceu em 1855. Viveu, portanto, apenas 37 anos - em plena época do Romantismo.

XXX

Escrevi eu algures:

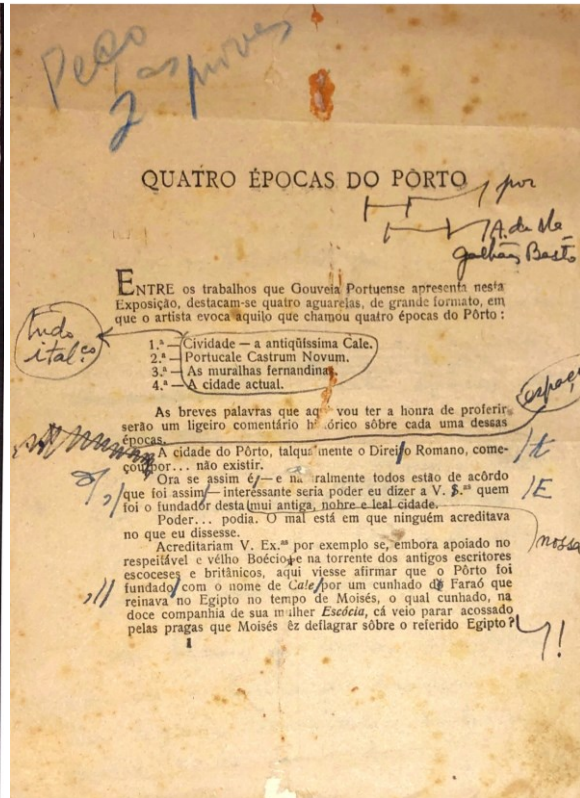
" Para bem compreendermos a sociedade burguesa do Porto de 1850, não devemos esquecer que nela havia duas espécies psicológicas (principais) bem diferentes entre si; uma idealista e sonhadora, outra prosaica, terra-a-terra.

" Pertenciam à primeira os rapazes... aliterados, generosos, barulhentos, irrefletidos, que diziam desprezar o ouro e alimentarem-se apenas da paixão por uns cabelos negros, ou uns olhos negros, castanhos, garços, ou de qualquer outra cor !... e também as donzelas sentimentais que tanto se deixavam morrer de amor nas grades de um convento, como se entregavam febris aos braços do seu par na valsa estonteante; formavam a segunda os homens positivos e amigos das realidades tangíveis, a gente de negócios, os brasileiros e os barões, as damas desiludidas, as mães de família, e regra geral, as velhas - não está nenhuma a ouvir-me... - cuja rizeza de epiderme as tornava invulneráveis às flechas do deus Cupido".

Sim, minhas Senhoras e meus Senhores.

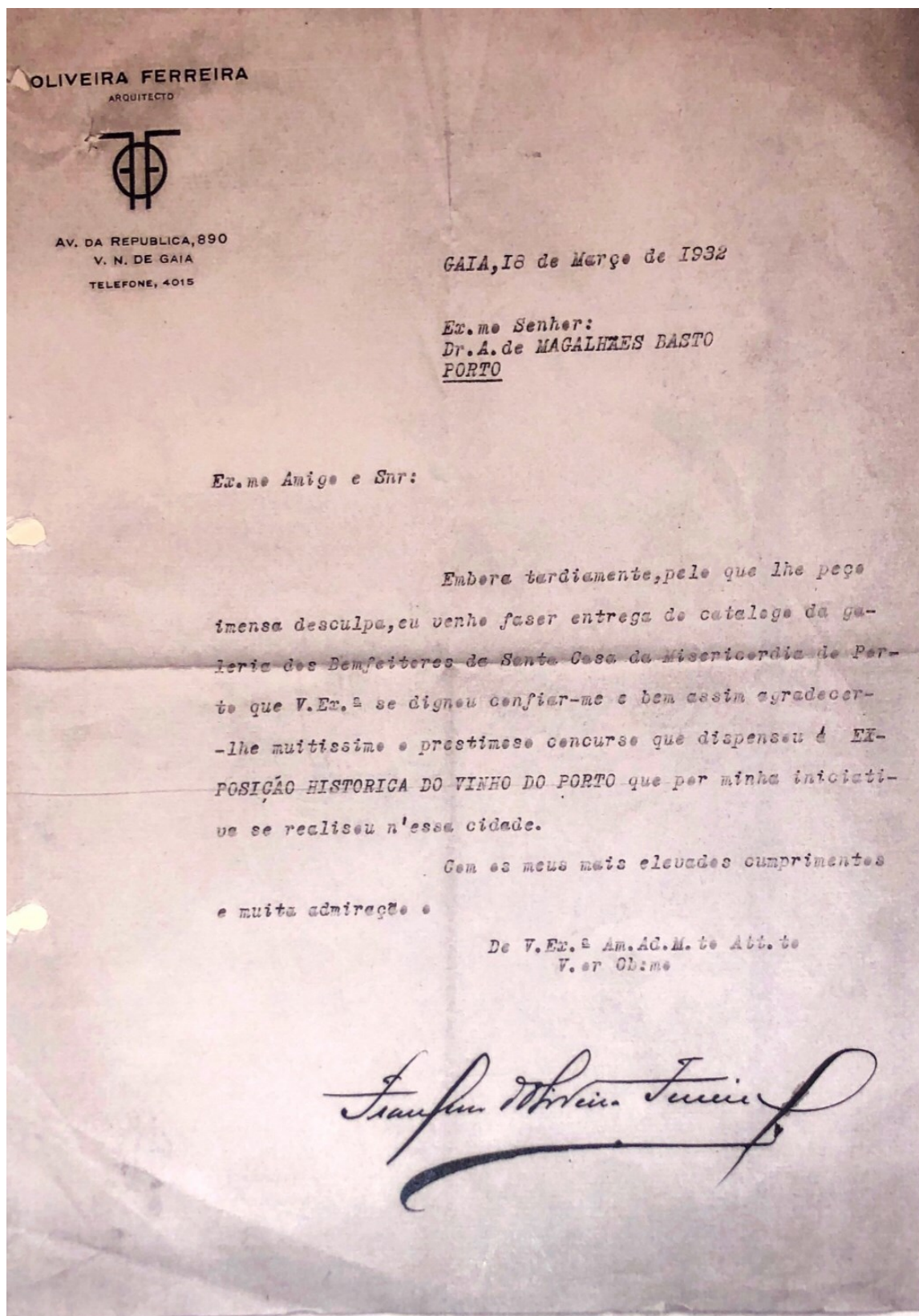
Na sociedade portuense de há cerca de 100 anos havia uma antinomia nítida, perfeitamente sensível, entre as pessoas gradas

Quatro Épocas do Porto, .1944 Novembro27 [nota e 1ªfl.] da conf.na inauguração da expo *Imagens e Costumes (...) aguarelas de Gouveia Portuense* (EF).



Documento 70

Francisco de Oliveira Ferreira 1932 Março 18 [carta] para AMB.



Centro de Estudos Humanísticos. Ano lectivo de 1952-53

” (...) *Elege-se um tema, uma época, para o curso deste ano lectivo: o Porto no século XIX*” (in Sumário da 1^a lição).



- 17.ª Lição: - Continuagão: Os franceses no Porto em 1809; evocação dos acontecimentos principais, tomando como base o Manuscrito 138 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que contém uma coleção de certidões e rascunhos de documentos relativos à 2.ª invasão, a um "Roteiro de cópias colectivas, tendentes ao providencial expediente da S. U. I. R. reproduzidas pello Illm.º Sennado da Camara desta Cidade do Porto. Anno de MDCCCIX" - roteiro que não é mais que um precioso registo dos officios e ordens recebidas na Câmara durante os dias da usurpação de Scult. Prelecção feita com o Mass. presente.
- 16.ª Lição: - Morte de D. João VI em 10 de Março de 1826. Seu carácter. Decreto de 6 do mesmo mês e ano que instaura a Regência até ao legítimo herdeiro e successor provesso a esse respeito. A Regência presidida pela Infanta Isabel Maria. Em 24 chegam as noticias ao Rio de Janeiro. Em 26 D. Pedro, Imperador do Brasil confirma a Regência, em 29 outorga a Carta Constitucional. Em 4 de Outubro seguinte, em Viena, D. Miguel jura a Carta e em 29 central responsais com sua sobrinha de sete annos. D. Maria da Glória. Decreto de 3 de Julho de 1827 pelo qual D. Pedro confia a Regência a D. Miguel o qual entra no Tejo em 22 de Fevereiro de 1828. Convoça os Três Estados em 3 de Maio. Reacção contra o seu governo. A Revolução do Porto em 16 de Maio, de 1828.
- 17.ª Lição: - A Época de 1828-1829. A Alçada. Sua composição, attribuições. A sua actividade. O caso Noble: intervenção do governo inglês. Os reus condemnados pela Alçada. Lista dos nomes e das penas. Leitura de alguns passos da sentença. O desembargador Gravito e a sua carta de des

b. Folhas de Presença: 2,9 e 16 Dez. 1958.

[illegible]

C. Centro de Estudos Humanísticos. 1951 Novembro 19 [carta] para AMB, a solicitar a sua participação, para o ano lectivo que se aproxima(?) (EF)



CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS
ANEXO À UNIVERSIDADE DO PORTO

DIRECÇÃO

N.º 29/51.

Exm^a Senhor Dr. ARTUR DE MAGALHÃES BASTO

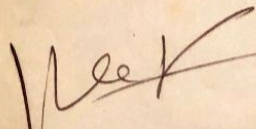
Deliberou a Direcção do Centro de Estudos Humanísticos promover de novo e todos os meses, durante o ano lectivo corrente, uma sessão de estudo, destinada à apresentação e discussão de trabalhos por parte dos Professores e Bolseiros deste Centro.

Com vista à organização dos programas das mesmas sessões, venho solicitar de V.Ex^a se digne informar-me se deseja apresentar qualquer trabalho a alguma delas e bem assim qual a data em que poderá efectuar essa apresentação.

A bem da Nação

Porto- Centro de Estudos Humanísticos, 19 de Novembro de 1951

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO,


(Prof. Doutor Luis de Pina)

d. “Uma página da história do ensino superior no Porto, 1938 Abril 7 [Imprensa]. “Nos Estudos Portugueses uma brilhante conferência pelo sr. dr. Magalhães Basto,”

«Nos Estudos Portugueses»
 7 April 1938
Uma brilhante conferência
 pelo sr. dr. Magalhães Basto



O sr. dr. Magalhães Basto proferindo a sua notável conferência.

Promovida pelos «Estudos Portugueses» realizou-se, ontem à noite, a anunciada conferência do sr. dr. Magalhães Basto, que subordinou o seu brilhantíssimo trabalho ao tema «Uma página da história do ensino superior no Porto».

O ilustre conferencista — escutado por um auditorio numeroso e selecto — começa por dizer que a História do Ensino Superior do Porto, nos primeiros 50 anos do regime monárquico constitucional, é ao mesmo tempo, com raras excepções, a história da indiferença, desleixo ou má vontade de muitos dos governos portugueses perante as necessidades e os direitos da segunda cidade do País.

— Quando veio o regime constitucional — continua — Passos Manuel, talvez porque era ali de Bouças, deu-nos a Academia Politécnica e outros estabelecimentos de ensino superior secundário e artístico. Mas depois dele, durante dezenas de anos, o constitucionalismo quasi nada mais fez pela instrução superior do Porto, talvez por não ter aparecido tão cedo nas cadeiras do Poder nenhum homem de Bouças, nem cá das redondezas.

Dum desenvolvido estudo que por honrosa incumbência da Universidade do Porto o conferencista tem em preparação sobre a história da nossa gloriosa Academia Politécnica, extraiu alguns capítulos que val ter e documentarão a sua afirmação.

O orador refere-se então á subida de Passos Manuel ao Poder, em 10 de Setembro de 1886, e á repercussão que esse facto teve na antiga Academia Real de Marinha e Commercio do Porto. Fala da nomeação de João Baptista Ribeiro para Director daquele estabelecimento, e das dificuldades que ele encontrou, a primeira das quais provi do recusa de quasi todos os seus colegas do corpo docente a prestarem juramento á constituição política de 1822, com as modificações que as Cortes Gerais decretassem.

Descreve, depois de varias considerações, a transformação da Academia Real de Marinha e Commercio, na Academia Politécnica do Porto e acentua a importancia de tal reforma. Louvando os desígnios do reformador, aponta no entanto as lacunas e defeitos da sua obra, a qual se, apesar de tudo, tivesse algo executado teria representado um enormíssimo progresso. Mas a Politécnica do Porto foi votada quasi ao desprezo. Durante o primeiro anno os professores trabalharam sem receber um centavo. Depois o Estado começou a pagar-lhes mas com muitas reduções e grande atraso. A Academia foi dotada apenas com 400 mil reis anuais para material e expediente, mas nem isso mesmo alguns anos recebeu. Se bem que o Porto continuasse a pagar o avultado imposto que era cobrado para a sustentação da antiga Academia de Marinha e para as obras do seu edificio, nestas nunca mais se trabalhou até 1884, porque o erário régio recebia tudo e nada dava para elas. A reforma de 1887 mandava instituir Gabinetes varios, laboratorios e Jardim Botânico; porem, a Academia não foi dotada com meios para os organizar, etc., etc.

E isto passava-se ao mesmo tempo que os estabelecimentos de Ensino Superior de Coimbra, e sobretudo os de Lisboa, gozavam da mais decidida protecção do Estado.

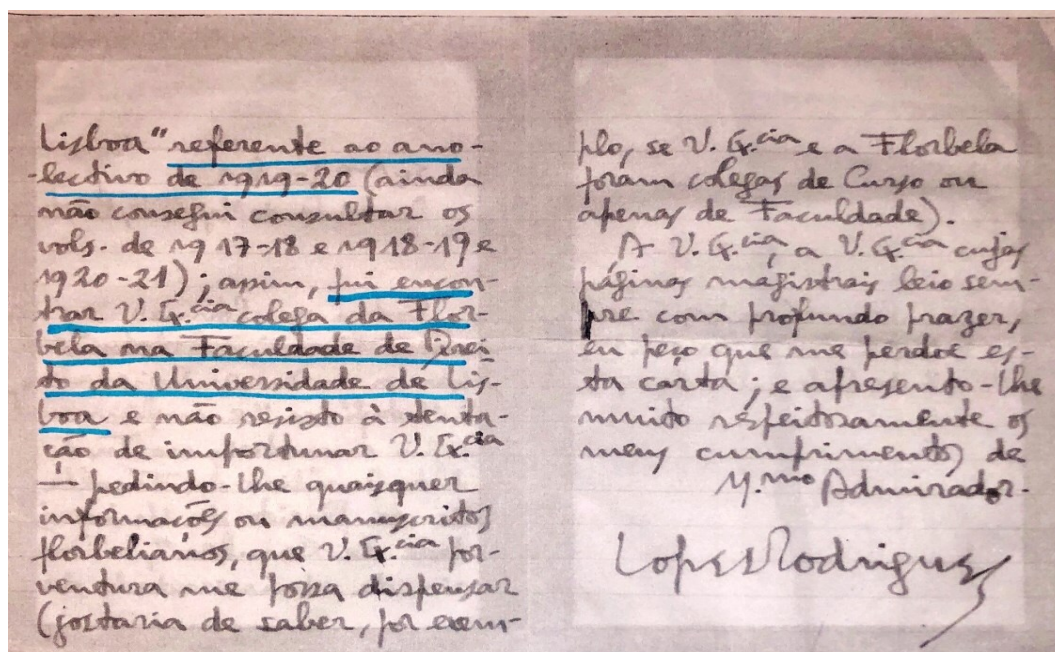
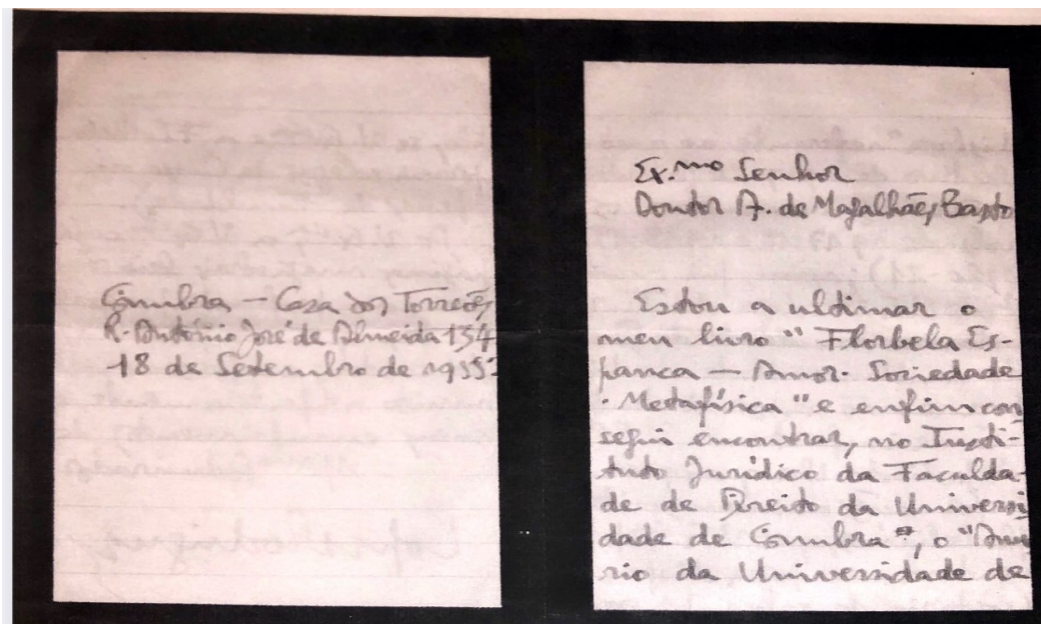
Quando D. Maria II visitou o Porto em 1852 e esteve na Academia Politécnica o Lente Joaquim Alvares Ribeiro, no discurso que então pronunciou, chamou a atenção da Soberana para o injusto esquecimento a que estava votada a dita Academia. Rodrigo da Fonseca Magalhães nesse mesmo anno concedeu finalmente uma parte da cerca dos extinctos Carmelitas desta cidade para o Jardim Botânico; mas... esqueceu-se de dar o dinheiro para a sua instalação. Parecia, no entanto, que a Academia iria começar a ter alguma protecção do Estado. Eis senão quando em 1854 surgiu no Parlamento o deputado Julio Maximino de Oliveira Pimental, futuro Visconde de Vila Maior e futuro Reitor da Universidade de Coimbra, mas então lente da Escola Politécnica de Lisboa, com um projecto de reforma da Instrução Superior, segundo o qual a Academia Politécnica deixaria de existir. Foi no Porto um levante geral de protesto e o Conselho Academico fez publicar uma interessantissima memória mostrando os direitos que o Porto tinha á consideração do Estado em matéria de instrução, e rebatendo, brilhante e triunfante, os pontos em que se faziam fortes os inimigos de Academia e que, segundo a Memória, se reduziam aos quatro seguintes: despesa que o Estado fez com este estabelecimento; o proveito que o publico tem colhido da Academia não correspondendo ao que esperava; os defeitos da organização deste estabelecimento; finalmente, não tendo mais para que apelar, avancem até que o espirito da população do Porto é avesso ás Letras e ás Ciências.

As razões desta notável Memória causaram impressão. A Academia Politécnica nada sofreu; mas também não melhorou. Ficou como estava, apesar de outras acrescentadas. Até que, em 1884, Wenceslau de Lima — que não era de Bouças, mas era cá do Porto — conseguiu, sendo deputado, equiparar a Academia Politécnica ás Escolas Superiores suas congéneres de Coimbra e Lisboa.

O sr. dr. Magalhães Basto terminou por onde começara, isto é, afirmando que a História da Instrução Superior do Porto, no periodo indicado, é ao mesmo tempo uma historia triste.

Documento 72

Lopes Rodrigues, de Coimbra, 1955 Setembro 18, [carta] para AMB "(...) assim fui encontrar V. Ex. colega da Florbela na Fac.de Direito da Univ.de Lisboa (...) (EF).



Documento 73

Ivo Xavier Fernandes 1950 Dezembro 29 [cartas, 3 p.] para AMB. Fernandes fora seu perceptor, cerca de 1915. “(...) (já lá vão decorridos mais de trinta anos!), em que o tive por leccionando particular(...), na Praça do Coronel Pacheco. (...)”.

Muito obrigado pelo amável postal, que ontem recebi, datado de 4 do corrente.

Quanto à pergunta, que nele me faz, creio que não se engana, porque, embora haja "muitas Marias na terra", a verdade é que, em Portugal, há só um I. Xavier Fernandes. Efectivamente, sou a mesmíssima pessoa que lhe deve várias atenções ou gentilezas desde o remoto tempo (já lá vão decorridos mais de trinta anos!), em que o tive por leccionando particular na casa onde eu então residia, na Praça do Coronel Pacheco. Já vê...

Nada tem que me agradecer os originais enviados para O Tripeiro, como também não quero que me agradeça os dois livros, que hoje mesmo lhe mandei registados e cuja leitura lhe aconselho apenas para quando tiver insónias. Ficarão somente a ocupar o lugar mais oculto das suas estantes, que é o que poderão merecer.

Já que me referi a O Tripeiro, deixe-me dizer-lhe que nele colaborei no tempo do seu fundador, o falecido Alfredo Faria, e posteriormente uma ou duas vezes, que as obrigações não dão para mais. Possuo a respectiva colecção desde o n.º 1 da 1.ª série ou do 1.º ano e con-

Prof. do avô →
1915-1920 →
+ ou -

linhas, é claro, a ser seu assinante, porque não me dispense da sua leitura. A propósito: há meses quis mandar encadernar em volumes toda a colecção e verifiquei que o não podia fazer por me faltarem dois ou três números, cujo extraviado não sei a que attribuir. O facto contrariou-me e... adiante.

Um dos fins desta carta é pedir ao meu illustre Amigo que se ^{de} não incomode de ler o n.º 596 da minha secção "Português para todos", no Jornal de Notícias de 24 de Novembro findo, e, com o seu conhecido espirito de investigador, ver se consegue responder às perguntas finais. Isto, se puder ser e sem sacrificio, evidentemente.

E basta de maçadas! Desculpe a extensão desta e disponha sempre da mediocridade dos préstimos do

Amigo, Admirador, m.º obrigado

I. Xavier Fernandes

Lisboa, 6-12.-1950.

P. S. - Na ultima linha da segunda inscriçao latina, por erro tipografico, saiu ambulat em vez de ambulatē, como se vê pela traducção. J.F.

Meu Ex.^{mo} e prezado Amigo:

Esta é simplesmente para lhe agradecer a sua gentil oferta do volume XVII dos "Documentos e Memórias para a História do Porto", que há dias recebi e que constitui para mim um brinde precioso, pois interessa-me bastante o respectivo género de leitura.

Sem querer maçá-lo mais desta vez, faço votos para que o Sr. não o apoquente e para que tenha uma óptima passagem de ano em companhia de todos os que lhe são caros.

Com cumprimentos affectuosos, renova os seus agradecimentos o velho amigo sempre às ordens,

Lisboa, 29/12/1950.

Xavier Fernandes

Documento 74

AMB 1930 Agosto 30 [carta, 3 p.] para Luís Cardim, dir. da Faculdade de Letras Porto.

Ex.º Sr. Luís Cardim
e meu Ex.º Sr. Sr. Sr.

Sei quanto V.ª Ex.ª generosa e
benévola se interessou
pelo meu recondução mo-
strar que nessa Faculdade
modestamente venho desem-
penhando há anos. Não
posso deixar, neste mo-
mento em que chego a an-
forizacão para o contrato,
de manifestar a V.ª Ex.ª o

meu mais vivo e profundo
reconhecimento pelas
inumeras gentilezas de que
he sou ja devedor.

Refugio ao Porto no dia
11 e logo passarei pela Facul-
dade. Caso, porém, V. Ex.^a seja
conveniente de eu apparecer
mais cedo, pedia-lhe o fa-
vor de me mandad' avisar.
A minha direccão é o
meu nome e Vagos.

Com os meus maiores
respeitos, permita-me V.
S.^a que me subscreva

De V. S.^a

Att.^o V.^o e adm.^o e an.^o gratissimo

N.º de Lagalhar Basto

Q.º de V.º e adm.^o
30 Abril

Documento 75

O actual Santuário de Nossa Senhora de Vagos.S./d. [Man.35 fls.] Inédito (EF).

2

O actual Santuário de Nossa Senhora de Vagos, na vila do mesmo nome, não é o primitivo, cuja origem se perde entre as brumas dos séculos.

Sizem alguns autores que o antigo Santuário existia já no séc. XII ou princípios do séc. XIII, e que fora por esse época doado ^{pele rei} ~~por~~ Sancho I aos Côegos do Mosteiro de Grijó, dos arredores do Porto; o mesmo rei teria doado à ermida de N. Senhora de Vagos as

Terras do seu Couto de São (3)
Romão. O Prior do ^{referido} Mosteiro
nomeava « um Religioso do
seu Convento, com um Beneficia-
do, a quem encomendava o bom
tratamento da Ermiida e o
culto da sua Senhora ».

Faltam, porém, ou não foram
ainda publicados, os documen-
tos fidedignos pelos quais se
possa concluir com segurança
a data exacta em que teve
origem a devoção de N. Senhora
de Vafos.

Isso, no entanto, não signifi-
ca que seja lícito por-se
em duvida a grande antigui-

(4)
dade desse culto. Se o não pro-
vam, cabalmente, os factos já
mencionados, demonstram - no
não só as remotas tradições
orais e escritas, mas ainda
e sobretudo os restos do
primitivo Santuário, per-
didos nos areais das anti-
gas dunas, e a ^(antiquidade da) própria ima-
gem de N. Senhora de Vafos,
que ainda se conserva na
capela actual.

Os restos do anterior Santuario reduzem-se ~~a uns poucos~~ ^{infelizmente, sendo}
~~a uns poucos~~ ^{a uns poucos} ~~restos~~ ^{situadas a cerca de}
~~de~~ ^{de distancia} paredes, ~~a uma~~
800 metros da capela actual.

Frei Apolinario de Santa Maria, no
principio do séc. XVIII affirmou
que ~~nesta~~ ^{no seu} tempo ~~existiam~~ ^{existiam} ainda
de pé «quatro paredes que se
conservam direitas, que terão,
ao que se vê de fora da areia,
de que está cercada, sessenta
pés de altura, e, pelo fos-
so que faz dentro, mostra estar
enterrada outro tanto». Essas
paredes seriam os restos de
uma forte torre que, a ^{alguma} ~~uma~~
distancia da primitiva capela,
teria sido erguida para ~~se~~ ^{de}.

6
fesa « dos que assistissem à Senhora »
e dos que a fossem ~~de~~ visitar,
pois, ^{encontrando-se} ~~estando~~ então a capela perto
do mar, estava ^{de continuo} ~~sempre~~ esposta ao
ataque dos ^{piratas berberescos} ~~árabes~~ que desem-
barcavam naquelas praias e que,
^{efectivamente,} muitas vezes "invadiam as nossas
Costas, sequeando as povoações
e levando cativos os seus
habitantes » (1)

Pois, se há uns 250 anos
havia ainda de fora da areia
mais de 13 metros de altura de
paredes, hoje estas encontram-
-se reduzidas a ^{(poucas dezenas de veneráveis} ~~materiaes~~
pedras encasteladas, ~~destruídas~~
~~atras~~, mas que, mostram como,
(1) (Volte) não obstante,

efectivamente, deviam ser « ro-
bustissima » a torre ~~de~~ de que fa-
ziam parte.

Foi a invasão das areias, o avan-
ço das dunas, que forçou os de-
votos da N. Senhora de Vagos a
construir para ela nova
~~transfere-se~~ a ermida ~~para~~ ^{no}
lugar onde hoje se encontra. De
^(por ter ficado repultada nas areias ou por elas destruída)
antiga, ~~ja~~ no tempo de rei Afonso
Tinho de Santa Maria não ha-
via ^(quaisquer) « vestígios », e só da Torre,
pela sua muita altura », se viam
« os que ficam referidos ».

A mudança da ermida deve
ter ^{sido, pois, efectuada} ~~sempre~~ ^(muito) em época
remota; ^(foi feita) « haverá já alguns
trezentos anos », escrevia o re-

Fei Apostinho em 1712, ~~apareceu~~ ⁸
indicando esta que faz recuar
a dita mudança ~~para~~ aos prin-
cipios do séc. XVI. Desde então
^{a primitiva capela desapareceu, e} ^(e solitária) a alturosa torre ficou, ~~abandonada~~
~~donada~~ no deserto de areia, ^{abandonada} ao
seu destino - a fúria ^(cega) dos elementos,
e a ^{rapina gananciosa} dos homens, esta talvez mais
destruidora ~~do que~~ que aquela. ~~Ainda~~ Em
1882, Pinho Real escrevia :-
"ainda há poucos anos, alguem
demoliu grande parte destes
restos venerandos, para com
os seus materiais construir
uma casa!" "Infelizmente,
crimes como esse, selvagem.

"Pinho Real. Portugal Antigo e Moderno, 10 vol. pg. 30.

rias como essa, têm-se come-
tido por toda a parte. Cumpre,
porém, que se não repitam e
que o povo de Vagos, ^{justamente} tão ^{orffu-}
lhoso da sua milagrosa ^{Padroeira} ~~Senhora~~
não permita ^{mãos mandálicas} que ~~se~~ ^{Joana} na
quelas pedras ^{históricas} ~~coer~~ ^{multas vezes centenárias,} do ini-
cio do culto de Nossa Senhora
de Vagos, e que, se falassem,
^{só elas} poderiam contar-nos os pro-
digios de devoção e de fé que
através dos séculos ^{arraigaram na alma do povo} ~~sempre~~ a
fé e a devoção que ainda hoje
^{tem muitas léguas ao redor,} desperta a safrada imagem de
N. Senhora de Vagos. Volte
~~Muito~~ ^{vezes} citado autor do Santuário
Meriano - baseado em informações dum Abade de
Can.

24.11

Não podem deixar de se recordarem
aqui algumas das ^{pietosas} ~~lendas~~ ~~histórias~~
~~em que anda envolta~~
a origem desta imagem e do seu
primitivo templo; o ja ^{várias} ~~vezes~~ →

(Volte)

10/11
Sanhede, e de Pascoal Paulete Soares,
Padre Manuel Teixeira e Antonio Ro-
cha Neto e Antonio da Rocha e
Sá, « pessoas de muita suposi-
ção e dignas de fé » - é a
mais antiga fonte ^{escrita e impressa} de conhe-
cimento ^{dessas engenharias e práticas} ~~das~~ tradições ~~pierdidas~~
que já no seu tempo (há mais
de dois séculos e meio!) corriam
no lugar a respeito da ~~origem~~
~~da~~ milagrosa Imagem e da
data em ^{primeiro} que se lhe edificou
o seu Santuário.

~~A actual capela, ^{que} nada
tem de notável
sendo ~~se~~ recomendada ~~ela~~ no
ponto de vista ~~artístico~~ ^{nao}
é a primitiva ^{do antigo Santuário} ~~de~~ ^{não}~~

41

X Diziam ~~que~~ que a Imagem per-
tencera ao Capitão dum navio fran-
cês que, assaltado por furiosa tor-
menta nas costas de Portugal, viera
despedacar-se nos areais da Va-
queira. Entre o pouco que o Capitão
pode salvar ^(do naufrágio) conta-se a « fermo-
sa Imagem da Mãe de Deos » — « a
foia que » no Navio trazia « de maior
preço »; « vendo-se o Capitão
nas praias com o seu mais pre-
cioso Tesouro, temeroso de que
lho roubassem, tratou de o escon-
der, o que fez em uma mata, que
ficava à vista e distava do mar
quase uma légua. E logo com alguns
dos companheiros partiu para a
Vila da Esqueira, que era a porta

cas que lhe ficave mais perto, (12)
a dar X parte ao Pároco dela, para
que, com a veneração que se devia
à Senhora, tratasse de a ir buscar
para a sua Igreja, ou para lhe dar
lugar competente. Foi logo o Pároco,
acompanhado de outras muitas
pessoas, e chegando ao sitio sinela
do da mata aonde o Capitão havia
ocultado a sagrada Imagem, total-
mente ignoraram o lugar aonde
havia ficado, porque, por mais
diligências que se fizeram, nada
bastou para descobrirem o Te-
souro que buscavam. E assim
se recolheram com grande sen-
timento de que se lhe occultasse
aquella soberana luz do mundo,
que é Maria - luz mundi, como

dis, São Lourenço Justiniano». (17)

Sobre o modo como a sagrada Imagem voltou a ser encontrada, havia duas tradições. Segundo uma delas, «a manifestação da Senhora fora revelada em sonhos a um lavrador, e a ele se atribuía a fábrica da Ermida e da Torre»; segundo a outra tradição, fora a um dos nossos reis de nome Sancho que a Senhora apparecera «em sonhos, e lhe mandara que fosse áquella parte aonde acharia a sua Imagem, e que no mesmo lugar lhe edificasse uma Casa, aonde fosse buscada e servida de todos; ~~mas~~ o serenissimo rei, não se detendo

(14)

mais, nem duvidando da revelação, ~~se~~ pusera^{-se} logo ao caminho, (partindo de Visen onde estava) para dar cumprimento ao que se lhe ordenara, sem mais guia que aquella que o senho lhe ditava». ~~se~~

«Com muita facilidade se achava no sitio revelado, aonde ~~achava~~ ^{encontrou} a sacratissima Imagem da Rainha da gloria. Posto o devoto rei na presença da Senhora, não cabia de gozo, mas mandou logo edificar a Ermida e juntamente levantar a Torre», para os fins ^(de deferencia) ja acima indicados. «A este Ermida applicou el-rei rendas para sua conservação e fabrica; e como era

obra sua esta Casa, e de crer ⁽¹⁵⁾
- em que frei Apóstolo de Santo Nuno
que, para que a Senhora fosse
melhor servida e com mais devo-
ção e reverência, fizesse depois
a doação dos Religiosos de frijo,
com todas as suas rendas e per-
dissemos». ~~depois~~
Tenças, como acima ~~depois~~.

Outra ^{antiga} lenda refere «que, pouco
tempo depois» de «sacratíssima
Imagem» ter sido colocada na
sua primitiva capela, succedera
que certo «fidalgo, visinho à
Serra da Estrela, chamado
Estêvão Coelho», atacado do
terrível mal da lepra, tivera «ou-
tra revelação em sonhos, de que

(10)
naquela mata estava aquella mi-
lagrosa Senhora», e que só ~~por~~ ^{por} sua
~~intercessão~~ intercessão encontraria
cura da doença que o afligia;
fosse, portanto, buscá-la e venerá-la!
Estêvão Coelho assim fez; «pondo-
-se a caminho, com toda a diligência,
em direção do sítio em que a
Senhora estava sepulchro a revelar-
se», foi dar à Casa da Senhora,
"sem o embarço de um braço
de mar ou rio, que se mete de
permeio junto à Vila de Vafos, e
o passou junto ao Soalhal defron-
te da Torre, no qual rio naqueles
tempos navegavam embarcações
de maior conta». As águas he-

16^a
viam-se afastado para deixarem
passar o devoto de Nossa Senhora!
Esta curou-o imediatamente e
ele « fez voto à sacratíssima
Virgem de viver e morrer na
sua companhia; e na sua Capela
foi depois sepultado, deixando
a Senhora muitas rendas »

Pura lenda, ou lenda com
algum fundo de verdade históri-
ca, este episódio? Não o sabe-
mos.

Que no séc. XVIII a Capela,
^{então edificada} ~~seu~~ no lugar em que
hoje a vemos, ~~seu~~ — Ermi-
tões que, ^{provavelmente,} junto dela viviam —
podemos demonstrá-lo;
no chão dessa Capela, logo

(17)
à entrada, encontram-se as
lápides sepulcrais de Gabriel
« natural da Vila de Ovar, assistente em S. Romão »
Rodrigues da Graça e de seus
filhos José e João, falecidos
respectivamente em 1713, 1733
e 1757; ^{todos três} ~~segundo~~, segundo nas
mesmas lápides se afirma, ~~a~~
foram Ermitões de Nossa Senhora.
Para ~~a~~ ^(destes e doutros devotos e servidores da Virgem) habitação havia umas
casas junto da Ermiida, então
situada (~~com~~ ^{mais} ainda do que hoje)
em lugar deserto, posto que
« muito delicioso e ameno »,
por estar « cercado de árvores
silvestres », como escrevem
em 1712 Frei Apolinário de Santa

Maria. As «casas em que vivem
 os Ermitões, pequenas e maltra-
 tadas», acrescenta o mesmo
 autor, «era justo as mandassem
 reparar muito bem os Reverendos
 Priores de Grijó, visto serem
 as rendas da Senhora com esse
 encargo». ~~Ve-se~~ ^{Vê-se}, pois, que em
 princípios do séc. XVIII já os
 Priores de Grijó cuidavam pouco
 do culto de N. Senhora de Vafos.
 As queixas de Frei Agostinho esten-
 diam-se ao ^{pouco interesse que os crucios-}
~~deam-se ao ^{pouco interesse que os crucios-}
^{pareciam revelar pelo novo}
~~se encontrava o~~ Retábulo da Capela,
 e que precisava de ser dourado - "o
 que a Senhora lhes pagará muito
 bem; e se o não fizerem, se
 dará ela por muito ofendida~~

do seu desenhado, pois estão ⁽¹⁹⁾
(os Religiosos de fijo) obzados de
justiça a cuidar muito dos au-
mentos da sua Casa».

~~Além das casas de moradia,~~
~~estava a casa do séc. XVIII~~

Diz a lenda que ~~por~~ ^{quatro} vezes a Imagem de N. Senhora
de Vafos foi trazida para a sua
nova capela e por ^{quatro} ~~vezes~~ vezes de-
la se ausentava misteriosamente
para a capela antiga. Só então
se reparou em que não tinham
sido transferidos os ossos de Es-
tevão Coelho, e que «as reti-
radas que a Senhora fazia, eram

nascidas de querer acompanhar ²⁰
ao seu devoto servo, que na sua
primeira Ermiida estava sepulta-
do »; trasladados os ^(daquelle) ossos, « logo
ficou a Senhora sossegada e sa-
tisfeita, continuando os seus por-
tentos milagres ». ^{Se assim acontecesse} Infelizmente
não se conserva na actual capella
qualquer sinal da sepultura de
Estevão Coelho.

Além das casas em que vi-
viam os Ermitões, havia nos
começos do séc. XVIII junto
à Ermiida umas outras mora-
dias, mandadas construir pelos
Condes de Cantanhede e onde ~~estava~~

(21)
« iam estar de novena, quando ^{naquelle vila.} ~~se~~
viviam » « Estas se conservam (dizia
em 1712 o Santuário Marianno) e têm
muito grande cuidado sem successos;
res da sua conservação e reparos;
o que mandam fazer à sua cus-
ta, para uso dos moradores da
mesma Vila de Santanhede e seus
distritos, quando vão à romaria.
Também os senhores da Casa de
Vila Verde mandaram fazer outras
casas no mesmo sítio, quando
viviam na sua Vila de Anjeja, de
onde iam estar as suas novenas
à Senhora; porém, estas se arrui-
naram (antes de 1712) depois que
deixaram de todo aquelle assis-

Têncis da sua Vila; desta ²²
só se vêem (em 1712) os vestígios.
Também os moradores de Vafos man-
daram ali levantar outras casas,
que em 1712 ~~parecia~~ não he-
verem de chegar a ~~concluídas...~~
^(com capela-mor e capela do nave,)

A capela actual, made tem
que a notabilize no ponto de vista
architectónico. Deve ser reem-
tracada do séc. XVIII ou XIX; deste
último século deve ser o ^{também} pobre retábulo de
^{talha do} altar-mor ^{perocinilmente} e que substituiu ^{outro} aquele que
os Crucios de fijo se desenharam
de ~~reparar~~ ^{mandar dourar}. Em camarim enfi-
dracado central, ^{ali se} conserva ~~uma~~, no
entanto, a veneranda Imagem de Nossa
Senhora de Vafos. Esta revestida
de sedas e de mantos, e na cabeça
ostenta grande coroa de prata; e

de pedra de Ançã, e mede ²³
e vinte centímetros de altura; a Virgem
tem o Menino Jesus no braço es-
querdo e os panfamentos ^{das}
duas figuras, ^{amorosamente} laurados pelo anoni-
mo escultor, ^{medieval} revelam apreciável
^{talento e garra} ^{segunda} a) Imagem grande
valor artístico.

^{o povo} Da-heva ^{o povo} invocações de N. Senhora
de Conceição, e é no dia da Tua-
culada Conceição de N. Senhora (8 de
Dezembro) que se faz a sua prin-
cipal festa. Mas como já foi
notado, não é própria da imagem
esse invocações de Conceição; "se
o fosse, não devia ter seu Divino
Filho ao colo", afirma-se, justa-
mente, no Portugal Antigo e Moderno

de Pinho Real.

(24)

No retábulo, ~~sobre~~ ^{sobre} misulas laterais, ^{duas, boas} veem-se ainda ~~as~~ ^{duas} imagens, ^(de muito menor dimensão) de ~~Santa~~ ^{S.ª} Ana (do lado da Epístola) e S. José (do lado do Evangelho).

A Capela foi descrita em 1712 do seguinte modo: - "A Capela-maior faz de comprido quinze palmos, e de vito de largo; o corpo dela tem cinquenta de comprido, e vinte e quatro de largo. Nas paredes interiores se veem sete Cruzes, diversas em sua forma e grandeza. Querem que fosse sagrada por sete bispos ».

Coincidem ainda hoje todas estas indicações; mas o que hoje

25
já não se vê é, como naquele
tempo, « as paredes daquelle
Santuário cobertas de mortelhas
e muitos quadros, de ~~muletas~~
cabeças, pernas e braços, peitos
e corações de cera, e outros si-
mais, que, para perpétua memó-
ria dos benefícios » recebidos
de N. Senhora dos Vapores, « lhe
ofereceram os que os conseguiram ».
Actualmente, apenas ali se encon-
tram dois desses ex-votos; ^{(deles é um quadro á que} um ~~relato~~
^{relato, representando um grande navio de velas}
^{~~com a bandeira azul e branca no alto~~}
enfundadas, e levado na crista das
ondas por entre duas pontas de
terra; a legenda diz apenas: Clomen-
tina (sic) - Porto. Este assinado: José
Maria Mathias. O outro ex-voto
^(bastante maltratado)
é um grande quadro em tela,

pintada a óleos. ⁽⁷⁶⁾ A um lado e
no alto, vê-se a imagem da Virgem,
como em aparicar; o resto da cena
representa, no fundo um leito
de cortinados e no primeiros
planos uma ~~profunda~~ mulher com
uma menina ao colo, ~~linda~~
e uma figura de homem, de cada
lado. A legenda diz.

M. Q. FES A PORDIGIOZA
VN. S^A DA CONCEYCAO DE
VAGOS A HUÂ MENINA F^A
D. M^{EL} DAZEVEDO P^{RA} E DE
SUA M^{ER} D. FR^{CA} LVIZA DA
V^A D. CAN^{DE} Q^E VENDO SEVS
PAIS A D^A MENINA Ê PRIGO
DE MORRER DE HVAS GRA-
VES CESOINS CÔ EXCECIVO

(27)

FASTIO A S^a LOGO LHE
DEV MILHORAS. JUNHO 1757.

Não ~~constituem~~, porém, estes dois
~~estes duas reliquias dignas de serem conservadas,~~
ex-votos, senão uma amostra modes-
tissima de ~~uma enorme quantidade dos~~
~~que os testamentos de fés de gratidão~~
que, noutros tempos, enriqueciam a
Ermita de N. Senhora de Vago.

~~A devoção~~ ~~para~~ milagrosa ima-
gem ~~de sua~~ principal festividade ~~de~~
~~realiza~~ no dia de N. Senhora da
Conceição, ~~e tinha~~ ~~mas~~ ~~nas~~ ~~nos~~ dias
da Natividade, da Encarnação, da Puri-
ficacão, ~~de~~ Assunção; ~~mas~~ ^{hoje, porém,} a que
~~hoje~~ ^{atinge} maior grandiosidade
é a que tem lugar na primeira
octava do Espírito Santo.

Conta Frei Agostinho de Santa

(28)

Maria que « por aqueles mesmos
tempos em que a Senhora, com estes
grandes prodígios, se começou
a manifestar prodigiosa e po-
derosa, padeceram os povos de
Cantanhede uma grande esterili-
dade de águas por tempo de
quatro annos ». Para implore-
rem o fim de tão grande cala-
midade, fizeram-se continua-
mente deprecações ao Céu, mas
o Céu não parecia ouvir os
gemidos dos peccadores. Um dia,
porém, em que aqueles povos ti-
nham saído em procissão a N.
Senhora da Varzieda, não muito

(29)
distante de Cantanhede, « ouviram
tanger um sino para a parte do
mar, e parecendo-lhes que era
em São Tomé de Mira, e que só
milagrosamente se podia ali ouvir
por ficar em distancia de duas
léguas grandes, se encaminharam
todos para aquella parte, até que
chegaram à Ermiida de São Tomé.
E o eco do sino sem cessar!
Foram continuando adeante para
onde a voz do sino se ouvia,
até que chegaram à Ermiida
de N. Senhora de Vafos... que dista
de São Tomé de Mira três léguas
para a parte do Norte », e logo,
^{milagrosamente,} começou a chover! « A vista
do grande favor que de mise-

ricordosa Senhora recebiam, the ³⁰
fizeram voto irrevogável, em que
todos os anos, em a primeira
Oitava do Espírito Santo iriam
em procissão à sua Casa, seguindo
o mesmo caminho de São
Tomé e pela praia, até onde lhes
é possível, ^{porque hoje} (acrescenta Frei Apr.
tinho) não podem passar em al-
gumas partes, porque as mundações
fizeram incapazes os caminhos. No
tal dia fazem grande festa e despesa
em louvor da Senhora, porque nele
matam muitas vacas, que repartem
pelos pobres e muito pão e vinho».

Este voto ainda hoje se cum-
pre religiosamente. "A' distribuição
do bodo presidia a Câmara de

(31)

Cantanhede, em cumprimento de uma
provisão régia; mas, desde 1862,
deixou isto a cargo do Pároco
da Vila de Cantanhede, que todos os
anos, no dia do costume, e com
a Cruz processional na frente e
acompanhado de mais de 3.000 dos
seus paróquianos, vem cumprir
o antigo voto » (1)

Noutros tempos muitas outras pro-
cessões vinham, por voto, visitar
Nossa Senhora de Vafos; ^{(num folheto editado há} ~~a Sabedoria~~
^{algumas dezenas de anos por uma Confissão de pestes enumeram-se}
^{as processões da} Freguesia de Soze, que entravam
com a sua cruz e pároco; Ma-
matosa na mesma forma, no dia
1º de Maio; Covas do Lobo; Mira; Co-

(1) Pinho Real, ob. e vol. cit. pag. 31.

vões; Oliveira do ~~Tróvão~~ ^{Bairro}; Trovis ³²
cal; S. Lourenço de Bairro; Vila-
rinho de Bairro; Oia; Sangalhos,
Avelãs de Cima; etc." Alguns destes
cirios, bem distantes, vinham visi-
tar Nossa Senhora de Vagos com suas
ofertas nos sábados de Agosto e Setem-
bro por voto inviolável, que há mui-
tos annos deixaram de cumprir.
Actualmente só respeitam este
voto a freguesia de Sangalhos,
que aqui vem, sem interrupção, na
última sexta-feira de Agosto de
cada anno; ~~sem falar na freguesia~~
~~de Cantanhede, que primeira cita~~
~~va do Espírito Santo.~~
^{que, como dissemos, vem}

Conforme ~~asseverava~~ a Comissão dos fes-
tejos acima referida, afirmaremos tam-

(33)

bem que, « se por^{te} parte daquelas
entidades arrefecesse o culto
pela sagrada Imagem, deixando de
observar o voto, a tradição e devoção
de seus antepassados, nem por
isso o culto actual esmoreceu;
e cada vez mais se aprofunda
em vista dos prodígios operados
por intercessão de tão milagrosa
Imagem ».

Só quem nunca ~~se lembra de~~
N. Senhora de Vafos ignora ~~que~~
quanto « esta piedosíssima Senhora
e Mãe nossa » é generosa e pró-
diga « em graças, favores e be-
nefícios »; só quem a Ela nunca

34
recorreu pode desconhecer a
alegria com que Ela « comunica
os seus favores nas maiores penas
e tribulações », e ^(como acode «) nas pobreza, mi-
sérias e trabalhos dos pecadores,
não fazendo caso de suas infra-
ções e iniquidades ». Escre-
via ~~isto~~ isto há dois séculos e mais;
^{Frei Agostinho de Santa Maria}
poder-se-á escrever sempre, com
qual verdade!

É que a Bondade Divina é Infinita
- E ETERNA!

X

Documento 76

A.J. Ferreira(?), 1955 Julho 15 [carta] para AMB, s/Cerâmica de Massarelos (EF).

Sondomar, 15/8/55

Ex^{mo} Sr.

Dr. A. Mafalhões Reis

Desculpe-me pela demora.

Quando a carta de V. Ex^{ia} de 30/7/55 chegou ao destino já me encontrava em Lisboa. Assim não me foi possível fazer o trabalho sobre a cerâmica como era meu desejo pelos elementos que continha para ^{nosso} investigações.

De qualquer foi-me entregue pelo Sr. Elias Tavares.

Apesar de algumas horas perdidas em dois dias no Arquivo da Torre do Tombo não consegui descobrir nos índices consultados, do século XVIII, o alvará ou licença concedida a Manuel Duarte Silva para a fábrica na fábrika de Massarelos.

Deve lá estar, seriam precisas mais umas horas, ou dias.

Entretanto mantém-se a data de 1760 de seus fundamentos, isto é desde que foi comprado o terreno para se edificar a fábrica.

É quasi certo que já lá estava em 1762. visto que o fundador neste ano pediu licença para vedar o terreno do lado do rio.

Talvez nas notas de alguns dos tabeliães, nos anos de 1760 a 1766 existentes no Arquivo Distrital do Porto se encontrem as referencias necessárias alguma das escrituras.

Algumas vezes aqui encontrei um ou outro documento necessário, quasi às cegas por não me facultarem a lista dos tabeliães, que

Ex^{ma} Sr

Dr. A. de Magalhães Basto

Serviços Culturais e Sociais

Câmara Municipal do Porto

Porto



Documento 77

Cura Correia(?) 1952 Abril 2 [carta] para AMB (em Lisboa!). Refere, os encontros na "Primus", a demolição em curso no Palácio de Cristal, etc. (EF).

RESPOSTA A UM AMIGO, ACIDENTAL-
MENTE EM LISBOA.

Meu caro Amigo

O correio de 2 do corrente trouxe-me a sua carta, que me deu muito prazer. Pareceu-me desprender-se dela uma lufada de ar dessa bela Lisboa, sempre moça e sempre linda e, disso vaidosa, não faz senão mi-
rar-se e embalar-se nas águas azulinhas do Tejo, - idílico e sonhador. Is-
to, quanto ao que vemos e sabemos, à luz do dia. Que, em noites cálidas
e amenas, (quando tem coniventes a lua e o silêncio), entrega-se-lhe num
cego abandono de lubricidade e paixão, - a pretexto de ir banhar-se...

Não o sabia aí, pois estes dias não tenho feito o convívio ha-
bitual; não tenho ido ao "Primus". Que faz nos bragos... na hospitalida-
de dessa Diána galante e perturbadora?! Em busca de motivos, inspiração,
que a sua paleta maga aqui não encontra? Vocs, anseios de Artista de
sensibilidade e talento sempre insatisfeitos e inquietos, não é ver-
dade?

Mas, falemos do Palácio, cuja lembrança o acompanha, e parece
sempre a seu lado, como uma obsessão. Fale-me notícias dele, nas poucas,
cu quase nenhuma, tenho para lhe contar. Decidida e irrefragavelmente
passou a assunto caído na banalidade dos "factos consumados". A isso fo-
ram muito propícios o conformismo e cobardia ("laissez faire, laissez
passer") que muito abundam neste velho Burgo, - que agora querem novo ve-
lho...

O de maior menção, no decurso destes últimos dias, pela respon-
sabilidade da pessoa que o subscrevia, foi o artigo que o Dr. Alfredo Ma-
guinães publicou em "O Comércio do Porto", em 3 de Março findo. Dialéc-
tica mordaz e incisiva, argumentos vigorosos e convincentes que, podem
destruir e contruir cidades; convulsionar e revolucionar multidões; mas
que jamais dão vida ao que deixou de a ter: - os mortos não ressuscita-
tam. - Esta a triste e dura realidade. O mais, são sonhos e quimeras, sub-
jectivos e irreais, que só o poeta e o artista sabem sentir e compre-
ender.

Contudo, nesse dia, o "Comércio" foi avidamente procurado. Tra-
zia uma voz de prestígio e autoridade incontestáveis, que a Cidade de-
sejava ler e ouvir. O "trovejar" do velho "Leão", barba de neve, exuberante
a dilatar-lhe a face e o mento, seco, potente e vibrante, repercutindo-se
a distância e profundidade. E, o nosso Palácio, pareceu tê-lo ouvido, pois,
numa espécie de contorção dolorosa, fez estremecer o amontoado bruto e
senagador de escombros sob que agora jaz exangue, sem vida!

Fomos lá, um domingo, eu e minha mulher. Como tudo me pareceu
desoladoramente diferente! O velho gigante, com o corpo decepado, - mas
aínda com a fronte altivamente erguida, - dir-se-ia inserido em nostálgicas
pencas, evocação, num derradeiro "clamar" a um passado cheio de glória e
tradições, românticas e indelévels reminiscências.

E eu fiquei, extático, a olhá-lo e a olhar em redor, tomado de
funda melancolia. Lá, como o cenário havia mudado! Árvoreas prostradas
e outras semi-destruídas sob o encosto de blocos enormes; calça, pedre-

gulho, penedos quase irremovíveis, terra escavada e revolvida; aqui e
além, (afigurou-se-me) manchas, laivos de "sangue" ainda morno e coagula-
do; do lago desmantelado, (ponho e poesia feitos em destroços), já a úl-
tima gota de água se infiltrara e sumira no solo, donde agora irrompia
um feixe de vergas de ferro e aço, base e todo o "sistema nervoso" do ri-
gido e antipático USURFADOR...; um vento norte, agreste e frio, sacudia
bruscamente o arvoredor, sibilando uma sinfonia nostálgica e plangente;
e, entre as ramagens, espavoridos, os passarinhos pipilavam tristemente,
parecendo esquecidos de seus amores e de seus ninhos!

Enfim, a própria Natureza, ali opulenta, luxuriante e policroma,
que durante quase um século o embriagara de cores, fragrâncias e gor-
jeios - da passearada e dos namorados - parecia soturna e pesarosa.

E, o que outrora fora pompas e galas, era hoje mágoa e crepes
pelo seu amo e Senhor!

Ou pela realidade do "drama", ou pelo meu estado de espírito,
foi assim que a minha sensibilidade viu e sentiu a demolição do palá-
cio, nessa tarde sombria e triste.

Fique-nos, meu Amigo, a saudade e a resignação, se esta não é
sinónimo de conformismo. Manda quem pode; e, aqui, quem tudo pôde - fo-
ram a incoerência e a imponderação...

8/4/52

Abraça-o o Amigo certo,

CURA CORREIA

Documento 78

A.M. Júnior 1954 Agosto 15[carta]para AMB, s/ a capela de S. Anastácia, na Foz.

FOZ DO DOURO, 15 DE AGOSTO DE 1954

Exm^a.Snr^a.
Dr.A.DE MAGALHÃES BASTO
PORTO.

NOS - S - DA PIADADE
ORA - PRONOBIS
+
1756

Exm^a.Snr^a., Que esteja de perfeito bem estar e mais Família
são os meus desejos.

Como V.Ex^a.é uma pessoa que tem prazer em
re-lembrar factos antigos, no grande Jornal que é O Primeiro de
Janeiro, com o título "FALAM VELHOS MANUSCRITOS"...eu, venho
lembrar um caso de há 300 anos p.m.ou m.

Assim, tempos a Capela de Santa Anastácia que esteve
quási a ruir, depois de ter estado fechada uma dezenas anos, sita
na Rua Padre Luiz Cabral,na FOZ DO DOURO, perto da residência do
filho de V.Ex^a..

No sino da referida Capela está gravado em letras
de 4 cm, as palavras que serve de título, quer dizer, está quasi
fazendo duzentos anos.

Na fachada da Capela tem gravado em pedra palavras
em latim e, data cerca de 300 anos p.m.ou m.

Porém, como esta Capela vai abrir ao Culto na data
que escrevo, teria muito prazer ler nas crônicas de V.Exa."FALAM
VELHOS MANUSCRITOS"...que V.Ex^a.me dissesse, caso possa ser,
porque chamam Capela de Santa Anastácia quando a Senhora da Piedade
está no nicho principal da referida Capela.

Pela atenção que V.Ex^a.possa dar a esta pergunta e a
muitas outras que me tem perguntado, agradeço desde já.

Atenciosamente, me subscrevo,
de V.Exa.
Muito Obrigado,

A. G. M. Júnior

a) [Man. 4 fls.] não publicado, s/ mesmo assunto...(EF).

Segundo Sousa Reis nos informa no vol. 4.º do seu Aparentamento para a História do Porto, preciso manuscrito da Biblioteca Publica Municipal desta cidade, ~~em~~ a actual Rua chamava-se em 1865, Rua Direita. "No meio dessa mesma rua, para a parte do sul e à esquerda duma das haversas que vem dar à praia e tem o nome de Santo Anas-tácio, existe a Capela erecta a este mesmo Santo".
A descripção que Sousa

Reis faz dessa mesma Capela ²ondiz absolutamente com o que ainda hoje existe.

"A sua forma exterior, escreve o dito Sousa Reis, é simples e consiste da porta principal com duas janelas pequenas vedadas com varões de ferro, correndo sobre estas tres ras-gaduras um friso lizo, sobre que pousa, parece, o corpo superior da Capela, a qual finaliza em forma triangular. No cento mostra um

³oculo, que vai esclarecer o interior dela, tendo junto do mesmo proutespicio outro corpo para o lado do Nascente, que tem uma porta, e por cima uma janela, sobre que corre a cornija. Esta janela fica inferior ao campanário da sineta. A porta dá entrada para a galilé da Capela, que serve da sacristia, e ao mesmo tempo oferece a subida para o coro, montado sobre columnas de pedra assentes à parte do Evangelho, pois que o var deste oratório abrange o inte-

rior todo deste edificio, que não tem parede divisoria para separar o corpo acrescentado da Capela, onde o retábulo e altar mostram pela entalha de madeira, serem antigos, embora não seja elle o primitivo ~~quarmal~~ desta pequeno Templo edificio, em 1577, em occasi-
de pestem, ~~em~~ de claus a inscri-
ção lavrada no friso da Capela que está sobre a porta principal e occupa o lado a ~~lado~~ a frontão desta Ca-
pela. «1881 de novo na Na inscriçõe se o seguinte:
Vol. 4.º

Documento 79

“Um Hino Quinhentista à terra e à gente de Santarém”, 1934 Dezembro 20, [Prova/revisão, 4 p.] do artigo, para revista *Ribatejo Ilustrado*. (EF).

20/12/934

RIBATEJO ILUSTRADO 13

UM HINO QUINHENTISTA À TERRA E À GENTE DE SANTARÉM

27
i/

N^o Ms. 553 da Biblioteca Pública Municipal do Pórtio — curioso livro ~~antigo~~ de memórias da autoria do Corregedor daquela Comarca, o licenciado Francisco Dias, que viveu no séc. XVI — encontra-se a:

“Oração que fez o licenciado Lopo Fernandes, em a entrada de El-Rei Dom João, o Terceiro, e da Rainha Dona Catarina, sua mulher, em Santarém.”

27
i/

Não diz o Ms. o ano em que esta oração foi pronunciada. Mas depreende-se do seu conteúdo que os régios espessos ainda não tinham descendentes à data em que ela foi escrita, não será talvez errado admitir que a entrada dos monarcas em Santarém se realizou no próprio ano do casamento real, em 1525, tanto mais que D. João III e sua noiva, quando esta chegou de Castela, se encontraram no Crato e “passados poucos dias se foram juntos à vila de Almeirim” (1), onde veio a nascer o Príncipe D. Afonso em 24 de Fevereiro de 1526 (2).

ndo/ o/

Reservando para outra oportunidade os comentários que a Oração de Lopo Fernandes me poderia sugerir, limitar-me-ei aqui a chamar a atenção do leitor para o interesse literário e histórico desse verdadeiro Hino à terra e à gente escalabitanas, no qual simultaneamente transparece, em belas frases oratórias, o conhecido e justificado orgulho com que os Portugueses daqueles tempos se gloriavam de ser vassallos de um rei que *cingia o Mundo com os seus títulos!*

i. é, l

Várias são as referências à história e às lendas de Santarém contidas nesse documento; ~~das~~ a mais interessante, talvez, é a que diz respeito às origens da povoação. Lopo Fernandes não perde o tempo com fábulas ridículas do género das que Frei Luiz de Sousa, Manuel de Faria e Sousa, Inácio da Piedade Vasconcelos e tantos outros registaram e deitaram a correr mundo. Lopo Fernandes, baseado em Estrabão, fala de Bruto Galego e identifica Moron com Santarém (3); baseado em Plínio coloca em Santarém *Scalabis*, a qual diz ter sido uma das cinco colónias romanas, chamada *Proges-*

restudad



O que fica dito basta, suponho/para demonstrar o alto interesse e o valor do documento que talvez não seja conhecido e com o maior prazer ofereço aos leitores do *Ribatejo Ilustrado* (4).

A. DE MAGALHÃES BASTO
Chefe da Secção de Manuscritos da Biblioteca Pública Municipal do Pórtio.

(1) Plínio — *Naturalis Historiae*, lib. III, 55 (ed. da *Collection des Auteurs Latins*, de Nizard, I, p. 263).

(2) Emilio Hübnér — *Notícias Arqueológicas de Portugal*, p. 10 in *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Nova Série, Sc. morais, IV vol., p. 1.ª

(3) Mendes Correia — *Da Biologia à História*, 1914, p. 272 e 273.

(4) Tomei a liberdade de actualizar a ortografia e de regular um pouco a pontuação bárbara do documento.

3/

Oração que fez o licenciado Lopo Fernandes, em a entrada de El-Rei Dom João, o Terceiro, e da Rainha Dona Catarina, sua mulher, em
 * * * Santarém * * *

Tremo, grandíssimo Príncipe e potentíssimo Rei, Nosso Senhor, temendo cair agora no que a Demóstenes e a Marco Túlio aconteceu! Dos quais, um, ante Filipe, Rei da Macedônia, de todo emmudeceu; o outro, em a memorada causa de Milo, em que muito se quis esmerar, de todo não disse nada!



E pois que estes príncipes da grega e latina eloquência dela assim foram desamparados, o Grego encerrado no areópago (?) e o Latino ante os seus iguais, que razão terei eu, muito deles inferior, de não temer o mesmo caso, contemplando vossa grandeza, Príncipe muito excelente dos bens da alma e da fortuna tam excelentemente dotado!

Porque vossas virtudes vejo tantas que nenhuma vos falece; e tam grandes que excedem a humanidade! E por isso me parece que estou ante pessoa divina!

Olho a grandeza de vosso ânimo, a profundidade do vosso saber, a força do vosso engenho; e todas as outras cousas que tendes, de Rei mui excelente, e de homem em tudo perfeito. E vejo-as tam postas no céu, que nenhum outro na terra se vos pode comparar; com que, não somente a mui grande parte do mundo o vosso real cetro sujeita, mas toda a redondeza da terra podereis reger e governar!

E assim, isto vos creio, que, se fôreis no primi-

tivo mundo, a antiga gentildade vos chamara mais que Herói, e depois de vossa vida vos adorara por deus; mas o que é (Deus) verdadeiro vos quis guardar para nós, para que nosso tempo fôsse bemaventurado convosco.

Vem-me à memória, Príncipe mui esclarecido, vossos facitos Progenitores.

Vejo em vós luzir a excelência de vosso real sangue, cuja grande nobreza, limpeza e antiguidade, dos presentes e passados conhecidamente procede.

Vejo vossos mui e verdadeiros lilulos, com que todo o mundo cingis.

Acho-vos tam grande que da vossa Ceuta, em Africa, até os desertos de Cáncer, mui grandes terras e gentes de Mafamede, e de toda a marítima

Etiópia, até o grande Cabo da Boa Esperança e além do Capricórnio pacificamente senhoriais. E dele, passando em Asia, a melhor das Arábias, com a Pérsia e India, até o grande Rio do Ganges; e, além dele, a vossa terra do ouro, Malaca, com toda aquela grande volta do mundo, até os Tartaros contra o norte; em todas as suas ilhas e as do levante e poente e as do sul, com vosso rico Maluco; em que há mui grande diversidade de terras, de províncias, de reinos, de mares, de ilhas, de portos, de riquezas, de gentes, de linhagens, de costumes, de ciências, de reis, de grandes senhores, que são todos vossos vassallos e deles sois obedecido e reconhecido por Senhor e verdadeiro Rei, e, em sinal de vassalagem que vos devem, e senhoria que neles tendes, vos pagam grandes tributos cada

um ano, de que tendes suas firmezas autênticas seladas com selo de ouro.

E não somente nestas três partes do mundo se estende vosso Império, mas o outro novo Brasil, que até ora foi a todos ignoto, é pôsto debaixo de vosso grande senhoria!

Vejo aqui, por legitima união, conjunta por deus, primeiramente no Paraíso instituída, a mui esclarecida e sereníssima Rainha Nossa Senhora, do vosso mui alto sangue nascida, Princesa em virtudes, em bondades perfeita, e em todas as cousas de vosso contentamento e do nosso em grande perfeição acabada; cujas grandes e singulares excelências, primeiro se acabara este dia que somente comece a dizê-las — e por isso, hei por melhor não as tocar, que, querendo-as dizer, ficarei muito além do começo delas!... — de que esperamos em Nosso Senhor haverdes filhos e sucessores, e deles outros e outros, que perpetuem a vossa mui longa memória.

Vejo-vos, dos ilustríssimos Príncipes e muito grandes Senhores, os Infantes vossos irmãos, firmes colunas do vosso Império, cercado!

Vejo a grandeza do vosso mui alto estado, vossas riquezas tamanhas, que, quem as ouvir e não vir, parecem impossíveis!

Vejo-vos outras muitas e mui notáveis coisas, tantas e tam grandes, que parecem claramente que, o que a fortuna tinha para com todos repartir, em vós só o quis acumular!

Razão tenho logo de temer, e não o arrecear seria temerária ousadia...

Mas vossa grande humanidade, Príncipe muito benigno, me tira já de temor, e dá lugar para dizer o que, da parte desta muito nobre e sempre leal vila de Santarém, fidedãos e povo dela, me é mandado que lhe diga e por mim lhe suplicam e pedem; de cuja grande lealdade, nobreza, grandeza, potência e antiguidade as histórias antigas são claras testemunhas.

A qual, repetindo-a um pouco de mais alto, foi uma das cinco colunas desta nossa Lusitânia, principais; povoada dos Romanos e dos de Roma moradores; de todo tributo isenta e uma das três cidades dela a que chamam *Conventus*, onde se tratavam e julgavam as cousas de toda a Província por os seus regedores e maiores presidentes da justiça que nelas residiam, donde a todas elas geralmente administravam, as quais eram partidas por comarcas. E este, que se chamava *Stalitano*, era cabeça da Estremadura, e o seu primeiro nome foi *Moron*; chamou-se depois *Scalabis* e depois *Julii Praesidium*, pela guarnição de gente de armas que Júlio César nela tinha para as mais segurar.

Esta terra foi tomada de Mouros no tempo da geral perdição de Espanha, que sendo dela senhores chamaram *Quebir castro* ⁽¹⁾, que quer dizer em nossa lingua grande monte, não por sua altura, que é pequena, mas por sua fortaleza e nobreza e abastança lhe puzeram este nome de grande.

E depois os Cristãos que a tomaram a chamaram Santa Eiria *(sic)*, por honra da bemaventurada santa, sua padroeira, quando, morto, de Tomar veio ler a ela pelo Tejo, que a trouxe, e a tem em si milagrosamente sepellada. E, corrompido depois este nome do tempo, lhe chamaram Santarém, como agora se chama.

Tornou-se depois a perder, e ganhou-a, com grande mortandade de Mouros que a tinham, o bemaventurado D. Afonso Henriques, tronco dos Reis de Portugal, vosso décimo avô, cuja tomada lhe prognosticou o prodigioso touro de fogo, que, ante que a perdessem, viram sobre ela voar, de que a Igreja de Nossa Senhora de Marvila, e esta povoação de cima, tomaram o nome de Maravilha, que

depois se corrompeu em Marvila, como se nomeia agora.

Chamando-se *Morão (sic)*, por sua grandeza, fortaleza e fertilidade, e gente mui zelosa, Bruto Galego, capitão dos Romãos contra os Lusitanos, constituiu a cabeça de guerra, e dela, com seu favor e ajuda, conquistou a Lusitânia, nesse campo acima de Alenquer.

Sendo já Santarém, El-Rei Dom Garcia, rei de Portugal e Galiza, com a gente dela, venceu e prendeu em batalha a El-Rei Dom Sancho de Castela,



que o tinha desafiado e o vinha a conquistar, na qual o esperou porque a principal e maior de seus reinos, em gente de armas, e mantimentos e todos os outras coisas para a guerra necessárias, a mais abastada; e de que verdadeiramente, sem contender sua grande antiguidade, seu poder e sua grandeza, de gentios, Mouros, Cristãos, já antes, no principio destes vossos reinos, era mui estimada e havida por mui notável.

E nela depois, o Invictíssimo Rei Dom Afonso Henriques, venceu e matou no campo o grande Miramolim de Marrocos, com parte dos treze Reis Mouros, e com eles outros sem conto, que trazia para vingar o que, na grande batalha de *Castro Nuno* fora dele vencido; e os outros, com todo poder de Africa, desbaralou e pôs em fugida mui torpe.

(1) No original lê-se: — *Chebir castro*.

E em tanta reputação foi sempre havida que, por o seu conselho (*sic*) e pendão que esperava, El-Rei D. Afonso, o Quarto, vosso quinto avô, não consentiu que se desse a muito grande batalha do Salado, de que em Castela foi vencedor com o Rei dela; o esperou até que chegou a eles, com o qual houve dos Mouros aquela vitória famosa, em toda a Europa festejada e em África muito sentida!

Em cuja memória, e por testemunho de tamanho feito, seus fidalgos têm agora em sua Câmara, em grande preço e estima, o pendão que a esta batalha levaram; é este, velho, pequeno, da haste dourada, que aqui sobre mim está pôsto.

E por o mui assinado serviço que na dita vila recebeu lhe teve tamanho amor que nela gastou depois o mais do tempo de sua vida.

Na qual, por ser tam avantajada, os muito famosos reis Dom Afonso terceiro, que a Portugal acrescentou a segunda coroa do reino, o reino do Algarve daquém; e el-rei D. Denis, seu filho que a ele ajuntou as vilas e castelos de Riba de Coa e de Riba de Odiana; el-rei Dom Fernando... que no Mosteiro de S. Francisco dela está sepellido; el-rei Dom João, o primeiro, que em a batalha ganhou a poderosa cidade dos Mouros em África, a que primeiro passou com armas de Espanha; el-rei Dom Afonso, o quinto, vosso tio, que tomou aos Mouros o mais do Algarve daí, de que primeiro intitulou e tomou por ele a vosso terceira coroa; e todos os mais excelentes Reis fizeram sua habitação e a viveram por sua Câmara: só do grande Rei vosso Pai, Dom Manuel, que por sua grandeza a houvera de favorecer com sua contínua presença, dele foi desfavorecida, não que para isso nela houvesse causa, ao qual e a todos os outros Reis destes reinos ela tem feito muitos e mui assinalados serviços e lhes foi sempre, como é, muito leal e fiel e verdadeira; em seu serviço mui constante, firme, pronta e diligente; e, por isto, sempre deles amada e estimada, favorecida e honrada.

Tem para seu maior preço e estimação grande fertilidade de todos os frutos, e abastança das coisas aos homens necessárias; e em tanta quantidade, que, ela só, mantém o mais de sua comarca, que, sem ela, se não poderia sustentar.

Dela come Lisboa, e também sempre outras necessidades. E vosso Corte, do muito que dela há mister, é largamente abastada!

E tem assento mui formoso, e ares mui saudáveis!

E tem o Tejo das areias doiradas, dos antigos tam celebrado, porque participa do mar; tem campos graciosos, vales, matas, montes, ribeiras, muito frutíferas em tudo, e nelas grande criação de cavalos, gados, bestas selvagens!

E tem, para vosso desenfadamento, muitas caças e montes reais, e todas outras coisas, para todos proveitosas, em perfeição muito grande, as quais, com todas as outras que nela juntamente concorrem, não se acham assim juntas em nenhuma outra vila nem cidade dos vossos reinos, nem de Espanha, nem da Europa. E por isso não se pode negar que deles

de todo ela é mais principal; e das vossas para vosso serviço, a mais necessária!

Foi desamparada de Pessoa Real desde o ano de 31 (!) até hoje, pelo que se prova mui sem dúvida que é para muito: pois sem ela tanto tempo se sustenta, sem quebra de sua nobreza, com tanta gente nobre, tanto povo, tantos edificios divinos e humanos, que crescem cada dia, e em tam longa ausência de rei, sem cuja presença as grandes e populosas cidades se desfazem. Roma, cabeça do mundo enquanto seus Imperadores nela habitarão, com a mudança de Constantino à sua nova Roma, em breve (?) ficou diminuída. E depois, pela ausência do Papa Clemente Quinto, que dela passou a sua Corte a Avinhão em França, foi tam erma e desbaratada que nas suas ruas assim nasciam ervas como nos campos. Ravena, em tempo dos Reis Godos, e depois dos Exarcas, que nela constituíram sua sede, cidade mui poderosa, como dela foram ausentes ficou pouco menos que aldeia. Pavia, com os Reis dos Lombardos, que nela tinham seu assento, cidade mui principal, deles desamparada perdeu sua grandeza.

E para que, sendo-o esta de vós, como estas e outras muitas, e mui notáveis, não caia, o que a vós e a vossos reinos seria perda inestimável — o que a divina Providência desvie! Apedem seus Cidadãos e Povos a Vossa Alteza, Príncipe Excelentissimo, a não desampare nem esqueça; antes, ao seu Rei natural e Senhor mui piedoso, com sua Serenissima e muito Excelente Princesa a ampare e favoreça.

E por esta Porta de Alamarra — porque a segunda vez tomada aos Mouros, por ela e nela entrou a Fé de Jesus Cristo, Nosso Redentor — entre agora, convosco, sua nova redenção, mui desejado favor e amparo para que floresça, com vossa muito alegre vinda e estada, e seja para vosso serviço conservada em sua nobreza e prosperidade, e, depois de vossa mui longa e bemaventurada vida, fique assim inteiramente para vossos sucessores, que Deus Nosso Senhor, enquanto o mundo durar, queira, por sua clemência, fazer perpétuos em vossos Reinos e Senhores.

Amen.

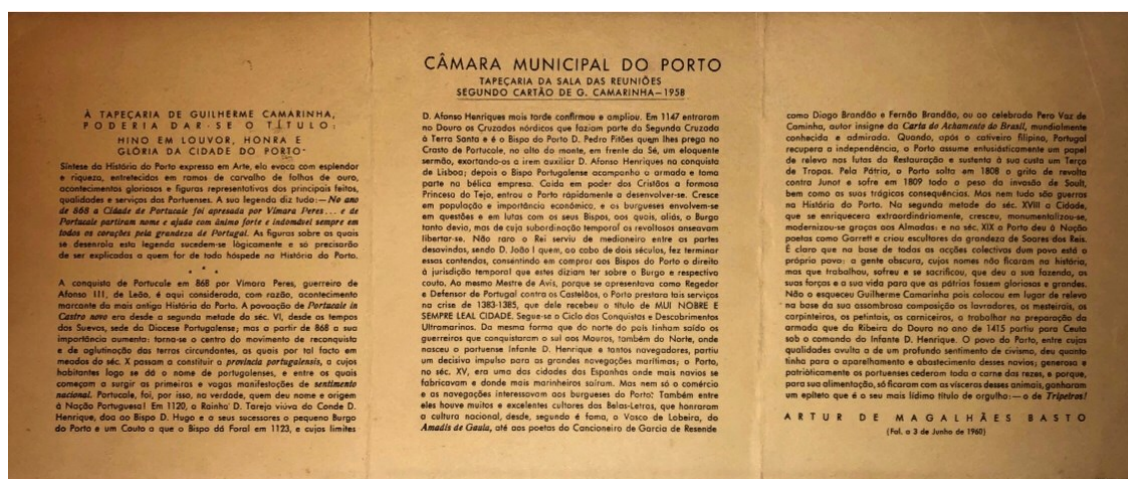
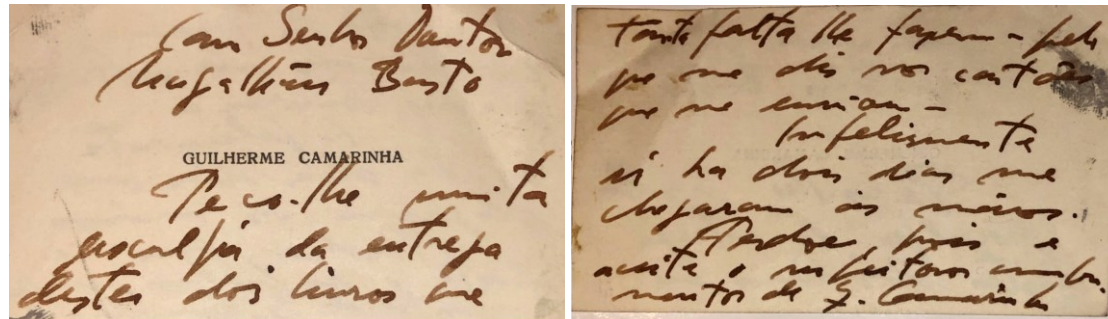
(!) E' o que se lê no original. Mas deve haver engano nesta data.

(Do Ms. 555, da Bib. Nat. Man. do Porto, fls. 46 a 50)

em 1750
minda

Documento 80

Guilherme Camarinha 1958 a. [cartão] para AMB; b. [Cartão] da tapeçaria CMP, texto de AMB.



Documento 81

Rogério de Azevedo **1958** Abril 30 [carta, 6 p.] para AMB.

2 of mg,
Prof. Doutor A. de Magalhães Basto
De Repetição

Porto, April 30/58
Sr. Dr. Magalhães Pinto,

Muito Sr.^{mo} amigo!

Aqui ha tempos entregou-me um papilinho com a palavra Festabole - mandando-me procura-la no "Contador de Segote". Não fiz eu e nada encontrei pelo que depreendi que foi "partido" - daquelas "partidas" em que nos entretemos para distrair o espirito. Outros, porém, ao ler o gaspar Estação - viu com espanto, a pag. 313 a tal palavra Festabole. Le, que este autor transcreveu de Bernardo de Brito que ^{o mesmo} a atribue aos suecos.

Vi, por isso, que não foi "partido" - daquelas "partidas" que nós gostamos de fazer, de vez em quando, para distrair e experimentar a argucia dos outros. Nesta condição cá estou eu a dar a mão à palmatória para corrigir a impressão errônea e acrescentar mais alguma coisa que, pela primeira vez revelo. Leia com atenção.

A palavra Festabole, nel Portugale (da divisão do Rei Wamba) ou Portugale, Festabole quoque appellabatur (de Garcia de Levaia nas Notações do Concilio de Leugo) nada têm com Portugale. A disjuntiva apenas quer dizer que Portugal, na linguagem dos suecos, era Festabole. Admita-se porém que ainda não devia ser Portugal mas Portugale. Ora, esta palavra Fest-a-bole, corresponde ao alemão moderno Festivall - fortaleza de protecção [de Feste = "fortaleza" - e Walt (= bole) a Boulevard (fr.)]. Não traduz, portanto o significado de Portus-Bale. Quanto a este vou transcrever o que tenho escrito e que tencionava guardar até à publicação

do trabalho que tenho acabado. O meu Amigo, porém, é pessoa²
a quem se podem dizer as coisas pela utilidade que delas po-
de tirar, mesmo que sejam tolices. Si vai a transcrição do anti-
go do meu trabalho a que até agora tenho guardado:

"CALE (ou CALLE)

"Este título tem originado tanta literatura tendente toda ao
esclarecimento de origem e significado. A maior parte em pura
perda. Talvez a minha contribuição empresse para pouca coisa
que terá como tantas outras que têm corrido mundo. Como, ma-
terialmente pouco espaço ocuparei a contribuição será muito
insignificante e acatou-se-se a seu poucas linhas, numa
hipótese, a juntar a tantas outras.

Como sempre, o nome cale, é atribuído aos calles.
Aqui, não era nome de cidade, era simples advérbio
empregado utilitariamente. Como que a primitiva expressão
seja $\alpha\delta\delta\eta$ και $\alpha\delta\delta\eta$ ou $\alpha\delta\delta\eta$ κα $\alpha\delta\delta\eta$. Xenofonte (Anab. 5,2,29)
dá-me o significado de "tanto aqui tanto lá" e Sofocles (Tragique-
mias, 907) emprega-a, com crase em κα $\alpha\delta\delta\eta$, sendo significado
de "aqui e lá".

Pela lei natural do menor esforço que leva à simplificação
das locuções, $\alpha\delta\delta\eta$ κα $\alpha\delta\delta\eta$ reduziu-se-ia a κα $\alpha\delta\delta\eta$ apenas, que
é a resultante da crase de κα $\alpha\delta\delta\eta$ que, nas transcrições
aparece ora cale, ora calle.

A evidência é notável, pelo acrescentamento de portus, a
indicar, no latínquismo, a simultaneidade de signifi-
cado funcional, muito usado pelos romanos que, ou por
motivos imperiais, procuravam apagar os idiomas locais
em proveito do seu (v.g.: o osco, o úmbrio, o etrusco, etc.)
ou para utilidade imediata das suas tropas. É possível
que aqui, o apendiculado fosse posto no tempo de Decio
Juno Bruto. Os termos muito conhecidos que, pelo uso
constante, se arraigaram no falar do povo, embora
acrescentados com termos latinos do mesmo signifi-
cado, persistiriam simultaneamente.

O subst. portus - "passagem" (de "atravessar") está rela-

1) Prof. Souza Machado - Origens da Cidade do Porto - único autor que com
lógica deductiva conseguiu pontuar no assunto com a maior acuidade.

3

Ciudad com - portare - "levar" ou "trazer" (inf. do verbo portō, e da mesma maneira, com - porta - de significado idêntico, a emparelhar com o significado do adv. πᾶσι, tal que, as palavras do binómio bilingue - portus + cale são concordes no significado, tão exactamente como esse Metallum + Vipasca. (Vd. este nome no fim do Insul)
Aquelas designações deviam pertencer às duas margens e, tanto podiam ser expressas por portus como por porta v.g.: portus cale (do ouro) como porta cale (dos treos de V. de Vey).

(Cale)

Julgo que o portus (correspondente à margem direita) estaria em Miragaia cujo "nome" primitivo seria o de Μεῖραγ'αῖα (de Μεῖρ - raiz de Μεῖροναι + αῖα elidido com αῖα (terra)) e se pode vertes - "terra onde se quebram as ondas à norte".

Μεῖραγ'αῖα deu Miragaia (elbira-gaia) com a analogia de mira (de mirare), daí, o continuar na linguagem, ~~que deu~~ ^{origina} a lenda de Mira gaia - como se só daquella fonte se pudesse, exclusivamente, mirar gaia...

O portus (Cale) correspondente à margem esquerda estaria mais acima, longe da foz do Rio, livre portanto dos impulsos marítimos que agitam as águas do Rio e seria Μεῖραγ'αῖα (de Μεῖων + αῖα elidido com αῖα) significando - "terra onde, com menor força, quebram as ondas".

Julgo que devia corresponder ao lugar de Quebrantões (de quebrantar, marizar) nome este posterior e vernáculo, provindo, certamente, do facto

tem aproveitado pela experiência de, neste ponto, o rio não
ter ondulação, por estar longe da sua foz e, quando
das cheias, fora da corrente, livre portanto de embarço
para as operações de embarque ou desembarque. 4 foi
uma gubernação i corruptela.

Nos documentos medievais (Corpus Codicum Latinorum
v. I p. 23, passim) separava as palavras - Mira gaia,
leado feita, etc. O nome uēiag'āta, (meiag'āia), com
o-i assimilado pelo-a-i imediato, daria Meagaia,
não sendo de estranhar que, da mesma forma que
obtiveram Mira gaia obtiveram Mea gaia, ter-
mo que passaria a expressão pessoal - da barra -
Mea (fem. de meu).

Estes nomes devem ter provindo do primitivo falar
do povo que, na época romana, se não alterariam
pela semelhança que tinham com outros, do latim, per-
sistindo portanto na forma primitiva, tão exacta-
mente, como leale que, por ser ^(na g'ra) diferente, acompa-
nhou, sempre, a palavra - portus.

Quer-se, portanto, parecer que a Miragaia, pertenceria
numa leale (mais tarde acrescentada de portus)
pertencendo a Meiag'āia outra, nas mesmas condi-
ções. Miragaia seria portanto o primitivo povoado
da margem direita como Meiag'āia seria o da
esquerda, como pontos obrigatórios de passagem,
sendo portanto portus + leale comum dos dois.

Em qualquer ponto elevado da periferia
estaria o recinto onde se pudessem abrigar em
caso de perigo a Civitatula, como sucedanes
latins de āovu ou reja, a acrópole da povoação

5
tão modesta como ela. A passagem a lividade é
possível por causa do -a- tônico com o -u- seguinte
breve livitátula > livitattle > livitate > lividade. "

Fico-me por aqui, pois que o tema, sendo fascinante
não é para mim.

Deve encontrar no texto a referência a Metallum
Vipasca, para verificação, no fim do capítulo.

Eu tenho o artigo escrito mas é longo e para
o massar já chegou.

Hoje tenho reunião da Comissão de Fete e
Linguística às 3 horas. Le vou a necessidade
de mais alguma observação entre as duas
ordens, como sempre.

Se não vê, desde que a coisa era a rêrio tonica
também a rêrio.

Mu Xi coracão do
amigo e admirador

Rogério

Documento 82

O Acto Medieval na cidade do Porto 1940 Junho 7 [prospecto] por AMB(?)

a. - “Relação ou Programa de tudo quanto se vai passar na Calçada de Vandôma, na Casa do Senado, no Terreiro de D. Afonso Henriques e na Sé Catedral(...) na tarde do dia 7 de Junho, pelas 7 horas e meia.”[prospecto 11 p.]





PRIMEIRAMENTE, há-de saber-se que Sua Excelência o Chefe do Estado, General António Óscar de Fragoso Carmona, será recebido, com sua comitiva, naquele lugar onde dizem as crónicas ter havido uma porta da cerca primitiva do velho burgo portugalense, chamada de Vandôma, mesmo à entrada da Calçada que de tal porta herdou o nome. E mais se diz que nesse ponto receberá o Chefe do Estado das mãos do Presidente da Excelentíssima Câmara Municipal do Pôrto, que é o ilustre Professor Doutor António Augusto Esteves Mendes Corrêa, as chaves da cidade e estas estão depositadas num cofre de prata bem bonito e mui pesado, trabalhado ao gosto do século XII.

Seguirá o Chefe do Estado para os Paços do Concelho, não sem ter ouvido primeiro o Hino Nacional, que será cantado pelo Orfeão Académico do Pôrto. Ao depois, será recebido Sua Excelência na Sala dos Espelhos daqueles Paços, onde descansará um pouco de suas fadigas, que muitas são. E aí irá por Sua Excelência o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo do Pôrto, Dom António Augusto de Castro Meireles, acompanhado dos Senhores Cônegos do Cabido da Sé Catedral e dos monges beneditinos de Singeverga, estes com suas cogulas.

Já o Terreiro de D. Afonso Henriques há-de mostrar grande porção de gente que a êle vai acorrer e das varandas das casas que lhe ficam em derredor hão-de pender garridas tapeçarias e outras mostras de festa, tudo de grande valia mas aquém da importância dos grandes feitos que vão ser comemorados.

Entrementes, o Chefe do Estado, debaixo do pátio, dirigir-se-á para a tribuna forrada de veludos e outros panos que está armada no mesmo Terreiro, após o que as vozes frescas de gentis meninas da Mocidade Portuguesa Feminina se vão erguer

para cantarem a composição chamada *Pátria Ativa*, escrita para êste Acto pelo Maestro Carlos Dubbini. O Prelado do Pôrto evocará, de seguida, os Bispos fundadores da cidade e o auxílio por êles prestado à grande e nobre Figura de Rei que foi o Fundador da Nacionalidade.

Acabada que fôr a alocução de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo do Pôrto, ha-de o Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal dizer algumas palavras sôbre o vélho município portugalense, ao geito de prólogo ao acto que vai seguir-se, qual é o descerramento dum bem lavrado pelourinho que sôbre uma traça do séc. XVIII se levantou no Terreiro onde decorre esta função. Quem descobre o monumento é o venerando Chefe do Estado e uma vez arrancadas as bandeiras que tapam aquêle padrão tôda a gente poderá ver e apreciar a perfeição da obra e seu acabamento esmerado, tôda ela em bom granito afeiçoado. De novo se erguem as vozes das gentis meninas da Mocidade Portuguesa Feminina, desta vez para entoarem o *Hino da Cidade*, composição do Maestro Óscar da Silva.

E seguirá ao depois Sua Excelência o Senhor General Óscar de Fragoso Carmona, de novo sob o pátio, para a Sé



Catedral, com sua comitiva. Vai iniciar-se a cerimónia da evocação medieval, toda ela ungida de religiosidade e convidando ao recolhimento. É Portugal eterno a pairar sobre o ambiente calmo e recolhido das naves da velha Sé portugalense.

De comêço, os monges beneditinos do convento de Singeverga, sito em terras de Santo Tirso, entoarão o canto litânico conhecido pela designação de LAUDES INC-MARI, que remonta à mais alta antiguidade (princípios do século IX). Usava-se outrora por ocasião da coroação dos papas, réis e imperadores, ou em circunstâncias particularmente solenes, como a recepção de um grande personagem, de um herói nacional. Perdura ainda o seu uso nas tradições monásticas.

As LAUDES celebram a vitória, o reinado e o império de Cristo no mundo, e pedem para o vigário de Cristo, os chefes das nações e todos aquêles a quem se presta especial homenagem, os efeitos benéficos da divina liberalidade.

A apoiar as preces dos mortais, invocam-se os títulos salvadores do homem Deus, a onnipotência suplicante da Virgem Mãi, a intercessão dos santos, antigos de Deus e dos homens seus irmãos, escolhendo-se, por isso, aquêles para cuja tutela existem títulos especiais: padroeiros, onomásticos e compatrícios segundo as circunstâncias da ocasião e das individualidades homenageadas.

Vai depois um sacerdote ler a carta pela qual a Rainha Tareja, filha do glorioso Imperador Afonso, doou à Sé do Pôrto e ao Bispo D. Hugo o vélho burgo portugalense com seu couto e há-de também referir-se à doação do couto de S. Pedro da Cova e bem assim à confirmação e ampliação dos limites do Couto feita por D. Afonso I, numa carta em que se intitula *pela vontade de Deus Príncipe de tôda a pátria portuguesa*. Após a leitura, o côro dos seminaristas do Pôrto entoará

Te Mater Domini, poesia de Bernardo de Morlaix, monge de Cluny e música a oito vozes desiguais do Padre Luiz Rodrigues.

A música, para oito vozes, quatro de criança e quatro de homem, é uma espécie de cântico angélico que viesse à Terra para transportar ao tálamo do seu esposo a virgem a que se refere o texto (Santa Walburga inglesa, cuja festa se celebra em 1 de Maio).

O final é um *Alleluia* triunfante em que os sopranos se juntam aos tenores, e os contraltos aos baixos para coroarem a entrada da Santa no Céu. Repetida várias vezes na exclamação *Alleluia* sente-se bem o *i*, penúltima letra da palavra, tratada separadamente do *a*, a que anda ligado na leitura latina como que a fazer sentir o texto hebreu *hallelüyäh* e a maneira de dizer do nosso povo que é *aleluia*.

Findo o que se ha-de ouvir outra vez o cântico dos beneditinos de Singeverga, desta vez para entoar o *Te laudamus, Domine*. Vai seguir-se a leitura do sermão que o Bispo D. Pedro Pitões prégou aos cruzados do norte, em 1147, no adro da Sé.

Havia o monarca D. Afonso I solicitado do Prelado portugalense que interce-

desse junto dos cruzados, no caso de eles fundearem no Douro, no sentido de o auxiliarem na tomada de Lisboa aos mouros. O Bispo D. Pedro Pitões levou a bom termo a missão de que o incumbira o monarca e para melhor convencer os cruzados prègou-lhes um sermão que, é de justiça acentuar-se, é uma peça oratória e literária de singular relêvo. Quando exortava os cruzados, D. Pedro Pitões prègou-lhes dêste geito:

«A vós clama a igreja de braços mutilados e face conspurcada. Por vossas mãos reclama ela a vingança e o sangue dos seus filhos. Clama, sim, clama! Executai a vingança das nações e as censuras entre os povos. Não vos seduza a pressa de seguirdes viagem, porque não é digno de louvor o ter estado em Jérusalém, mas o ter vivido rectamente; por quanto só a ela podereis chegar com o auxílio seu. (.....) Levantai como bons vingadores a Igreja de Espanha prostada e humilhada, e revesti a pobre, deformada e feia, com as vestes da alegria (....).

«A piedade em favor de Deus não é crueldade. Fazei a guerra por zêlo de

justiça, e não por impulso violento da ira. Ora a guerra justa, diz o nosso Isidoro, é a que se faz por rehaver o que é nosso ou para repelir os inimigos. E porque é uma coisa justa punir os homicidas e os sacrílegos e os envenenadores, a efusão do seu sangue não é homicídio, como não é cruel quem destroi os crueis. Quem mata os maus só no que eles são maus e o faz com justo motivo, é ministro do Senhor».

Os beneditinos da Abadia de Singeverga vão agora cantar *Te laudamus, Domine e Virgo Dei Genitrix*. Findo o que hão-de entoar, com os seminaristas, uma *Antífona* em comemoração de D. Afonso Henriques.

Para bom entendimento das coisas se diz aqui que D. Afonso Henriques gozou de fama de santidade. Foi um protector desvelado de numerosas fundações monásticas: Alcobaça, a Ordem de Cister, Santa Cruz de Coimbra, S. João de Tarouca atestam a sua piedade.



E o reconhecimento dos portugueses, dos monges em especial, foi grande e duradouro. No século XVIII, em 1728, o Dr. José Pinto Ribeiro, expedicionário régio em Roma, publicou um volume sobre os milagres d'este Santo Rei que distribuía a todos os Cardiaes: *Apparatus historicus de argumentis sanctitatis Regis Alphonsi Henriques*. Trabalhava-se então, na Cúria Romana, da sua Beatificação, que se esperava para breve, pois «praticou acções tam esclarecidas para o Ceo, que por ellas he ainda mais respeitado na terra, sendo communmente chamado o Santo Rey D. Affonso Henriques. Teve culto em tempo antigo, que mereceo, como se affirma, porque Deos o honrou com prodigios» (*Hist. Geneal.* I, p. 56). Sabe-se até que em Lórvão e Alcobaça se fazia a comemoração de D. Afonso Henriques, pela forma como hoje se faz, neste dia centenário, nesta igreja de Santa Maria da Sé do Porto onde se baptizou Portugal.

É finda a comemoração.

SAIBAM quantos esta *Relação* virem
que todos os coros são dirigidos
pelo Maestro Afonso Valentim.
Vai um grupo de homens de armas
da Fundação ocupar a muralha
da cêrca primitiva do vélho burgo, na Cal-
çada de Vandôma e as tôrres da Sé Cate-
dral. Garridas tapeçarias e outros panos,
com sua traça e côres ao gôsto da vélha
usança medieval, hão-de servir de adôrno
às moradas da Calçada de Vandôma e do
Terreiro de D. Afonso Henriques.

Nas varandas que ficam por cima
da tribuna armada no mesmo Terreiro
ostentarão seus toucados medievos algu-
Senhoras dô Pôrto e ao lado da mesma
tribuna vão sentar-se algumas meninas e
Pagens, com seus vestidos de boa côr.

Cuidaram do arranjo do Acto os funcionários municipais Dr. Artur de Magalhães Basto, Chefe dos Serviços Culturais, Dr. António Cruz, Director do Gabinete de História da Cidade e Engenheiro Avelino Monteiro de Andrade, Director do Palácio de Cristal. O Pintor José Luiz Brandão de Carvalho delineou a decoração. E aqui se consigna o agradecimento dos realizadores a todos aqueles artistas que colaboraram nos trabalhos.

As cerimónias da Sé Catedral são dirigidas pelos Reverendos Drs. Correia Pinto e Bernardo Xavier Coutinho.

Esta *Relação* foi dada à estampa pela Tipografia Costa Carregal e do seu arranjo se encarregou Hernani da Costa & C.^a

O ACTO MEDIEVAL

Aos 7 de Junho do ano da Graça de 1940 - com a honrosíssima presença do Ilustre Representante do Venerando Chefe do Estado e ainda de Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, dos Senhores Sub-Secretários de Estado das Corporações e das Obras Públicas, do Senhor Bispo do Pôrto, do Senhor D. Abade de Singeverga, do Senhor Representante do Brasil, Ministro Plenipotenciário Melo Franco, do Senhor Presidente da Comissão Executiva dos Centenários, Dr. Júlio Dantas, e de outras numerosas altas individualidades oficiais - realizou-se o Acto Medieval, comemorativo da concessão do Foral do Pôrto pelo bispo D. Hugo (1123) e dos bispos fundadores da cidade.

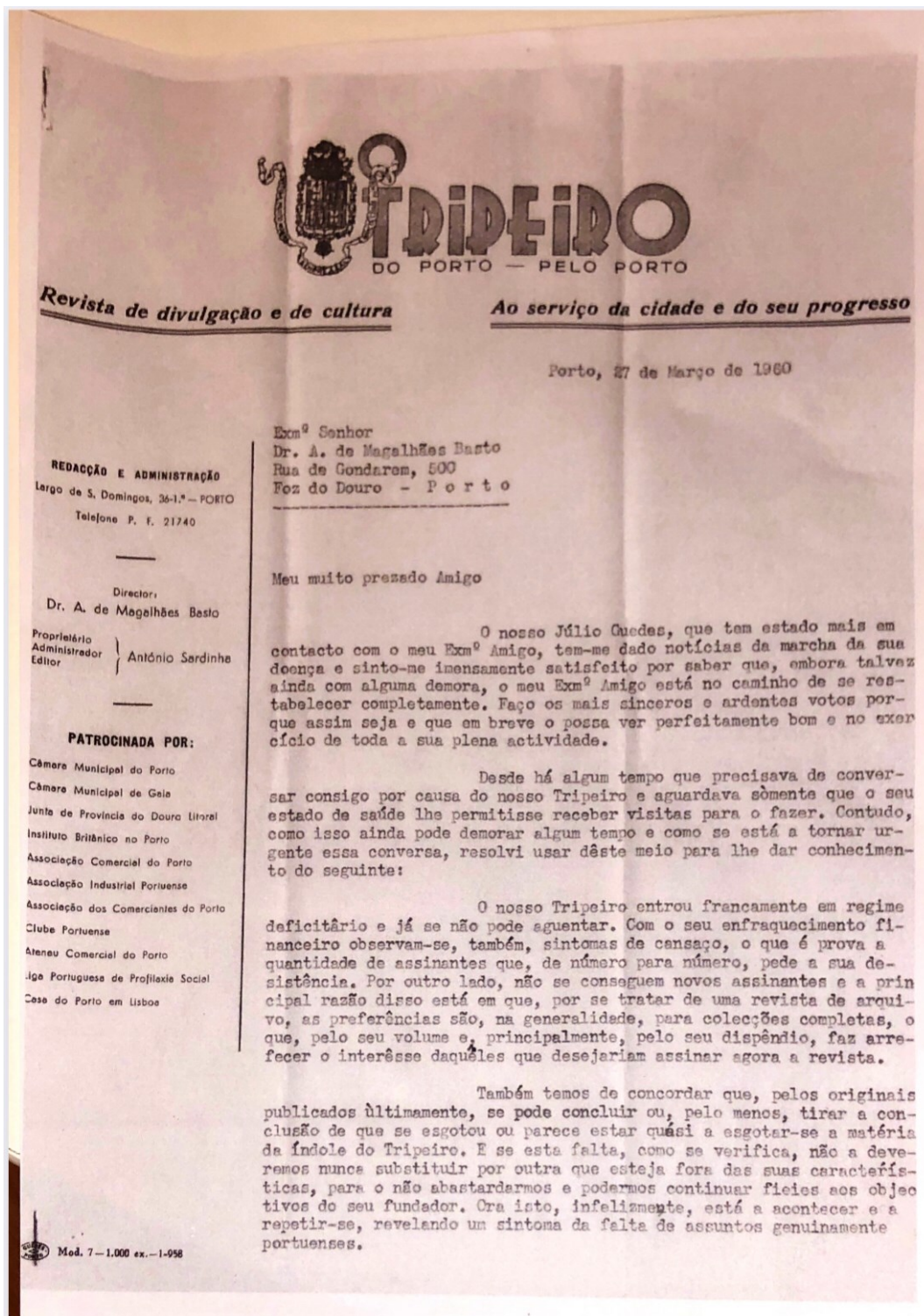
A cerimónia teve por teatro o amplo e magestoso Terreiro de D. Afonso Henriques, que expressamente e como por milagre parece ter surgido no lugar seis meses antes ocupado por um montão inestético de véllhas casas e ruas estreitas, escuras, tristes e feias.

Arautos postados entre as ameias da Sé, guerreiros de cotas de malha e lança, sacerdotes e monges com seus hábitos talarés, formosas donas trajadas ao estilo da Meia-Idade, festões de verdura e bandeiras da Fundação, tapeçarias inspiradas nas páginas iluminadas do Apocalipse de Lorrvão e dos códices góticos da Biblioteca Municipal do Pôrto, uma tribuna armada ao gosto dos tempos medievos, davam ao recinto, coadunado de enorme multidão, cor, animação e carácter.

Um coro de seiscentas vozes da Mocidade Portuguesa Feminina entoou hinos patrióticos. O Senhor Bispo do Pôrto preferiu primorosa e

Documento 83

António Sardinha, do *Tripeiro* 1960 Março 27 [carta, 2 p.] para AMB, com cópia para J. Guedes e Nascimento Sousa...o fim da 5ª série....



Tudo isto conjugado e acumulado — situação deficitária, desistências de assinantes por cansaço ou desagrado e falta de assuntos tripeiros — levam-nos ao fim. Temos de dar por finda a nossa tarefa com o número do próximo mês. Nesta altura, O Tripeiro poderá morrer com beleza e termos todos a satisfação de que sempre viveu com limpeza. Deixamos uma obra já grande: são 15 volumes correspondentes a 15 anos de persistência. Nêles fica arquivada muita coisa boa do Porto de outras eras. Outros que venham, o que talvez seja possível, mas certamente só daqui a alguns anos, retomar o fecho que nós agora deixamos apagar e que possam ter a mesma coragem que nós tivemos para lhe dar uma vida tão longa como a que teve esta V série.

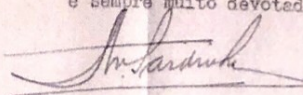
Sabemos, portanto, morrer a tempo, já que as condições actuais nos mostram um futuro incerto e estão a dizer-nos que, se teirmos, estragaremos, com certeza, toda a obra realizada. Acabemos pois, aqui e parece-me que acabaremos bem.

Era isto o que eu queria dizer-lhe em conversa anua, mas como, pelo seu estado de saúde, isso não me é possível, faço-o deste modo. O meu Exm^o Amigo vai sentir como eu próprio sinto o fim do Tripeiro, mas consolemo-nos com o que fizemos, que foi muito, mesmo muito, e que, sem vaidade, posso dizê-lo, poucos, muito poucos até, teriam realizado obra tão grande se a ela se tivessem abalançado.

Quero recordar êstes quinze anos de convívio e ficar dêles com a mais agradável lembrança de uma cooperação mútua que nunca foi ofuscada pela menor divergência. Que o meu Exm^o Amigo fique de mim com a mesma recordação e que a lembrança desta parceria lhe seja sempre agradável ao seu espírito.

Faço os mais ardentes votos pelo seu rápido e completo restabelecimento e fico com a certeza de que a nossa amizade, nascida há quinze anos e durante êles sempre vivida, perdure até aos fins dos nossos dias.

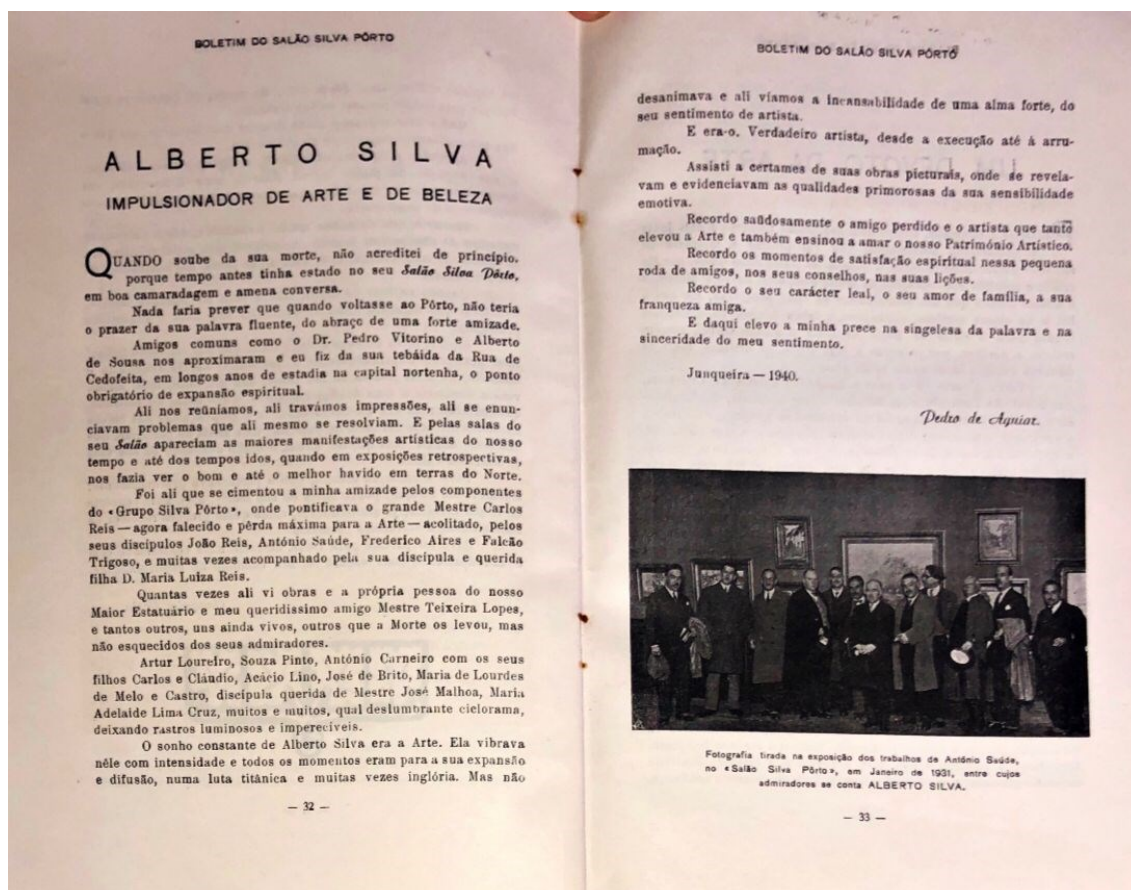
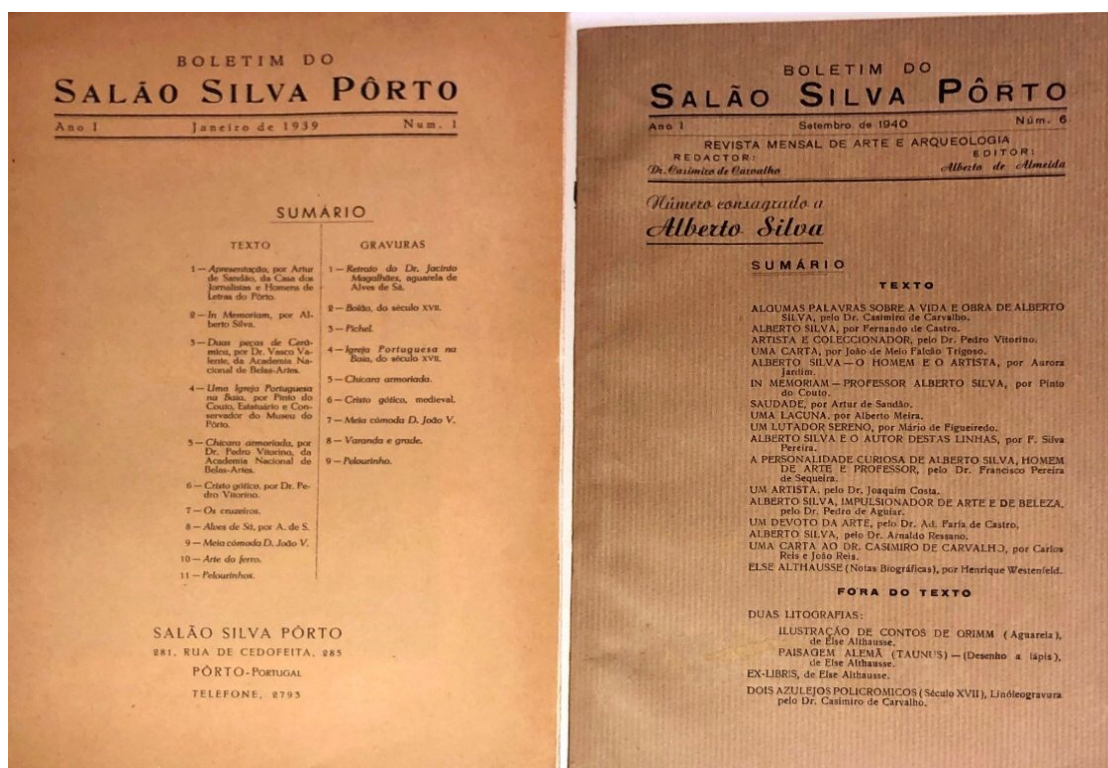
Sou seu grande admirador
e sempre muito devotado



Com cópias para os senhores
Manuel Nascimento Sousa
e Júlio Cuedes.

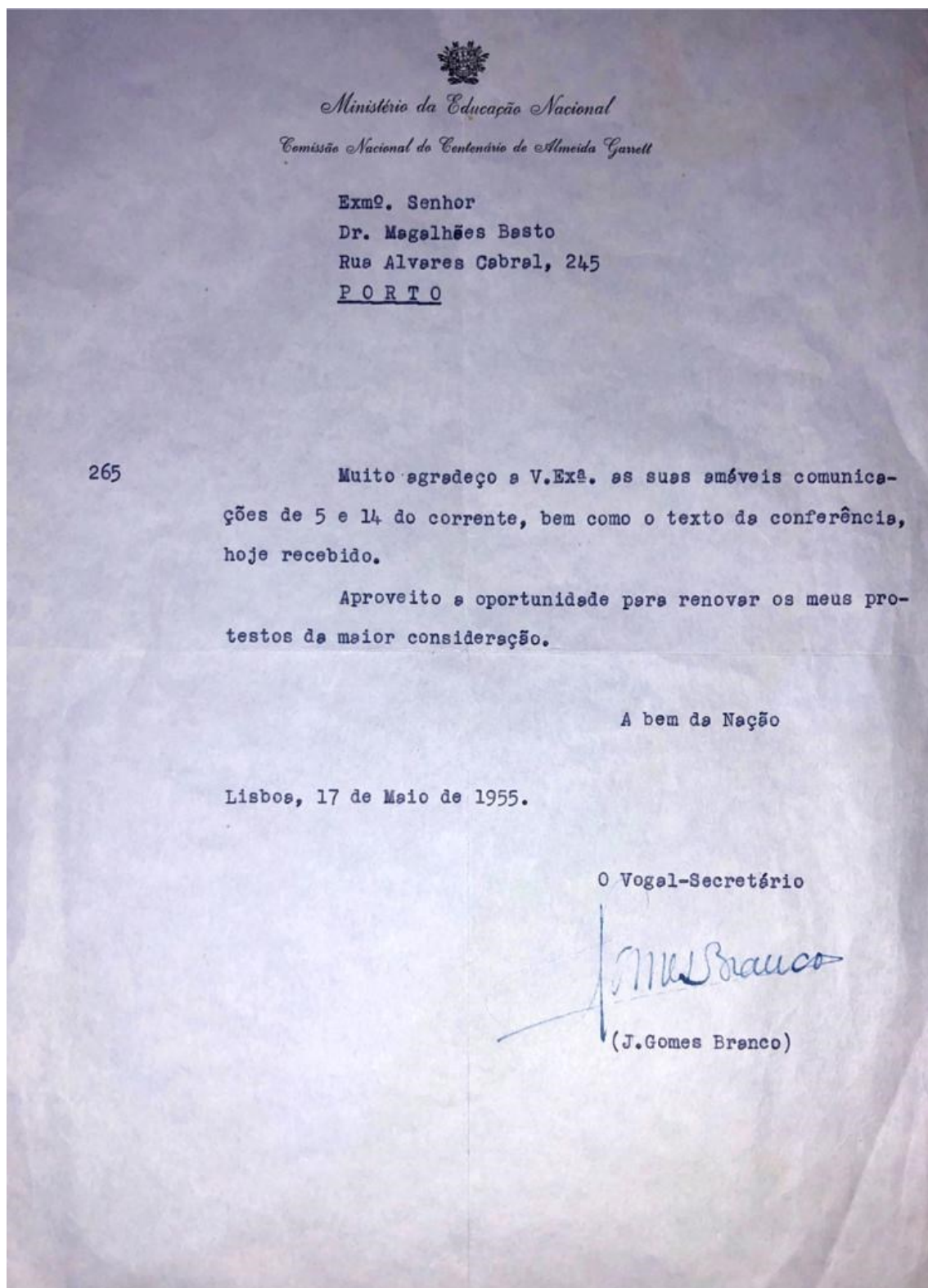
Documento 84

Boletim do Salão Silva Pôrto, 1939, [capa] nºs 1 e 6, + 2 p.



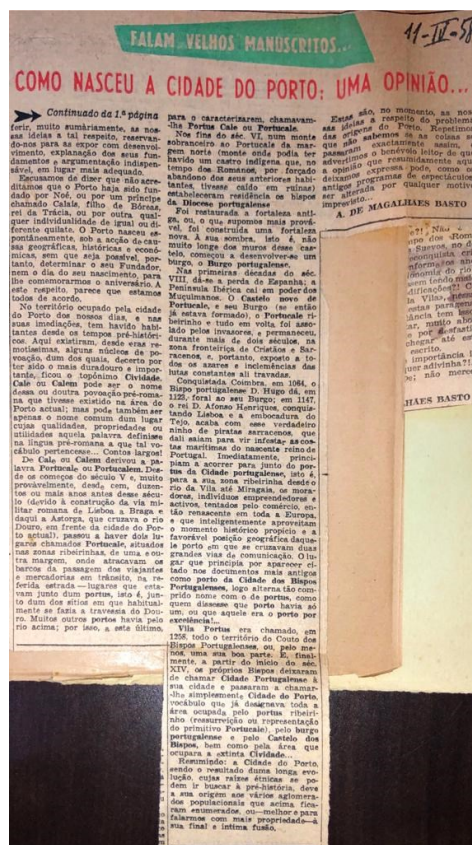
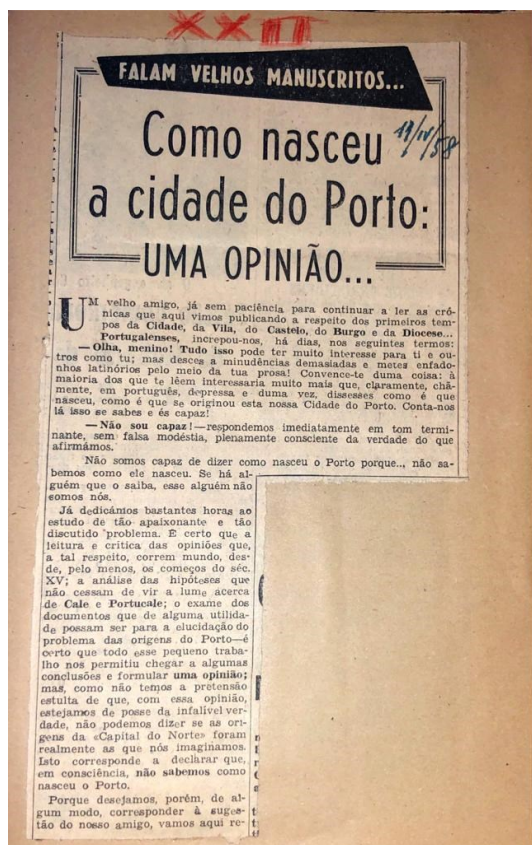
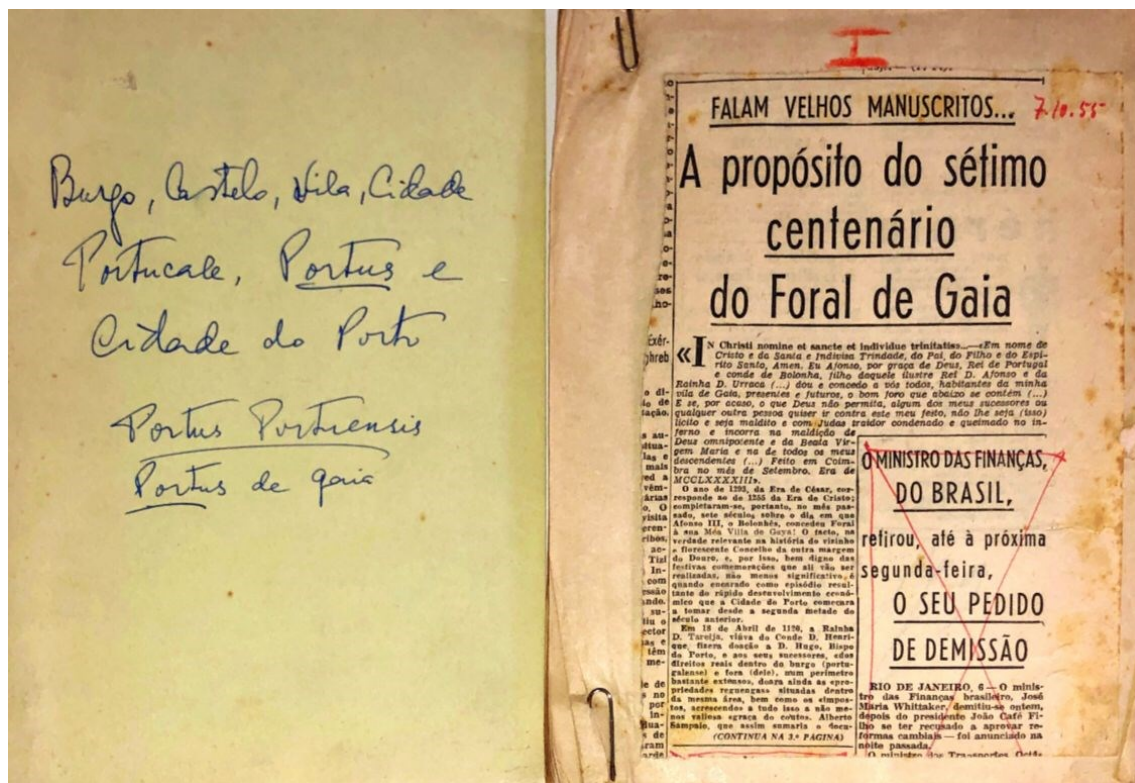
Documento 85

“Comissão Nacional Centenária de A. Garrett”, 1955 Mai.17[Carta] para AMB.(EF).



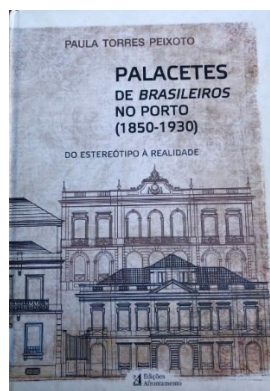
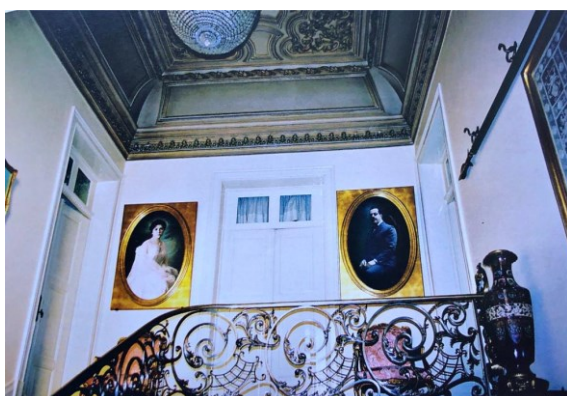
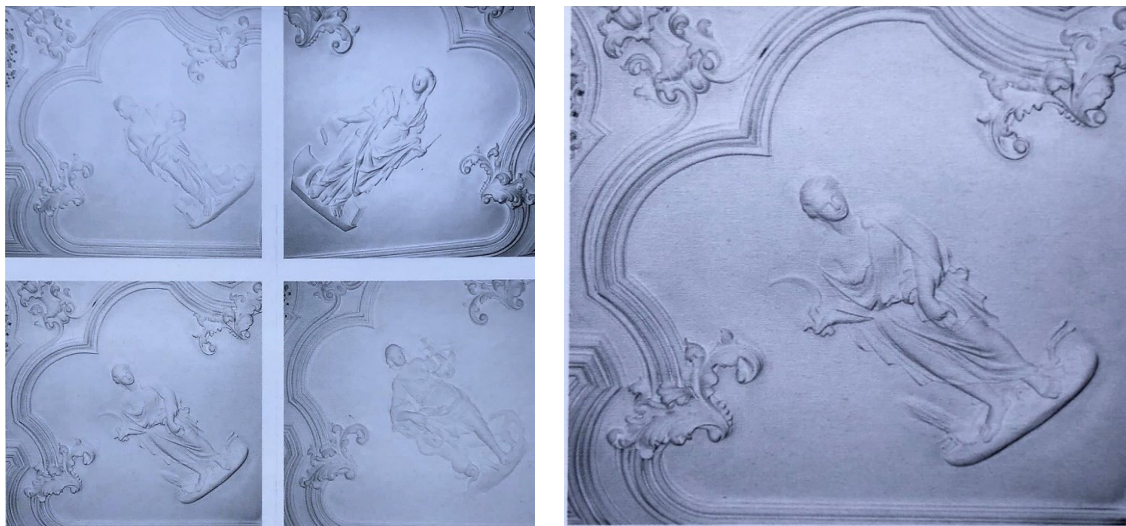
Documento 86

Burgo, Castelo, Vila, Cidade Portucale, Portus e Cidade do Porto Portus Portuensis Portus de Gaia. 1955 Outubro 17. [Capa + 3 ex.] de 23 "F. v. m...", por si reunidos, com intuito de publicar em volume! (EF).



Documento 87

Casa de António de Magalhães Basto, R. D. João IV, Porto, **2013** [Fotos] de estuques, in PEIXOTO, Paula -*Palacetes de Brasileiros no Porto*. Porto: Edições Afrontamento.



Documento 88

António Saúde, pintor, 1955 Fevereiro 14 [dossier] de AMB

a) "Os motivos do meu respeito e da minha admiração" [Man., 7 fls.] de AMB (EF).

14.2.55

Os motivos do meu respeito
e da minha admiração

Não sei se deves pedir desculpa
de ter vindo a esta festa. Não
sou artista, nem crítico de Arte,
nem tenho a honra de ^{pertencer} ser de
^{as minhas} relações do Pintor António
Saúde - que, por certo, nem
sabe que ~~eu~~ existo.
Mas Moreira Fernandes convi-
dou-me e eu, após ^{compreensão} ~~atenuada~~
resistência, acedi - ^{final} ~~por fim~~.

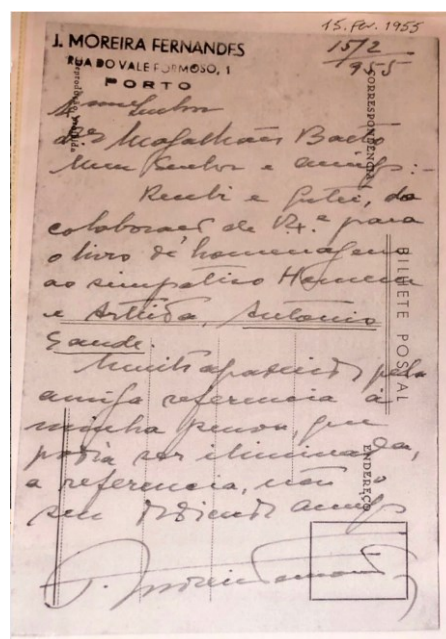
o Homem da Rua também tem olhos
para ver, ouvidos para ouvir, ca-
beça para raciocinar; e ^{as suas opiniões} ~~é~~ sob a
condição de respeitarmos dito de
Apelões - não passamos acima da chinela -
constituição, ^{quando} ~~apenas~~ creio, ^{elementos}
^{digno de ser} ~~considerados~~ ^{quando se formar um conceito}
^{de modo como em dada época se} ~~os~~ ^{homens e os} ~~acerte~~
^{afirmados os} ~~elementos~~ ^{como Pintor -}

De António Saúde, que ainda
em Maio de 1953 expôs no Port.,
e do qual há quadros em todos os
museus e ~~galerias~~ ^{de Portugal};
~~sei que é um grande artista~~
~~que a crítica consagrada pela~~
~~crítica~~ ^{através dos seus} ~~longos~~ ^{anos de tra}

b) Postal «Azenha», quadro de A. Saúde. (EF).



c) J. Moreira Fernandes, 1955 Fevereiro 15 [postal] a agradecer a colaboração para o álbum de homenagem ao pintor A. Saúde [EF].



d) A 1ªExposição de António Saúde, 1931 Janeiro, Salão Silva Porto.

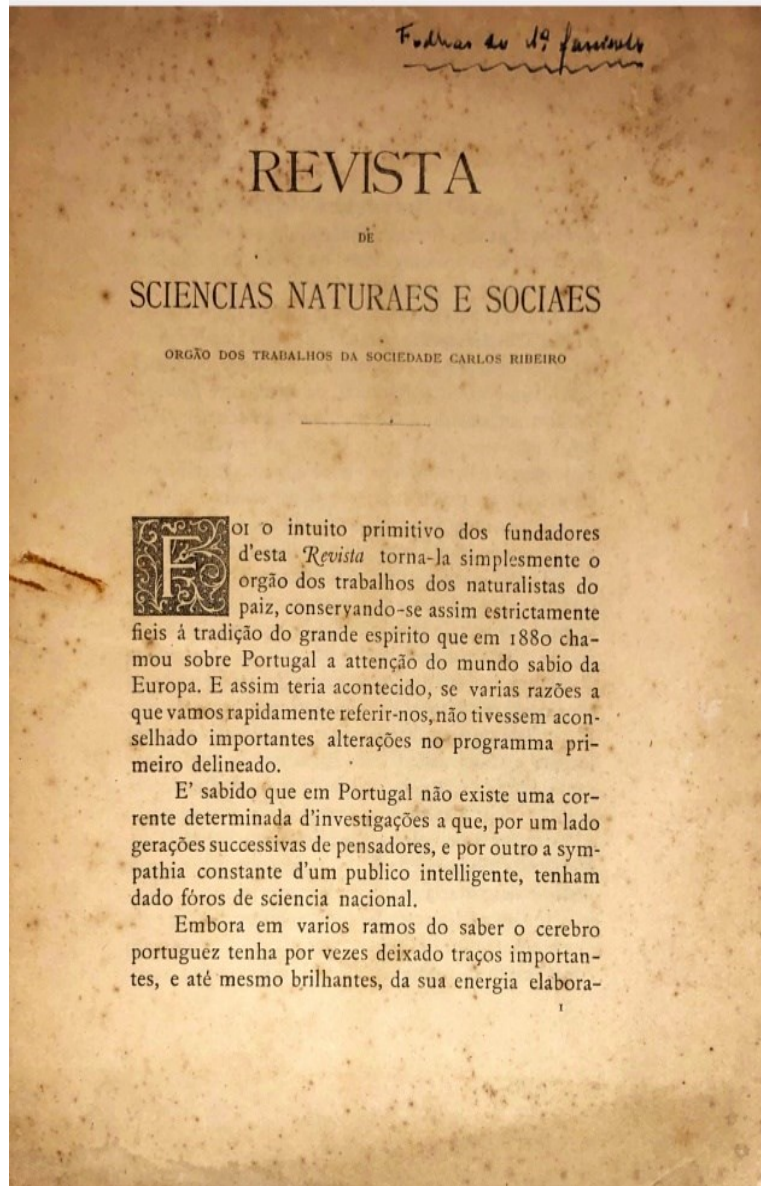


Fotografia tirada na exposição dos trabalhos de António Saúde, no «Salão Silva Porto», em Janeiro de 1931, entre cujos admiradores se conta ALBERTO SILVA.

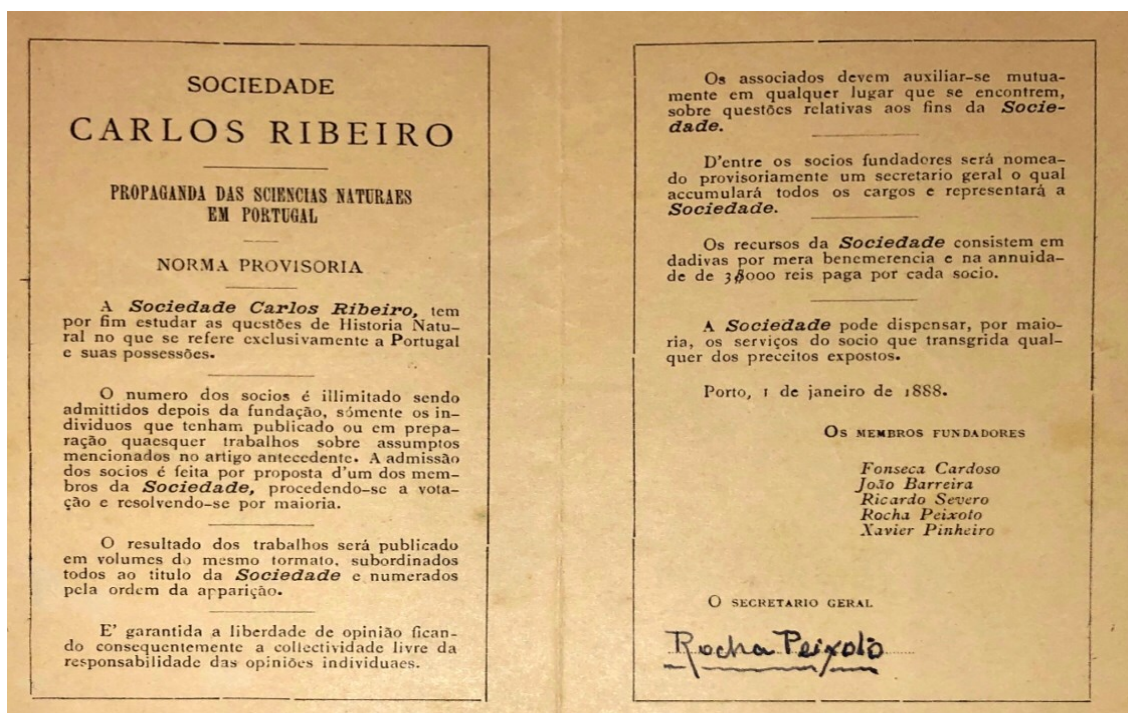
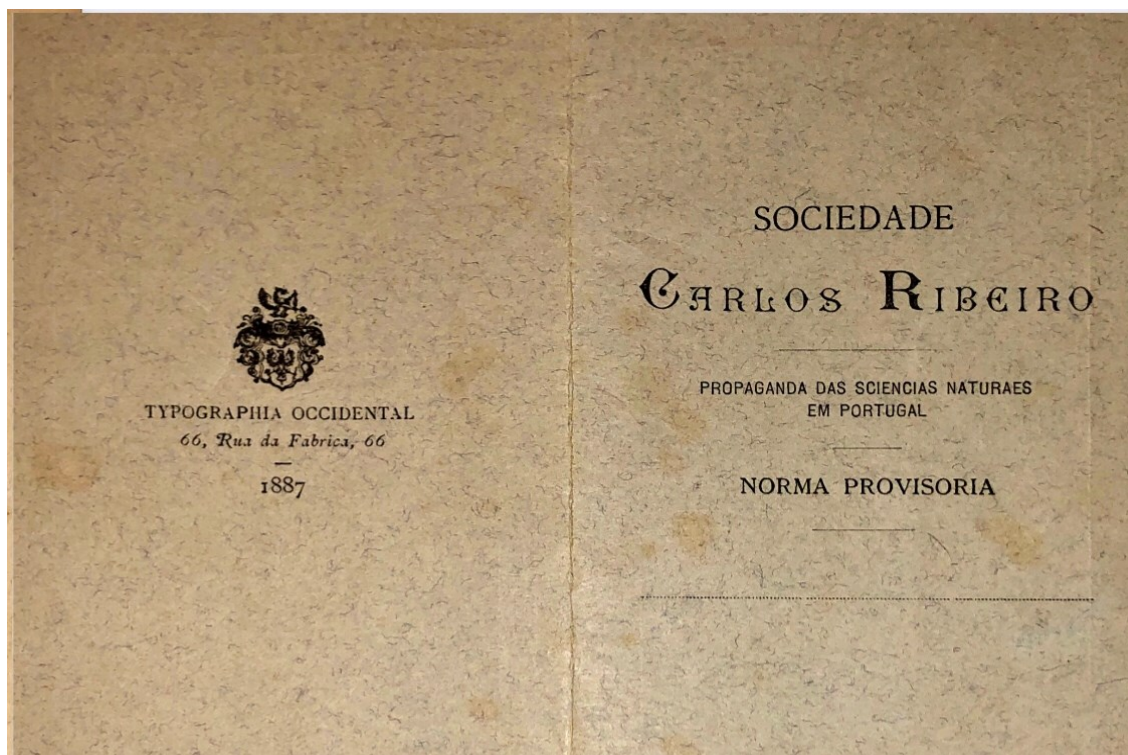
Documento 89

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes. Orgão dos Trabalhos da Sociedade Carlos Ribeiro. S.d.

a. “Folhas do 1º fascículo”. (EF).



- b. "Sociedade Carlos Ribeiro. Norma Provisória" 1888 [Estatutos], assinada pelo sec. geral Rocha Peixoto. (EF).



c. ... nomes e cargos dos membros da sociedade, S./d.[nota] de João Barreira. (EF).

Pedra Peçuto foi o secretario
geral.
O mais velho do grupo não
ultrapassava a idade de 20
anos.
Ricardo Leuen tinha 18 annos.

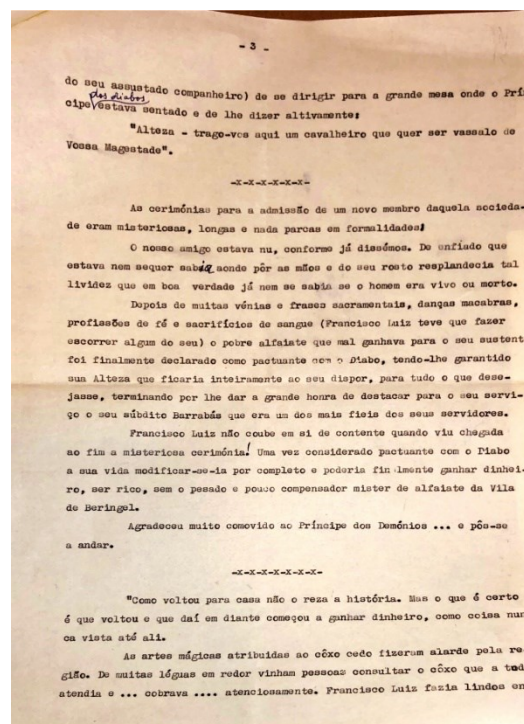
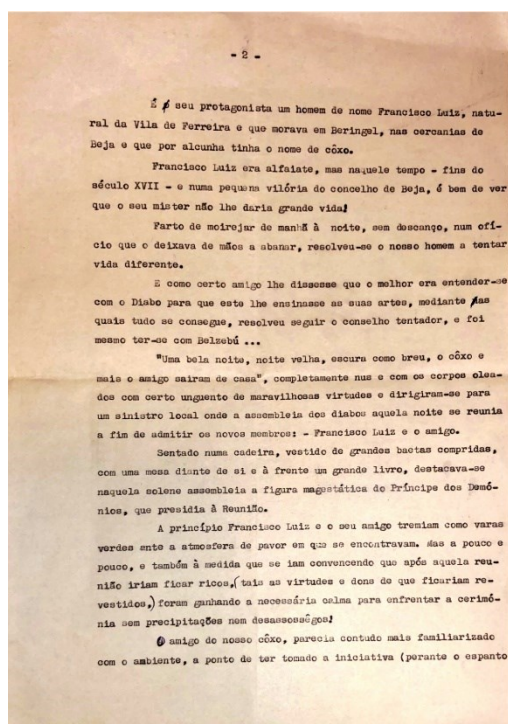
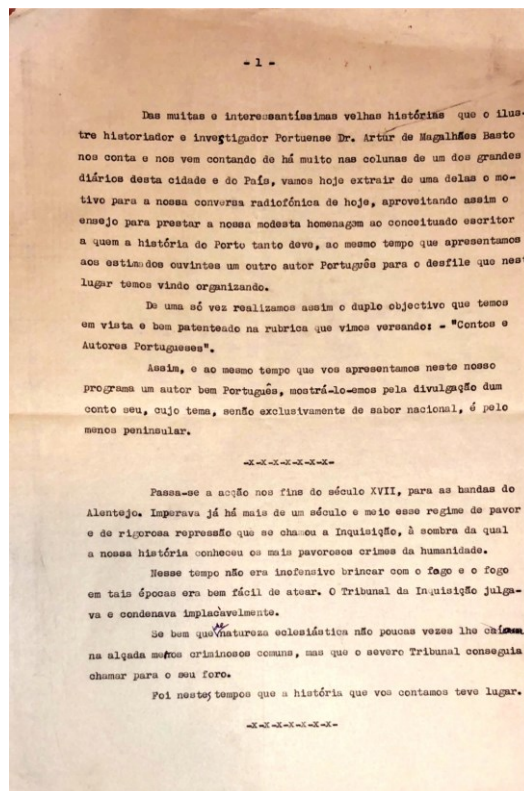
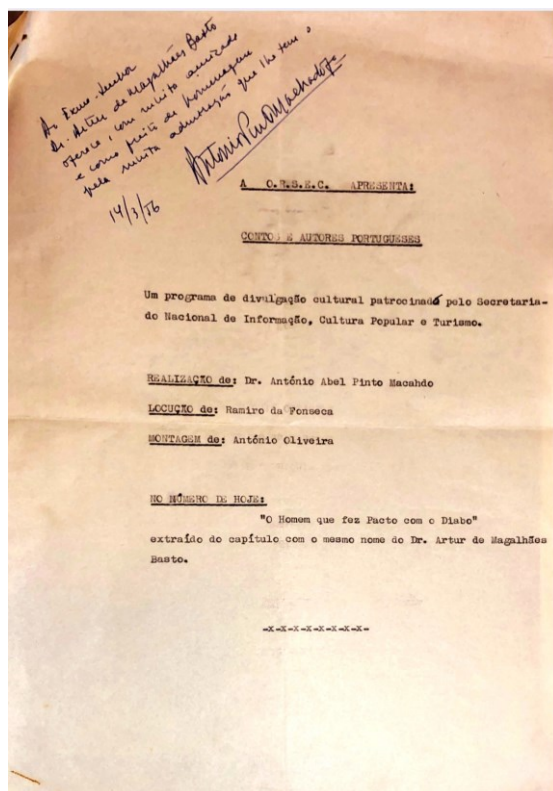
Os primeiros estatutos são
anunciados por :

Pres.	Julio de Matos
Vice-pres.	Barilho Telles
Secret.	Pedra Peçuto
Tesoureiro	Tomasa Cardoso
Secr. efectivo -	Xavier Pinduro
	João Barreira
	Ricardo Leuen

Documento 90

A.A. Pinto Machado, "Homenagem a AMB", 1956 Março 14

a.[6 p. dactil.] Do programa na rádio: *Contos e Autores Portugueses*, Pinto Machado vem apresentar: "O Homem q fez pacto com o Diabo", de AMB! (EF).



redes de histórias de amor, provocava os namorados incitando-os à declaração das suas paixões, revelava a uma e a outros se os seus amores eram ou não correspondidos, e não só isto, como também curava maleitas com feitiços, ungentos e rezas. "Uma vez o unguento era-lhe dado directamente pelo Demónio, e era preto e cheirava a enxofre. Outras vezes preparava-o o próprio Francisco Luiz com arruda, alcorria, merceola, sempre molhava e outras ervas, fritas em azeite com sêbo de carneiro, unto sem sal, cera, etc."

"Quando queria de alguma pessoa alguma coisa bastava olhar para ela e dizia: com dois te vejo, com cinco te etc, o sangue te bebo, o coração te arrebató, que tudo faças tão humilde como a sola do meu sapato".

"Por artes do Diabo fez o côxo fez certo casamento clandestino trazendo certa pessoa de partes muito distantes" e que fez andar com um pé calçado e outro descalço.

Tudo isto, é claro, para rodear do necessário mistério a sua misteriosa coupação e assim convencer os "papalvos" (que outro nome não mereciam) a pagar-lhe o preço que fazia e exigia.

Por artes do Diabo e "Côxo" fazendo muitas outras coisas "do arco da velha" ^{de grande - que fez} ~~consequência~~ cada vez mais.

"Mas um dia ... (há sempre um dia!) o Santo Offício de Évora interveio. Adeus feitiços, adeus vida folgada! Adeus liberdade!

"Metido nas encavias e admoestado com os processos de arrancar confissões tão próprias da severa Inquisição, o pobre do homem não tardou em confessar tudo". Sim, era verdade! Tinha feito pacto com o Diabo.

E a verdade é que ... foi o diabo!

A Inquisição não demorou muito a sua sentença e dias depois o pregoeiro lia ~~em~~ em voz alta, como então era uso, (no geral na Praça principal da cidade) e que terminava pela clássica forma:

"... e que tudo visto, e o mais que dos autos consta ..." e continuava:

"Acordaram os inquiridores, ordinário e deputado da Santa Inquisição que o réu vá ao auto público de fé e leve carochas na cabeça com rótulo de feiticeiro, e nela cija sua sentença e abjure publicamente seus

heréticos erros em forma, e em pena e penitência deles lhes assinam (eles inquiridores) cárcere e hábito penitencial perpétuo, e será açoitado pelas ruas públicas desta cidade de Évora "outra sangínea effusão" e degradado por toda a vida para fora das vilas de Ferreira e Beringal e seus termos e por tempo de cinco anos para as galés de sua Magestade".

-X-X-X-X-X-X-

E eis meus senhores a história de Francisco Luiz, por alcunha o "Côxo", natural da Vila de Ferreira e que morava em Beringal, nas cercanias de Beja.

O pobre homem que não se contentava com o modesto mas sério officio de alfaiate, e que levado pela ânsia de dinheiro resolveu "fazer pacto com o Diabo" ...no tempo da Inquisição.

FIN

Mar 4 56

W. Antunes Machado

- b. "Tempos que já lá vão...", 1958 Abril 4 [Imprensa] Pinto Machado sobre o artigo :
 "Um velho Álbum da poetisa portuense D. M. Felicidade C. C. B."

4-IV-58

Tempos que já lá vão...

DA autoria desse incansável e ilustre rebuscador das coisas antigas de história do nosso Porto que é o distinto e competentíssimo historiador dr. Artur de Magalhães Basto, acabamos de receber mais um trabalho sobre o Porto de outros tempos, que muito a propósito nos calha hoje para o colóquio quinzenal com que entretemos estas nossas conversas.

Refere-se aquele conhecido escritor e nosso tão venerável amigo, no trabalho de que lhes falamos (1), à tertúlia literária que há pouco mais de cem anos se albergava na nossa cidade sob o tecto de uma das mais distintas casas deste velho burgo, à volta de uma curiosíssima figura tripeira que, ainda que já tantas vezes referida por quem a estes assuntos se dedica, nem por isso foi suficientemente retratada às gerações dos nossos dias. Queremos referir-nos a Maria Browne, uma espécie de «Madame» de Stael do seu tempo, que, não obstante o seu nome, era tripeiríssima de gema, não só de família como até de nascimento.

Habitou este senhora, ao que parece (2) uma casa do Passeio das Virtudes e, depois de viúva, aquele palacete da Rua do Carregal onde hoje está instalado o Conservatório de Música da cidade e que pertencia então a Alvaro Ferreira Carneiro de Vasconcelos Teixeira Girão, 2.º visconde de Vilarinho de S. Romão, casado com D. Júlia de Camouse Browne, filha da distintíssima senhora de quem lhes falamos hoje.

Casou Maria Browne com um abastado homem de negócios de origem estrangeira e «manteve em sua casa, até quase ao fim da vida, um salão literário — talvez o único que jamais houve no Porto — onde esvoaçavam perfumes e ressoavam harmoniosos versos» (3).

Para se fazer uma ideia de quem tal pessoa tinha como frequentadores das suas habituais reuniões, bastará dizer-lhes que do seu círculo de convivas faziam parte nomes como os do divino Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Arnaldo Gama, Mendes Leal, Bulhão Pato, Silva Passos, o visconde de Azevedo e tantos outros, que seria fastidioso enumerar.

Ao dourado salão da distintíssima senhora D. Maria Browne — ela própria uma poetisa de muito merecimento — confluíam os poetas e os literatos de maior relevo do Porto de então, que em amena e instrutiva conversa não só criticavam e discutiam os acontecimentos importantes do tempo, como também trocavam impressões sobre as últimas produções literárias do país e do estrangeiro.

Aos seus convidados costumava D. Maria Browne pedir que lhes escrevessem qualquer coisa num artístico álbum que ela própria decorara com lindíssimas gravuras e encrustações. Era moda que então estava em voga e, bendito hábito, graças a ele foi possível hoje, volvidos que são mais de cem anos, quase que reconstituir esses serões curiosíssimos que faziam das noites em casa de D. Maria Browne um verdadeiro acontecimento da melhor sociedade do Porto de então.

Que diferentes eram as noites desse tempo das de hoje!

E' certo que não havia nessa altura rádio nem televisão e por certo que a «canasta», nem uma antevisão júlto-verneana a podia prever! Mas quanto mais interessantes não eram os serões de então!

Que me lembre só duas ou três famílias ainda conseguem manter nos nossos dias essa espécie de serões em que a conversa fútil e a «canasta» se sentem deslocadas. E' o caso dessa figura curiosíssima da sr.ª D. Elisa de Sousa Pedroso, uma transmontana de Lisboa, por cuja casa têm passado os maiores artistas de todo o mundo e, de entre outros, o do ilustre dramaturgo e nosso prezado amigo João Correia de Oliveira, cuja casa, às Amoreiras, em Lisboa, está sempre aberta às terças-feiras e sábados para a melhor elite de intelectuais da capital.

Ainda hoje aí pontificam, além do distintíssimo anfitrião, vultos da craveira de um Mário Beirão, Carlos Selvagem, Joaquim Paço d'Arcos, Luiz Forjaz Trigueiros, Américo Cortez Pinto, João Ameal, padre Moreira das Neves, etc., que naqueles salões repassados de gravíssimas recordações, onde tanto se respira ainda o perfume dos versos deliciosos do Poeta de Belinho, o grande António Corrêa de Oliveira, irmão do dono da casa, entretém amenos serões que os adeptos do «rock and roll» poderão talvez reputar de «demonês», mas que, indiscutivelmente, ainda são os mais interessantes e de proveitosos resultados.

No Porto, cujas tradições

(CONTINUA NA 15.ª PAGINA)

...temos visto esta senhora lões enquanto e mesmo quando continuava a recitada sobre do sempre os aquele fino traidadeiras senhu gredo.

Mas enquan jança da vid quanto vivaci às eruditas re sa foi palco! encostada a u madamente co e a todos entre lo espírito que corpo, se cons formoso». (4).

E' preciso e serção. E' que não era de fa que importa qu

c." Figuras do Porto O Historiador Dr. Artur de Magalhães Basto", [Imprensa] por P. Machado, no *Diário da Manhã*. 1956 Abril (EF).

FIGURAS DO PORTO

O HISTORIADOR

Dr. Artur de Magalhães Basto

TEM desfilado já por esta secção do «Diário da Manhã» algumas «Figuras do Porto» de remarcada projecção em diferentes ramos, bem conhecidas de toda a gente por sua vida ilustre e de representação nacional. Mas de entre os distinguidos «tripeiros» que neste cantinho de jornal têm sido focados é sem dúvida ao nosso

Porto, a canselras e esforços inauditos só compensados pela alegria do seu contributo em favor da terra que lhe deu berço e que tanto ama — o seu Porto.

Com uma vastíssima e jamais excedida bibliografia portuense, o Dr. Magalhães Basto é sem dúvida o mais super-heróico credor das inúmeras dividas que a capital do Norte tem a solver para com os seus beneméritos, benfeitores, leais servidores e devotados amigos.

Compreendem então os leitores porque a designação «Figura do Porto» dificilmente arranjará em quem assente melhor?!

POR

António Abel Pinto Machado

Ilustre biografiado de hoje que melhor se enquadra o qualificativo de «Figura do Porto» que serve de título a esta secção.

E por quê, perguntarão os leitores? É bem fácil a resposta: — simplesmente porque, se as «Figuras» desta galeria de retratos, que há já perto de dois anos quinzenalmente aqui têm sido exibidos, indiscutivelmente, se distinguiram e nobilitaram, seja como artistas, literatos, médicos, advogados, políticos, sacerdotes, etc., o Dr. Artur de Magalhães Basto ilustrou excepcionalmente o seu bem conhecido nome, graças a uma vida inteira dedicada à sua terra natal, a dias e noites perdidos, mergulhado no estudo da história do

Porto, a canselras e esforços inauditos só compensados pela alegria do seu contributo em favor da terra que lhe deu berço e que tanto ama — o seu Porto.

Se bem que licenciado em direito, e pela Universidade de Lisboa, o Dr. Magalhães Basto é indiscutivelmente, e antes, um ilustre homem de letras, essencialmente «tripeiro». E «tripeiro», tanto pelo nascimento e localização da sua vida e interesses profissionais, como, principalmente, pelo coração, que incansavelmente lhe incute um amor inextinguível e cada vez maior à sua querida terra natal.

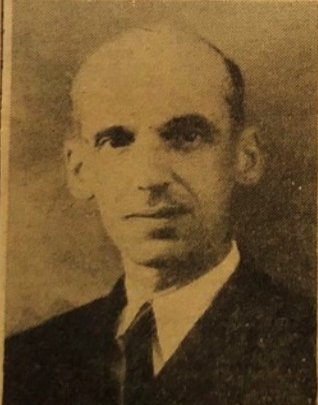
Los seus inúmeros livros, ensaios, artigos e conferências sobressai claramente esse seu iniludível amor ao Porto, que tanto o nobilita, aliás, e ainda o Porto o tema da sua predilecção em quase todos os escritos que lhe conhecemos.

Para o Porto pois tinha que voltar esse homem que a Lisboa, de 1917 a 22, tinha ido buscar o canudo de doutor.

Havia entretanto sido criada no Porto — graças a essa extraordinária figura nacional que foi Leonardo Coimbra — a Faculdade de Letras da sua Universidade. O Dr. Magalhães Basto é então chamado a ocupar o cargo de assistente e pouco depois Professor contratado do grupo de Histórico-Geográficas (como então se chamava) e ainda Paleografia, Diplomática, História Moderna e História dos Descobrimentos. Durante dez anos se conservou naquela saudosa Faculdade onde exerceu a sua prestante actividade com a mais absoluta competência, zelo e dedicação. Alí aperfeiçoou e aumentou os seus já vastos conhecimentos históricos, que são aqueles para que o seu espírito se sentiu sempre mais inclinado.

Ainda como professor da extinta Faculdade de Letras da cidade foi o Dr. Magalhães Basto incumbido da árdua tarefa de escrever a história da Santa Casa da Misericórdia do Porto. Durante seis anos viveu horas infusas nos arquivos dessa prestimosa instituição, os quais contudo lhe proporcionaram o conhecimento do que ele próprio intitulou de «os seus melhores amigos». Por esta judiciosa designação denominou o ilustre escritor, nada mais, nada menos do que os «velhos e poeirentos manuscritos» que ele foi desenterrar dos túmulos seculares onde repousavam, nos arquivos da Misericórdia do Porto. Os mesmos manuscritos que ele se habituou e quis tratar daquela forma fraterna e que ao público do Porto apresentou, por intermédio da nossa secção que há mais de duas décadas mantém num dos primeiros diários da cidade e do País, intitulada — precisamente — «Falam velhos manuscritos».

No seu estilo de prosa tão peculiar, sem arabescos de frases engrinaldadas ou gongóricas e preferindo sempre a linguagem clara e despretenciosa, dia após dia, mês após mês, encerrado sozinho por entre prateleiras de livros e de pó, foi o Dr. Magalhães Basto reunindo as peças basilares de um conjunto grandioso que ao seu espírito de criterioso e honesto investigador histo-



Dr. Artur de Magalhães Basto

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Figuras do Porto

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAGINA)

rico se ficou devendo, e que se chamou «A História da Santa Casa da Misericórdia do Porto».

Mas a par e passo que preparava esta obra monumental, não esquecia nunca trazer a lume as «conversas» que tinha com aqueles seus «amigos» (os velhos manuscritos) por intermédio da sua já citada secção — que ainda mantém — do «Primeiro de Janeiro» do Porto. E ainda que se nos esbarre pelos olhos dentro a impossibilidade palpável de um homem poder ter conversas com papéis, o Dr. Magalhães Basto conseguia (e consegue) imprimir um tal carácter a aqueles seus artigos, que o leitor atento parece entranhar-se de tal modo nas linhas do articulista que chega a ver e a pressentir o fictício interlocutor, como a um ser vivo e presente. Não nos pode escapar, por exemplo, aquele extraordinário artigo em que o autor de «Falam velhos manuscritos», dizia adeus aos seus velhos papéis da Misericórdia:

«Há apenas cinco anos que nos vimos pela primeira vez — dizia o Dr. Magalhães Basto em 1934, dirigindo-se aos seus amigos — «Hoje liga-nos uma verdadeira, uma sincera amizade — continuava — uma amizade que se diria secular, isto é, tão antiga como alguns de vós! Que intermináveis conversas as nossas no recolhimento sereno e doce do nosso arquivo! E que paciência a vossa para me aturar! Não o digo por lisonja... Nunca vos notei o menor sinal de enfado! Sempre acolhedores! Sempre afáveis! De humor sempre igual. Entre os homens, poucos conheço eu assim! Meus queridos amigos! Nunca tive com ninguém mais franca, mais íntima, mais leal e constante camaradagem! Bem sabeis como eu vos sou grato! Pois não fostes vós os VELHOS MANUSCRITOS que deram vida, algum interesse e alguns leitores a esta selecção?!...»

Era e é este o original estilo, a tal despretenciosa linguagem empregada pelo nosso ilustre biógrafo de hoje em tudo quanto conhece a tinta da sua pena.

Nas conferências que realiza e nas palestras que confere (semanalmente o Emissor Regional do Norte da Emissora Nacional radiodifunde uns curiosíssimos programas da sua autoria) o Dr. Magalhães Basto encontra sempre um público acolhedor, que raramente outros conferentes logram possuir, precisamente porque ele tem o excepcional condão de saber expressar-se em termos agradáveis, simples e graciosos, que fazem dos seus discursos um prazer... ao contrário de uma maçada.

Certa pessoa do nosso conhecimento declarou-nos um dia que foi graças ao Dr. Magalhães Basto que modificou a sua ideia acerca das conferências. Segundo nos afirmara, havia criado uma espécie «conferenciologia» (passa a ex-

pressão). Assistira a meia dúzia delas «tremendamente maçadoras...» e pronto, conferências, era sítio onde jurava não voltar a pôr os pés. Até que um dia, levado à força, introduziram-no numa sala onde um homem discursava. A pouco e pouco foi arrebitando as orelhas em crescente entusiasmo e interesse. Chegou ao fim e aplaudiu efusivamente, e desde aí passou a convencer-se de que afinal pode haver conferências boas e de interesse. A questão é saber escolher os conferentes, afirmava-nos depois! Pois essa conferência que o decidiu foi proferida no Museu Nacional de Soares dos Reis, do Porto, por ocasião de umas festas do «Meio Florido» do Secretariado Nacional da Informação, intitulava-se «O Porto há 80 anos» e era seu autor o Dr. Magalhães Basto.

Tem de facto um raro condão para saber dizer as coisas, esta nossa «Figura» de hoje.

Outro exemplo elucidativo foi o que há tempos se passou com as suas palestras aos microfones da Emissora Nacional. Vale a pena relatar o caso, que tem graça: — o Dr. Magalhães Basto, (que se nos perdõe este seu defeito que lhe vamos apontar) é um mau locutor radiofónico. Tem uma voz especial, um pouco «fanhosa» talvez, e que aconselhou certos técnicos da nossa estação de rádio oficial a experimentarem pôr os programas do Dr. Magalhães Basto na voz de um locutor profissional. O processo foi posto em prática e... nem queiram os leitores saber o que sucedeu!

Choveram cartas sobre cartas na Emissora Nacional reclamando o próprio autor ao microfone! «Queriam lá saber que ele tivesse má voz! Que o queriam a ele e... fora com os senhores locutores de ofício!»

*

O nosso artigo já vai longo e urge terminá-lo.

Depois do professorado na extinta Faculdade de Letras do Porto, de 1923 a 1934 e dos seus trabalhos de investigação na Santa Casa da Misericórdia da mesma cidade, foi chamado, no último daqueles anos para o cargo de chefe da secção de manuscritos da Biblioteca Pública da Câmara Municipal do Porto, onde iniciou uma brilhante e ascensional carreira, que o fez passar por director do «Gabinete de História da Cidade» da mesma Câmara, fundado em 1936 por proposta do vereador prof. Dr. Almeida Costa, e de que o Dr. Magalhães Basto foi o 1.º director até 1939, ano em que então foi nomeado para o cargo camarário que actualmente exerce, com o maior brilhantismo e proficiência, de director dos Serviços Culturais.

*

O Dr. Artur de Magalhães Basto é ainda vice-presidente do Grupo de Estudos Brasileiros do Porto, vogal da Direcção do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto, membro da Academia Portuguesa da História, da Academia Nacional de Belas Artes, do Instituto de Coimbra, da Associação dos Arqueólogos de Lisboa e da Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães, além de outras agremiações; Director da revista «O Tripeiro», membro da Delegação Portuguesa da «União Latina»; tem sido inúmeras vezes designado para o júri dos prémios literários do S. N. L. e de muitos outros; e em 1951 a Câmara Municipal do Porto concedeu-lhe a sua medalha de ouro de Mérito Literário.

*

Escritor, jornalista e conferente, dedicando-se especialmente a assuntos de carácter histórico, é extensíssima a sua bibliografia, na qual, além da história do Porto, são versados temas de História Nacional, História do Norte e História da Literatura Portuguesa, merecendo referência particular, quanto a este último ramo de investigações, os seus trabalhos «Crónica de cinco reis de Portugal» e «Relação ou crónica breve dos Doze de Inglaterra». Quanto às suas obras sobre a história do Porto, e na impossibilidade de as citarmos todas, mencionaremos: «História da Santa Casa da Misericórdia», «Memória histórica da Academia Politécnica do Porto», «Poeta dos Arquivos», «O Porto sob a segunda invasão francesa», «O Porto e o Romantismo», «A Foz há 70 anos» (conferência), etc., etc., etc.

d. "Quinta – feira À luz de vitrais antigos". 1942 Março 12 [Imprensa ?] Pinto Machado e *O Sumário de Antiguidades*, de AMB (EF).

12-3-942

QUINTA-FEIRA

A' luz de vitrais antigos

Anda d'aí, leitor amigo. Vamos passear pelo velhinho burgo da nossa terra, levando como douto «cicerone» o dr. Magalhães Basto, aquele que deu fala a Velhos manuscritos, para que todos, entre a poeira do tempo, possamos viver o sonho de idades mortas, á luz de vitrais cheios de ternura, de história, de poesia e de curiosidades.

Anda d'aí comigo,

De braço dado, como amigos bons, ouviremos na serenidade de uma prosa clássica, sã e cheia de ritmos o «Sumário de antiguidades da mui nobre cidade do Porto» recitado pela voz quente e quasi conventual desse Professor, tão cheio de erudição e que ás letras se apegou para despertar de sono longo, figuras e coisas que dormem no crepusculo dos Arquivos.

Anda d'aí. No dedalo de ruas e ruelas, teias de aranha que o tempo fechou cerradamente, teremos guia seguro.

E não nos cançará o passeio — acredita.

O guia fala baixinho, para que a sua voz se case com a serenidade das noites que cobrem — saudades! — o que já foi.

E fala também em termos simples, como simples era a vida de antanho, mesmo no tumultuar das algaradas, nos suplicios das penitencias, no desenrolar da vida, a complicar-se... — eu sei lá no que mais!

Havemos de entende-lo bem; melhor, havemos de aprender com ele, maior apego á vida que fugiu, abafada hoje por tantos malefícios do Progresso.

Eu não te sei contar o que o dr. Magalhães Basto já me contou a mim, nem tão pouco rezar as ladainhas de carinho que êle em sua alma encontrou para enquadrar em louvores cenas da vida antiga.

Não sei. Mas sei levar-te por minha mão até junto dele, para que tu olças a sua voz erguendo monumentos, decifrando escrituras, ressuscitando mortos que foram alguém e preciosos se tornam á vida de hoje, para exemplo dos mais.

Aí tens o «Sumário de antiguidades da mui nobre cidade do Porto». Folheia-o devagarinho, tão devagar que tenhas tempo para te esqueceres a contemplar a fisionomia do burgo antigo, apertado em panos amuralhados, tecidos não sei por quem e vastas vezes cerzidos ou remenda-

dos, enquanto não foi forçoso alargar a cintura, para dar abrigo maior a portuenses que vieram acrescentar a cidade.

Não te apresses na leitura.

Do «Castelo da Sé», «Das ruas, da Feira e do Poço», «Do Arco de Sant'Ana» e das suas saudades, has-de ir ter a sitios de onde mires a «Casa dos 24 ou Paços Municipais (?)», do «Arco e casas nobres de Vandoma», calcurreando sempre «A Freguesia da Sé», no todo e sem os retalhos sofridos «pela falta que havia na cura das almas e administração dos sacramentos»

Mas sempre a Sé a abençoar a terra e vida dos que nela nasceram.

Depois de aprenderes assim a conhecer o môro onde se criaram raízes de Portugal, vê como Magalhães Basto escava o solo para rebuscar pégadas de trabalho, pégadas que nos dizem origens distantes e alumiem páginas de vida que a história não fixou ainda.

Os manuscritos a falarem sempre e nós a ouvi-los pela voz esclarecedora de um escritor que não tem medo ás trevas e nelas risca traços de luz nova, onde até olhos indiferentes distinguem pormenores do mais alto interesse histórico.

Com o dr. Magalhães Basto havemos de sair depois as portas da vila e bater os chãos além muralhas, para que, esquadrinhando sempre, nem sitios que ofendam pituitarias deixem de merecer poeio de atenção.

«Abstrusas Velharias» acordarão romancieiros da nossa terra e far-nos-ão idealizar riquezas e grandezas d'almas que, para atingirem sublimação perfeita, emparedavam os corpos que fragil barro deixára ao sabor da tentação...

...E depois a cidade cresce para além, em rasgos de audácia e teimosia que só os fantasmas dos «Jurídicos» (tal como hoje) fazem deter...

Renovadores sobem á luz alacre das ribaltas da vida: —D. João de Almada, o maior e o precursor...

Lê devagarinho que muito de novo has-de topar nos temas velhos que o dr. Magalhães Basto tocou.

E quando, por despedida, nos apartarmos do douto e bom «cicerone», havemos, num bom abraço de agradecimento, dizer muito baixinho:

Nas «Escadas da Mentira», ensina-nos, Senhor Doutor, a rezar á Nossa Senhora das Verdades.

A. PINTO MACHADO

“O Grupo «Amigos do Porto» Iniciou ontem a sua actividade cultural, com uma visita à Sé Catedral”, [Imprensa]com AMB. In *Jornal de Notícias*, 1948 Julho 26.

O GRUPO
«AMIGOS
DO PORTO»

**iniciou ontem a sua
actividade cultural
com uma visita
à SÉ CATEDRAL**

O Grupo «Amigos do Porto» iniciou ontem, oficialmente, a sua actividade associativa-cultural, com uma visita de estudo à Sé Catedral. Não se pode dizer que as primícias do novo agrupamento não sejam auspiciosas. A velha fábrica romana da antiga Penha Ventosa, á volta da qual nasceu e se desenvolveu a urbe, estava indicada para a primeira jornada da Associação que começa agora a sua actividade. «Amigos do Porto» é um grupo constituído pelos alunos da Cadeira de Estudos Portunenses do Centro de Estudos Humanísticos, matriculados ou assistentes no ano lectivo 1947-1948, e tem como presidente da Direcção o coronel sr. Almeida d'Eça.

(CONTINUA NA 2.ª PÁGINA)

O Grupo "Amigos do Porto"
iniciou ontem a sua actividade cul-
tural, com uma visita à Sé Catedral

(CONTINUADO DA 1.ª PÁGINA)

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 7)

Não vislha tomará nenhuma parte quase todos os associados, entre os quais um grupo de senhores, e a destruição, em conjunto e permanente, do magnífico monumento que é a Catedral, esteve a cargo dos Drs. Megachires Ribeiro, Américo Mendes e Paulo de Azevedo, com o auxílio de Srs. Góes e da família de

de sua historiografia, enquanto a Igreja Católica, em sua doutrina, defende a existência de uma ordem natural, que seria a base para a construção da sociedade. A doutrina da Igreja Católica, portanto, é a base para a construção da sociedade, e a doutrina da Igreja Católica, portanto, é a base para a construção da sociedade.

erido latina, cuja tradução do verbo previsa, pelo contexto, não com a mão do predador da moça estando lá. Se vai; provavelmente seria bastante uma só mão para tomar queridinhas.

Quer dizer os conegos, como comunidade, e si o título de construtores é facinoroso por forma, mostrar que só eles o poderiam ser com proveito. Este é, sem dúvida um outro aspecto da história da comunidade. E não

(Continuamos)

[illegible]

Houve ainda uma visita breve á chamada capela de S. Martinho que o dr. Magalhães Basto diz não ser daquella santa mas de João Gordo. E como quem o afirma é autoridade, há que corrigir o erro que lhe trocou o nome.

interessante e frutífera. Nenhum dos
que a fizeram deu o tempo por mal em-
pregado.

[illegible]

O Rancho Típico

da freguesia de Paranhos

manifesta a sua gratidão

O dia 22 de Junho pode classificar-se de «dia grande» do Rancho Typico da Freguesia de Paranhos. Da parte da manhã o Rancho dirigiu-se à festa de Recreio da Associação de Fátima Pinto de Azevedo & Soares, que foi, sem dúvida, das maiores auxiliares e colaboradoras, na sua

Ao mesmo dia, o Rancho deu entrada no arando e ágio daquella empresa de canhaado pelos ara Augusto Negro, Joaquim Moutinho e Augusto de Silva Maia, respectivamente presidente e membros do conselho. A junta de Freguesia; Aguiar e Saraiiva, regedores efectivo e substituto da freguesia, de: Maria de Almeida, Bello, Antonio de Almeida, Manoel de Almeida, Rancho gentil menina Maria das Dores Marques; Honório Parés, enxada.

Os visitantes foram gentilmente recebidos pelo sr. Manuel Caetano de Oliveira que, depois de consentir que todos o seu pessoal assistisse à sessão do Conselho Municipal, o seu reconhecimento pela visita assim como a sua cordialidade e admiração pelo

A tarde, o Rancho, depois de ter atendido a milhares de famílias da família Augusto Teixeira & C.^a, dirigiu-se para o fabrico de tecidos e stoffes onde foi recebido pelo est. do director engenheiro Carlos Catharino, Mario C. V. Ferreira da Silva, Manoel Pedreira da Silva, Manoel Vid. Pedreira da Silva, Manoel Moura e Manoel superior. Enão, no tempo refectório e no estrado ali existente o Rancho exhibi de suas mercadorias e dadas as condições mercantilem expozemta e tipica

Documento 92

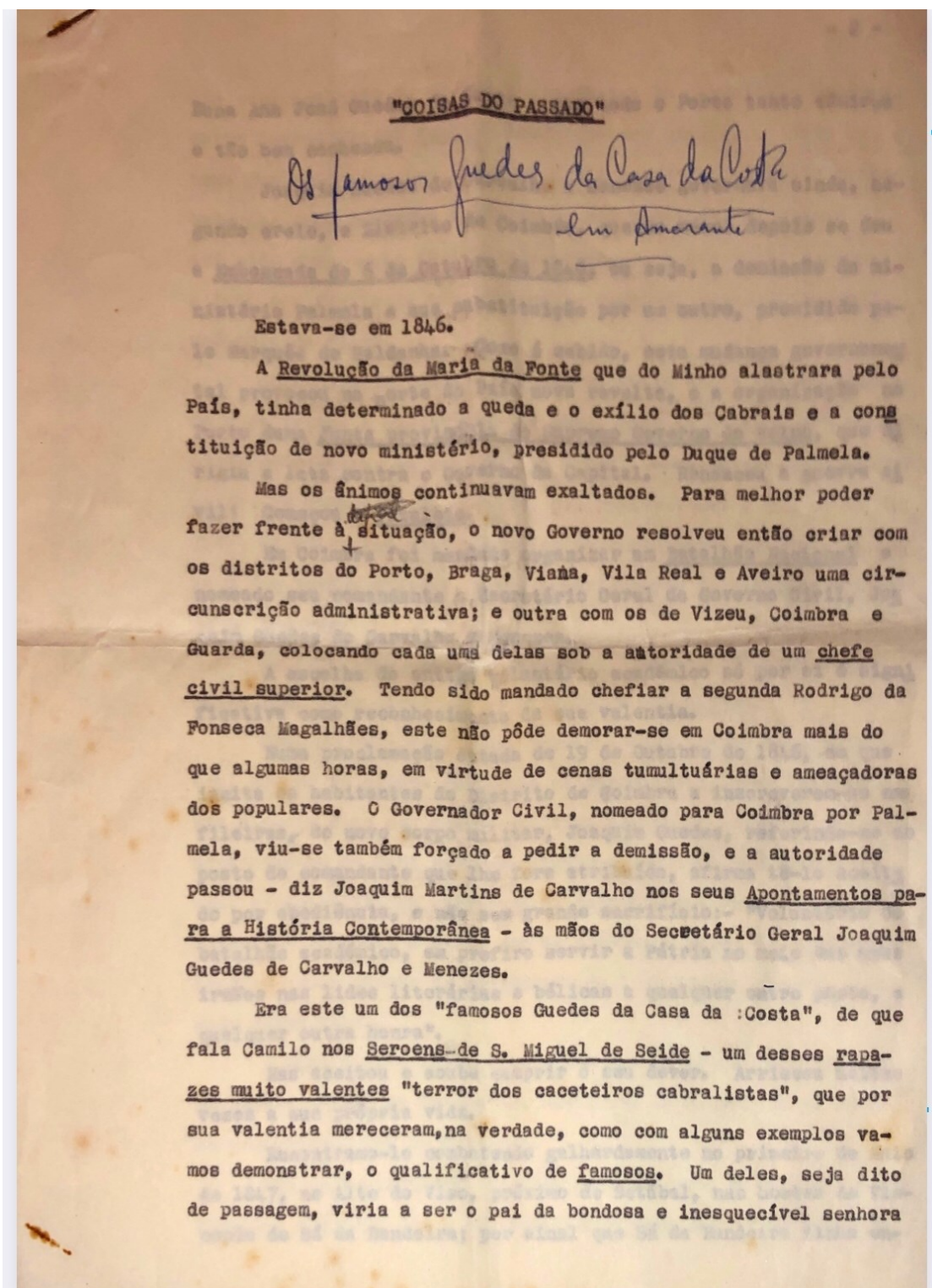
“MAIO FLORIDO” 1949 Maio19. MNSR [prospecto] AMB: *O Porto há 80 anos,*



DIA 16 f ÀS 17,30 HORAS Inauguração de V EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA DOS ARTISTAS DO NORTE, no Museu Nacional de Soares dos Reis. ÀS 18 HORAS CONCURSO DOS JARDINS DOS BAIROS SOCIAIS	DIA 19 f ÀS 18 HORAS «O PORTO HÁ OITENTA ANOS» Conferência pelo distinto escritor Dr. Aníbal de Magalhães Basto, no Museu Nacional de Soares dos Reis.
DIA 17 f ÀS 18 HORAS RECITAL MARA-WALDEMAR HENRIQUES, ilustres folcloristas Brasileiros, no Museu Nacional de Soares dos Reis.	DIA 20 f ÀS 21,30 HORAS GRANDE FESTA NACIONAL DA RÁDIO, no Teatro Rivoli.
DIA 18 f ÀS 18 HORAS «POETAS BRASILEIRAS» Conferência pela ilustre Poetisa Natércia Freire, no Museu Nacional de Soares dos Reis.	DIA 21 f ÀS 21,30 HORAS NOITE DO «MAIO FLORIDO».

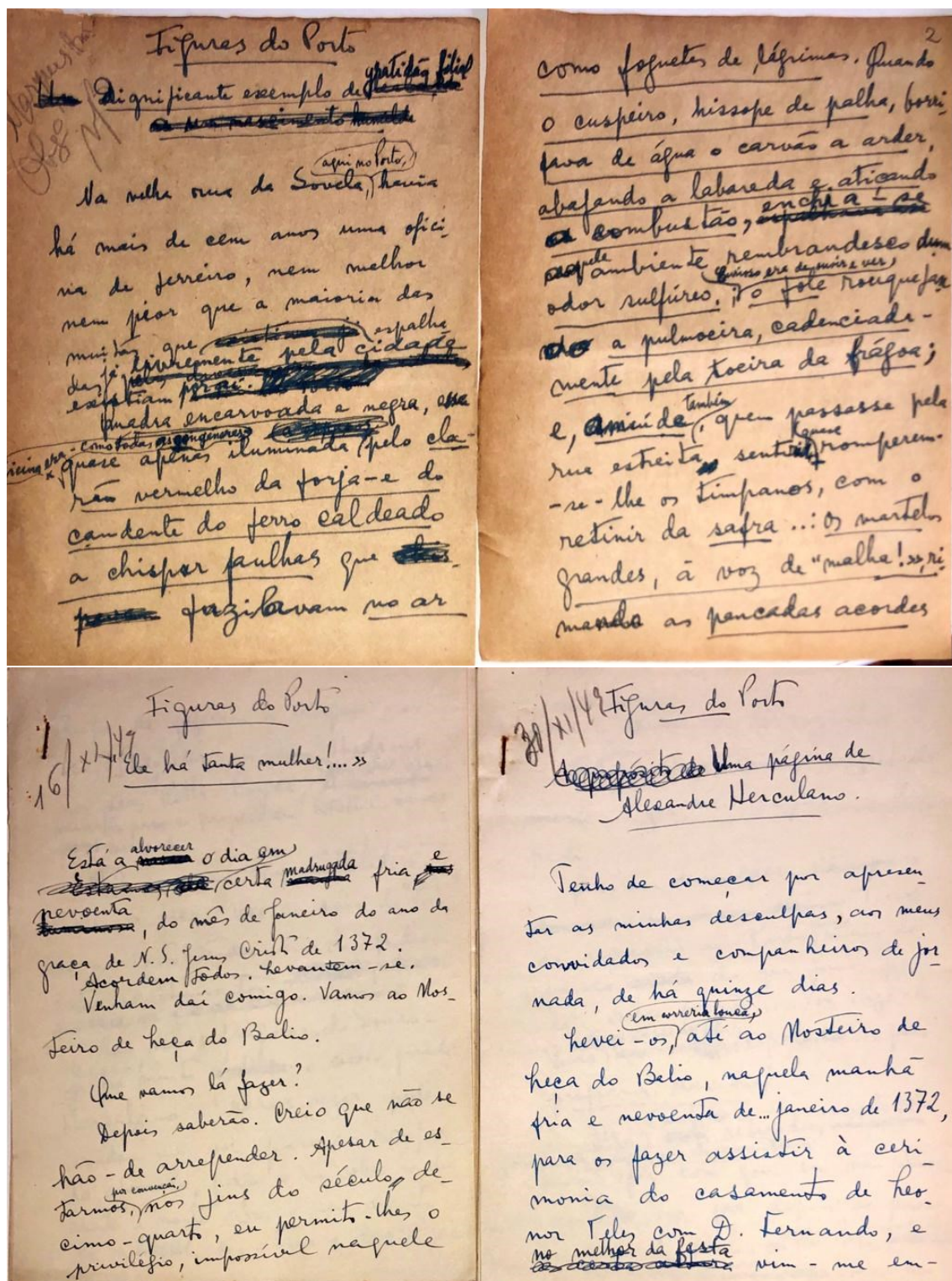
Documento 93

"Coisas do Passado *Os famosos Guedes da Casa da Costa em Amarante*". 1947[Dactil.] rádio.



Documento 94

- a. "Figuras do Porto Um dignificante exemplo de Gratidão filial" [Man. 1ª p.] de 8 programas na rádio (EF).



⑩ casamento de Emília
e José Maria

1955
1909
146

o casamento da princesa
Maria Pia de Savoia com o
príncipe Alexandre da Jugos-
lavia realizado em Cascais
no ~~passado~~ ^{último} sábado, dia 12
de fevereiro de 1955, sugeriu-

No 4º centenario do Nupreço
de Sepúlveda

① episódio que vou recordar é
dos mais célebres e dramáticos
da nossa portentosa História Trágico-
Marítima. Jerônimo Corte Real
descreveu - o num poema de 17
versos, que (como tantos clássicos

Rodriguez
Guerra

Figuras do Porto

Um grande jornalista que iniciou
a sua carreira no Porto

Vou ~~para~~ hoje ~~de três~~ ~~personas~~ recordar uma gran-
 de figura do jornalismo português, que in-
 titulada, ~~que ilustrava~~ ~~o~~ ~~posse-~~
 çion a sua carreira no Porto, ~~temos~~ ~~na~~ ~~peça~~ nos primeiros tempos
 do jornalismo nesta nossa mi-
 nubre e invicta cidade, ~~de Porto~~.

~~Não sei se quem me contou
gostou ou não, afins, de 1960
a verdade é que o jornalismo
está morto.~~

~~Tenho, portanto, de recuar ao
princípio do séc. XIX, por
ser dessa data o primeiro~~

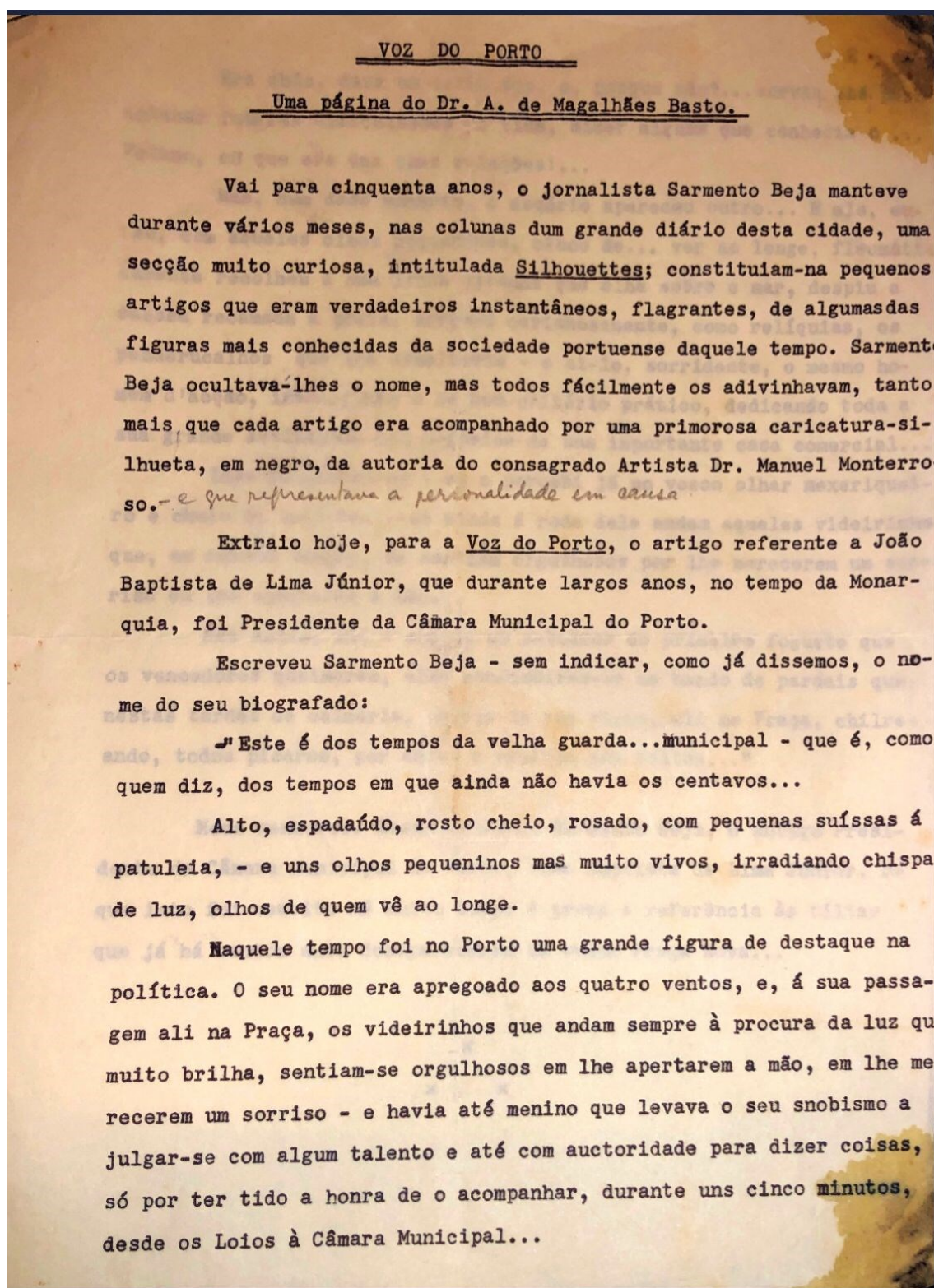
Figures do Porto

0 amargurado fim da vida de Faustino
Xavier de Novais

Quem não conhece, ao menos
de nome, o poeta portuense Faus-
tino Xavier de Moraes?

No entanto, podes saberas que
 esse emulo de Nicolau Tolentino
 - que parece ter encarnado ^{o mundo} ~~o~~
 do a rir e ~~muito~~ fez rir ~~o~~
~~mundo~~ com as suas divertidas
 e causticamente satíricas ^(e ironias) ~~era~~
 no fundo um romântico, um ser

- b. "Voz do Porto, Uma página do Dr. A. de Magalhães Basto" [dactil.2 fls.], rádio.



Era chic, dava um certo tom, e, porque não?...servia até para aplanar futuras dificuldades da vida, dizer alguém que conhecia o ... Fulano, ou que era das suas relações!...

Mas, num dado momento, o cenário apareceu outro... E ele, então, com aqueles olhos pequeninos, olhos de... ver ao longe, fleumáticamente recolheu á sua linda vivenda que olha sobre o mar, despiu a casaca recamada a prata, arrumou carinhosamente, como relíquias, os penderucalhos que lha esmaltavam - e ei-lo, sorridente, o mesmo homem d'acção, inteligente e de bom critério prático, dedicando toda a sua grande actividade aos negócios da sua importante casa comercial...

Ides perguntar-me - eu o percebi já no vosso olhar mexeriqueiro e cheio de malícia...-se ainda á roda dele andam aqueles videirinhos que, em outros tempos, se sentiam orgulhosos por lhe merecerem um sorriso ou lhe apertarem a mão...

Não andam, não - porque ao estoirar do primeiro foguete que os vencedores queimaram, eles confundiram-se no bando de pardais que, nestas tardes de calmaria, haveis de ter visto, ali na Praça, chilreando, todos pícaros, por entre a ramaria das tílias..."

x

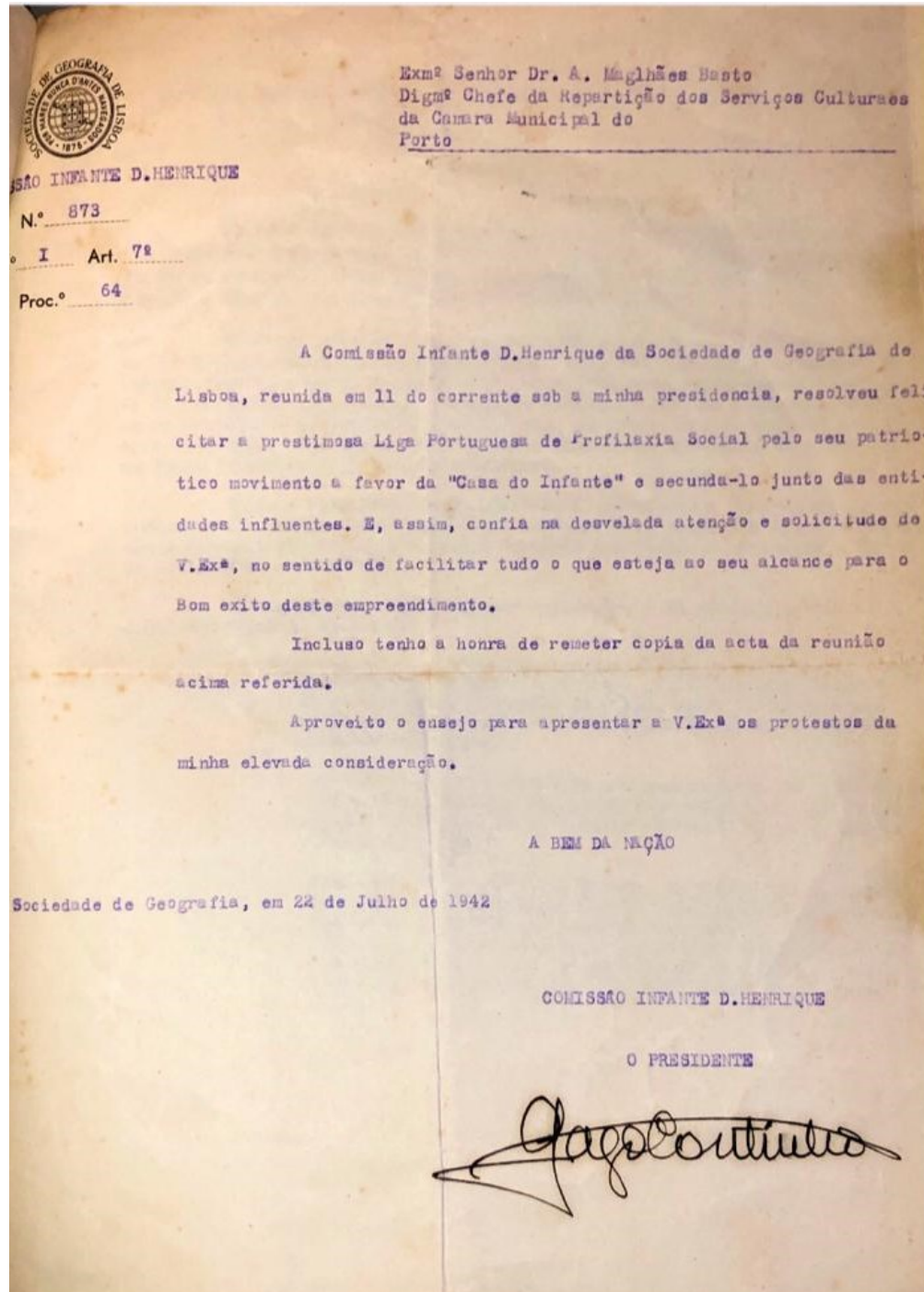
Meus senhores. Assim retratou Sarmiento Beja, o antigo Presidente da Câmara Municipal do Porto, João Baptista de Lima Júnior. De que isto foi escrito há muito tempo é prova a referência às tílias que já há tantos anos desapareceram da velha Praça Nova...

x

x x

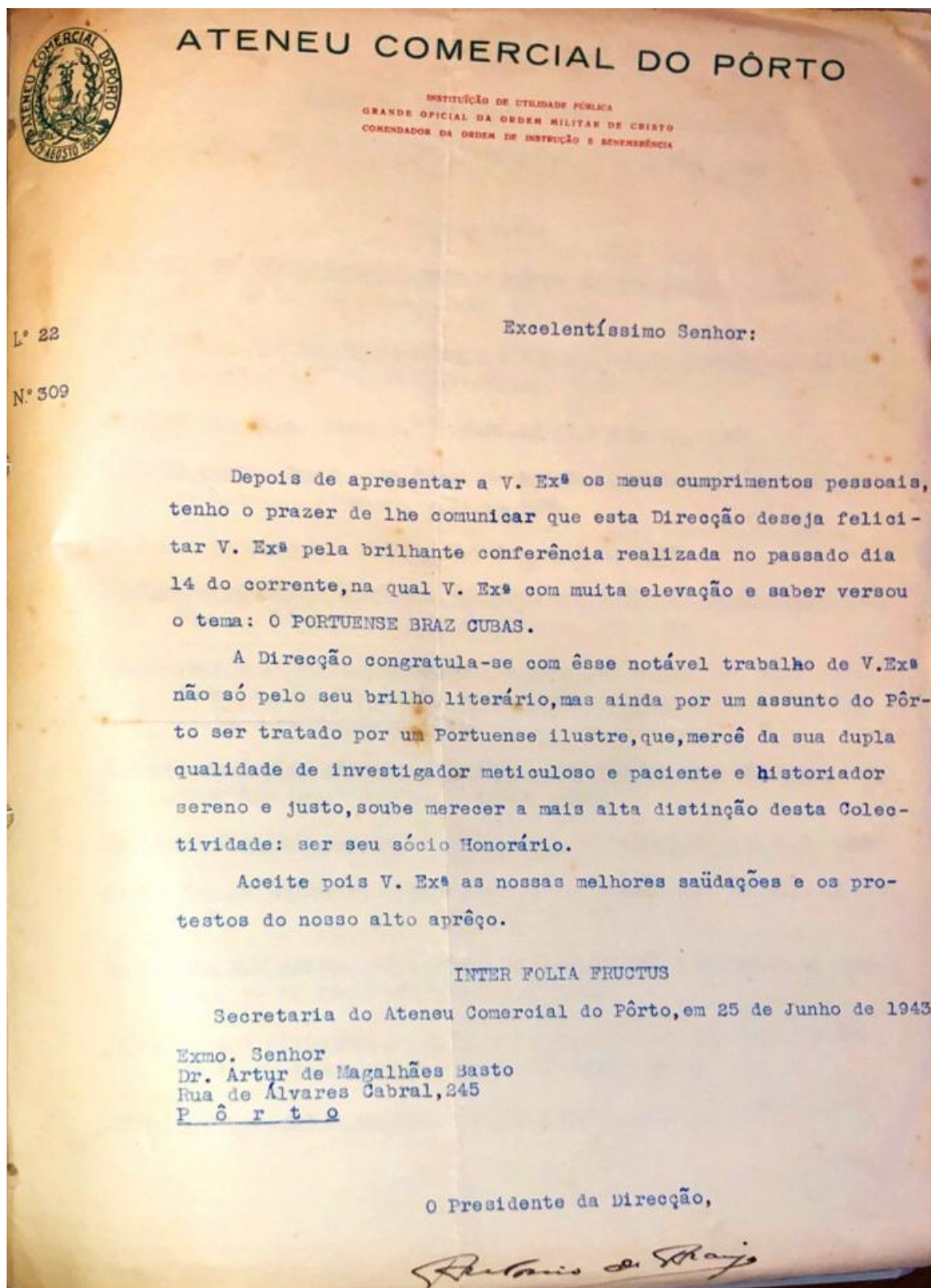
Documento 95

Gago Coutinho, da Comissão Infante D. Henrique 1942 Julho 22 [Carta] para AMB, s/ a "Casa do Infante" (EF).

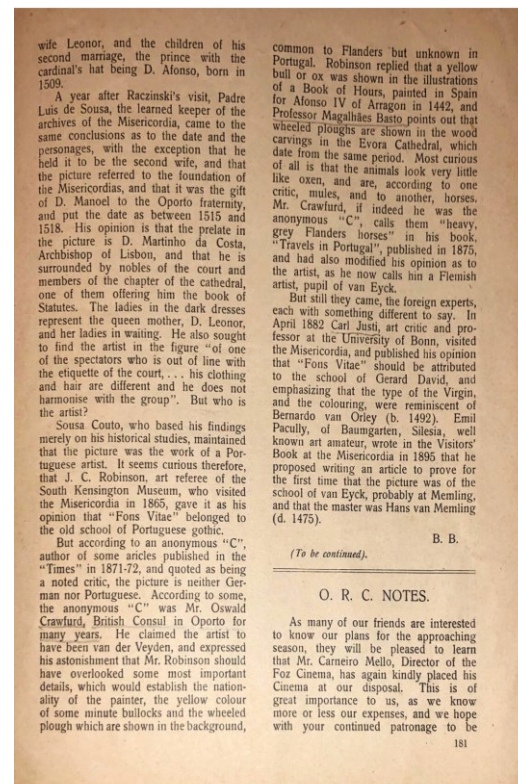
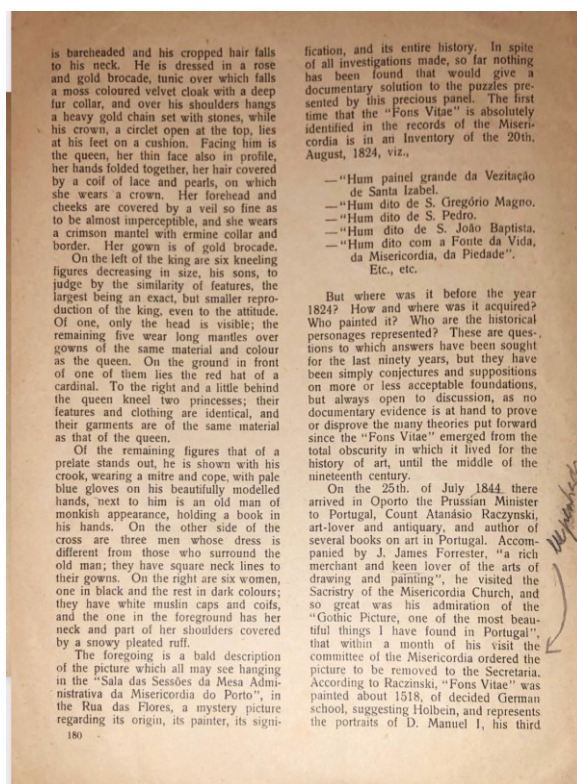
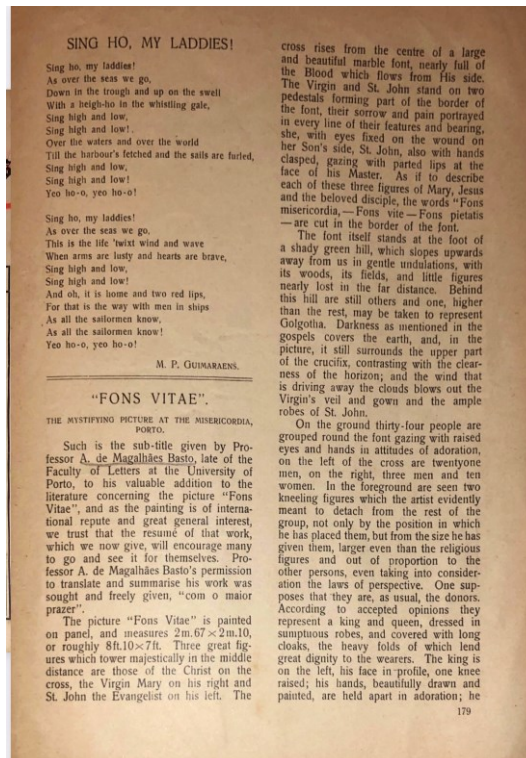


Documento 96

Ateneu Comercial do Porto, 25 de Junho de 1943 [Carta] para AMB, sócio Honorário, de felicitações pela Conf. - *O Portuense Brás Cubas*, de 14Jun. (EF).



The British Church of St. James Porto Monthly Magazine, Outubro 1935 [Imprensa, 8 p.]
 “Ver dentro... “Fons Vitae”, escreve AMB na margem da revista (EF)



than encourage them in their knavery I should be content to return to Lisbon; whereupon they dropped their demand to three and a half, but I made them no answer, and, going out with Antonio, proceeded to the house of the old man who had accompanied us to Evora. . . .

One of the most recent biographers of Borro—Manoel Azana, ex-Prime Minister of Spain—says that his success in Spain was largely accounted for by the fact that he was quixotic in a land of quixotry. English critics do not agree that he was a success, saying that Borro never really rid his own mind of the great Anglo-Saxon sophism which makes the poor man an inferior. The Latin races consider no man to be inferior because he is poor or superior simply because he is possessed of this world's goods.

Perhaps it was as well that his visit was brief, for he gave impressions where he might have been tempted to leave a manual. The latter would have been buried in the dust of a second-hand bookshop, but for the former we can never be sufficiently grateful to him.

"FONS VITAE".

(Continued)

Before the proposed article was published by Emil Paculy, J. Moreira Freire declared in August 1896, in two Oporto newspapers that this beautiful picture was one of the finest works of Hubert van Eyck, representing D. João I., D. Philippa of Lancaster and their children, to which Dr. Duarte Leite replied that it was Jan van Eyck, not Hubert who came to Portugal, and showed that D. João I. could not have ordered the picture for the Porto Misericórdia, for the excellent reason that this Fraternity did not exist during the reign of these monarchs, and reiterated the opinion that the royal personages depicted represented the family of D. Manuel. A highly controversial correspondence ensued, which was published in Lisbon in 1896, between

these two critics but no one was much the wiser for it. Other critics and amateurs wrote to the papers, among them the Visconde de Soveral, all of which opinions were gathered together by J. Moreira Freire, and who took the opportunity of accusing the Visconde de Soveral of a lapse, when the latter said that the picture represented D. Manuel at 62 years of age, and D. Leonor at 45, pointing out that all the world knew that D. Leonor was D. Manuel's third wife, who married when she was 19 and was widowed two years later, in 1521, so how could she be the queen in the picture? Moreira Freire also published extracts from a "document, dedicated to the Picture at the Misericórdia of Porto, by Sur. João Nogueira Gandra", (probably in collaboration with Sousa Couto) in which they state that "a scrupulous and painstaking examination of the panel had rendered no solution as to the name of the artist or of the date".

The chapel in which the Confraria da Misericórdia held its religious and other meetings was that of St. James, in the old cloister of the Cathedral, since then dismantled and used to store the woodwork of the portable altars and thrones used in the Cathedral during Holy Week. Among this woodwork José Nogueira Gandra found in 1846 a wooden altar frame with incisions which coincided exactly with the bosses found on the back of the original frame of the picture, from which one can infer that the "Fons Vitae" served as the altar piece in the chapel of the Fraternity. The original frame was a rough and simple wide moulding, painted black. The date of the dismantling of the St. James' chapel is not known, but after the removal of the Fraternity to their own church (in the Rua das Flores) the chapel was known as the "old chapel of the Misericórdia".

From 1896 to 1908 Emil Paculy, Queiroz Lagoa, Hugh Macdonell (son of the minister at Lisbon), Walter Crum Watson (see below) Marcel Dietuloy, author of the book "Espanha e Portugal" and Dr. A. Bredius gave their opinions

195

on the picture, of these perhaps the latter is of the greatest importance, but even this learned director of the Royal Museum at the Hague could not give a definite verdict. He saw the Picture first in 1902, and recorded his first impressions in the Visitor's Book, all of which he took back when he saw it again in 1909, saying that it resembled much of the work done by Gerard David of Bruges. "The picture remains a mystery to me", he wrote, "but it is a masterpiece by an unknown Flemish master".

No effort was spared to solve this mystery, and in 1897 some fragments of the wood on which the picture is painted were sent to Dr. Julio A. Henriques, director of the Botanical Gardens at Coimbra, who reported that the wood was oak, (*Quercus robur*). But even this did not bring the solution any nearer.

But now for Professor A. de Magalhães Basto's summing up of all the evidence. If we suppose that the picture was an allegory of the founding of the Misericórdias and representing the family of D. Manuel, then it can not have been painted by any master who died before 1498. But at what date did the "Fons Vitae" come into the possession of the Misericórdia? Had it been acquired at the end of the XVI century or later, it is almost certain that its existence would have been known, and the theory that it served as the reredos in the Fraternity's first chapel in the Cathedral cloisters is pretty well substantiated. Assuming then that it was painted to commemorate the founding of the Misericórdia, what more natural than to depict the Christ as the "fountain of life", the Virgin as the "fountain of mercy", and St. John as the "fountain of piety", as the examples before a Society that strove to succour the hungry, clothe the naked, care for the sick, and bury the dead?

The king, D. Manuel I., was born in 1469, and was, thanks to Portugal's discoverers, probably the richest king in Europe, and the country has many examples of the architectural beauties of his reign. He married three times, each

196

time a Spanish Princess, (in the hope of uniting the two countries). His first wife whom he married in 1496 was D. Isabel, eldest daughter and heir to Ferdinand and Isabella; she died in 1498, leaving an infant son, heir to Castile and Aragon as well as Portugal. He died two years later, when D. Maria, by whom he had wife's sister, D. Maria, who died in 1517 ten children, and who died in 1517 aged 35. The next year he married her niece, aged 19, daughter of "Mad Juana", niece and sister of the Emperor Charles V, and by her he had two more children, and three years after his death in 1521, she married Francis I (of France), but she has nothing to do with our story.

The children of the second marriage are of interest to us, as by them and their apparent ages in the picture, the date of its painting can be more or less fixed. They were as follows:

- D. João, born in 1502, the future D. João III.
- D. Isabel, born in 1503, future wife of Charles V and mother of Philip II.
- D. Beatriz, born 1504, who married Charles III, Duke of Savoy.
- D. Luis, born 1506.
- D. Fernando, born 1507, Duque de Guarda.
- D. Afonso, born 1509, whom the Pope Leo X created Cardinal in 1518.
- D. Henrique, born 1512, Cardinal in 1545, and king of Portugal after the disaster of Alcacer-Quebir.
- D. Maria, born in 1511, 1512, or 1513, and died in that year.
- D. Duarte, born 1515, who married D. Isabel, daughter of D. Jaime, 4th. Duke of Braganza, his daughters were D. Maria, wife of Alexander Farnese, Duke of Parma, and D. Catarina of Braganza, ancestress of the late ruling House of Braganza.
- D. Antonio, born and died in 1516.

In the picture "Fons Vitae" six sons and two daughters are shown, obviously the surviving children of this second marriage, and the cardinal's hat is intended for D. Afonso, who would appear to be



"FONS VITAE"

The British Church of St. James—Monthly Magazine—No. 11.

a child of about nine years old. There is also a strong likeness between the D. Isabel shown here and her portrait by Titian (now in the Prado, Madrid). As for the Queen, Walter Crum Watson in his valuable book "Portuguese Architecture" says, "she seems almost too old to be D. Leonor, and may be D. Maria". If we consider that she had borne ten children and died a year after the last one, "of an internal cancer", the worn, tired face of the queen in the picture may well be that of D. Maria. This then fixes the identity of the older woman, immediately behind the Princesses, as being D. Leonor, widow of D. João II, and sister of D. Manuel. She was the founder of all the Misericórdias in Portugal, the first one being a hospital for poor bathers at a place now called after her Caldas da Rainha, in 1485, and after the death of her husband always wore "a widow's black veil, almost like a nun, which covered her golden hair". In the picture she wears, in addition to this, a white cap and ruff. What more natural than that she should have an honoured thesis brings with it an anachronism. The Infante D. Afonso was only made cardinal in 1518, the year in which the king, on contracting his third marriage, received the collar of the Golden Fleece from his brother-in-law. If the picture were painted after these two happenings, then we have to conclude that it was done after the death of D. Maria, and when the king was already married to D. Leonor. Might it be possible that the panel was begun in 1516 or 1517, during D. Maria's lifetime, and only finished in 1518? This is the solution acceptable to Sousa Couto and to Professor A. de Magalhães Basto. His opinion is that the thirteen men represent the Brothers of the Fraternity, the administrative body having for centuries consisted of this number. The eldest of them must be the Provider, "a man of authority", as the ancient rules demanded, holding in his hands a book that may well be the "Compromisso da Irmandade". The costumes of the remaining men, (apart from that

of the prelate) vary considerably, and this probably indicates their different social positions. Mention has already been made of the male figure which is a little distinguished from the others. Prof. Basto's valuable contribution towards the solving of the fascinating riddle is to draw attention to a hitherto unnoticed peculiarity. It appears to be a cross or large, pointed star, of which only two points are visible, on the left side of the cloak worn by the man standing at the feet of the Christ. Could this possibly lead in some way to the elucidation of the mystery of the painter of the panel?

The foregoing notes are but a poor and bald summary of Professor A. de Magalhães Basto's study of the picture "Fons Vitae", which in turn is an extract from Vol. I of his "History of the Misericórdia of Porto"; and my grateful thanks are hereby expressed to him for his permission to publish them, together with apologies for any faults or omissions.

B. B.

Since writing the above, I have received from Professor A. de Magalhães Basto the most generous offer of the loan of his plate for the publication of a reproduction of the picture "Fons Vitae". But for his offer, this would have been impossible, as our funds do not permit of the heavy expense of engraving a plate for illustration purpose. The value of his work is greatly enhanced by the picture, and I gladly acknowledge our great indebtedness to him.

B. B.

Oporto, 1. 11. 1935.

"A HARVEST FESTIVAL."

A representative gathering attended the Wine Trade Harvest Festival Service which was held at St. Olave's, Hart Street, E.C., on Wednesday. The church was charmingly decorated with fruit and flowers for the occasion, and the Rector, The Rev. Prebendary Wellard, conducted the service.

The Lesson was read by Mr. Amys F. Warre, chairman of the Committee of

197

Documento 98

Ernesto Soares 1952 Dezembro 15 [carta] para AMB. Não publicada (EF).

ERNESTO SOARES
R. MORAS SOARES, 11 - 1.º E.
LISBOA
TEL. 51181

Carta 15 de Dezembro de 1952

Querido Sr. A. Magalhães Basto

Receio que uma resposta a amável carta de V. Ex. possa ser tomada como impertinência da minha parte; todavia, não me parecia bem, guardando uma reticência que poderia ser tomada como calculada reserva, e as minhas despretensiosas observações feitas ao Catálogo das estampas de Faculdade.

Na verdade a ler e a apreciar o trabalho de V. Ex., especialmente, aqueles que se referem a assuntos de arte, e saliente para um alto nível de lugar na cultura portuguesa, o magistral estudo de Frans Liss na Hist. da 1.ª Casa, nunca as minhas observações poderiam ter um carácter de censura e mesmo ainda o sintoma depreciação de si.

Interessantíssima História da Académia Politécnica.

Tenho não posso deixar de dar esta expl. caso que me dá a maior satisfação. Avalia, e bem, das dificuldades que a V. Ex. se levanta para trabalhar de escrever o seu trabalho e, peço licença para me colocar num plano muito mais difícil, quando pretendi fazer o meu estudo de investigação e de armarção e descrição das estampas de que ficou publicada para a 1.ª parte. Sem ser do Porto, sem conhecer ninguém dentro da Faculdade, a obra com um núcleo de estampas, hoje unanimemente conservadas, mas muito vendida de um empastelamento, com falsos nomes ou distinção cronológica, arbitrária ou estilística, sendo um tal peso sobre o trabalho

ERNESTO SOARES
R. MORAS SOARES, 11 - 1.º E.
LISBOA
TEL. 51181

que quis me resolver a desistir. Valeu-me a amizade de Sr. Vasco Valente que me não deu ou dar esse meu passo. Mais desavimado, no seguinte ano, em que fui convidado o trabalho, tive um alívio, quando me trouxeram sobre outros papéis as Relações e, especialmente, a de planta ler; mas não a larguei e aproveitei-as delas como vim no meu estudo.

É nesta altura que veio a ler a minha obra sobre a Loga de minúsculas de apoio à coleção e as particularidades das obras de arte da Academia. Não podia calar essa falta, mas mais para valorizar a minha descoberta do que para notar a deficiência dos outros. É o sintoma da aprovação. Fiquei satisfeito, como ainda hoje estou que não possa apreciar esta minuciosa arte no Porto. Todas as pessoas

ERNESTO SOARES
R. MORAS SOARES, 11 - 1.º E.
LISBOA
TEL. 51181

dão com grande fôlego, e muitos foram, mesmo a sua decisão, por haver uma coleção das importantes estampas. De certa verdade o depois, este facto estimulava-me a fazer o trabalho e foi aí que me deu, diligência para fazer um grande trabalho precedido de uma palestra elucidativa, e a publicação deste Catálogo que seria posto à venda nessa ocasião.

Como o tempo passa e tudo se esquece! Consegui levar ao Porto o Secretário Geral da Alta Cultura, o director de M. M. P. e um do M. P. do Porto, o Director da Faculdade, o Dr. João Pereira Dias e para aí acabei a minha obra. Todos abraçaram a ideia e com certeza, aliado, mas faltava o pato para expor-se.

Regratei-me a falta de acta da Faculdade, como não de mais, para um catálogo de arte (menores e pessoas) e de

ERNESTO SOARES
M. MORAIS SOARES, 78, 1.º E.
LISBOA
TEL. 2192

designação e foi resolvido que a separação
seria feita no Museu Soares de Reis, em um
lugar capaz para um gabinete de estudo.
Passado das reuniões da Alta Cultura, ao
Museu Soares de Reis e à Faculdade, com
relação particularizada do minicordão
escolares, a designação das reuniões e
o local que cada uma delas ocupará.
Três meses depois estava o meu trabalho
pronto para ser impresso.

Sobrevieram os meses e os anos e mal
cuidados com elementos físicos.....
não permitiram que as escolares fossem
da Faculdade.... Este o motivo da demora
na publicação do Catálogo, e esta a
razão de se não conhecer ainda hoje no
Porto, o preciso núcleo artístico que, avulso
e apertado e conservado, jaz no
mais silencioso dos pirâmides... mas

então, com o meu milénio mínimo.

Não foi a única que abusa da gentileza
de V. Exa; ao peso que me releve a superli-
cência, mas também se altera das coisas
e sei que V. Exa. pode compreender, como me
quiser, este questionário de estudos. Não
sou o Porto, mas tenho aí bons amigos e
muita disposição de levantar meus estudos que
pudesse adoptar qualquer deles. Há muitos
anos que admiro o Trapeiro e a sua
terra.

Pendo que V. Exa. está redondo chorado,
queira acalmar o meu desesperamento
e creio me pereço admirador de V. Exa.

Ernesto Soares

ERNESTO SOARES
MORAIS SOARES, 78, 1.º ESQ.
LISBOA

Ex. Senhor

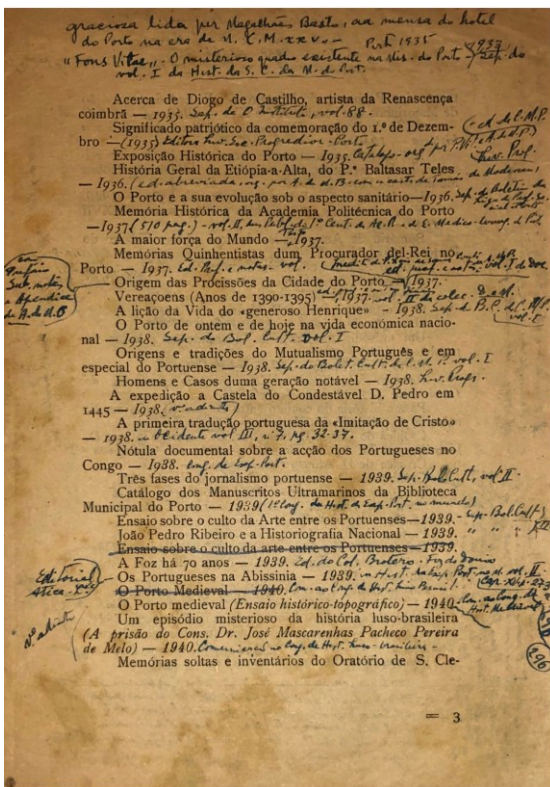
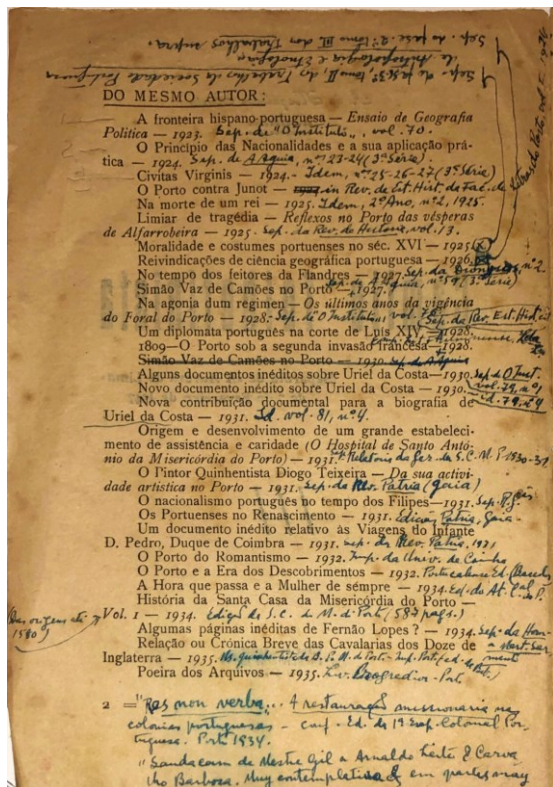
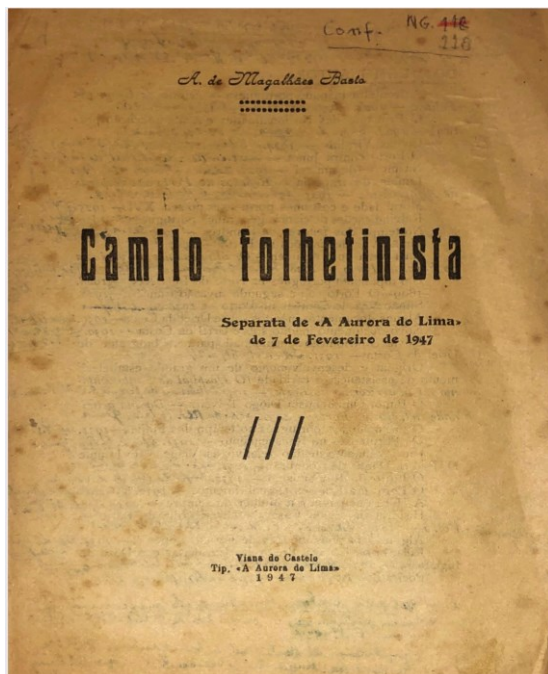


Dr. Arthur Magalhães Vasco
S.º Director do Arquivo Histórico

Porto

Documento 99

Camilo Folhetinista a, 1947 Correções e acrescentos, pelo próprio, à sua bibliografia, nas margens da separata, para posterior publicação no *A Aurora de Lima* [13 p.] (EF).



"A espedição a Castelo do Castelo de D. Pedro
em 11448 (Subsídios para a sua história)" in
B. de S. Paulo, vol. I, nº 1, 1939, p. 65-75.
História de Portugal e Brasil, in B. de S. Paulo, vol. I, nº 1, 1939, p. 65-75.

mente das Penhas e do Mosteiro de N. Sr.ª da Conceição
de Matosinhos dos séculos XV e XVI — 1940, inf. Bol. Conf. III.
A Sé do Porto — Documentos inéditos relativos à sua
história — 1940, inf. Bol. Conf. III.
Notícia dos manuscritos pertencentes à história do rei-
nado de D. Sebastião que existem na Biblioteca Pública
Municipal do Porto — 1940.
Um brado nacionalista nas vésperas de 1580 — 1940.
Vida e costumes da sociedade portuguesa no séc. XVII
— 1940, inf. Bol. Conf. III.
Sumário de Antiguidades da mui nobre Cidade do
Porto — 1942, inf. Bol. Conf. III.
Ribeiro Sanches editor de Camões — 1943, inf. Bol. Conf. III.
A missão de Aires Cardoso a Inglaterra em 1584 — 1943, inf. Bol. Conf. III.
O recolhimento do Ferro (no Porto) — 1943, inf. Bol. Conf. III.
O «Portuense» Infante D. Henrique — 1943, inf. Bol. Conf. III.
Imitação de Cristo — 1943, inf. Bol. Conf. III.
Um episódio na Praça da Liberdade às 4 horas da
manhã — 1943, inf. Bol. Conf. III.
Porto e São Paulo — 1943, inf. Bol. Conf. III.
Roberto Woodhouse — Um campeão portuense do
Catalunha — 1943, inf. Bol. Conf. III.
Para a história do conflito entre D. João III e Carlos V,
sobre a propriedade das Molinas — 1943, inf. Bol. Conf. III.
Crônica do Conde D. Henrique, D. Tereza e Infante D.
Henrique, de Fr. António Brandão — 1944, inf. Bol. Conf. III.
Crônica de D. Afonso Henriques, id. — 1945.
Crônicas de D. Sancho I e D. Afonso II — 1945, inf. Bol. Conf. III.
Os 75 anos do Ateneu — 1945, inf. Bol. Conf. III.
Silva de História e Arte (Notícias Portuenses)
— 1946, inf. Bol. Conf. III.
Porto e Brasil — 1946, inf. Bol. Conf. III.
Crônica de Cinco Reis de Portugal, anônima — 1946.
Crônicas de D. Sancho II e D. Afonso III, de Fr. Anto-
nio Brandão — 1946.
Fernão Lopes e a reforma do Livro das Linhagens do
Conde D. Pedro — 1946, inf. Bol. Conf. III.
Umas férias de Júlio Dinis em Leça da Palmeira — 1946.
A Sé do Porto — Novos dados documentais relativos
sua igreja — 1946, inf. Bol. Conf. III.
Figuras literárias do Porto — 1947, inf. Bol. Conf. III.
— Crônica de Cinco Reis de Portugal (inédita) quanto
tudo refere-se ao período de 1856 de D. Afonso III, Municipal de Porto;
segundo de capít. introdutórias da versão portuguesa da Crônica
geral de Espanha, in Fr. António de S. Paulo, vol. I, nº 1, 1939, p. 65-75.
— Crônica de D. Afonso III, de Fr. António de S. Paulo, vol. I, nº 1, 1939, p. 65-75.
— Crônica de D. Afonso III, de Fr. António de S. Paulo, vol. I, nº 1, 1939, p. 65-75.

Crônicas de D. Sancho I e D. Afonso III, Ed. atualizada, Conf. III, de
A. de M. B. (Portuense): Comentários e estudos de História, p. 65, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000.

Viagem de Francisco Pyralis, de Laval. Versão portuguesa
revisada e anotada por Joaquim Heliodoro de Almeida
Ribeira. Edição revista e actualizada por A. de M. B.
Série Ultramarina. de Bol. Conf. III, nº 1, 1939.

escritos na imprensa e no livro e maiormente as mono-
grafias enfiadas no precioso volume *Homens e coisas
duma geração notável*, aquele cintilante homem de letras
(que já havia dado o seu contributo à homenagem,
inserindo na secção semanal que há anos vem susten-
tando no *Primeiro de Janeiro* — *Falam velhos manus-
critos*... — curiosos artigos em que falava do torturado
de Seide, da *Aurora* e de Bernardo Silva) dignou-se
aquelecer, e os vianenses que prezam os pergaminhos da
sua terra e todos quantos de fora vieram tomar parte na
festa, com que a *Aurora* e o seu Director foram honrados,
— entre os quais vimos o venerando catedrático Sr.
Dr. Alfredo de Magalhães — tiveram por isso o inomi-
nado deleite espiritual de o ouvir, no local predito, numa
dissertação a todos os respeito memorável.

Quando moço, Camilo folhetinou muito nos jornais
da cidade invicta, com aquele chiste e o vivo destemor
que singularizavam o seu cálamo diamantino. O Sr. Dr.
Magalhães Basto, recordando essas hilariantes *Revistas
do Porto*, e os literatos portuenses daquela época, lê-lo
com a erudição, a leveza e a graça que lhe são pecu-
liares e que empolgaram o selecto auditório, arrancando-
lhe, ao concluir, uma das mais vibrantes ovações que
temos presenciado.

Não podia perder-se o primoroso trabalho. Posto
que publicado nas colunas de *A Aurora* do Lima, havia
que o salvar da efemeridade da folha impressa, trasla-
dando-o ao livro. E' isso que se faz agora, pelo que da
homenagem ficará perdurável memória. Demais desta
razão, acrece a de se aumentar a camiliana com uma
espécie que a valoriza.

Viana, 8 de Abril de 1947.

Júlio de Lemos.

Para a hist. do conflito entre D. João III e Carlos V,
sobre a propriedade das Molinas; as lutas ali travadas
entre espanhóis e portugueses, contadas por um
testemunha presencial — extrac. do Tomo
VIII das Publicações do Congresso luso. 3.º
paral. do Porto — 1943

= O Porto medieval. O Porto medieval (casas históricas. Topografia).
vol. II (3.º Congresso), p. 675 — de Bol. Conf. III, nº 1, 1939.

= Notícia dos manuscritos pertencentes à história do reinado de D. Se-
bastião que existem na Biblioteca Públ. M. do Porto, vol. V (3.º Conf.
Tomo III), p. 457.

= Um episódio medieval da história (a sua biografia) — vol. X
(4.º Congresso, Tomo II), p. 487 (Apresentação de Camilo
Magalhães Basto ao Congresso de Coimbra).

= Alguns documentos de origem municipal de Bol. Conf. III, nº 1, 1939.
Extrac. do vol. I de D. João, Cidade ao serviço de Portugal. Ed.
 Públ. do Município do Porto, no VII Centenario do Congresso de Bol. Conf. III, nº 1, 1939.

CAMILO FOLHETINISTA

= José Rosa & C.ª no seu Centenario — Breve história da Casa (Lima 88)
por A. de M. B. — Bol. Conf. III, nº 1, 1939.

= Folhetim folhetinista, o artigo sobre a cidade do Porto
— Soube ontem pelos jornais esta grande novidade para
mim: a de que às 16,30 de hoje eu estaria aqui a falar —
a proferir algumas breves palavras evocativas de Camilo
Castelo Branco e da sua passagem pela «A Aurora do Lima».

Eu disse que o soube pelos jornais; não é bem assim.
Soube-o pelo *Jornal de Notícias*, secção das *Várias Notas*...

Na verdade, eu não prometi... Pediram-me — e eu
respondi com um argumento de muito peso: a falta
material de tempo para preparar alguma coisa de jeito
para dizer neste lugar.

Mas enfim... tem de ser: — seja!

V. Ex.ª, quer queiram, quer não, têm de me ouvir...
As *Várias Notas* mandam... e o mundo obedece!

Pediram-se-me palavras evocativas da passagem de
Camilo por aqui e pela redacção da hoje veneranda e
então juvenil *Aurora*. Mas eu já escrevi e publiquei no
Primeiro de Janeiro quase tudo que sabia a tal respeito. Valerá a pena
repeti-lo? Evidentemente que não. Desobedeço às *Várias
Notas* e Paulo Freire, o meu excelente amigo e camarada,
que me perdoe.

Também não ousarei tentar enaltecer perante V. Ex.ª
a memória altíssima do escritor genial que durante escas-

nos dois meses estas rústicas paredes tiveram a honra insigne de abrigar. Ninguém desconhece a grandeza e o valor da sua obra: os primores do seu estilo, o seu dom inegalável de arrancar lágrimas, a causticidade sangrenta dos seus sarcasmos, a graça da sua inimitável ironia. Todos sabem que ele trabalhou incessante e febrilmente — para viver! — e que é portentoso o seu espólio literário.

Segundo as contas de Henrique Marques, Camilo publicou 138 livros; criticou e fez anotações a 92; colaborou em 88, escreveu artigos para 129 revistas e jornais.

Nem sempre o enredo dos seus romances terá hoje grande interesse ou nos parecerá bem urdido; nem sempre haverá verdade nas cenas que neles se descrevem. Mas que riqueza e propriedade extraordinária de vocabulário! Que vernaculidade de linguagem! Que poder incomparável de expressão! Que garra a sua de escritor!

Já chamaram a Camilo a personificação do génio português. Aubrey Bell, o eminente lusófilo e crítico da nossa literatura, — tendo em consideração o temperamento sensível e mutável do nosso grande romancista, a exuberância da sua imaginação, os seus arranques juvenescos de sátira e os seus estados patológicos de depressão e de melancolia, a sua vida tempestuosa, — declarou ser bem merecido esse qualificativo de *personificação do génio português*, que por D. Maria Amália Vaz de Carvalho foi dado a Camilo, em 1877.

Não me occuparei do Homem, do romancista ou do prosador. Mas, coisa alguma hei-de dizer e estarmos entre trabalhadores da imprensa, falei de Camilo como folhetinista. Serão dez minutos apenas.

Como sabem, Camilo nasceu em Lisboa. Mas tendo saído de lá aos nove anos, órfão de pai e mãe, levaram-no para Trás-os-Montes, e por lá viveu e doidejou até aos 18 anos de idade — até 1843. Nesta data foi estudar para o Porto; o Porto foi sempre, desde então e mais ou menos, o seu quartel-general e pode dizer-se que portueuse ele ficou até morrer.

8 =

arte, com mais ou menos espírito, dos acontecimentos, das pessoas e dos costumes.

Camilo explicava que «a graça chistosa, a rebentar de riso, é a alma de uma Revista ou Folhetim». E acrescentava, para caracterizar melhor: — «O Folhetim pode ser em verso ou prosa. Tudo o que não é verso é prosa, tudo o que não é prosa é verso. Exceptuam-se, porém, as crónicas do *Eco Popular*, assinadas por um misantropo, que ninguém sabe de que são feitas». O *Misantropo*, salvo erro, era ele mesmo.

Ainda, segundo Camilo, «todo e qualquer pedante estava autorizado para fazer um folhetim, contanto que não tivesse vergonha».

E' claro que, dessa regra geral, dos folhetinistas sem vergonha se exceptuava ele, pois era — dizia — dos poucos que ainda tinham alguma. Porém, já a quisesa reduzir a palacos; chegara a oferecê-la a rastos de barato na Praça do Porto — mas ninguém lhe quisesa comprar.

Havia então famosos folhetinistas lá na Invicta. Basta citar os nomes de Evaristo Basto, Augusto Soromenho, Coelho Lousada, Arnaldo Gama, Ricardo Guimarães (futuro Visconde de Benalcázar). Além desses, mais ou menos folhetinizavam todos os jovens literatos da fundibular roda de *Guichard*, desse famoso e quase lendário botequim da Praça Nova, de que no Porto ainda toda a gente ouve falar. Mas de todos os folhetinistas, de todos os literatos da sua época, Camilo foi, sem dúvida, o primeiro na graça, na ironia, no talento.

Uma das vantagens que os mancebos daquele tempo encontravam em ter as suas ordens as columnas dum jornal para escrever folhetins, era a de, por este facto, serem convidados para os bailes ou *soirées* nas casas particulares.

Quem queria um relato de estrondo da sua festa, convidava os folhetinistas. No outro dia, as gazetas vergavam ao peso dos adjectivos bombásticos, a respeito dos doces, e dos elogios à amabilidade dos donos da casa, dos

10 =

«O meu querido professor! — escreveu o genial romancista em *A mulher fatal* — ó meu querido professor, eu sou dos que antigamente desceram das regiões transmontanas aqueles machos que o progresso tirou da circulação para dar praça a outros (machos) maiores.»

Escarranchado pois na sólida e pachorrenta alimária, Camilo desceu por ali abaixo desde Vilarinho de Samardá, do cume das ingremes e majestosas penedias «perfumadas das essências das matas altas, vestidas do rosicler das auroras, da púrpura vespertina dos crepúsculos, de moitas de rosmarinhos» — e foi hospedar-se lá no Porto, conforme as suas limitadas posses de estudante — sabem onde? Numa pensão da Rua Escura — no velho e sujo bairro da Sé. — A sua pituitária, até então afeita às essências das matas altas, começou a ter de se habituar ao... ao heliotrópio daquelas estreitas ruas — muito mais mal cheirosas naquele tempo do que hoje, manda a verdade dizer-se.

Camilo tinha então 18 anos, mas fervia-lhe já na alma e no sangue o génio de escritor. Em breve começaria a colaborar nos jornais.

Ora é do Camilo jornalista, ou, melhor, do Camilo folhetinista de 1850 (com sangue na guerra e língua de prata) que, como disse, vou aqui falar a V. Ex.ª.

Antes de vo-lo mostrar com as mãos na massa — que é como quem diz — antes de vos dar exemplos do que foi a graça e ironia de Camilo espalhadas a rodos pelos folhetins das gazetas em que ele colaborou há 90 anos — preciso se torna explicar, para quem o não souber, o que era naquele tempo o *folhetim*.

Hoje, essa palavra é quase unicamente empregada como sinónimo de — como direi? — de romance publicado às pinguinhas no roda-pé dos jornais. O folhetim de outros tempos também não subia aos andares superiores dos periódicos, não passava do *ré-de-chão*; mas, em vez de ser um romance, era uma espécie de *revista da semana*, em que se fazia a critica, com mais ou menos

= 9

ditirambos às graças e prendas das gentilíssimas filhas dos anfitriões.

Camilo fez em seus folhetins algumas criticas a bailes. Não muitas. Nem admira. Ele não se vendia por uma chicara de chá. E vinha cá fora dizer barbaridades.

Exemplo:

Falando dum cavalheiro que encontrara em certo salão elegante, escreveu ele no *Eco Popular*: — «O homem em questão dança como fala; mas não sei as vantagens que tira daquela boca sempre aberta e ridente, visto que na roda dos convidados não havia alveitar a quem interessasse a idade de sua senhoria».

Por causa desta e outras, Camilo, como já disse, não recebia muitos convites para chás.

Mas para escrever folhetins, não lhe faltavam os assuntos. Tudo lhe servia. Era tremendo.

Quando a então festejada escritora portueuse, D. Maria Peregrina de Sousa (quem se lembra hoje dela?) publicou um dos seus romances, Camilo, no roda-pé dum jornal, perguntou-lhe, cruelmente, se não seria melhor S. Ex.ª ir aprender

a bispoitar bem uns fundilhos
para em tempo competente
um remendo pôr decente
nas cuecas dos seus filhos...

Outra vez, ao apreciar certas oitavas em redondilha maior, em que um vate entusiasmado exclamava enfática e romanticamente

Que noites!... Onde há mais belas?
Que sandoso pôr do sol!
Onde há! Onde é tão sentido
Este canto enternecido
Do suave rouxinol?

= 11

Camilo escreveu :

— «Aquele verso ! — Onde há ! onde é... se tivesse onde há ! onde sh ! onde nh ! formava uma bonita cadência do b-a-ba».

Certo jornal noticiara o aparecimento de um cadáver de mulher, no saguão de determinada casa contigua ao Mosteiro de S. Bento, da freguesia da Vidéria, no Porto, e informava no dia seguinte que um padre «correndo irado, sobre a criada, a fizera precipitar-se ao saguão».

Camilo comenta :

— «Correr sobre o gelo, correr sobre uma corda bamba, isso são corridas usadas e vistas; mas (um padre) a correr sobre uma criada, sem que a gramática fosse corrida, isso é que não constava».

Noutro dia o *Nacional*, gazeta lá da terra, publicou uma notícia em que se lia, mais ou menos, isto : Casou ontem o Exm.^o Senhor Fulano com a Exm.^a Senhora D. Fulana. Foi celebrante o Exm.^o Sr. Abade F., que empregou todo o esmero no desempenho de tão sério acto, após o que regressaram os Exm.^{os} noivos para a Exm.^a Casa do Cabo, e depois saíram na companhia de seus Ex.^{mos} pais para a Exm.^a Casa de Agrellos, encontrando aí muitos e nobres amigos do Exm.^o noivo, e grande concurso de povo que fazia ressoar pelo ar muito fogo». Camilo transcreve a local e corrige — «grande concurso de povo que fazia ressoar pelo ar muito Exm.^o fogo». Terminando por augurar mal dum Ex.^{mo} casamento que se anunciava com uma ex.^{ma} local tão asnática.

Camilo era assim : dizia as verdades nuas e cruas aos folhetins. Eles, é claro, não gostavam. Alguns respondiam e não raro a resposta era puncadaria da grossa, para a qual Camilo, como todos os folhetinistas do tempo, andava sempre preparado com o seu cavalo marinho. Todos os rapazes de então sabiam montar. Por isso muitos usavam habitualmente esporas e botas altas... — botas de montar,

12 ==

de cavalgar em toda a sela — e até nas selas com que eles albardavam as vítimas dos seus folhetins.

Mas a critica folhetinesca não se limitava aos grotescos sociais. Ia mais longe. Entrava pelos domínios da politica com igual ou talvez superior desenvollura. Não se faz hoje a mais pálida ideia da irreverência espantosa, da insolência com que se tratavam as autoridades constituidas. O que os jornais portuenses da época de 1850 disseram do Chefe do Governo, dos Deputados, dos Ministros, da própria Rainha, é simplesmente assombroso. Que triste uso se fazia da mais bela das conquistas modernas — da liberdade de imprensa !

Dos folhetins de Camilo poderia extrair muitos e eloquentes exemplos do que acabo de afirmar. Ficou tristemente célebre a diatribe que ele escreveu num jornal portuense sob o titulo *Fragments de um drama do futuro* ou *O último ano dum valido*.

Nesse folhetim é arrastada pela lama a honra de D. Maria II — a honra da rainha e da mulher — e a figura de Costa Cabral, *Conde de tomar* — de tomar, com *t* minúsculo, como insultuosamente escreviam certos jornais da opposição.

Falando um dia do Conde do Casal, suprema autoridade militar lá do burgo, com o ar de quem duvida da classe ou espécie ... zoológica a que o respeitável Conde, montado no seu bucéfalo, pertencia, escreveu isto : — «O chapéu armado, e a espada, e as esporas, não são carácter distintivo, porque já vi em Lisboa um urso da classe dos chimpanzés de Linneu, revestido daquellas insignias militares, fazer visagens a cavalo num barro ás ordens dum truão».

Ao grupo de deputados que apoiavam Costa Cabral, chamava Camilo amavelmente a *menagerie de Costa Cabral*. Dum desses *pais da Pátria* escreveu — «Vi no Guichard um deputado chegado há pouco. E' o Zeferino Cabral, vulgo o *dente marinho*. Os queixos são o perfeito simbolo do deputado à mesa do orçamento. Que grandes dentes... Deus o aparte da nossa borða ! Credo !».

== 13

V. Ex.^{as} decerto gostariam que eu dissesse alguma coisa propriamente dos folhetins de Camilo na *Aurora do Lima*. Nessa, porém, não caio eu.

Bernardo Silva está ali.

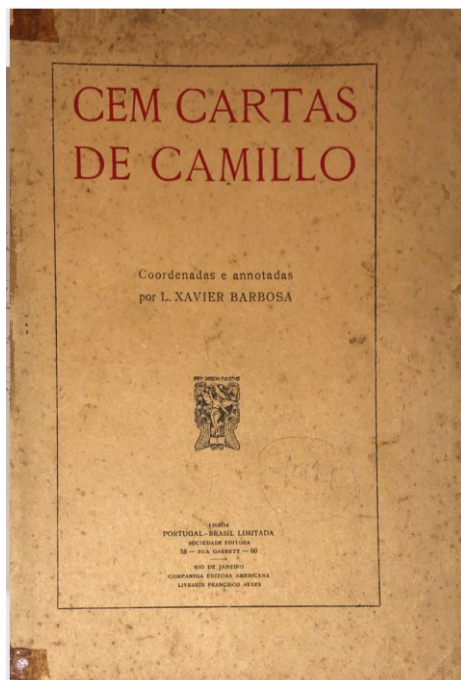
E eu não me atrevo...

Onde está Bernardo ninguém tem o direito, senão ele, de falar dos amores da D. Aurora, com Camilo, e das ternas cartas e bilhetinhos que esses dois namorados entre si trocaram.

Como já há dias escrevi, apenas direi, para terminar, que Bernardo, Aurora e Camilo os irmãos neste momento a todos três na minha estima, e a todos três os uno no sincero abraço que Bernardo me vai permitir que eu lhe dê.

14 ==

b. *Cem Cartas de Camilo*, de Xavier Barbosa. [Capa] do exemplar de AMB



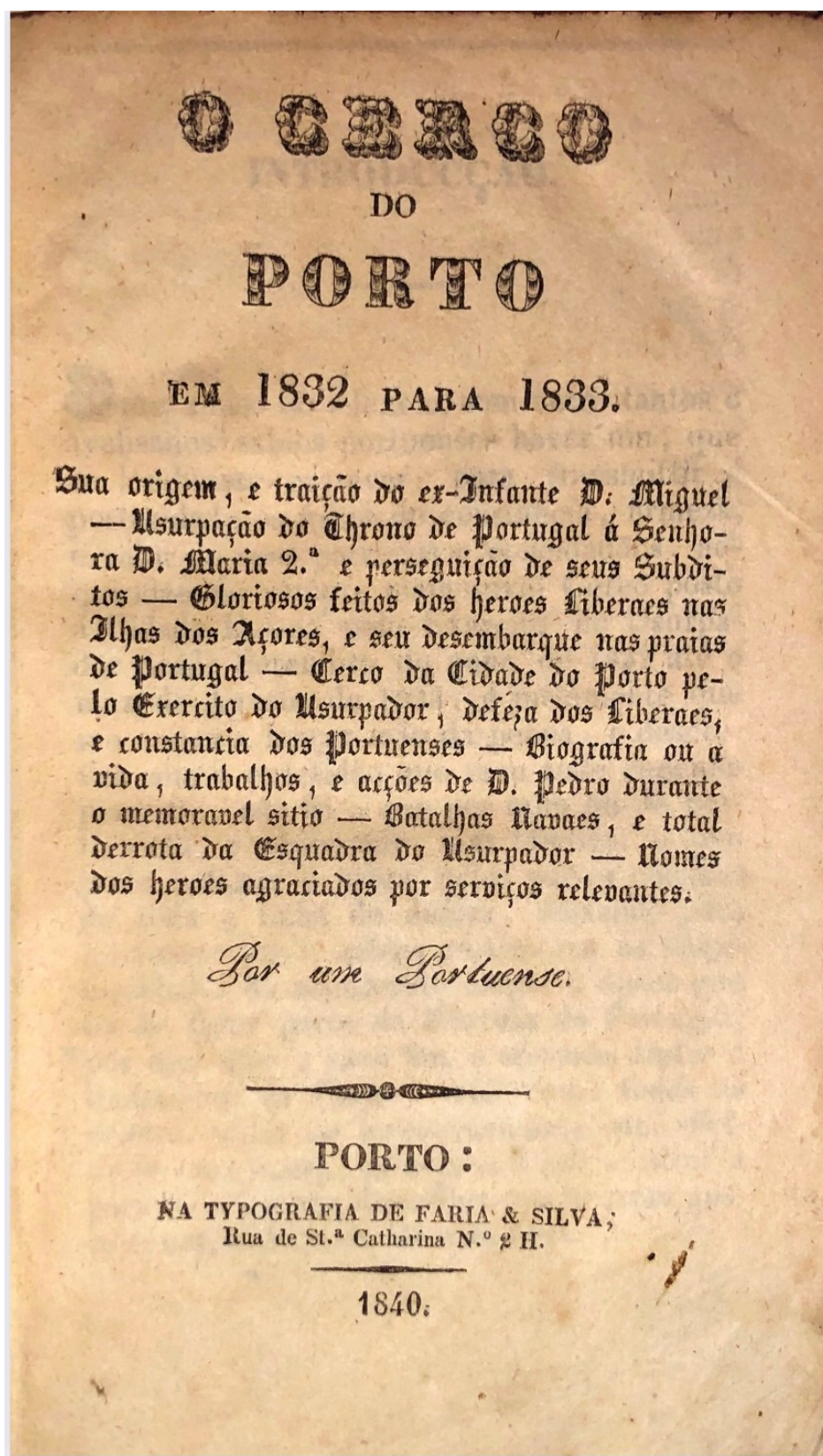
c. Página ... “Falei junto da porta desta casa (...) quando ali foi descerrada uma lápide, por iniciativa do Aurora de Lima”, 1947 Janeiro 31, notas à margem de AMB, junto da imagem da casa de Camilo, 1857, S. João D’Arga, no Minho (EF)



Documento 100

O Cerco do Porto, (...) Por um Portuense. Porto: Typ. de Faria & Silva, 1840.

a. [Capas interiores do livro] Exemplar de AMB, de 1942 Março 19 (EF).



700/

1500

O autor deste livro, ref.
inf. do Dr. Pedro Vitorino,
chamava-se

Pitunais Rodrigues

Barbosa Fernandes

19/II/42

O Sr. Eugenio Pinto Leite tem por
um ex-lar em que, por Leite
antigo esta escrito na folha
do rosto e por Loucos de
Pôr um Portuense as palavras

"Mel. Fr. das Neves."

Folha velha
3210/VIII/51

4/15/51

Ant. J. Nunes de Azevedes foi
nomeado em 15 de Agosto 1833 p.^o o
importante lugar de guarda. Sala da
Bibl. Publ. do Port.

H. S. e Souza Reis foi nomead.
guarda. Sala em 7 Jan. 1842; depois
Oficial-Maior da Geor. da Camara
em 8 Janeiro 1848.
Ve. Eduardo Braga Bibl. Portuense
n. 28

Num ex^{ta} pertencente ao Penente

P. - - - da Livraria Euro-Brasileira,
de Lisboa, está escrita por Antônio
José Nunes de Meireles, a dedica-
tória ao "seu colega" Henrique
Duarte e Souza e Reis, e na qual
ele Meireles se declara A. do livro.
Tem a data de 1847

De Triph. Nov. 1951

b) "Solução dum problema bibliográfico", artigo de AMB na revista *O Tripeiro*, ano VII.

Solução dum problema Bibliográfico

No mês de Junho último, o nosso presado leitor T. P. S. perguntou nesta revista (pergunta 202) se estaria identificado pelos bibliógrafos o anónimo autor de *O Cerco do Porto por Um portuense*, livro impresso, em 1840, na Tipografia Faria & Silva, desta cidade.

No mês imediato publicamos duas respostas: «Um assíduo leitor d-*O Tripeiro*» afirmou que o autor daquele livro «já há muito está identificado», e declarou que o nome desse autor é *Hugo Owen*; «A. D. C.—velho tripeiro» informava, porém, que o autor de *O Cerco do Porto* foi *Tibúrcio Rodrigues Barbosa Bernardes*, nome que se encontra manuscrito num dos dois exemplares que o respondente possui.

Ocupei-me deste assunto no artigo «Um problema bibliográfico» da secção *Falam Velhos Manuscritos...* de *O Primeiro de Janeiro* de 3 de Agosto do corrente ano. Analisei as duas opiniões e concluí que *Hugo Owen* está há muito identificado como sendo o autor de *A Guerra Civil em Portugal. O Sítio do Porto (...)* por *hum estrangeiro*, mas que nada havia que permitisse afirmar ser o mesmo coronel *Owen* o autor de *O Cerco do Porto*, obra muito diferente daquela (isto apesar de *Brito Aranha*, continuador do *Dic. Bibliográfico*, de *Inocência*, afirmar no vol. xvii dessa obra, sem quaisquer bases e certamente por confusão, que *O Cerco do Porto* é da autoria do dito oficial inglês); quanto a *Tibúrcio Rodrigues Barbosa Bernardes*, nome que também aparece manuscrito — supõe-se que por mão do falecido bibliotecário *João Gonçalves de Sousa* — no exemplar de *O Cerco do Porto* existente na Biblioteca Municipal desta cidade, e que, afigura-se-me, por influência do mesmo *Gonçalves de Sousa*, é dado como autor do livro citado, no «Catálogo da Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto», colectividade de que *Sousa* foi bibliotecário, como o foi da Biblioteca Municipal — atribuição que se repete, seguida, no entanto, de um prudentíssimo ponto de interrogação, no «Catálogo de uma magnífica livraria», organizado pelo culto livreiro-bibliófilo sr. *J. Guedes da Silva*, em 1935; — quanto a *Tibúrcio Rodrigues Barbosa Bernardes* declarei não conhecer tal «escritor».

No mesmo jornal, em *Post Scriptum* ao meu artigo de 10 de Agosto, informei que o nome de *Tibúrcio Rodrigues Barbosa Bernardes* (certamente por lapso, *Fernandes* em vez de *Bernardes*) me havia sido indicado em 1942 pelo falecido dr. *Pedro Vitorino* como sendo o do autor de *O Cerco do Porto*, conforme nota escrita por mim mesmo, no meu exemplar, no dito ano, e de que já não me lembrava.

Este facto, porém, não me convenceu de que o tal *Tibúrcio Rodrigues* tivesse escrito a obra em questão, entre outras razões porque, como também disse no mencionado P. S., o meu bom amigo e bibliófilo sr. *Eugénio Pinto Leite* me informou ser possuidor dum exemplar da obra em causa, adquirido há anos num leilão, e no qual, por baixo

de *Um portuense*, mão remota escreveu *M. F. das Neves*, justamente no mesmo lugar em que no exemplar de «A. D. C.—velho tripeiro» (o amigo e bibliófilo ilustre sr. *Aníbal Duarte Chaves*) está escrito *Tibúrcio Rodrigues Barbosa Bernardes*! Terminei dizendo:

«Enquanto não se provar o contrário, o que parece lícito concluir é que tanto um nome como outro (tanto o de *Tibúrcio* como o de *M. F. das Neves*), são de possuidores dos respectivos exemplares. Se o de *Tibúrcio* aparece nos exemplares do bibliófilo e amigo *Aníbal Chaves*, da Biblioteca P. Municipal do Porto e da Biblioteca do Ateneu, e se *P. Vitorino* me deu a informação citada, tudo pode provir simplesmente dum equívoco, que, passando de boca em boca, começava a adquirir força de verdade demonstrada.»

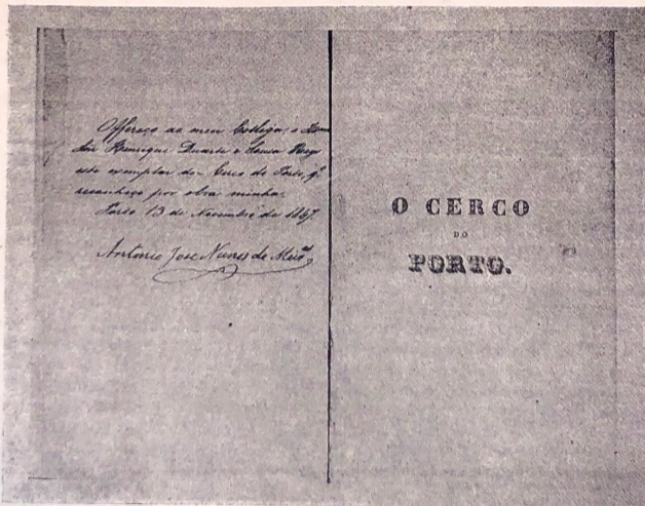
Ora temos hoje o prazer de publicar a gravura a que este artigo serve de ligeiro comentário, e que foi feita sobre a fotografia de duas páginas do exemplar de *O Cerco do Porto*, pertencente ao estimado leitor sr. tenente *Pinto Soares*, e por este prezadíssimo amigo d-*O TRIPEIRO* enviada para esta revista.

Lê-se na página da esquerda:

Ofereço ao meu Collega, o Ill.^{mo}
Sñr. Henrique Duarte e Sousa Reis
este exemplar do Cerco do Porto, q.^e
reconheço por obra minha.
Porto 13 de Novembro de 1847.
Antonio Jose Nunes de Meir.^{es}

Parece-nos solucionado o problema!

António José Nunes de Meireles, colega em 1847 de Henrique Duarte e Sousa Reis, sabe-se quem era. Basta abrir o livrinho de *Eduardo Braga, Biblioteca Portuense* (1833-1933), ed. do A., Porto, s. d., e ver a lista dos funcionários deste estabelecimento, ali publicada da página 28 em diante. António José Nunes de Meireles e Henrique Duarte e Sousa Reis, em 1847, eram ambos guarda-salas da Biblioteca P. Municipal do Porto; o primeiro fora nomeado em 15 de Agosto de 1833, sendo um dos primeiros funcionários nomeados para aquela Casa; o segundo fora nomeado em 7 de Janeiro de 1842, passando, em 8 de Janeiro de 1848, a ocupar o lugar de oficial-maior da Secretaria da Câmara, cargo que exerceu largos anos com zelo e distinção. *Sousa Reis*, que deixou manuscritos numerosíssimos e muito interessantes trabalhos de investigação sobre a história do Porto, os quais pertencem hoje à Biblioteca Municipal, é bem conhecido de todos quantos se dedicam a estes assuntos. De Nunes de Meireles sei apenas, até agora, o que diz *Eduardo Braga*.



O TRIPEIRO — ANO VII

Acredito, porém, em que tenha sido ele o autor de *O Cerco do Porto*. Além da sua própria confissão, temos outros elementos que o confirmam.

A pág. 28 daquele livro há a seguinte nota impressa: — «Na Biblioteca Pública do Porto existe uma lista de 8247 presos», etc.; *O Cerco do Porto* foi, como sabemos, editado em 1840, e Nunes de Meireles trabalhava na Biblioteca do Porto desde 1833, conhecendo, portanto, o que lá havia melhor do que quem não trabalhasse naquele estabelecimento, ainda em período de organização.

No exemplar do sr. tenente Pinto Soares, a página de erratas inclui mais as seguintes, escritas pela mesma mão que escreveu a dedicatória e com a mesma tinta:

Páginas	Linhas	Erros	Emendas
71	13	Malóque	Malé
116	14	Bello	Mello
96	4	Offereça	Favorecia
110	25	Estrevida	Atrevido (?)
133	20	Perflexos	Perplexos
174	2	Mais	Maus
175	16	1833	1834

O sr. tenente Pinto Soares diz-nos ter verificado estas emendas, só não encontrando razão para a de pág. 110; e pergunta: estará em qualquer outra?

É muito possível. É coisa a procurar com um pouco de paciência. O que me parece certo é que algumas dessas emendas só podem ter sido feitas pelo autor do livro: só o autor

saberia que onde está *offereça* se deve ler *favorecia*, e onde está (aos) *mais* (cidadãos) se deve ler *maus*...

O autor do livro era «portuense» e na *Introdução* declara modestamente ser de *rude engenho*. Nessa mesma *Introdução* tece elogios e presta o seu preito de reconhecimento ao *Estrangeiro* [Hugo Owen] que escreveu *A Guerra Civil em Portugal*. *O Sítio do Porto* — o que é mais uma prova de que este livro, escrito por «Um estrangeiro», não é da autoria do «portuense», que escreveu *O Cerco do Porto*...

«Portuense», de «rude engenho», «colega» do guarda-sala Sousa Reis, corrector de galhas de *O Cerco do Porto* que só o autor seria capaz de emendar, todos estes factos me levam à convicção de que a declaração escrita por António José Nunes de Meireles na dedicatória a Sousa Reis, seu colega — dedicatória que aqui se reproduz em gravura —, corresponde inteiramente à verdade.

Futuras indagações, feitas com um pouco mais de vagar, poderão fornecer-nos outros dados sobre a personalidade de Nunes de Meireles, que foi certamente combatente do Cerco do Porto e um daqueles que — como se lê na *Introdução* do livro que lhe atribuo — foram camaradas de Hugo Owen «no sofrimento da fome, da peste e da guerra, dentro da gaiola na Cidade Eterna».

Por hoje, resta-me agradecer ao sr. tenente Pinto Soares as preciosas informações que forneceu a *O TAPPEIRO* e que permitiram, segundo creio, a solução dum antigo e intrigante problema bibliográfico.

A. DE MAQALHÃES BASTO.

DIOGO RODRIGUES VILLA REAL

Paramenteiro portuense do século XVI

A hegemonia italiana na indústria têxtil do século XVI é hoje um facto contestado. Conquanto nos dois séculos anteriores, a evolução manufactureira resultante do movimento renascentista muito devesse à iniciativa artística e técnica dos estados do Adriático, alguns dos quais tiveram sem dúvida uma função predominante nos mercados europeus desse período, não restam dúvidas de que a Espanha, pela mão do operário muçulmano, acompanhou brilhantemente os progressos em realização e de que, no século XVI, competia com a Itália, impondo ao mundo cristão os seus tecidos e as suas modas.

Por Espanha, à maneira dos autores coevos e de vários críticos estrangeiros modernos, devemos entender toda a península, incluindo o nosso País. Portugal compartilhou da notoriedade do reino vizinho e até, por vezes, se lhe sobrepôs em opulências de luxo. Quando, em 1580, Filipe II veio a Lisboa assumir o poder da nova coroa que alcançara, uma das coisas que mais o contristou foi ser obrigado a vestir-se de riquíssimo brocado («... muy contra mi voluntad, mas dicen q' es lo costumbre de acá.» — desabafa).

Não cabe na estreiteza desta nota traçar o panorama das opulências portuguesas em trajos, paramentos e decorações têxteis durante o século XVI. Desde Afonso V a D. Sebastião, a suntuosidade dos adornos aumentou incessantemente, chegando a atingir culminâncias doentias. A Índia constituiu-se na fonte inesgotável de tais pompas, transformando Lisboa no mais rico empório da Europa.

A preferência e o consumo excessivo dos esplendores tecidos de ouro, prata e seda, originários do Oriente, não impediu, porém, que na metrópole continuasse a desenvolver-se a indústria têxtil, de tradições antiquíssimas entre nós.

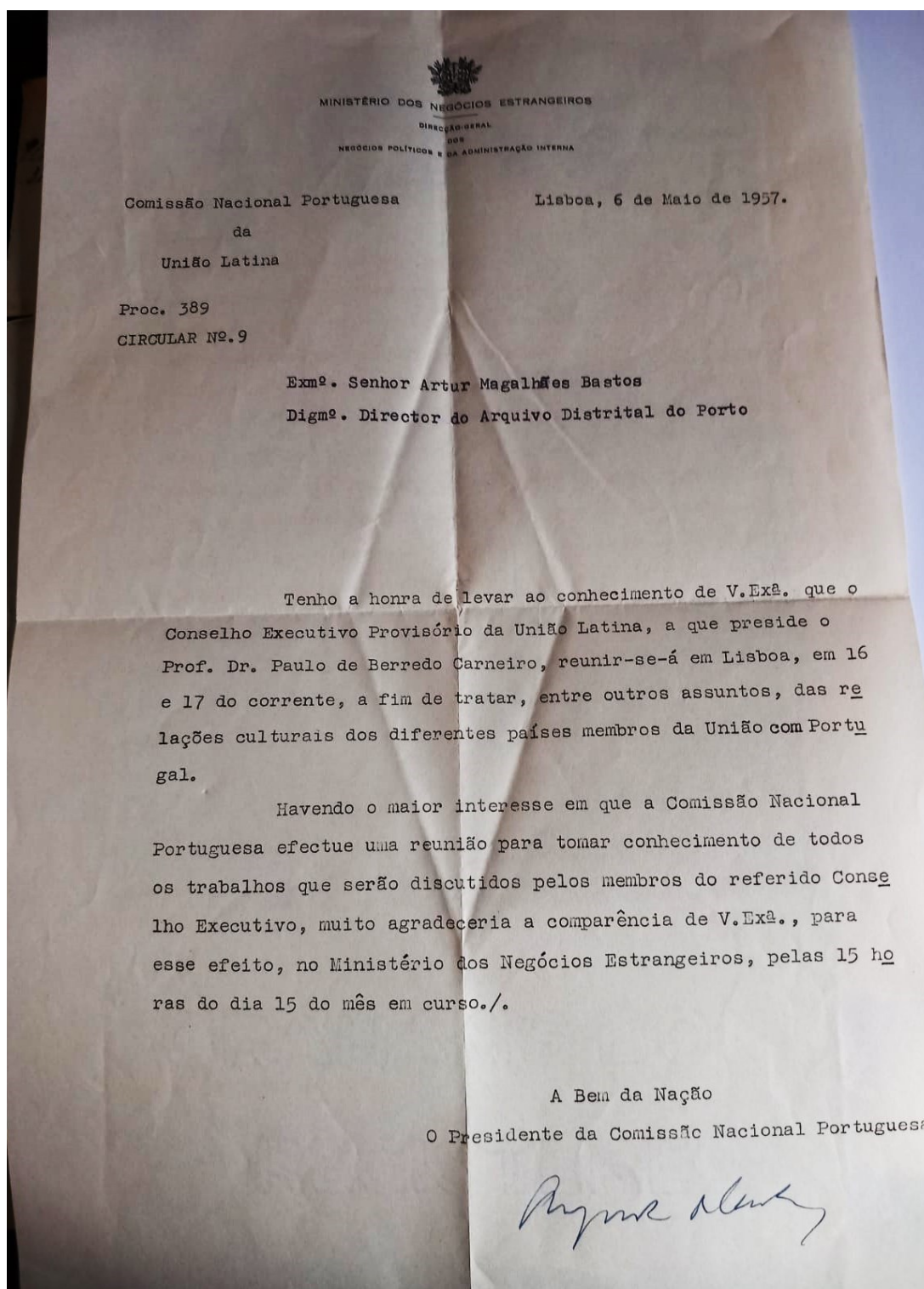
Disso subsistem provas incontroversas. Mas enquanto a Espanha, mercê do esforço erudito de uma pleiade notável de arqueólogos e graças também a um desfalcado, mas ainda assim maravilhoso património artístico, conseguiu historiar, caracterizar e reconstituir com belos exemplares, o seu passado manufactureiro, Portugal, praticamente, pouco ou nada realizou no mesmo sentido. Não obstante haver por explorar arquivos valiosos e existir em vários museus, colecções particulares e, sobretudo, espalhado pelas igrejas do continente (com risco de perda ou desvio), grande quantidade de espécimes arcaicos de inestimável valor, cujo inventário, estudo e classificação rigorosa se nos afigura campo quase inédito à argúcia de investigadores especializados na matéria. Ao Estado, porém, de direito e de moral, competiria salvar da ruína completa todos os monumentos arqueológicos da tradição nacional.

Diga-se, entretanto, que dois espíritos cintilantes e cultos muito fizeram em prol dessa obra meritória, sendo desinteressadamente os precursores de um trabalho que, infelizmente, não encontrou continuidade. Referimo-nos a Joaquim de Vasconcelos e Sousa Viterbo, ambos portuenses ilustres. O primeiro, na *Arte Religiosa em Portugal*, fotografou e classificou, conforme as possibilidades críticas da época, vários exemplares têxteis do Porto, Coimbra,

Documento 101

União Latina [dossier] de AMB

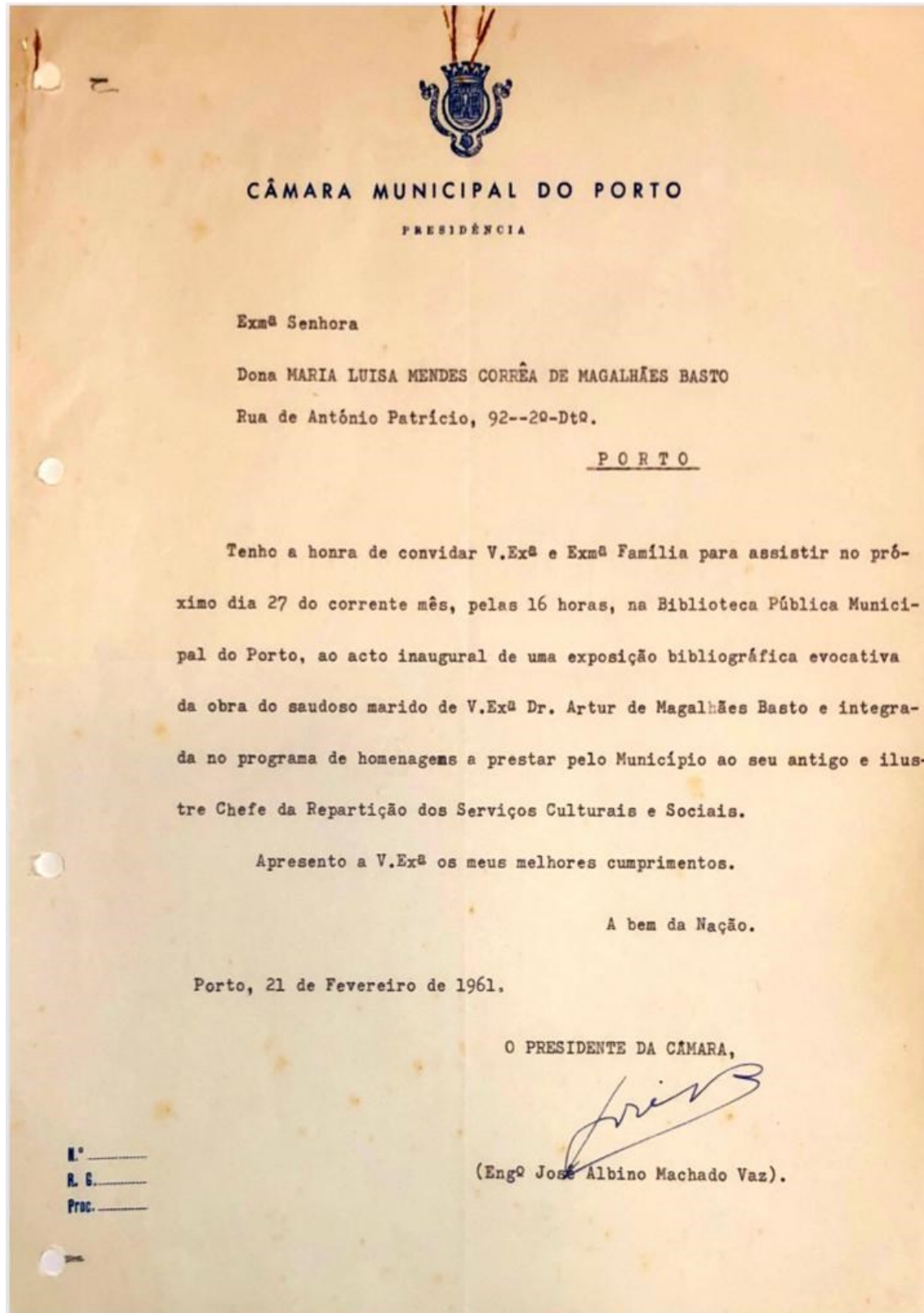
a. C.N.P. da União Latina ,6Mai. 1957[carta] para AMB.



Documento 102

Exposição bibliográfica de A. de Magalhães Basto, na BPMP,

- a. Machado Vaz, Pres. Da Câmara 1961 Fevereiro 21 [Carta] para Maria Luísa de M.B.(EF).



- b. Serviços Culturais da C.M.P., 11 de Janeiro de 1961[carta] para M. Luísa M.B., s/ vols.de AMB a publicar em breve (EF).

 **Câmara Municipal do Porto**

S. R.

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS CENTRAIS E CULTURAIS
3.ª REPARTIÇÃO
SERVIÇOS CULTURAIS E SOCIAIS

N.º _____
R. F. _____
Proc. _____

Podem a fineza de indicar sempre, na resposta, os números e data deste officio.

VN/MA.

tória;

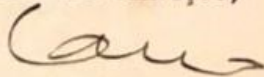
4 - A capela dos "Ourives de prata" do Porto;
5 - A "nobresa" do officio de ourives;
6 - Nasoni e a Igreja dos Clérigos;
7 - Sorte vária de duas peças de ourivesaria artística;
8 - O ourives de prata Domingos de Sousa Coelho e a Fonte da Arca.

Como, porém, esta publicação só poderá fazer-se se V. Ex.ª e os restantes herdeiros do Dr. Magalhães Basto derem, para tal, o seu consentimento, é essa autorização que esta Câmara vem pedir, certa de que V. Ex.ªs a concedem.

Com antecipados agradecimentos

A bem da Nação

Porto e Direcção dos Serviços Centrais e Culturais, 11 de Janeiro de 1961.

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,


c. M. Luísa de M.B. **1961** [carta] de resposta à anterior, para os serviços culturais (E.F.).

513

Documento 103

António Sardinha, 7 de Julho de 1960 [carta] para M. Luísa de M.B. (EF).



DO PORTO — PELO PORTO

Revista de divulgação e de cultura

Ao serviço da cidade e do seu progresso

Porto, 7 de Julho de 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo de S. Domingos, 36-1.º — PORTO
Telefone P. F. 21740

Director:
Dr. A. de Magalhães Basto

Proprietário }
Administrador } António Sardinha
Editor }

PATROCINADA POR:
Câmara Municipal do Porto
Câmara Municipal de Gaia
Junta de Província do Douro Litoral
Instituto Britânico no Porto
Associação Comercial do Porto
Associação Industrial Portuguesa
Associação dos Comerciantes do Porto
Clube Portuense
Ateneu Comercial do Porto
Liga Portuguesa de Profflexia Social
Casa do Porto em Lisboa

Exm^a Senhora
D. Maria Luísa Mendes Correia de Magalhães Basto
Rua de Gondareim, 500
Foz do Douro — Porto

Exm^a Senhora da minha maior admiração

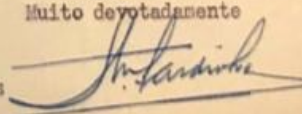
Por impossibilidade, só hoje posso transmitir a V. Ex^a e a todos os seus os sentimentos do Presidente e da Directoria do Liceu Literário Português, assim como os dos seus Institutos para a Alta Cultura, pela morte do querido e saudoso Esposo de V. Ex^a, o nosso também querido e saudoso Director. Melhor do que as nossas palavras fala o ofício que recebemos e, por isso, nos permitimos transcrevê-lo na íntegra:

« Em nome da Directoria do Liceu Literário Português e dos seus Institutos para a Alta Cultura e no meu nome pessoal, venho apresentar a V. Ex^a — e a todos os obreiros da erudita Revista « O TRIPEIRO », glorificadora da Mui Nobre, Leal e Invicta Cidade do Porto — as nossas muito sentidas condolências pela irreparável perda do vosso preclaro Director e grande escritor, Doutor Artur de Magalhães Basto, que ainda esperávamos ver na tribuna do nosso Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto. Foi-nos, porém, roubado pela foice inclemente da Morte o ilustre Português, que tanto honrou Portugal e a Capital do Trabalho Português.

Rogando a V. Ex^a se digne transmitir os nossos pêsames à Família do ilustre extinto e à Câmara Municipal, da qual ele era muito digno Chefe dos Serviços Culturais, aproveito o ensejo para manifestar a V. Ex^a os protestos da minha elevada consideração e muito distinta estima e apreço ».

Com a minha maior admiração e muita simpatia continuo a exprimir a V. Ex^a o meu muito pesar pela perda do querido e inolvidável Amigo.

Creia-me

De V. Ex^a
Muito devotadamente


c.c. p^a o Liceu Literário Português

Documento 104

O «Ficheiro do dr. Magalhães Basto», no Arquivo Distrital do Porto. 1961- 62 [Corresp. 12 p.] entre M. Luísa M.B., V. Ferreira, Dir. do ADP, e a Dir. Geral, Lisboa. (EF).

(C Ó P I A)

Ministério da Educação Nacional
Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes
INSPECÇÃO SUPERIOR DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS

----- C Ó P I A -----

Escudo da República - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL - Direcção-
-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes -----
5-K/700 -----

--Exm.ª Senhor Inspector Superior das Bibliotecas e Arquivos-----
-- Em referência ao ofício n.º 78, P. 574, de 22 do corrente, trans-
crevo a informação por mim prestada acerca do assunto e o despacho
que sobre a mesma recaiu: -----

INFORMAÇÃO

"São, a meu ver, inteiramente legítimas as dúvidas
que a direcção do Arquivo do Porto suscita quanto à possi-
bilidade de se considerar o ficheiro propriedade particu-
lar do Dr. Magalhães Basto. -----

O director do Arquivo é, sem dúvida, um funcioná-
rio técnico, e a organização de ficheiros de documentação
está perfeitamente dentro do domínio em que deve exercer-
-se normalmente a sua actividade oficial. -----

Um ficheiro organizado por esse funcionário com ba-
se nos fundos documentais do estabelecimento e neste con-
servado tem de reputar-se, em princípio, pertença do Ar-
quivo. Só por uma prova inequívoca em contrário esta pre-
sunção poderá ser elidida. -----

Enquanto tal prova se não produzir a direcção do
Arquivo não pode abrir mão do ficheiro. -----

V. Ex.ª, porém, resolverá. -----
25.1.962 -----
a) João de Almeida." -----

DESPACHO

"Concordo. -----
25.1.962 -----
a) Manuel Lopes de Almeida." -----

A bem da Nação - Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Ar-
tes, em 26 de Janeiro de 1962. -----
O DIRECTOR-GERAL, (a) João de Almeida -----
----- Está conforme -----
Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, em 30 Jan. 1962
O 2.º oficial
(Carlos Ribeiro)

Exmo. Senhor Doutor João de Almeida
Dig.^o Director Geral do Ensino Superior e
das Belas Artes

Ao tomar conhecimento, pelo conservador do Arquivo Distrital do Porto, Dr. Augusto Martins Ferreira, do despacho de S.^a Ex.^a o Ministro, sobre a informação por V.^a Ex.^a prestada, em referência ao officio n.^o 78, pag. 574 de 22 de Janeiro do corrente anno, do Exmo. Snr. Inspector Superior das Bibliotecas e Arquivos, permite-me esclarecer: que o desejo de nos ser entregue o ficheiro que no mesmo Arquivo se encontra na sala que meu marido occupou como director desse estabelecimento, é apenas com o objectivo de nos ser reconhecida a propriedade e na posse do mesmo o restituirmos ao Arquivo sob as condições seguintes: que a esse ficheiro seja dado o nome de Artur de Magalhães Basto, que seja patente a todos que se interessarem por os assuntos que o constituem, que todas as consultas sejam registadas e que quem dele se servir faça a sua citação.

Foi esse ficheiro organizado por meu marido para uso nos seus trabalhos particulares. Além dos informes colhidos em documentos do Arquivo Distrital encontram-se apontamentos, numa grande parte obtidos em estabelecimentos congêneres como seja o Arquivo da Câmara Municipal do Porto, Biblioteca Municipal do Porto, Arquivo da Santa Casa Misericórdia, etc. e ainda muitas e variadas notas de revistas, jornais, discursos, etc. que conservava não só para citações nos seus trabalhos, como também por simples curiosidade. São estes apontamentos, pode dizer-se na totalidade, escritos pelo seu próprio punho, existindo apenas um ínfimo número que não foram da sua anotação.

Tudo isto pode ser confirmado por pessoas de toda a idoneidade. Permito-me citar duas: o Snr. Dr. Manuel de Figueiredo, Director do Museu Nacional Soares dos Reis e Dr. João Albino Pinto Ferreira, Director do Gabinete de História da Cidade, que com meu marido colaboraram na realização de muitos dos seus trabalhos.

ao tomar conhecimento ~~do~~
~~despacho~~ pelo Conservador do Arq.
Dist. do Porto, Dr. Aug. Martins Ferreira
do despacho de S. Ex.º de 22 de Janeiro
sobre a informação por V.ª pres.
dada, em referência ao ofício n.º
78, p. 574 de 22 de Janeiro do corrente
ano do Senhor Inspector ~~de~~ Superior das
Bibliotecas e Arquivos, ficando-lhe
elucidado: que ~~é~~ desejo de ser
ser entregue o ficheiro ~~lêtor~~ que
no mesmo Arq. se encontra ~~na~~
sala que tem vindo a ser
como director desse estabeleci-
mento, a penas ~~para~~ com o objecti-
vo de ~~o~~ ^{as} ~~se~~ ^{restituída a propriedade e na sua prop}
~~o~~ ^{restituída} ~~para~~ ^{restituída}
e restituirmos o Arquivo sob as
condições seguintes: que a esse fichei-
ro seja dado o nome de Cartas de
Magalhães ~~factos~~ ^{se interdição} que seja patente
a todos que ~~se~~ ^{se interdição} ~~se~~ ^{se interdição}
e ~~se~~ ^{se interdição} ~~se~~ ^{se interdição}
~~se~~ ^{se interdição} ~~se~~ ^{se interdição}
foi esse ficheiro organizado por esse



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR E DAS BELAS-ARTES

lung

5-K/700

Exm^a Senhora D. Maria Luiza Mendes Cor
rêa de Magalhães Basto

Em referência à carta de V. Ex^a de 24 do corrente, te
nho a honra de comunicar que Sua Excelência o Ministro da Edu
cação Nacional, por seu despacho de hoje, se dignou aceder aos
desejos por V. Ex^a manifestados naquela carta.

Vou por isso comunicar à direcção do Arquivo Distri
tal do Porto, através da Inspeção Superior das Bibliotecas e
Arquivos, que:

- a) ao ficheiro organizado pelo saudoso marido de V.
Ex^a deverá ser dado o nome do Dr. Artur de Magalhães Basto;
- b) o mesmo ficheiro deverá ficar patente a todas as
pessoas que se interessarem pelos assuntos que ele abrange;
- c) deverá organizar-se um registo especial das consul
tas, e a todos os consulentes se imporá a obrigação de citarem
o ficheiro nos trabalhos para cuja elaboração nele colherem ele
mentos.

Desta forma o Ministério da Educação Nacional gostosa
mente se associa a uma justa homenagem à memória de quem tão
distinta e dedicadamente dirigiu o Arquivo Distrital do Porto
e com tanto brilho e devoção se ocupou, em numerosos e notá
veis trabalhos, da história da cidade.

Quero
Sr. Doutor Sr. José de Almeida
Dir. ^{mo} Director Geral da Ins. Superior
e de Belas Artes

Profundamente sensibilizado
de ~~pela atencão prestada por V. Ex.~~
~~ao meu pedido~~ venho agradecer
a V. Ex. a atencão prestada ao
meu pedido ~~hipotético~~ e sem as-
sine a providência com que lhe
foi dado o documento.

Deo a V. Ex. para em meu
nome e no dos meus filhos
manifestar a V. Ex. o Ministro
^{todo} o nosso reconhecimento pela
cedência ao nosso desejo e
renovando os meus agradeci-
mentos subscrevo-me com
toda a consideração





S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

ARQUIVO DISTRITAL
DO
PORTO

Exm.^a Senhora

D. Maria Luiza Mendes Corrêa de Magalhães Basto

N.º 3.826

P O R T O

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que em 6 do corrente foi recebido neste Arquivo o officio P.574-619, da Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, com a data de 2 deste dito mês de Junho, cujo teor passo a transcrever:

"Exm.^a Senhor Director do Arquivo Distrital do Porto -
Assunto: Documentos existentes num ficheiro que pertenceu ao Dr. Artur de Magalhães Basto - Em aditamento ao meu officio n.º 109, de 30 de Janeiro do corrente ano, comunico a V. Ex.^a que a Senhora D. Maria Luiza Mendes Corrêa de Magalhães Basto, solicitou a entrega do ficheiro propriedade particular do Dr. Magalhães Basto, apenas com o objectivo de lhe ser reconhecida a propriedade e, na posse do mesmo, será restituído a esse Arquivo sob as seguintes condições:

- 1.^a - ao ficheiro será dado o nome de Dr. Artur de Magalhães Basto;
- 2.^a - seja patente a todos que se interessarem por assuntos que constituem o referido ficheiro e que todas as consultas sejam registradas e que quem dele se servir faça a sua citação.

A proposta da Senhora D. Maria Luiza Mendes Corrêa de Magalhães Basto, foi aceite por despacho de Sua Excellência o Ministro da Educação Nacional, de 28 do mês findo, pelo que solicito de V. Ex.^a o seu exacto cumprimento. - A bem da Nação - O INSPECTOR SUPERIOR DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS, (a) Luís Silveira .

Aproveito esta oportunidade para apresentar a V. Ex.^a

Amos e apud, o feno a Uu.

de la o parte batendo, cu care se
dada cucerimul de despatch cu 1 ho. cucerim
de lăcșii roșu, reamend, o ducă de
pune lăcșii o fideris care fii o care lăcșii
cu se cucerim aște de pui, unde fideris
nu cucerim, ^{po am aciti,} ~~intermed~~ cucerim de
despatch venimul.

Além, solicito a Sr. a favor de uma indicação
e ~~de~~ ^{ter} quando ~~possível~~ ^{for} logo
as formalidades legais necessárias
para cumprimento o disposto, e a
e a hora em que ^{o mesmo deva} ~~for~~ realizar.

Apprenti. Shi - cana compuncto.

Sr. Dr. D. Luiz de F. Ferreira
 Agradecendo o V. officio
 de 20 de Junho e a V. V. de
 que o desfructo de V. V. e de
 no da Ed. de V. V. e de
 proferir da fidei-jussu
 neste negocio a de V. V. e de
 proferir a de V. V. e de
 venho ^{sollicito} ~~pedir~~ o favor
 de me informar da quando
 poder ~~ser~~ ^{ser} ~~possivel~~ ^{possivel}
 nas condições ^{superfornas e estipuladas} ~~for~~ ^{2 por cento} ~~de~~ ^{aceites}
~~estipuladas~~ ^{de} ~~cofirmar~~ ^{cofirmar}
 das no officio e V. V. e de
 gido pela V. V. de F. de
 F. de F. de F. de F. de
 F. de F. de F. de F. de
 F. de F. de F. de F. de

AUTO DA ENTREGA DO FICHEIRO DO DR. ARTUR DE MAGALHÃES BASTO, AO
ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO. -----

Aos cinco dias do mês de Fevereiro do ano de mil novecentos e
sessenta e quatro, nesta cidade do Porto, e neste Arquivo Distri-
tal, compareceu a Exm.^a Senhora D. Maria Luiza Mendes Correia de
Magalhães Basto, viúva do falecido Director que foi deste Arquivo,
Dr. Artur de Magalhães Basto.

E de harmonia com o que consta do officio da Inspeção Superior
das Bibliotecas e Arquivos, n.º P 574 - 619, de 2 de Junho de
1962, arquivado no livro da Correspondência recebida neste Arquivo,
sob o n.º 3501, em 6 de Junho do referido ano, lhe dei posse do fi-
cheiro que se denomina "Ficheiro do Dr. Magalhães Basto", o qual
continuará neste dito Arquivo à disposição de investigadores e con-
sultantes, tudo de conformidade com o que consta do citado officio.

E tem este ficheiro devidamente aposto um letreiro que diz: "Fi-
cheiro do Dr. Magalhães Basto", estando guardado na Sala do Direc-
tor, e será patente a todas as pessoas que se interessarem pelos as-
suntos, que constituem o dito ficheiro, e todas as consultas serão
registadas em um livro próprio e quem se servir do referido fichei-
ro terá de fazer a sua citação.

E tendo a dita Exm.^a Senhora D. Maria Luiza Mendes Correia de
Magalhães Basto achado tudo conforme com a sua vontade e a dos mais
herdeiros, que aqui representa, e cumpridas todas as formalidades
a que sujeitou a sua oferta, vai assinar este comigo, Augusto Mar-
tins Valoso Ferreira que o escrevi, na qualidade de Conservador,

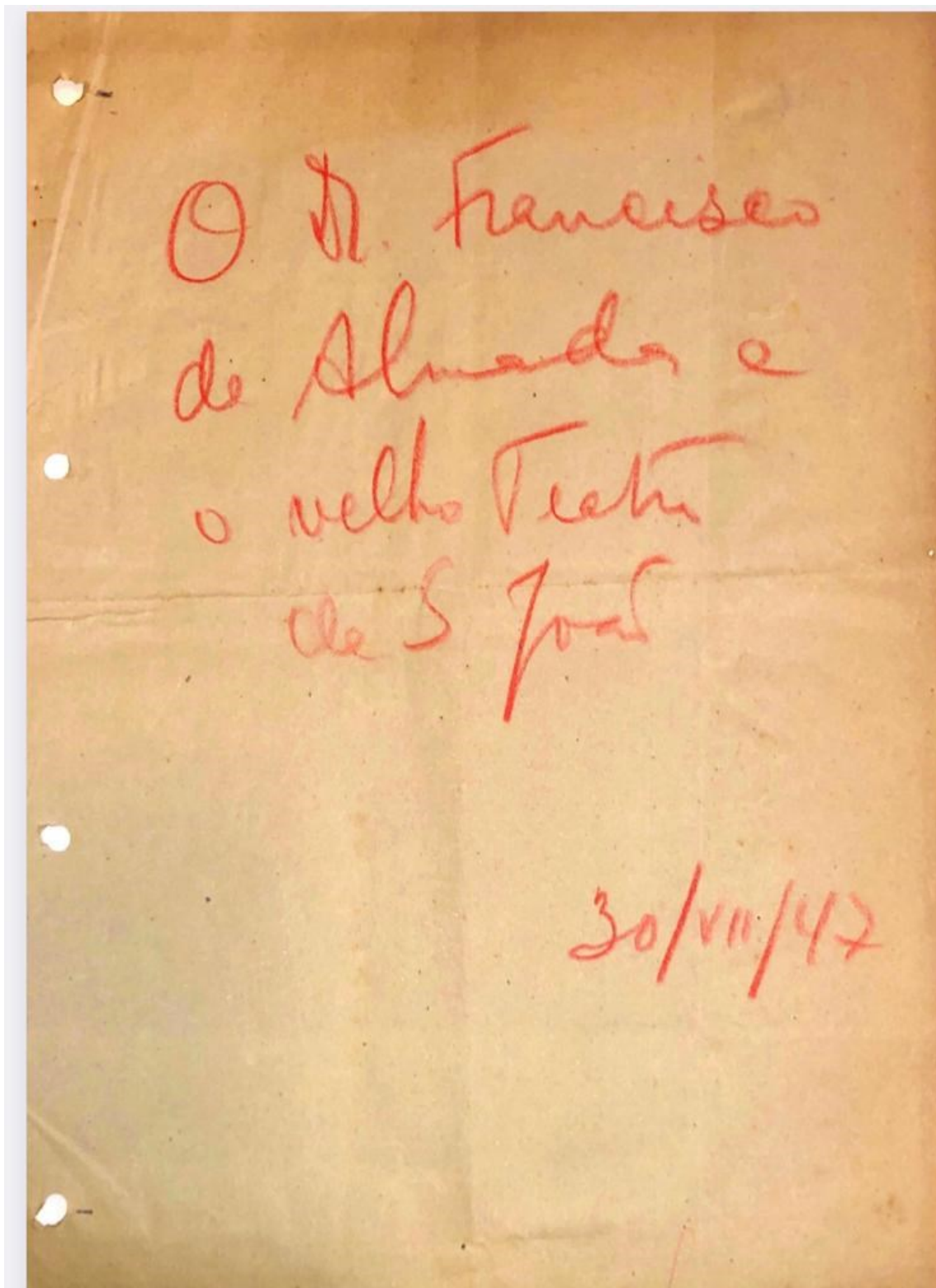
servindo de Director deste Arquivo.

Porto, 5 de Fevereiro de 1964.

Maria Luiza Mendes Correia de Magalhães Basto
Augusto Martins Valoso Ferreira

Documento 105

“Figuras do Porto *O Dr. Francisco de Almada e o antigo Teatro de S. João*”. 1947
Julho 30. Na rádio [Dactil., 9 p.] (EF).



FIGURAS DO PORTO

O Dr. Francisco de Almeida

e o antigo Teatro de S. João

Como todos sabem, o actual Teatro de S. João não é o primitivo ~~construido~~ nos fins do séc. XVIII, por genial iniciativa do grande Corregedor Francisco de Almeida e Mendonça, mas á custa dos capitais de numerosos accionistas.

Esse destruiu-o completamente um pavoroso incendio em 11 de abril de 1908.

É caso deveras singular: em 26 de abril de 1888 ^{minutos} ~~anos~~ antes, portanto, num jornal desta cidade fora publicado um artigo em que, dando-se noticia de certas obras de grande vulto que se iam realizar no Teatro de S. João para maior segurança dos espectadores e artistas em caso de sinistro, afirmava-se ter sido tomada essa resolução ainda antes da catástrofe do Baquet, occorrida em Março daquele mesmo ano, e acrescentava-se textualmente o seguinte:

"Os horrorosos exemplos dos incêndios dos teatros de Viena de Austria e da Opera Cómica de Paris haviam já chamado a atenção dos directores para este ponto de vista importantíssimo.

Segundo a estatística, ^{maravanhete} - continuava o jornal - o teatro de S. João devia ter já ardido. Poucos edificios desta ordem chegam á idade de cem anos. Ora, o edificio do teatro de S. João está proximo deste limite" (Trip. I, 152).

Foi isto escrito, como disse, em 1888. no dia 26 de Abril. Em 11 de Abril de 1908 - quarenta anos decorridos, e contados quasi dia por dia - o velho e glorioso teatro de S. João era devorado pelas chamas. a estatística falara verdade! - coisa terrível que

felizmente nem sempre acontece...

Precisarei eu de vos dizer, - Senhoras e Senhores que, porventura me escutais, - quem foi o Dr. Francisco de Almada e Mendonça, em cujo cérebro germinou a gratíssima ideia de dotar o Porto com o velho Teatro de S. João?

Nunca entrastes no Cemitério do Prado do Repouso? Nunca vistes um magnífico busto de bronze, obra admirável de Soares dos Reis, colocado sobre um plinto em frente da porta da capela daquele Cemitério? Eis aí tendes a vera e máscula effigie do grande Corregedor D. Francisco de Almada e Mendonça.

António Augusto Teixeira de Vasconcelos um illustre e esquecido portuense de quem um dia ainda hei-de aqui falar - escreveu há muitos anos: - "A estátua de Almada devia há muito abrilhantar uma das melhores praças do Porto, como testemunho do reconhecimento" da cidade por tanto que lhe deve.

E na verdade Teixeira de Vasconcelos tinha inteira razão...

Já o pai de Francisco de Almada, João de Almada e Melo, posto no Governo das Armas do Partido do Porto pelo famoso Marquês de Pombal, se empenhara em transformar o velho burgo de D. Moninho Viegas numa cidade limpa, moderna e ampla. A ele se devem as primeiras grandes ruas rasgadas na periferia das muralhas da cidade antiga. Foi ele quem começou a rua de Santa Catarina e a rua de Santo António. Foi ele que abriu a rua de Almada, cujo nome eternamente recordará o velho João de Almada.

O filho, o Dr. Francisco de Almada e Mendonça, que faleceu em 1805, continuou e ampliou a grande obra urbanística do pai. A ele se devem, além de muitos outros melhoramentos,

a construção do grandioso quartel do Campo de Santo Ovidio, hoje Praça da Republica; a construção da Casa Pia, que hoje serve de Quartel General, sede do Governo Civil, Junta da Província, Comando da Polícia de Segurança Pública, Auditoria administrativa etc: e a construção do Real Teatro de S. João, assim denominado em homenagem ao príncipe então regente o futuro Senhor D. João VI.

Já o primeiro Almeida tinha proporcionado aos portugueses as delicias da época lírica italiana. Em 1762 e durante alguns anos os espectáculos realizaram-se num teatro improvisado nas vastas coxéiras do palacio do Duque de Lafões, sito no alto do Corpo da Guarda, no actual Largo da Cividade (o teatro lírico portuense nasceu entre as palhas das mangedouras, como o Divino Mestre. Talvez por ser humilde o seu nascimento, veio a subir tão alto a sua glória).

O Real Teatro de S. João, inaugurado em 1798 (completaria seculo e meio no próximo ano se não fosse a fatalidade das estatísticas...) foi feito pelo modelo do S. Carlos de Lisboa, embora em mais modestas proporções. Apesar disso, que extraordinárias noites de arte se viveram nessa linda casa de espectáculos; e que grandes serviços ele prestou à nossa cultura artistica...

Contou, em 1823 (?), o francês Adrien Balbi, no seu Essai Statistique du Royaume de Portugal et d'Algarve, ter sido ali, no Teatro de S. João, "que se permitiu às mulheres reaparecerem em cena (como comediantes) muito antes" de conseguirem igual faculdade nos theatros da corte. Por essa razão "algumas das mais distintas actrizes do teatro português" de Lisboa - con-

tinua Balbi -" formaram-se no teatro do Porto.

Se este foi um dos primeiros serviços prestados à arte dramática e musical pelo nosso velho B. João, quantos outros se poderiam citar de igual ou superior merecimento?

Não tenho tempo para lhes lembrar sequer os nomes de todas as grandes figuras da arte musical que passaram por esse glorioso e saudoso teatro.

Deixando para daqui a momentos algumas breves referências a cantoras e cantores estrangeiros, e falando só do remoto passado e de vultos musicais portuenses, recordarei que ali se apresentou pela primeira vez ao público o nosso grande pianista Artur Napoleão. Já aqui largamente o evoquei. Nesse mesmo teatro "em deslumbrantes noites líricas empunharam a batuta da regência, entre outros João Francisco Arroio, pai duma trindade famosa (João, António e José Arroio) e individualidade que se evidenciou entre "os compositores musicais de primeira grandeza que (no Porto) imminaram a arte de 1846 a 1875", Francisco Eduardo da Costa tão romântico e tão querido das senhoras; José Cândido, dirigindo este o Eurico, de Miguel Angelo". Lá passaram também: João António Ribas, o progenitor da dinastia artística dos Ribas, em cujo número se conteram os notáveis artistas Hipólito e Nicolau Ribas, além de seus irmãos; e o velho Carlos Dubbini, que por mais de vinte anos foi director da orquestra. Lá se ouviram óperas portuguesas, como o Eurico, já citado e a Beatriz de Portugal, o Arco de Sant'Ana e o Tagir de Sá Noronha. Lá se deram inúmeros concertos, devendo lembrar-se os nomes de Francisco Pereira da Costa, discípulo de Ribas aqui, e de Alard em Paris; Nicolau Ribas, Sá Noronha, etc" (apud Freitas Gonçalves).

Compreende-se facilmente o que representa para a história da musica, nesta cidade a bela casa de espéctáculos que o Porto deveu à fecunda iniciativa do grande Francisco de Almeida!

Limitar-me-ei, neste momento, a dizer que ali se viveram horas de mais alta vibração estética.

Sim, de mais alta vibração estética. Mas devo acrescentar, ainda para maior gloria de tão saudoso teatro, que também ali se viveram horas entusiasticas, animadas e viris de pancadaria, de cadeiras partidas e de cabeças rachadas. Foi isso nos tempos românticos da mocidade de Camilo e doutros jovens explosivos e de paixões turbulentas. Rossi Caccia, cantora "notavel, não só pela voz admiravel que possuia, mas também porque sabia representar como grande actriz que era" (com reputação firmada na Opera Cômica de Paris, e consagrada no Scala de Milão), esteve no Porto em 1844. A noite do seu beneficio, - na qual a sua garganta divina gorgoeou, como só ella conseguia fazer, a cavatina da Norma, e a ária do Dominó Noir, foi de autêntico delirio. Exgotou-se e excedeu-se em muito a lotação da sala, que ficou a abarrotar com mais de 1600 espectadores. "Houve quem chegasse a oferecer três e quatro pintos por uma cadeira e não arranjasse quem lhe vendesse!". Quatro pintos esclarece-se, não eram quatro francos, como a primeira vista poderá parecer a quem não se lembrar que pinto foi em tempo o nome vulgar de cruzado novo).

Quando Rossi Caccia nos visitou ainda Camilo não dava que falar de si. Mas alguns anos depois, ele foi o cabeça de motim de todos os Waterloo teatraes e nomeadamente das lutas tremendas entre os dois partidos que na época lírica de 1848-49 se formaram em volta respectivamente de Madame Clara Fellici e de Madame

moiselle Adélie Datedeille - duas célebres primas-donnas do teatro de S. João que no dizer autorizado do próprio Comil, "trouxeram aí de escantilhão, de asneira em asneira, a juventude desta cidade, - medieval nos seus amores -, e os corações donjuanescos dos morgados de Riba-Deuro, Riba Corgo e Riba-Lamega".

Maximiano Rios escreveu em 1909:

"Criança ainda, lembra-nos muito bem de já ouvirmos contar aos homens de então, com o entusiástico ardor com que todos relembram o passado, os magníficos saraus que, em benefício de algumas cantoras célebres, se realizaram no tempo dos nossos pais e avós (hoje diríamos no tempo dos nossos bisavós e trisavós!...) no extinto e saudoso teatro de S. João, do Porto. Para bem se calcular o delírio, a leucura que animavam por vezes, os promotores de tais espectáculos, bastará recordar que essas espécies de consagração, em que não raro se gastavam rios de dinheiro, principiavam, de ordinário, pela entrada solene que a diva fazia no teatro por sobre as casacas dos admiradores, as quais quando ela descia da carruagem, lhe serviam de tapete, e terminavam por ser ela reconduzida a sua casa na mesma referida carruagem, não já puxada pelos quadrúpedes que a trouxeram, mas pelos próprios admiradores que sofredamente se faziam substituir nos varais (com grande desvantagem, é claro) às alimárias destinadas a tão disputado serviço" (Trip. II 3).

Agora assim há 80 e 90 anos. Está cheia desses casos a crónica trépidente das noites de glória do velho S. João.

Do que se passava, por vezes, lá dentro, em plena sala de espectáculos, ninguém hoje faz a mínima ideia. Quando formavam partidas, em certas épocas do lírico, a gente pacata, tomente

a Deus e aos murros e cacetadas, não podia ir à opera. A rapaziada boémia e terrível do Guichard ia para a plateia com as suas bengales, com martelos, emprastos, com cabos de vassoura; com tudo isso e ainda com os tacões e com a goela - tudo posto em acção ao mesmo tempo, imagine-se a inferneira que aquilo seria "Camilo levou para a sala, certa noite, uma corneta de lata feita na rua escura, a modo de porta-voz, de alto falante, e inaugurou "pateadas à Dabedaille...com trompe". Diz ele que foi essa a unica invangão de toda a sua vida.

Os pobres pais e mãe de família recolhiam a casa indignados, e tinham razão: "as pessoas serias - dizia formalizado um jornal, em Janeiro de 1849 - vão ali para ouvir musica e não para serem atorocadas por indecentes estouvamentos duma mocidade delirante".

Essa época lírica de 1848-49 foi sinal uma das mais tempestuosas e animadas de todas as que houve no velho St. João. Foi nesse ano que faziam simultaneamente parte da Companhia as actrizes Clara Belloni e Adelia Dabedaille. Nunca foi mais violenta a luta entre dois partidos rivais. Da sala de espectáculo as rixas extravasaram para as ruas da cidade. Na estalagem da Ponte de Pedra em occasião que os admiradores de Dabedaille ali se encontravam reunidos com esse cantora num ágape ruidoso, appareceu Camilo. Ele era partidário de Belloni; viu aquilo; encheu um copo de vinho de verde, surgiu à porte da sala do banquete e disse: À saude da inigualavel cantora Clara Belloni. Renuncio a conter-lhes o que então se passou. Lealinas apenas o balango final da festa, elatorado sinteticamente pelo próprio Camilo:

Cabeças rechodas.....2
Rofatões avulsos.....1
Canalão à surreia.....2

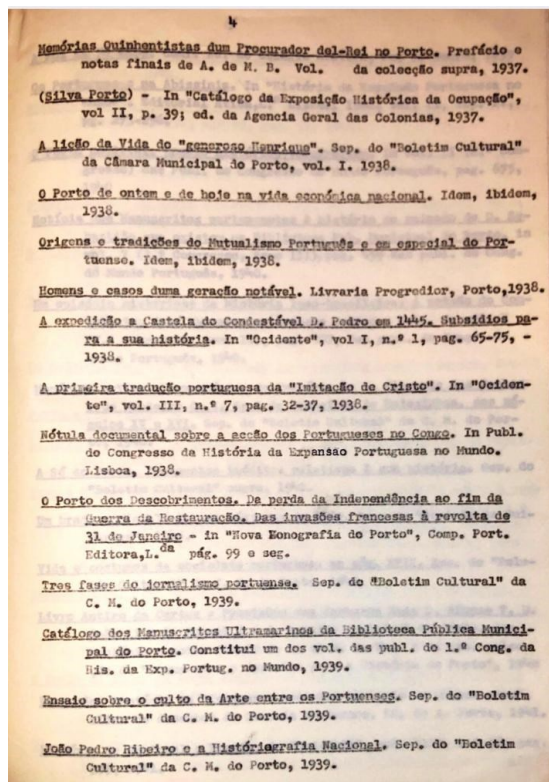
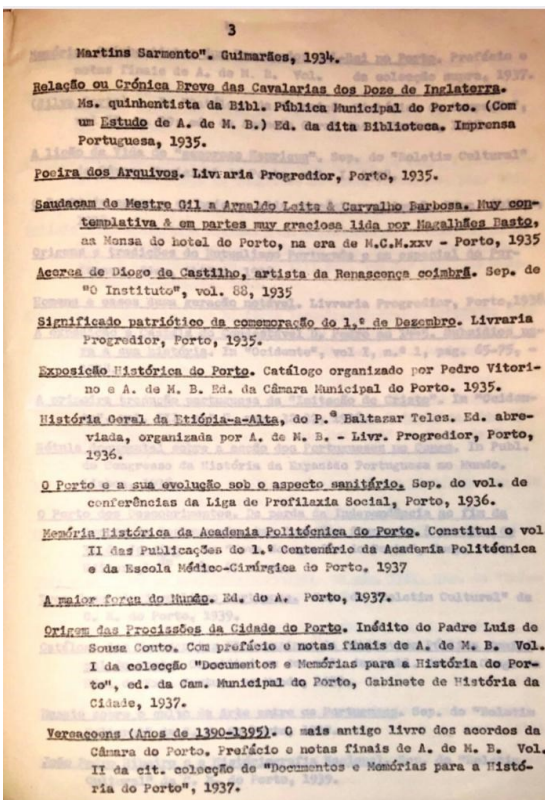
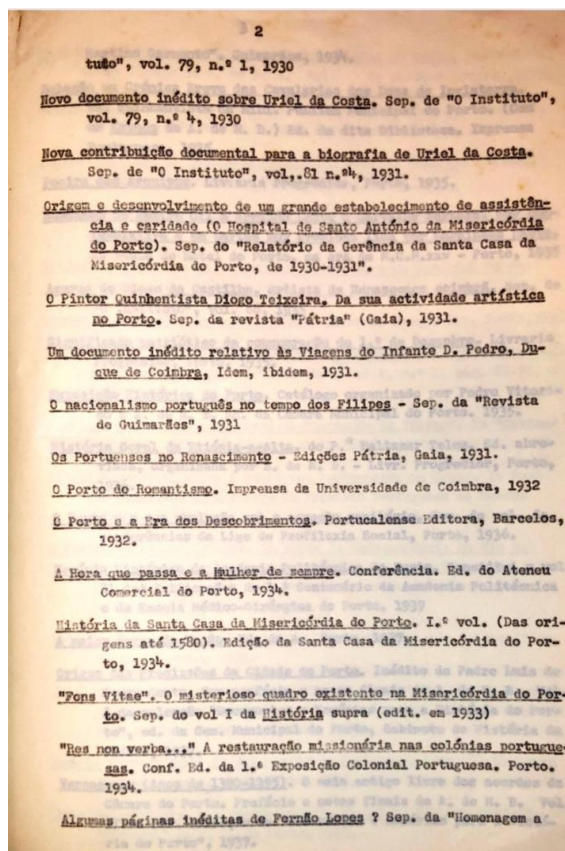
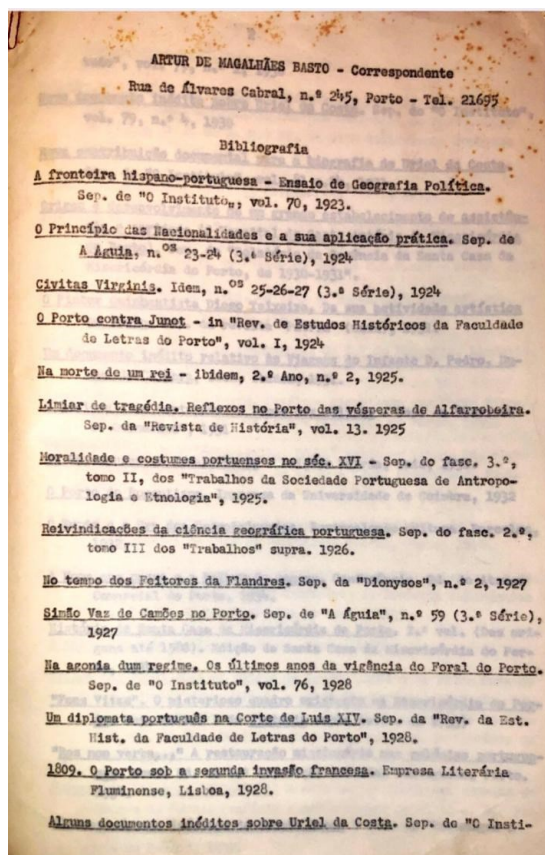
Copos quebrados.....24
Vinho perdido afora o das
cabeças, odres..... 10
Fases perdidas, com cabo
de prata velha..... 1
Fenicos de senhora..... 3

E assim acabou mais um folhetim lisboeta... perdão: isto é do
Zequinha e da Lelé.

-+++++

Documento 106

"AMB-Correspondente. Rua de Álvares Cabral, n.º 245, Porto-Tel:21695, Bibliografia", para a Academia Nacional de História, 1951. (EF).



- Aos 70 anos. Conf. Ed. do Colégio Brotero, Foz do Douro, 1939.
- Os portugueses na Abissínia. In "História da Expansão Portuguesa no Mundo". Editorial Ática, Lda. Lisboa, 1940, vol. II, Cap. XV, pag. 273-296.
- O Porto medieval. Ensaio histórico-topográfico. In vol. II (2.º Congresso) das Publ. do Congresso do Mundo Português, pag. 675, 1940.
- Notícia dos Manuscritos pertencentes à história do reinado de D. Sebastião que existem na Biblioteca Pub. Municipal do Porto, in vol. V (3.º Congresso, tomo III), pag. 499 das publ. do Congr. do Mundo Português, 1940.
- Um episódio misterioso da história luso-brasileira: A prisão do Conde de Matosinhos José Mascarenhas Pacheco Coelho e Melo, in vol. X (7.º Congresso, tomo II), pag. 487, das publ. do Congr. do Mundo Português, 1940.
- Memórias soltas e inventários do Oratório de S. Clemente das Penhas e do Mosteiro de M. Sr.ª de Conceição de Matosinhos, dos séculos XV e XVI. Sep. do "Boletim Cultural" da C. M. do Porto, 1940.
- A Sé do Porto. Documentos inéditos relativos à sua história. Sep. do "Boletim Cultural" supra, 1940.
- Um brado nacionalista nas vésperas de 1580. Sep. da "Revista de Guimarães", 1940.
- Vida e costumes da sociedade portuguesa no séc. XVII. Sep. do "Boletim Cultural" da C. M. do Porto, 1940.
- Livro Antigo de Cartas e Provisões dos Senhores Reis D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I - do Arquivo Municipal do Porto. Com prefácio e notas finais de A. de M. B. Vol. V da cit. coleção de "Documentos e Memórias para a História do Porto", 1940.
- Evocação. Prefácio in "Imagens e costumes do Porto de outras eras", álbum de desenhos de Gouveia Portuguesa. Ed. do A. Porto, 1941.
- História de Portugal e Brasil, in "Ocidente", vol. XIII, n.º 38, pag. 395, 1941.

- Sumário de Antiquidades da mi nobre Cidade do Porto. Livraria Progredior, 1942.
- Ribeiro Sanches editor de Camões ? Quem era Pedro Gendron ? - In "Ocidente", vol. XVI, n.º 45, pag. 81, 1942.
- A missão de Aires Cardoso a Inglaterra em 1564 - In "Ocidente", vol. XVII, n.º 51, pag. 355, 1942.
- O Recolhimento do Ferro (no Porto). Sep. do "Boletim Cultural" da C. M. do Porto, 1943.
- O "Portugues" Infante D. Henrique. Sep. do "Boletim da Sociedade de Geografia", 1943.
- Imitação de Cristo (tr. portuguesa quatrocentista inédita, com um prefácio de A. de M. B.). In "Anais das Bibliotecas e Arquivos", 1943.
- Um episódio na Praça da Liberdade às 4 horas da manhã. Livraria Progredior, 1943.
- Porto e São Paulo. In "Brasília", Coimbra, 1943.
- Roberto Woodhouse. Um campeão português do Catolicismo. Sep. do "Boletim Cultural" da C. M. do Porto, 1943.
- Para a história do conflito entre D. João III e Carlos V, sobre a propriedade das Molucas: as lutas ali travadas entre espanhóis e portugueses contadas por uma testemunha presencial. Extracto do Tomo VIII das Publicações do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Porto, 1943.
- Fernão Lopes. Suas "Crônicas Perdidas" e a Crônica Geral do Reino. A propósito de uma Crônica Quatrocentista inédita em confronto com os trechos correspondentes de Galvão, Pina, Aconheiro e Crônica da Conquista do Alcaraz. Livraria Progredior. Porto, 1943.
- O Porto na época da Ponte Pênsil. In Centenário da Ponte Pênsil (do Porto). Exposição comemorativa, etc. Vol. XII da Reg. e Memórias cit., 1943.
- Viagens de Francisco Pyrard, de Laval. Versão portuguesa, correcta e anotada por Joaquim Meliodoro da Cunha Rivara. Edição revista

- e actualizada por A. de M. B. 2 vol. Da Série Ultramarina, da Biblioteca Histórica de Portugal e Brasil. Liv. Civilização, Porto, 1944.
- Frei António Brandão. O Autor. A Obra. Introdução à "Crônica do Conde D. Henrique, D. Teresa e Infante D. Henrique, de Frei António Brandão" - Série Régia, da Bib. Histórica de Portugal e Brasil. cit. - 1944.
- As fontes de Frei António Brandão. Considerações gerais sobre as fontes citadas neste volume. Ligadas observações a algumas das fontes de Brandão. Introdução à "Crônica de D. Afonso Henriques, de Frei António Brandão"; Série Régia, cit. 1945.
- Frei António Brandão, Rui de Pina e a... Crônica de Cinco Reis. O nosso cronista antigo. Acusações de Brandão ao "nosso cronista antigo". A "entrada" de D. Pedro Fernandes. A data da perda de Silves. Um confronto entre a Crônica de Duarte Galvão e a de Cinco Reis. Rui de Pina ren de erros que a Crônica de Cinco Reis não contém. Introdução à "Crônica de D. Sancho I e D. Afonso II, de Fr. Antonio Brandão". Série Régia, cit., 1945.
- Diário da Viagem de Vasco da Gama. Fac-símile do Códice original e versão em grafia actualizada. Com uma introdução por Damão Pires. Leitura paleográfica por António Reis e A. de M. B. Texto actualizado (e notas finais) por A. de M. B. Vol. I, Série Ultramarina, da Biblioteca cit. Porto, 1945.
- Descrição topográfica e histórica da Cidade do Porto, pelo Pe. Agostinho Rebelo da Costa. 2.ª ed. Acrescentada com a carta de 10 de Março de 1789 de Tomás de Madessan e algumas palavras prévias de A. de M. B. Livraria Progredior, Porto, 1945.
- Os 75 anos do Ateneu. Ed. do Ateneu Comercial do Porto, 1945.
- Silva de História e Arte. Notícias portugalenses. Liv. Progredior, Porto, 1946.
- Porto e Brasil. Liv. Progredior, Porto, 1946.
- Comentários e erratas de Merculano e outros autores aos Livros 8 a 15 da "Monarquia Lusitana". Considerações gerais. Erratas e Comentários. Introdução às "Crônicas de D. Sancho II e D. Afonso

- III, de Fr. António Brandão. Série Régia, da Biblioteca cit., 1946.
- Crônica de Cinco Reis de Portugal. Inédito quatrocentista reproduzido do cód. 886 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, seguido de capítulos inéditos da versão portuguesa da Crônica Geral de Espanha (que tratam dos Reis de Portugal) e outros textos. Ed. diplomática e prólogo de A. de M. B. Vol. I. - Série Régia, da Biblioteca cit., 1946.
- Fernão Lopes e a reforma do Livro das Linhagens do Conde D. Pedro in "Actividades Literárias", Porto, Ano II, vol. II, n.º 5, Set. de 1946.
- Uma fúria de Júlio Dinis em Leça da Palmeira. Conf. Publicada em "O Comércio de Leixões" (Matosinhos). n.º 2015 a 2020, de 24 de Novembro a 29 de Dezembro de 1946.
- A Sé do Porto. Novos dados documentais relativos à sua igreja. Sep. do "Boletim Cultural" da C. M. do P., 1946.
- Figuras literárias do Porto. Livraria Sinêas Lopes, Porto, 1947.
- Camilo polemista. Sep. de "A Aurora do Lima" de 7 de Fevereiro de 1947. Viana do Castelo, 1947.
- Alguns documentos do Arquivo Municipal do Porto que fornecem subsídios para a história da cidade de Lisboa. In "Duas Cidades ao serviço do Império". Edição do Município do Porto, no VIII Centenário da Conquista de Lisboa. Vol. I, pg. 176-280. (Porto, 1947).
- A "estória" de Santo Eloi. In "Ourivesaria Portuguesa. Orgão oficial do Orçamento dos Industriais de Ourivesaria do Norte". N.º I, pag. 39. Porto, 1948.
- A Capela dos "Ourives da Prata" do Porto. Ibidem, n.º 2, pag. 71, 1948.
- A "nobreza" do ofício de ourives. Ibidem, n.º 3/4, pag. 138, 1948.
- Joacina de Vasconcelos e a sua "História da Ourivesaria e Joalharia Portuguesa, sacra e profana". Ibidem, n.º 5, pag. 45, 1949.
- Crônica de D. João I, de Fernão Lopes, vol. II (2.ª Parte). Ed. pre-

parada por M. Lopes de Almeida e A. de M. B. Da Série Régia, da Biblioteca cit. 1949.

Masoni e a Igreja dos Clérigos. Conferência acrescentada de extensas notas. Sep. do "Boletim Cultural" da C. M. do P. vol XIII, Porto, 1950.

Sorte varia de duas preciosas peças de Ourivesaria Antiga. In Ourivesaria Portuguesa, cit. n.º 12, pág. 279, 1950.

O ourives de prata Domingos de Sousa Conlho e a Fonte da Arca, do Porto. Ibidem, n.º 15, pág. 145, 1951.

Breve Relação da fundação do Colégio dos Meninos Críãos de N. S.ª da Graça, sito fora da Porta do Olival desta Cidade do Porto, em a qual se contém tudo o que na fundação dele sucedeu, inédito seiscentista do P.º Baltazar Guedes. Extenso estudo biográfico do A., em Introdução, por A. de M. B. Publ. da Câmara Municipal do Porto, 1951.

Breve história da Casa José Rosas & C.ª - in "José Rosas & C.ª no seu Centenário". Porto, 1951.

A taxa de Damião de Góia em favor de Fernão Lopes. A posição da "Crónica de Cinco Reis" em face dessa taxa. Publicações do Centro de Est. Humanísticos anexo à Universidade do Porto. Sep. do "Boletim Cultural" da C. M. do P., 1951.

O Porto visto pelos estrangeiros, in "Portugal Económico, Monumental e Artístico". Fasc. XXXIX, vol. III, pág. 67 (s. d.)

Aparentamentos para um Dicionário de Artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII. Em publicação na revista "Museu", órgão do "Círculo Dr. José de Figueiredo", do Museu Nac. de Soares dos Reis, Porto (no vol. V, 1949, pag. 265-269; vol. VI, 1950, pág. 81-112)

Porto. In "Portugal maravilhoso", 2.ª vol: - "Terras e Monumentos de Portugal", pág. 177-226. Ed. Universo, ^{da} Lisboa, s. d.

O Triângulo. V.ª Série. Direcção e colaboração assídua, desde 1945.

falam velhos manuscritos... - secção, à sexta-feira, no jornal portuense "O primeiro de Janeiro", desde 1 de Novembro de 1930, sobre temas históricos e literários.

Documento 107

Marcelo Caetano, Lisboa, Fevereiro 1953 [carta]

Lx 15/Fev. 1953

Exmo. Sr. Dr. Magalhães Basto,

Muito obrigado pelo livro que teve a gentileza de me enviar e que já possuía na m. biblioteca (como não havia de ser assim, se são fundamentais?) salvo "A tese de Damião de Góis", desconhecido por ter deixado desde 1947 de receber o excelente "Boletim Cultural" da Câmara. A hipótese de ter sido Fernão Lopes o "redactor" da Cronica do 7 reis acha-se muito

consolidada depois da publicação do magnifico estudo de Lindley Sintra acerca da Cronica Geral de Espanha, onde V. Exa. veio receber um forte apoio. — As referências que tenho feito a Fernão Lopes nas m. comunicações remetem do facto de estar a trabalhar sobre o documento do início do reinado de D. João I o que me tem permitido verificar até que ponto o cronista lhes é fiel e qual o seu processo de aproveitamento das fontes. É claro que a hipótese Sintra de F. Lopes se ter limitado a fazer nova versão de elementos antigos explica certas diferenças de estilo e de processo entre a Cronica do 7 reis e as de autoria reconhecida.

Creia-me V. Exa. M. Caetano e grato

Marcelo Caetano.

Documento 108

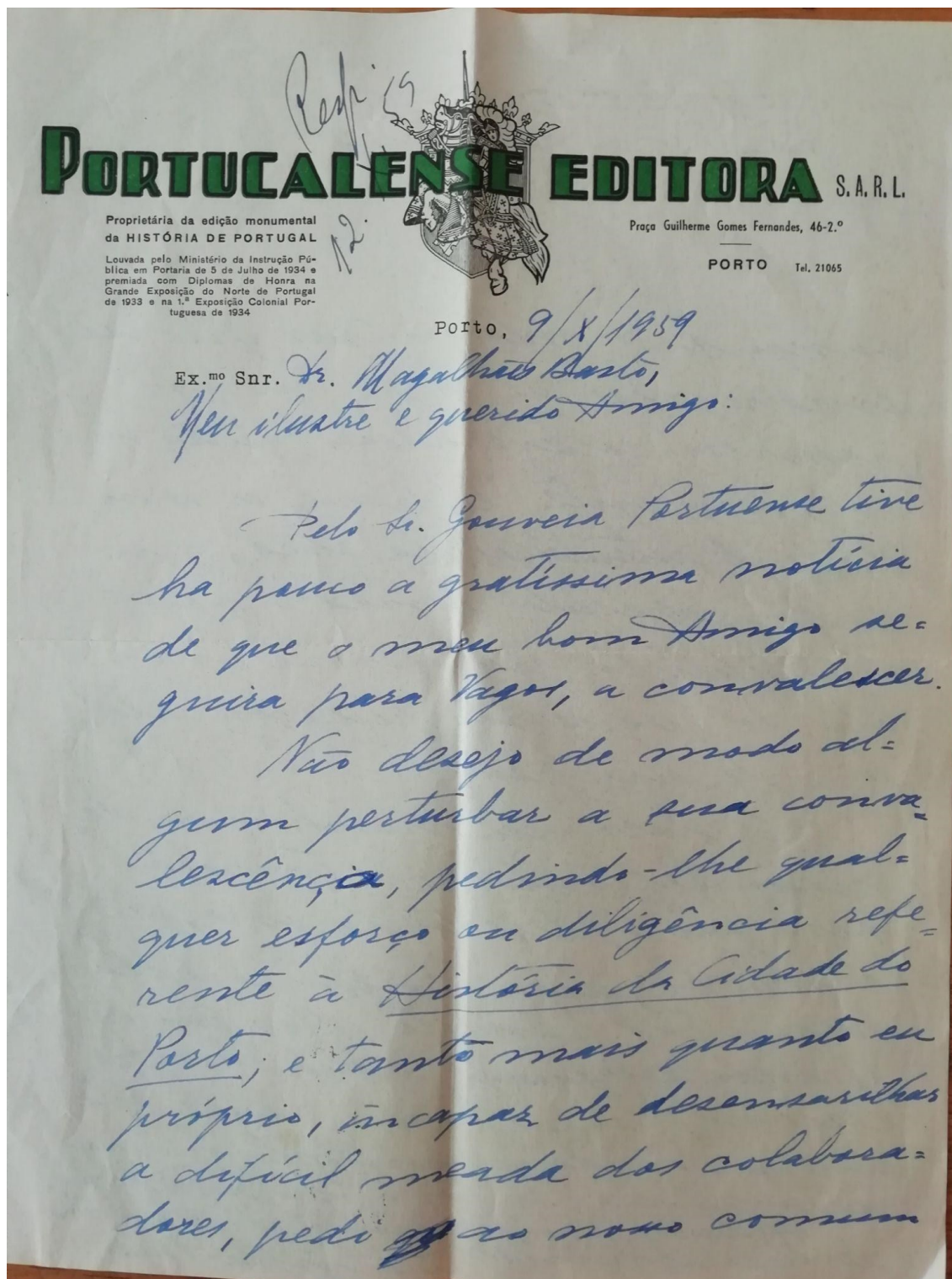
Manuel Oliveira Ramos, S./d.[carta] para AMB (EF).

leitura do seu livro! Resul-
tado de acumuladas de tribu-
tações e falta de leitores, sem os
quais nada posso fazer.
Cria-se sempre amigos
Manuel de Oliveira Ramos
Professor da Faculdade de Letras
e da Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa
olmjudisimms
Manuel Ramos
Calçada João do Rio, 46-1.º
AL-XI-768

Meu caro Magalhães Bastos:
Procurei vê-lo no Porto mas fe-
rros p^o lhe apadece o seu vo-
lume sobre a Travesia do Sult.
Mas o tendo conseguido aprovei-
to este ensejo para confabular
num todo os agradecimentos
que lhe devo pelas suas suc-
civas atenções. Imagine
por só agora vou iniciar a

Documento 109

Damião Peres, 1959 Outubro 9 [carta] para AMB, "(...) colaboradores para a História da Cidade...".



amigo Sr. Dr. Antonio Cruz que se
encaregasse de fazer ver aos
promoveis colaboradores quão in-
conveniente é, para a uni-
dade & estrutura da obra, que
cada capitulo venha a ser
constituído por uma mes-
cla de pequenos pedaços, cada
um de sua pessoa.

É claro que nenhuma de-
cisão definitiva se tornará
sem que o director da obra, que
é o Sr. Dr., diga a última pala-
vra a tal respeito. Mas isso só
quando assegurado a sua conva-
lescença, porque a sua saúde está
acima de tudo, ^{acima} mesmo da natural
conveniência de pôr a obra em marcha.
Respeitoso e comprimentor do seu valho
e devotado admirador *Domia Terry*

b. Damião Peres, 1958 Novembro 18 [Carta] para AMB," Devolvo aqui o seu projecto, para q vá estudando novamente as dificuldades..."

Lisboa, 18/xi/58

Meu muito prezado amigo,
Sr. Dr. Magalhães Basto:

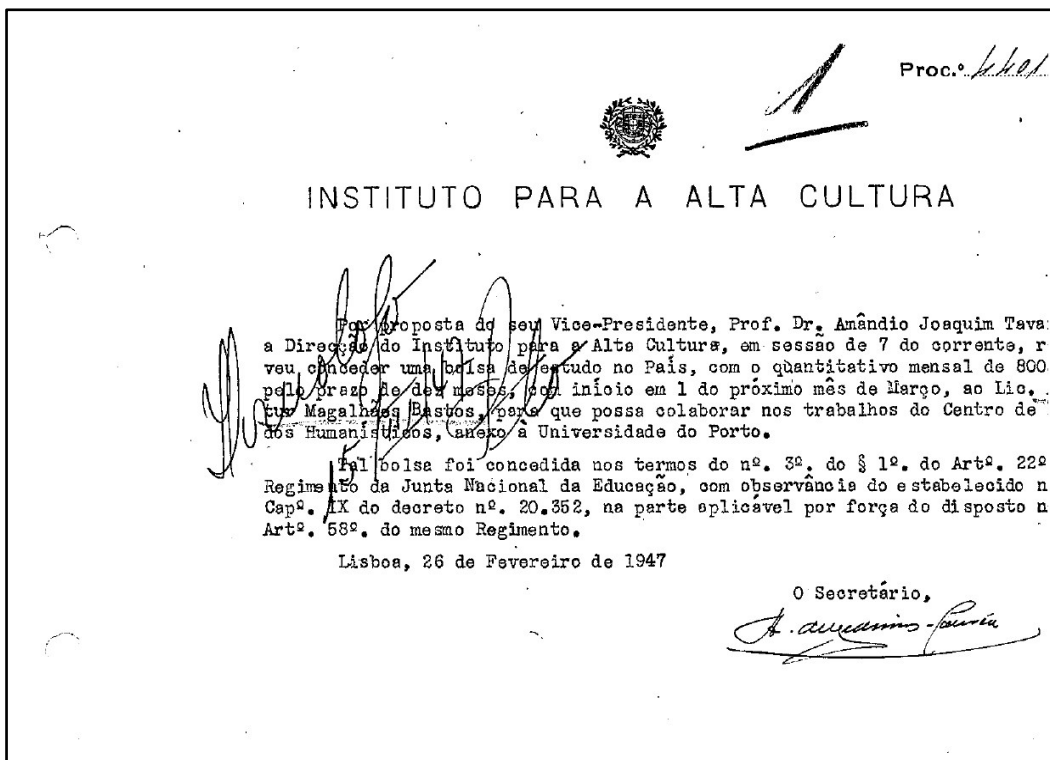
Recebi a sua estimada
carta de 5 do corrente,
e compreendo a sua
perplexidade. Devolvo
aqui o seu projecto,
para que vá estudando
novamente as dificul-
dades a que se refere.

Saio amanhã para
Barcelona, e devo demor-
rar-me até meados de
Dezembro.

Cumprimentos muito
cordiais do velho amigo
e velho ad.
Damião Peres

Documento 110

Instituto para a Alta Cultura e AMB, 1947 - 1960. [Correspondência, 40 p.] no IAC.



RELATÓRIO DA ACTIVIDADE DE ARTUR DE MAGALHÃES BASTO

29/12 COMO BOLSEIRO NO PAÍS, DO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA DURANTE O ANO DE 1948

Durante o ano de 1948, e na minha qualidade de bolsista do país do Instituto para a Alta Cultura, continuei trabalhando em conjugação com o Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto. A minha principal colaboração foi a continuação da preparação e regência do curso de História desta cidade, de que já estivera encarregado no ano anterior.

Aulas frequentadas por alunos com muito desigual preparação intelectual, elas têm de ser dadas de forma a poderem aproveitar a todos sem afugentar nem os que sabem muito, nem os que não sabem nada. Isso parece, de algum modo, ter-se conseguido, visto que a frequência não sofreu no decurso do ano oscilações anormais, mantendo-se o interesse geral até ao fecho do ano lectivo de 1947-48.

Como consequência deste facto, neste ano de 48-49 não só se matricularam novos alunos, mas ainda a quase totalidade dos do ano findo.

Exponho agora, muito sucintamente o programa que dei desde Janeiro de 1948, começarei por dizer que continuei com a história do Porto no ponto em que a deixara em 1947, isto é, na época da invasão muçulmana. Depois de descrever o panorama político da Espanha nas vésperas de sua perdição, procurei determinar as consequências da invasão em relação a Portucale, analisando e discutindo crónicas, documentos e autores vários que ao caso se referem. Estudei seguidamente a epopeia da reconquista cristã, referindo-me em especial a Portucale, e tentei chegar a algumas conclusões relativamente ao que se deva concluir sobre o discutido armamento daquela região, baseando-me na toponímia, nos documentos, na apreciação crítica dos crónicas.

Para enquadrar a povoação de Portucale na história política da monarquia de Afonso I, genro de Faleio, elaborei uma breve relação dos reis leoneses desde Afonso I até Afonso III - reinado em que, com Vimara Peres (867), Portucale começou a recuperar a importância que perdera depois da invasão muçulmana.

Tomando por base os estudos notáveis do Prof. Paulo Meraia, fiz notar como na segunda metade do séc. IX, a expressão territorial Portugalense designava já uma região em que se compreendiam zonas situadas fora da antiga diocese - e extrai desse facto as suas lógicas consequências; mostrei que esse alargamento do nome de Portucale se pode interpretar como sinal de que esta povoação estava a adquirir predomínio notável na região, devido como entendem modernos medievalistas, ao facto de Portucale ser então sede duma intensa acção de repovoamento da zona territorial em sua volta.

Passei depois ao estudo dos acontecimentos políticos da monarquia leonesa que se reflectiram neste recanto das Espanhas, e fiz notar sobretudo o aparecimento, em fins do séc. X, na região portugalense duma espécie de dinastia de duques ou condes de Portugal, que durou pelo menos até princípios do séc. XI, e desempenhou importante papel social político, envolvendo-se até nas lutas pela sucessão do trono de Leão e contribuindo para fazer triunfar o seu candidato. Vivendo largo tempo em quase independência, essa quase dinastia muito contribuiu para a crescente individualização da região portugalense, para a formação duma "unidade governativa dentro do Estado Leonês, em condições de estabilidade e permanência", como escreve o Prof. Paulo Meraia, para a criação daquilo que mais tarde se chamaria a consciência da solidariedade nacional dos portugueses.

O advento de Fernando Magno e da sua política centralizadora, determinaram depois, ao que parece, uma mudança no governo de Portucale e da região a que aquela povoação dava o nome, - do que é um sintoma importante a revolta do Conde Nuno Mendes contra Garcia, filho de Fernando, que no tempo deste monarca, reinava na Galiza e Portugal.

Referi-me depois às investidas de normandos e sarracenos - sobretudo às de Almançor - e às recordações que esses episódios deixaram nas tradições populares e nas lendas, procurando interpretá-las (Lenda da gaia; lenda da armada dos gascões) e descobrir o seu fundo mais ou menos tenue de verdade.

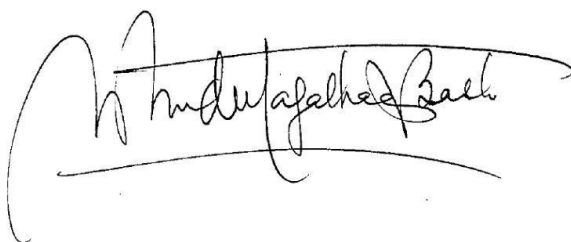
A história eclesiástica da cidade foi estudada a par e passo, até à chegada do Conde D. Henrique à Península, sendo apreciada com o necessário desenvolvimento a formação do Condado Portucalense.

A personalidade do Bispo D. Hugo, que em 1113 foi sagrado para a Sé do Porto, foi analisada em todos os aspectos da sua movimentada biografia; o instrumento da doação do burgo do Porto, e carta de couto outorgada pela rainha D. Tereja em 1120, foi assunto de várias lições ^{em}/que depois de se definirem as características dos coutos (após o exame de muitos diplomas e o estudo dos mais consagrados autores) se caracterizou o Couto do Porto, e se procurou fixar os seus limites territoriais e o seu conteúdo jurídico.

Na continuação do programa está o estudo da organização municipal do Porto na Idade-Média.

A maior parte de todas estas lições está reduzida a escrito.

Porto, 15 de Dezembro de 1948



29/12
57

INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA
Proc. 4401
Pag. 692
Data 2.1.2.1949

Senhor D. A. de Medeiros Junior
Ilustre Secretário do
Instituto para a Alta
Cultura

Com os meus cumprimentos,
tenho a honra de enviar
justamente o Relatório da
minha actividade como bol-
seiro no país, relativo ao
ano de 1948.

Pronto já há muitos dias,
só agora voltei a lembrar-
me que tinha de o mandar,
pelo que peço a V. S.^a me
seja relevada este demora.

Seu V. S.^a dispor de quem
subscrever, com toda
consideração

Seu S.^a
M. A. V. e adi. obf.

Artur de Fajalhe Barbo

1/8

9/5
63

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
SERVIÇOS CULTURAIS E SOCIAIS
GABINETE DO CHEFE

INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA
Proc. 4401
Pag. 692
Data 2.1.2.1949

Senhor D. A. de Medeiros Junior
Ilustre Secretário do
Instituto para a Alta
Cultura

Cumpre-me acuser a respeito
do ofício de V. S.^a 3-4401, 45/519,
de 23 do mês findo em que
me foi comunicada a notícia
da prorrogação da minha bolsa
de estudo no País, até o fim
do corrente ano.

Apresentando os meus agr-
decimentos que peço a V. S.^a re-

de que transmitir à Digna
Direccção, aproveito a oportu-
nidade para mais uma
vez me subscrever, com
toda a consideração

Seu S.^a
M. A. V. obf.

Artur de Fajalhe Barbo

Porto
7/III/49

81
2
Relatório da actividade de ARFÚS DE MACALHÃES, PORTO,
como bolseiro, no país, do INSTITUTO para a ALTA
CULTURA durante o ano de 1949.



Per entender que me competia empregar a minha actividade, como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, de forma a poder ser útil ao Centro de Estudos Humanísticos, Anexo à Universidade do Porto, com o qual tive a honra de continuar a trabalhar durante o ano de 1949, dirigi os meus estudos para os temas da HISTORIA DO PORTO, pois essa é a matéria do curso que, conforme já se viu no relatório anterior, tem estado a meu cargo no referido Centro.

Embora não dê talvez uma ideia aproximada do longo trabalho desenvolvido, das muitas investigações e estudos que naturalmente exigiram, a relativa obscuridade e complexidade do assunto, parece-me que não terei forma de informar o Instituto para a Alta Cultura da actividade por mim desenvolvida como bolseiro em 1949, do que apresento, em anexo, um sumário dos principais tópicos desenvolvidos no dito Curso.

O tema geral foi a baixa Idade-Média portugalense, período avulso o duelo travado entre os Bispos do Porto e a Coroa, apoiada pelo Rei, durante os séculos XIII e XIV - luta cheia de episódios curiosíssimos, ora favoráveis a uns, ora a outros dos contendores.

Ocupei-me nomeadamente dos seguintes assuntos:

- O bispo D. Hugo e o seu papel no engrandecimento do Porto. Carta de doação e de couto que lhe fez a Rainha D. Teresa em 1120. O Foral de D. Hugo de 1123. Análise do conceito de Burgos. Que seria o Burgos do Porto? Opiniões.
- Análise do Foral de D. Hugo. Organização administrativa do Porto episcopal. Magistrados: o maiorino. Regalias e obrigações dos burgueses.
- Incerteza da amplitude dos direitos senhoriais dos Bispos do Porto e seu Couto, fonte das lutas entre a Igreja a Coroa e a Cidade, por parte da jurisdição.
- A área do Couto e seu progressivo povoamento. O que era Portugal no século XII. O Castelo. Zona da Ribeira. Miragaia. Primeiros Mosteiros.
- Tentativa da reconstituição do aspecto topográfico nos séculos XIII e XIV, da área actualmente ocupada pela cidade do Porto; estudo das quirições de 1258 e dos Roteiros antigos do Cabido da Sé.

- O Bispo D. Pedro Pitões e a conquista de Lisboa em 1147. Repercussões da conquista de Lisboa no desenvolvimento económico e populacional da cidade.
- A divisão das rendas do Bispado do Porto feita pelo Prelado D. M^o Pires. Desavenças que essa divisão veio a motivar no tempo de D. João Rodrigues. Lutas deste Bispo com o seu Cabido, com o Rei e com o povo do Concelho do Porto.
- Lutas da Coroa com o Clero nacional no tempo de D. Afonso II. Lei de amortização (1211); confirmações (1216) a 1221; concessão à Igreja do dízimo das rendas reais (12 de Abril de 1218); inquirições (a 1^a 1220). Conflitos com o Bispo de Lisboa, D. Siseiro, e com o Arcebispo de Braga, D. Estêvão Soares; violências de D. Afonso II contra este, dito. Morte de Afonso II (1223). Repercussões no Porto dessas lutas de D. Martinho Rodrigues em Roma. Pormenores da agitada fundação do Convento de S. Francisco no Porto.
- O Bispo D. Pedro Salvadores e a fundação do Mosteiro de S. Domingos. Lutas com Sancho II e com a cidade; concordata que, com o dito Bispo, fez o rei em Maio de 1238, e composição que o Bispo fez com a Cidade em 26 de Setembro de 1240.
- A Lide do Porto (1245). D. Rodrigo Sanches, D. Martin Gil de Soverosa. D. Abril Peres: genealogia e história. As causas da batalha, Hipótese de D. Frei António Brandão. Opiniões de Hercolano. Importância da Oração de D. Rodrigo Sanches no Mosteiro de Grijó.
- D. Afonso III e a sua discórdia com D. Julião Fernandes, Bispo do Porto. Atitude ~~na~~ violentíssima do Rei. Acordo das Cortes de Leiria (1253). Concessão do Foral de Gaia (1255), arma económica da luta de D. Afonso III contra o Bispo do Porto. Inquirições de 1258 e suas consequências. Queixas do Clero nacional a Clemente IV, apresentadas numa exposição de 43 artigos, em Viterbo, no ano de 1267. Concordata de 1282 entre D. Afonso III e o Bispo do Porto D. Vicente Mendes, a respeito de três artigos da dita exposição, unicamente referentes ao Porto.
- D. Dinis concede Foral em 1288, a Vila Nova de Rei (V.N. de Gaia).
- Consumação da vitória temporária da Igreja do Porto na sua luta pela jurisdição da cidade, com a Carta Régia de 1300, pela qual D. Dinis proíbe aos seus oficiais que administrem justiça nas terras onde o direito disso pertence aos Bispos do Porto.

- Reacende-se, porém, a luta em 1316, com as queixas levadas até ju trono, pelo Concelho do Porto, contra o Bispo D. Fernando Ramires tença de 13 de Maio de 1316: nomeação do primeiro Juiz por el-rei Concelho do Porto. Juizes de nomeação régia até 1324.
- Em 10 de Dezembro de 1323, a pedido do Bispo D. João Gomes e do P. D. Dinis restitue à Igreja do Porto a jurisdição da Cidade. Refer ao acôrdo entre o Infante D. Afonso e o Pai, em 1322, pela qual a ficara com o senhorio do Castelo do Porto; apoiado no Infante e n qualidade de senhor do dito Castelo, o Concelho resusa-se em 1324 reconhecer a jurisdição do Bispo e não aceita o Juiz que ele acab nomear. Composição imposta pelo Infante D. Afonso na reunião que o para o Mosteiro de S. Francisco e se realizou em 24 de Julho de 1 os dois Juizes seriam eleitos pelo Concelho em lista triplice e e listasseriam apresentadas ao Bispo; quanto aos pesos, medidas e r reclamados tanto pelo Bispo como pelo Concelho, isso seria assunt resolver até 11 de Novembro próximo futuro - dia de S. Martinho.
- Protesto do Bispo D. João Gomes e duma parte do Cabido, contra ess posição, apresentada em Coimbra, em 4 de Outubro do mesmo ano, e resultados: o Infante mantém o resolvido, quanto à eleição dos Ju manda que os rossios sejam considerados da cidade, e que os pesos didas fiquem para o Bispo.
- Questões levadas por D. João Gomes e nova composição em 29 de A de 1325, que estabelece: o Concelho passaria a eleger não três pa de Juizes, mas quatro; as listas dos eleitos seriam presentes ao para de entre elas escolher uma. Esta Carta, ou Foral Novo, foi c tada pelo Acôrdo entre a cidade e o procurador do Bispo D. Vasco celebrado em 25 de Junho de 1331, sobre os pesos e o rossio do Ol que ficaram para a cidade, e sobre os almudes do sal e do vinho, caram para o Bispo.
- D. Vasco Martins, eleito Bispo do Porto em 1328, só vem de Roma e e nota a progressiva intromissão de D. Afonso IV na jurisdição da e nomeadamente verifica que o rei adquirira dentro dos limites do hortas e casas. Razões que o rei invoca e "Inquirição" que em 133 dou girar "para saber em certo quanto rendia a Cidade e o que o B Cabido haviam em ela". O Almazem Real no Porto: um pouco da sua h
- Motim popular no Porto contra o referido D. Vasco Martins, futuro do da Sé de Lisboa. Excessos do povo e fuga do Bispo. O episódio

antes, D. Vasco Martins figurara, referido na Cronica de D. Afonso de Rui de Pina, e ocorrido quando o Porto fora ameaçado pelas irmandades dos irmãos D. Fernando e D. João de Castro.

- O novo Bispo português D. Pedro Afonso, vindo da Diocese de Astorga, sobrinho de D. Gonçalo Pereira, Arcebispo de Braga, e Capelão de D. Maria, mulher de Afonso XI de Castela. Traços biográficos. Suas relações com a Coroa por causa da jurisdição da cidade do Porto. Sua renúncia do Acordo de 29 de Abril de 1325. Afonso IV propõe que a comissão de Prelados e leigos julgue a questão, o que não é aceite pelo Bispo. A atitude subsequente deste último: sínodo diocesano em 1326, e Carta Monitória contra o Rei. Nova reunião em Cedofeita convocada pela Coroa. Fuga de D. Pedro Afonso para Espanha em 1343. Afonso IV manda confirmar os Juizes eleitos pelo Concelho, ordenando as apelações subam à Corte, e nomeia tabeliães, por o Bispo não querer submeter os da sua nomeação a exame na Chancelaria Régia. fim de longos anos, depois de vários episódios e com a concordar Sumo Pontífice, o Rei e o Bispo resolvem entregar a resolução discutida contenda a cinco Juizes compromissários, escolhidos por comum acordo. A primeira sessão desse tribunal realizou-se nos Paços Reais da Valada, próximo de Santarém, em 4 de Junho de 1353. O tribunal proferiu a Sentença final a par do Monte de São Jorge de Coimbra, em 25 de Outubro seguinte. Exame sumário do longo processo, publicado no Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium qual constitue o vol II. Resultados praticos da sentença: laicificação efectiva do Burgo do Porto a partir da segunda metade do século XIV.

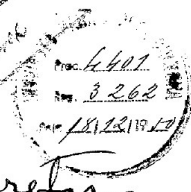
*

Independentemente destes meus trabalhos sobre História do Porto, também empreguei a minha actividade em investigações sobre crónicas medievais portuguesas.

Porto, Dezembro de 1949.

Artur de Magalhães Pereira

18/12/50
11/12/50
18/12/50



Senhor Secretário
do Instituto para a
alta cultura

Com a presente tenho a honra
de enviar a V. Ex.^a os documentos:

- Relatórios da minha actividade
como bolseiro no país em 1950
- Indicações dos trabalhos que
me proponho realizar em 1950.

Aproveito a oportunidade
para apresentar a V. Ex.^a os

meus cumprimentos.

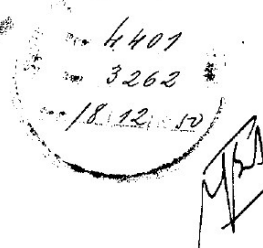
Dev. Ex.

mt. at.^o v. e obf.

Arthur de Fátima

Porto
15/XII/50

Relatório da actividade de
Artur de Magalhães Basto,
como bolseiro, no país, do
Instituto para a Alta Cul-
tura durante o ano de 1950.



Em conjugação com o Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, continuei no ano de 1950, os estudos de História do Porto que naquele Centro em lições semanais apresentei durante o ano lectivo, de 1949 - 1950 (e continuo no ano lectivo corrente) - lições em que estou prosseguindo na exposição dos factos da história política e social do Porto que se seguem cronologicamente aos que deixei mencionados no meu relatório do ano findo.

Cumulativamente com os estudos que o desenvolvimento dos temas acima enunciados naturalmente exigiu, foi-me possível dedicar grande número de horas de trabalho durante o ano de 1950 à investigação e colheita de novos elementos, nos Arquivos desta Cidade, relativos à obra que principalmente me propus realizar no ano que agora finda: a organização do catalogo dos artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII.

Grças ao auxílio do Instituto para a Alta Cultura pude ordenar, completar e aperfeiçoar (tanto quanto é permitido dizê-lo em trabalhos deste género), o conjunto de notas que possuía, e sobre as quais tinha sido elaborada a comunicação por mim apresentada ao último Congresso Internacional de História d'Arte, que se realizou em Portugal.

Actualmente, que tenho reunidos milhares de verbetes, está já muito excedido o número daqueles que havia coligido quando começou a ser composto, para sair impresso na revista Museu, do Círculo de José de Figueiredo, anexo ao Museu Nacional de Soares dos Reis, o trabalho que intitulei: "Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII". Em o número 12 - 14, vol. V., pag. 265 - 296, dessa Revista respeitante ao último semestre do ano de 1949, mas aparecido apenas em meados de ano de 1950 encontram-se publicados alguns verbetes de artistas e artífices, aos quais, porém, - devo notar, desde já - outros muitos terão de ser acrescentados em apêndice, visto que no decurso das minhas investigações deste ano tive a felicidade de encontrar documentos respeitantes a mais artistas, artífices e obras que deveriam entrar na letra -A-.

Melhor do que eu o poderia fazer, diz do interesse desse trabalho a própria obra, cuja índole e modo de realização podem também ser apreciados em face do que está publicado, embora essas duas folhas não representem talvez, a vigéssima parte da totalidade do que até agora já tenho escrito, e que ainda será com certeza ampliado se as pesquisas continuarem.

No entanto, para que deste sucinto Relatório conste com alguma individuação o valor dos documentos reunidos, seja-me permitido dar aqui uma lista abreviada das principais igrejas e outros edifícios do Porto, em relação a cuja história artística encontrei elementos documentais, em geral escrituras para a execução de obras de vária espécie:

Igreja das Carmelitas - escritura para a construção das abóbadas, em 1732; escr. para os emadeiramentos, idem; ferra-

gens para a Capela Mor, idem.

Igreja e Torre dos Clérigos

Documentação muito completa, extraída dos livros do Cartório da Respectiva Irmandade; escrituras encontradas no Arquivo Distrital; etc. Com base nesses elementos organizei uma conferência que, sob o título Nasoni e a Igreja dos Clérigos, pronunciada em 1950 no Gabinete de História da Cidade do Porto, e que, com as competentes notas, sai publicada no Boletim Cultural da Câmara Municipal, fascículo relativo ao segundo semestre do corrente ano.

Igreja da Venerável O. 3.ª do Carmo - escritura para a construção do retábulo da Capela Mor em 1773.

Capela do Carvalhido

- escritura para a construção do retábulo, 17..

Igreja da Foz do Douro

- escritura para a obra de pedraria, em 1728; escr. para mais obra de pedraria, em 1734; escritura para a Capela-mor, em 1734.

Palácio do Freixo

- Escritura para a obra de carpintaria, 1750

Tribunal da Relação

- Escrituras para a sua reconstrução, 1750 e 1751

Igreja do Colégio da Companhia de Jesus (vulgo Grilos)

- Escritura para a execução do retábulo da Capela Mor em 1642.

Igreja de Matosinhos

- Escritura para a execução do retábulo do Santo Cristo de Bouças, em 1650; escritura em que se alude à intervenção de Nicolau Nasoni, 1743, na reconstrução do templo.

Igreja da Misericórdia

Notas muito completas sobre a construção no séc. XVI e reforma de Nasoni e Manuel Alvares no séc. XVIII

Igreja de N. S.ª da Graça

- Escritura para as obras de ampliação da Capela Mor, em 1649

Paço Episcopal

- Notas sobre obras do séc. XVIII

Igreja de Santa Clara

- Escritura de uma importante obra de pedraria, 1732.

Igreja de Santa Marinha de V. N. de Gaia

- Escritura para o douramento do retábulo da Capela Mor, 1672; escritura para a obra de reedificação da Igreja, 1745; referência a plantas de Nasoni, 1745

Igreja de Santo Ildefonso

- Escritura para a execução da obra de talha das quatro tribunas, 1727; escritura para certa obra de pedraria, 1736; escritura para a execução do retábulo do altar mor e sanefas, etc., conforme plantas de Nasoni, 1746; escritura para a construção da escadaria, 1787; etc.

Igreja de São Bento da Avé-Maria

- Documentação muito numerosa sobre a construção, de 1518 a 1536; escritura para a execução dum retábulo, 1703; etc.

Igreja de São Bento da Vitória

- Escritura de Execução do coro, púlpitos, grades do cruzeiro, em 1704; id. para a construção da sacristia, 1705; id. para a execução de dois dos grandes e magníficos retábulos, sanefas, etc., 1755; etc.

Igreja de S. Francisco

- Escrituras e notas várias sobre o coro (1538); alpendre na portaria, 1608; uma capela lateral, 1613; retábulos, etc.

Igreja de S. João Novo

- Escritura para a construção duma das capelas laterais, 1684; etc.

Igreja de São Lázaro

- Escritura para a sua construção, em 1746; etc.

Igreja de S. Nicolau

- Escritura para a execução do retábulo e tribuna da capela mor, em 1760; etc.

Igreja de São Pedro de Miragaia

- Escritura para o douramento do retábulo da Capela Mor, 1730; id. para a reconstrução do frontespício e torre, 1735; idem, corpo da Igreja, 1738.

Igreja da Sé

- Numerosa documentação desde o séc. XVI ao séc. XVIII

Igreja da Vitória

- Escritura para a construção da Igreja, 1576; idem, acrescentamento em 1604; id. obra de pedraria 1767; id. construção do retábulo da Capela Mor, 1767; id. de dois púlpitos, 1768; id. acrescento da Capela Mor e retábulo, 1780.

Tornaria extremamente longo, sem qualquer vantagem, este Relatório se desse aqui a simples lista dos nomes dos artistas e artífices, acerca de quem possuo dados históricos, mais ou menos importantes, por mim colhidos directamente nos documentos - tanto estes, como as escrituras que acima citei, na sua grande maioria, na sua quase totalidade inéditos e desconhecidos dos investigadores e críticos de Arte.

Esses artistas e artífices são Arquitectos, Mestres de Pedraria e Carpintaria, Pintores, Douradores, Entalhadores, Ensambladores, Escultores, Imaginários, Ourives, Mestres Latoeiros, Ferreiros, Sineiros, Rebocadores, Oleiros, etc. - em número já de muitas centenas.

Acrescentarei que durante o ano que agora finda, dediquei ainda atenção aos difíceis e obscuros problemas das crónicas medievais, suscitados pela identificação que fiz em 1942 da Crónica de Cinco Reis (Ms. da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que publiquei em 1945); dessa atenção são prova as duas comunicações feitas em Sessões de Estudos do Centro de Estudo Humanísticos, do Porto, respectivamente em 23 de Janeiro e 1 de Março de 1950, - comunicações subordinadas ao tema "A tese de Damião de Gois em favor de Fernão Lopes. A posição da "Crónica de Cinco Reis" em face dessa tese". Preparo neste momento terceira e última comunicação áquelle centro sobre o assunto.

Essas comunicações foram lidas, e o seu original destinou-se a oportuna publicação.

Porto, 16 de Dezembro de 1950.

Arthur de Fajalhe Bast
Bolsista no país.

gens para a Capela Mor, idem.

Igreja e Torre dos Clérigos

Documentação muito completa, extraída dos livros do Cartório da Respectiva Irmandade; escrituras encontradas no Arquivo Distrital; etc. Com base nesses elementos organizei uma conferência que, sob o título Nasoni e a Igreja dos Clérigos, pronunciada em 1950 no Gabinete de História da Cidade do Porto, e que, com as competentes notas, sai publicada no Boletim Cultural da Câmara Municipal, fascículo relativo ao segundo semestre do corrente ano.

Igreja da Venerável O. 3.ª do Carmo - escritura para a construção do retábulo da Capela Mor em 1773.

Capela do Carvalhido

- escritura para a construção do retábulo, 17..

Igreja da Foz do Douro

- escritura para a obra de pedraria, em 1728; escr. para mais obra de pedraria, em 1734; escritura para a Capela-mor, em 1734.

Palácio do Freixo

- Escritura para a obra de carpintaria, 1750

Tribunal da Relação

- Escrituras para a sua reconstrução, 1750 e 1751

Igreja do Colégio da Companhia de Jesus (vulgo Grilos)

- Escritura para a execução do retábulo da Capela Mor em 1642.

Igreja de Matosinhos

- Escritura para a execução do retábulo do Santo Cristo de Bouças, em 1650; escritura em que se alude à intervenção de Nicolau Nasoni, 1743, na reconstrução do templo.

Igreja da Misericórdia

Notas muito completas sobre a construção no séc. XVI e reforma de Nasoni e Manuel Alvares no séc. XVIII

Igreja de N. S.ª da Graça

- Escritura para as obras de ampliação da Capela Mor, em 1649

Paço Episcopal

- Notas sobre obras do séc. XVIII

Igreja de Santa Clara

- Escritura de uma importante obra de pedraria, 1732.

Igreja de Santa Marinha de V. N. de Gaia

- Escritura para o douramento do retábulo da Capela Mor, 1672; escritura para a obra de reedificação da Igreja, 1745; referência a plantas de Nasoni, 1745

Igreja de Santo Ildefonso

- Escritura para a execução da obra de talha das quatro tribunas, 1727; escritura para certa obra de pedraria, 1736; escritura para a execução do retábulo do altar mor e sanefas, etc., conforme plantas de Nasoni, 1746; escritura para a construção da escadaria, 1787; etc.

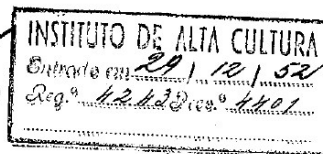
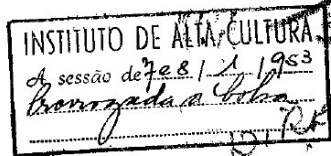
Igreja de São Bento da Avé-Maria

- Documentação muito numerosa sobre a construção, de 1518 a 1536; escritura para a execução dum retábulo, 1703; etc.

Igreja de São Bento da Vitória

- Escritura de Execução do coro, púlpitos, grades do cruzeiro, em 1704; id. para a construção da sacristia, 1705; id. para a execução de dois dos grandes e magníficos retábulos, sanefas, etc., 1755; etc.

Igreja de S. Francisco



to. 72 Cont. Base 504

Senhor Secretário Geral

do Instituto de Alta Cultura

Conforme me cumpre e para os devidos efeitos, Tenho a honra de enviar incluso o meu relatório da actividade como bolseiro no país desse Instituto, durante o ano de 1952, aproveitando também a oportunidade para remeter juntamente a nota dos trabalhos que me proponho realizar em 1953. Apresento a V. Ex.ª os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação

Port. 26.12.52

Artur de Aguiar

55
3

LICENCIADO ARTUR DE MAGALHÃES BASTO

Trabalhos que se propõe realizar no ano
de 1953 como bolseiro no país do Insti-
tuto de Alta Cultura

Desejaria acompanhar a impressão já iniciada dos Apostamentos
um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do séc
ao séc.XVIII.

Desejaria prosseguir a redacção do seu trabalho sobre a histo-
ria medieval portuguesa.

Desejaria concluir a preparação da edição da Década Oitava, de
do Couto, versão diversa da que anda impressa e que pertence à Biblio-
Pública Municipal.

Desejaria, finalmente, continuar a prestar a sua colaboração a
como até aqui, ao Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidad
Porto - regendo ali o curso semanal de História Portuense.

Porto, 15 de Dezembro de 1952

61

3 - 4401

63/241

Excm^o. Senhor Dr. João Rodrigues da Silva Couto
Museu Nacional de Arte Antiga
Rua das Janellas Verdes
Lisboa

Para conhecimento do V. Ex^a. e para que se digno de dar
o seu parecer, junto envio o relatório da actividade do bolseiro deste Ins-
tituto, no País, Lic. Artur de Magalhães Basto, durante o ano de 1952 e o
plano de trabalhos para 1953.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Ex^a. os
meus cumprimentos.

A bem da Nação

Lisboa, 26 de Janeiro de 1953

O Secretário

(A. de Medeiros-Gouvêa)

MUSEUS NACIONAIS
DE ARTE ANTIGA

GABINETE
DO
DIRECTOR

INSTITUTO DE ALTA CULTURA
Entrado em 2/2/53
Reg.º 448 Doc.º 4401

Exmo Sr. Secretário do Instituto de Alta Cultura

64

Tenho a honra de comunicar a V.ª Ex.ª que tomei conhecimento do relatório da actividade do bolseiro Dr. Artur de Magalhães Basto, referente ao ano de 1952.

O Dr. Magalhães Basto é um activo e sério investigador da história da cidade do Porto e um valioso colaborador do Centro de Estudos Humanísticos que o Instituto mantém naquela cidade. Estou inteiramente de acordo com o plano de trabalhos que apresenta e entendo que a bolsa lhe deve ser concedida.

Apresento a V.ª Ex.ª os meus cumprimentos.

A bem da Nação

Lisboa, 1 de fevereiro de 1953

João Costa

7-12-54

Assinatura

INSTITUTO DE ALTA CULTURA
Entrada n.º 7 12-54
Reg.º 5261 Doc.º 4401

114

Ex.ª Senhor Secretário
do Instituto de Alta
Cultura

Tenho a honra de enviar
incluso a V. Ex.ª, para os
devidos efeitos, o relatório
da minha actividade como
bolseiro no país durante

O ano de 1954 e a nota
dos trabalhos que me pro-
ponho realizar em 1955.

Aproveito a oportuni-
dade para apresentar a
V. Ex.ª os meus empri-
meitos.

Dev. Ex.ª. at.º adm.º

Artur de Fátima Basto

Porto
4. XII. 54



CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
SERVIÇOS CULTURAIS E SOCIAIS

GABINETE DO CHEFE

137
3
INSTITUTO DE ALTA CULTURA

Entrado em 15/12/55
Reg.º 5581 Proc.º 4401

15-12-55
Ex.º Senhor Dr. António Medeiros
chefe Secretário geral do
Instituto de Alta Cultura

Tomo a liberdade de enviar me-
sos o Relatório da minha actividade
como Bolseiro no país no ano de 1955
e o respectivo resumo, bem como
o Plano dos trabalhos que me proponho
realizar no ano próximo. Seguem
aparte duas colecções de folhas já
impressas da minha Separata, em
curso de publicação, sobre arte

que trabalharam no Porto de sãc.
XIV ao XVIII.

Aproveito a oportunidade
para apresentar a V. Ex.^a os
meus mais distintos e
primitos.

A bem da saude

Porto, 13 de dezembro de 1955

Amelufalhas Balb.

15-12-55
134
2

Relatório da actividade

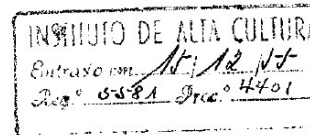
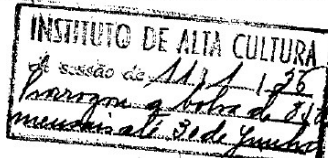
no ano de 1955

de

ARTUR DE MAGALHÃES BASTO

como Bolseiro no País

do Instituto de Alta Cultura



Na forma dos anos anteriores, foi dada a costumada cooperação ao Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, regendo o curso de Estudos Portuenses, que tem funcionado regularmente desde a criação do referido Centro.

Para não alongar demasiada e escusadamente este relatório, transcrevendo os sumários das lições realizadas, diremos apenas que foram tres os principais temas estudados: — topografia da cidade do Porto nos séc. XVI e XVII: estabelecimento da Companhia de Jesus no Porto; o Porto e o Brasil.

Em cada um destes temas e dada a índole destas prelecções, — que não podem perder de vista a necessidade de manter o interesse dos voluntários ouvintes — foram incidentalmente intercalados outros assuntos que com aqueles de algum modo se relacionavam e que se tornou oportuno recordar na respectiva efeméride, ou a que algum acontecimento ocorrido durante o ano deu no momento uma certa actualidade. Assim foi que ao descrever-se a Rua do Calvário, no séc. XVIII, se falou da casa onde nasceu Garrett, e a propósito da Exposição Icono-Bibliografica Garret-

tiana, então patente ao pública na Biblioteca Pública Municipal, no mesmo edificio em que funciona o Centro de Estudos Humanísticos, ^{se} dedicaram-se tres lições ao Porto, em especial, a alguns aspectos da sua obra literária, e a dos neo-ga~~re~~etistas portue~~n~~ses. Falando-se da Companhia de Jesus e da construção do seu Colégio, nas imediações do Paço Episcopal, a que se aludiu, recordou-se o grande Bispo do Porto D. António Barroso, aproveitando-se a passagem do dia 12 de Fevereiro em que fazia 64 anos o Decreto que o nomeou Prelado de Moçambique. Foi a visita ao Porto do Presidente João Café Filho, que sugeriu falar-se das ligações históricas entre Porto e Brasil, — especialmente da acção dos Portuenses no Brasil e dos "Brasileiros" no Porto, a que foram dedicadas quatro preleções.

Com os apontamentos para estas e para as preleções dos anos anteriores, está o signatário reunindo elementos e preparando uma obra de conjunto sobre a História do Porto, há muito desejada, que espera poder vir a publicar, e cuja falta é há muito sentida.

Com muito desvanecimento cumpre registar que, por penhorante incumbência do. Exm^a. . Senhor . Presidente do Centro de Estudos Humanísticos, ilustre Prof. Doutor Luis de Pina, coube ao signatário proferir a lição de abertura das aulas do dito Centro no presente ano lectivo de 1955-1956.

O signatário continuou no ano de 1955 a fazer a transcrição do Cód. 839 da Biblioteca Pública Municipal do Porto — que contem uma versão inédita da Década Oitava de Diogo do Couto,

bastante diversa da que anda publicada e que já teve várias edições; e continuou também o seu estudo dessa versão, em confronto com as edições que existem da Década Oitava. Tem pronto para começar a ser publicada no Studium Generale (revista do Centro de Estudos Humanísticos) a parte da referida versão) (cerca de metade dos capítulos da Década) manuscrita em que ela diverge totalmente ou varia, em alguns passos mais extensos, da Década Oitava impressa.

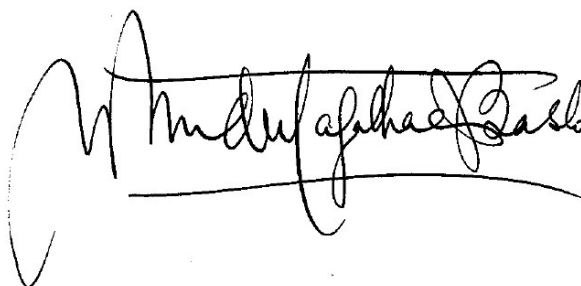
*

* *

Continuaram-se as investigações relativas ao trabalho do signatário Apontamentos para um dicionário dos artistas e artífices que trabalharam no Porto dos séc. XIV a XVIII. Essas investigações foram agora especialmente realizadas nos Cartorios das Irmandades da Lapa, e dos Clerigos. Infelizmente, a revista Museu — editada pelo Círculo José de Figueiredo, do M. N. de Soares dos Reis — em cujas páginas esse trabalho está a ser publicado, não sai desde que, por motivos imprevistos, a tipografia onde ela era impressa — Imprensa Moderna — fechou as suas portas. Remetem-se, com este relatório, duas colecções das quatro folhas da Separata do aludido trabalho, e informa-se que mais duas folhas estão compostas e revistas, faltando apenas fazer-se a respectiva impressão. A aludida composição tem sido felizmente conservada, apesar de haverem sido arrolados judicialmente os materiais que existiam na dita tipografia; e há esperanças de que em breve o assunto possa ter uma solução que

permita continuar a ser publicada a revista Museu com o tipo da referida Imprensa Moderna.

Porto, 13 de Dezembro de 1955

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'António de Oliveira Gomes', is written over two horizontal lines. The signature is fluid and cursive, with the first name 'António' being the most prominent part.

Prnº 4401

PLANO DOS TRABALHOS QUE O BOLSEIRO NO PAIS

Artur de Magalhães Basto

se propõe realizar no ano de 1956

137
3

Desejaria continuar a prestar a sua habitual colaboração ao Centro de Estudos Humanísticos, regendo o Curso de Estudos Portuenses, que ali tem funcionado desde a criação do referido Centro.

Com base nos apontamentos que vem reunindo para a elaboração das ditas prelecções e uma vez que obtenha dispensa por seis meses de determinados serviços burocráticos que lhe competem normalmente como Chefe da Repartição de Serviços Culturais e Sociais da Câmara Municipal do Porto, - iniciaria a redacção duma Historia do Porto, obra que até hoje ainda ninguém realizou e que há muito é desejada e esperada.

Publicaria a parte inédita da versão da Década Oitava de Diogo do Couto, que se encontra manuscrita na Biblioteca Pública Municipal do Porto; e faria o estudo dessa versão, cotejando-a não só com a que anda impressa, mas também com outras cópias manuscritas que lhe fôsse possível consultar.

Continuaria a publicação dos seus Apontamentos para um Dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do sec. XIV a XVIII, copioso inventário de nomes e de documentos, de que já estão impressas quatro folhas, tiradas em separado da revista Museu.

E iriam, mediante a exploração de novos cartório, ampliando a colheita de materiais para esse livro, que deverá ter mais de tresentas páginas de texto, de formato igual às que já estão impressas.

Porto, 13 de Dez. de 1955

Artur de Magalhães Basto



CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA
SERVIÇOS CULTURAIS E SOCIAIS

GABINETE DO CHEFE

143
1143
Instituto de Alta Cultura
5422 Doc. 4401

Tenho a honra de enviar, inclusos:
o Relatório da minha actividade no
ano de 1956, como Bolseiro desse Insti-
tuto no País, e o Plano dos Trabalhos
que me proponho realizar em 1957.
Aproveito a oportunidade pa-

ra apresentar a V. Ex.^a os meus
cumprimentos e os protestos de
toda a minha consideração.

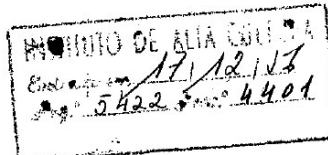
De V. Ex. m. at. v. e adm.^a

Antafalva Barb

15.XII.56

Relatório da actividade
no ano de 1955
de
ARTUR DE MAGALHÃES BASTO
como Bolseiro no País
do Instituto de Alta Cultura

*Visto
18-12-1956*



*143
2
17/12/55
J. A. M. Basto
Prof. R. A. Basto*

Durante o ano de 1955 continuou ao serviço do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, onde teve a set cargo a regência anual do Curso de Estudos Portuenses, tal como nos anos anteriores, desde 1947, data da criação do referido Cent

Julga-se dispensável a reprodução dos sumários dessas lições visto a Secretaria do Centro costumar enviá-los ao Instituto de Alta Cultura.

Prosseguiram os trabalhos de transcrição e estudo do Cod. 839 da Biblioteca Pública Municipal do Porto - que contem uma versão inédita da Década Oitava de Diogo do Couto, bastante diversa da que está editada, e como manifestação desses estudos publicou durante o ano uma série de artigos sobre alguns dos múltiplos problemas levantados pelo texto da dita versão ainda inédita.

Os Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto dos séc. XIV a XVIII, que o signatário já começou a publicar na revista Museu, têm sido ampliados com numerosos verbetes sobre artistas, artífices e respectivas obras, e continua-se estudando a possibilidade de ser feita a sua publicação, agora dificultada pela suspensão da referida revista.

Sem falsa modéstia, considera-se que essa publicação reveste importância para os estudos da História da Arte Nacional, especialmente na parte relativa ao Porto, cujos Arquivos têm revelado muitas novidades num campo que pela primeira vez tem sido sistemática e profundamente explorada. Já com o Relatório do ano findo foram remetidas ao Instituto de Alta Cultura quatro folhas da Separata do aludido trabalho (da revista Museu), pelas quais se vê a índole e o interesse que poderá ter essa publicação quando concluída.

Porto, 15 de Dezembro de 1956

M. A. F. F. L.

Plano dos Trabalhos
que
ARTUR DE MAGALHÃES BASTO
como Bolseiro no País
do Instituto de Alta Cultura
se propõe realizar no ano de 1957

143
2

Pretende continuar a prestar os seus modestos serviços ao Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, especialmente na regência habitual do Curso de Estudos Portuenses, que têm estado a seu cargo desde 1947.

Não estando ainda concluída a cópia do códice da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que contém a Decada VIII de Diogo do Couto, versão inédita, pretenderia prosseguir esse trabalho, bem como os estudos do referido texto.

Desejaria continuar as suas investigações nos Arquivos, de forma a completar a colheita de dados para os seus Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto dos séc. XIV a XVIII,

Porto, 15 de Dezembro de 1956
Artur de Magalhães Basto



CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
SERVIÇOS CULTURAIS E SOCIAIS

GABINETE DO CHEFE

13-12-912

INSTITUTO DE ALTA CULTURA
Entrada em 13/12/57
Reg.º 1.506 Ser.º 4.110

1419

Sp Senhor Secretário
do Instituto de Alta Cultura

Tenho a honra de enviar inclues
o meu Relatório de Actividade, com
Bolseio no País, durante o ano de
1957, e o respectivo Resumo, de
como o Plano dos Trabalhos que
me proponho realizar no presente
ano de 1958.

Aproveito a oportunidade para
apresentar a V. Ex.ª a despe-
sas sinceras de minha es-

meu consideracão

A ben de Vap

Porto, 12 de Dezembro de 1957

Arthur de Fátima Baal

Prof. Basto V. de A. Basto
13-12-1957

PLANO DOS TRABALHOS QUE O BOLSEIRO NO PAÍS

ARTUR DE MAGALHÃES BASTO

se propõe realizar no ano de 1958

1849
3
INSTITUTO DE
Entrado em 13 12 57
Reg.º STOC

Estando encarregado de reger no Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, o Curso Anual de Estudos Portuenses (assunto da sua especial predilecção) desejaria continuar a prestar essa e outras colaborações àquele Centro.

Desejaria preparar uma História do Porto, aproveitando os estudos dispersos e já bastante numerosos que vem publicando há mais de 30 anos sobre a matéria, e socorrendo-se também, evidentemente, de contribuições alheias.

Procuraria iniciar a publicação no Studium Generale da Década VIII de Couto, ms. inédito da Biblioteca Municipal do Porto.

Continuaria nos Cartórios do Porto, as investigações relativas aos artistas e artífices que nesta cidade trabalharam desde o Séc. XIV ao Séc. XVIII, com vista ao seu trabalho sobre o assunto, que o Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto vai publicar.

Porto, 10 de Dezembro de 1957.

Artur de Magalhães Basto

Pan 4401

149
3

Part. João Vitor - Polio
Lido em 15-3.
4-3-58
Holo

Relatório da actividade
no ano de 1957
de
ARTUR DE MAGALHÃES BASTO
como bolseiro no País
do Instituto de Alta Cultura

Exerceu a regência do Curso de Estudos Portuenses, do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, dessa maneira continuando a prestar a sua colaboração àquele Centro tal como nos anos anteriores, desde 1947, data da criação do mesmo.

Quase concluída a transcrição do cód. 839 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que contém uma versão inédita da Década VIII de Diogo do Couto do qual se falou no último Relatório, activaram-se as investigações e estudos comparativos dos numerosos passos e capítulos daquele texto que divergem da Década VIII que anda publicada e com a qual o A. procurou remediar o roubo da primeira redacção dessa Década.

A alguns dos primeiros resultados, ainda que provisórios, desses estudos, já o signatário deu publicidade no decurso do corrente ano. Projecta-se a publicação dessa Década VIII inédita, na Revista do Centro: Studium Generale.

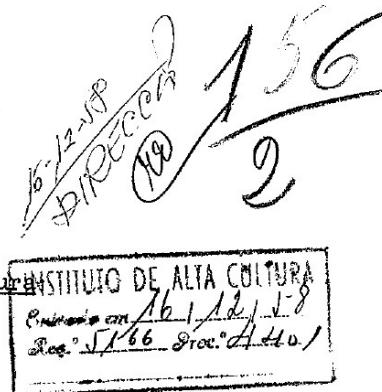
Por ter sido suspensa há anos, e não haver indícios que recomece, a publicação da revista MUSEU onde começou a ser publicada a obra intitulada Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto dos séc. XIV a XVIII, -

-produto de mais de vinte anos de investigações nos arquivos portuenses e que ainda continuam - o A. passará a fazer a publicação desse livro no Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, facto que terá início já no fascículo do 2º. semestre deste ano daquele Boletim, brevemente a aparecer.

Porto, 10 de Dezembro de 1957.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'António Afonso', written in a cursive style with a horizontal line above and below the name.

Trabalhos que
ARTUR DE MAGALHÃES BASTO
se propõe realizar
no ano de 1959
como Bolseiro no País
do Instituto de Alta Cultura



Desejaria continuar a colaborar com o Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, -colaboração essa que consistiria não só na regência do Curso de Estudos Portuenses, que faz parte do plano geral de estudos do referido Centro mas também em trabalhos de investigação e em publicações; as investigações destinam-se, sobretudo, a ir completando os Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do séc. XIV a XVIII, de que já estão publicadas 216 páginas, que abrangem apenas da letra A a C inclusivé; as publicações seriam -no Studium Generale- a da Década VIII de Couto, manuscrito inédito da Biblioteca Pública Municipal do Porto, e, no Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, a da continuação dos referidos Apontamentos para um Dicionário, de que se tem tirado separata que deverá formar (quando concluída a obra) um volume de cerca de 500 páginas.

x

14.XII.58
RMB

Relatório da actividade

no ano de 1958

de

ARTUR DE MAGALHÃES BASTO
como Bolseiro no País
do Instituto de Alta Cultura

Proc. 4401
Reg. 5166

155
2

Como vem sucedendo desde que em 1947 foi criado o Centro de Estudos Humanísticos, a actividade do signatário, como Bolseiro no País do Instituto de Alta Cultura, desenvolveu-se, no ano de 1958, em dois sentidos: na docência de um Curso no referido Centro e na investigação histórica.

O Curso, que data da fundação do Centro, tem o nome de Estudos Portuenses; como este título indica, os temas versados dizem exclusivamente respeito à História do Porto. Das lições proferidas existem os sumários na Secretaria do Centro de Estudos Humanísticos.

No Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto (vol. XX, Set.-Dez. 1957) foram publicadas 216 páginas do trabalho do signatário: Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto dos séc. XIV a XVIII, e que

abrangem da letra A à letra C. O referido volume saiu a lume apenas no ano corrente; no volume do mesmo Boletim, relativo a este ano, que está no prelo, continua a publicação do referido trabalho, de que tem sido feita separata que deverá formar um volume de mais de 500 páginas.

Continuaram-se a transcrição e os estudos da Década Oitava de Couto, ms. inédito da Biblioteca Pública Municipal do Porto, (a publicar, logo que possível, no Studium Generale), bem como as investigações necessárias não só para a elaboração de uma Grande História do Porto que o signatário tem em projecto, mas também para a preparação das prelecções do Curso de Estudos Portuenses.

14. XII.58
Porto

14-12-59
 Senhor Dr. A. de Medeiros - Jor
 M. J. Secretário do Instituto
 de Alt. Cultura
 16
 14-12-59
 50321 H4011

Tenho a honra de enviar in-
 clusos o Relatório da minha activi-
 dade como Bolseiro no País, dura-
 do ano que ora finda, de 1959, e o
 meu projecto de trabalho para o an-
 o de 1960.

Anexo, e sob registo, segue u-
 pacote com tres exemplares dos Estu-
 a que me refiro no Relatório; opor-
 tamente serão enviados mais, se o
 título o desejar.

Aproveito a oportunidade p.^a apresen-
 tar-me meus cumprimentos. A bem da Nac.

Relatório da actividade

no ano de 1959

de

ARTUR DE MAGALHÃES BASTO

como Bolseiro no País

do Instituto de Alta Cultura

Proc. 4401

163

A

Motivos de saúde, impediram no ano findo que fosse prestada a habitual colaboração ao Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, - pelo que diz respeito à docência do Curso de Estudos Portuenses. Todavia, foi possível organizar, rever e publicar o grosso volume de Estudos, Crónicas e cronistas antigos. Fernão Lopes e a Crónica de 1419, que a Universidade de Coimbra tomou a iniciativa de incluir na sua prestigiosa colecção Acta Universitatis Conimbrigensis. Ao Instituto de Alta Cultura testemunha o Autor, no prefácio, o seu reconhecimento pelo contributo recebido para a realização daquela obra.

Continuou a organização e publicação dos copiosos Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto desde o séc. XIV ao XVIII, e que já vai entrar na letra G.

x

ANEXO:

Um pacote com três
exemplares dos Estudos

Porto, 11-XII-59



Trabalhos que
ARTUR DE MAGALHÃES BASTO
se propõe realizar
no ano de 1960
como Bolseiro no País
do Instituto de Alta Cultura

163
A

Tendo sido designado pela Direcção do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, para prelector do Curso de Estudos Portuenses, propõe-se prestar essa costumada colaboração no referido Centro.

Desejaria continuar a fazer a publicação da sua obra Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do séc. XIV a XVIII. Como já foi informado no Relatório da Actividade do ano findo, esses Apontamentos estão a ser publicados no Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, e já estão no prelo os verbetes relativos à letra G. A preparação para a impressão do abundante material recolhido, é um trabalho muito laborioso e delicado, que tem de ser feito com todos os cuidados.

Continuaria os estudos sobre a Década VIII de Couto, ms. inédito da Biblioteca Pública Municipal do Porto, a que se aludiu em anteriores Relatórios, e não deixaria de tentar concluir os seus trabalhos sobre a Crónica de 1419.

X

Porto, 11. xii. 59

Artur de Magalhães Basto

Artur de Magalhães Basto Saleres

765

3 - 4401

3 - 4341

00/390

Dom^o. Senhor Director do Centro de Estudos Humanísticos
Universidade do Porto
P o r t o

Tenho a honra de comunicar a V. Ex^a. que a Direcção deste Instituto resolveu prorrogar-lhe a bolsa de estudo no País, de que é titular, do quantitativo mensal de 1.500\$00, a fim de dirigir os trabalhos de investigação desse Centro de Estudos.

Mais informo V. Ex^a. de que foram prorrogadas as bolsas de estudo concedidas aos colaboradores desse Centro, abaixo indicados, com os seguintes quantitativos mensais:

Lic ^o . Artur de Magalhães Basto	800\$00
Lic ^o . Sérgio Augusto de Silva Pinto	600\$00
Lic ^o . José Manuel Pereira de Oliveira	1.000\$00

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Ex^a. os meus cumprimentos.

A seu dação

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1939

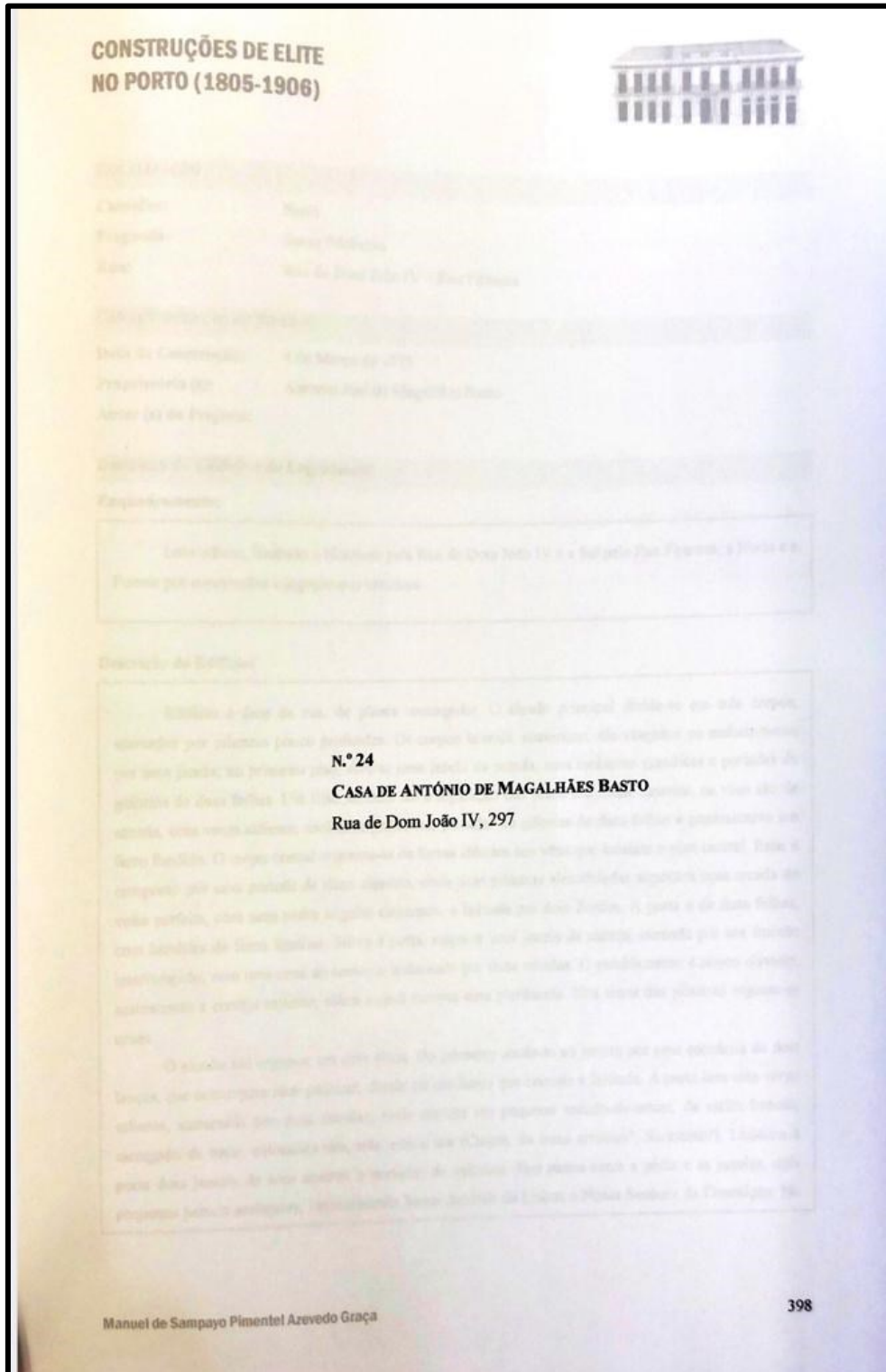
Pol^o Secretário

(Silva-Passos)

V/3

Documento 111

“Casa de António de Magalhães Basto. Rua de D. João IV, 297, Porto”. [cópias das pp. 399 a 406], In GRAÇA, Manuel Azevedo - *Construções de elite no Porto (1805- 1906)*. Dissertação de mestrado em história de Arte. FLUP. Porto, **2004**. vol. 1.



CONSTRUÇÕES DE ELITE NO PORTO (1805-1906)



LOCALIZAÇÃO

Concelho: Porto
Freguesia: Santo Ildefonso
Rua: Rua de Dom João IV < Rua Firmeza

CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

Data de Construção: 4 de Março de 1875
Proprietário (s): António José de Magalhães Basto
Autor (s) do Projecto:

Descrição do Edifício e do Logradouro:

Enquadramento:

Lote urbano, limitado a Nascente pela Rua de Dom João IV e a Sul pela Rua Firmeza; a Norte e a Poente por construções e logradouros vizinhos.

Descrição do Edifício:

Edifício à face da rua, de planta rectangular. O alçado principal divide-se em três corpos, marcados por pilastras pouco profundas. Os corpos laterais, simétricos, são rasgados no embasamento por uma janela; no primeiro piso, abre-se uma janela da sacada, com molduras graníticas e portadas de gelosias de duas folhas. Um friso saliente faz a separação dos pisos. No andar superior, os vãos são de sacada, com verga saliente, molduras graníticas, portadas de gelosias de duas folhas e gradeamento em ferro fundido. O corpo central organiza-se de forma idêntica nos vãos que ladeiam o eixo central. Este, é composto por uma portada de risco clássico, onde duas pilastras almofadadas suportam uma arcada de volta perfeita, com uma pedra angular destacada, e ladeada por dois florões. A porta é de duas folhas, com bandeira de ferro fundido. Sobre a porta, rasga-se uma janela de sacada, coroada por um frontão interrompido, com uma urna ao centro e sustentado por duas mísulas. O entablamento é pouco elevado, sustentando a cornija saliente, sobre a qual assenta uma platibanda. Nos eixos das pilastras erguem-se urnas.

O alçado Sul ergue-se em dois pisos. Do primeiro acede-se ao jardim por uma escadaria de dois lanços, que convergem num patamar, donde sai um lanço que encosta à fachada. A porta tem uma verga saliente, sustentada por duas mísulas, onde assenta um pequeno escudo-de-armas, de estilo francês, carregado de treze, colocados três, três, três e um (Castro, de treze arruelas?, Sarmento?). Ladeiam a porta duas janelas de arco abatido e portadas de gelosias. Nos panos entre a porta e as janelas, dois pequenos painéis azulejares, representando Santo António de Lisboa e Nossa Senhora da Conceição. No

CONSTRUÇÕES DE ELITE NO PORTO (1805-1906)



piso superior, abrem-se três janelas, de arco abatido.

Recuado, existe um piso, que não é visível da rua.

No eixo da fachada principal, arranca um muro granítico, caiado, rebocado e gradeado de ferro fundido. Um portão abre o logradouro para a rua. É em ferro fundido, de duas folhas e com verga. Delimitam-no duas colunas, almofadadas e rematadas com bolas graníticas. O ângulo das ruas de Dom João IV e Firmeza é delimitado por um miradouro, que se eleva acima da rua. É de planta quadrangular, composto de quatro pilares, nos quais assenta uma cobertura, de quatro águas.

Descrição do Logradouro:

O logradouro é de planta rectangular, com o edifício localizado no extremo Norte. O jardim formal foi construído junto ao edifício. É de desenho curvilíneo, romântico. A extremidade Sul é ocupada pela horta e pomar, em dois grandes canteiros rectangulares.

Utilização Inicial: Residencial; habitação unifamiliar

Utilização Actual: Empresarial

Dados Técnicos e Materiais

Paredes autoportantes, de alvenaria de granito, rebocada e pintada; coberturas com estruturas de madeira, revestida a telha de barro, de tipo marselha; madeira pintada (caixilharias).

Cronologia:

4 de Março de 1875	Concedida licença a António José de Magalhães Basto, para construção de edifício.
--------------------	---

Fontes Arquivísticas e Bibliográficas:

A. H. M. P. – *Livros de Plantas de Casas*, n.º LIII, fl. 184-186.
RIOS, Alice – *Uma Família Tripeira. Artur de Magalhães Basto e a sua paixão pelo Porto*. «Jornal de Notícias», n.º 236, Ano 112, Domingo, Porto, 23 de Janeiro de 2000, p. 4.



DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA



Casa e Jardim de Casa de António José de Magalhães Basto, na *Planta Topographica*, de Telles Ferreira
(1892) [A. H. M. P.]

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Fotografia Aérea do Porto [A. H. M. P.]

CONSTRUÇÕES DE ELITE NO PORTO (1805-1906)



IDENTIFICAÇÃO DA FONTE

Fonte Arquivística: Arquivo Histórico Municipal do Porto (A. H. M. P.)
Título: *Livro de Plantas de Casas*
Ano: 1875
Livro: LIII
fl(s): 184-186

CARACTERIZAÇÃO DA OBRA

Requerimento:

Concelho: Porto
Freguesia: Santo Ildefonso
Rua (licença): Rua da Duquesa de Bragança, junto ao n.º 177
Rua (actual): Rua de Dom João IV
Data de Requerimento: 4 de Março de 1875
Lic.º n.º: 135
Data da Lic.º: 4 de Março de 1875
Requerente (s): António José de Magalhães Basto
Pelo Requerente:
Técnico Responsável:

Texto do Requerimento:

Ex.^{ma} Camara Municipal

Diz António José de Magalhães Basto, que pretende edificar uma moradia de Casas, na Rua Duquesa de Bragança, d'esta Cidade, junto á casa n.º 177, pella parte do Sul da mesma casa, de conformidade com a planta que junta: e por isso

P. a VEx.ª se digne mandar aprovar e passar licença

Porto, 4 de Março de 1875
António José de Magalhães Basto

E. R. M.

**CONSTRUÇÕES DE ELITE
NO PORTO (1805-1906)**



Anotações na licença:

*Veja o Snr. Vereador Fiscal, ouvindo a Junta das Obras se achar conveniente
Porto e Paços do Concelho 4 de Março de 1875
Rodrigues V. P.*

*Informe a Junta
Porto 4 de Março de 1875
Nascim.^{to} Leão*

*N.º 351
Na forma de resposta. Porto e Paços de Concelho 4 de Março de 1875
Rodrigues V. P.
Gomes Sá
Nascim.^{to} Leão
Olivr.^a
Gama*

*N.º 213
L.^{do} Per.^a
Depositou R 40:500
Machado Ther.*

Parecer dos Técnicos da Câmara Municipal do Porto:

Ex.^{ma} Camara

*António José de Magalhães Basto submete a aprovação de V. Ex.^{cia} o alçado para regular a
frente d'uma casa que pretende mandar edificar na Rua da Duqueza de Bragança; está nos termos de
ser approved, sujeitando-se o requerente ao alinhamento que lhe fôr designado, ao cumprimento do
que dispõe os accordãos Municipaes em vigor, e ao deposito da quantia de quarenta mil e quinhentos
reis.*

Porto e Paços do Concelho, 4 de Março de 1875

*Agnello Jose Moreira
Jose Luiz Nogueira
Pedro d'Oliveira*

*Reg.^a
N. Coquet 1.º Off.^{al}*

**CONSTRUÇÕES DE ELITE
NO PORTO (1805-1906)**



Documento Gráfico:

Assinatura(s) na Planta:

Rodrigues V. P.
Gomes Sá
Nascim.^{to} Leão
Gama
Olivr.^a

Data(s) na Planta:

Approvada Porto em Camara Municipal 4 de Março de 1875

Documento Gráfico:



Observações:

b) Acedido em 1 Out 2020 em

URL: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, com os números 00753979 a 88.





Documento 112

“Dois bons livros para os historiadores da Arte”, 22 Setembro 1964 [Imprensa] artigo de Flávio Gonçalves, no *Comércio do Porto*, Cultura e Arte, ano XIII, supl. 22.



Vista da Serra do Pilar, da Ponte Fênsil e de parte da cidade do Porto, segundo desenho e litografia de J. P. Monteiro. O Porto antigo teve no dr. A. de Magalhães Basto um dos seus mais apaixonados investigadores

DOIS BONS LIVROS PARA OS HISTORIADORES DA ARTE

1 — «Apontamentos para um Dicionário de Artistas», do Dr. Artur de Magalhães Basto (Porto, 1964)



Santa Casa da Misericórdia do Porto — «Fons Vitae». Pintura flamenga da primeira metade do século XVI cujo estudo tanto interessou ao dr. A. de M. B.



A História da Arte portuguesa encontra-se, no momento presente como que à espera! Aguarda a publicação, pelo menos em parte, daquele acervo de documentos que, dizendo respeito ao campo dos seus interesses, continua ignorado na obscuridade dos arquivos; e aguarda a publicação de inventários rigorosos, feitos por especialistas, das obras de arte existentes no País Sem o conhecimento de novas fontes — escritas e materiais — os historiadores do nosso passado artístico virão a repetir-se mutuamente ou inclinar-se-ão para conclusões engenhosas, quase sempre mal fundamentadas. Está a encerrar-se, podemos dizer, o segundo período da nossa historiografia artística, que se seguiu ao ciclo dos pioneiros. E fecham-no, com raro brilho, as largas sínteses de que o dr. Reinaldo dos Santos é autor, expostas segundo uma metodologia já ultrapassada e apoiadas nos elementos, aliás magníficos, que os investigadores de toda a primeira metade do século XX acumularam.

Rejubilei, por isso, quando, recentemente, apareceram, quase ao mesmo tempo, um volume póstumo do dr. A. de Magalhães Basto contendo vasta documentação sobre artistas, e um trabalho do eng.º J. M. dos Santos Simões inventariando, em plano de grande erudição, os azulejos dos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Sendo editados, o primeiro, pela Câmara Municipal do Porto (Gabinete de História da Cidade), e o segundo, pela Fundação Calouste Gulbenkian, afigura-se-me que os próprios organismos responsáveis se deram conta da necessidade de as obras deste género, promovendo a sua publicação. Antes assim. Ao referir, hoje, o aparecimento dos dois volumes, pretendo, justamente, marcar, não atra-

vés duma crítica, mas dum muito breve comentário, o valor cultural de tais iniciativas.

Os Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII, do dr. Artur de Magalhães Basto (Porto, 1964), representam uma vida de esforço. E que o seu autor, apaixonado estudioso da História do Porto, nunca deixou de anotar as referências que nos arquivos foi achando acerca dos artistas e monumentos da cidade, embora, como se sabe, esse não constituísse o móbil exclusivo das suas investigações. Com a documentação obtida publicou o dr. Magalhães Basto páginas da maior importância para a história da arte nacional, umas incluídas nos seus livros História da Santa Casa da Misericórdia do Porto (vol. I, Porto, 1934) e Silva de História e Arte (Porto, 1945), outras dispersas em revistas e jornais (O Instituto, Pátria, Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, Museu, O Tripeiro, Ourivesaria Portuguesa, O Primeiro de Janeiro, etc.) (1). Em 1949, porém, o dr. Magalhães Basto decidiu divulgar, em forma de dicionário onomástico, o manancial de informações que sobre os artis-



Magalhães Basto, visto por José Luís Brandão de Carvalho (In «O Tripeiro»)

tas portuguesas conseguira recolher. No referido ano apresentou sobre o assunto uma «comunicação» ao XVI Congresso Internacional de História da Arte (*) e iniciou também a publicação do seu trabalho na revista *Museu* (*). Interrompida a publicação desta revista depois de 1950, quando apenas se entregara ao voc. Castilho (Diogo), passou o trabalho a ser de novo impresso, a partir de 1957, no Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto — e impresso outra vez desde o começo e com acréscimos. Faleceu o dr. A. de Magalhães Basto antes de ver terminada a publicação da sua notável obra... Mas, com os verbetes que deixara, ela foi concluída (apesar da parte impressa após a sua morte ter ficado, infelizmente, muito pobre em relação ao resto) (*). O director do Gabinete de História da Cidade, dr. J. A. Pinto Ferrelira, que à memória do dr. Magalhães Basto já prestou outro relevante serviço (*), quis, todavia, que todo o texto do dicionário saído no Boletim Cultural viesse a formar um volume à parte, integrado na colecção «Documentos e Memórias para a História do Porto». A medida foi acertada e facilitará bastante o labor futuro dos estudiosos da nossa História da Arte. Para estes, de facto, o trabalho do dr. A. de Magalhães Basto fica a constituir uma fonte preciosa, na qual se documentam, por vezes circunstanciadamente, a vida e a obra de mais de seiscentos e cinquenta artistas — pintores, douradores, escultores, imaginários, architectos, mestres de pedraria, entalhadores, marceneiros, ourives, prateiros, oleiros, ferreiros, organeiros, sineiros, etc! E não só artistas e artífices que actuaram no Porto ou para o Porto, mas ainda outros que, morando na dita cidade, deixaram obras em localidades diversas do Norte e Centro do País. Pelo que revelou, o dr. A. de Magalhães Basto passará a alinhar ao lado de Sousa Viterbo, de

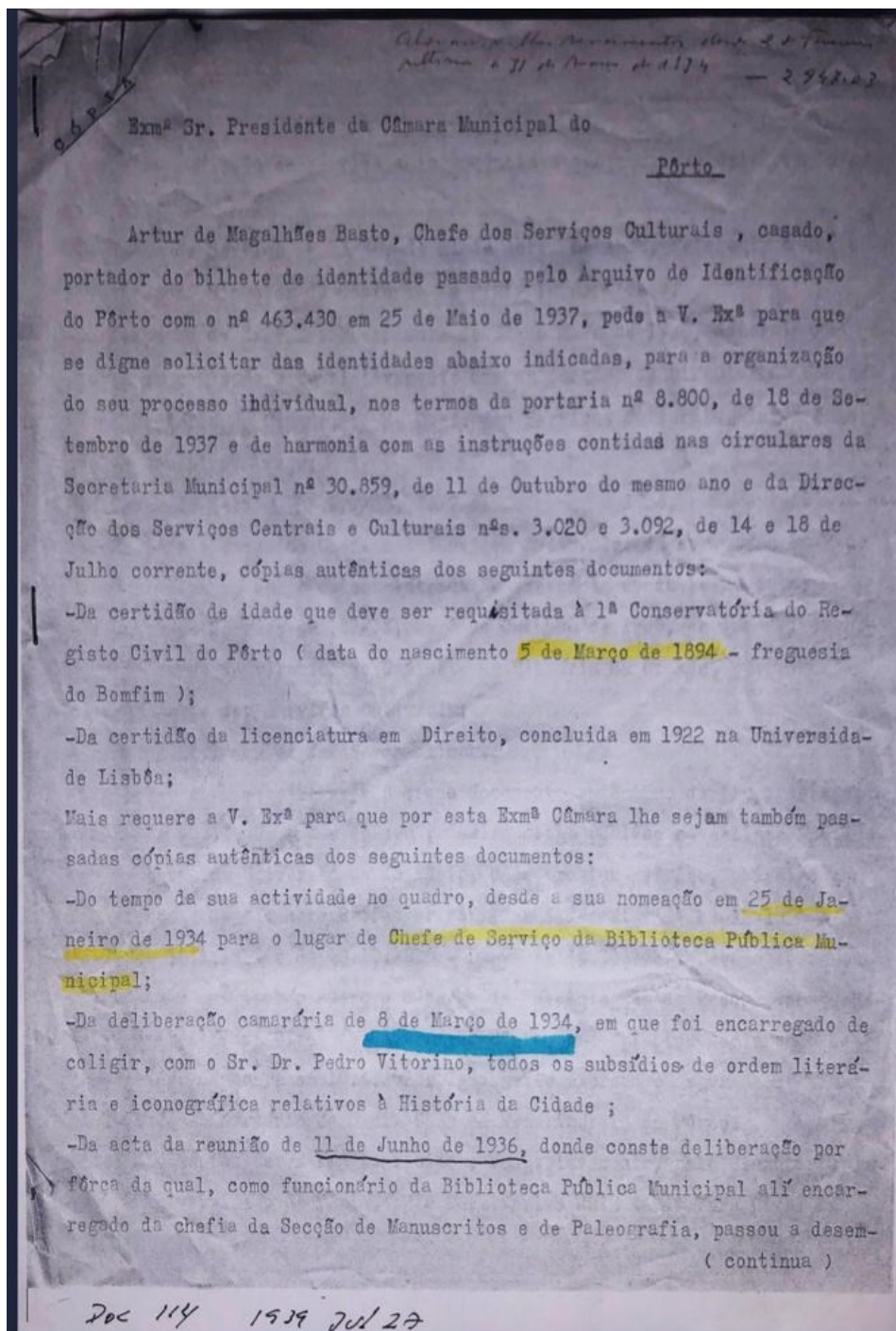
Virgílio Correia ou de Prudêncio Garcia, grandes cabouqueiros da História da Arte portuguesa; e sem dúvida que a utilização dos documentos que forneceu abrirá novas sendas e esclarecerá muitos pontos. Para a História da nossa talha, que começa a ser feita, o dicionário do dr. Magalhães Basto (então só presente no Boletim Cultural da C. M. do Porto) foi citado e aproveitado trinta e cinco vezes pelo prof. Robert C. Smith no seu livro *A Talha em Portugal* (Lisboa, 1963)! Analisando os vinte e oito documentos que, com os nomes dos autores de certas obras de talha, o rev. D. de Pinho Brandão publicou há um ano, verifica-se que a autoria de quinze dessas obras — mais de metade — já era conhecida através do trabalho de Magalhães Basto, posto que este só raramente tivesse inserido os respectivos documentos na integra ⁽⁶⁾. Também noutros capítulos da nossa História da Arte os Aparentamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices se mostrará fecundo, mormente ao retomarem-se os temas das nossas arquitectura e pintura maneiristas, arquitectura barroca, imaginária, ourivesaria, etc. Quero ainda ver na obra do dr. Magalhães Basto — não me desiludam... — mais um sinal do novo período de investigação arquivística em prol da nossa História da Arte, período que não é desmentido, já neste ano de 1964, pelos excelentes contributos do dr. Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas e de José Rosa de Araújo ⁽⁷⁾.

(Prossegue num dos próximos números)

- (1) Alguns dos trabalhos que publicou em revistas foram recentemente re-impressos em: Artur de Magalhães Basto — «Estudos Portuenses», vol. II (Porto, 1963).
- (2) «XVI^e Congrès International d'Histoire de l'Art. Rapports et Communications, vol. II (Lisboa, 1949), págs. 293-304.
- (3) «Museu», n.ºs 13-14 (Porto, 1949), págs. 265-296 e n.ºs 15-16 (Porto, 1950) págs. 81-118.
- (4) «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto» vols. XX (1957) — XXV (1962).
- (5) Publicou a lista completa dos artigos insertos pelo dr. A. de Magalhães Basto na secção «Falas Velhos Manuscritos...», de «O Primeiro de Janeiro» (1930-1960). Vide: J. A. Pinto Ferreira — «O meu primeiro e o último encontro com o querido e saudoso Mestre dr. A. de Magalhães Basto», in «O Tripeiro», Porto, ano de 1962, págs. 26-27, 121-122, 251-252, 282-284, ano de 1963, págs. 311-313, 325-326 e ano de 1964 págs. 13-15).
- (6) D. de Pinho Brandão — «Retábulos de Talha Dourada e Painéis de Igrejas e Capelas da Cidade do Porto», in «Alguns Retábulos e Painéis de Igrejas e Capelas do Porto», (Porto Gabinete de História da Cidade, 1963), págs. 119-257. Note-se que o assunto de dois outros dos documentos publicados pelo rev. Pinho Brandão era também já conhecido (Vide: Conde de Campo Bello — «Uma obra de Nasoni ainda desconhecida», in «O Tripeiro», Porto, Junho de 1945, págs. 29 e 40; Conde de Campo Bello — «O retábulo da capela mor de Santa Clara», in «O Tripeiro», Porto, Março de 1963 págs. 79-80). Ainda a propósito do trabalho do rev. D. de Pinho Brandão regista-se que os contratos dos retábulos da capela da Senhora da Solidade em S. Francisco do Porto, e das capelas mores da igreja da Vitória e do Carmo, na mesma cidade tudo obras do entalhador Francisco Pereira Campanhã, foram publicadas pela primeira vez por Magalhães Basto, por extenso, em 1945 (A. de Magalhães Basto — «O escultor Francisco Pereira Campanhã, mestre de retábulos», in «Doutor Pedro Vitorino», in «Memórias» Porto 1945, págs. 143-148).
- (7) Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas — «O Mosteiro da Serra do Pilar no século XVI», in «O Tripeiro» ano de 1964, págs. 33-37, 65-68, 97-99 e 161-164, José Rosa de Araújo — «Património Artístico de Viana do Castelo. A Igreja da Santa Casa da Misericórdia» (Viana do Castelo, 1963-1964).

Documento 113

- a. AMB e Câmara Municipal do Porto 1939 Julho 27 [Corresp., 10 p.] sobre os seus cargos e a acumulação dos mesmos...



penhar em comissão de serviço a incumbência a que a citada deliberação se refere;

-Da Ordem de Serviço nº 53/38, de 21 de Abril de 1938, referente à sua colocação como Director do Gabinete de História da Cidade;

-Do despacho do Exm^a Sr. Presidente de 31 de Maio de 1938, determinando que exerça em comissão e cumulativamente com as funções de Director do Gabinete de História da Cidade, as de Chefe dos Serviços Culturais, lugar esse que se encontrava vago;

-Da Ordem de Serviço nº 177/38, de 7 de Outubro de 1938, referente à sua nomeação para o cargo de Chefe dos Serviços Culturais; da sua posse em 7 de Outubro do mesmo ano e da sua entrada em exercício nesta mesma data;

-Da Ordem de Serviço nº 182/38, de 8 de Outubro de 1938, em que foi exonerado do cargo de Director do Gabinete de História da Cidade, por ter sido nomeado Chefe dos Serviços Culturais;

-Dos seus diplomas de funções públicas.

-Requere também que lhe seja passado documento autêntico do tempo de serviço, desde a data da posse do seu primeiro cargo público na extinta Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde prestou serviço, primeiro como Assistente e depois como Professor Auxiliar (decretos de 23-12-1922 - Da G^a de 16.1.1923 e de 10.10.1925 - Da G^a de 18.10.1925. Deve o requerente informar que também exerceu o cargo de Sub-Delegado de Procurador da República na 4^a Vara Cível da Comarca do Porto, onde prestou declaração de compromisso de honra em 10.4.1923. Igualmente exerceu o lugar de 1^a Oficial-Chefe do Cartório da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Estes documentos devem ser fornecidos, respectivamente, pela Secretaria da Universidade do Porto, pelo Meretíssimo Juiz da 4^a Vara Cível da

(continua)

*Além disso, tem-se o documento de nº 2.747.03
datado a 11 de Junho de 1939*

3

Comarca do Pôrto e pela Secretaria da Santa Casa da Misericórdia do Pôrto, para efeito da antiguidade no serviço público, a que se refere o nº 3º do artº 474º do Código Administrativo.

Pôrto, 27 de Julho de 1939.

a) Artur de Magalhães Basto

da-
as-
Ja-
Mu-
ado d
litera
o por
encar
a des
nua)

DIÁRIO DO GOVERNO N.º. 197-11 SÉRIE DE 24 DE
AGOSTO DE 1939

CÓPIA

Direcção Geral da Contabilidade Pública

Para os devidos efeitos se declara que Artur de Magalhães Basto foi autorizado, por despacho do Conselho de Ministros de 16 do corrente, a acumular, nos termos do art.º. 25.º. do Decreto-lei n.º. 26.115, de 23 de Novembro de 1935, o cargo de Chefe dos Serviços Culturais da Câmara Municipal do Porto com o de Director do Arquivo Distrital da mesma cidade.

Direcção Geral da Contabilidade Pública, 19 de Agosto de 1939. — Pelo Director Geral, B. Diniz Soares.

Decreto 19.953 de 27 de Junho de 1931 capítu-
tulo XXII- do Arquivo Distrital do Pôrto,

Artigo 13- O cargo de Director é vitalício
e para êle será nomeado um Professor da Universida-
de ou de um dos Liceus do Pôrto que terá direito a
uma gratificação mensal de 500\$00

Decreto-lei nº.39.844- que regula o provimento dos
cargos de direção dos estabelecimentos de-
pendentes da Inspeção Superior das Biblio-
tecas e Arquivos (Diário do Governo de 31
de Maio de 1939)

Artigo 6- As vagas que vierem a ocorrer de director
de todos os outros estabelecimentos depen-
dentes técnica e administrativamente da
Inspeção Superior das Bibliotecas e Arqui-
vos serão preenchidos por individuos que
exerçam ou hajam exercido o magistério uni-
versitário ou liceal, de preferência habi-
litados com o curso de bibliotecário archi-
vista.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes

3ª Secção
L.º 20 Nº 434

Exº Sr. Presidente da Câmara Municipal do Porto.

A fim de satisfazer o pedido formulado pelos Exms. Juizes do Tribunal de Contas, tenho a honra de rogar a Vª Exª se digne comunicar-me os horários a que ficará sujeito na Câmara Municipal do Porto, o Exº Sr. Dr. Artur de Magalhães Basto, chefe dos Serviços Culturais d'esse Município, escolhido por S. Exª o Ministro da Educação Nacional, para Director do Arquivo Distrital dessa cidade.

A bem da Nação.

Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes,
em 13 de Setembro de 1939.

O Director Geral, interino

J.S./M.H.

(a) João Pereira Dias

Despacho : Comunique-se a informação. 15-IX-939

Mendes Correia

Averbado no Boletim nº 181

INFORMAÇÃO ao officio nº 434 do Ex^o Sr. Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes.

O Chefe dos Serviços Culturais, que, como um outro Chefe, superintende em numerosos estabelecimentos da Câmara, cujos horários de serviço e de abertura ao público são muito variados, tem obrigação de prestar, como qualquer funcionário do Município, o mínimo de seis horas de trabalho diário, mas o seu horário não pode rigorosamente ser fixado, pois depende dia a dia das contingentes necessidades do serviço nos referidos estabelecimentos.

A Câmara está aberta das 11 às 17 horas, mas os estabelecimentos dependentes dos Serviços Culturais, como a Biblioteca Pública Municipal, o Museu, os Internatos, o Conservatório de Música, o Palácio de Cristal, as Bibliotecas Populares, etc. abrem e encerram às horas mais diversas, tendo alguns desses estabelecimentos serviço noturno e funcionando outros mesmo ao Domingo, como o Palácio de Cristal e o Museu, pelo que a inspecção que sobre eles incumbe ao Chefe dos Serviços Culturais exige horários variáveis, o que torna impossível fixá-los rigorosamente.

Quando, porém, se circunscreva a função do Chefe dos Serviços Culturais ao serviço interno da respectiva repartição camarária, lembrarei que está em uso autorizar os vários Chefes de Serviço a sua saída por uma hora ou mais, durante o horário da repartição, sendo compensada essa ausência com igual tempo de trabalho antes ou depois do período da abertura da mesma repartição.

14 de Setembro de 1939

(a) Côrte Real

C ó p i a

39

39

23

Exmo. Snr. Director Geral do Ensino Superior
e das Belas Artes

- L I S B O A -

Em resposta ao officio de V. Ex.^a n.^o 434, de 13 do corrente, tenho a honra de lhe comunicar que o Chefe dos Serviços Culturais d'este Municipio que superintende nos numerosos estabelecimentos dependentes dos respectivos serviços, tem obrigação de prestar, como qualquer outro funcionário, o minimo de seis horas de trabalho diário, mas o seu horário não pode ser rigorosamente fixado, pois depende dia a dia das contingentes necessidades do serviço nos referidos estabelecimentos, que abrem e encerram às horas mais diversas, tendo alguns d'elles serviço nocturno e funcionando outros ao domingo, como o Palácio de Cristal e o Museu, pelo que a inspecção que sobre elles incumbe ao aludido funcionário exige horas variáveis e de impossivel fixação rigorosa.

Quando, porém, se circunscreva a função do Chefe dos Serviços Culturais ao serviço interno da respectiva repartição camarária, lembrarei que está em uso autorizar aos vários chefes de serviços a sua saída por uma hora ou mais durante o horário da repartição, sendo compensada essa ausência com igual tempo de trabalho antes ou depois do periodo da abertura da mesma repartição.

A bem da Nação

Pôrto e Paços do Concelho, 18 de Setembro de 1939.

O PRESIDENTE,

(a) António Augusto Mendes Corrêa.

CÓPIA

DIÁRIO DO GOVERNO N.º. 333-11 SÉRIE DE 8 DE OUTUBRO DE 1939.

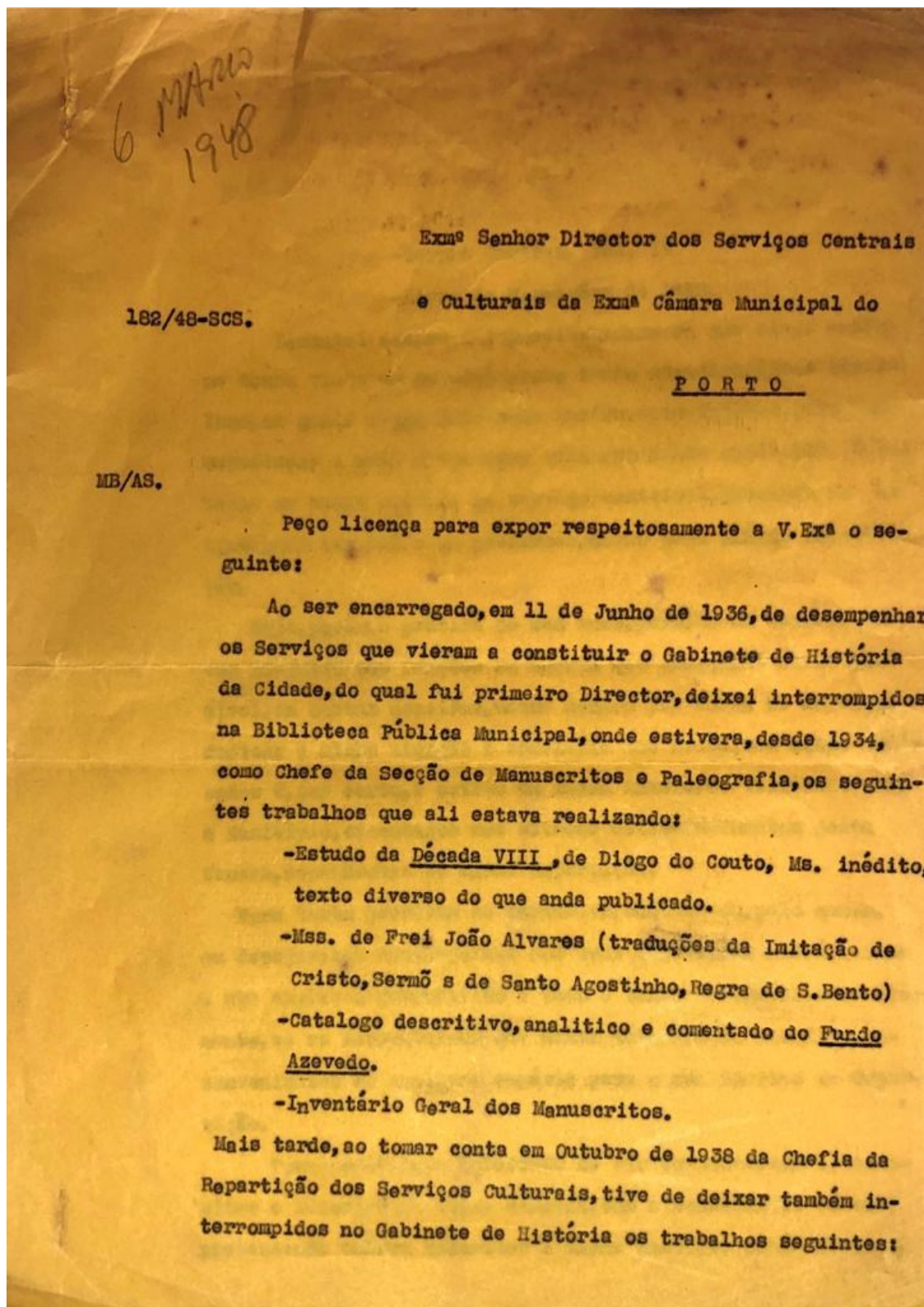
Por portaria de 28 de Agosto último:

Dr. Artur de Magalhães Basto, antigo professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e actualmente Chefe dos Serviços Culturais da Câmara Municipal daquela cidade - nomeado, nos termos do artigo 6.º. do decreto-lei n.º. 29.844, de 31 de Maio de 1939, e mediante prévia autorização do Conselho de Ministros, dada em 16 de Agosto último e publicada no Diário do Governo n.º. 197, 3.ª. Série, de 24 do mesmo mês, ao abrigo do artigo 25.º. do decreto-lei n.º. 26.115, de 23 de Novembro de 1935, para exercer o cargo de Director do Arquivo Distrital do Porto. (Visada pelo Tribunal de Contas em 28 de Setembro findo).

Direcção do Ensino Superior e das Belas Artes, 3 de Outubro de 1939. - Pelo Director Geral, J.E. Dias Costa.

667

AMB, 1948 Março 6 [carta, 3 p.] para CMP, a solicitar livre acesso à BPMP, para estudo...



-Corpus Codicum. Vol. IV

-Livro de Votações de 1412.

Lamentei sempre a impossibilidade em que desde então me tenho visto de concluir, como tanto desejava, esses trabalhos, os quais algum interesse teriam, ouso supô-lo, para os estudiosos e para o bom nome cultural deste Município. É que todas as horas normais de serviço municipal, precisei de as consagrar aos mil e um problemas, novos para mim, da Repartição.

Hoje, porém, a prática de dez anos, permite-me esperar que, sem prejuízo das funções de chefia que exerço, me seria possível, em certas ocasiões, mesmo dentro das horas de serviço, dedicar a minha atenção à conclusão dos trabalhos acima indicados e, por certo, a outros da mesma índole, de utilidade para o Município, executados nos citados estabelecimentos desta Camara, dependentes da minha Repartição.

Para tanto precisas se tornariam, contudo-ou, pelo menos, eu desejaria-a concordância dos meus superiores hierárquicos e uma expressa autorização a todo o tempo revogável, evidentemente, se se reconhecerem que dessa autorização resultam inconvenientes de qualquer espécie para o meu serviço na Repartição.

Tomo, portanto, a liberdade de vir respeitosamente solicitar a autorização acima aludida, com a consciência de que, pretendendo embora valorizar a minha passagem pelos Serviços

Culturais da Câmara e satisfazer um pendor natural do meu espirito, procuro também ser útil ao Município que tenho a honra de servir.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Ex. os meus melhores cumprimentos.

Porto-3ª Repartição-Serviços Culturais e Sociais,
6 de Março de 1948.

A bem da Nação.
O CHEFE DA REPARTIÇÃO,

"Entendo que é de conceder-se a autorização solicitada, sem prejuizo dos serviços burocráticos da Repartição, pois os trabalhos que o Sr. Dr. Magalhães Basto se propõe realizar e concluir são dum extraordinário interesse para a Cidade e para os estudiosos atentas as invulgaes e já bem documentadas qualidades do mesmo ilustre Funcionário". D.S. (a) Corte Real.

CONCORDO:

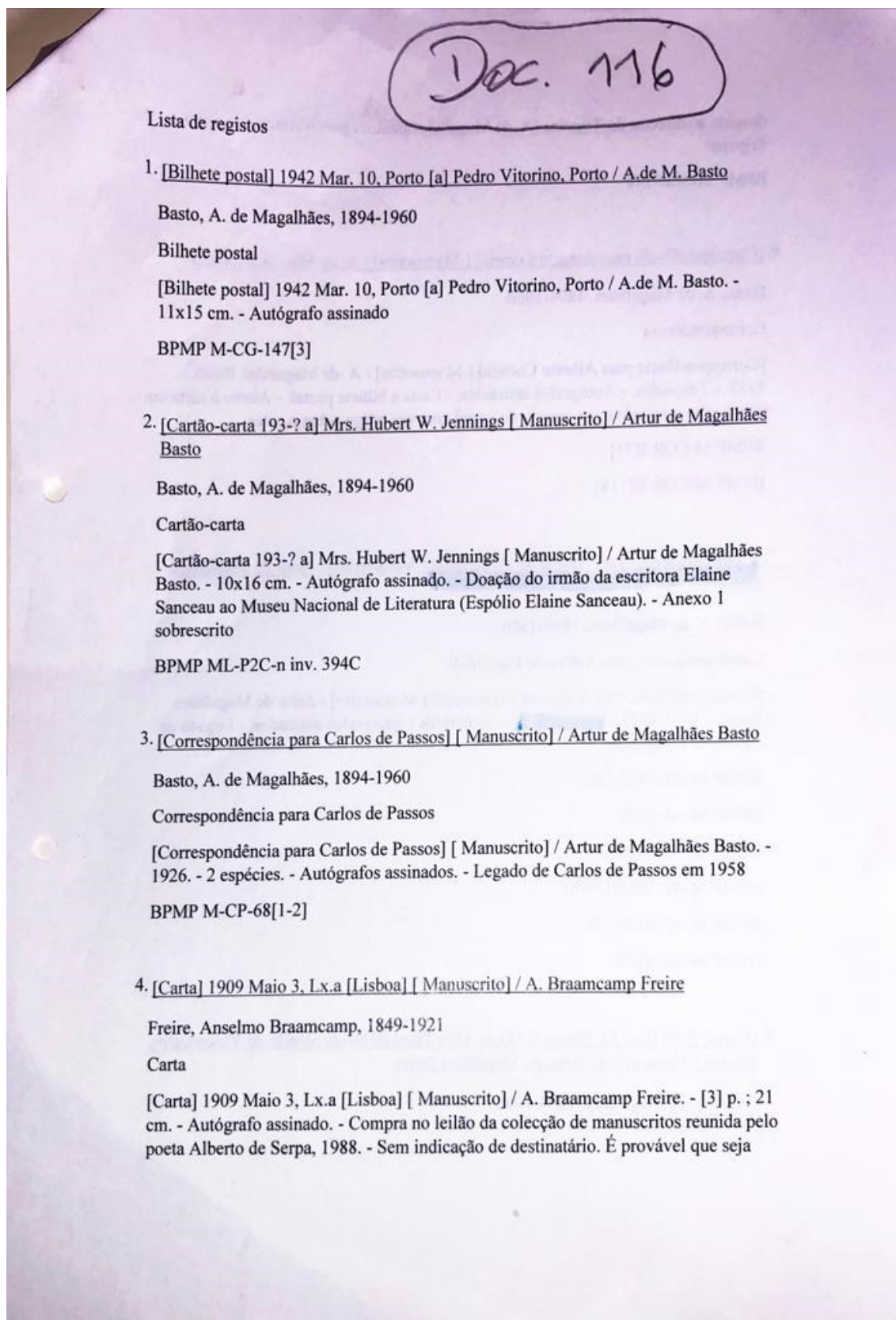
6/3/948.

(a) Luis de Pina.

Bol.

Documento 115

Biblioteca Pública Municipal do Porto [Lista] com 9 registos, sobre AMB, ali existentes (Consultada em 2023)



dirigida ao director do Tripeiro (A. de Magalhães Basto?) pois o Autor diz: o seu Tripeiro

BPMP M-SER-148

6. [Correspondência para Alberto Correia] [Manuscrito] / A. de Magalhães Basto

Basto, A. de Magalhães, 1894-1960

Correspondência

[Correspondência para Alberto Correia] [Manuscrito] / A. de Magalhães Basto. - 1935. - 2 espécies. - Autógrafos assinados. - Carta e bilhete postal. - Anexo à carta um sobrescrito com selo e um recorte de jornal com um artigo sobre o autor

BPMP M-COR-I[71]

BPMP M-COR-II[118]

7. [Correspondência para Antero de Figueiredo] [Manuscrito] / Artur de Magalhães Basto

Basto, A. de Magalhães, 1894-1960

Correspondência para Antero de Figueiredo

[Correspondência para Antero de Figueiredo] [Manuscrito] / Artur de Magalhães Basto. - 1932-1943. - 10 espécies. - Autógrafos e autógrafos assinados. - Legado de Teresa de Figueiredo

BPMP M-AF-1932-1935

BPMP M-AF-2976

BPMP M-AF-3626(13)

BPMP M-AF-3632(17-18)

BPMP M-AF-4336(27)

BPMP M-AF-4739

8. [Carta] 1946 Dez. 12, [Porto a] Maria Alice Pinto de Sousa Strecht de Vasconcelos, [Porto] [Manuscrito] / Artur de Magalhães Basto

Basto, A. de Magalhães, 1894-1960

Carta

[Carta] 1946 Dez. 12, [Porto a] Maria Alice Pinto de Sousa Strecht de Vasconcelos,
[Porto] [Manuscrito] / Artur de Magalhães Basto. - [4] p. ; 21 cm. - Autógrafo
assinado. - Oferta de Maria Celeste Ferraz de Vasconcelos (no 64/2000)

BPMP M-CG-147[1]

9. [Carta] 1946 Dez. 30, [Porto a] Maria Alice de Carvalho Strecht de Vasconcelos,
[Porto] [Manuscrito] / Artur de Magalhães Basto

Basto, A. de Magalhães, 1894-1960

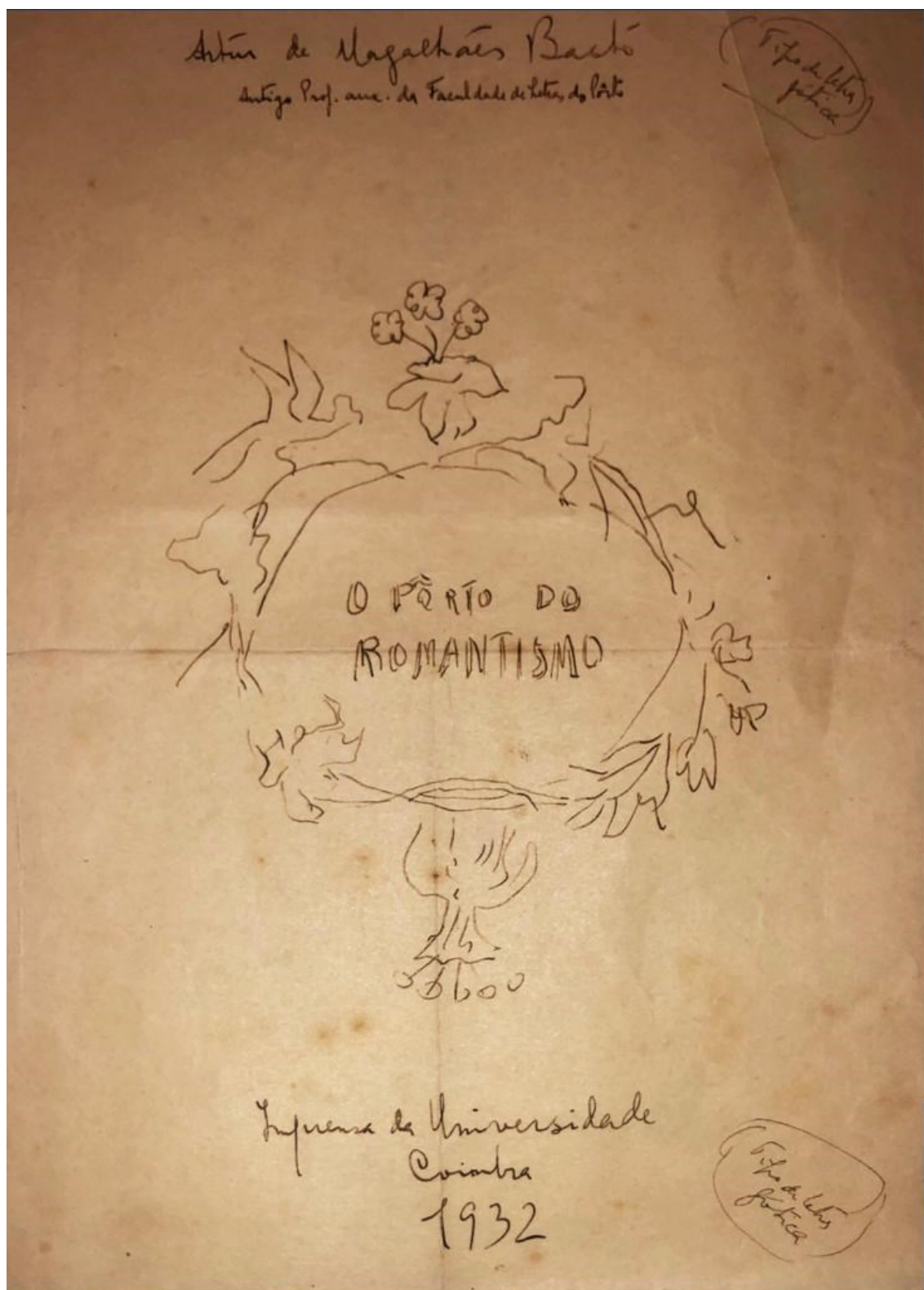
Carta

[Carta] 1946 Dez. 30, [Porto a] Maria Alice de Carvalho Strecht de Vasconcelos,
[Porto] [Manuscrito] / Artur de Magalhães Basto. - [2] p. ; 28 cm. - Autógrafo
assinado. - Oferta de Maria Celeste Ferraz de Vasconcelos (no 63/2000)

BPMP M-CG-147[2]

Documento 116

O Porto do Romantismo, livro de 1932, [desenho/prova, 5 p.] de AMB e M. Lurdes B. Figueiredo (EF).



Pede o favor de me mandarem nas duas
semanas próximas (até ao dia 2 de Abril) as
provas p.^a

{ A. de A. Bento
- Vagos -

onde vou passar as Férias.

DO

1A

0

O PORTO ROMANTICO

SM



A composiçãõ e os desenhos da Capra e ante-rosto
São da Ex.^{ma} Senhora Dona Maria de Lourdes Bar
bosa, Braamcamp Figueiredo.
(Matos)

de
Antigo Prof. aux. da Faculdade
de Letras do Porto
Artur Magalhães Basto

O PORTO ROMÂNTICO

COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1932

Está-se a
fazer uma gravura
p. o anti-porto
e Capa

O Porto do Romantismo

Um documento inédito relativo às viagens do Infante D. Pedro,
Duque de Coimbra, etc.

DO AUTOR

- A fronteira hispano-portuguesa, (Ensaio de Geographia Politica) — Sep. de O Instituto, vol. 70.^a
- O principio das nacionalidades e a sua applicação pratica — Sep. de A Águia, n.^{as} 23-24, 3.^a série.
- Civitas Virginia (Excerto dum estudo sobre a invasão franceza de 1809) — Sep. de A Águia, n.^{as} 25 a 27, 3.^a série.
- O Pôrto contra Junot — In Revista de Estudos Historicos, vol. 1.
- Moralidade e costumes portuezes no séc. XVI. — Conferência. Sep. dos Trabalhos da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia, fasc. III, 1.^a II.
- Na morte do rei — In Rev. de Est. Hist., vol. II.
- Limiar da tragédia (Reflexos no Pôrto das vésperas de Alfarrobeiral). Sep. da Revista de Historia, vol. 13.^a
- No tempo dos felizes da Flandres. — Sep. de Dionysos, n.^a 2, nova série.
- Reivindicação da Sciência Geographica portugueza. — Sep. dos Trab. da S. P. de Antrop. e Etnologia, fasc. II, vol. III.
- 1800. O Pôrto sob a segunda invasão franceza. — Ed. da Empresa Literaria Fluminense, 1.^a Libros, 1907.
- Simão Vaz de Camões no Pôrto. — Sep. de A Águia, n.^a 59, 3.^a série.
- Um diplomata portuguez na corte de Luis XIV. — (José da Cunha Bruchado). — Sep. da Rev. de Est. Hist., vol. 3.^a
- Na agonia dum regimen. Os últimos anos da vigência do feral do Pôrto. — Sep. de O Instituto, vol. 70.^a, n.^a 3.
- Excepções de Pôrto romântico. — SEPT. de artigos em O Primeiro de Janeiro, 1908
- Alguns documentos inéditos sobre Uriel da Costa.
- Um novo documento inédito sobre Uriel da Costa.
- Nova contribuição documental para a biographia de Uriel da Costa.
- O pintor quinhentista Diogo Telxela. Da sua actividade artistica no Pôrto.
- O nacionalismo portuguez no tempo dos Filipes.
- No prelo:
- O Pôrto e a Era dos Descobrimentos. — Conferência pronunciada em Maio de 1909 na Faculdade de Letras do Pôrto.
- Em preparação:
- Um facto inédito da biographia de Luis de Camões.
- Os portuezes e a cultura do espirito no tempo do Renascimento. — Conferência
- Lições da Fac. de Engenharia do Pôrto em Março de 1909
- Historia da Santa Casa da Misericórdia do Pôrto.

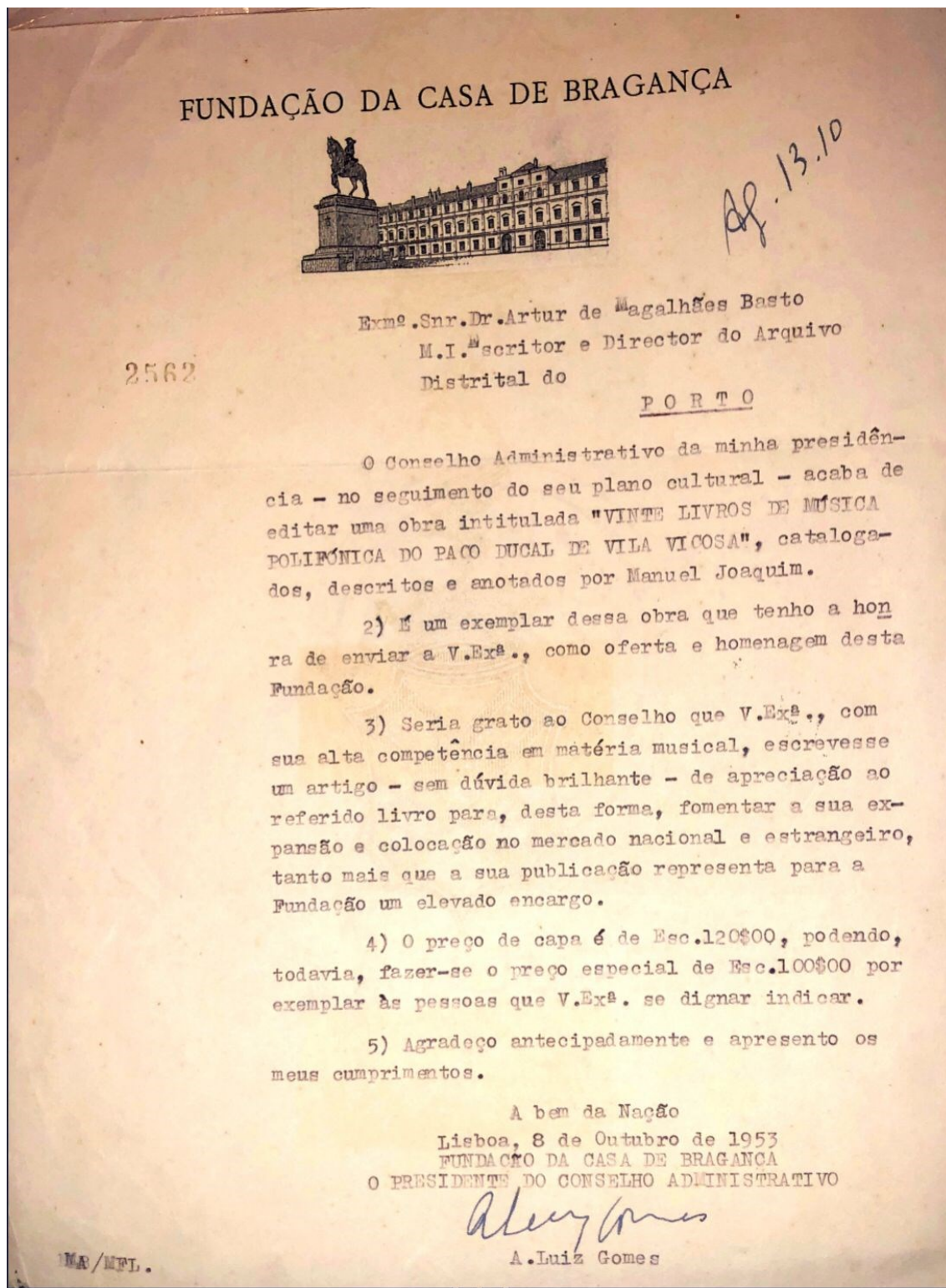
81
21
21
alinhav
i
n

187
1 Sep. de O Instituto, vol. 79
1 Lib. vol. 81
1 Sep. de Rev. Pátria, n.^{as} 1-1931
1 Conferência Sep. da Revista de Guimarães, 1931.
1. N.^o X de colecção Estudos Nacionais.

vol. I. 1
D. N. e L. de B.
Mato Braamcamp Figueiredo

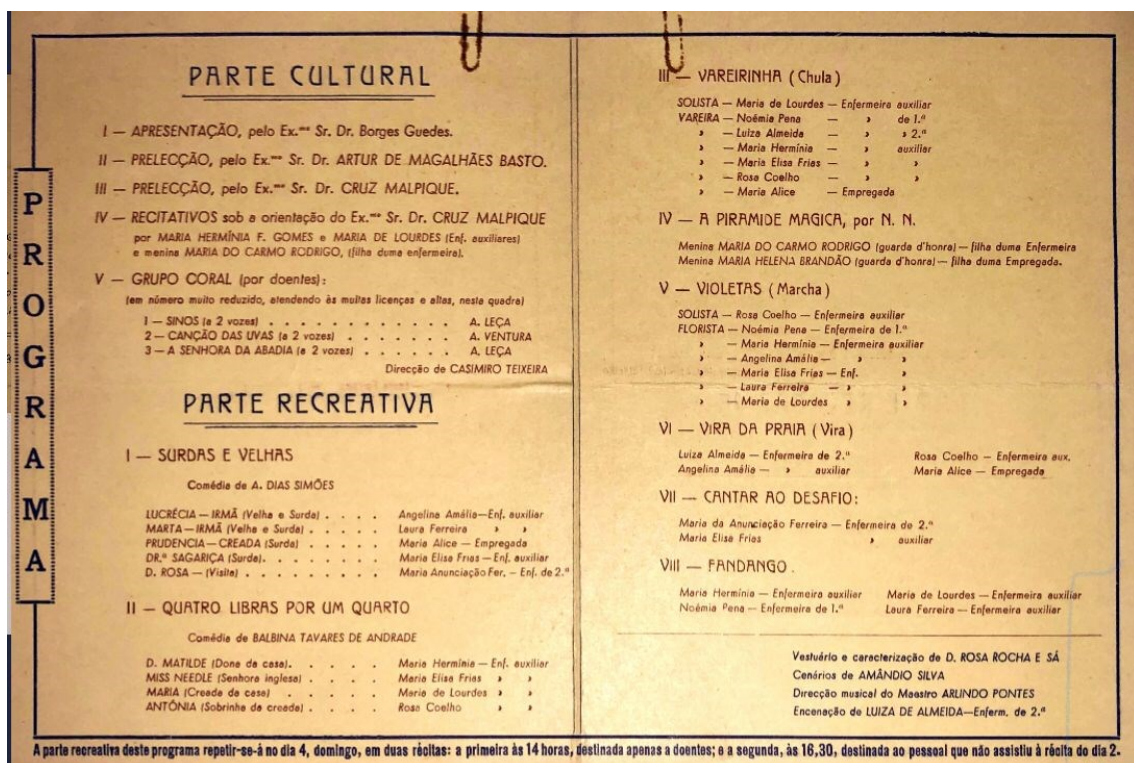
Documento 117

Fundação da Casa de Bragança 1953 Outubro 8, [Carta] para AMB (EF)



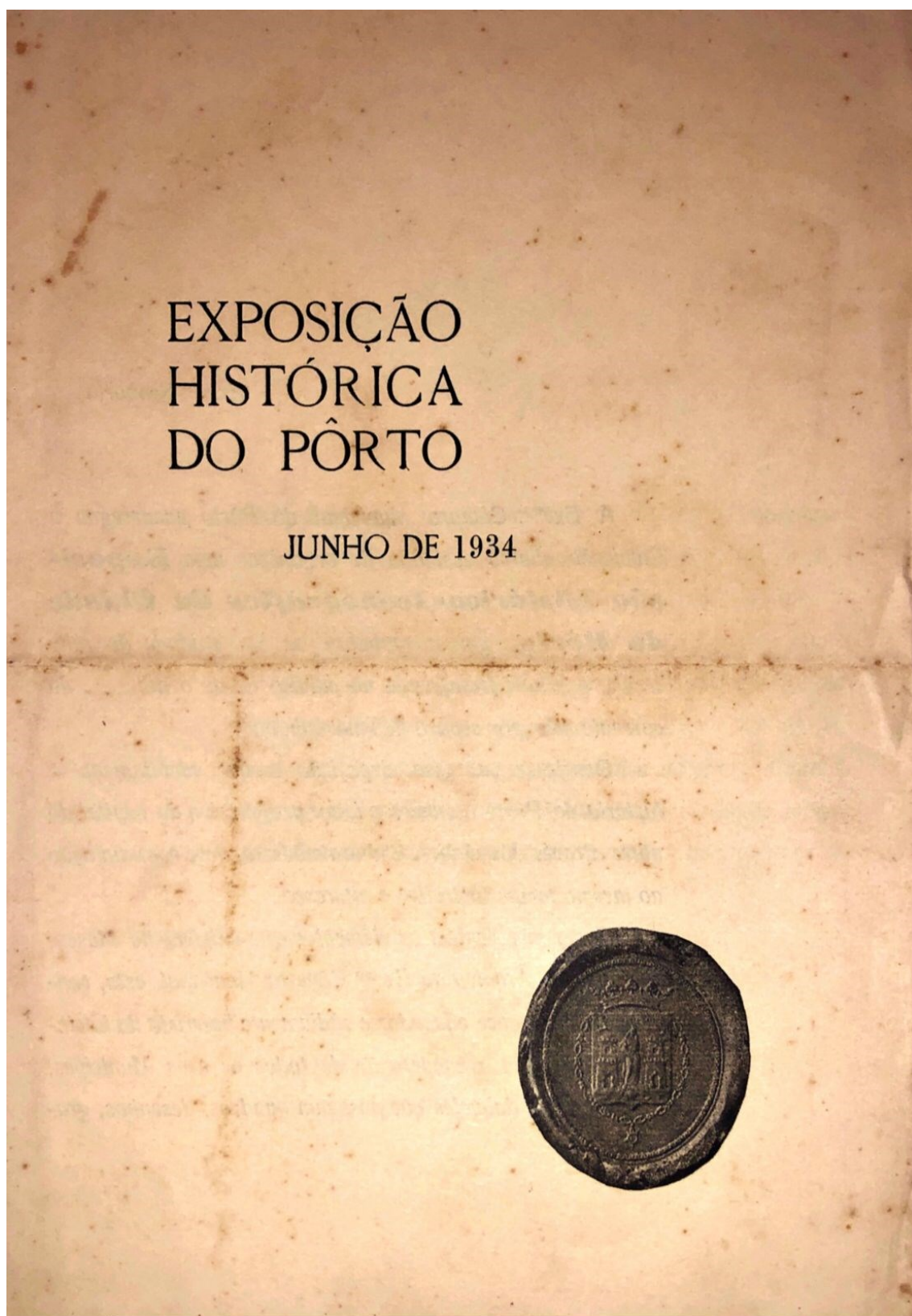
Documento 118

Festa Anual de Enfermagem 1953 Janeiro 2, Hospital do Conde de Ferreira, no Porto[prospecto/convite] (EF).



Documento 119

Exposição Histórica do Pôrto, 1934 Junho, Maternidade Júlio Dinis. [Programa] (EF).



Ex.^{mo} Senhor.

A Ex.^{ma} Câmara Municipal do Pôrto encarregou a Comissão abaixo assinada de organizar uma **Exposição Histórico-Iconográfica da Cidade do Pôrto**, que se realizará na Maternidade de Júlio Denis, e estará franqueada ao público desde o dia do corrente mês, por espaço de uma semana.

Deseja-se que essa Exposição evoque sucintamente a história do Pôrto e mostre o labor progressivo da capital do norte através das idades. Embora modesta, deve ser uma lição ao mesmo tempo instrutiva e pitoresca.

Como não bastem os elementos que existem no Museu, Biblioteca e Arquivo da Ex.^{ma} Câmara Municipal, esta, convencida do alcance educador e sãdiamente bairrista da iniciativa, conta com a cooperação de todos os seus Municípes, especialmente daqueles que possuam quadros, desenhos, gra-

vuras, litografias, fotografias, documentos escritos, quaisquer objectos, enfim, que estejam dentro das categorias do programma estabelecido para a Exposição, e adiante indicado.

A Comissão, na esperança de que V. Ex.^a possua alguns elementos que possam contribuir para o brilho do certame que está organizando, ousa dirigir-se a V. Ex.^a certa de que receberá o acolhimento que a iniciativa da Ex.^{ma} Câmara deve merecer a todos os bons Portuenses, e a todos os amigos desta laboriosa cidade onde o civismo não é uma palavra vã.

Pôrto, 15 de Junho de 1934.

A Comissão,

*Tôda a correspondência
deve ser dirigida para o
Museu Municipal do Pôrto*

EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO PÔRTO

PROGRAMA

GRUPO I

PLANTAS E VISTAS GERAIS DO PÔRTO ANTIGO

GRUPO II

TOPOGRAFIA PORTUENSE DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XVIII
(Aspectos citadinos, muralhas da cidade, edifícios, etc.)

GRUPO III

O PÔRTO NO SÉCULO XIX
(Vistas, edifícios, fontes, factos históricos, aspectos da vida social, etc.)

GRUPO IV

CENAS HISTÓRICAS ; RECORDAÇÕES ; RETRATOS
(Até a primeira metade do século XIX)

GRUPO V

BANDEIRAS
(Da Câmara, dos navios, de corporações)

GRUPO VI

TRAJOS
(Dos vereadores ; religiosos ; das ordenanças locais ; populares)

GRUPO VII

MOEDAS E MEDALHAS
(Cunhadas no Pôrto ; alusivas a factos portuenses)

GRUPO VIII

CERÂMICA
(Peças de carácter etnográfico ou histórico)

GRUPO IX

JORNAIS DO SÉCULO XIX
(Especialmente ilustrados)

GRUPO X

GRÁFICOS DA ÁREA DA CIDADE E SUA POPULAÇÃO EM
DIFERENTES ÉPOCAS
(Época das navegações ; princípios do século XIX ; actualidade).

Documento 120

Reinaldo dos Santos 1955 Julho 1 [carta] para AMB, a agradecer "tudo o que fez pelo Marques Abreu" (exposição na EBAP) como era de Justiça(...). (EF).

REYNALDO DOS SANTOS
AV. A. AGUIAR, 142.

Caro amigo

Hoje após, ao chegar de
Londres, donde tirei a sua
Carta - muito agradeço tudo
o que fez junto ao Marques
Abreu como era de justiça
Quanto ao seu artigo sobre
a exposição de Wellington
seu trabalho para a Revista
de Academia - O mesmo a
saír já está emposto nos
nos seguintes - outros -
seu trabalho sobre tudo.

Removal of
apartment
See in
See report also
Ruyra/aut



ACADEMIA NACIONAL
DE
BELAS ARTES



S. R.



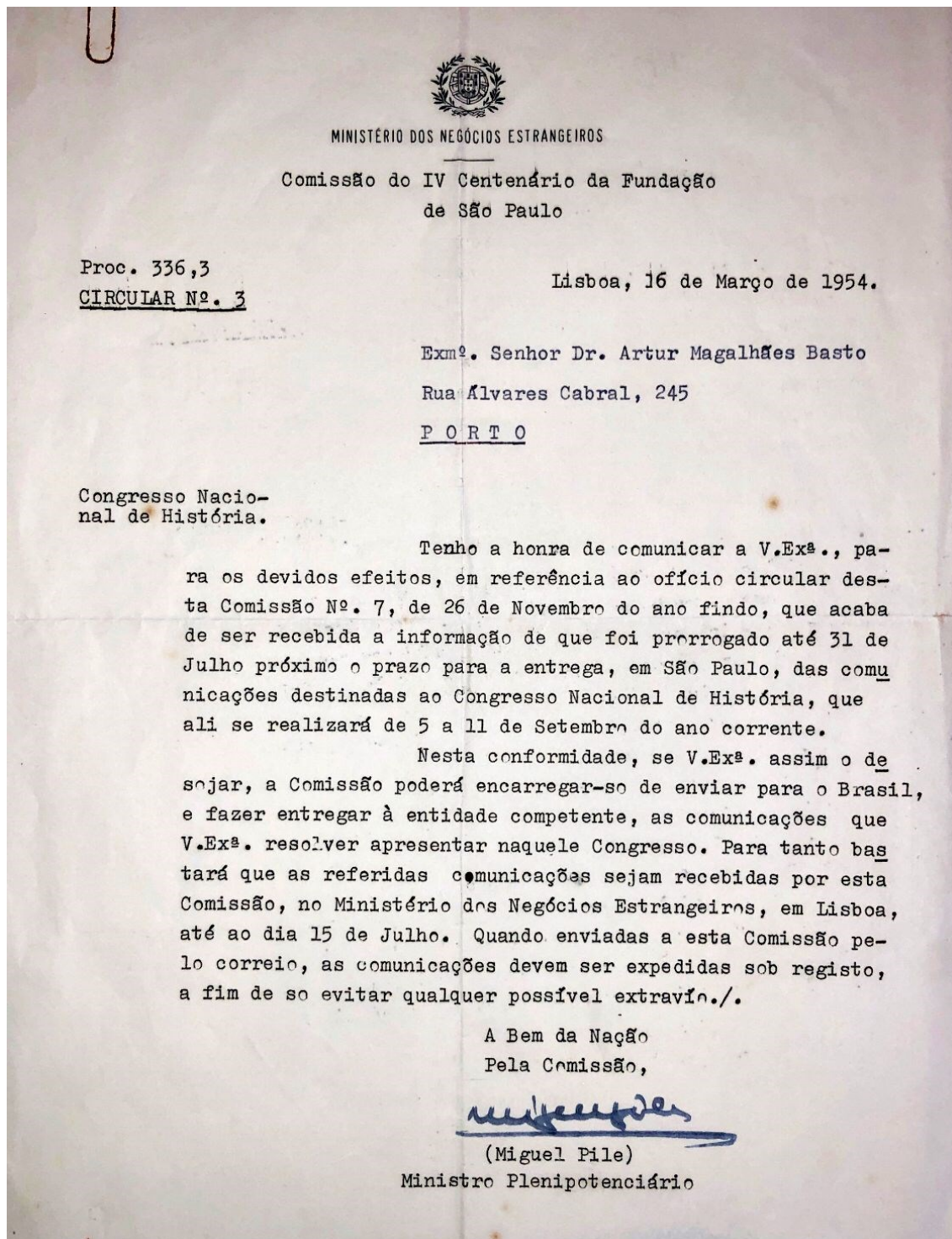
Ex.º Senhor

Dr. Mafalda Basto
R. Alvaro Cabral 245
R. Brach, 213
Porto

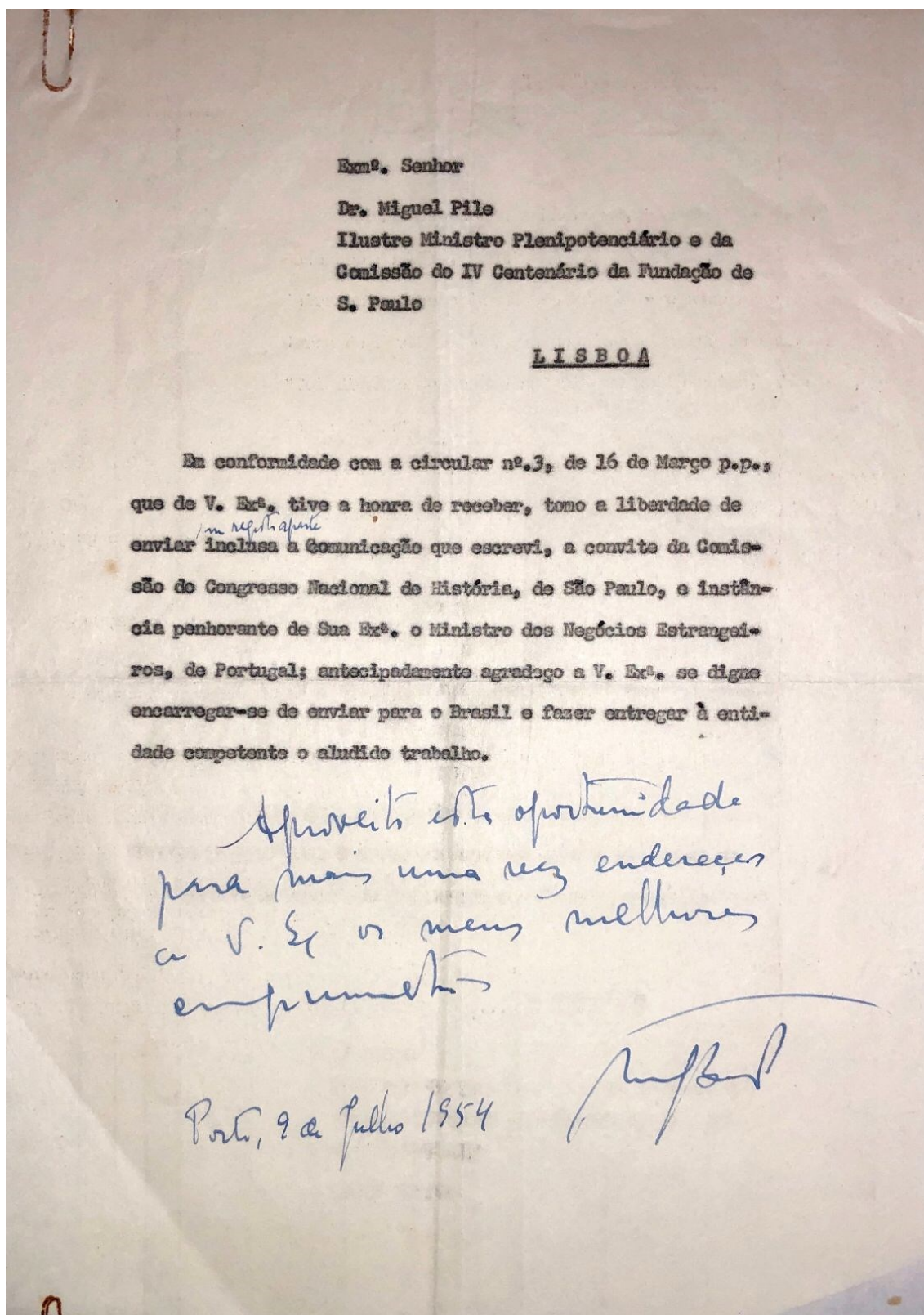
Verissimos - 1000 ex. 4-10-952

Documento 121

Congresso Nacional de História em S. Paulo 1954 Março 16 [circular], convite para AMB, para participar no Congresso, em S. Paulo.



- a) AMB 1954 Julho 9 [carta] para Miguel Pile, confirmar o envio do seu trabalho para o Congresso de S. Paulo. (EF).



“A exposição bibliográfica evocativa da obra do dr. AMB”, 1961 Fevereiro 28, na BPMP. [Imprensa]

io do Porto 28 fev. 1961

**A exposição bibliográfica
evocativa da obra
do dr. Artur Magalhães Basto
foi, ontem, inaugurada
pelas autoridades do distrito,
na Biblioteca Pública Municipal**

Integrada no programa de homenagens póstumas a prestar pela Câmara Municipal do Porto ao dr. Artur de Magalhães Basto, seu antigo chefe de Repartição dos Serviços Culturais e Sociais, realizou-se, ontem, à tarde, na Biblioteca Pública, a inauguração de uma exposição bibliográfica, evocativa da obra daquele saudoso escritor, investigador e cronista da nossa cidade.

A exposição estende-se por uma das salas, existentes no rés-do-chão daquela Biblioteca, e estiveram presentes à cerimónia inaugural os srs. eng. José Albino

sempre um sinal de si próprio na inconfundível maneira de dizer e escrever, distinguindo-se também, mesmo no trabalho mais ameno, pela escrupulosa citação das fontes a que recorria.

E prosseguiu:

— Não foi apenas portuense de nascimento porque o foi, sobretudo, pelo entranhado amor à terra natal, pelo seguro conhecimento do seu passado de glórias e de todo o esforço dos seus naturais, pela maneira dedicada — e sacrificada — como sempre a serviu.

Recordou, seguidamente, algumas das actividades do homenageado, exaltando as suas virtudes morais e profissionais, como professor da antiga Faculdade de Letras do Porto, como conservador do cartório da Santa Casa da Misericórdia e seu cronista, como conservador da secção de manuscritos da Biblioteca Pública Municipal, como director do Gabinete de História da Cidade, como Chefe dos Serviços Culturais do Município e Director do Arquivo Distrital do Porto, como vogal da direcção e professor do Centro de Estudos Humanísticos, e como director da revista «O Tripeiros».

E afirmou:

— Ainda em sua vida, o dr. Magalhães Basto pôde ver o seu labor probado e os serviços que prestou à nossa historiografia consagrados pela Universidade de Coimbra, através da publicação, em volume que se integra numa das colecções da «Alma Mater» conimbricense, de vários dos seus estudos. Outros dos seus trabalhos vão ser agora



O sr. dr. António Cruz lê o elogio feito ao dr. Artur de Magalhães Basto

O sr. dr. António Cruz lê o elogio feito ao dr. Artur de Magalhães Basto

Machado Vaz, presidente do município; dr. Vitor Manuel Lopes Dias, pelo governador civil do distrito; prof. dr. Laroze Rocha, em representação do reitor da Universidade; rev. Moreira da Rocha, pelo Administrador Apostólico da diocese; dr. Abel de Campos, Procurador da República; tenente Paranhos, pela P. S. P.; eng. Mário Borges, presidente da Associação Industrial do Porto; dr. Jaime Pinto Ferreira, director do Gabinete de História da Cidade; dr. Domingos Braga da Cruz, provedor da Santa Casa da Misericórdia; Russel de Sousa, presidente da Comissão concelhia da U. N.; prof. dr. Hernani Montelero; D. Maria Isabel Guerra Junqueiro, dr. Alberto Dias Sousa Uva, presidente da direcção da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; prof. dr. Luis de Pina, presidente do Centro de Estudos Humanísticos; dr. Maurice Villemur, director do Instituto Francês do Porto; Agostinho Salgado, pelo Museu Nacional de Soares dos Reis; José Mesquita, pelo Ateneu Comercial do Porto; João Silva, pelo Clube Fenianos Portugueses; eng. Kol d'Alvarenga, pelos «Amigos do Porto»; escritores, jornalistas, representantes de outros organismos culturais e artísticos, directores e funcionários superiores dos vários Serviços municipalizados, e amigos do extinto.

Entre as pessoas de família do homenageado encontravam-se sua filha sr.^a D. Maria José Mendes Correia Magalhães Basto Cunha Viegas, com seu marido sr. Luis de Sousa Viegas; e seus filhos srs. eng. João Magalhães Basto, com sua esposa sr.^a D. Maria dos Anjos Gramacho Magalhães Basto; e dr. Pedro Magalhães Basto, com sua esposa sr.^a D. Maria Teresa Tavares Távora de Magalhães Basto; e, ainda, o sr. Luis Barroso, genro do homenageado.

O director da Biblioteca Pública Municipal evocou a memória do homenageado

Na tarde de uma exposição bibliográfica, o sr. dr. António Cruz, director da Biblioteca Pública Municipal do Porto, usou da Palavra, começando por recordar:

— Por seu despacho de 17 de Outubro do ano passado, o sr. presidente do Município autorizou a Biblioteca Pública Municipal a promover uma exposição bibliográfica da obra do escritor dr. Artur de Magalhães Basto, integrando-a num conjunto de homenagens a prestar pela Câmara Municipal ao seu saudoso chefe dos Serviços Culturais e Sociais. É essa a exposição que hoje se inaugura e que há-de manter-se aberta, pelo menos, até 5 de Março, pois nesse dia, se a morte o não tivesse prostrado para sempre, havia de completar 67 anos aquele que foi o mais dedicado e sabedor, o mais culto e esclarecido, o mais persistente e operoso cronista da cidade. E que foi também um escritor de apurados dotes. E ainda, em todo o domínio da Literatura como no da História, um investigador que não conhecia fadiga ou desânimo, quando era preciso levar até ao limite do possível a averiguação de um pormenor fundamental.

Não era possível expor aqui todos os estudos do escritor, por serem em número muito aproximado de dois milheiros, por exemplo, aqueles que foram publicados no jornal «O Primeiro de Janeiro», boletins e revistas. Mas os trabalhos reunidos nesta sala ajudam-nos a esboçar o retrato do escritor, dizendo-nos já o que foi o dr. Artur de Magalhães Basto, no livro como na conferência, na palestra radiofónica, no artigo ligeiro de jornal ou na crónica de revista: é que o investigador deixava

reunidos em dois volumes, a publicar pelo Município, por assim o haver também determinado o seu presidente. Não podia aspirar a consagração maior nem mais expressiva quem consumiu mais de quarenta anos na investigação desinteressada.

E depois de proferir sentidas palavras de saudade pelo homenageado, concluiu:

— Ficou-nos, com a saudade, o seu exemplo de perseverança e de labor honesto. Perpetuando-lhe a memória, esse exemplo há-de lembrar-nos, a todo o momento, que ele foi uma das mais altas figuras do Porto culto. E é o portuense ilustre que hoje recordamos aqui.

Uma calorosa e prolongada salva de palmas envolveu as palavras do orador.

A visita à Exposição

No final, os presentes percorreram demoradamente a exposição bibliográfica evocativa da obra do dr. Artur de Magalhães Basto, cujo busto, de autoria de Pinto do Couto, se ergue na ampla sala onde pode admirar-se o intenso labor intelectual daquele escritor, através de todos os seus livros, de milhares de artigos, dispersos por jornais e por revistas, de apontamentos seus sobre manuscritos que estudou na Biblioteca, de documentos diversos que deixou e, ainda, da sua actividade em «O Tripeiro», de que foi director.

NOTICIARIO RELIGIOSO

MARÇO, 1 — Da féria. 3.^a cl. — Missa própria, sem Glória, oração sobre o povo.

Paramentos de cor roxa.

LAUSPERENES — Nas igrejas: do Terço, das 10 e meia às 15 horas; da Trindade, das 10 às 15 horas; da Vitória, das 10 às 15 horas; do Hospital de Crianças Maria Pia, das 6 e meia às 17 horas.

Na sua passagem de Anadia para Agueda, Sangalhos prestou apoteótica recepção às reliquias do Santo Condestável

SANGALHOS, 27 — Esta vila recebeu, hoje, pelas 16,30 horas, as sagradas reliquias do Santo Condestável, na sua passagem de Anadia para Agueda. A recepção foi, verdadeiramente, apoteótica. O cortejo interminável de carros acompanhou-as, desde Anadia até à sua entrega às autoridades de Agueda, no limite do concelho. Em Sangalhos, no Largo de S. Vicente, eram as reliquias aguardadas por grande multidão, com os alunos, director e professores do Colégio Infante D. Henrique, professores e crianças de todas as escolas da freguesia e bandeira. Duas crianças das escolas de Sangalhos ofereceram dois ramos de flores. O cortejo era presidido pelo sr. Bispo de Aveiro, acompanhado das autoridades do concelho, representantes do comércio e indústria locais. A sua chegada ao local da concentração, as reliquias foram saudadas com uma salva de 21 tiros e repiques dos sinos da igreja paroquial. Em nome da Juventude, proferiu admirável discurso, o aluno do Colégio Infante D. Henrique, Eleutério Machado. O sr. Bispo de Aveiro fez, também, uma vibrante

Na Biblioteca Pública Municipal do Porto

foi ontem inaugurada uma exposição bibliográfica da obra do dr. Artur Magalhães Basto

A Câmara Municipal do Porto iniciou ontem, com uma exposição bibliográfica da obra do dr. Artur de Magalhães Basto, uma série de homenagens à memória daquele seu qualificado funcionário, que foi um escritor devotado à investigação, notável cronista da cidade e distinto colaborador de «O Primeiro de Janeiro». A exposição foi inaugurada, pelas 16 horas, na Biblioteca Pública Municipal do Porto, tendo constituído um acontecimento de interesse no meio cultural portuense.

Na sala do rés-do-chão onde está patente a exposição, vê-se um busto do dr. Magalhães Basto, da autoria do escultor Pinto do Couto, e dezenas de obras do escritor: numerosos volumes de «O Primeiro de Janeiro», em cujas páginas deixou mais de um milhar de artigos da sua valiosa série: «Falam Velhos Manuscritos»; a última série da revista «O Tripeiros», de que foi director, e diversos documentos e manuscritos de indiscutível interesse.

Na cerimónia inaugural, estiveram presentes, entre muitas outras individualidades, os srs. eng. José Vaz, presidente do Município; dr. Vitor Lopes Dias, pelo chefe do distrito; prof. Luís de Pina, presidente do Centro de Estudos Humanísticos; prof. Laroze Rocha, director da Faculdade de Farmácia; rev. Moreira da Rocha, em representação do administrador apostólico da diocese; dr. Abel Campos procurador da República; representantes do Ateneu Comercial, Fenianos, Associação dos Jornalistas Amigos do Porto e outras colectividades culturais; eng. Mário Borges, presidente da Associação Industrial do Porto; prof. dr. Hernani Monteiro; dr. Braga da Cruz, provedor da Misericórdia; Maurice Villemur, director do Instituto Francês, no Porto; dr. Pinto Ferreira, director do Gabinete de História da Cidade; eng. Custódio Guimarães, pela Liga dos Combatentes, etc., além dos filhos e outros parentes do homenageado.

O elogio do dr. Magalhães Basto feito pelo director da Biblioteca

O sr. dr. António Cruz, director da Biblioteca Municipal do Porto, ao referir-se à exposição, afirmou:

— Não era possível expor aqui todos os estudos do escritor, por serem em número muito aproximado de dois mil, por exemplo, aqueles que foram publicados no jornal «O Primeiro de Janeiro», boletins e revistas. Mas os trabalhos reunidos nesta sala ajudam-nos a esboçar o retrato do escritor, dizendo-nos já o que foi o dr. Artur de Magalhães Basto, no livro, como na conferência, na palestra radiofónica, no artigo ligeiro de jornal ou na crónica de revista: é que o investigador deixava sempre um sinal de si próprio na inconfundível maneira de dizer e escrever distinguindo-se também, mesmo no trabalho mais ameno, pela escrupulosa citação das fontes a que recorria.

Homenagem a um profissional gráfico com mais de meio século de actividade

Ao completar cinquenta e dois anos de actividade profissional ao serviço de «O Primeiro de Janeiro» foi ontem alvo de calorosa homenagem de simpatia e apreço o nosso antigo companheiro de trabalho Alvaro Brandão, subchefe da tipografia deste jornal. Essa manifestação foi promovida pelo nosso quadro gráfico a que se associaram representantes das várias secções de «O Primeiro de Janeiro».

Exaltando as elevadas qualidades de carácter e de brioso profissional de Alvaro Brandão, assinaladas no exercício das suas funções e durante mais de meio século com inteligência, apuro e correcção, falaram Rafael Silva, chefe da Tipografia; Carlos Soares Fernandes, Fernando Mendes e José Xavier Alves, do quadro gráfico; e os nossos camaradas Mário de Figueiredo e Gabriel Maia. Por fim, comovidamente, Alvaro Brandão manifestou agradecimentos pela homenagem com que o distinguiram os seus companheiros de trabalho.

Durante a festiva reunião, que decorreu animadamente, foi recordado, com o devido respeito, o nosso director e saudado, entre demorados aplausos — saudação registada num expressivo telegrama enviado.

Ao homenageado, que recebeu numerosos telegramas de felicitações, foi-lhe entregue, como recordação da emotiva festa de sentida camaradagem, um valioso e útil objecto.

E prosseguindo:

— Não foi apenas portuense de nascimento por que o foi, sobretudo, pelo entranhado amor à terra natal, pelo seguro conhecimento do seu passado de glórias e de todo o esforço dos seus naturais, pela maneira dedicada — e sacrificada — como sempre a serviu. Chamado ao desempenho de funções várias, multiplicou-se em actividades do espirito não esfarrapam a vida e que não carecem, por isso, daquela suficiente remuneração que permita uma relativa tranquilidade durante as curtas horas de repouso e que todo o homem tem direito. Mas aí, nessas actividades várias, o dr. Artur de Magalhães Basto foi sempre igual a si próprio, infatigável cumpridor do dever e vivendo sob o domínio da preocupação de prestigiar a função que lhe estava confiada.

«Foi assim, como professor da antiga Faculdade de Letras do Porto, como conservador do cartório da Santa Casa da Misericórdia e seu cronista, como conservador da secção de manuscritos da Biblioteca Pública Municipal, como director do Gabinete de História da Cidade, como chefe dos Serviços Culturais do Município e director do Arquivo Distrital do Porto, como vogal da direcção e professor do Centro de Estudos Humanísticos, como director da revista «O Tripeiros», foi assim que o dr. Artur de Magalhães Basto legou uma obra e também um exemplo — uma obra difícil de continuar e um exemplo que só a raros poderá aproveitar, por também serem muito raros os que dispõem de formação intelectual para tanto.

«Para além do exercício das funções burocráticas e das ocupações de ordem intelectual ocorrentes no dia-a-dia — e a todas essas as vivia intensamente o malogrado escritor e escrupuloso investigador — outros anseios dominavam ainda, de anos a esta parte, o dr. Artur de Magalhães Basto. Tais eram: o estudo, no pormenor, da chamada «Crónica dos Cinco Reis», precioso manuscrito desta Biblioteca que parece conter, com muitas probabilidades, um texto de Fernão Lopes; a conclusão da sua «História da Santa Casa da Misericórdia do Porto», da qual foi publicado, há anos, o primeiro volume, procedendo-se agora à impressão das últimas páginas que redigiu para o segundo, por modo a publicar ainda com o seu nome, uma parte desse tomo; e também a publicação da «História da Cidade do Porto», para a qual redigiu um plano que será escrupulosamente cumprido por aqueles a quem coube suceder-lhe na direcção e execução da sua iniciativa.

«Ainda em sua vida, o dr. Magalhães Basto pôde ver o seu labor probo e os serviços que prestou à nossa historiografia consagrados pela Universidade de Coimbra através da publicação, em volume que se integra numa das colecções da «Alma Mater» coimbricense, de vários dos seus estudos. Outros dos seus trabalhos vão ser agora reunidos em dois volumes a publicar pelo Município, por assim o haver também determinado o presidente. Não podia aspirar a consagração maior nem mais expressiva quem consumiu mais de quarenta anos na investigação desinteressada.

A concluir, o sr. dr. António Cruz afirmou que era sob o domínio da saudade que proferia aquelas palavras sobre uma das mais altas figuras do Porto culto.

A exposição manter-se-á aberta até 5 de Março, dia em que o dr. Magalhães Basto completaria 67 anos.

Vida Artística

EXPOSIÇÃO DE OLEOS, EM AVEIRO

AVEIRO — O conhecido artista plástico visense António de Almeida vai efectuar uma exposição de quadros a óleo no salão nobre do Teatro Aveirense, de 2 a 12 de Março.

J. Not.

Homenageando um portuense ilustre

28 fev
1962

Na Biblioteca Municipal

foi inaugurada uma exposição
que recorda a obra notável
do dr. Artur de Magalhães Basto

Como primeiro acto de um programa de homenagens a prestar pelo Município portuense, ao seu antigo chefe da Repartição dos

Serviços Culturais e Sociais, dr. Artur de Magalhães Basto, foi inaugurada ontem, pelas 16 horas, na Biblioteca Pública Municipal, uma expressiva exposição bibliográfica da obra desse ilustre escritor.

Compreende o certame centenas de trabalhos — impressos e manuscritos — daquele que foi, no autorizado dizer do director da referida biblioteca, «o mais dedicado e sabedor, o mais culto e esclarecido, o mais persistente e operoso cronista da cidade. E que foi, também, um escritor de apurados dotes; e ainda, em todo o domínio da Literatura como no da História, um investigador que não conhecia fadiga ou desânimo, quando era preciso levar até ao limite do possível a averiguação de um pormenor fundamental».

Assistiram ao acto inaugural da exposição os srs. eng.º Machado Vaz e dr. Frazão Nazaré, presidente e vice-presidente do Município; dr. António Cruz, director da Biblioteca Pública Municipal; dr. Ferreira Lobo, que sucedeu ao saudoso escritor homenageado no cargo de chefe da Repartição dos Serviços Culturais e Sociais; dr. Carlos Lobo, director dos Serviços Centrais e Culturais; António Pinto Machado, director do Palácio de Cristal; assim como outros directores de Serviços da Câmara do Porto e ainda vários elementos da família do sr. dr. A. de Magalhães Basto — nomeadamente seus filhos sr.ª D. Maria José Mendes Correia Magalhães Basto Cunha Viegas, eng.º

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)



Pormenor da visita inaugural
da exposição ontem aberta ao
público na Biblioteca Municipal
do Porto

(CONTINUADO DA 1.ª PÁGINA)

João de Magalhães Basto e dr. Pedro de Magalhães Basto; e seus genros, sr. dr. Luís da Cunha Viçgas, sr.ª D. Maria dos Anjos Graciano Magalhães Basto e D. Maria Teresa Tavares e Távora da Magalhães Basto; e sr. Luís Barroso.

Associaram-se também à cerimónia as figuras mais representativas de todas as actividades sociais da cidade, como os srs. dr. Vitor Lopes Dias, que representava o chefe do distrito; prof. dr. Laroze Rocha, director da Faculdade de Farmácia, em representação do reitor da Universidade; dr. Abel Campos, procurador da República junto da Relação; dr. Domingos Braga da Cruz, delegado de Saúde e provedor da Misericórdia; prof. dr. Luís de Pina, pelo Centro de Estudos Humanísticos; tenente António Paranhos, pelo comando da P. S. P. do Porto; rev. padre Moreira da Rocha, representando o administrador apostólico da diocese; os nossos camaradas Manuel de Azevedo e José Mesquita, pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e pelo Ateneu Comercial, respectivamente; Jaime Silva, pelo Clube Penianos Portuenses; eng.º Mário Borges, presidente da Associação Industrial Portuense; eng.º Koi de Alvarenga, pela Associação «Amigos do Porto»; eng.º Custódio Guimarães, presidente da Agência do Porto da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; eng.º João de Brito e Cunha, director do Instituto do Vinho do Porto; prof. dr. Hernâni Monteiro, D. Maria Isabel Guerra Junqueiro, pintor Agostinho Salgado, pelo Museu de Soares dos Reis; Russel de Sousa, pela comissão distrital da U. N.; dr. Maurice Villemur, director do Instituto Francês do Porto, etc.

Revestindo-se de tocante simplicidade, a cerimónia inaugural da notável exposição teve a culminância algumas palavras proferidas pelo sr. dr. António Cruz, que, depois de aludir ao significado da iniciativa, afirmou: «Não era possível expor aqui todos os estudos do escritor, por serem em número muito aproximado de dois milheiros, por exemplo, aqueles que foram publicados no jornal «O Primeiro de Janeiro», boletins e revistas. Mas os trabalhos reunidos nesta sala ajudam-nos a esboçar o retrato do escritor, dizendo-nos já o que foi o dr. Artur de Magalhães Basto, no livro como na conferência, na palestra radiofónica, no artigo ligeiro de jornal ou na crónica de revista: é que o investigador deixava sempre um sinal de si próprio na inconfundível maneira de dizer e escrever, distinguindo-se também, mesmo no trabalho mais ameno, pela escrupulosa citação das fontes a que recorria».

E prosseguiu: «Não foi apenas portuense do nascimento porque o foi sobretudo, pelo entranhado amor à terra natal, pelo seguro conhecimento do seu passado de glórias e de todo o esforço dos seus naturais, pela maneira dedicada — e sacrificada — como sempre a serviu.

Chamado ao desempenho de funções várias, multiplicou-se em actividades. E aí, nessas actividades várias, o dr. Artur de Magalhães Basto foi sempre igual a si próprio, infatigável cumpridor do dever e vivendo sob o domínio da preocupação de prestigiar a função que lhe estava confiada».

Continuando no uso da palavra, disse, depois, o sr. dr. António Cruz: «Foi assim, como professor da antiga Faculdade de Letras do Porto, como conservador do cartório da Santa Casa da Misericórdia e seu crónista, como conservador da secção de manuscritos da Biblioteca Pública Municipal, como director do Gabinete de História da Cidade, como chefe dos Serviços Culturais do Município e director do Arquivo Distrital do Porto, como vogal da direcção e professor do Centro de Estudos Humanísticos, como director da revista «O Tripeiro», foi assim que o dr. Artur Magalhães Basto legou uma obra e também um exemplo — uma obra difícil de continuar e um exemplo que só a raros poderá aproveitar, por também serem muito raros os que dispõem de formação intelectual para tanto».

«Para além do exercício das funções burocráticas e das preocupações de ordem intelectual ocorrentes no dia a dia — e a todas essas as viava intensamente o malogrado escritor e escrupuloso investigador — outros anseios dominavam ainda, de anos a esta parte, o dr. Artur de Magalhães Basto. Tais eram: o estudo, no pormenor, da chamada «Crónica dos Cinco Reis», precioso manuscrito desta Biblioteca que parece conter, com muitas probabilidades, um texto de Fernão Lopes; a conclusão da sua «História da Santa Casa da Misericórdia do Porto», da qual foi publicado, há anos, o primeiro volume, procedendo-se agora à impressão das últimas páginas que redigiu para o segundo, por modo a publicar, ainda com o seu nome, uma parte desse tomo; e também a publicação da «História da Cidade do Porto», para a qual redigiu um plano que será escrupulosamente cumprido por aqueles a quem coube suceder-lhe na direcção e execução da sua iniciativa».

Referindo, seguidamente, outras actividades do dr. Magalhães Basto, o director da Biblioteca Públi-

ca Municipal disse que o saudoso escritor «pode ver o seu labor produtivo e os serviços que prestou à nossa historiografia consagrados pela Universidade de Coimbra, através da publicação, em volume que se integra numa das colecções da «Alma Mater» conimbricense, de vários dos seus estudos. Outros dos seus trabalhos vão ser agora reunidos em dois volumes a publicar pelo Município, por assim o haver também determinado o seu presidente. Não podia aspirar a consagração maior nem mais expressiva quem consumiu mais de quarenta anos na investigação desinteressada».

E concluiu: «E sob o domínio da saudade que hoje se profere aqui estas palavras, assinalando a abertura da exposição bibliográfica da obra do dr. Magalhães Basto. Saudade do amigo prestante, do camarada leal, do conselheiro de sempre, do mestre que o é mesmo para além da morte. Não sentimos a sua falta apenas naquele momento em que Deus o chamou, pois havemos de senti-la sempre e bem profundamente de toda a vez que nos falecer o estímulo da sua amizade, o amparo da sua camaradagem, o estímo forte do seu conselho e o fruto da sua lição. Ficou-nos, com a saudade, o seu exemplo de perseverança e de labor honesto. Perpetuando-lhe a memória, esse exemplo há-lo lembrar-nos, a todo o momento, que ele foi uma das mais altas figuras do Porto culto. E é o portuense ilustre que hoje recordamos aqui».

A exposição estará aberta até ao dia 5 de Março

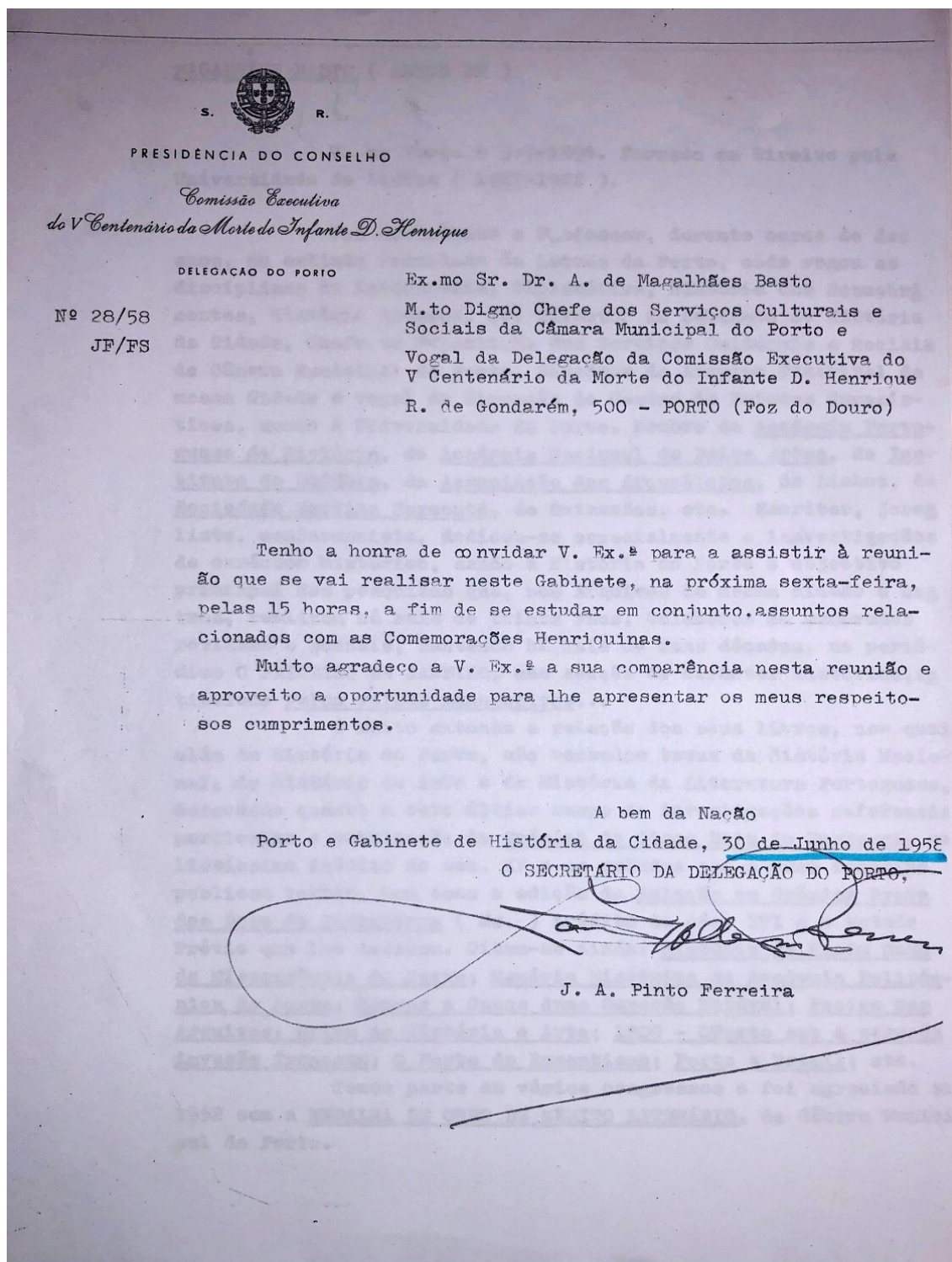
Depois das palavras do director da Biblioteca Municipal, a exposição foi demoradamente visitada.

O certame estará patente ao público até, pelo menos, ao dia 5 do próximo mês de Março — data que assinala o 67.º aniversário do nascimento do saudoso escritor.

Homenagem à memória do dr. Magalhães Basto

Documento 123

«Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique». 1958 Junho 30 [Cartas] para AMB.





PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

*Comissão Executiva
do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique*

DELEGACÃO DO PORTO

Ofº Nº 60/59

JF/FS

Ex.mo Sr. Dr. A. de Magalhães Basto

Dig.mo Vogal da Delegação da Comissão Executiva
do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique

Rua de Gondarém, 500 - PORTO

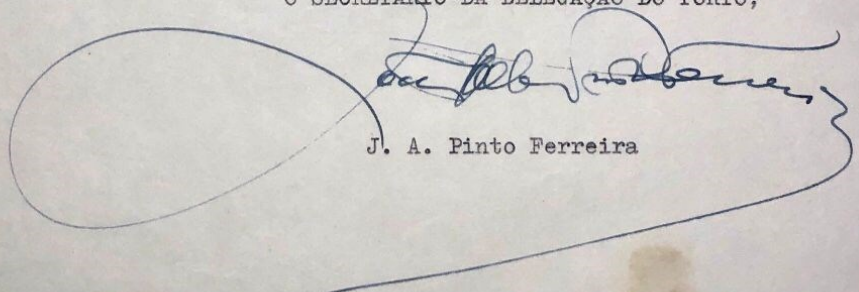
Por indicação do Sr. Presidente desta Delegação, ~~o~~ Prof. Doutor Fernando Domingues Magano, tenho a honra de convidar V. Ex.ª para assistir à reunião que se vai realizar neste Gabinete, no próximo dia 12 (quinta-feira), pelas 17,30 horas, a fim de se estudarem vários assuntos relacionados com as Comemorações Henriquinas, a levar a efeito nesta Cidade.

Espero ficar a dever a V. Ex.ª a atenção da sua presença nesta reunião e aproveito a oportunidade para lhe apresentar os meus respeitosos cumprimentos.

A bem da Nação

Porto e Gabinete de História da Cidade, 6 de Março de 1959.

O SECRETÁRIO DA DELEGACÃO DO PORTO,

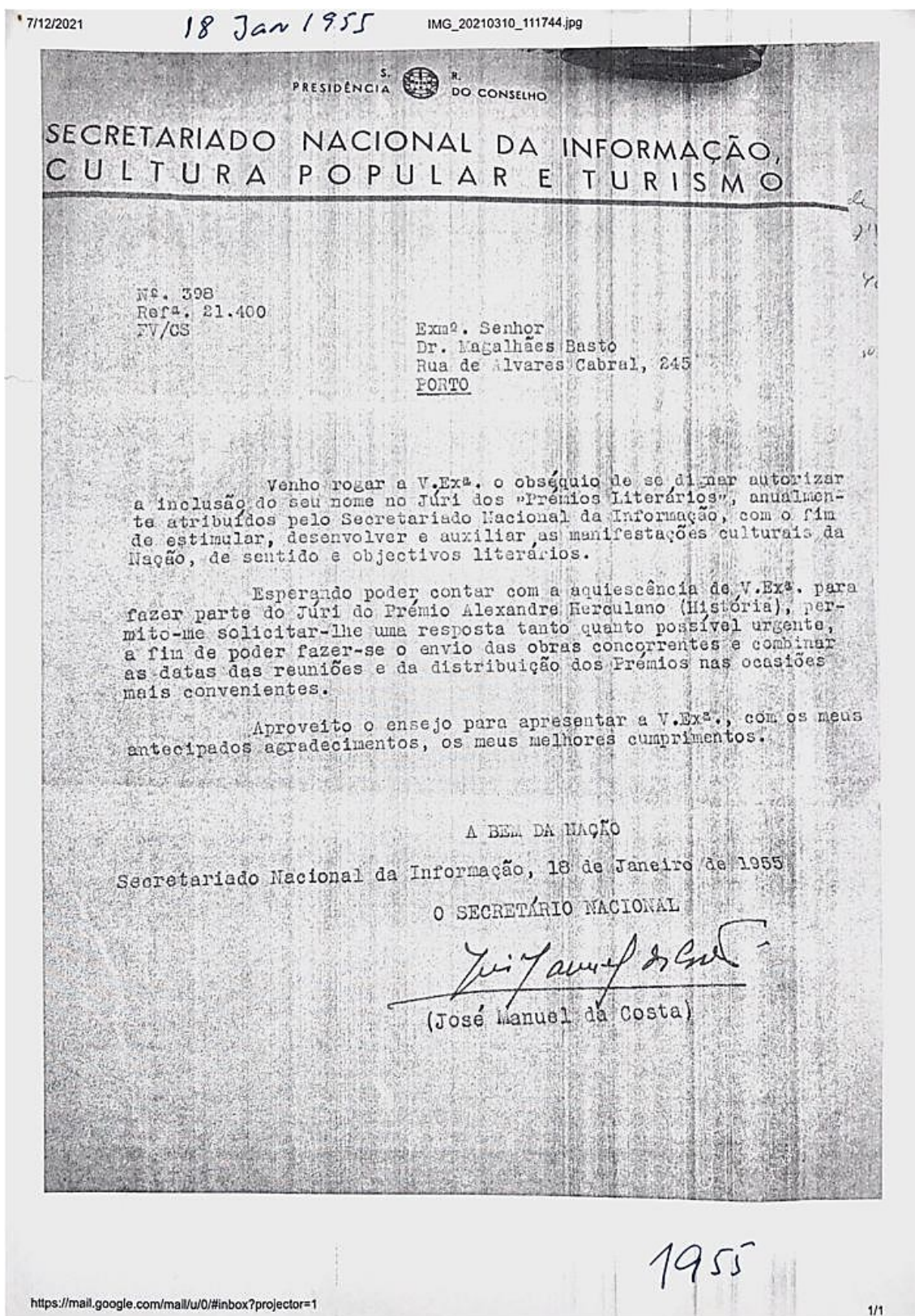


J. A. Pinto Ferreira

Documento 124

«Prémios Literários» do SNI.

a.[Circular] do SNI para AMB. 1955 Janeiro 18



b. "Os Prémios Literários do S.P.N. foram hoje proclamados", [Imprensa] *Diário de Lisboa*, 1 de Julho de 1944.

ANO 24.º SÁBADO, 1 DE JULHO DE 1944 N.º 7759

Diário de Lisboa

Director: JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, composição e impressão: RUA LUZ SORIANO, 44

TEL. 2003 - 2 001, 2 002 e 2 003



Um aspecto do almoço no Circulo Eça de Queiroz

POLÍTICA DO ESPÍRITO

Os prémios literários do S. P. N. foram hoje proclamados

Os juristas dos nossos Prémios Goncourt, que, a-fim, são doze, reuniram-se hoje, como é de tradição, num almoço — um modesto almoço de guerra — onde o luxo, de sol e de flores, foi inteiramente gratuito. O repasto decorreu espiritualmente animado. Presidiu António Ferro, a quem se deve a instituição dos prémios, que dava a direita à escritora sr.ª D. Maria de Carvalho, e

a esquerda ao sr. coronel Costa Veiga, director da Biblioteca Nacional. E mais uma dezena de convivas, sentados sem protocolo, abordando-se, ou repellido-se ao acaso dos temas propostos. Na direita alta, viam-se os srs. drs. Mario Belrao e Vasco de Mendonça Alves — um poeta e um dramaturgo, falando, talvez, de Shakespeare. Em frente, dois directores de jornais: dr. Manuel Murias e Antonio Tinoco. Dois sacerdotes, o sr. dr. Magalhães de Basto, representando, convietamente, a cidade do Norte; Reis Santos, Augusto Pinto, Carlos Queiroz, o dr. Tavares de Almeida — et j'en passe.

O romance moderno — era inevitável — o jornalismo e a literatura nas suas relações e supostos antagonismos; o ultimo salão de Primavera no S. P. N., e o proximo do outono, na Sociedade Nacional de Belas Artes, tudo isto constituiu fragmentos de dialogo, onde o critico, o moralista ou o simples observador disseram da sua verdade.

O sr. dr. Tavares de Almeida leu, na altura do Porto, os nomes dos premiados. Dir-se-ia a justiça, através duma voz grave e serena.

Seguiu-se no uso da palavra Antonio Ferro, director do Secretariado da Propaganda, escutando pela orelha indiscreta dum microfone. Falou como se conversasse, naturalmente, afirmando que a si proprio ordenaria nada dizer ali. Mas a força da tradição é tão grande que nada lhe resiste. O jornalista que ele era não esquecia que talvez fosse necessario exprimir, de certa maneira, o ambiente — simpatico e acolhedor. Os premios literarios são sempre uma batalha. Mas sem malquerenças nem irritações... a-fim, uma batalha de flores literarias — acrescentou como sempre paradoxal e inteligente, encontrando na sua palata intelectual, a nuance justa — que se ajusta ao acontecimento.

E, por fim, a saudação rapida do dr. Costa Veiga, obrigado pelo seu duplo cargo de membro dum dos juristas e de director da Biblioteca.

Eis o nome dos premiados:

Prémios literários

«PREMIO CAMOES-1943» — Concorreram 11 trabalhos. O premio, de 20.000\$00, foi atribuido por maioria, ao livro «Portugal in Quest of Prestes John», de Elaine Sanceau. O juri resolveu conceder um voto de louvor ao livro «Salazar» de F. C. G. Egerton.

«PREMIO ALEXANDRE HERCULANO (HISTORIA)» — 8.000\$00 — Concorreram 8 obras. O premio foi atribuido, por unanimidade, ao livro «A Empresa portuguesa no Oriente», de

Os patriotas franceses intensificam a sua actividade sobre os meios de comunicação

LONDRES, 1.—Nos circulos franceses desta cidade declara-se que foram inutilizadas mais ligações telefonicas importantes e cabos de alta tensão, na França central, que não poderão ser reparados nos proximos meses. As linhas de Eguzon — uma das mais importantes geradoras electricas da França — para Chavigny, Bourges, Langley e Chalet, encontram-se entre as danificadas.

No Departamento do Meurthe-et-Moselle, 24 comboios foram descarrilhados e 5 locomotivas e 54 vagões destruidos, assim como varios vagões-cisternas. O tráfego em varias linhas foi suspenso por periodos que variam entre 4 e 60 horas. Durante estas operações, foram mortos 5 alemães e 12 franceses.

Na estação de Quenoy foi destruida e foram cortadas as linhas de Lille-Charleville, Bruxelas-Paris, e Paris-Lendrecies. Na mesma região foi executado um agente da Gestapo. — (Reuter).

Foi interrompida a linha ferrea com a Suíça

MADRID, 1.—Noticias de França dizem que as comunicações ferroviarias entre a França e a Suíça estão cortadas totalmente por intermedio do «maquis». Os passageiros são forçados a um desvio pela Belgica e pela Alemanha. — (U. P.).

(Continua na pag. central)

A adjudicação dos premios literários e artisticos do S. P. N.

(Continuação da 1.ª pag)

Eduardo Couto Lupi. O juri resolveu conceder votos de louvor aos trabalhos «Lisboa de lés a lés», de Luiz Pastor de Macedo, e «Subsidios para o estudo das feiras medievais portuguesas» de Virginia Rau.

PREMIO ANTERO DE QUENTAL (POESIA) — 5.000\$00 — Concorreram 6 obras. O premio foi atribuido, por maioria, ao livro «Cancioneiro», de Cabral do Nascimento. O juri resolveu conceder votos de louvor ás obras «As tuas mãos misericordiosas», de Candido Guerreiro, «Deus», de Miguel Trigueiros, e «Horizonte Fechado», de Natercia Freire.

PREMIO GIL VICENTE (TEATRO) — 5.000\$00 — Concorreram 2 peças. O juri resolveu, por unanimidade, não atribuir o premio.

PREMIO MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO (LITERATURA INFANTIL) — 3.000\$00 — Concorreram 7 obras. O premio foi atribuido, por unanimidade, ao livro «Historia de Portugal para meninos preguiçosos», de Olavo de Eça Leal.

PREMIO ANTONIO ENES (JORNALISMO — DOCTRINA OU POLEMICA) — 2.000\$00 — Concorreram 9 trabalhos. O premio foi atribuido por maioria aos artigos «Escandalo da Verdade», de José Sebastião da Silva Dias.

PREMIO AFONSO DE BRAGANÇA (JORNALISMO — REPORTAGEM) — 2.000\$00 — Concorreram 11 reportagens. O premio foi atribuido, por maioria, ao trabalho «No XVII aniversario da Revolução Nacional», de José Augusto. O juri resolveu conceder votos de louvor ás reportagens «Itinerario da Galiza», de Hugo Rocha, e «Mousinho visto pelo seu impedido», de Augusto Fraga.

Prémios artisticos

PREMIO COLUMBANO — 10 contos, a Frederico George.

PREMIO SOUSA CARDOSO — 5 contos a Mily Possoz.

PREMIO MESTRE MANUEL PEREIRA — 5 contos a J. Martins Correia.

MENÇÃO HONROSA — A Cicero Dias e a Stephen Gistfardo.

c.SPN, Confraternizações (EF)



Círculo Esp. de Amizades
(Lisboa)
14 de Dezembro 1948
antes do almoço tradicional
de proclamação dos Premios
do Concurso de Premios
Literarios do S. N. T.

No Avenida Palace, de 1945
19-21-48
Festa 1.ª de aniversário
dos prémios lit. do SNT
de 1945-1946

José Relvas e AMB [correspondência]

Ex^{mo} Senhor José B.
e meu q^{mo} Amigo

Nas carinhosas palavras com que possa exprimir
a V. Ex^{ta} os ^{meus} sentimentos e reconhecimentos pelas
atencões constantes, pelo carinho, pelas genti-
lezas sem conta ^{que recebemos} ~~que fomos alvo~~ na fidelidade
e acolhedora casa dos Patudos. ~~Thomaz~~
A caravana invadiu o Templo, mas não
foi expulsa; pelo contrário foi ~~tratada~~
com tais diálogos que até os muros
de Arte; acordam os ecos ^{das vozes} das salas,
quebram o silêncio religioso das grandes
salas, revolucionam o palácio durante
mais de uma semana: ^{e em classificaria que pro-} ~~disse que por uma~~
^{dimento como um} ~~vabuso da~~ ^{mostrado} ~~na~~ ^{mais por fazer do que por} ~~parte se não V. Ex^{ta} me (não~~
~~tiverem convencido sem~~ ~~gratificação de que~~
~~mas estarem contrariados com a presença de~~
~~mas estavam contrariados com a companhia~~
~~de...~~ ~~bárbaros do norte.~~ ~~no~~ ~~matavam~~
~~em a sua presença.~~ ~~de~~
Na convivência com o actual brilhante e cultu-
mo espírito de V. Ex^{ta}, ~~mas~~ ~~caverna~~ ~~das~~ ~~intelectuais~~
os dias passavam-se para mim num encanto

inexprimivel, de que eu guardo como a mais
preciosa recordação a A Vida de Nuno' Alvares
que V. Ex.^a teve a bondade de me oferecer ^{com} ~~tão~~ ^{principalmente}
e a dedicatória de V. Ex.^a Foram dez dias, para
mim e para todos nós, foram dez dias que nunca
mais esquecerem. Os proprios dias que do ~~Pedinte~~
há de certamente ~~reter~~ ^{reter} para toda a vida recor-
dação ~~destes dias~~

Beijando as mãos a V. Ex.^a e a Senhora D^{na} Eugênia
e minha Senhora e afirmando a V. Ex.^a mais
uma vez o meu profundo agradecimento, peço
licença para me subrevenir com a mais
subida consideração e a mais alta estima
De V. Ex.^a

At.^o S.^o e Adm.^o municipal

b. José Relvas, de Alpiarça, 1927 Maio 14, [carta] para AMB.

Alpiarça 14 de Maio 1927

Exmo. Senhor Arthur de Magalhães Basto

Meu prezado Amigo

Muito me captivou a sua amabilissima carta. Com ella continuou V.Exa a expressão dos sentimentos de amizade, que o trouxeram, com a Senhora D. Maria Luiza e com seus filhos, a esta casa, onde deixaram as mais gratas e saudosas recordações. A todos os momentos relembramos os dias que nos deu a sua convivencia, com o mais sincero desejo de os vêr repetidos. Reatando essa convivencia n'uma comunidade de sentimentos e ideias -que muitas vezes me deu a impressão de muito antigas relações-, ainda nos ficará tempo para percorrer alguns campos de Portugal-seus desconhecidos- e onde

o nosso conhecimento da historia nos pô-
de fazer reviver horas bem mais gloriosas
que estas, que estamos atravessando.

Nada teem V.V.Exas a agradecer-nos. So-
mos nós que nos devemos confessar muito re-
conhecidos pela sua affectuosa companhia,
pelos extremos das suas attensões. D'ellas
conservamos as melhores recordações. As me-
lhores e as mais agradecidas.

Aproveito a occasião para lhe repetir
que tem incondicionalmente a minha modesta
bibliotheca á sua disposição. Pôde ser que
haja, entre estes livros, algum que possa
servir aos seus estudos preparatorios do
concurso, e que por acaso não exista nas
bibliothecas do Porto. E não se prenda V.
Exa com o esculpulo que aqui manifestou.

Os livros são para uso e leitura. Se fossem só para vista não teriam grande interesse.

Tenho continuado a procurar baldadamente a significação do Vll e rodizio que vimos no escudo de Affonso V. Nenhuma das Chronicas que tenho percorrido pacientemente me dá a menor indicação. N'um livro francez-La science du blason- tambem nada se encontra que possa elucidar-nos. Teremos de resolver o problema um dia, por acaso, ao percorrer algum antigo livro.

Apresentando os nossos mais respeitosos cumprimentos á Senhora D. Maria Luiza, e lembrando-nos ao seu encantador ranchinho, e com a mais viva sympathia que me subscrevo

De V. Exa

amigo muito obrigado

Amo Ribeiro

Amo Ribeiro

Documento 126

José de Figueiredo 1929 Fevereiro 9 [carta] para AMB

MUSEU NACIONAL
DE ARTE ANTIGA
CABINETE
DO
DIRECTOR

9 - II - 1929

J - Leitor

Pardoe - me o eu nas ter
reprimido de mais tempo
a carta de V. Ex. e agradecei
do a remessa dos documentos
e do opusculo. P'que meinto
comunicar a Academia
com a data e eu nas desep-
re escrever sena depois
de a realisar.

Tudo o que V. Ex. me man-
dou tem importancia e a re-
staca dos documentos mais

Tanta com o conteúdo delle.
De certo, como um hospede
Porto para tomar parte, agra-
deço, na manifestação do
dozeprim de Vanceller,
ficarei de propósito no Porto
até seguir - feio para conver-
sar com V. e ver o pari-
nel me, quando ali estiver,
você pode vir. Se V. l' per-
desse esperar-me, me segue-
-fere, ai não me falta, me
misericórdia, saia ali para
esse fim.

V. L' pode, querendo, tele-
fonar-me para ~~o~~ Hotel do
Porto, onde me hospedo, ou

pare a Foz, pare casa de
men uniuat Albert.

de V. S.

Cum a main cunderesce
unio adunio
obijet

Pre. de Foz

Drecha

J. Fyda

Documento 127

Virgílio Correia 1926 Setembro 5 [carta] para AMB.

Es.^m Senhor

Tardei em responder a carta do seu
1809 porque não dei para agradecer - lhe
seu offercedor, o que só agora me foi
possível fazer.

Felicitos sinceramente pela sua obra.
Trabalho honesto, primorosamente enca-
deado, profundamente documentado e bem
escrito. Os acontecimentos julgados com
imparcialidade. Revela-se mesmo a pres-
ença de imparcialidade.

Cumprimentos e agradeço-lhe nomead-
a sua bela contribuição para a história da
nossa terra.

Virgílio Correia
Set 1926

quando a americana se encontra sob a
sua pena e a sua obra é a sua obra

Documento 128

Ricardo Jorge 1934 Dezembro 30 [carta] para AMB.

me: 3

amor - o maestro de
 ensino colheu deusa
 e muito tempo de
 tempo, e em um dia
 ficou com um dia
 a escrever. Não
 meus os meus
 meus depois de um
 muito com ele, meu
 avô, meu filho de
 um casamento de
 uma velhice - a duma
 ventura que me deu
 vida de matrícula
 do U. E. T. E. "Devido
 a minha vida em
 uma e outra escola
 acadêmica. Uma vez
 morar pouco de
 mais. Não a perco
 ter esse artigo.
 Fico muito por ser
 cristão e não fazer
 na de matrícula
 local com o governo
 e a matrícula que
 tem matrícula.
 Com a minha e com
 de matrícula e matrícula
 vida
 De U. E. T. E.
 onde matrícula
 Ricardo Jorge

As. Tendo a sua v. m.
informar me em...

que não é pelo sup
modo, a menos m.
modo dum modo.
um modo, e mais
em a expressão o
modo do modo do
modo de modo em
m. um modo
modo e modo
modo. Mas é o
um caso - com esse
o modo de modo como
se não é o modo de
modo de modo
e o modo de modo
modo das expressões
modo. Mas é o
modo de modo
o modo de modo
em modo o seu modo
modo. Ou seja,
se não é o modo -
modo de modo, e
o modo.

Agradeco-vos a
vossa reposta
que me dá a
vossa resposta
Luz. E o "os seus
Rep. do modo" form
modo com me.

En. J. Puro,

mas quero que o amor
acabe sem esta escuridão.
Ese na minha mão, e falo.
Desempenho-me, e falo.
a, subindo quem é
Piedade é a mi? e a
e as dificuldades
em me me vejo
das coisas? a minha
obrigação.

Apreço do coração
a natureza e a obra
do seu livro, onde
abre o sangue
da nova terra. O
do Puro do homem
Almo, não me
tudo logo das mãos
sem me chegar ao
cabo. De caminhar
é o bardeando de
micos e notões. Este
mundo me recon-
duz, uma vez, e
muito a seguir.
Mas de seu amor
da vida do Puro,
por me o homem
da mi? e a de pelo

Lisboa, 30-12-1934

Exmo. Sr.

Não quero que o ano acabe sem esta escrita que ha tanto lhe devo.
Desculpe-me, e fá-lo-à, sabendo quanta intrincada é a minha vida e as dificuldades em que me vejo para dar aviamento a tanta obrigação.

Agradeço do coração a remessa e a oferta dos seus livros, onde circula o sangue da nossa terra. O do Pôrto do romantismo não me saiu logo das mãos sem lhe chegar ao cabo. De caminho ia-o lardeando de riscos e notas. Estimulou-me recordações, umas vivas outras apagadas.

Mais de cem anos da vida do Pôrto, porque o homem da minha idade pelo que viu e pelo que ouviu abrange muito mais de um século. Em geral, os novos quando exploram o veio do passado caem de vez em quando em anacronismos e inexactidões.

Não é esse o seu caso--conhece o Pôrto velho como se nele assistira prova de quanto se impregnou do viver das épocas idas. Não há dúvida de que o Pôrto encontrou em V.Exa. o seu vero cronista. Duvido que lho aprecie--seria excepção se o fizesse.

Agradeço-lhe as citações repetidas que dos meus antigos trabalhos faz. "As origens da "População do Pôrto" foram escritas com muito amor--o material então colhido dava para mais largo volume e era minha tenção vir um dia a escreve-lo. Ninguém ao tempo nem depois se importou com ele nem aí, nem fóra daí uma excepção só e essa valiosa a duma senhora qua na Revista de instrucção do Manuel Ferreira Deusdado escfeveu uma extensa e conscienciosa análise. Essa senhora morreu pouco depois. Vale a pena lêr esse artigo.

Faço votos por que continue nessa faina de historiador local com o garbo e a erudição que tem patenteado.

Com a maior consideração e reconhecimento

de V.Exa.

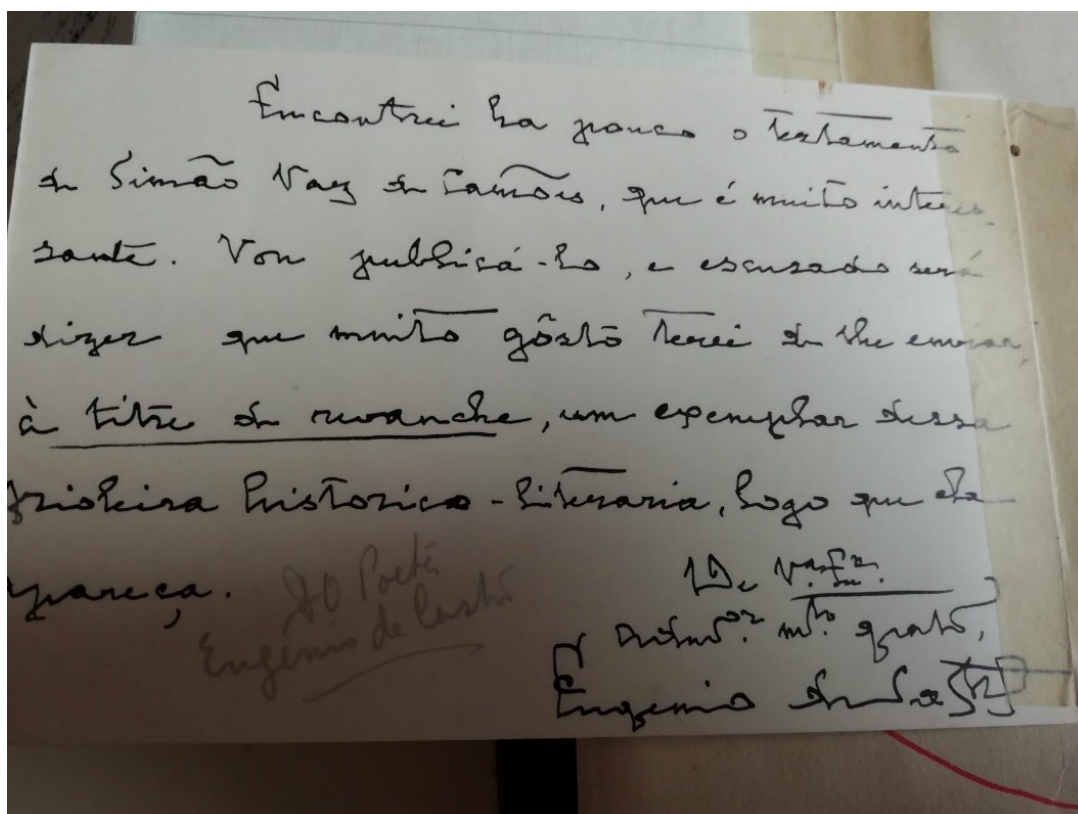
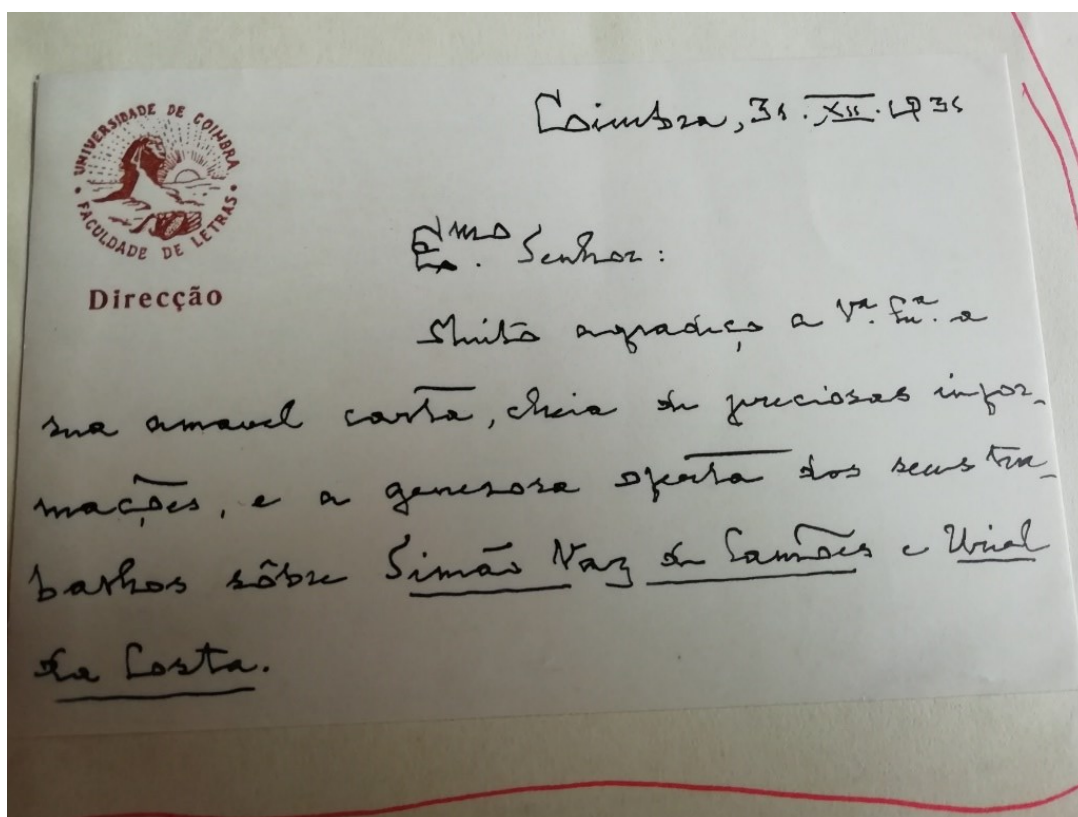
muito atento e admirador

a) Ricardo Jorge

P.S. Tenho aqui vários volumes recentes à disposição de V.Exa. Queira dizer-me os que deseja.

Documento 129

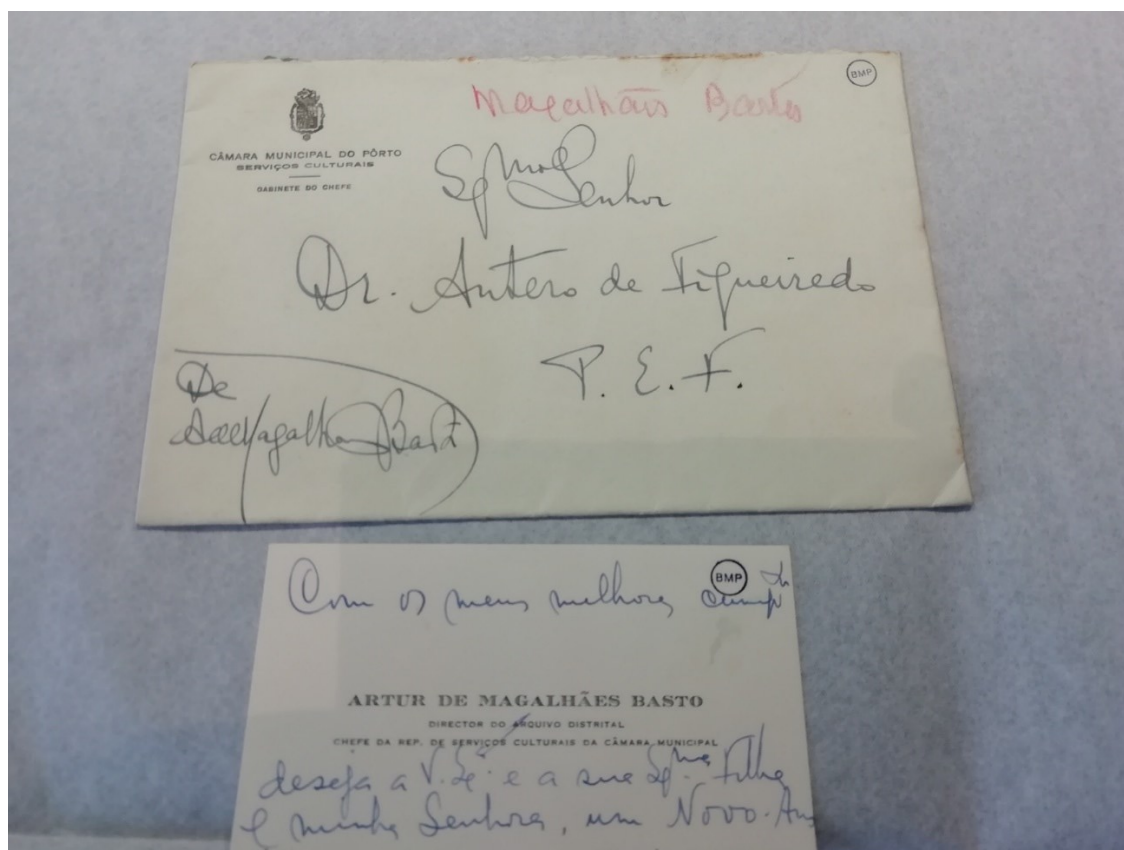
Eugénio de Castro 1934 Dezembro 31 [Carta] para AMB.



Documento 130

AMB e Antero Figueiredo

a. AMB 1932 Fevereiro 18[Carta] para Antero de Figueiredo.



3^{mo} Senhor.

Acabo de receber a gentilhíssima carta de V. S^a e não quero demorar-me a agradecer as palavras de V. S^a tão merecidas como honrosas para mim.

Eu não me senti agravaado pelo silêncio de V. S^a - silêncio que agora V. S^a tão amável e benivolamente quebrou. Se me permite eu conto-lhe um episódio que é prova do que acabo de afirmar.

Há meses o Sr. Dr. Alberto Plácido Tommon possui do cargo de Reitor da Universidade do Porto. Quando, terminada a cerimónia, os assistentes assinavam o termo de posse daquele distinto magistrado, V. S^a acercou-se da mesa, e, como não fivesse com que escrever o seu nome, um desenhado ofereceu-lhe, para esse fim, uma caneta de tinta permanente dizendo - Tenha muita honra que V. S^a se sirva da minha

pena. V. S.^a recorda-se?...

Bois bem. A caneta era esta com que
lhe escrevo, e o desconhecido era eu.

Digne-se V. S.^a aceitar a expressão
reiterada do meu agradecimento pelas palavras
muito eschivamente lisonjeiras da sua carta, ex-
tremamente honrosas - por virem de um dos
nossos maiores prosadores e linguagistas
contemporâneos e se dirigirem ao obscuro
escrevinhador que se confessa

De V. S.^a

Att.^o V.^o e Adm.^o m. grato

Ant. del. Agalhes Basto

Porto e C. de V. S.^a
18/Fev/1932



b. Antero de Figueiredo 1933 Dezembro 11 [Carta] para AMB.

Église d'AUDINCOURT. - Intérieur - Vue d'ensemble

Foz do Douro, 11 de Dez. 933
antylet

Ex.^{ma} Sr.^a :

Muito agradecido pela
pimmonosa oferta de seu
belo Grabau "Fons Vitae",
que li de um folêgo, e
sempre interessantissimo.

Está aí, resumido, o muito
que se tem dito acerca
da controversia autoria
deste admiravel painel;

identificam-se, com saber e
lógica, as principais perso-
nagens nele representadas;
e fixa-se o mais provável
nome do pintor que o de-
verá ter executado: -

Van Orley, e isto até
que subsequentes averi-
gações docemente
outra autor, o que tudo
pode ser neste mundo de
conjecturas, ainda as
mais sábias. Mas o que

nao e' facilmente possivel e' que
tal nome se encontre fora
da escola indicada - e fto.
muito, ou sua nomi-
ficacões, inclusive as
que dizem respeito a Vasco
Fernandes, e novas e
pacientes pesquisas vierem
esclarecer os estudos começa-
dos por R. Ex.^o, em Abril do
corrente anno, que o "Pri-
meiro de Janeiro" publicou

e eu li e guardei com subido
interesse.

Repetindo os meus ap-
decimentos penhorados,
repleto também os meus
aplausos por tão conscien-
cioso trabalho, repleto de
erudição, embelezado com
cópias, exposto com nitidez,
e escrito com absoleta elegância.

Com aeto consideração,

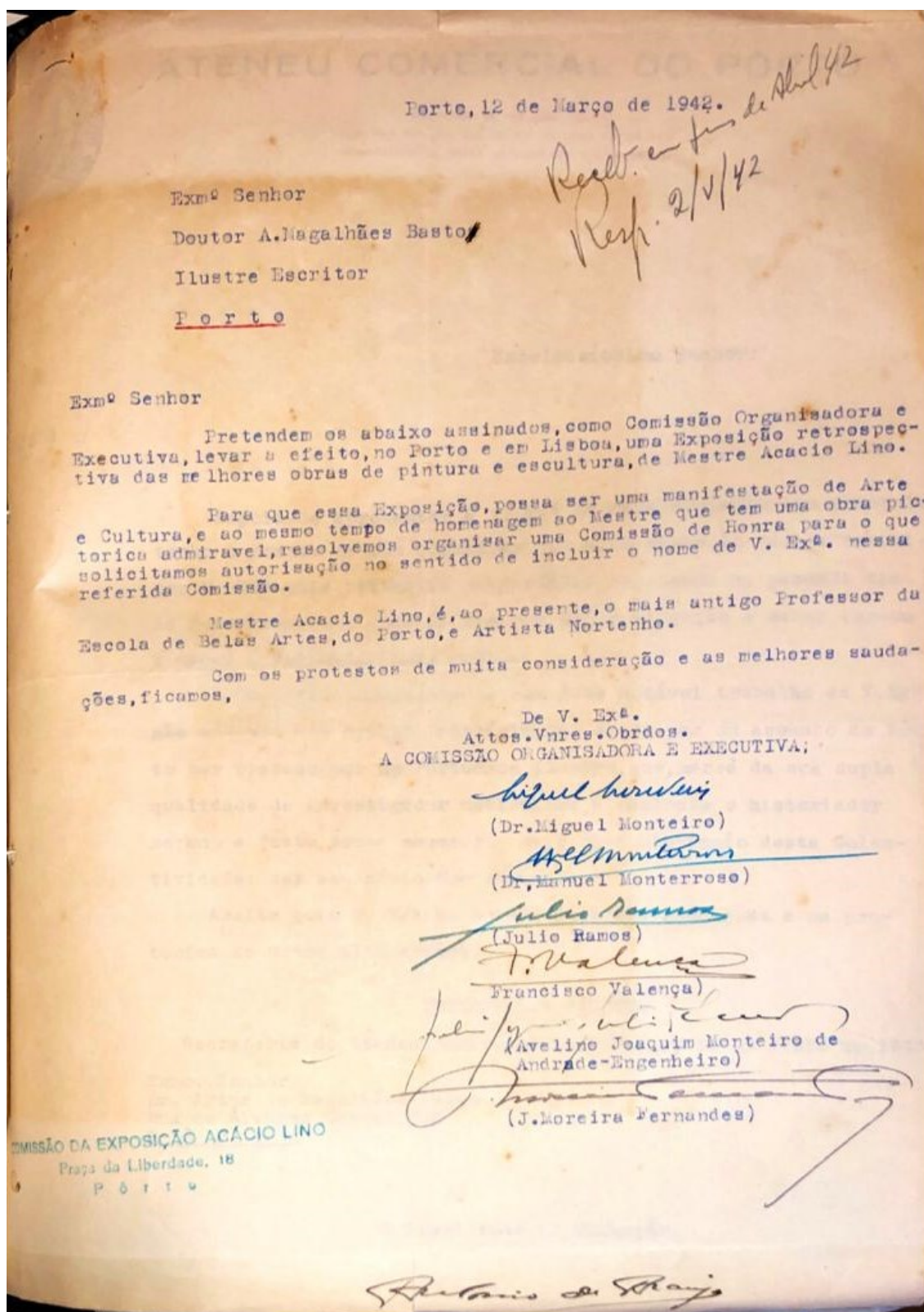
José de P. G. d.

Comandante ad.

Mestre de F. G. d.

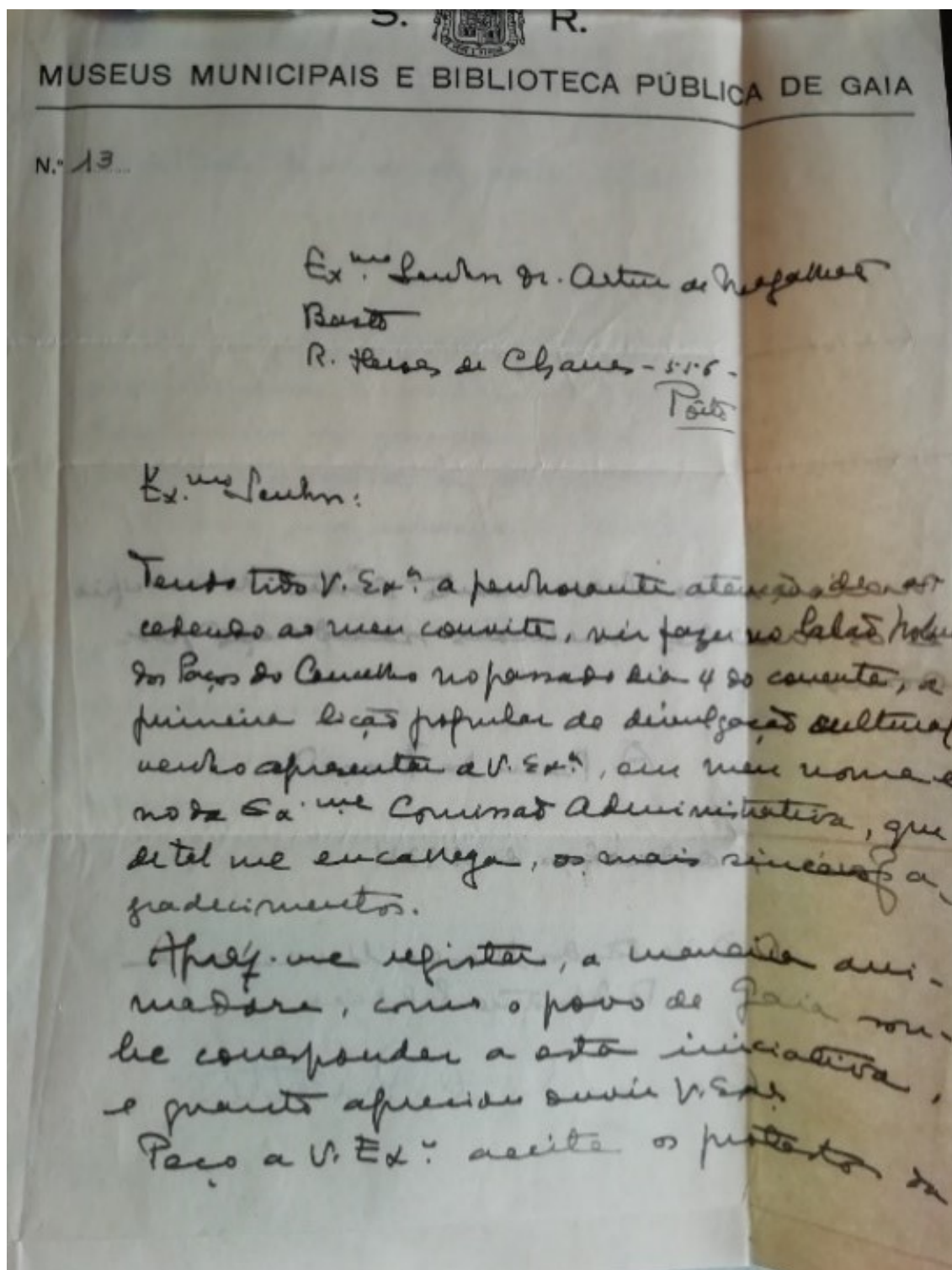
Documento 131

«Comissão da Exposição de Acácio Lino» 1942 Março 12 [Carta] para AMB.



Documento 132

Armando de Mattos/Associação Nacional de Heráldica, 1934 [cartas] para AMB



...e recomendo este Município
...melhores saídas per-

A. B. de Traca

A Pearl in the Desert

dia 6 de março de 1934

O Director do Museu Municipal e
Biblioteca Publica

Bibliostoma pulchra n. sp.

Amando de Shatto

meu caro amigo:

A impossibilidade de
o processo, devido aces-
sível esta sua mel. teo-
reza, farei-me expor e
fazer o seguinte:

Eu, o Sr. Valentim, e um grupo
de amigos que fazem aumen-
to a teoria e a genealogia,
resolvemos criar uma
Academia Nacional de Me-
dicina e Genealogia. São
11- efectivos, 3 correspondentes
no Porto, 30 no país e 11- no
estrangeiro. Que, entre os
efectivos, queriamos contar
comigo. Sei que me vai re-
fuzar por não se ter. mas
sei. mas não vou e' rezado.
E' um investigador brilhante

que muito
 do que diariamente
 espelha dos ciúmes após a
 história, e um dos seus colegas
 fo, que muito menos pode pensar
 a Academia, e acima de tudo
 uma pena inteligentemente
 feita, que tem com critérios e
 faz também lugar a este
 género de estudos. Se o seu
 trabalho de investigação geológica
 sobre o sul da Costa, me adire
 as portas da Academia.

Os seguintes são:

Sr. Vasco Valente - Presidente
 A. de Mota - Vice - "
 D. Fernando de Pavia - 1.º sec.
 Camillo Bel (P.) - 2.º "
 Metastasio - Terceiro -
 Camillo Campino - Bibl.
 Lacerda Machado - Sec. de
 o meu amigo -
 Cesar Rodighiero -
 (?) Daniel Pava -
 Francisco Prithun -
 Jm. Norolino -
 Jm. Lourenço -
 Alípio Pantoja de Almeida -
 João Brito e Cunha -

foi feita a meação,
e a do Sr. Damião Pez, ^{para}
reaparecer em publicação
contribuindo a fim de um
out. fazer a inauguração
Princ. com toda a solenidade.
Falando comigo, me disse
muitas mais coisas relativas
a isto, e me fazem fazer
um movimento de interesse.
Pez. de me me responde
um simples post. dizendo:
sim. fico entendiado e
em consequentemente, e
depois falei na minha
oração.

Sempre e nunca o
meu amigo certo
e m.

Arnaldo